AFRICA OCCIDENTAL

Francisco Travassos Valdez.

AFRICA OCCIDENTAL

NOTICIAS E CONSIDERAÇÕES

POR

FRANCISCO TRAVASSOS VALDEZ

Ex-arbitro das commissões mixtas luso-britannicas de Angola e do Cabo da Boa Esperança
Ex-secretario da commissão especial de colonisação e trabalho indigena das provincias ultramarinas
Secretario do governo da provincia de Timor

DEDICADAS

A SUA MAGESTADE FIDELISSIMA EL-REI

O SENHOR DOM LUIZ I

IMPRESSAS POR ORDEM

DO MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

TOMO I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1864

DEDICATORIA

A

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA EL-REI

O SENHOR

DOM LUIZ I

SENHOR:

Em o anno de 1861, desejando despertar a attenção dos homens d'estado sobre a situação das nossas importantissimas possessões africanas, publiquei em Londres, e na lingua ingleza, uma obra em dois volumes com o titulo de *Six years of a Traveller's life in western Africa.*

Esta obra, que mereceu os encomios da imprensa periodica nacional e estrangeira, é a que, com o voto do conselho geral de instrucção publica, e sob os auspicios do illustrado governo de Vossa Magestade, sáe agora á luz, em lingua vernacula, alterado o titulo da primitiva edição, como o estavam exigindo as diversas e essenciaes modificações introduzidas no seu plano, bem como os innumeros additamentos e reto-

ques que lhe fiz, e a tornam, para assim dizer, um trabalho quasi inteiramente novo.

Dedicando-o a Vossa Magestade satisfaço uma necessidade do meu coração, e entendo cumprir um dever de subdito leal, que me prezo de ser, de Vossa Magestade.

E de mais: quem, melhor do que Vossa Magestade, que foi o primeiro monarcha portuguez que visitou alguns dos vastos territorios que descrevo, poderá apreciar uma obra inteiramente consagrada ao estudo das necessidades e á defeza dos grandes interesses das possessões africanas, que já tanto devem e tão justificadamente confiam da magnanimidade e solicitude do soberano que hoje preside gloriosamente aos destinos da nação portugueza?

Digne-se pois Vossa Magestade acolher benevolamente este humilissimo fructo de longas e fadigosas locubrações, e ficarão plenamente satisfeitas as minhas mais ambiciosas aspirações.

Deus guarde a preciosa vida de Vossa Magestade como todos os portuguezes havemos mister.

De Vossa Magestade

Fiel e agradecido subdito,

Calçada da Ajuda, outubro 1863.

Francisco Travassos Valdez.

INTRODUCÇÃO

Publicando em Londres, em 1861, na lingua ingleza a obra intitulada *Six years of a Traveller's life in western Africa,* tiveramos em vista não só despertar a attenção de quem competia sobre a situação e importancia das possessões portuguezas na Africa occidental, e vasto campo que ellas poderiam offerecer a quaesquer emprezas agricolas e commerciaes, senão tambem offerecer noticias exactas e recentes ácerca do seu estado social e desenvolvimento, rectificando ao mesmo tempo os erros e inexactidões que alguns escriptores estrangeiros têem adrede propalado a similhante respeito, e que de feito careciam e carecem de uma refutação plena e categorica.

O applauso com que foi recebida esta obra pela imprensa periodica nacional e estrangeira, o lisonjeiro parecer do conselho geral de instrucção publica, opinando que merecia ser vulgarisada na lingua vernacula, e a deliberação tomada pelo governo de Sua Magestade Fidelissima de a mandar imprimir, de conta do estado, na imprensa nacional de Lisboa, justificaram, de sobra, pelo menos o pensamento generoso e patriotico que a inspirára; e demonstrando claramente tambem que o auctor havia prestado á sua terra um serviço de alguma valia, impunham-lhe o restricto dever de na versão do seu trabalho o melhorar e additar quanto estivesse ao seu alcance.

Fizemos porém mais: não só demos maior desenvolvimento a varias materias, apenas tratadas, para assim dizer, em es-

boço, senão que buscando e compilando as informações e dados estatisticos mais recentes procurámos tornar a obra mais completa, interessante e noticiosa; enriquecendo-a alem d'isto com muitas gravuras e plantas, primorosamente executadas, sobre desenhos, na maior parte originaes, que obtivemos da obsequiosidade de diversas pessoas illustradas, ou nos foram ministrados de ordem do governo de Sua Magestade.

Assim a presente obra bem póde chamar-se quasi inteiramento inedita, tantas foram as alterações realisadas no primitivo plano, tantos os melhoramentos, retoques e addições feitas. Por estas e outras ponderosas rasões resolvemos tambem, obtida a superior e indispensavel permissão, alterar-lhe o titulo, mudando-o para aquelle com que sáe agora á luz, e que de certo está mais em harmonia com a indole da obra, que não é na verdade uma relação de viagem, mas uma serie de curiosas descripções, esclarecimentos e considerações sobre a Africa occidental em geral, e mui especialmente sobre as vastissimas, e, sem hyperbole, riquissimas colonias que ali possue a corôa de Portugal.

Somos isentos de pretensões; e por isso estamos bem longe de attribuir á nossa obra um grande valor litterario e historico: lisonjeâmo-nos porém de que não será inutil a sua leitura, e poderá proventura de algum modo contribuir para o progresso e engrandecimento das nossas possessões africanas.

Terminaremos, declarando ingenuamente que havendo sido favorecidos em tão difficeis investigações, como foram sem duvida as que emprehendemos, pelas nossas circumstancias pessoaes, pois residimos, por virtude das funcções officiaes que desempenhámos, em algumas das colonias de que tratâmos, e visitámos por varias vezes quasi todas as outras, de maneira alguma nos abalançariamos a empenhar nossas debeis forças em commettimento de tal magnitude, se não fôra a benevola e preciosa cooperação de muitas auctoridades benemeritas e conspicuos cavalheiros, os quaes todos nos não esqueceremos de mencionar opportunamente com agradecido louvor e reconhecimento.

JUIZO

DA

IMPRENSA JORNALISTICA ESTRANGEIRA E NACIONAL

ÁCERCA DO

AUCTOR E DOS SEUS ESCRIPTOS

O ARGUS

O sr. Francisco Travassos Valdez, arbitro por parte de Sua Magestade Fidelissima na commissão mixta da cidade do Cabo da Boa Esperança, e que exerceu igual emprego em S. Paulo de Loanda, completou e remetteu para Inglaterra, por esta mala, para ser publicado, o manuscripto de uma obra em dois volumes sob o titulo de *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental,* com a descripção dos usos e costumes dos habitantes, bem como dos das ilhas de Cabo Verde, etc.

O primeiro tomo comprehende as colonias portuguezas ao N. do equador, e o segundo as que lhe ficam ao S.

A obra deve conter dezeseis mappas[1] e numerosas e excellentes gravuras, assim como uma grande porção de estatisticas perfeitamente elaboradas, que serão de muita valia para os governos das nações que a estas estatisticas se quizerem referir, bem como para os negociantes que commerciarem para a costa occidental de Africa.

A posição official do sr. Valdez para com o governo portuguez havia de o habilitar necessariamente a obter muitas e bem valiosas informações, durante o decurso das suas viagens, as quaes se prolongaram por alguns annos, o que deu origem a este livro, cujo manuscripto tivemos o gosto de ouvir ler na reunião que ultimamente teve logar na nossa livraria publica.

Considerâmos esta obra muito digna de credito, vindo augmentar de um modo notavel as informações tão pobres e o tão pequeno conhecimento que tinhamos das possessões portuguezas na Africa; e estamos certos que este escripto destruirá alguns erros e illusões em que, desde muito, temos estado imbuidos relativamente ao estado, poder e projectos dos portuguezes na Africa.

Para leitores inglezes, o segundo tomo que trata do governo geral de Angola, descripto em parte pelo dr. Livingstone, e dos paizes para E. tambem por elle atravessados em parte, bem como dos territorios

[1] Por motivo da excessiva despeza em que importariam estes mappas não appareceram na edição ingleza.

ao S. penetrados por Anderson, deve merecer-lhes o mais vivo interesse.

Comparada a obra do dr. Livingstone com a do sr. Valdez conhecer-se-ha que ambas são intrinsecamente exactas, e como muitos dos pontos visitados e citados pelo ultimo são muito distantes dos roteiros do primeiro, segue-se que a narração d'aquelle escriptor portuguez offerece materia nova a respeito de uma boa porção do globo, que era quasi inteiramente desconhecida antes das explorações do nosso celebre viajante inglez dr. Livingstone.

O sr. Valdez faz sobresair no seu escripto a influencia que os portuguezes ainda exercem sobre os povos negros dos longiquos sertões do interior, e não se póde deixar de tirar por conclusão, que a illustração e bem estar da Africa em geral muito póde depender, já e no futuro, da nação portugueza.

O modo por que este povo generoso trata os seus escravos vê-se que é em tudo benevolo e judicioso. As excepções não podem servir de regra. A escravidão domestica não patenteia ali a feição medonha que se nota em outras colonias estrangeiras, e emfim os portuguezes não desdenham como nós desdenhâmos ainda infelizmente, no Cabo da Boa Esperança e nas Indias orientaes e occidentaes, das raças e das cores dos habitantes.

A bem entendida e liberal politica do governo portuguez admitte a alienação de terrenos para estrangeiros, e se até aqui não tem dado os resultados que era de esperar, parece que é isto ainda a consequencia da pratica de tão salutar medida haver sido neutralisada pelas restricções coloniaes, o que naturalmente faz que poucos se aproveitem de tão benefica lei, postoque apesar d'isto já haja uma colonia de allemães na Huilla, no sertão de Mossamedes.

A fertilidade de todo o paiz é evidentemente pasmosa. O algodão da mais superior qualidade é ali indigena, e o sr. Valdez lembra a urgencia do estabelecimento de plantações consideraveis de algodão, a fim de se preparar assim trabalho lucrativo aos negros, poisque este é o meio que elle acha mais decisivo de aniquilar o trafico da escravatura.

Tambem nós concordâmos em que o verdadeiro combate que ha a pelejar-se contra o commercio de carne humana, deve dar-se mais em terra por medidas attrahentes do que no mar pelos meios repressivos.

Desejaremos que tão importante e curiosa obra não leve muito tempo a imprimir, poisque, repetimos, é uma obra realmente solida, apresentando factos, informações e recreio, sendo alem d'isto do maior interesse para quem, por motivo da sciencia ou do commercio, for induzido a visitar a costa occidental de Africa.

O homem de sciencia n'ella encontrará uma boa porção consagrada

a geographia, á historia, á Fauna e á Flora d'aquellas remotas regiões, e ás linguas, costumes, etc., dos povos de que trata; e o commerciante encontrará tambem um excellente guia, pelo qual póde regular-se com segurança nas suas especulações e transacções mercantis.

N'uma palavra esta obra do sr. Valdez aponta novos meios de emprezas e de riqueza, e de certo contribuirá poderosamente para introduzir o commercio legitimo e a civilisação no vasto e productivo interior de Africa.

O ATHENEUM

Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental, por Francisco Valdez, arbitro em Loanda, etc., dois volumes, com gravuras. —Todos os que leram a narrativa das expedições africanas do dr. Livingstone hão de estar lembrados do que elle refere relativamente aos estabelecimentos portuguezes na costa occidental. Felizmente para a causa da humanidade, não menos que para a do commercio, o livro que possuimos agora merece tanto interesse como o que se acha ligado ao das explorações do dr. Livingstone, e explica a maior parte das materias que este tinha deixado em obscuridade. A relação de tudo o que o sr. Valdez viu e do que experimentou é apresentada com uma naturalidade e singeleza tal que logo induz a acreditar-se na boa fé e honestidade do escriptor. O seu livro pois é de muito valor e importancia. O seu merecimento intrinseco é tão grande que nos admiraria em extremo se esta obra do sr. Valdez não tivesse a mesma popularidade que tem alcançado a do dr. Livingstone, ou se não fosse reputada de igual valia para a causa africana.

O CAPE MONITOR

Uma obra mui importante vae agora apparecer á luz, devida á penna de um cavalheiro bem conhecido, como escriptor portuguez, o sr. Francisco Travassos Valdez, arbitro por parte do rei de Portugal na commissão mixta anglo-lusa na cidade do Cabo da Boa Esperança.

O auctor tambem é bem conhecido em Inglaterra, como um dos mais energicos inimigos da escravatura e um viajante infatigavel na Africa occidental; assim como no seu paiz natal é reputado como prompto e feliz articulista, e empregado publico muito distincto.

Tivemos a satisfação de ouvir ler n'uma reunião na nossa livraria publica o manuscripto da nova obra do sr. Valdez, que vae ser publicada em Londres com o titulo de *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental.*

Este escripto é de tal curiosidade e de tanto interesse e informação, que sem duvida será um verdadeiro auxiliar, uma perfeita expli-

cação ou desenvolvimento do livro das viagens e explorações do nosso celebre dr. Livingstone, poisque o do sr. Valdez completa, para assim dizer, a relação das explorações d'aquelle famoso viajante, gloria da Inglaterra, e deixa aclarada muita cousa que o nosso illustre doutor, ou não citou ou deixou ainda em duvida, como, por exemplo, a existencia e o curso do grande rio Cubango (a respeito do qual nem mesmo o nosso viajante Anderson dá a menor noticia na sua nova e bella obra), rio que o nosso celebre explorador através da Africa meridional, apenas marca no seu mappa como devendo existir segundo todas as probabilidades; mas que o sr. Valdez descreve minuciosamente, mostrando onde os agentes sertanejos do commercio portuguez o costumam atravessar, e bem assim qual a direcção do curso do rio comparado com o do Cunene.

O sr. Valdez tambem n'um dos seus capitulos trata particularmente das expedições feitas a este ultimo rio, e das explorações que ali têem tido logar, e que de ha muito o governo portuguez havia emprehendido; indicando mesmo o auctor os locaes onde geralmente se atravessa este rio, a posição da sua nascente e a maneira por que na sua extremidade meridional se some, entranhando-se pelas areias da costa, seguindo assim até tornar a apparecer desembocando já no Oceano.

A obra é dividida em dois tomos e illustrada com plantas de terras, retratos, vistas, scenas da vida do gentio na Africa, e cheia de quadros estatisticos, perfeitamente arranjados e do maior interesse, os quaes a muitos respeitos contradizem mesmo algumas asserções menos exactas do dr. Livingstone ácerca dos estabelecimentos dos portuguezes.

Daremos um pequeno exemplo d'isto: Em certa terra na costa de Africa, diz o nosso celebre doutor, que não havia senão cinco ou seis padres, e o sr. Valdez prova que havia muitos mais, aonde, e quem eram.

Na verdade as estatisticas do sr. Valdez, pela maior parte divergem completamente d'aquillo que nos diz o nosso celebre viajante o dr. Livingstone, notando-se que este evidentemente foi muito mal informado, o que não deve admirar-nos, se olharmos a que o sr. Valdez, pela sua posição official para com o governo portuguez, teria sem duvida meios de obter muitos esclarecimentos da maior exactidão e valia; advertindo tambem que a posição em Portugal de seu pae o general conde do Bomfim lhe poderia grangear outros recursos, que provavelmente não alcançaria se não fossem estas circumstancias; de modo que assim lhe seriam facilitados até documentos pertencentes aos archivos do estado, o que pelo contrario é de suppor, que não aconteceria ou não se concederia a um escriptor estrangeiro.

Portanto a obra do sr. Valdez vem inquestionavelmente fazer um grande serviço á geographia, etc., d'aquellas regiões africanas, pelas

revelações ou informações que nos apresenta de porções do globo, de que até aqui ou não tinhamos quasi noticia alguma, ou que nos eram completamente desconhecidas.

Parece que parte d'esta obra do sr. Valdez foi começada ainda em Angola em 1853, continuada em Londres em 1856, e uma grande porção completada no Cabo da Boa Esperança em 1858; tanto basta, nos parece, para se avaliar o trabalho d'este escripto, a sua data recente, e emfim o interesse e curiosidade que merece.

É no segundo tomo que se trata dos estabelecimentos e das explorações no sertão, formando a materia d'este volume a costa de Manicongo e o districto do Ambriz; os presidios no rio Cuanza; Cassange; os molluas do Matiamvo; o Cazembe; o regresso da expedição portugueza em 1832 de Lunda para Tete; as explorações do rio Cunene; o rio Cubango; Mossamedes; as viagens do auctor e de outros na Africa austral, occidental e central; e as observações de Ladislau Americo Magyar, recente viajante através da Africa tropical.

No primeiro tomo trata-se de Biaffra; Guiné; Senegal; Serra Leoa; Senegambia portugueza; Cabo Verde e Madeira.

Concluiremos dizendo que temos a bem fundada esperança de que em breve veremos publicada esta tão importante e trabalhosa obra, para tomar o seu logar na nossa bibliotheca publica a par das de Livingstone, de Anderson, etc.

O CRITIC

Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental, por Francisco Valdez.—O auctor d'estes mui interessantes volumes foi algum tempo arbitro em Loanda, e exerceu igual cargo na commissão mixta portugueza e britannica no Cabo da Boa Esperança. N'esta posição official foram de certo grandes os meios que teve a seu alcance para estudar as cousas da costa occidental de Africa; e os volumes que temos diante de nós contêem uma memoria altamente interessante das observações que elle como tal póde colligir. Não se póde deixar de elogiar a vasta copia de informações valiosas em que abundam os ditos volumes, e sem duvida hão de ser lidos por todos que sentirem o mais pequeno interesse pelo grande mysterio da vida africana.

A FRANCE D'OUTRE-MER

Saint-Pierre.—Começâmos hoje a experiencia da emigração chineza.

Como o haviamos annunciado a galera *Amiral Baudin*, do commando de mr. Louis le Forestier, acaba de desembarcar em Fort de France 328 trabalhadores do Celeste imperio, e a administração su-

perior da Guadalupe nos cedeu 225 que chegaram áquella ilha na galera *Indien*, mas que não acharam ali engajadores.

Fundâmos boas esperanças no ensaio que se vae fazer d'estes novos cultivadores.

Os chinas têem decidida propensão para a emigração. A guerra, a devastação e a fome os afugenta da sua patria.

A California tem já importado mais de 40:000, e todos os dias chegam comboios consideraveis á Havana.

Estes emigrados são robustos, laboriosos e eminentemente proprios para os trabalhos das terras. Contentam-se com salario modico, e póde confiar-se-lhes todo o genero de cultura.

A linha de demarcação que as differenças nos usos e costumes estabelecem entre elles e as outras nações afasta a idéa de uma mistura, que no nosso paiz convirá prevenir, no interesse do futuro.

N'estes termos, como não nos alegraremos nós com o contingente de braços que nos trouxe o *Amiral Baudin*? Como não applaudiremos este acontecimento, muito principalmente quando sabemos de fonte segura que todos os homens que este navio conduziu foram escolhidos com o maior cuidado e da maneira a mais consciencíosa?

Esses cuidados e essa escolha, inteiramente particular, é, até certo ponto, consequencia logica do contrato feito entre a colonia e mrs. Malavois, Gastel, Assier & C.ª, que são representados em Shanghai, na China, por uma casa celebrada pela vastidão das suas relações; e que confiaram os interesses d'este engajamento a mr. Le Forestier, tão conhecido pela probidade que preside a todos os seus actos.

Este, para melhor assegurar o feliz exito da empreza, teve a fortuna de ser acompanhado pelo seu particular amigo o sr. Francisco Travassos Valdez, que veiu á Martinica a bordo do *Amiral Baudin*, como para melhor se esclarecer sobre todas as particularidades concernentes á emigração china, a fim de mutuamente se ajudarem em outras emprezas d'estas, que ouvimos desejam intentar.

Acrescentaremos que o sr. Valdez não é um viajante tão sómente; poisque, antes de tudo, é um escriptor do maior merecimento, que tem publicado e está publicando livros os mais interessantes ácerca de tantos paizes que tem visitado.

Com estes ultimos titulos não nos será por certo levado a mal que lhe façamos n'este jornal o acolhimento mais sympathico.

De mais a mais o *Times*, de Londres, diz-nos que o sr. Valdez é um dos representantes do rei de Portugal no Cabo da Boa Esperança, e um dos filhos mais novos do general conde do Bomfim, antigo primeiro ministro em Lisboa; e que é auctor de varias e interessantes obras politicas e litterarias.

Citaremos, por exemplo, os seus estudos sobre a Africa e seu commercio, publicados no acreditadissimo periodico de Lisboa o *Jornal do*

Commercio, e um excellente trabalho ácerca de Portugal e das suas colonias.

O *Argus*, o *Cape Monitor* e os outros jornaes do Cabo da Boa Esperança citam tambem com os maiores elogios outras publicações do sr. Valdez, menos serias, sem duvida, do que as primeiras, mas não menos attractivas, e talvez que mais populares ainda, mesmo por motivo da sua fórma puramente litteraria, taes como o *Jardim das Damas, Jornal do Tom*, e o *South African Ladies Companion* (companheiro das damas da Africa austral).

Mas a obra que pensâmos porá o remate á gloria e reputação do sr. Valdez, é a que escreveu em inglez, e sabemos se está agora imprimindo em Londres, com o titulo de *Six years of a traveller's life in Western Africa* (Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental).

Havendo o auctor residido bastante tempo em Angola, como arbitro por parte do rei de Portugal, teve occasião de ver por seus olhos e de estudar nos mesmos locaes os usos e costumes dos povos, cuja historia escreveu, bem como as leis dos paizes de que dá a descripção.

Por isso tambem nada nos maravilha o que lemos agora n'uma folha de Londres que sustenta que esta obra do sr. Valdez, pelas suas noticias, estatisticas e narrações pittorescas, virá a rivalisar com a do celebre dr. Livingstone.

Que o sr. Valdez seja pois bemvindo entre nós.

Consta-nos que elle, de accordo com mr. Le Forestier, e depois de ter estudado bem em todas as suas relações o systema da emigração ou colonisação, tenciona propor aos governos de Portugal e do Brazil que appliquem, aquelle reino ás suas possessões ultramarinas, e este imperio ás suas provincias, o mesmo contrato da introducção de trabalhadores chinas que esta ilha fez com mrs. Malavois, Gastel, Assier & C.ª

É esta por certo uma grande e generosa idéa que aqui mesmo entre nós despertará as mais vivas sympathias.

Tambem nos dizem que mr. Le Forestier e o sr. Valdez se propõem igualmente tornar-se promotores de uma linha de paquetes a vapor entre Porto Natal e Moçambique; linha esta que poderia juntamente servir á ilha da Reunião e aos nossos estabelecimentos no Oceano indico.

Se com effeito existe este projecto no pensamento de mr. Le Forestier e do sr. Valdez recebam mil agradecimentos em nome dos interesses do nosso commercio, que até aqui, e mesmo depois do tratado concluido tão vantajosamente com o poderoso iman de Mascate, ainda não pôde conquistar n'aquellas paragens a supremacia a que lhe dá direito a nossa superioridade e inteireza.

Não desejâmos de modo algum ser importunos, mas confessâmos

que seria grande honra para o nosso jornal e para nós uma verdadeira satisfação, se o sr. Valdez se dignasse dar-nos algumas explicações a este respeito.

O HOME NEWS

Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental é o titulo de uma obra que acaba de publicar-se em dois volumes, que o sr. Francisco Travassos Valdez apropriadamente descreve como uma guia portatil maritima relativa á costa occidental de Africa, e para uso das pessoas que visitem aquelles paizes por interesse da sciencia e do commercio. O escriptor teve muitas occasiões opportunas de colligir importantes esclarecimentos; vê-se que é um homem completamente pratico e conhecedor do assumpto, e por isso póde fazer uma obra util, digna de consideração e completa. Dá-nos noticias das tribus do paiz, dos usos e costumes, bem como da natureza e propriedades dos terrenos, tocando, como quem tem pleno conhecimento dos factos, sobre muitos pontos da maior importancia. O algodão e a escravatura são as questões sobre que esta obra chama principalmente a attenção; e as considerações que o sr. Valdez apresenta relativamente ao que se póde obter a respeito da cultura do algodão, e da diminuição do desgraçado trafico de carne humana, merecem serio estudo. O algodão é indigena da Africa occidental e póde ser cultivado com insignificante despeza, ao mesmo tempo que a extensão de terrenos apropriados para estas plantações é tão vasta que, segundo a opinião do auctor, poderia obter-se uma quantidade sufficiente para fornecer a Europa inteira. O effeito moral d'esta nova fonte de emprego ha de, como o auctor acredita, contribuir mais poderosamente do que quantos meios se têem imaginado até agora, para desanimar e destruir o trafico da escravatura. Se se conseguir dar emprego lucrativo aos indigenas, adiantar-se-ha assim o primeiro passo para a sua civilisação. Tambem o sr. Valdez nos aponta outro meio de achar esse emprego, isto é, o desenvolvimento dos recursos das minas de cobre, que se estão explorando já com tão bons resultados nas montanhas do Bembe, proximo ao Ambriz; mas o algodão é o artigo que virá a ser o principal do paiz, e portanto é obvio que deve ser a força motora que ha a ter em vista para se conseguir a introducção dos habitos de industria na Africa.

O MESSENGER

Acaba de sair á luz, em dois volumes, em oitavo, com muitas gravuras, uma obra que tem o titulo de *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental*, por Francisco Valdez, arbitro em Loanda e no Cabo da Boa Esperança.

É um livro de valor e importancia. O seu merecimento intrinseco é tão grande e tão positivo que muito nos admirariamos se esta obra não adquirisse tanta popularidade como a do doutor Livingstone, e se não viesse a ser de um apreço igual para a causa da Africa.

Hurst & Blackett, *publishers* (editores), 13, Great Marlborough Street.

O MORNING POST

Acaba de saír á luz, em dois volumes, em oitavo, com muitas gravuras, uma obra que tem o titulo de *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental,* por Francisco Valdez, arbitro em Loanda e no Cabo da Boa Esperança.

Esta obra contém materia nova e interessante. O sr. Valdez reuniu n'ella grande copia de esclarecimentos e noticias de muita curiosidade.

O SOUTH AFRICAN ADVERTISER AND MAIL

Viagens de Valdez. — *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental* é o titulo de uma obra que temos agora na bibliotheca publica, e que o seu auctor o sr. Francisco Travassos Valdez apropriadamente descreve como um livro de algibeira, ácerca da costa occidental de Africa, para uso dos que visitarem aquelles paizes no interesse da sciencia ou do commercio.

O escriptor teve amplas occasiões de colligir informações. É um completo homem pratico, e apresentou uma obra perfeita, clara e util. Dá-nos noticia das tribus, seus usos e costumes, da fertilidade do solo, e toca, de uma maneira verdadeiramente magistral, em muitos topicos da maior importancia.

O algodão e a escravatura são as questões proeminentes para que estes volumes chamam a attenção; e o que diz o sr. Valdez relativámente ao que se póde fazer, com respeito á cultura do algodão e á diminuição, senão completa extincção, do horrivel trafico de carne humana, merece a mais seria consideração.

O algodão é indigena da Africa occidental, e póde ser cultivado com pequena despeza, emquanto que a extensão de terreno, susceptivel de plantações, é tão vasta que, na opinião do auctor, poderia ali obter-se fornecimento para supprir as necessidades de toda a Europa.

O effeito moral d'esta nova fonte de emprego devia, segundo elle pensa, contribuir mais efficazmente para terminar o trafico da escravatura, do que quantos outros meios se têem até aqui imaginado.

Se conseguirdes, diz o auctor, dar trabalho remunerativo áquelles povos negros, tereis adiantado o primeiro passo para a sua civilisação.

Tambem nos aponta uma outra direcção em que se poderia igualmente achar emprego, isto é, o desenvolvimento dos recursos das mi-

nas de cobre, exploradas já com tanta vantagem nas montanhas do Bembe, junto do Ambriz.

Mas o algodão é o ramo principal de riqueza do paiz, e de certo o motor mais poderoso que póde pôr-se em acção para introduzir o habito da industria entre aquelles povos.

O sr. Valdez refere a sua propria historia em breves palavras. Em 1844, seu pae, o conde do Bomfim, emprehendeu levantar em Portugal o estandarte da reforma. Teve mau exito o seu esforço. A crise politica de 1846 a 1847 tornou a envolver de novo o nosso auctor, juntamente com muitos dos seus compatriotas. Pelo famoso protocollo de 1847, ou antes pelo arranjo que se lhe seguiu, effectuou-se comtudo a pacificação de Portugal. Francisco Valdez, abandonando então a vida militar, voltou á casa paterna, onde empregou a maior parte de seu tempo na leitura das viagens famosas dos antigos tempos, com que os portuguezes tão emprehendedores immortalisaram o seu nome. Animado pelo ardente desejo de observar alguns dos paizes descriptos e de augmentar o peculio de informações que havia já relativamente aos extensos e mui importantes dominios de Portugal no continente de Africa, o nosso auctor requereu e obteve um emprego na costa occidental, como arbitro por parte de Sua Magestade Fidelissima na commissão mixta anglo-lusa em Loanda.

A recentissima obra do sr. Valdez não é apenas um reportorio de informações uteis, como modestamente lhe chama o auctor, senão um livro rico de copiosas noticias e de mui agradavel e substanciosa leitura.

O auctor, apesar de ser portuguez, parece haver-se amestrado perfeitamente nas difficuldades da lingua ingleza, e de feito se a sua linguagem não póde considerar-se rica de bellezas de estylo, pelo menos é, sem duvida, mui correcta e expressiva.

O TIMES

O sr. Francisco Travassos Valdez foi nomeado pelo governo portuguez arbitro da commissão mixta anglo-lusa, no Cabo da Boa Esperança, para o julgamento dos processos da escravatura.

O sr. Valdez desempenhou as mesmas funcções em Angola, e é favoravelmente conhecido nos circulos litterarios como escriptor de algumas curiosas producções relativamente ao trafico da escravatura, sendo elle o primeiro a chamar a attenção sobre as descobertas do dr. Livingstone na Africa, e sobre as suas consequencias provaveis no que respeita áquelle abominando trafico.

O pae do sr. Valdez, o tenente general conde do Bomfim, é bem conhecido como chefe do estado maior do imperador D. Pedro, e primeiro ministro da rainha D. Maria II.

XI

VÉRITÉ INDUSTRIELLE

O livro do sr. F. T. Valdez.—Um livro precioso, cercado já á nascença de uma immensa popularidade, acaba de enriquecer o brilhante catalogo das novas conquistas feitas á sciencia por um escriptor portuguez, que a imprensa estrangeira e nacional honra com os mais lisonjeiros elogios. Queremos fallar da obra intitulada *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental.*

O auctor é o sr. Francisco Travassos Valdez, filho do conde do Bomfim, um dos nossos mais illustres generaes, que a morte acaba de arrebatar-nos.

Ha familias em que o genio é, por assim dizer, hereditario; a familia Bomfim, cuja nobreza é tão antiga como illustrada por gloriosas façanhas, recorda ainda essas antigas raças, hoje tão decaídas, de valorosos guerreiros, que engrandeceram tanto o nome portuguez. Foi ao sopro d'essa paixão de aventuras que um descendente d'essa nobre familia, querendo enriquecer a sciencia por meio de novas descobertas, dirigiu seus passos através toda a sorte de perigos para as regiões da Africa.

Este livro, que o auctor publicou em inglez, não é como elle affirma um simples manual para o viajante, é uma descripção minuciosa das nossas possessões da Africa occidental; é mais do que isso; é um trabalho primoroso, notavel por mais de um titulo; é, debaixo do ponto de vista colonial, uma obra europea.

A imprensa ingleza, essa imprensa intelligente, que não é prodiga de elogios, e cujo patriotismo atravessa os mares, procurando por toda a parte mercados que dêem saída aos productos da industria britannica, exaltou tanto o merecimento da obra, que raras vezes se viu triumpho mais completo.

Ha mais ainda, a *France d'outre-mer* e o *Journal du Havre* fallam d'esta obra com o maior interesse, e se os jornaes de Paris ou da Belgica não têem talvez feito menção d'ella é porque a edição ingleza, achando-se, provavelmente, esgotada, não chegou ainda ao seu conhecimento.

Em breve esperâmos que a obra saia traduzida em francez, e consta-nos que já o traductor se dirigiu para esse fim ao sr. A. Lacroix Verboeckhoven, editor dos *Miseraveis.*

Quando se reflecte que é principalmente na França e na Belgica que publicações d'esta ordem acham leitores, não se duvida do effeito que ha de produzir a sua apparição. A ella estão ligados importantes assumptos; a industria do algodão, que attrahe n'este momento a attenção da Europa, ali acha o meio de resolver o seu importante problema; a abolição da escravatura pelo desenvolvimento dado á cultura do algodão na Africa occidental, offerece um outro ponto de vista não menos interessante.

Acha-se verdadeira satisfação em percorrer juntamente com o auctor as terras aonde estanceiam as differentes tribus que povoam o solo africano; seus costumes e seus usos captivam a attenção; numerosas gravuras realçam o merito da obra: é agradavel ver com os olhos do corpo depois de ter admirado com os do espirito.

Antes do sr. Valdez um viajante illustre, o celebre dr. Livingstone, havia percorrido essas ferteis regiões; mas é de justiça dizer-se que o sr. Valdez nos dá mais importantes pormenores a respeito d'esta parte do globo, que até ali era considerada como uma região desconhecida.

A fertilidade do solo se manifesta a cada passo n'essas paginas instructivas; lendo-as não ha ninguem que não diga comsigo mesmo: Qual será o motivo por que, com tantos elementos de riqueza, Portugal chegou a ponto de receiar pela sorte das suas colonias?

A obra do sr. Valdez está nos prelos da imprensa nacional.

O genio patriotico do sr. Mendes Leal, ministro da marinha e ultramar, comprehendeu que era vergonhoso para o paiz que este livro, por falta de meios da parte do auctor, não fosse traduzido na lingua materna.

Asseguram-nos que o auctor na sua dedicatoria dirigida a El-Rei o Senhor D. Luiz I, allude ao infante D. Henrique, e louva o monarnha portuguez por adoptar a divisa d'este principe *Talent de bien faire;* na verdade Sua Magestade é o primeiro rei portuguez que pisou as ardentes areias da Africa occidental.

O sr. Valdez é o primeiro auctor portuguez que escreveu em inglez, ou pelo menos que tenha escripto n'essa lingua ácerca das nossas colonias, no intuito de combater os erros e falsidades publicadas por escriptores estrangeiros sobre a influencia, sobre as idéas e sobre o poder dos portuguezes n'aquellas vastas regiões.

Esperâmos com impaciencia a publicação da edição portugueza que, segundo as informações que temos, será consideravelmente augmentada, e superior a todos os respeitos á edição ingleza que temos lido e relido muitas vezes.

O COMMERCIO DE COIMBRA

O sr. Francisco Travassos Valdez, filho do fallecido general conde do Bomfim, auctor de varios escriptos, vae dar á estampa a sua obra, que primitivamente fôra publicada na lingua ingleza, em Londres, em 1861, intitulada *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental.*

Esta importante publicação, que será dedicada a El-Rei o Senhor D. Luiz I, foi recommendada pelo conselho geral de instrucção publica do reino.

O actual ministro da marinha, o sr. Mendes Leal, é digno dos maio-

res elogios, porque reconhecendo a importancia da obra e as vantagens que devem resultar da sua leitura, deu ordem para que fosse publicada á custa do ministerio da marinha.

O sr. Travassos Valdez é tão sabido nas cousas do ultramar, e tão conhecidos os seus escriptos, que nos limitâmos a apontar a sua obra ao conhecimento do publico.

Recommenda-la seria duvidar da illustração do paiz. A imprensa periodica nacional e estrangeira tem fallado d'ella com louvor. Deve constar de dois volumes.

Damos ao sr. Valdez os parabens por esta publicação, e augurâmos-lhe bom resultado.

O COMMERCIO DO PORTO

Vamos dever um bom serviço ao actual ministro da marinha, o sr. Mendes Leal. Uma das obras mais importantes saídas da penna do sr. Francisco Travassos Valdez não veria a luz publica se não fosse s. ex.ª Fallâmos dos *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental*. Esta obra primitivamente escripta na lingua ingleza, e publicada em Londres em 1861, foi recommendada ao governo pelo conselho geral de instrucção publica. O sr. Mendes Leal, reconhecendo-lhe a importancia, e as vantagens que resultariam da sua leitura, deu ordem para que fosse impressa á custa do ministerio da marinha, no que, como já dissemos, prestou um bom serviço ao paiz. A obra será dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I.

O sr. Travassos Valdez, conhecedor pratico das cousas do ultramar, é um escriptor distincto. A obra de que fallâmos mereceu que a imprensa periodica nacional e estrangeira, principalmente a ingleza, se occupasse d'ella, tecendo ao auctor os devidos encomios.

Vamos pois ter em portuguez uma obra valiosa, que o auctor refundiu com esmero, e que o publico aceitará com favor.

CORRESPONDENCIA DE PORTUGAL

Colonias portuguezas.—São tão bem escriptos, com tanto conhecimento pratico dos factos e com tão bom raciocinio os artigos do sr. Francisco Travassos Valdez, ácerca das nossas colonias da Africa, e do quanto d'ellas póde vir de utilidade, de engrandecimento mesmo a Portugal, que com a devida venia de s. ex.ª havemos de transcrever os de que temos conhecimento.

O desenvolvimento da riqueza colonial é um assumpto de que hoje cumpre cuidar com mais attenção que nunca. Mas não depende isso unicamente do governo. A sua acção, a sua iniciativa, mas iniciativa

discreta e acertada, vale de muito, é indispensavel; porém não faz ella tudo, não faz mesmo nada se os capitaes, por meio da associação e dirigidos com sabedoria e prudencia, não concorrerem para tão grande fim, com os esforços e com a boa vontade dos poderes publicos. Só assim é que a immensa riqueza das nossas vastas possessões poderá brotar d'aquelles magnificos terrenos. Mas para animar os capitaes, para chamar a tão importantissimo designio as attenções de quem os possue e de quem n'elles tem influencia, é que a imprensa periodica deve facilitar todo o espaço de que se houver mister. O primeiro logar porém deve conceder-se aos escriptores praticos e esclarecidos como é o sr. Travassos Valdez. Em politica, nas pugnas partidarias podem todos escrever. Quem não convence, diverte. Mas em assumptos economicos e da importancia d'este de que nos estamos occupando, é isso cousa mais seria. Nada vale n'estas questões o enthusiasmo do escriptor ou a exaltação da phrase para o leitor circumspecto, que medita sobre o que lê e que calcula sobre o que medita. Para este só escriptos como os do sr. Francisco Travassos Valdez têem incontestavel merecimento, porque convencem.

Publicação ácerca da Africa occidental.—Em 1861 o sr. Francisco Travassos Valdez, ex-arbitro nas commissões mixtas luso-britannicas de Angola e do Cabo da Boa Esperança, publicou em Londres e na lingua ingleza, uma importantissima obra a que poz o titulo de *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental.*

Apenas esta obra appareceu, a imprensa periodica ingleza, franceza e portugueza occupou-se d'ella. O auctor foi unanimemente applaudido. A sua obra foi julgada por todos os que a viram de grande importancia e merecimento. Em mais de um ponto satisfez ella as necessidades commerciaes e economicas. Careciam-se noticias circumstanciadas da Africa occidental que antes da obra do sr. Valdez não havia ou não eram sabidas com exactidão. O conselho geral de instrucção publica do reino, composto de professores e de outras pessoas distinctas e eminentes na sciencia, recommendou ao governo a obra do sr. Valdez. Senhores como somos, nós os portuguezes, de importantes territorios na Africa occidental, tambem deviamos ser senhores da obra do sr. Valdez na lingua portugueza. Mas importava isto em despeza que o sr. Valdez não se atrevia a fazer. Houve porém um ministro que, conhecedor da obra, fez o que devia fazer, e pelo que merece louvor. O sr. Mendes Leal ordenou a impressão. A versão é tambem do sr. Valdez. A obra em portuguez será enriquecida com muitas estampas, mappas, plantas, etc. A publicação tem tambem a alta protecção de El-Rei o Senhor D. Luiz, a quem é dedicada.

Na obra do sr. Valdez tem o commercio e os economistas importantes esclarecimentos da Africa occidental. Das suas minas, da sua agricultura, das suas emprezas de algodão e da cultura d'este importante artigo, e sobretudo da colonisação das possessões portuguezas trata o sr. Valdez com a extensão precisa e com conhecimento pessoal dos assumptos. O sr. Valdez mostra na sua obra a impropriedade com que se chama escravatura branca á emigração para o Brazil. Comparando os chamados escravos brancos com os engajados que vão de Portugal para as provincias ultramarinas, o sr. Valdez acha a sorte d'estes mais digna de lastima do que a d'aquelles, não por irem para a Africa, onde se póde ser feliz, muito feliz, mas pelo modo como vão. Em conclusão. Na obra do sr. Valdez ha, assim como em todos os seus escriptos, muito que esclarece, muito que instrue e muito até que é aprazivel. O util com o ameno encontra-se sempre nos trabalhos litterarios, scientificos e descriptivos do sr. Francisco Travassos Valdez.

Ainda mais duas palavras. O sr. Valdez é filho de um general distincto que acabâmos de perder e que morreu pobre. O amigo particular e companheiro nos trabalhos marciaes do immortal duque de Bragança deixou uma familia numerosa quasi sem meios. O producto da obra do sr. Valdez é destinado a tornar menos afflictiva a situação de uma familia respeitavel, que perdeu com o seu chefe a melhor parte dos seus recursos.

Aos nossos compatriotas do Brazil recommendâmos com empenho a obra do sr. Valdez, como hão de tambem recommenda-la aos seus amigos todos os que a lerem. Basta lê-la para promover a sua extracção, e com ella muito lucra Portugal, porque é preciso tornar a Africa bem conhecida, e dissipar as desfavoraveis apprehensões que desviam d'ali muitos braços que se podiam enriquecer e enriquecer ao mesmo tempo as colonias e a metropole.

O DIARIO DO POVO

O sr. ministro da marinha mandou traduzir e imprimir a excellente obra, escripta primitivamente na lingua ingleza, do sr. Francisco Travassos Valdez, que mostra o que podem ser as nossas ricas e dilatadas possessões da Africa occidental. A obra foi publicada em Londres em 1861, e muito elogiada pela imprensa estrangeira.

Foi encarregado da versão para a lingua materna uma aprimorada penna. A tiragem será de alguns milhares de exemplares, e diminuto o preço para facilitar a circulação da obra.

O preço de cada volume será calculado pela despeza. Não se trata de ganhar. Trata-se de tornar conhecidas as nossas importantissimas colonias africanas.

A obra será dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I.

A EPOCHA

E com verdadeira satisfação que hoje annunciâmos que acaba de ser posta á venda em Londres uma obra sobre a Africa occidental, escripta em lingua ingleza por um compatriota nosso, o sr. Francisco Travassos Valdez (filho do sr. general conde do Bomfim).

Abstemo-nos de fazer a este respeito qualquer elogio (aindaque muito apreciâmos este facto), poisque o melhor elogio que se lhe póde fazer, por auctoridade insuspeita, é publicarmos os annuncios e juizo critico de dois importantes jornaes de Londres (o *Messenger* e o *Morning-Post*), vindos pelo ultimo paquete.

O JORNAL DO COMMERCIO

Pelo ultimo paquete vindo de Inglaterra tivemos a satisfação de ver que, apesar do interesse com que são lidos os escriptos e viagens do celebre dr. Livingstone a respeito da Africa, tambem um nosso compatriota, o sr. Francisco Travassos Valdez (filho do sr. conde do Bomfim), está hoje merecendo em Londres grande attenção, pela obra que escreveu em lingua ingleza, e que se publicou n'aquella capital, acerca da Africa occidental, explicando de um modo verdadeiro e muito honroso para o auctor, para o governo e para o paiz, mil circumstancias de grande interesse publico, e mostrando os grandes recursos e vantagens que Portugal e o commercio em geral podem tirar d'aquella parte das nossas ricas provincias ultramarinas.

Para que não sejamos julgados plagiarios, e se conheça o conceito que merece a referida obra do sr. Travassos Valdez, limitar-nos-hemos a dizer que a respeitavel casa Hurst & Blackett, *publishers* (editores), que não costuma encarregar-se da impressão e venda de obras que não calculem merecer grande aceitação do publico illustrado, foi a que se incumbiu da sua publicação; e emfim referir-nos-hemos aqui ao conceito de auctoridade insuspeita, isto é, aos annuncios e ao juizo critico de dois dos principaes jornaes de Londres, que temos presentes, relativamente á mesma obra: o *Messenger* e o *Morning-Post*.

Ainda mais uma vez tinhamos desejo de dizer alguma cousa sobre o interesse e importancia que merece a obra que o sr. Francisco Travassos Valdez escreveu em inglez a respeito da Africa occidental, e que foi publicada em Londres. Deviamos nutrir aquelle desejo, muito principalmente agora que temos as mais bem fundadas esperanças de que finalmente a referida obra apparecerá traduzida na lingua materna para satisfação nacional, e de que não será acolhida, escri-

pta em portuguez, com menos favor do que ella o tem sido em Inglaterra, e mesmo em Portugal, escripta em inglez; mas é tão honroso para o auctor e para a nossa patria o artigo que a respeito da mencionada obra encontrâmos no erudito jornal litterario de Londres *The Atheneum*, que nos veiu ás mãos por este paquete, que julgâmos dizer muitissimo em elogio á obra do sr. Valdez, apresentando, como o fazemos, a traducção dos encomios tecidos por aquelle jornal, e por isso nos absteremos de juntar quaesquer outras reflexões para excitar a opinião do illustrado publico portuguez em favor da dita obra, a não ser fazermos notar muito particularmente que nos deve ser um juizo verdadeiramente insuspeito o da imprensa periodica britannica, que não hesita em comparar o merecimento d'aquelle livro com o do celebre e sabio dr. Livingstone, sem receiar offender o justo e bem entendido orgulho do publico inglez, que vê n'aquelle distincto viajante um dos homens mais illustres e que mais honram a Inglaterra.

Apesar de havermos publicado com grande satisfação, no nosso n.º 2:206 do dia 6, os annuncios e honrosos juizos criticos que diversos jornaes de Londres fazem sobre a obra que o sr. Francisco Travassos Valdez escreveu e acaba de fazer saír á luz n'aquella capital ácerca da Africa occidental, não podemos deixar de nos congratular com o auctor e com o paiz pelo que deparámos áquelle respeito no *Home News* de 4 do corrente, jornal de Londres.

Ultramar. Publicação importante.—Como se verá do annuncio que hoje apresentâmos, vae finalmente saír á luz em portuguez a interessante obra que escreveu em inglez o nosso amigo e compatriota o sr. Francisco Travassos Valdez, e que esperavamos com tanta anciedade ver na lingua materna.

Este livro que nos faz honra e ao auctor, alem das circumstancias para elle tão lisonjeiras, que são obvias e que se deprehendem do mesmo annuncio, é tambem do maior interesse para o paiz e para a região de que trata, por nos apresentar miuda informação e reflexões de muita consideração ácerca do que foram, são, podem e devem vir a ser as nossas colonias na costa occidental de Africa, mostrando claramente que é d'ali que ha a esperar os beneficios que nos resultavam do Brazil; e que o commercio licito dos nossos dominios ultramarinos, as suas ricas minas, e especialmente o cultivo do algodão, é que hão de dar tão grande e feliz resultado, muito principalmente levando-se em vista as idéas e planos que o sr. Valdez lembra, com relação á importante e urgente materia de plantações, e sobretudo de colonisação, isto é, de emigração bem dirigida.

N'estes termos recommendâmos muito e muito a leitura d'este escripto, e que o governo o continue a patrocinar, fazendo até que as municipalidades, as bibliothecas, as escolas, os funccionarios, etc., para elle subscrevam e façam subscrever, não só pelas vantagens que d'este livro podem provir para a nação (como o dizem os estrangeiros), mas tambem porque é facil e agradavel, sem duvida, auxiliar este meio honesto e honroso que o illustre e afflicto auctor procura para ajudar a sua virtuosa e triste familia, depois que recebeu o profundo golpe da perda do nobre e bravo general conde do Bomfim, perda que deplorâmos do intimo do coração.

A NAÇÃO

Um viajante na Africa.—Ha muito tempo que se fazia sentir a necessidade de uma obra que reivindicasse o que se tem publicado em lingua estrangeira de menos exacto ou desfavoravel a respeito das nossas cousas africanas; até que a final felizmente vemos com muita satisfação por auctoridade insuspeita (o *Messenger* e o *Morning-Post*, jornaes de Londres, chegados por este ultimo paquete) que um compatriota nosso, o sr. Francisco Travassos Valdez (filho do sr. conde do Bomfim), acaba de fazer apparecer em Londres uma interessante obra por elle escripta em lingua ingleza sobre a Africa occidental, como se vê dos annuncios e juizo critico dos referidos dois jornaes inglezes.

Bom livro.—São tantos e tão continuados os elogios que a imprensa periodica de Inglaterra vae fazendo á obra escripta em inglez pelo sr. Francisco Travassos Valdez sobre a Africa occidental, que sentimos não possuirmos a sua traducção na lingua materna; e para provarmos o seu merecimento e popularidade entre os estrangeiros (o que bem nos mostra o apreço que deve ter entre nós os nacionaes), com verdadeira satisfação publicâmos a traducção de um artigo que a respeito d'este escripto encontrámos no excellente jornal litterario de Londres *The Atheneum*, recebido pelo ultimo paquete.

Um bom livro sobre as cousas de Africa.—Por vezes noticiámos a obra que escreveu em inglez ácerca da costa occidental de Africa o nosso compatriota, o sr. Francisco Travassos Valdez, que, tanto na lingua portugueza como na ingleza, tem publicado artigos muito interessantes sobre as nossas colonias; e hoje temos o gosto de apresentar o annuncio da primeira edição, que vae apparecer na lingua materna.

Do mesmo annuncio se conhece que sendo tantas as distincções,

elogios e honras que o auctor tem recebido, não podia haver duvida da importancia da obra, que realmente nos vae fazer ver bem ao vivo, para assim dizer, a necessidade que ha de se olhar seriamente pelo commercio licito das nossas possessões, pela exploração das suas minas, pela agricultura, plantações do algodão, e n'uma palavra por uma colonisação regular, como o sr. Valdez tantas outras vezes tem lembrado.

É pena realmente que homens assim não sejam devidamente aproveitados!

Recommendâmos com a maior instancia esta obra, tanto por bem do auctor, como pelo beneficio que o paiz póde tirar d'ella.

A OPINIÃO

Africa occidental.—Felizmente temos a final a satisfação de annunciar hoje a primeira edição, em portuguez, da interessante obra que por vezes temos noticiado, que o sr. Francisco Travassos Valdez publicou em Londres em inglez em 1861, com tanto elogio de nacionaes e estrangeiros, merecendo ao conselho geral de instrucção publica do reino uma recommendação para que fosse traduzida em lingua materna, a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I o permittir que lhe seja dedicada, e ao nosso illustrado ministro da marinha e ultramar o manda-la imprimir na imprensa nacional, por conhecer as vantagens que resultarão para o paiz e para as colonias, em ter a maior leitura possivel um livro que tão cabalmente demonstra o que podem vir a ser aquelles nossos dominios da Africa occidental, se se attender aos planos, idéas e reflexões que o auctor lembra ácerca do seu commercio licito, desenvolvimento da exploração das minas, augmento da agricultura, e sobretudo, plantação e cultura do algodão, em grande escala, e introducção de um discreto systema de colonisação.

Felicitâmos o paiz por esta boa nova, desejâmos deveras as fortunas do auctor, e para seu bem e da nação, assim como para se realisar melhor a idéa que sem duvida devia ter o sabio, previdente e animador ministro, isto é, a grande leitura e circulação da obra, recommendâmos a todos que subscrevam para ella; e estimariamos que o governo ordenasse que este bom livro, por mil rasões que são obvias, fosse adoptado em todas as aulas, a fim de ser seguido tanto na leitura, como nas noções que sobre o ultramar convem dar á mocidade estudiosa.

O PARLAMENTO

Com a chegada do ultimo paquete vemos pelos acreditados jornaes de Londres *Messenger* e *Morning-Post*, que o nosso compatriota o

sr. Francisco Travassos Valdez (filho do general conde do Bomfim), acaba de pôr á venda n'aquella capital uma interessante obra, escripta em inglez, sobre a Africa occidental, no que felizmente attrahiu e mereceu por tal modo a attenção do publico illustrado de Inglaterra, que nos abstemos de sobre este objecto fazer qualquer reflexão ou elogio, poisque pelos annuncios e juizo critico dos referidos periodicos, auctoridade insuspeita, se avaliará do interesse e merecimento da referida obra melhor que por quaesquer commentos que d'ella houvessemos de fazer.

A POLITICA LIBERAL

Publicação importante. — Temos a satisfação de noticiar que, apesar da grande e justa reputação de que gosa o dr. Livingstone, pelas suas viagens e escriptos a respeito da Africa, tambem está hoje merecendo grande attenção em Inglaterra a obra que em lingua ingleza acaba de publicar em Londres, sobre a Africa occidental, um compatriota nosso, o sr. Francisco Travassos Valdez (filho do illustre general conde do Bomfim), como se collige da auctoridade insuspeita de dois dos principaes jornaes de Londres o *Messenger* e o *Morning-Post*, que fallaram d'este valioso trabalho; aindaque seria sufficiente dizermos que foi a casa Hurst & Blackett que se incumbiu da publicação da obra, poisque não costuma dar á estampa senão escriptos que deverão ser apreciados por um publico illustrado.

Importante publicação sobre a Africa. — O nosso compatriota, o sr. Francisco Travassos Valdez vae publicar em portuguez, por conta do ministerio da marinha e ultramar, a interessante obra que escreveu em 1861 em inglez, ácerca da Africa occidental, e que lhe mereceu os elogios da imprensa periodica nacional e estrangeira, especialmente a ingleza; recommendação do conselho superior de instrucção publica do reino para que fosse traduzida na lingua materna; e emfim a honra de El-Rei permittir que o livro lhe seja dedicado, pelo muito amor que Sua Magestade sempre teve ás cousas da marinha e ultramar, tratando este escripto miudamente do commercio, minas, agricultura, etc., das nossas colonias, e apresentando sobretudo reflexões, idéas e planos que são do maior interesse relativamente ao algodão e á colonisação.

Por mais de uma vez temos visto producções da penna do sr. Valdez sobre estas materias, e lastimâmos sinceramente que não se tenha até hoje tratado de lhe proporcionar meios que o habilitem a poder escrever muita cousa mais sobre a Africa, estudo a que, segundo se vê, se tem entregado devéras e com gosto.

Confiâmos ainda que isto se verificará, e concluimos recommen-

dando ao publico que subscreva, e ao governo que para realisar a acertada lembrança do ministro trate de dar grande publicidade a esta obra.

O PORTUGUEZ

Bom livro.—Deparando successivamente com annuncios honrosos nos jornaes inglezes a respeito da obra escripta em inglez pelo sr. Francisco Travassos Valdez, ácerca da Africa occidental, cresce a nossa impaciencia de a ver quanto antes traduzida em portuguez, não só para satisfação do auctor (que confiâmos não encontrará menos sympathias entre nacionaes do que tem encontrado entre estrangeiros), mas tambem para que este tão apreciavel escripto melhor aproveite ao nosso commercio e aos nossos compatriotas em geral.

Emquanto porém não apparece essa desejada traducção, e para que o nosso paiz possa desde já avaliar o que ha a esperar da importancia do seu conteúdo, temos verdadeira satisfação de apresentar a traducção de um artigo do excellente jornal de Londres *The Atheneum*, que com a generosidade que distingue o povo inglez, e não obstante o seu justo e extremado amor patrio, não teve duvida de fazer um lisonjeiro e honroso parallelo entre a obra de um portuguez e os escriptos do celebre dr. Livingstone, que tanto illustra a Inglaterra.

O livro do sr. Francisco Travassos Valdez.—Os jornaes estrangeiros, principalmente os inglezes, e a imprensa periodica de Portugal, fallaram tão repetidas vezes n'esta interessante obra, que o seu auctor escreveu em inglez e publicou em Londres em 1861, que era immenso o desejo que havia de a ver traduzida na lingua materna, e mais se augmentou esta anciedade quando constou que o conselho geral de instrucção publica confirmára a reputação do livro, fazendo uma consulta recommendando a obra como digna de apparecer em portuguez, e que El-Rei o Senhor D. Luiz, sempre cheio de enthusiasmo pela marinha e colonias, permittira que este livro lhe fosse dedicado.

N'estes termos o nosso sabio, activo e justo ministro da marinha e ultramar, reconhecendo a conveniencia de fazer saír á luz esta obra, mandou que fosse impressa com urgencia, na imprensa nacional, querendo dar-lhe a maior publicidade possivel, por ser bom que se espalhem as idéas, planos e reflexões que o auctor apresenta no seu livro a respeito das nossas colonias da Africa occidental, seu commercio licito, minas, agricultura, emprezas de algodão e colonisação ou emigração, que são hoje certamente os problemas mais importantes a resolver.

Desejando pois que todos subscrevam, e que a obra seja muito

lida, quereriamos que para bem do auctor e da nação, e para melhor se realisar o pensamento do previdente e imparcial ministro, o governo facilitasse a extracção do livro, ordenando que seja seguido em todas as aulas para esclarecimento da mocidade, relativamente áquellas regiões, e mesmo que se recommende ás municipalidades, funccionarios, etc., que lembrem a conveniencia de se subscrever para esta obra.

A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

Um bom livro. — Depois do geral interesse que têem merecido as viagens e escriptos do celebre dr. Livingstone sobre as cousas de Africa, não póde deixar de ser mui satisfactorio para nós os portuguezes podermos annunciar que tambem apparece elogiado por auctoridade insuspeita (os jornaes de Londres) um portuguez, o sr. Francisco Travassos Valdez (filho do general conde do Bomfim), que acaba de publicar em Londres uma interessante obra escripta em inglez, pondo debaixo da verdadeira luz o que a respeito da Africa occidental portugueza se tem escripto com muita insufficiencia e palpaveis contradicções, e muitas vezes em menoscabo do nosso governo e do nosso paiz.

Para que pois se veja que não somos exagerados, e para que se possa fazer um juizo do apreço que deve merecer esta obra, bastaria dizermos que a casa Hurst & Blackett, *publishers* (editores), que só costuma encarregar-se de obras que conhece deverem vir a merecer o interesse do publico illustrado, foi a que se incumbiu da publicação dos livros do sr. Travassos Valdez; mas sempre acrescentaremos que a respeito da referida obra se leiam os annuncios e o juizo critico do *Messenger* e do *Morning-Post*, dois dos principaes jornaes de Londres.

O livro do sr. Valdez. — Quando publicámos no nosso jornal n.º 5:629, em 7 do corrente, os honrosos annuncios e juizo critico feito por alguns dos principaes jornaes de Londres, a respeito da obra que n'aquella capital acaba de publicar em lingua ingleza o sr. Francisco Travassos Valdez, ácerca da nossa costa da Africa occidental, mal poderiamos suppor que dentro de tão poucos dias, esse tão honroso, util e apreciavel trabalho do nosso illustrado compatriota ganharia tão extraordinaria importancia para o publico inglez e para o commercio em geral, como vemos confirmado por outro importante jornal d'aquella capital *The Home News* de 4 de fevereiro, que acaba de nos vir á mão.

É para nós mui satisfactorio ver que uma obra tão interessante de um compatriota nosso, apparece justamente na occasião em que a Inglaterra e o commercio em geral olham com a mais seria attenção

para o modo de supprir a falta de algodão, que se receia venha a haver nos mercados de Inglaterra e de outros paizes, em consequencia da revolução e separação de alguns estados da União americana, e do desejo de alguns d'elles de que continue o trafico da escravatura.

Tão ponderosas circumstancias e o conhecimento geral e exacto que ha em Inglaterra, não só pelas circumstancias que refere o sr. Valdez, mas outros escriptores, a respeito da superioridade dos nossos terrenos da costa de Africa para a cultura do algodão, e muitas outras circumstancias da maior vantagem para o commercio, têem feito que a imprensa periodica se occupe com a maior assiduidade e interesse d'este assumpto, propondo que se empreguem os meios mais efficazes, para que possam alcançar-se os felizes resultados, que em vista d'estas circumstancias e escriptos, se não póde duvidar que se obterão com o desenvolvimento do commercio da nossa costa de Africa, como o presagia a repentina formação de poderosas companhias que se têem organisado em Londres, subscrevendo-se e preenchendo-se logo a totalidade do capital de suas acções, para se tratar do desenvolvimento do commercio do algodão em ponto grande na Africa portugueza, occupando-se igualmente de estabelecer linhas de paquetes a vapor para aquellas regiões e de formar ali bancos commerciaes, como tudo achâmos confirmado pelos jornaes inglezes.

Vendo pois que Inglaterra se empenha seriamente em preparar grandes recursos na nossa Africa portugueza para si, para nós e para o commercio em geral, é do nosso dever reclamar que o nosso governo empregue todos os esforços, para coadjuvar o grande pensamento do desenvolvimento da riqueza das nossas colonias e suppressão da escravatura, e esperâmos que o sr. visconde de Sá, que constantemente tem pugnado por estes principios, não deixará de fazer quanto lhe for possivel para que se tome na mais seria consideração tão transcendente objecto, que felizmente está assás elucidado, como acabâmos de o mostrar, pela imprensa ingleza e pela obra do sr. Francisco Travassos Valdez. Abstemo-nos portanto de fazer quaesquer outras considerações sobre este assumpto, limitando-nos a remetter o leitor para o jornal inglez a que no principio d'este artigo alludimos.

O livro do sr. Valdez. — Por este paquete, como tem vindo pelos mais, chegou novo elogio da imprensa periodica britannica á obra que o sr. Francisco Travassos Valdez escreveu em inglez ácerca da Africa occidental. Quando observâmos a maneira lisonjeira e honrosa para o auctor e para o nosso paiz por que em Inglaterra se falla d'esta obra; quando notâmos a popularidade de que ali gosa assim um portuguez pelos seus escriptos, não podemos deixar de acreditar que maior seria o seu triumpho entre os seus compatriotas se apparecesse

traduzido na lingua materna este livro tão importante, que tão cabalmente trata das nossas colonias da Africa occidental, do seu commercio e do que se póde e deve esperar d'ellas, principalmente agora na occasião em que tão seriamente se trata de promover ali a cultura do algodão, havendo o governo britannico declarado no seu parlamento que estava prompto, como o publico inglez, a ajudar Portugal n'esta empreza por todos os meios ao seu alcance, o que não nos deve admirar sabendo nós que isto é uma questão vital para o commercio e fabricas de Inglaterra, especialmente hoje que o governo das republicas separadas dos Estados Unidos augmentou os direitos sobre a exportação dos algodões.

Para satisfação pois de todos em geral apresentâmos a traducção de um artigo que a respeito da referida obra encontrâmos no jornal litterario de Londres *The Atheneum.*

Publicação utilissima. — Um mancebo estudioso e de elevados dotes de espirito, o sr. Francisco Travassos Valdez, publicou em 1861, em Londres, um excellente livro sobre os nossos dominios de Africa occidental, o qual mereceu a attenção e os mais rasgados encomios da imprensa periodica nacional e estrangeira. Esse livro vae agora ser publicado vertido na linguagem patria. Intitula-se elle *Seis annos da vida de um viajante na Africa occidental,* e é dedicado a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I. N'elle se patenteia claramente a riqueza d'aquellas nossas possessões, fazem-se importantissimas considerações sobre o seu commercio e agricultura, e apontam-se alvitres de extrema utilidade para o seu desenvolvimento.

É uma obra que honra o nosso paiz, e que todos devem possuir. O auctor é digno de toda a protecção dos poderes do estado que o devem animar a outros proveitosos estudos. Assigna-se para esta obra nas lojas do costume. O seu preço é 4$500 réis.

Alem dos jornaes já citados, reproduzimos em seguida os nomes dos que fallaram do auctor e dos seus escriptos, por não possuirmos os artigos que elles publicaram, e que são mais um testemunho em favor d'esta publicação.

Cape Daily Times	**Evening Star**	**Morning Chronicle**
Colonist	**Examiner**	**Standard**
Daily News	**Journal du Havre**	**Terceira**
Diario de la Marina	**Morning Advertiser**	**Transtagano.**
Economist		

AFRICA OCCIDENTAL

NOTICIAS E CONSIDERAÇÕES

CAPITULO I

PORTO SANTO E MADEIRA

Saída de Lisboa — Avista-se Porto Santo — Dimensões da ilha — Origem do seu nome — Sua descoberta — Antiga lenda — Visita á terra — Pico do Castello — Fortificações — Natureza do solo — Combustivel — Producção — Celebridades historicas — Estatistica — Panorama do archipelago — As Desertas — Chegada á Madeira — Seu aspecto maravilhoso — Porto do Funchal — O Pico Ruivo — A Senhora do Monte — Impressões — Recordações historicas — Vehiculos — Encontro inesperado — Viação publica — Quinta no Gorgulho — A Forja — O Pontal da Cruz — O Forno — Camara de Lobos — Campanario — Lance de vista admiravel — A Achada — O Jardim da Serra — Monte dos Prazeres — Curral das Freiras — Festa campestre — Reflexões sobre a emigração — Trajo das camponezas — As corças — O Palheiro do Ferreiro — Anecdota — O Funchal — O conselheiro José Silvestre Ribeiro — Capella dos Ossos — Antiga residencia de Christovão Colombo — Edificios — Habitação de sua magestade imperial a duqueza de Bragança — Estatistica — Lenda do Machico — Descobrimento da ilha — Origem do seu nome — O bosque impenetravel — Introducção das vinhas — Sarau — Madeirenses illustres — O tunnel da Madeira — Variedade de vinhos — Vindima — Banhos de mar — Producções — Tisicas — Saude publica — Escolas — Episodio — Um dito sentencioso — As Selvagens.

Ao sairmos do porto de Lisboa todas as circumstancias pareciam favorecer-nos, e o borborinho que nos cercava, proprio dos preparativos da viagem, as vozes dos officiaes, a gritaria da marinhagem, conspiravam de algum modo para desviar-nos o pensamento dos parentes e amigos, de quem acabavamos de apartar-nos, e da idéa do insalubre clima do paiz para onde nos destinavamos.

A escolha do navio que tinha de visitar os differentes pontos da costa occidental de Africa não fôra das mais felizes.

A rasão por que censurâmos a escolha é porque as promessas que se nos haviam feito, de que encontrariamos a bordo as commodidades precisas para tão longa viagem, não corresponderam completamente.

Não obstante as pequenas miserias da *situação,* o meu espirito tinha a vantagem de se distrahir com o grandioso espectaculo do oceano, que se por um lado se estendia até se confundir no horisonte, pelo outro ainda se via banhando as costas da patria que nos ia desapparecendo.

Embora já tivessemos anteriormente feito algumas viagens por mar, e muitas vezes perdessemos a terra de vista, sendo-nos por consequencia familiares as cores tão variadas das ondas, desde as mais claras até ás mais carregadas, confessâmos que nunca até áquella occasião presenciaramos tão sublime espectaculo.

Comtudo não durou muito a nossa contemplação, porque apenas teriamos navegado algumas leguas, o aspecto do mar tornou-se ameaçador, declarando-se a final um temporal que augmentou a ponto de diversas pessoas pedirem ao commandante que arribasse.

Felizmente não foi preciso faze-lo, porque abonançando o tempo quasi de repente, seguimos a nossa viagem placidamente, e depressa chegámos á pequena ilha de Porto Santo, situada em 33° 3′ latitude N. e 7° 11′ longitude O. de Lisboa.

Aindaque esta ilha é muito menos elevada do que a da Madeira, avista-se a grande distancia, como verificámos, porque com tempo claro logo se descobrem as elevadas montanhas do Pico do Facho, que dizem ter 547 metros acima do nivel do mar, e do Pico de Anna Ferreira, a 300 metros de altura, segundo Vidal.

Ao approximar-nos mais da ilha vimos depois distinctamente muitos outros cumes de montes, como os picos do Castello e da Juliana, e mais abaixo os do Consul, do Rochedo, da Fachada e o Branco, afigurando-se-nos estes ultimos apenas pequenas collinas ou outeiros.

A circumferencia de Porto Santo está calculada approxima-

damente em 7 leguas, sendo a ilha de origem vulcanica e de configuração triangular, com a apparencia de uma grande montanha escarpada, envolta ás vezes em nevoeiros, e cercada de uma orla de terras chãs.

Terá perto de 4 leguas de comprimento, desde os rochedos do Pescador, de S. Lourenço e do Nordeste, ao NNE., até ao SSO. na ponta da Fachada, marcada pelo ilhéu do Pharol, defronte, a ½ milha.

A sua maior largura desde a ponta da Raia, ao ONO., em frente do rochedo conico da Fonte, até a ESE., junto do ilhéu da Serra, é, pouco mais ou menos, de 1 ½ legua. Mas para o centro da ilha não chega a ter mesmo nem 1 legua de largura, através a planicie areienta que se estende entre as suas altas montanhas do N. e as collinas do S., que ali terminam por uma ponta, a ½ milha da qual se levanta o grande ilhéu Baixo, que na realidade não é outra cousa mais do que a continuação da ilha de Porto Santo.

Da segunda vez que fomos áquella ilha observámos que para ancorar foi preciso entrar até ao meio de uma bahia da povoação principal, ao OSO., e fundear em 26,4 metros, porque não é prudente approximar mais da terra por causa de uns recifes que ali ha.

Comtudo é certo que offerece abrigo seguro, excepto se o vento salta ao S., porque n'este caso é preciso levantar ferro immediatamente e fazer-se ao mar.

Apesar d'isto não ha duvida que o porto é frequentado por muitos navios á ida e á volta da India, com o fim de refrescarem.

Afastado da bôca da bahia a cousa de ½ legua, está um ilhéu alto com tres mamotes em cima; na ponta do N. ha outro ilhéu, e na ponta do S. outro. Todos tres são de pedra calcarea, de que a ilha da Madeira é supprida unicamente.

A povoação principal, unica villa e capital da ilha, tem o mesmo nome d'esta, Porto Santo, que dizem lhe deram os seus descobridores, Bartholomeu Perestrello, segundo uns; segundo outros, talvez com mais rasão, João Gonçalves Zargo,

fidalgo da casa do celebre infante D. Henrique, e Tristão Vaz Teixeira, outro fidalgo portuguez, quando estes arribaram em 1418 á bahia acima descripta, para fugirem de um forte temporal que os acossava; foi em commemoração d'este successo que chamaram áquelle porto *Santo*.

Segundo uma antiga lenda, que, a nosso ver, tem tão pouco de veridica como de romantica, a descoberta da ilha de Porto Santo deve-se a João de Bethencourt ou Bettencourt, nobre normando, que ali aportára em 1402, de passagem para as Canarias, o qual, achando-a deserta, a não presidiára, o que sabido do infante D. Henrique, a mandára povoar por Bartholomeu Perestrello, que era fidalgo da casa do infante D. João, irmão d'aquelle illustrado principe.

A lenda a que alludimos basea-se na chronica da conquista das Canarias, escripta pelos capellães da expedição capitaneada por Bettencourt; e fundando-se tambem no mesmo documento os francezes, para nos disputarem a prioridade dos nossos descobrimentos nas costas africanas, pretendem que em uma das viagens entre as ilhas d'aquelle archipelago, se levantára um horrivel temporal que arremessára os companheiros de Bettencourt para a costa occidental da Africa, aonde foram arribar, desembarcando n'um porto alem do cabo Bojador; e que por signal (acrescentam) haviam feito uma *razia* ou *gazyah*, isto é, um formidavel saque, captivado muitos homens e mulheres e morto tres mil camellos, cuja carne, convenientemente salgada, servíra para o rancho dos navios, regressando estes depois ás Canarias.

Tudo isto em nosso humilde conceito, merece tanto credito, como não haver Bettencourt presidiado a ilha de Porto Santo só porque a *achára deserta*, o que não concorda certamente com o seu procedimento nas Canarias, aonde fizera, segundo a mesma chronica, a inaudita violencia de trocar toda a população da ilha de Ferro pelos seus compatriotas normandos.

O nosso erudito visconde de Santarem e outros sabios, baseando-se em documentos de reconhecida authenticidade, reivindicaram tão cabalmente os direitos dos portuguezes á

honra de serem os primeiros descobridores da costa occidental de Africa, como sempre foram considerados, que seria até nimia vaidade querer ajuntar outras provas ás que elles adduziram.

O que é certo porém é que el-rei D. João I fez doação da ilha de Porto Santo ao referido Perestrello, de juro e herdade, para si e seus descendentes, que a conservaram até que reverteu para a corôa por morte do oitavo e ultimo donatario, Estevão de Bettencourt Perestrello.

N'uma curta visita que fizemos a esta ilha, empregámos o pouco tempo que podémos demorar-nos, em observar o que nos pareceu mais digno de attenção: como são elegantes e aprazíveis as vivendas que ali têem construido familias ricas da Madeira! E comtudo a villa é uma povoação tão pouco importante, ou tão escassa de commodidades, que saltando em terra sequiosos de refrescos, nos encontrámos só com o que levavamos, que por signal era bem pouco.

Parece que a villa e a ilha toda ficou sempre em grande decadencia, desde que em 1595 o capitão inglez Amias Preston, commandando alguns navios, foi ali pôr tudo a ferro e fogo, apesar dos habitantes se terem offerecido a pagar uma contribuição para evitar aquelle acto de pirateria.

Fomos ver o celebre Pico do Castello, que é um monte alto, oblongo e assás escarpado no centro da ilha, tendo uma especie de platafórma no cume, onde ainda achámos ruinas de fortificação, o que induz a crer que foi o que lhe originou aquelle nome do Pico do Castello, por ser mesmo de tradição que os habitantes se acolhiam ali e se defendiam nas occasiões de perigo, por ser tão pouco defendida a povoação que por vezes os mouros e outros estrangeiros haviam ousado ataca-la e saquea-la.

Hoje mesmo, apesar da ilha ter 373 fogos, segundo os mais recentes documentos officiaes, ou 1:399 almas, não vimos a menor defeza, nem outra tropa mais do que uma companhia de 80 praças, que faz parte do corpo de artilheiros auxiliares da Madeira.

O solo de Porto Santo é arenoso e secco, aindaque não deixa de ser fertil, posto ter pouca agua (naturalmente pela incuria de não a procurarem nas entranhas da terra). Informaram-nos, que em toda a ilha apenas se encontram uns insignificantes ribeiros que não têem talvez ½ milha de curso, e que alem de umas cinco nascentes de boa agua, toda a mais que se encontra é bastante impregnada de carbonato de soda.

É mui pouco arborisada esta ilha, de modo que os habitantes supprem-se de lenha da ilha da Madeira, vendo-se reduzidos, muitas vezes, quando esta lhes falta, a usarem de bosta do gado vaccum secca como combustivel.

Apesar de Cordeiro dizer que, outr'ora, havia em Porto Santo dragoeiros de cujos troncos se faziam canôas que levavam seis e oito homens, acrescentando que se fizeram tantas e tão grande numero de *medidas para trigo*, que já no seu tempo apenas se via um dragoeiro unicamente na ilha; apesar de ser certo que ha poucos annos ainda existia um de fórma gigantesca, alem de alguns cactos de tamanho notavel, por cima da Fonte dos Anjos, ao pé do Pico do Facho; a verdade é que só se encontram na ilha algumas laranjeiras, amoreiras, figueiras e zimbreiros que, dizem os habitantes, se conservam a poder de grandes cuidados, por não ser o terreno adequado para a plantação e cultura de arvores e arbustos.

O que Porto Santo produz muito são melões e melancias, e tambem é fertil em cereaes; tem todavia de os importar, por não serem ainda sufficientes para o consumo dos habitantes que, segundo informações que obtivemos, colhem apenas 1:000 moios de excellente trigo, cevada, centeio, e principalmente milho.

Tambem produzia entre 700 a 1:000 pipas de vinho, de inferior qualidade, mas que pelo menos servia para se fabricar soffrivel aguardente, de que chegou a exportar mais de 200 pipas por anno.

Querem alguns auctores que se tenha igualmente cultivado o opio, sendo certo que, apesar da agricultura estar ali bastante atrazada, encontram-se todavia algumas plantas exo-

ticas e outras de bastante apreço das regiões torrida e temperada.

Porto Santo é abundante em pombos bravos, perdizes e cabras; tem alguns porcos e carneiros, muitas abelhas, pouco gado vaccum, quasi nenhum muar e cavallar, mas bastante do asinino, e uma quantidade immensa de coelhos que provém todos de uma só coelha, que se diz parira ainda a bordo do navio em que para ali foi Perestrello, primeiro donatario da ilha.

Não obstante quanto deixâmos referido das producções de Porto Santo, é força confessar que esta ilha depende a todos os respeitos quasi inteiramente da Madeira.

É famosa na historia portugueza, por ser, como já mostrámos, o logar onde os primeiros descobridores portuguezes desembarcaram em 1418 e estabeleceram a nossa primeira colonia, saindo depois em busca de outros descobrimentos.

Tambem é notavel por haver sido residencia algum tempo do celebre Christovão Colombo, e de sua mulher D. Filippa Moniz Perestrello, filha de Bartholomeu Perestrello, quando aquelle famoso nauta servia na marinha portugueza, então a melhor escola de navegação, e quando talvez já meditava a gloriosa descoberta do Novo Mundo, embora Americo Vespucio com o nome de America que se deu áquella descoberta recebesse o premio do pensamento de Colombo!

Foi tambem na ilha de Porto Santo que nasceu Diogo Colombo, filho primogenito do grande navegador, e por quem este teve, oh vergonha! de ir pedir por esmola um pedaço de pão ao convento da Arrabida!...

Esta ilha emfim é igualmente notavel por ser n'ella (e na da Madeira) que se começou o systema dos donatarios e dos dizimos para a ordem de Christo que, com o mestrado, passaram para a corôa, systema este que foi adoptado para todas as colonias.

Porto Santo, por decreto de 5 de agosto de 1835, foi declarada concelho administrativo; e, por decreto de 7 de junho de 1838, já havia sido classificada quarto julgado da comarca

oriental do districto do Funchal, capital da ilha da Madeira e do archipelago madeirense.

Em toda a ilha do Porto Santo ha sómente uma freguezia, que se compõe dos sitios abaixo apontados, e com a população que se segue, segundo uma estatistica de 1841 [1].

Sitios	Habitantes
Areias	91
Camacha	71
Campo de Baixo	37
Campo de Cima	132
Farrobo	85
Fontinha	17
Lombos	21
Matas	18
Pedras Pretas	17
Pedregal de Dentro	17
Pedregal de Fóra	6
Pico	3
Pico e Casinhas	64
Ponte	24
Serra de Dentro	69
Serra de Fóra	80
Tanque	157
Villa de Porto Santo	569
Total	1:478

Que bello panorama se offerece agora aos nossos olhos! De um lado a ilha de Porto Santo, da qual nos afastavamos; do outro os picos gigantescos da Madeira, dominando de toda a sua altura a amplidão dos mares; mais perto o grupo pittoresco das ilhas Desertas, de uma belleza selvatica.

Quasi completamente estereis, alcantiladas, escabrosas e destituidas de vegetação, produzindo apenas muita urzella e barrilha, são habitadas por cabras bravas e por coelhos, a que os madeirenses vão dar caça nas excursões que ali fazem; car-

[1] Quando tratarmos da estatistica da Madeira, apresentaremos a de Porto Santo, relativa aos annos de 1855 e de 1861

dumes de cagarras, especie de gaivotas que se abrigam n'aquelles rochedos, são tambem objecto de attenção dos caçadores, que as costumam comer salgadas, aproveitando as pennas para se fazerem flores, e para outros usos domesticos.

Tambem nos asseveraram que as phocas frequentam aquellas paragens.

As tres ilhas principaes são: a Grande Deserta ou do Norte, com 660 metros de altura, que é a do meio e a maior, tendo pouco mais de legua de comprimento e $^1/_8$ de largura. A do sul, chamada o Bugio, que é a segunda em tamanho, com 1 milha de comprimento e $^1/_4$ de largura. A do Norte ou Ilhéu Chão, a mais pequena das tres, sendo apenas uma restinga de algumas braças de altura.

Torna-se esta ultima singular por ter a pequena distancia um alto rochedo pyramidal, que de longe se confunde completamente com um navio á véla; e passa por certo que, em um dia de nevoeiro, se dera o caso de lhe atirar uma fragata, por se afigurar ao commandante que não lhe queriam responder aos signaes que fizera!

A Grande Deserta e o Ilhéu Chão são propriedade dos condes da Taipa, e o Bugio dos marquezes de Castello Melhor, fidalgos estes que, como os marquezes da Ribeira Grande, descendem do celebre Zargo, que depois mudou este appellido para o de Camara, que é o d'aquellas familias.

Á medida que mais nos approximavamos da ilha da Madeira, todas as vistas convergiam sobre esse *oasis* magestoso, que nos revelava novas bellezas, quanto mais e mais perto nos achavamos, navegando para o ancoradouro do Funchal ao SE. da ilha em 32° 38′ lat. N. e 7° 46′ long. O. de Lisboa.

A Madeira é tão conhecida, não só pela visita de numerosos enfermos que a procuram por causa da salubridade proverbial do seu clima, mas tambem pelas excellentes obras que a seu respeito publicaram outros viajantes e auctores, que parece superfluo entretermos os nossos leitores com uma minuciosa descripção; mas, como alguns dos que lerem estas paginas

não terão tido talvez occasião de ver essas obras, sempre referiremos aqui de passagem algumas particularidades.

Esta ilha é toda montanhosa ou cheia de picos, com a configuração de uma canôa de prôa muito esguia, com o fundo virado para cima. Prolonga-se de O. $^1/_4$ NO. para E. $^1/_4$ SE. n'uma extensão, segundo alguns, de 11 leguas, entre a ponta do Pargo ao O., e a de S. Lourenço a E., ponta que tomou o nome do navio em que Zargo foi á Madeira pela primeira vez; a sua maior largura é de umas 4 leguas, entre a ponta de S. Jorge ao N. e a da Cruz ao S.; e a sua circumferencia, desprezadas pequenas saliencias e angulos entrantes, calcula-se em 26 leguas approximadamente.

São tantas as maravilhas que encerra em si a Madeira, que em verdade quem a vê acreditará por momentos que os jardins de Armida e os Campos Elysios da fabula deveriam ser como esta formosa ilha, chamada por excellencia a Flor do Oceano [1].

Julgar-se-ía mesmo que aquellas maravilhas não são uma realidade, mas sim um sonho ou ficção de poetas!

Por isso se lê no nosso harmonioso Diniz o seguinte:

> Filha do oceano,
> Do undoso campo flor, gentil Madeira!

Com effeito não ha nada tão pittoresco e magestoso ao mesmo tempo como o aspecto da Madeira, ao vê-la a vez primeira da tolda de um navio.

Por todos os lados vêem-se e admiram-se altissimas e fragosas penedias, e innumeros rochedos basalticos, destacados, com sobranceiros picos, assimilhando-se nas suas fórmas phantasticas e caprichosas a ruinas gigantes de antigos castellos feudaes; como que matizando este selvatico e imponente panorama aqui e acolá espraiam-se os olhos em deliciosas chãs

[1] O fallecido capitão general da Madeira e Porto Santo José Lucio Travassos Valdez, tenente general e conde do Bomfim (pae do auctor), assim a denominou na sua proclamação a favor da carta constitucional, quando em 1828 a ilha da Madeira foi atacada pela esquadra do sr. D. Miguel de Bragança.

VISTA DA CIDADE DO FUNCHAL

cobertas de vigorosa e luxuriante vegetação; e todo este complexo de maravilhas como que está assente em enormes e negras columnas, que se levantam perpendicularmente alguns centos de metros acima do nivel do mar, o qual de ordinario é tão fundo, ainda mesmo abarbado com a terra, que a sonda não dá resultado senão a 5 ou mais metros!

No porto do Funchal porém os navios podem ancorar entre 66 e 77 metros, postoque com pouca segurança, tendo mesmo muitas vezes de cortar as amarras para se fazerem ao largo quando sopra o vento do S.

Era já noite quando lançámos ferro.

Na manhã seguinte ao despontar da aurora a scena que se apresentava á nossa vista era verdadeiramente sublime.

O Pico Ruivo erguia altivo a sua elevada cabeça a mais de 2:500 metros acima do nivel do mar, segundo Vidal, e visto assim á luz do crepusculo da madrugada apresentava um aspecto verdadeiramente deslumbrante.

Quando o sol começou de alumiar com seus brilhantes raios as formosas perspectivas que nos cercavam, podémos admirar então o soberbo castello, os variados e elegantes edificios, que parecem sobrepostos uns aos outros, os airosos campanarios, a ininterrompida cadeia de montanhas com os seus altos picos, cobertas de viçosas vinhas, perfumadas com a flor das laranjeiras, bananeiras, palmeiras e grande variedade de arvores e arbustos, achando-se aquellas collinas e outeiros tapetados de perpetua verdura, o que desde logo suscita a idéa de uma continuada primavera.

Á medida que a vista abrangia a fortaleza do Ilhéu no porto, a Pontinha e o litoral todo, e se alongava desde a base até ao cume d'aquellas elevadissimas serras, recreavam-se-nos os olhos, descobrindo as lindas casas de campo, as magnificas habitações, as vistosas quintas e as vinhas em roda, as fortes muralhas do castello do Pico, a pontaguda torre da sé, a torre quadrada da igreja dos Jesuitas (o Collegio), as magestosas torres de Nossa Senhora do Monte, que parecem tocar no céu, convidando os mesquinhos filhos da terra a irem por

ali procurar o goso de eternos e inalteraveis prazeres; e finalmente, mais alto ainda e já mesmo no cume da serra, as arvores gigantes, cuja espessa folhagem offerece agradavel sombra e convida o lasso caminhante a repousar debaixo do seu copado docel.

Sentiamo-nos arrebatados como se contemplassemos uma região fabulosa!

Tendo os empregados da saude verificado que não havia motivo para fazermos quarentena a bordo ou para irmos para o lazareto na bôca do ribeiro de Gonçalo Ayres, approximaram-se logo do navio cardumes de pequenas embarcações, cujos barqueiros, gritando todos a um tempo e gesticulando horrivelmente, se disputavam a honra ou antes o proveito de nos levar para terra, e faziam um arruido e confusão tal que por pouco nos não ensurdeceram.

Emquanto o vapor se demorava para metter carvão e refrescos, aproveitámos a occasião para desembarcar.

Posto ser esta a segunda vez que visitavamos a ilha, era com um sentimento de indefinivel prazer e juntamente de tristeza que tornavamos a pisar aquellas praias que tão dolorosas e agradaveis reminiscencias nos recordavam da patria e da familia.

Permittam-nos os nossos irmãos da Hibernia que lhes tomemos aqui, do seu poeta favorito, á seguinte estancia, que, com uma pequena alteração, descreve os nossos sentimentos n'aquella occasião:

> Ama o selvagem sua patria terra,
> Onde reina o tufão, e a neve o géla!
> Como não hão de amar, de Lysia os filhos,
> A terra que a natura fez tão bella!

Todos os nossos adormecidos sentimentos de patriotismo reviveram, todas as estudadas doutrinas dos primeiros dias de escola, que tinham relação com a gloria do nosso paiz, nos perpassavam pela memoria, e produziam as mais agradaveis sensações, travadas de outras mais tristes!

Reflectimos então na instabilidade das instituições d'este

mundo; na mudança das dynastias; na grandeza e decadencia das nações; nas vicissitudes a que tanto os povos como os monarchas estão expostos no decurso dos tempos, sujeitos aos effeitos varios d'estas constantes alterações.

Assim, ao tocar o solo da Madeira lembrava-nos que meu pae, o tenente general conde do Bomfim, em tempos mais felizes (1827), em galardão dos seus relevantes serviços á carta constitucional e ao throno, fôra para ali mandado pela senhora infanta regente D. Izabel Maria, como governador e capitão general, sendo nós ainda creança; lembrava-nos que, pela quéda da constituição em 1828, meu pae saíra da ilha com a sua familia, perdendo quanto então possuia, salvando nós apenas as vidas, por nos havermos escapado, em um barco, durante uma tempestade, de noite e entre os morrões accesos da esquadra inimiga, conseguindo a nossa velha e derrocada embarcação, com grande difficuldade, chegar a porto e salvamento a Inglaterra, onde quiz o destino que fossemos dos poucos portuguezes que durante aquella emigração tivemos primeiro a honra de beijar a mão, em Falmouth, á rainha a senhora D. Maria II.

Sua magestade era ainda menina áquelle tempo (quasi da minha idade então). E é tambem notavel que das tres unicas senhoras, que se achavam presentes áquelle acto, entre as quaes se contava a virtuosa duqueza de Palmella, é minha mãe, louvado Deus, a unica que ainda hoje vive! Todavia nunca foi agraciada com mercê honorifica alguma, apesar de se terem dado a muitas outras damas, que nem soffreram o que ella soffreu pela rainha, nem seus maridos e parentes fizeram metade dos serviços que seu marido prestou, poisque foi elle o general que mais sangue derramou pela patria, sempre ao lado do imperador, de quem foi chefe do estado maior, e seu ajudante general, desde que sua magestade imperial tomou o commando do exercito expedicionario.

Igualmente nos lembrava ao pisar o solo da Madeira, que, depois do que fica referido, por ali passára tambem em 1844 meu irmão primogenito o tenente coronel conde do Bomfim,

nomeado secretario do governo geral de Angola, governo que meu pae n'outro tempo recusára, pelo receio de que o clima fosse nocivo á sua familia.

Lembrava-nos finalmente que meu pae, o meu referido irmão, e mais outro, o major graduado Luiz Travassos Valdez, o bem conhecido auctor dos nossos interessantes *Almanachs do Exercito, da Marinha, de Portugal e Colonias*, e de tantos outros escriptos curiosos, por ali haviam tornado a passar, de viagem para Angola, quando em 1847 foram mandados como degradados com os seus benemeritos companheiros do infortunio, havendo voltado outra vez pela Madeira, a bordo do vapor *Terrible*, da marinha britannica, em consequencia do protocolo entre França, Hespanha, Inglaterra e Portugal.

O leitor desculpará esta digressão que fizemos, procurando dar a rasão das varias e oppostas emoções que experimentámos quando desembarcámos nas praias do Funchal, e que inadvertidamente nos afastaram muito alem do assumpto a que nos propozemos.

É tempo de irmos para terra. O mar estava muito agitado; os barqueiros por prudencia remaram para a Pontinha, a ½ milha da cidade. Desembarcámos facilmente n'uns degraus que entram pelo mar dentro, n'um sitio abrigado por detrás do ilhéu, e coroado por uma fortaleza, que serve tambem de registo do porto.

Quando porém o mar está socegado, póde-se chegar a uma praia que ha mesmo na cidade, mettendo-se os barqueiros na agua, e empurrando o barco á força de braços, até o metterem no *calhau*, como elles dizem, em consequencia da grande porção de pedra rolada que em muita profundidade cobre a praia.

Apenas chegámos, encontrámos em terra igual estrepito ao que haviam feito os barqueiros em roda do navio, como referimos, porque é costume, em qualquer parte onde se desembarque no Funchal, acharem-se muitos carros e carruagens sem rodas, puxadas por bois, e muitos palanquins, machilas, cavallos sellados, etc., tudo prompto para transportar os viajan-

tes, fazendo os homens que offerecem estes meios de conducção um motim extraordinario.

Para nos livrarmos d'elles o mais depressa possivel, mettemo-nos logo, mesmo pela singularidade, n'um dos taes carros sem rodas, com cortinas, puxados por bois, com seus enfeites e campainhas; e, finalmente, assim partimos para a cidade.

Apenas chegámos ao Funchal, assim chamado, segundo se refere, do muito funcho que ali havia na primitiva, tratámos logo de ir abraçar um antigo e fiel amigo que muito prezâmos, o honrado e valente tenente coronel Leopoldino, antigo ajudante general de meu pae e do valoroso conde das Antas, que se havia retirado para a ilha da Madeira, depois de cego e reformado.

Encontrámos outro antigo amigo da nossa familia, o major Santos, que nos levou para sua casa, e nos mostrou tanta affabilidade, que não achâmos expressões com que a possamos devidamente agradecer.

Quando concluimos o almoço, fomos dar um passeio a cavallo por uma boa extensão da ilha.

Quem vê aquelles ingremes outeiros, aquelles profundos barrancos e quebradas, aquellas alcantiladas e fragosas serranias admira-se dos progressos que, ainda assim, a viação publica tem tido na Madeira. Não quer isto, comtudo, dizer que não haja, como ha de feito, mesmo ás abas do Funchal, caminhos mal gradados, e outros que nem ás humildes cavalgaduras podem proporcionar seguro e commodo transito, senão que continuando com perseverança e sufficientes meios os melhoramentos materiaes auspiciosamente encetados, é de presumir e muito de esperar que, em breves annos, aquella formosissima ilha esteja, pelo que respeita a estradas, em condições relativamente vantajosas.

Saímos do Funchal pelo Caminho do Meio, tambem chamado do Foguete, tomando a direcção do norte da ilha; mas, não nos podendo demorar muito na nossa excursão, passámos para a estrada nova, de Cama ou Camara de Lobos, a qual corta um terreno muito accidentado, offerecendo a cada passo bellos

lances de vista, apesar do solo ter um certo aspecto de esterilidade, por estar quasi todo cheio de cones vulcanicos.

Comtudo, n'um recesso junto da rocha e forte do Gorgulho encontra-se a bella quinta do antigo consul geral de Inglaterra, o sr. Veitch, que tanto se esmerou em introduzir plantas e culturas novas na ilha.

N'este sitio, entre os rochedos do mar e os da cidade, acha-se o logar da Forja, onde a espuma da agua, passando por uma fenda da rocha, é arremessada ao ar a uma altura proporcionada á força da vaga.

Proseguindo em nosso caminho chegámos ao famoso Pontal da Cruz, que é a ponta mais meridional da ilha da Madeira, a qual se prolonga para o mar n'uma fragosa e altissima rocha, conhecida pelo nome de Penha de Aguia, cujas faldas negras e aprumadas são incessantemente açoutadas pelas furiosas ondas.

No alto d'este rochedo ha uma cruz de ferro, que deu origem ao nome do Pontal da Cruz, e disseram-nos que é costume os marinheiros ajoelharem, ao passar por ali nas embarcações, a fim de pedirem á Providencia Divina uma boa viagem.

Entre o forte do Gorgulho, ou, para melhor dizer, entre o Pontal da Cruz e a Praia Formosa, ha um sitio a que dão o nome de Forno, que posto não ser de origem vulcanica, tem a particularidade de, como na Forja, tambem arrojar por uma fenda, na rocha, a agua a grande altura.

Quasi ao nivel com o oceano, na Praia Formosa, na base da montanha, vimos por entre as penedias mais algumas d'aquellas singulares fendas.

Chegámos finalmente á Cama ou Camara de Lobos, villa na costa central do S., a 1 ½ legua do Funchal, e ponto notavel da ilha por ser o sitio onde desembarcaram os portuguezes na Madeira pela primeira vez: deram-lhe o nome que tem por encontrarem n'este logar grande numero de lobos.

A villa é cabeça de concelho, tendo este perto de 12:000

almas entre todas as freguezias de que se compõe. Apesar da maioria dos seus habitantes ser de pescadores, é grande o movimento agricola, porque os fazendeiros têem ido conquistando cada dia maior e melhor porção de terrenos aos adjacentes leitos de cinzas ou tufo vulcanico.

No centro da povoação havia um poço muito antigo e algumas bellas palmeiras n'um jardim proximo. É quanto vimos de mais notavel, aindaque seja certo que em compensação, ao descer da montanha para a villa, se descobre uma vista realmente aprazivel: na frente a sua pequena e bonita bahia cercada por uma muralha de basalto negro, e no fundo ou formando-lhe as costas, o cabo Girão, ostentando os seus penhascos gigantes e verticaes, a 500 metros de altura, pouco mais ou menos.

Atravessando depois uma ponte, começámos a trepar o caminho que flanqueia aquelle cabo, e que conduz á povoação do Campanario, estrada muito ingreme, mal gradada, e que segue em voltas tortuosas ou de caracol pelo monte acima.

Chegando ao alto tomámos para a parte do sul, passando por um pinhal; e alcançámos finalmente o cume da montanha, a 634 metros acima do nivel do mar!

O sitio do Campanario tem a particularidade de offerecer talvez o clima mais proprio da ilha para convalescença de doentes, encontrando-se mesmo algumas casas para alugar, como ordinariamente se acham em quasi todos os pontos da Madeira.

Tambem ha ali uma mina de ferro, e na Achada (planicie sem rega no alto de um monte) se ergue o maior castanheiro da ilha, notando-se a particularidade de ter um tronco com trinta e cinco pés de circumferencia, ôco e formando interiormente uma especie de quarto, com sua porta: assevera-se que esta arvore é anterior á descoberta da ilha da Madeira.

Deixando o caminho que desce para a Ribeira Brava, preferimos subir ao Jardim da Serra, para irmos admirar as bellezas da magnifica propriedade do já citado antigo consul in-

glez, amigo velho de meu pae desde que elle ali fôra capitão general.

O Jardim da Serra é um deleitoso valle das montanhas do interior, a $2\frac{1}{2}$ leguas ao NO. do Funchal, que mereceu este nome pelo vigor assombroso da vegetação que o reveste.

O viajante descobre ali um amphitheatro, ou, para melhor dizer, um perfeito circulo de montes, apenas cortado por uma estreita aberta para o mar, onde está assente, em sitio levantado e em meio do valle, a aprazivel quinta do sr. Veicht; de cada lado corre-lhe um caudaloso ribeiro, formando mais adiante vistosa quéda de agua que se precipita em fundo barranco, d'onde juntos seguem serpeando para o mar.

Do Monte dos Prazeres, a 834 metros acima do nivel do mar, e nos limites da extensa quinta, disfructa-se uma vista mui variada, sublime e agradavel, poisque se se levantam os olhos para aquellas serranias, vêem-se cobertas de arvores frondosas; e se se baixam para as planicies, descobrem-se os seus terrenos accidentados no mais brilhante estado de cultura, especialmente as proximas vinhas; e distingue-se entre muitas outras plantas exoticas, arbustos e arvores raras, a planta do chá, que o activo e intelligente dono da fazenda ali introduziu, e que taes progressos tem feito, que bem prova que aquella planta da China se dá perfeitamente em climas como o da Madeira.

Do Jardim da Serra seguimos para diante, e fomos admirar o maravilhoso quadro do Curral das Freiras, na proximidade da propriedade do referido consul.

É um sitio tão interessante da ilha, que quasi sempre é o primeiro que os viajantes costumam visitar, e aonde têem logar repetidos e agradaveis *pic-nics*, um dos recreios muito em voga na Madeira, como quasi tudo que são usos e costumes inglezes, por causa do grande numero de pessoas d'esta nação que frequentam a ilha e n'ella residem, principalmente os que procuram remedio contra a tisica n'aquelle bello e saudavel clima.

Não ha penna ou pincel que descreva a impressão que o

viajante experimenta, quando ao chegar ao cimo de um caminho construido a 800 metros de altura, pouco mais ou menos, se lhe apresenta de repente o valle do Curral das Freiras, desenrolando-se-lhe aos pés como um quadro phantastico.

Suspende-lhe os passos um estremecimento involuntario, e cheio de surpreza e terror vê-se á borda de um medonho precipicio de extraordinaria profundidade; parece que as rochas basalticas se abriram, se fenderam por meio de alguma formidavel explosão vulcanica, que provavelmente teve logar em remotissimas eras, e que despedaçando as camadas fundamentaes originaram aquelle valle pasmoso, que a acção poderosa das torrentes, que desde seculos e seculos se despenham por aquelles serros abaixo, tem ido alargando cada vez mais!

Apavora e ao mesmo tempo attrahe e deleita a contemplação d'aquelle maravilhoso valle, ao fundo do qual se avistam, ora estreitas fachas de terra cobertas de perenne verdura, ora limpidos regatos descrevendo graciosas curvas, ora alguma ermidinha modesta, cercada de viçosos pampanos, e tudo isto reduzido a microscopicas proporções, tal é a distancia!

Como que coroando as bordas do abysmo, erguem-se, qual cinto de torres gigantes, soberbos pincaros; mais acima ainda das mui elevadas montanhas visinhas se levanta o magestoso Pico Ruivo, todo coberto de verdura até ao cume; o Pico das Torrinhas com os seus formosos castanheiros e loureiros; o inclinado serro do Pico do Areeiro; descobre-se mais abaixo finalmente a igreja de Nossa Senhora do Livramento, as casas de campo que ella domina, e uma ribeira que se precipita ruidosa no mar, despenhando-se por aquellas penedias, e fertilisando ricas vinhas, bonitas quintas e jardins. O seu susurro e o tinir dos chocalhos das cabras que se vêem andar saltando por aquelles precipicios, é o unico ruido que interrompe o silencio magestoso do abysmo.

Na volta para a cidade fomos parando aqui e acolá, nos pontos mais elevados, para d'elles gosarmos a sublime perspectiva que por toda a parte se patenteava em torno de nós, e pelas encostas abaixo, até chegarmos á igreja de Nossa Senhora

do Monte, situada entre um formosissimo bosque de castanheiros.

Foi no adro d'esta igreja, a 649 metros acima do nivel do mar, que assistimos a uma festa curiosa, em acção de graças pelo feliz regresso de alguns habitantes da ilha que d'ali haviam emigrado para Demerara.

Todos os annos um grande numero de insulanos troca o bello céu da Madeira pelo mortifero clima da Guyana ingleza. Infelizes! Vão para talvez nunca mais voltarem! É que aquelle paiz abrazador, paludoso e pestifero, se não berço de todas as febres perniciosas e contagiosas, é um verdadeiro sepulchro! Como não seria mais util encaminhar para as nossas colonias, ou mesmo talvez para o Alemtejo, a corrente da emigração, fatalmente impellida pela necessidade para aquellas regiões malditas? Quem não vê que seria este não só o meio de evitar a despopulação da Madeira, que é um dos cancros que hoje a corroe, mas tambem o de levar com os braços a prosperidade e a riqueza ás nossas vastas possessões e a uma provincia de Portugal, que quasi se póde dizer está despovoada, se a compararmos por exemplo com a do Minho?

Que terrenos se teriam arroteado? que capitaes se teriam accumulado no paiz, se o problema da emigração tivesse sido convenientemente resolvido?

Um dos principaes empenhos de todos os governos deveria ser forcejar por que a emigração que parte todos os annos de varios pontos do reino e das ilhas adjacentes, convergisse para as terras em que podesse tornar-se verdadeiramente util e productiva.

O que é preciso acabar sobretudo é com a emigração para Demerara.

Perdem-se ali preciosas vidas, e as vantagens para a mãe patria são nullas ou quasi nullas.

Mas para se obter este *desideratum* é indispensavel que se adoptem meios differentes d'aquelles que se empregaram antes das previdentes medidas promulgadas ultimamente pelo actual ministro da marinha e do ultramar, o sr. José da Silva Mendes

Leal, salva uma ou outra pequena colonisação, ensaiada pelo sr. visconde de Sá da Bandeira, o verdadeiro amigo das colonias.

Com effeito, como se praticava em geral a colonisação?

Um exemplo basta para que o leitor forme o seu juizo ácerca de tão transcendente objecto. Em 1853 embarcaram no vapor de guerra *Duque de Saldanha* vinte e cinco colonos da Madeira com destino para a provincia de Angola; mas foram por tal fórma tratados, que não admira que o movimento da emigração para as nossas colonias não progredisse.

Não basta decretar um systema de colonisação. É mister harmonisa-lo em todas as suas partes, e fazer com que na pratica se não tornem a dar os erros e abusos que infelizmente presenciámos.

Quando o povo vir que a mão sabia e benefica do governo não aplana as difficuldades que se encontram na colonisação de longiquas terras, nem ao menos lhe torna facil o transporte, ou ha de continuar a precipitar-se no sorvedouro para que é irresistivelmente impellido, ou ha de cruzar os braços e deixar-se morrer á mingua na terra onde nasceu.

O que mais attrahiu a nossa attenção na festa da Senhora do Monte, de que acima fallámos, foi o curioso vestuario que trajavam as camponezas: carapuço ou barrete conico do feitio de funil, grandes botas amarellas, saias vermelhas, azues ou riscadas, tintas na ilha mesmo com certas drogas indigenas, roupinhas azues ou escarlates, atacadas adiante e elegantemente bordadas de missangas. A sua pequena capa, especie de pellatina ou romeira grande de cobrir o pescoço, tambem é azul ou encarnada, segundo as freguezias; e a camisinha trazem-n'a graciosamente abotoada com dois botões de oiro ou cousa que se lhe assimilhe, porque nem tudo que luz é oiro!

A alegria a que com rasão se entregavam aquelles festeiros da Senhora do Monte, pelo seu feliz regresso á terra natal, é que não estava de accordo com os nossos sentimentos n'aquella occasião, poisque seguiamos viagem, embora por vontade propria, para um clima insalubre, e não sabiamos se porventura voltariamos á patria!.

Durante a nossa excursão, uma das cousas que mais nos divertiu, foi a maneira por que nas subidas nos acompanhava o nosso joven guia (o burriqueiro, como na Madeira chamam aos moços que tratam quer de burros, quer de cavallos). Não tinha burro nem mula, cavallo ou outro quadrupede, com que nos acompanhasse, mas estava sempre prompto apenas o precisavamos.

E porque apenas saimos do Funchal o rapaz lançára a mão á comprida cauda do cavallo, e segurando-a com força, conseguia assim acompanhar o andamento do animal, e apparecer logo que se carecia do seu prestimo.

Não querendo descer a cavallo pelo ingreme caminho que seguia para a cidade, preparámo-nos para voltar em uma especie de vehiculo a que chamam *corças*, e que visto não terem rodas seria mais apropriado chamar-lhes *trenós*.

Com uma corda amarrada por d'avante e outra á ré, como diziam os nossos marinheiros que muito gostavam da tal brincadeira, e seguras por um rapaz em cada extremidade, assim partimos como a vapor por aquella estrada abaixo em *zig-zague*, puxando o de diante quando era preciso, e sopeando-a o outro se a carreira se tornava demasiada.

Com grande admiração nossa chegámos sãos e salvos á base da montanha, dando graças á providencia de não havermos soffrido algum incommodo, poisque depois fomos informados de que não é extraordinario acontecerem ás vezes desastres, e quebrarem-se os ossos n'esta rapidissima e assustadora descida!

A *corça* e a sua corrida não faz portanto muita differença do famoso carrinho da chamada Montanha Russa, que depois parece passou a denominar-se Egypcia, nome que lhe proveiu da *floresta* assim chamada em Lisboa.

Tinham-nos dito que era moda descer d'aquelle modo, e por isso a não quizemos contrariar, lembrando-nos do velho adagio: *Não é gente quem não anda á moda!* Confessâmos porém que não estamos muito disposto a repetir a experiencia, parecendo-nos que correremos menos risco, preferindo á

PALHEIRO (VISTA DA CASA TIRADA DA HORTA) NA ILHA DA MADEIRA

rapidissima descida de similhante para-quédas, a morosidade de um balão!...

Quando chegámos á hospitaleira casa do nosso referido amigo major Santos, estava já preparado um bello *luncheon* (refeição), segundo o antigo uso inglez, poisque na verdade na ilha da Madeira quasi tudo nos pareceu ao estylo de Inglaterra.

Depois de havermos satisfeito ás exigencias do nosso appetite, tornámos a saír do Funchal, para irmos de passeio a cavallo, d'ali a cerca de 1 legua de distancia, ver o Palheiro do Ferreiro, magnifica propriedade do conde de Carvalhal, uma das mais bellas e importantes que se encontram nos dominios portuguezes, imitando os soberbos parques inglezes, toda arruada e com lindissimos pontos de vista para muitas partes da ilha.

Aquelle fidalgo é quem tem as maiores e melhores feitorias de vinho da Madeira e grande numero de caseiros, parecendo tudo em florescente estado, o que não admira, porque é tal a opulencia do nobre conde, que, segundo ouvimos, póde dispor de alguns milhares de votos, tudo gente que d'elle depende.

Fez-nos isto lembrar aquelle principe hungaro, a quem um lord inglez disse, apresentando-lhe os seus numerosos rebanhos:

—Que tal lhe parecem as minhas dez mil ovelhas?

—Muito bem, respondeu o principe, e até mais bem tratadas do que os meus rebanhos, apesar de eu ter dez mil pastores!

A propriedade do Palheiro do Ferreiro está situada na freguezia de S. Gonçalo, no espinhaço da serra, a 594 metros acima do nivel do mar, e para se obter entrada é preciso levar-se um bilhete ou ordem formal do dono, no que faz bem, porque ha gente que não deve ser admittida n'aquelles paraizos pelo seu pessimo costume de arrancar flores e colher fructos, sem dó nem consciencia, destruindo tudo; alem de que é certo que o conde do Carvalhal e a sua joven e interes-

sante esposa têem ali plantas exoticas, arvores e arbustos de muita curiosidade e valor, que seria pena perderem-se, como são a araucaria brasiliensis, camellias, loureiros de Portugal, cereus peruvianus, aloe plicatilis, etc.

Como nós sabiamos que o vapor partiria da Madeira apenas acabasse de metter carvão, não nos foi possivel n'aquella occasião ir mais longe ver muita outra cousa de curiosidade e interesse no interior da ilha (o que fizemos em outras viagens á Madeira), e por isso voltámos para o Funchal, que passâmos a descrever em poucas palavras.

Está situada esta cidade entre a Ponta da Cruz e o cabo Garajão, a que os inglezes chamam *Brazen Head* (ou Cabeça de Bronze), n'um valle banhado por uma bahia, em fórma de crescente, na costa de S. da ilha; e é dominada por elevados montes pelo N.; a E. pelos altos do Palheiro do Ferreiro; e a O. pelo Pico de S. João e terreno das Angustias, tendo uma cortina que a defende sustentada por dez fortins, alem da fortaleza do Ilhéu na bahia, e da cidadella principal ou castello do Pico de S. João, que, como já dissemos, está em um alto sobranceiro ao Funchal.

Apesar de haver sido tomada e saqueada em 1566 por uma expedição de huguenotes francezes, piratas da Rochella, que lhe roubaram para cima de 200:000$000 réis, tornou depois com o andar dos tempos ao seu antigo estado de grandeza e prosperidade, consistindo hoje principalmente em uma bonita e larga rua chamada da Carreira, que se estende de E. a O.; cortando a povoação toda tres ribeiras: S. Paulo, Santa Luzia e João Gomes, as quaes, postoque de nenhuma importancia no tempo secco, tomam tal incremento durante o inverno que têem occasionado inundações terriveis, apesar de se lhes haverem opposto fortes muros ou barreiras de pedra, de modo que até ouvimos que a celebre igreja de Nossa Senhora do Calhau, a segunda que erigiu Zargo, foi arrancada pela força das aguas para fóra do seu local junto do mercado da fructa, no fim da rua de Santa Maria.

A cidade tem outras muitas ruas e travessas, estreitas e

ingremes, algumas das quaes têem pequenos regatos pelo meio, de sorte que sem grande difficuldade estão sempre limpas em toda a sua grande extensão pela encosta da montanha acima.

Segundo uma estatistica recente, a cidade do Funchal encerra 48 ruas, 17 travessas e becos, 6 calçadas, 3 mercados, 6 passeios arborisados, 8 pontes e 19 igrejas; todavia pareceu-nos muito mais augmentada a linda capital da ilha da Madeira.

Gostámos principalmente das suas bellas praças, a maior parte das quaes são arborisadas á maneira dos parques inglezes, ou das alamedas hespanholas e *boulevards* belgas e francezes.

As praças, largos e passeios principaes são: o largo do Pelourinho, o passeio do Til, as praças da Imperatriz e da Rainha, ao lado da praia, em frente do palacio do governo ou de S. Lourenço, na fortaleza, sendo aquelle palacio um edificio sumptuoso, mas irregular, melhorado modernamente para residencia do governador civil e do commandante militar; a praça Academica (uma das mais modernas) junto do mar na parte E. da cidade; o excellente mercado da fructa, ou praça de S. João, e um outro mercado de vegetaes, etc., ao pé do convento de S. Francisco, que, como o do peixe, custou, segundo nos informaram, importantes sommas.

Mas o passeio predilecto, isto é, o local do pasmatorio do Funchal, é a praça da Constituição, ao pé da cathedral e do hospital da Misericordia, onde constantemente encontravamos ranchos de pessoas sentadas em bancos, protegidas pela sombra, principal divertimento que lhes substituia a falta de theatros, aindaque tem bons cafés, onde o viajante que vem dos tropicos encontra deliciosos sorvetes.

O que é verdade, é que, desde que meu pae deixou de ser capitão general das ilhas da Madeira e Porto Santo, nunca mais houve representações theatraes no Funchal senão em casas preparadas expressamente para a occasião, ou no theatrinho da sociedade Esperança, e n'este cremos que só desde 1861, por-

que em 1831 foi derrubado, juntamente com o bello arvoredo do passeio publico, o magnifico theatro do Funchal, que era talvez o terceiro da monarchia, por ordem de D. Alvaro, que o sr. D. Miguel de Bragança mandou para a ilha como capitão general do archipelago madeirense. O actual governador civil do districto administrativo do Funchal, o conselheiro Januario Correia de Almeida, trata agora de fazer ali edificar um novo theatro.

Portanto, exceptuando os mencionados passeios não ha ali outros divertimentos, a não serem agradaveis excursões ao campo; *pic-nics* de que muito gostam; musica, etc., no circulo philarmonico; leitura na livraria do club inglez, sociedade que tambem dá alguns bailes, bem como o club portuguez, havendo em ambos estes estabelecimentos chá todas as noites, bilhar e jornaes nacionaes e estrangeiros.

Tambem se encontram estes periodicos e livros nacionaes e estrangeiros, bem como todas as informações estatisticas e sobre commercio, na bolsa, praça ou associação commercial, d'onde da sua bella e espaçosa varanda se gosa a vista do fundeadouro, observando-se os signaes do movimento do porto.

Alem das obras que ali se acham, ha na cidade varios estabelecimentos de leitura publica; citaremos em primeiro logar a bibliotheca municipal, que faz honra ao zêlo do seu habil bibliothecario o sr. Joaquim A. de Sá, que auxiliado pela camara enriqueceu muito a bibliotheca com excellentes e escolhidas obras scientificas e litterarias.

Tambem ha na cidade mais tres livrarias inglezas, que aindaque pequenas são boas e escolhidas, obtendo-se n'ellas livros de aluguer. Estão situadas junto de tres capellas de protestantes inglezes das seitas por elles denominadas *Igreja ingleza*, *Alta igreja* e *Igreja livre da Escocia* ou *presbyteriana*.

Já que fallámos dos protestantes inglezes e das suas igrejas, daremos tambem noticia dos seus dois cemiterios, um chamado dos *Adventicios*, outro dos *Residentes* ou da *Laranjeira*, que é o mais vistoso e melhor. Postoque o logar dos

mortos sempre infunda idéas funebres, este cemiterio offerece todavia uma tal ou qual distracção ao passar-se por baixo dos seus altos e virentes cyprestes, ao ler as curiosas e tristes inscripções dos seus magnificos mausoléus, meio escondidos pelos heliotropos, geranios, roseiras e tantas outras flores, plantas e arbustos, mandados cultivar pelos amigos e parentes dos que ali, tão longe da sua patria, dormem o somno eterno.

Os judeus, que, segundo ouvimos, tambem têem uma synagoga no Funchal, possuem igualmente um pequeno cemiterio na parte de E. da cidade, cerca da estrada para Santa Cruz; á entrada d'elle lê-se em caracteres hebraicos *Morada dos vivos*, e a data 5611 que corresponde ao nosso anno de 1851.

Finalmente, pelo que respeita ainda a cemiterios, devemos tambem citar um dos catholicos, o principal, que fica proximo do asylo de mendicidade, espaçoso terreno, todo arruado, com muitos cyprestes e um bello portico de magnifica pedra lavrada.

Daremos igualmente uma abreviada noticia dos templos catholicos que ha no Funchal.

Em primeiro logar apontaremos a vasta e bella cathedral ou sé. Esta igreja, de gosto meio italiano, meio gothico, com uma torre quadrada e coruchéu, e cuja face O. dá para a praça da Constituição, é construida toda de cedro odorifero da ilha; tem dez capellas e tres elegantes naves, o tecto de magnifica obra de talha, e as paredes revestidas de marmore e cobertas de pinturas de bastante valor.

É para nós muito agradavel, a proposito d'esta sé, poder aqui mencionar que ella muito deve ao benemerito conselheiro José Silvestre Ribeiro, quando governador civil d'aquelle districto, porque a mandou renovar completamente, assim como fez mil beneficios á ilha, ao que os madeirenses, sem duvida, deverão ser sempre gratos, poisque em verdade são immensos os serviços que lhe prestou aquelle distincto e incansavel magistrado, a quem cabe a gloria de haver promovido a construcção de novas praças, mercados, passeios, etc., e sobre-

tudo a excellente estrada monumental e bella ponte do Ribeiro Secco.

Faremos tambem aqui menção das outras igrejas parochiaes: S. Pedro, Santa Luzia e Calhau ou Santa Maria Maior.

Alem d'estas, ha ali mais algumas de varias irmandades, como são a de Santa Cruz, Carmo, Soccorro, onde se acha o padroeiro da cidade (S. Thiago Menor), sendo costume ir a camara municipal a este templo uma vez em cada anno para assistir a um *Te Deum* em acção de graças, por haver livrado o Funchal de uma epidemia terrivel que houve em tempos mui remotos; e finalmente a igreja de S. João Evangelista, hoje conhecida pelo nome do Collegio, fundada pelos jesuitas, quando se estabeleceram na Madeira em 1566. A fachada é adornada com as estatuas de Santo Ignacio de Loyola, S. Francisco Xavier e outros santos.

Tambem se vêem muitas capellas e ermidas pela cidade, sendo a mais importante a capella das Almas, aberta pittorescamente n'uma rocha ao fundo de uma rua estreita, ao pé de Santa Clara.

Ha igualmente muitos oratorios da instituição de varios morgados, em alguns dos quaes se celebra missa.

Ao tempo da suppressão dos conventos em 1834 existiam, segundo ouvimos, cinco de frades e tres de freiras, sendo o principal d'aquelles o de S. Francisco, cujas ruinas ainda vimos n'uma das extremidades da praça da Constituição, e na qual havia a celebre capella dos Ossos, assim chamada, porque as suas paredes eram revestidas de talvez mais de tres mil caveiras.

De freiras ainda ha o das Mercês, chamado das Capuchas, que vivem de esmolas, e dois da ordem de S. Francisco, que são o da Encarnação e o de Santa Clara, o mais rico e onde estava soror Clementina, cuja formosura foi tão celebrada. Tambem se diz que ali jazem os ossos do fundador Zargo.

Visitámos estes conventos, tratando-nos as freiras de uma maneira que muito nos penhorou, e não nos esqueceremos do seu doce de casquinha e da sua bella batatada.

Aproveitaremos esta occasião para recommendar aos viajantes que tocarem na ilha que não se esqueçam de visitar aquelles conventos, não só para satisfazer a sua curiosidade, como para admirar as lindas flores artificiaes que n'elles se fazem de pennas e cera, e sobretudo para gosar da bella execução vocal e instrumental das pensionistas seculares, cujos angelicos semblantes e doce canto produzem ao mesmo tempo a mais agradavel impressão.

Ha um outro convento chamado do Bom Jesus, que se converteu em asylo ou recolhimento de viuvas e de casadas separadas dos maridos.

O convento de Santa Izabel, junto do hospital da misericordia, é igualmente residencia de orphãs que dependem d'aquella santa casa.

Alem do hospital acima mencionado, e do de S. Lazaro, havia no Funchal um hospicio chamado da Princeza D. Amelia, fundado expressamente depois da para sempre lamentada morte d'aquella joven e formosa princeza, que teve logar na Madeira, pelo que, em commemoração, a sua triste mãe, sua magestade imperial a duqueza de Bragança, instituiu aquelle estabelecimento pio para tratamento das pessoas pobres de Portugal e do Brazil que padeçam de tisica pulmonar, e que precisem ir tratar-se n'aquella ilha.

Os demais estabelecimentos de beneficencia de que temos noticia são o recolhimento dos orphãos, a escola lancastriana e o asylo de mendicidade, a favor do qual as sr.as condessa do Farrobo, D. Eugenia, e D. Julia da França Neto promoveram um grande concerto musical, que teve logar a 16 de março de 1861 e produziu uma boa somma, contribuindo tambem a imperatriz de Austria, que se dignou honrar a sociedade com a sua augusta presença.

Alem dos que já apontámos, os outros edificios principaes eram então o hospital militar, o quartel de S. João, a casa dos condes de Carvalhal a S. Pedro, a da antiga companhia das Indias inglezas ao Collegio, a chamada de Blackburns junto á alfandega, a da familia Vasconcellos na rua do Pinheiro, a de Rego,

a do visconde de Torre Bella, o vasto edificio do paço episcopal, a alfandega ao pé da cadeia, a administração do correio na rua do Estudo, etc., etc.

Quanto porém a construcções antigas que mereçam especial menção citaremos o Granel do Poço, edificio grande na rua do Esmeraldo, onde, pretendem alguns, morou o famoso Christovão Colombo, quando passou pela Madeira; aindaque outros querem que não fôra ali que elle habitára, mas sim n'uma casa que já não existe, proxima do Soccorro. O que parece ser verdade é que aquelle celebre descobridor da America residíra algum tempo n'uma casa junto do Carmo, a qual está por terra desde 1851.

Tambem existem no Funchal duas janellas notaveis pela sua antiguidade, esculpidas na rua da Boa Viagem: ha quem affirme que pertenciam ao antigo açougue ou mercado da carne.

Finalmente a data mais antiga que ali existe aberta em pedra é a de 1618, com as armas de Ornellas sobre um portal, na rua das Aranhas.

As casas, geralmente de pedra e de dois ou tres andares, são pela maior parte de brilhante alvura, sobresaíndo ainda mais em rasão do escuro solo e dos barrancos profundos que lhe ficam por detrás.

Nas ruas principaes o pavimento terreo é ordinariamente aproveitado para armazens ou lojas, e costuma ter janellas altas de grades de ferro. As janellas porém do primeiro e do segundo andar são quasi sempre de sacadas; é divertido e agradavel aos domingos e dias festivos ver os lindos rostos das damas do paiz, e mesmo ás vezes os de algumas estrangeiras, das que costumam procurar o saudavel clima da Madeira, como remedio contra a tisica.

Por estes e outros motivos é a ilha tambem visitada por monarchas, principes e outros personagens.

Ali esteve sua magestade imperial a duqueza de Bragança, quando debalde procurára o restabelecimento da sua formosa e meiga filha a princeza D. Amelia.

Foi isto causa para que se desse o nome de rua da Princeza D. Amelia a uma das ruas da cidade.

Ficou pois para sempre memoravel na Madeira o local onde residiu a virtuosa viuva do imperador.

É igualmente notavel por haver sido a residencia da rainha viuva, já fallecida, Adelaide de Inglaterra, do principe de Leuchtenberg, tambem já fallecido, e da actual joven imperatriz de Austria.

No Funchal (e na ilha) ha sempre grande numero de estrangeiros, sendo geralmente os mais ricos os negociantes inglezes e escocezes protestantes, e alguns irlandezes catholicos.

Por isso abundam as casas commerciaes, e quando ali passámos, as mais notaveis eram, segundo nos informaram, 33 portuguezas, 26 inglezas, 4 americanas, 1 hamburgueza e 1 suissa.

A cidade, alem d'isto, tem muitas e aceiadas lojas de diversos generos e outros estabelecimentos mercantis, excellentemente sortidos, nos quaes se encontra tudo quanto deve esperar-se ou póde exigir-se em uma povoação maritima da importancia e categoria do Funchal.

Aos dias de mercado é que melhor póde avaliar-se da animação e valor do seu movimento commercial; e uma das cousas que mais devéras nos aprazia era observar, n'esses dias, a chegada ás praias da formosa capital da Madeira das frotas de pequenas embarcações, vindas das costas da ilha, carregadas de ricos productos, e ver os barqueiros meios nus, mettidos na agua a empurrarem para terra as barquetas, d'onde depois arrastam tudo que é de maior peso, como, por exemplo, pipas de vinho, em cima de uma especie de zorras puxadas por bois.

Apesar do vinho ser a principal fonte de riqueza da Madeira antes da molestia das vinhas, os habitantes não deixavam de obter tambem bons meios de subsistencia das rendas das suas casas e quintas, pelo costume que ali ha de as alugarem, por preços assás elevados, a familias estrangeiras, especialmente inglezas, que em grande numero concorrem á ilha da Madeira, attrahidas da fama de sua salubridade, proverbial em todo o mundo.

Pareceu-nos curioso juntar n'este logar a lista tão completa, circumstanciada e exacta quanto em nossos meios coube, das quintas e casas mobiladas que ha ordinariamente sempre promptas para alugar na cidade do Funchal e no campo por tempo determinado.

Propriedades	Donos	Altura em pés acima do nivel do mar
(Por 50 soberanos)		
Angustias	F. A. da Silva	77
Portas Novas	A. J. de Sousa	86
Santo Antonio	F. Wilkinson	642
Santa Luzia	Herdeiros de J. Rufino	254
Valle Formoso	Mestre Francisco	394
(De 50 a 75 soberanos)		
Angustias	A. G. Camacho	164
Caminho do Monte	J. A. da Silva Carvalho	735
Caminho Novo	F. S. Pereira	165
Caminho da Torrinha	R. Fonseca	429
Casa Branca	A. Sarsfield	238
Consolação	R. da Costa	516
Ilhéus de Cima	F. A. Pestana	239
Nora	J. S. de Gouveia	126
Pombal	Senhora Araujo	172
Pombal	H. de Ornellas	145
Valle (Caminho do Monte)	L. Sant'Anna	311
Valle (Caminho do Monte)	A. P. Cunha	323
(De 75 a 100 soberanos)		
Achada	P. J. Monteiro	428
Caminho do Meio	A. Ferreira	146
Caminho do Meio	J. C. Jardim	200
Caminho de Santa Luzia Velha	M. Figueira	289
Caminho da Torrinha	F. de Andrade	262
Nora Pequena	J. J. da Camara	120
Pontinha	W. Grant	18
Quinta de Ambrosio	A. Ferreira	332
Quinta das Rosas (Portas Novas)	G. Soares	89
Rose Cottage (Caminho do Til)	A. Rebello	241
Rua da Bella Vista (Carreira)	F. R. de Gouveia	97

Propriedades	Donos	Altura em pés acima do nivel do mar
Soccorro	Conego Sá	61
Travessa das Angustias	J. Johnson	142
(De 100 a 125 soberanos)		
Bella Vista	J. Murteiras	155
Boa Vista (Caminho do Meio)	F. Jurino	385
Caminho do Meio	A. P. Cunha	202
Caminho Novo	F. L. Pereira	188
Caminho da Torrinha	F. de Andrade	304
Ilhéus	J. Payne	120
Ilhéus	J. U. Fernandes	123
Ilhéus	W. Newton	119
Levada	F. P. da Veiga	494
Pinheiros	T. da Camara	498
Saltos	J. F. Nunes	494
Santa Luzia (Caminho do Monte)	J. H. dos Santos	262
Tangerina (Valle debaixo)	A. José	277
Valle	J. F. dos Santos	347
Valle Formoso	Morgado Vellosa	281
Valle do Meio	J. J. R. de Oliveira	298
(De 125 a 150 soberanos)		
Bella Vista (Ilhéus)	W. Newton	158
Caminho do Monte	S. Leal	292
Caminho da Torrinha	D. A. da Costa	284
Ilhéus	J. A. Bianchi	112
Ilhéus	Morgado J. F. Florença	119
Quinta dos Saltos	C. A. Pimenta	384
Valle	C. J. F. Abreu	338
(De 150 a 200 soberanos)		
Ambrosio Alto	A. Ferreira	368
Cabouqueiro	F. da Silva	141
Caminho do Palheiro	F. Bianchi	369
Caminho da Torrinha	J. Payne	292
Caminho da Torrinha	R. Wallas	280
Caminho da Torrinha	V. C. de Freitas	196
Ilhéus de Cima	J. Payne	269
(Para cima de 200 soberanos)		
Ilhéus	J. A. Bianchi	233
Santa Luzia Velha	G. Stoddart	245

Devemos observar que nos consta que todos estes preços são sujeitos a altas e baixas, segundo a grande ou pequena concorrencia dos visitantes.

Alem das mencionadas quintas e casas mobiladas, promptas para arrendar, havia no Funchal talvez mais de dezesete hospedarias, hoteis, etc., sendo os melhores que vimos o *hotel europeu* e o *hotel de familias;* recommendâmos muito aos viajantes os bellos banhos d'aquelle estabelecimento, bem como os de agua doce, do mar, frios, quentes, de vapor, etc., da senhora Wilkinson, na rua da Amoreira.

Na Madeira ha tambem um numeroso corpo consular, que, segundo as estatisticas officiaes, é o seguinte:

Paizes	Graduação
Austria	1 Consul
Belgica	1 Consul
Brazil	1 Vice-consul
Cidades hanseaticas	1 Vice-consul
Dinamarca	1 Consul
Estados pontificios	1 Vice-consul
Estados Unidos	1 Consul e 1 vice-consul
França	1 Vice-consul
Gran-Bretanha	1 Consul e 1 vice-consul
Grecia	1 Consul e 1 vice-consul
Hespanha	1 Vice-consul
Hollanda	1 Vice-consul
Italia	1 Consul e 1 vice-consul
Nova Granada	1 Consul
Perú	1 Consul
Prussia	1 Consul
Russia	1 Vice-consul
Suecia e Noruega	1 Vice-consul
Turquia	1 Vice-consul
Uruguay	1 Consul e 1 vice-consul

Não é para admirar um tão grande corpo consular, porquanto, pela situação particular da ilha, muitos navios mercantes e de guerra tocam ali, á ida e á volta, de distantes portos, sem fallar dos que se empregam exclusivamente no commercio com o Funchal.

Acham-se pois na ilha da Madeira representadas mui convenientemente, por 11 consules e 13 vice-consules, as principaes nações da Europa e algumas da America.

Segundo as estatisticas officiaes, o movimento no porto do Funchal em 1854, 1855 e 1856 foi o seguinte:

	Navios entrados	Toneladas	Tripulações	Navios saídos	Toneladas	Tripulações
1854						
De véla	188	29:639	1:883	190	30:689	1:927
A vapor	24	22:346	1:694	24	22:547	1:618
	212	51:985	3:577	214	53:236	3:545
1855						
De véla	158	26:930	1:650	155	25:633	1:608
A vapor	42	29:542	2:172	29	30:420	2:225
	200	56:472	3:822	184	56:053	3:833
1856						
De véla	136	27:391	1:543	135	26:276	1:490
A vapor	51	46:034	3:227	61	34:777	2:885
	187	73:425	4:770	196	61:053	4:375

Por outro trabalho estatistico que tivemos presente, o numero das embarcações entradas no porto do Funchal foi, em 1855, o constante do seguinte quadro:

	Numero de navios de guerra	Peças	Numero de navios mercantes	Toneladas
Americanos	5	129	10	2:786
Brazileiros	-	-	3	1:900
Bremezes	-	-	1	199
Dinamarquezes	1	16	-	-
Francezes	7	33	4	879
Hamburguezes	-	-	2	168
Hanoverianos	-	-	2	143
Hespanhoes	2	6	3	422
Hollandezes	2	56	1	477
Inglezes	13	238	117	56:699
Italianos	-	-	1	217
Portuguezes	1	4	80	19:409
	31	482	224	83:299

Finalmente, em outro documento que obtivemos e abaixo inserimos, do movimento do porto do Funchal nos annos de 1841 a 1855, encontra-se notavel variante com relação ao ultimo anno, dando-se como entrados 282 navios (incluindo 30 de guerra); a saber:

Annos	Navios de guerra	Navios mercantes	Total
1841	54	295	349
1842	70	296	366
1843	62	302	364
1844	57	320	377
1845	85	237	322
1846	73	334	407
1847	86	320	406
1848	74	287	361
1849	58	279	337
1850	75	277	352
1851	56	318	374
1852	87	278	365
1853	79	332	411
1854	43	297	340
1855	30	252	282

As differenças que se observam n'estes e outros mappas, comparados entre si, revelam quanto se tem descurado o estudo da estatistica, e demonstram eloquentemente a necessidade e urgencia de olhar seriamente para esta tão importante parte da publica administração. A recente creação da repartição central de estatistica no ministerio das obras publicas foi o primeiro passo para a tão appetecida reforma d'este ramo da sciencia administrativa em Portugal; a nomeação do illustre viajante o sr. Carlos José Caldeira para chefe d'aquella repartição, e do muito intelligente e laborioso escriptor o sr. José de Torres para sub-chefe, é de certo uma preciosa garantia; mas não basta: é mister que quanto antes se lhes proporcionem meios abundantes e adequados, e se trate

por todos os modos de organisar a nossa estatistica official sobre bases solidas e racionaes, aproveitando quanto seja possivel os elementos que porventura se hajam até hoje preparado.

Damos em seguida tambem um pequeno quadro, extrahido da excellente obra, coordenada na repartição das contribuições indirectas do ministerio da fazenda, e que se intitula *Mappas geraes do commercio de Portugal com as suas possessões ultramarinas e as nações estrangeiras durante o anno civil de* 1856 (impressa nitidamente em 1861), indicando por classes da pauta das alfandegas o valor das mercadorias despachadas para consumo, exportação e reexportação na ilha da Madeira durante o anno de 1856:

Classes	Consumo	Exportação	Reexportação
1.ª..........	84:563$300	-$-	-$-
2.ª..........	320$800	20$000	-$-
3.ª..........	9:931$400	214:617$000	3:232$200
4.ª..........	1:398$600	417$900	20$000
5.ª..........	147:479$000	759$400	13:640$500
6.ª..........	54:942$900	22$100	205$700
7.ª..........	6:171$500	3:043$200	557$200
8.ª..........	22:669$700	88$000	-$-
9.ª..........	6:500$600	-$-	91$700
10.ª..........	6:849$700	-$-	73$800
11.ª..........	9:295$700	1:083$000	5:645$000
12.ª..........	51:601$100	3:528$500	1:894$000
13.ª..........	93:564$400	60:336$000	9$000
14.ª..........	1:970$600	-$-	-$-
15.ª..........	6:364$600	1:303$000	61$500
16.ª..........	5:891$300	210$000	138$600
17.ª..........	681$600	-$-	-$-
18.ª..........	1:769$800	4:979$600	4$000
19.ª..........	13:206$500	8:033$000	326$600
	525:214$600	298:440$700	25:899$800

O genero que mais avultava no commercio da Madeira era o seu precioso e justamente afamado vinho. Pelo seguinte pe-

dega do Funchal nos quatorze annos economicos de 1848–1849 a 1861–1862:

Annos	Rendimento
1848–1849	87:421$313
1849–1850	101:612$630
1850–1851	96:523$060
1851–1852	101:746$184
1852–1853	88:797$520
1853–1854	75:044$491
1854–1855	60:139$184
1855–1856	69:351$162
1856–1857	77:745$832
1857–1858	75:308$020
1858–1859	72:569$217
1859–1860	73:853$180
1860–1861	80:961$616
1861–1862	87:842$799

Relativamente a população, é innegavel que tem havido diminuição nos ultimos annos, em consequencia das repetidas emigrações para o Brazil, Demerara e Indias occidentaes, etc.

O quadro estatistico que segue, no qual se indica a população da ilha em differentes periodos, antes e depois da molestia das vinhas, demonstra-o evidentemente.

Annos	Habitantes
1768	63:913
1813	90:916
1823	98:000
1835	115:446
1849	110:084
1855	101:588
1861	101:420

Em obsequio aos que se dedicam a este genero de estudos apresentâmos o quadro desenvolvido da população em 1855, no qual é comtudo muito para sentir que não podessem ser preenchidas as indicações respectivas aos nascimentos, obitos

Concelho	Freguezia		
Funchal	[illegible]	813	2:917
	S. Pedro	1:266	5:386
	Nossa Senhora do Monte	522	2:154
	S. Gonçalo	460	2:696
	Santo Antonio	989	4:041
	S. Martinho	713	2:621
	S. Roque	410	1:720
Machico	**Agua de Pena**	75	302
	Caniçal	36	139
	Machico (villa)	827	3:286
	Porto da Cruz	658	2:749
	Santo Antonio da Serra	107	470
Ponta do Sol	**Canhas**	747	2:913
	Magdalena	143	663
	Ponta do Sol (villa)	1:065	4:372
	Ribeira Brava (villa)	739	3:071
	Serra de Agua	305	1:334
	Tábua	426	1:895
Porto Moniz	Achadas da Cruz	88	322
	Ponta do Pargo	458	1:913
	Porto Moniz (villa)	477	1:714
	Ribeira da Janella	136	526
	Seixal	220	828
S. Vicente	Boa Ventura	516	2:004
	Ponta Delgada (villa)	271	1:059
	S. Vicente (villa)	952	4:025
Sant'Anna	Arco de S. Jorge	135	517
	Faial	465	1:616
	S. Jorge	537	2:069
	S. Roque	115	412
	Sant'Anna (villa)	601	2:476
Santa Cruz	Camacha	356	1:546
	Caniço	433	2:067
	Gaula	330	1:035
	Santa Cruz (villa)	84	368
	Santo Antonio da Serra	595	2:681
	Agua de Pena	[illegible]	[illegible]

Daremos igualmente como complemento ao mappa acima, a seguinte nota do movimento da população existente no districto administrativo do Funchal em 31 de dezembro de 1861:

Concelhos	Casamentos	Nascimentos				Obitos	
		Legitimos		Illegitimos			
		Varões	Femeas	Varões	Femeas	Varões	Femeas
Funchal.........	217	492	455	101	103	238	234
Santa Cruz......	61	162	183	-	-	59	45
Machico.........	66	157	171	15	6	50	59
Sant'Anna.......	66	132	119	21	25	88	107
S. Vicente........	80	140	146	33	33	63	61
Porto Moniz......	47	102	98	16	11	38	47
Calheta..........	92	208	183	7	10	90	123
Ponta do Sol.....	81	287	277	42	37	152	151
Camara de Lobos	66	220	177	19	21	87	87
Porto Santo......	14	36	5	42	5	30	25
	790	1:936	1:814	296	251	895	939

Uma vez que fallámos dos nascimentos illegitimos, apresentaremos o seguinte mappa dos expostos d'este districto no anno de 1861, extrahido tambem das estatisticas officiaes:

Concelhos	Existentes em 1 de janeiro de 1861		Acrescidos		Fallecidos		Entregues		Existentes em 31 de dezembro de 1861		Despeza annual [1]
	Varões	Femeas	Varões	Femeas	Varões	Femeas	Varões	Femeas	Varões	Femeas	
Funchal.........	248	226	57	60	19	14	38	35	248	237	5:961$130
Santa Cruz......	6	5		5	1	1	-	-	6	9	150$540
Machico.........	9	11	5	-	1	-	4	1	9	10	257$955
Sant'Anna.......	4	5	2	1	2	-	1	1	3	5	98$655
S.Vicente........	4	7	2	3	-	-	-	-	6	10	175$120
Porto Moniz.....	5	6	5	2	2	1	1	-	9	5	165$685
Calheta.........	9	12	2	5	1	-	-	2	10	15	340$215
Ponta do Sol.....	23	27	6	8	2	6	9	4	24	25	759$235
Camara do Lobos	8	6	2	5	1	2	2	2	7	7	160$655
Porto Santo......	-	2		2	1	2	-	-	-	2	46$760
	316	307	83	91	30	26	55	45	322	325	8:085$950

[1] O salario mensal de cada ama, quer de leite, quer de secco, na Madeira é 1$000 réis, e no Porto Santo 1$500 réis.

... e correntes contrarias i
rto do Machico na Madeira, aonde desembarc
sim os primeiros descobridores da ilha.

Acrescenta a mesma lenda que tres dias depoi
vento, desapparecêra do porto o navio que o
le morrêra de dor a joven ingleza, não lhe s
uitos dias o seu inconsolavel amante, depois d
pultados pelos companheiros, trataram estes d
vamente na lancha do navio que casualmente
le havendo finalmente juntado os poucos provi
deram colher, tentaram assim fortuna, expondo
s ondas, aportando felizmente á costa de Marro
nda que encontraram entre os christãos captivos
amado João de Morales, o qual sabendo por elle
rta da Madeira, e havendo sido posteriormente
iu a Portugal e communicou tudo a João Gonçal
ando este justamente estava a saír de Lisboa e
nho da commissão que o infante D. Henrique
gára.

O que é verdade, é que ainda se mostra no Ma
uz, a qual, segundo dizem, indica o logar em que
ltados aquelles dois romanticos descobridores
adeira, Anna de Arfet e Roberto Machin, tendo-
igido ali uma capella commemorativa, hoje em
ina.

cipe, que tinha por empreza justificar o glorioso moto *Talent de bien faire.*

Com effeito depois que o mesmo principe estabeleceu em Sagres, no Algarve, o primeiro observatorio e academia naval a que a nação, sem duvida, deve as famosas conquistas e descobertas que assombraram depois o mundo todo, descobriu-se primeiramente em 1418, a ilha de Porto Santo, sendo este descobrimento seguido logo pelo da ilha da Madeira em 1419, por João Gonçalves Zargo e Tristão Vaz Teixeira, que lhe deu aquelle nome em consequencia do muito arvoredo que n'ella havia.

Diz-se mesmo que as matas eram tão densas, que tendo-lhe pegado fogo arderam sem parar durante sete annos.

Um manuscripto antigo descreve do modo seguinte aquelle *bosque impenetravel* que se patenteou á vista dos primeiros descobridores portuguezes.

«Uma vegetação verdadeiramente maravilhosa cobria a ilha com plantas indigenas e infructiferas, pela maior parte desconhecidas na Europa, elevando-se a uma altura prodigiosa o antigo e magestoso cedro, o loureiro, o til, o vinhatico, o azevinho, o aderno, o teixo, o pau branco e o dragoeiro misturado aqui e acolá com lindos arbustos do folhado, da faia, da urze, da murta e da uveira, formando assim um continuo *bosque impenetravel.*

«A parte mais cerrada era tapetada por varias e innumeraveis plantas, algumas odoriferas e outras cheias de flor, mesclando-se o medronheiro com a relva, o feto, o musgo e o agarico; e erguendo-se no centro a silva, a era, o alegra campo e outras plantas trepadeiras sempre verdejantes, que entrelaçavam os seus festões de ramo em ramo e davam uma agradavel sombra a uma formosa terra toda revestida de vegetação e rebentando em innumeraveis nascentes da agua a mais pura e saudavel. Não havia nenhum quadrupede de qualquer especie, e a custo se encontrava algum animal amphibio; mas sobre estas silenciosas solidões voavam a uma altura immensa diversas aves de rapina, e dez differentes es-

pecies de passaros de canto faziam resoar a sua meiga melodia, assim como nos altos rochedos de origem vulcanica que bordavam o litoral se viam os ninhos de algumas qualidades de aves aquaticas, mostrando a natureza tambem a sua abundancia na familia dos insectos.»

Depois de arderem aquelles *bosques impenetraveis*, ordenou o sabio infante que se plantasse na ilha a canna de assucar, que para ali foi transportada da Sicilia, e a vinha que produz a *malvasia*, que foi levada da ilha de Candia.

Tal parece ter sido a origem das vinhas na Madeira, de que depois se tiraram tambem bacellos em grande quantidade para o Cabo da Boa Esperança, onde alem dos seus famosos vinhos chamados de Frontignac e Pontac, do celebre sitio de Constancia (nossa residencia na antiga fazenda hollandeza de Harmas-Kraal em Deep-River), fomos achar igualmente o optimo *Cape Madere* (ou Madeira do Cabo), assim como encontrámos o *Cape Sherry* (ou Xerez do Cabo) e tantos outros vinhos preciosos.

Havendo-se demorado o nosso navio no porto do Funchal mais tempo do que primeiro se calculára, tivemos occasião de assistir a um sarau da mais bella, amavel e polida sociedade da Madeira.

Dansou-se muito, cantaram quasi todas as senhoras em varias linguas, tal é o esmero da educação na ilha da Madeira; jogou-se tambem, e emfim passou-se a noite muito agradavelmente.

Gostámos muito de ver a brilhante profusão de flores artificiaes, capazes de enganar uma borboleta, que nos disseram ser obra de uma das senhoras da familia que fôra premiada na exposição de Londres.

Notámos que os madeirenses, em geral, são muito habeis em fazer flores artificiaes, quer de pennas, quer de cera; em fabricar objectos de palha ou mesmo de canna, de muito gosto e curiosidade, e em fazer renda de muito apreço.

Nem só bons artistas se encontram na ilha, poisque a Ma-

deira tambem é patria de auctores, doutores, estadistas, guerreiros e poetas muito notaveis, taes como:

Affonso da Costa ou fr. Affonso da Ilha, nome por que é mais conhecido, profundo theologo, auctor do *Thesouro de virtudes*, obra que foi traduzida em varias linguas.

Antonio Aluizio Jervis de Athoguia, depois visconde de Athoguia, par do reino, ministro dos negocios estrangeiros, da marinha e ultramar, coronel de engenheiros, director da escola polytechnica, conselheiro do tribunal de contas, bacharel em mathematica, etc., etc.

Antonio Velloso de Lyra, conego da sé do Funchal, auctor do *Espelho de lusitanos*.

Balthasar Dias, poeta comico, auctor de diversas comedias e autos que ha quem diga não desacreditariam Gil Vicente.

Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, excellente poeta, auctor da *Georgeida*, e do poema a *Zargueida ou o descobrimento da ilha da Madeira*.

João Antonio Monteiro Teixeira, eximio poeta satyrico, principalmente conhecido pelas suas poesias elegantemente escriptas na lingua franceza.

João Fernandes Vieira, denominado Castrioto Lusitano, que expulsou de Pernambuco os hollandezes.

José Ferreira Pestana, doutor em mathematica, que foi reitor da universidade de Coimbra, governador do estado da India, vice-presidente do conselho ultramarino, ministro d'estado, deputado ás côrtes, etc.

Lourenço José Moniz, doutor em medicina, que foi presidente da camara dos deputados e commissario da commissão mixta luso-britannica no Cabo da Boa Esperança.

Luiz Gonçalves da Camara, jesuita de grande saber e influencia em tempos de el-rei D. Sebastião, de quem foi preceptor e valido.

Luiz Vicente de Affonseca, doutor em medicina, orador distincto no parlamento e escriptor publico.

Manuel Caetano Pimenta de Aguiar, auctor de algumas tragedias originaes de bastante merecimento.

Paulo Perestrello da Camara, auctor da ***Descripção geral de Lisboa*** e de outras obras.

Por occasião do sarau de que fallámos taes cousas ouvimos ácerca de um tunnel que ha na ilha, que ajustámos com algumas pessoas ir ver, como fomos no dia seguinte, aquella magnifica obra, que conduz a agua da Ribeira da Janella, na extremidade O. da ilha, para o S. da Madeira, onde havia falta.

Com effeito, esta obra, que imaginou e ordenou o nosso grande Mousinho de Albuquerque, de respeitavel e saudosa recordação, é de uma magnitude tal, que o celebre dr. Macaulay, n'um dos seus acreditados artigos, publicado no ***Atheneum,*** diz: «É uma obra portentosa, que faria honra a qualquer nação e em qualquer seculo».

O que porém ali ha de mais notavel é o sitio pittoresco onde correm as aguas do Rabaçal.

O viajante que chega á cumeada do monte denominado das Levadinhas, cujas vertentes dão origem pelo lado do S. á ribeira da Janella, descobre uma agradavel paizagem que lhe captiva a attenção, pelas numerosas e profundas ravinas que vão affluir á referida ribeira, pelo cerrado e frondoso bosque de loureiros, tis, adernos e outras arvores indigenas que revestem os contrafortes das cordilheiras de montanhas que de L. a O. constituem esta ilha, pelo risonho aspecto da pequena aldeia que graciosamente se levanta a meia encosta da montanha, projectando a alvura de seus tugurios em verdejante tapete de folhagem, e finalmente pelo remanso silencioso, só interrompido pelo longiquo murmurio das aguas correntes.

Descendo o monte das Levadinhas por um caminho traçado em zig-zague, depressa se chegam a tocar as pittorescas margens de um pequeno ribeiro, que uma ponte-aqueducto deixa transpor quasi na sua origem. Subindo na vertente opposta por uma commoda vereda, em poucos momentos se dá entrada na aldeiasinha das Rossadas, ou antes do Rabaçal, nome que domina tudo quanto diz respeito áquella grande obra.

O grupo de casas a que damos o pomposo titulo de aldeia, compunha-se em principio apenas de um pequeno numero

de vistosas cabanas, aonde se abrigavam os fiscaes, operarios e trabalhadores do canal de irrigação; mais tarde edificaram-se duas casas de rustica elegancia, destinadas ao engenheiro director d'aquella importante obra e aos numerosos visitantes que ali concorrem todos os annos, principalmente no verão. Aproveitando as regalias concedidas por esta benefica e providente disposição, ahi descansámos um pouco, saboreando uma appetitosa refeição, que ainda melhor nos dispoz para gosarmos as promettidas maravilhas da quéda da agua e mais bellezas campestres, que enthusiasticamente nos annunciavam os nossos guias.

Armados dos nossos bordões de viagem descemos a curta, mas ingreme vertente que conduz ao excellente caminho marginal da *levada*, e marchando para a sua origem por entre frondoso arvoredo, começámos a admirar as lindas cascatas, que nascendo a grande altura da fragosa e verdejante montanha, correndo em grossos borbotões e formando variadas cachoeiras transpõem o caminho, e pela esquerda d'este vão em queixosos murmurios de quéda em quéda até escura profundidade sumir-se na caudalosa ribeira da Janella.

Tendo percorrido alguns centenares de metros por este delicioso caminho que contorna as sinuosidades da montanha, pouco a pouco é o viajante attrahido pelo crescente estrondo de uma forte quéda de agua; e ao vencer uma das voltas da graciosa vereda, suspende os passos e fica estatico e verdadeiramente surprehendido ao contemplar o admiravel quadro que a natureza lhe apresenta!

Estamos na origem da levada do Rabaçal cerca de 1:000 metros sobre o nivel do mar; este sitio denomina-se o *Risco*, nome que lhe provém provavelmente do risco que correram os primeiros operarios que trabalharam na abertura do canal de irrigação. O accidentado do terreno n'esta parte da ilha constitue uma das mais magestosas perspectivas que é possivel imaginar em terrenos de formação vulcanica.

Figure o leitor que se acha em um estreito caminho a meia encosta de alta e aprumada montanha, que tendo-se fendido

deu origem a uma profundissima e apertada ravina, que correntes impetuosas em seculos remotos mais profundaram e alargaram, procurando saída para o oceano.

Olhando para cima comprime-se o coração ao observar as altas paredes de rocha quasi perpendiculares, que occultando por vezes a sua crista entre as nuvens parecem ameaçar o viajante curioso, por se atrever a devassar os mysterios d'aquella solidão.

Debruçando-se á borda do caminho, avistaria o leitor a continuação de alcantilada vertente coberta de vegetação, deixando ver a custo em fundo abysmo a prateada corrente de limpidas aguas, e ao lado e mui proximamente a vertente opposta em tudo symetrica com a primeira.

Em frente, e propriamente na origem da ribeira, convergem as duas paredes da ravina, e do alto da sua juncção, a uns 70 metros do logar em que se acha o observador, precipita-se de vasto deposito invisivel uma volumosa corrente de agua crystallina.

Esta pesada massa de agua, caíndo sem obstaculo de 133 metros de alto sobre a rocha que forma o pavimento da ribeira da Janella em sua origem, tem aberto pela continuação do tempo na mesma rocha um poço de 11 metros de diametro e 12 de profundidade, cujas aguas transbordando alimentam a referida ribeira.

Tanto no inverno como nos primeiros mezes antes da estiagem a torrente é tão forte que constitue uma verdadeira cataracta, podendo mesmo passar-se impunemente por baixo de uma curva de projecção, na altura em que o caminho está traçado.

O formidavel estrondo da cataracta, que mal permitte ouvir o que se diz gritando; a extrema frescura que na força do verão se gosa em tão aprazivel sitio; o extenso lençol de agua crystallina, que por mil reflexos seduz a vista; a grande elevação das montanhas aprumadas e tão proximas na sua juncção que parecem tender a esmagar o atrevido observador; a viçosa vegetação que cobre estas vertentes desde a crista até

ao sopé; tudo concorre para que o viajante, contemplando este maravilhoso quadro, fique arrebatado e surprezo!

Para complemento de tão pittoresca perspectiva, vem algumas vezes juntar-se a decomposição dos raios solares como em formoso iris ao atravessarem a densa nevoa que ordinariamente paira sobre a cumeada d'esta elevada serrania.

Temos viajado muito e por differentes paizes, mas nunca observámos quadro tão digno da contemplação do observador illustrado.

Diremos agora duas palavras ácerca da importante obra da levada para irrigação dos terrenos ao S. da ilha.

As abundantes aguas que n'este sitio se despenhavam de tão grande altura sobre a ribeira da Janella, engrossando em sua corrente com varios affluentes, íam perder-se no mar; e emquanto um tão famoso manancial se escondia no oceano como humilhado pelo desprezo a que durante seculos havia sido votado, a alguns kilometros de distancia e em nivel inferior deixavam de ser cultivados extensos terrenos por falta das indispensaveis regas.

Foi no principio do seculo XVII, ao que parece sob o reinado de Filippe II, que primeiramente se concebeu a idéa de converter em utilidade publica esta preciosidade perdida. Para tal effeito começou-se um ducto ou levada junto ao poço, praticado na origem da ribeira da Janella pela quéda das aguas do Risco, que seguindo com a conveniente inclinação pelo contorno da montanha, e tendo percorrido cerca de 1:800 metros ía entrar em um tunnel destinado a romper o monte denominado das Levadinhas, para depois irrigar ao S. do referido monte os extensos terrenos destinados a receber tão proveitoso beneficio.

D'esta obra restam vestigios bem pronunciados, tanto na levada aberta em rocha, como no tunnel que chegaram a perfurar do lado do N. na extensão de 40 metros.

A fama d'aquellas aguas e a esterilidade dos terrenos de uma grande parte das freguezias do S. e O. da ilha levaram o illustre Mousinho de Albuquerque, quando prefeito da Ma-

deira em 1835, a explorar as indicadas fontes e a estudar o modo mais conveniente de passar aquellas aguas para o S. da cordilheira.

Procedendo aos estudos necessarios projectou receber as aguas em um ducto aberto na rocha a 70 metros proximamente acima do poço do Risco, começando assim o canal de irrigação por uma vistosa galeria, cortada arrojadamente por entre bazalto rijo, percorrendo em seguida em ducto descoberto o contorno dos montes até entrar n'um tunnel praticado através do monte das Estrebarias, que se acha cerca de 6 kilometros distante da origem do canal.

Em 1836 começou a execução d'esta obra, sendo commettida a sua direcção a Vicente de Paula Teixeira, então director de obras publicas na Madeira.

Suspendendo-se por varias vezes os trabalhos e recomeçando-se em differentes epochas sob a direcção successiva dos engenheiros Manuel José Julio Guerra, Tiberio Augusto Blanc, Antonio Rogerio Gramicho Couceiro e Domingos Alberto da Cunha, foi esta notavel obra recentemente concluida, levando a final as desejadas regas ás freguezias do Estreito, Prazeres e Fajã da Ovelha.

A levada tem em geral $0^{m},6$ de largo por $0^{m},5$ de alto, sendo em principio mui difficil e perigosa a sua abertura, porquanto os operarios só podiam trabalhar suspensos em compridas cordas presas na crista da gigantesca rocha, pairando assim sobre o abysmo!!

A extensão do tunnel é de cerca de 400 metros, sendo a sua secção em principio e nos dois extremos de 4 metros de largo sobre $4^{m},5$ de alto e diminuindo para o centro, aonde a secção regula por $2^{m},2$ de largo por 3 metros de alto.

A levada continua a descoberto ao S. do monte das Estrebarias e na extensão de 15 a 16 kilometros.

A galeria subterranea é aberta alternadamente em conglomerado, bazalto compacto e tufo.

Em 1850 procedeu o major de engenheria Tiberio Augusto Blanc á exploração de novas fontes nas proximidades do Ra-

baçal, reconhecendo a existencia de bons mananciaes na ribeira dos Cedros, Lombo Entre as Aguas, Fanal e outros sitios; e como estas fontes brotassem em nivel inferior á levada então em construcção, perdendo-se mesmo por igual rasão grande parte das aguas do Risco, formou por isso o projecto de reúnir estas aguas, mais volumosas do que as já aproveitadas, em uma nova levada aberta cerca de 70 metros abaixo da primeira, e correspondendo a um novo tunnel de perto de 800 metros de extensão.

Esta obra, que deverá ser de um grande proveito para varias freguezias dos concelhos da Calheta e Porto Moniz, chegou a começar-se em 1851 sob a direcção do mesmo major Blanc, a quem, alem d'este serviço, devem os habitantes da Madeira a construcção de muitas obras importantes effectuadas durante o longo periodo da sua direcção de obras publicas n'aquella ilha.

Continuou a trabalhar-se na alludida obra durante o anno de 1852, tendo-se perfurado o tunnel em grande extensão.

Presentemente trata-se de ultimar esta obra, que deverá ser mais perfeita, de inferior custo e de maior alcance que a primeira d'este genero.

Voltando para o Funchal examinámos as vinhas e feitorias dos vinhos, cuja variedade é grande.

Citaremos o *cercial*, que é um vinho secco e forte, muito encorpado, de optimo sabor e delicadissimo aroma, que, segundo asseveram os entendedores, chega ao seu maior auge de perfeição depois de haver estado guardado na adega durante dezeseis annos.

A este vinho segue-se o chamado vulgarmente *Madeira*, que é produzido de muitas variedades de uvas todas juntas.

Depois temos o *boal*, talvez o mais generoso vinho do mundo.

A *malvasia*, cuja introducção já dissemos como teve logar, é outro vinho soberbo, que se encontra especialmente na Fazenda dos Padres, aindaque em pequena quantidade.

O chamado *tinta da Madeira* é uma especie de Borgonha combinado com o Porto superior.

Alem d'estes ha outros, bem entendido de qualidades mais inferiores.

Aindaque todos os vinhos da Madeira se resentiam muito da terrivel molestia das vinhas, chamada pelos botanicos *oidium tuckeri,* pareceram-me já em estado de darem esperança de que outra vez se poderá desenvolver na Madeira aquelle seu rico e antigo principal ramo de commercio.

A vindima tem ali geralmente logar em setembro no S. da ilha, e quinze dias ou tres semanas depois no N.

Informaram-nos que os ratos e lagartas fazem grandes estragos na uva, sendo a que escapa escolhida bem antes de pisada nos lagares; deitando-se n'aquelle mesmo dia o sumo, succo ou mosto da uva em barris pára assim ficar a fermentar durante quatro ou cinco semanas.

Extrahido o mosto do lagar deitam-lhe uma porção de agua, e fazem a chamada agua-pé tão estimada das classes mais baixas do povo.

Finalmente, quando o vinho cessa de fermentar mudam-no para outros barris, sendo então clarificado com varios ingredientes e aguardente fabricada dos vinhos mais inferiores da ilha, como são os do concelho de S. Vicente e os da ilha de Porto Santo.

As vinhas dão-se geralmente nos valles, e tambem pelas encostas e collinas das serras nos sitios pouco elevados.

Usam-se muito na Madeira latadas ou parreiras arruadas, trepando as vides pelas cannas, e cobrindo varandas, janellas e portadas, á maneira de toldo ou docel, formando em algumas partes bonitos arcos, aberturas ou especie de janellas entre cada uma das pilastras que sustentam aquella vistosa cobertura de pampanos e cachos de uvas.

O local que assim vimos mais bem disposto é uma linda casa e quinta, sitio usual dos que tomam banhos do mar, e que fica a 1 1/4 milha, pouco mais ou menos, distante do Funchal, n'uma formosa bahiasinha, com a frente ao S. e abrigada ou coberta com outeiros, alguns dos quaes tendo desabado de tempos a tempos formaram d'este modo aquelle socegado e aprazivel re-

tiro, onde os inglezes principalmente gostam muito de se ir recrear, não só porque em toda a ilha é este talvez o local mais adequado para banhos do mar; mas tambem porque da lindissima varanda da quinta coberta de parreiras se descobrem através os seus arcos ou especie de janellas os navios no ancoradouro e uma vista deliciosa.

Á medida que seguiamos o nosso caminho reconhecemos a instante necessidade da conservação e augmento da arborisação, para a segurança das terras, attracção de humidade, formação de fontes, e riqueza florestal do paiz; n'este sentido o actual governador civil fez incluir no orçamento do districto uma quantia como auxilio á sociedade agricola da ilha da Madeira, para compra de sementes, estabelecimento de viveiros, e pagamento a guardas florestaes, creação indispensavel para aquelle fim.

Durante o nosso transito gostámos muito de ver, por toda a parte, os bonitos *cottages* e *chateaux*, as pittorescas casas de campo, cercadas de lindas quintas ou hortas, povoadas de um grande numero de arvores fructiferas da Europa; o que, juntamente com as arvores e plantas dos tropicos, formava uma bella perspectiva.

Agradou-nos muito igualmente a extensa cultura da batata ingleza, a que chamam *semilha*, mas de que comtudo houve ali uma terrivel escassez em consequencia da molestia que lhe deu, e que fez quasi tanto mal á ilha como o que lhe resultou da molestia das vinhas.

A cultura do inhame, raiz farinacea de que o povo usa em substituição do pão, e que se assimilha a uma batata grande, aindaque mais doce ao paladar, é muito consideravel e importante.

Ouvimos que, entre todos os farinaceos, a ilha produzirá 200:000 sacos.

Os cereaes cultivados talvez não excedam a 5:000 moios, e por isso não chegam para o sustento dos habitantes senão, quando muito, durante uma quarta parte do anno.

A ilha tambem exporta algum café, que me parece ser su-

perior em aroma ao de Moka, sendo certo que na Madeira consomem o do Brazil para exportarem por maior preço o da ilha para Lisboa, Londres, etc. A urzella foi outr'ora objecto de grande especulação, e não se attendia menos á cultura da amoreira.

Quanto ao assucár, que hoje recomeça a ser um artigo valioso na ilha, foi tambem um negocio de bastante importancia, e tinha tal reputação, que se transplantaram cannas para S. Thomé e Brazil, sendo d'este modo que a provincia de S. Vicente (hoje de S. Paulo) n'aquelle imperio deu o primeiro impulso a esse vasto e lucrativo ramo de commercio que actualmente tem.

Se ainda porém não existem na Madeira os 120 ou 150 engenhos que ali chegou a haver, e que fabricavam annualmente mais de 600:000 arrobas de assucar, se nos regularmos pelos direitos que recebia a ordem de Christo, que com effeito cobrava 30:000 arrobas como equivalente ao quinto do rendimento a que tinha jus; podemos todavia nutrir as mais bem fundadas esperanças de ver abrir-se na Madeira outra vez esta fonte de riqueza.

Nos ultimos annos as auctoridades superiores da provincia têem-se em geral mostrado solicitas em promover o desenvolvimento da cultura da canna saccharina; e é força confessar que o actual governador civil, o conselheiro Januario Correia de Almeida, ha sido incansavel no mesmo generoso empenho, procurando por todos os modos estimular a actividade dos madeirenses, e fazendo publicar diversos artigos, e uma excellente exposição, de que, por nos parecer mui curiosa, extractámos os seguintes paragraphos:

«A reapparição da cultura da canna doce, que veiu até certo ponto substituir a das vinhas, quasi inteiramente destruidas, constitue hoje a principal fonte da riqueza agricola da Madeira (diz a referida exposição), e poderá de certo influir muito efficazmente na sua regeneração industrial, se forem empregados os meios conducentes a dar-lhe todo o desenvolvimento que ainda comporta, e a tirar d'ella a maior somma de vanta-

gens em beneficio commum, sendo este o unico meio que actualmente se offerece de restituir ao commercio d'esta ilha a vida e animação que lhe faltam.

«Da canna doce extrahem-se principalmente a aguardente e o assucar; mas, segundo todas as indicações da industria, é á fabricação d'este ultimo producto que importa dar preferencia.

«A aguardente, não obtendo regularmente preço que convide á exportação, é consumida quasi toda no paiz sem vantagem real do seu commercio, e sem concorrer para a sua prosperidade; antes pelo contrario deprecia o pouco vinho que ainda se colhe, deteriora a saude do povo, e corrompe os seus costumes.

«Taes inconvenientes desapparecerão quando o fabrico do assucar em maior escala vier a substituir o da aguardente. Sendo o assucar bem manufacturado, não póde haver receio de que este artigo de geral e extenso consumo deixe de conseguir bom preço, tanto no mercado interno, onde concorrerá livre de despezas de importação e de direitos fiscaes, como nos mercados do Europa, nos quaes pela sua qualidade, e por serem menores as despezas de transporte, ha de competir vantajosamente com o assucar de outras procedencias.

«Para que estas inducções venham a traduzir-se em um facto economico vantajoso para a Madeira, é condição indispensavel que, alem da boa qualidade do assucar, seja elle produzido pelo minimo preço, porque só assim deixará ao commercio interesses certos, interesses em que hão de partilhar, por uma consequencia necessaria, as classes de proprietarios, agricultores e fabricantes, as industrias accessorias, e em geral a população activa d'esta terra.

«Deduz-se do que fica exposto que se deve dar todo o cuidado ao desenvolvimento da cultura da canna doce com a intenção principalmente de fabricar assucar. É provavel que o proprio agricultor reconheça a verdade d'esta asserção; e postoque a industria tenha seguido até ao presente uma direcção differente, dando preferencia quasi exclusiva á fabri-

cação de aguardente, póde todavia explicar-se este facto, tanto pela facilidade que se proporcionou desde logo em obter este producto, como pelo incentivo do prompto consumo interno que lhe assegurava a falta de vinhos, e que posteriormente veiu manter-lhe a preparação de vinhos artificiaes, emquanto que a fabricação do assucar, cujos processos eram menos conhecidos e mais dispendiosos, tem sempre lutado com obstaculos procedentes de causas accidentaes, e principalmente da falta de capitaes para estabelecimento de boas fabricas, cujo numero, grandeza e situação estejam em proporção com a progressiva cultura da canna.

«N'estes termos, é de manifesta conveniencia que os proprietarios mais esclarecidos se reunam e associem para levarem a effeito o estabelecimento de fabricas de assucar nas localidades onde a cultura da canna é mais extensa ou possa vir a sê-lo no decurso do tempo.

«É possivel que nem todos os proprietarios, attento o estado decadente da riqueza do paiz, estejam em circumstancias de concorrer para tão uteis emprezas; mas para destruir esse obstaculo e supprir a deficiencia de recursos individuaes, ahi têem elles consignada, na lei de 12 de abril de 1858, a providente disposição que auctorisa o governo a contrahir um emprestimo até á quantia de 40:000$000 réis, com juro que não exceda a 7 por cento, para se fazerem adiantamentos aos proprietarios que quizerem comprar acções de qualquer companhia, que se organisar, com o fim de se estabelecer uma ou mais fabricas de assucar.»

Os resultados vão correspondendo aos esforços empregados. As plantações de canna doce têem de feito crescido consideravelmente, havendo varias fabricas de assucar movidas a vapor e outras por meio de rodas hydraulicas, e fabricando-se tambem muita aguardente. Na falta do vinho, que infelizmente continua a sentir-se pela continuação da doença da vinha, é este pois o ramo de commercio para que mais se tem voltado a attenção, e que já hoje é de bastante importancia.

Para se conhecer mais facilmente o movimento que se vae

notando na Madeira relativamente ao assucar, apresentaremos a seguinte nota do assucar de producção e manufactura na ilha, despachado por exportação no primeiro semestre de 1862:

Mezes	Porto do destino	Peso bruto — Kilogrammas
Março	S. Miguel	910,656
	Lisboa	10:771,924
Abril	S. Miguel	1:555,687
Maio	Villa Nova de Portimão	1:600,000
	S. Miguel	1:100,000
	Ilha de Santa Maria	60,000
	Lisboa	37:610,000
Junho	S. Miguel	4:388,000
	Lisboa	13:895,426
		71:891,693

A ilha emfim produz, segundo as localidades altas, centraes ou baixas, quasi todas as fructas das zonas torrida, temperada ou frigida.

Se nos reportarmos mais miudamente ás estatisticas officiaes da ultima data que obtivemos, as producções da ilha em 1853 foram as seguintes:

Amendoa — alqueires	24
Aveia — alqueires	130
Batata — alqueires	206:227
Castanha — alqueires	29:446
Centeio — alqueires	20:150
Cera — libras	507
Cevada — alqueires	67:306
Chicharo — alqueires	145
Ervilha — alqueires	1:238
Fava — alqueires	3:609
Feijão — alqueires	18:902
Grão de bico — alqueires	190
Inhame — alqueires	457:902
Lã — arrobas	664
Laranja — milheiros	3:821
Lentilha — alqueires	410
Limão — milheiros	1:415

Mel — libras	4:956
Milho — alqueires	31:195
Noz — alqueires	4:046
Tremoço — alqueires	750
Trigo — alqueires	209:789
Vinho — almudes	4:862

Pelo que respeita á producção da laranja que se aponta no mappa acima, parece-nos haver mui sensivel engano; pois quem poderá acreditar que a ilha da Madeira toda só produzisse em 1853, 3:821 milheiros de laranjas, quando sabemos que uma arvore só dá, ás vezes, annualmente 8 e 10 milheiros, como uma que havia na Ajuda (actualmente nossa residencia), á qual chamaremos por excellencia a rainha das laranjeiras.

É a ilha abundante de gados, aves e passaros de muitas especies, não havendo ali animaes ferozes, nem reptis venenosos, encontrando-se apenas, diz o naturalista Lowe, uma só qualidade de peixe de agua doce, e nos seus mares talvez mais de setenta especies de peixe.

O mesmo sabio afiança tambem que se encontram na Madeira differentes variedades de mariscos, setecentas e quarenta e tres differentes especies de plantas e muitos mineraes.

Durante as nossas digressões encontravamos frequentemente elegantes e leves palanquins com as suas vistosas cortinas e carregados aos hombros de dois robustos ilhéus, que íam como que soberbos de conduzirem a sua formosa carga, alguma d'aquellas doces filhas de Albion de olhos azues como o céu; mas desgraçadamente depressa passavamos da satisfação, ao contemplar aquellas bellezas, á tristeza e pena, sabendo que pela maior parte eram senhoras atacadas d'essa insidiosa e terrivel enfermidade, a tisica.

Como o maior numero de doentes que procuram a ilha são os que padecem d'esta molestia, devemos advertir que se fossem para a Madeira quando os medicos lh'o aconselham, isto é, antes que a doença se assenhoreasse d'elles inteiramente, pela maior parte se restabeleceriam completamente, porque

o clima da ilha é, sem duvida, por excellencia o torrão mais saudavel do globo, excepto quando a Providencia envia essa mysteriosa doença, a *cholera morbus,* que ha poucos annos ali ceifou tantas victimas: mas pelo que respeita a este flagello, podemos dizer como os sabios ao rei do Egypto: *N'isto anda a mão de Deus!!!*

Sendo inglezes, como dissemos, quasi todos os doentes que ali vão têem botica e medicos seus; mas tambem nós os temos portuguezes, de muito respeito e credito, taes como os doutores Antonio da Luz Pita, Juvenal Honorio de Ornellas, Pedro Julio Vieira e Francisco de Sá Camello Lampreia, que ha poucos annos deixou os bancos da universidade, e alguns outros cujos nomes omittimos.

Ha mesmo no Funchal uma escola medico-cirurgica.

Alem d'esta ha na Madeira um bom lyceu, e muitas escolas de instrucção primaria e secundaria, poisque o nosso governo tem manifestado ultimamente o mais louvavel e vivo empenho de fazer instruir a mocidade, estabelecendo muitas aulas publicas, notando-se felizmente igual influencia da parte dos particulares, que vão todos os dias tambem estabelecendo outras escolas.

As estatisticas mais modernas que a este respeito obtivemos referem-se ao anno lectivo de 1858–1859 e apresentam os resultados constantes do seguinte quadro:

	Escolas do estado				Escolas municipaes e particulares				Total	
	Cadeiras do sexo masculino	Cadeiras do sexo feminino	Alumnos do sexo masculino	Alumnos do sexo feminino	Cadeiras do sexo masculino	Cadeiras do sexo feminino	Alumnos do sexo masculino	Alumnos do sexo feminino	Cadeiras	Alumnos
Instrucção primaria	24	9	787	388	6	17	212	743	56	2:130
Instrucção secundaria	7	–	76	–	8	–	316	–	15	392
	31	9	863	388	14	17	528	743	71	2:522

As sete cadeiras de instrucção secundaria acima indicadas como pertencentes ao estado são todas do lyceu do Funchal.

Tambem ha um excellente seminario para educação dos que se destinam á vida ecclesiastica.

Alem d'isto encontram-se bons mestres particulares de inglez, francez, allemão, desenho, musica, dansa, etc.

Na vespera da nossa saída do Funchal fomos convidados para jantar com um amigo em companhia da sua joven e linda esposa, uma amavel hespanhola.

Tinha-a elle trazido á Madeira para ter o gosto de a apresentar á sua idosa mãe, a quem o nosso referido amigo não via, desde muitos annos, o que fazia agora, aproveitando a sua passagem por esta ilha, a caminho para Angola, para onde havia obtido um pequeno emprego.

Mal sabia elle a sorte que o esperava, porque vinte dias apenas depois da sua chegada á Africa, foi atacado de uma das febres violentas do paiz, e falleceu em poucas horas, deixando a sua joven e linda viuva, mãe de uma creança, que nascêra na vespera mesmo d'este triste acontecimento!

Com o auxilio de algumas pessoas bemfazejas, sobretudo o nosso muito prezado amigo, o illustrado ex-secretario do governo de Angola, Carlos Possollo de Sousa e a sua tão estimavel e caritativa familia, promoveu-se uma subscripção á triste viuva.

Alcançou-se-lhe passagem gratuita a bordo de um brigue do estado, sendo recommendada para Lisboa, d'onde se retirou com a filhinha para a sua patria e familia.

Esta dama era natural de Malaga e pertencia a uma familia distincta. Tinha apenas quatorze annos de idade, quando viu o nosso joven, que era um moço verdadeiramente bello, alto e robusto; empregava-se no contrabando nas costas do Algarve e Andaluzia, e era natural da ilha Terceira.

Enamoraram-se, e havendo uma forte opposição da parte dos paes da donzella, o nosso açoriano teve artes de a induzir a fugir com elle, conseguindo chegarem a um *cortijo* (monte ou casa de herdade) perto da fronteira de Portugal.

A familia da raptada, sabendo da direcção que levavam os fugitivos, mandou expressos de povoação em povoação, e desenvolveu uma perseguição energica contra elles.

Mas succedeu casualmente que o dono do cortijo onde pernoitaram os dois amantes era justamente a auctoridade rural d'aquelles sitios.

Qual seria pois o susto dos fugitivos quando *el señor alcalde*, chamando-os á sua presença, fumando a sua cigarrilha, e desembuçando-se da sua formidavel capa, lhes disse com a gravidade propria dos nossos vizinhos:

«Pelos signaes que recebi e por outras circumstancias mais, sei perfeitamente quem são *ustedes*.

Todavia acrescentou com bondade: «*Esperanza hasta la muerte*. Aindaque recebi ordens expressas para os capturar, quero valer-lhes; mas para isto se conseguir, e sem eu ser compromettido, é indispensavel continuar o esconderijo e haver segredo, até que eu encontre modo de poder effectuar a sua evasão para Portugal».

Com effeito, passados dois dias, e estando tudo disposto, a senhora, disfarçada de *muletero*, seguiu com o seu amante o seu caminho, e chegaram a salvo a Portugal; aqui se relacionou o enamorado mancebo com um lavrador importante da provincia, onde se refugiou e o serviu durante algum tempo, como seu agente ou procurador.

Pouco depois, como as damas não podessem evitar a influencia magnetica dos seus olhares, foi convidado por uma joven e formosa senhora para lhe dirigir os negocios da casa.

Mas, como era de esperar, a sua fiel hespanhola apenas teve noticia d'este emprego, não lhe agradando aquelle serviço do amante querido por quem fizera tão grandes sacrificios, teve influencia ainda bastante para alcançar que o joven deixasse aquella casa e senhora, e legitimasse os seus amores pelos sagrados vinculos do matrimonio.

Foi então que se retiraram para Lisboa, onde elle alcançou o emprego que causou a sua morte na costa de Africa.

O jantar para que fomos convidados por elle no Funchal,

teve logar em casa da idosa mãe do nosso dito amigo, e a comida foi inteiramente ao gosto inglez.

Cheios de satisfação ali passámos até á madrugada; mas é tempo de nos despedirmos da deliciosa Madeira, porque já se ouve o tiro de signal de estar o navio prestes a levantar ferro.

Apressámo-nos em correr para o cáes, e emquanto esperavamos ali o escaler succedeu-nos um caso com um garoto, que referiremos porque nos parece ter alguma pilheria.

Perguntando-lhe por brincadeira: «Queres vir comnosco?» respondeu-nos promptamente: «Não senhor.» «Então porque? replicámos nós, bem vês que vae muita gente boa comnosco.» «Bem sei, senhor, mas eu é que não fiz nada para que vá para lá tambem.»

Esta resposta fez-nos lembrar então que é para Angola e para outras terras do ultramar, que se costumam mandar degradados os facinorosos.

E fomos para bordo, saíndo logo depois do porto do Funchal o nosso navio a vapor.

Em breve perdemos de vista a ilha, passando a ultima dependencia do archipelago madeirense, as ilhas Selvagens, propriedade de um morgado que reside no Funchal, chamado João Teixeira Cabral de Noronha, a maior das quaes, de fórma quasi circular, tem de diametro só 1 $^{1}/_{2}$ legua quando muito, com um monte conico no centro. O seu solo é bom, e produziria muito se a immensidade de coelhos que ali ha não destruisse as colheitas. Comtudo é certo que já houve bastante gado nas suas pastagens, e só deixou de o haver desde que os piratas foram rouba-lo áquellas ilhotas.

A segunda d'estas em tamanho, está a cousa de 3 leguas de distancia da primeira, e tem perto de 1 legua de comprimento, com $^{1}/_{5}$ de largura.

Todas estas ilhas produzem muita urzella e barrilha, mas como têem cessado de dar para a despeza do apanho, hoje unicamente são visitadas (como as Desertas) pelos curiosos do divertimento da caça, em que são muito abundantes.

CAPITULO II

CANARIAS

Origem d'este nome — Denominação de cada uma das ilhas — Antigo meridiano — As Afortunadas — Visita dos portuguezes em 1341 — Principado de Fortunia — Supposta prioridade dos francezes sobre os portuguezes nos descobrimentos da costa occidental de Africa — A conquista das Canarias, segundo os francezes — Expedição mandada pelo grande infante D. Henrique — Venda da ilha Lanzarote ao mesmo principe — É declarada nulla por el-rei de Castella — Concessão d'este aos portuguezes do direito de conquistarem as tres ilhas principaes — Diogo da Silva parte de Lisboa com uma frota e toma a torre de Gando na Gran-Canaria — Conclusão da guerra entre hespanhoes e portuguezes pelo casamento de Silva com a filha do chefe hespanhol — Tratado entre as duas nações ácerca da navegação das Canarias — Rompem as suas relações amigaveis — Nova expedição portugueza — Famosa bulla de Alexandre VI ácerca da linha divisoria para as descobertas dos portuguezes e hespanhoes — Passam as Canarias á corôa de Hespanha — Cavernas sepulchraes e mumias gigantescas dos guanchos — Descripção das ilhas de Gran-Canaria, Palma, Lanzarote, Fuerteventura, Gomera, Ferro, Teneriffe, Santa Cruz — O general Ortega — D. Narciso Ameller — Povoações — Laguna — O falcão do duque de Lerma — Terreno — Vinhos — Producção — Commercio — Industria — Mulheres das Canarias — Receita publica — Estatistica — Chegada a Orotava — Hospitalidade de uma dama — *El Puerto* — *Garachico* — Preparativos para subir ao pico — Caminho — Canarios — Camellos — *Monte Verde* — *La Cruz de la Solera* — Montanha *Caravalla* — Região das urzes — Vantagem das mulas — *Batons* dos Alpes — *El Pino de la Merenda* — Planicie de pedra pomes — *El Portillo* — Vê-se o pico — Impressões — Região das nuvens — Atmosphera — *Las Faldas* — Base do verdadeiro pico — Erupções vulcanicas — *La Estancia de los Ingleses* — Noite em bivac — Nasce o sol — Vista grandiosa — Pão de Assucar — O mais alto pincaro — *La Caldera* — Descida da montanha — Regresso a Orotava — Partida para Santa Cruz — Saída das Canarias.

O famoso pico de Teneriffe, que se ergue magestoso na ilha de Teneriffe, a maior e uma das mais povoadas do archipelago das Canarias, poisque tem 73 leguas maritimas quadradas de superficie e uma população de 82:000 almas, descobre-se do alto mar a 140 milhas, pouco mais ou menos.

Quanto á origem do nome d'estas ilhas querem uns provenha dos lindos canarios de que ellas abundam; outros de *canes* (cães), por se dizer que havia muitos n'aquellas ilhas ao tempo da sua descoberta; alguns de *canarii*, povos do monte Atlas que se estabeleceriam no archipelago; outros de Canaria, uma das ilhas chamadas Afortunadas no tempo de Ptolomeu; finalmente alguns tambem que de uma certa especie de *canna* venenosa que os hespanhoes ali encontraram, e de que muitos morreram por as comerem cuidando que eram saccharinas, quando está averiguado que estas foram por elles ali introduzidas só muitos annos depois!

Compõe-se o archipelago de tres ilhas principaes: Gran-Canaria, Teneriffe e Palma; de quatro mais pequenas: Lanzarote, Fuerteventura, Gomera e Hierro (Ferro); das ilhotas Alegranza, Graciosa, Santa Clara, Roque del Oeste e Roque del Este, annexas á ilha Lanzarote, e da ilhota de Lobos, annexa á ilha de Fuerteventura.

Ha quem diga, que, senão todas, pelo menos algumas das ilhas Canarias eram as chamadas Afortunadas na costa occidental de Africa, nas quaes queriam os antigos que fosse o seu *Elysium*.

As rasões que allegam são: que Ptolomeu cita uma ilha a que dá o nome de Canaria; que é de presumir que não podesse haver confusão com as ilhas do archipelago de Cabo Verde, porque se estas fossem conhecidas áquelle tempo deveria n'esse caso saber-se do archipelago das Canarias, sendo certo que n'aquellas eras só se citavam as ilhas de um dos dois archipelagos, e ninguem ignora que alem d'isto os arabes, successores dos romanos nas sciencias e extensão de imperio, melhor instruidos muito provavelmente no que respeitava á Africa, deram ás Canarias o nome de *Al-Jazayr-Al-Khaledat*, o que quer dizer ilhas Afortunadas, posto ser verdade que os mouros depois chamaram a todas *El-bard*, do nome do pico da ilha de Teneriffe.

Depois da quéda do imperio dos romanos (que poderiam talvez d'ellas haver tido noticia em rasão das guerras e relações que tiveram com o celebre Juba, rei da Mauritania) ficaram as Canarias esquecidas das nações da Europa, durante muitos seculos; todavia é provavel que continuassem n'esse decurso de tempo a ser conhecidas dos sarracenos, que tão longo dominio exerceram, como é sabido, na peninsula iberica.

Nos tempos modernos sabe-se que el-rei D. Affonso IV de Portugal as mandou reconhecer por dois navios.

É isto o que se lê n'um documento antigo, achado entre os papeis do celebre Boccacio, no qual se diz que no anno de 1341 se recebêra em Florença uma carta datada de 15 de novembro do referido anno, escripta de Sevilha por uns merca-

dores florentinos, narrando que no 1.º de julho do mesmo anno haviam saído de Lisboa dois navios perfeitamente equipados, de cuja tripulação faziam parte alguns compatriotas seus, e que dentro em cinco dias de bom vento e feliz viagem aportaram á Gran-Canaria, passando depois ás outras ilhas então chamadas as Novamente Apparecidas.

Mas parece que apesar d'aquella expedição mandada pelo *Bravo* rei de Portugal (achando-se este, áquelle tempo, muito envolvido na guerra, primeiro contra os castelhanos e depois contra os mouros), o principe hespanhol por nome D. Luiz de la Cerda, se lhe antepozera na conquista das Canarias, desejoso como estava de se apropriar de algum estado, em logar do throno de Castella de que fôra desherdado.

O papa Clemente VI, por bulla de 15 de novembro de 1344, deu com effeito ao referido principe a investidura das Canarias e da ilha de Goleta no Mediterraneo, como estado soberano, com o titulo de Fortunia. Petrarcha nos deixou mesmo a narração da ceremonia da coroação do principe, á qual diz que assistíra.

Se prestarmos credito a Benzoni o principe de Fortunia ainda chegára a armar em Cadiz duas galés, que foram á ilha de Gomera, onde desembarcaram cento e vinte homens, os quaes, apenas haviam effectuado o desembarque, foram atacados com tal vigor pelos indigenas, que estes os mataram quasi todos, salvando-se os restantes por haverem fugido para bordo, vendo-se forçados a voltar vergonhosamente para a Europa.

No capitulo antecedente dissemos que em tratando das ilhas Canarias fallariamos da famosa chronica da conquista d'aquelle archipelago pelos normandos sob o mando de Bettencourt, chronica escripta pelos capellães da expedição, e em que se baseiam os francezes, como referimos, para sustentar a sua supposta prioridade sobre os portuguezes nos descobrimentos da costa occidental de Africa.

Segundo a dita chronica o referido Bettencourt, nobre normando, aparentado em Hespanha, enthusiasmando-se com

tanta cousa que então se dizia das Canarias, se resolvêra a intentar a sua conquista.

Tambem não contribuiu pouco para isto o que lhe contaram alguns aventureiros de diversas nações que ali haviam ido, se dermos credito á mesma chronica. Até cita entre outros a um tal Servant, como chefe da primeira expedição franceza áquellas ilhas, affirmando que assim o diz um poeta das Canarias, chamado Antonio Vianna. Acrescenta que attentas as relações de parentesco do referido Bettencourt em Hespanha, foi pedir auxilios a este reino, offerecendo-se a effectuar a conquista das ilhas se acaso lhe fosse garantido o senhorio das Canarias como vassallo da corôa de Castella.

Obtido isto, e depois de varios successos, conquistadas já as ilhas de Lanzarote e Fuerteventura, quer a chronica a que alludimos, que fosse então que os francezes primeiro do que os portuguezes dobrassem o cabo Bojador.

É esta uma falsidade de tal lote, e baseada sobre rasões tão futeis, que nos limitaremos a remetter o leitor para o que a este respeito já dissemos no capitulo antecedente.

Conquistada a ilha de Ferro voltou Bettencourt para França, deixando seu sobrinho Matheus, mais conhecido pelo nome de Maciot, como logar tenente nas Canarias.

Na sua passagem para França foi a Roma, onde obteve do papa Innocencio VII que erigisse as Canarias em bispado.

O seu primeiro prelado foi D. fr. Alvaro de las Casas, irmão de D. Guilherme de las Casas, marido de D. Ignez, sobrinha de João de Bettencourt.

Entretanto foram prosperando as Canarias sob o sabio e paternal governo de Maciot, como logar tenente de João de Bettencourt; mas havendo a guerra civil em França attrahido os inglezes ao coração do paiz, muito comprometteu isto a Normandia, perdendo ali Bettencourt um castello seu, que lhe foi destruido completamente.

Foram estes acontecimentos, affirma a chronica a que nos referimos, os que deram origem a Bettencourt perder a final o senhorio das ilhas que conquistára.

Com effeito, querendo elle apromptar dinheiro para acudir ás suas apuradas circumstancias em França, dera ordens as mais apertadas e violentas a seu sobrinho e logar tenente nas Canarias.

Este viu-se constrangido pois a mudar de systema de governo, captivando e vendendo quantos insulares podia, para assim arranjar mais facilmente dinheiro e remette-lo a seu tio.

Taes vexames, a que aquelles povos não estavam costumados da parte do seu chefe, causaram, como era de esperar, tão profundo desgosto, que, patrocinados pelo bispo D. fr. Mendo de Viedma, successor de D. fr. Alvaro de las Casas, queixaram-se á rainha regente de Castella.

Encarregou esta o conde de Niebla de examinar o caso, e foi por isso mandado ás Canarias D. Pedro Barba de Campos, senhor de Castro Fuerte, com tres navios, tropa e munições, o qual obrigou o logar tenente Maciot a vir a Hespanha, a S. Lucar de Barrameda, a fim de defender-se perante o conde.

Então Bettencourt, quer porque receiasse alguma expoliação formal do seu senhorio das Canarias, quer porque se visse cada vez mais apertado na Normandia, em consequencia da guerra civil e invasão dos inglezes em França, cedeu ao conde de Niebla o dominio util das ilhas que lhe pertenciam, reservando para si e seus successores unicamente o da de Fuerteventura e o senhorio directo de todas, continuando a suzerania de Castella, e Maciot como logar tenente do novo possuidor.

A chronica acrescenta aqui comtudo que entretanto se apresentaram outros pretendentes ao dominio das Canarias, sendo os mais notaveis D. Fernando Peraza, filho de D. Gonçalo Martel Peraza, que sob os auspicios de el-rei D. Henrique III de Castella havia feito uma expedição a estas ilhas; e D. Affonso de las Casas, pae de D. Guilherme, de quem já fallámos, e cuja filha casára com Peraza.

O primeiro não obteve cousa alguma n'aquella occasião, mas o segundo foi um pouco mais feliz, porque ainda conseguiu que lhe fosse concedido o direito de conquistar as ilhas de Gomera, Palma e Teneriffe.

A Gran-Canaria porêm é que, segundo esta chronica, não se

collige que fosse comprehendida em taes concessões, antes pelo contrario deprehende-se que em 1424 foi objecto de uma tentativa do nosso glorioso infante D. Henrique, que enviou contra ella uma expedição sob o mando de Fernando de Castro, a qual foi mal succedida.

Continuaram as contestações entre D. Guilherme de las Casas e o conde de Niebla, este por haver adquirido os direitos de Bettencourt sobre as ilhas já conquistadas, e aquelle por ser donatario das que estavam ainda por conquistar.

O conde entendeu todavia que o melhor era ceder elle a D. Guilherme, como diz a chronica que effectivamente cedeu, o direito sobre as conquistadas, mediante a quantia de réis 10:000$000 réis; D. Guilherme pela sua parte cedêra então a Maciot a ilha Lanzarote.

Por morte de D. Guilherme ficaram herdeiros um filho seu, do mesmo nome, e uma filha chamada D. Ignez, casada com D. Fernando Peraza.

Este celebrou um contrato com o cunhado, reconhecendo-lhe o direito ás Canarias, excepto a Lanzarote, a qual continuaria nas mãos de Maciot.

Suscitando-se porém graves desintelligencias entre ambos, usou Peraza de um estratagema, apoderando-se violentamente do sobrinho de Bettencourt e enviando-o preso para a ilha do Ferro. Maciot teve porém modo de se evadir da prisão, fugindo para Lisboa, segundo diz a mesma chronica. De Lisboa seguiu para Sevilha, apresentando-se ao conde de Niebla, que ainda teve artes de os reconciliar.

Comtudo confessa aqui a chronica que Maciot, vendo que a sua posição já não offerecia segurança alguma, mandára um frade á ilha da Madeira para tratar de vender a sua ilha Lanzarote ao nosso infante D. Henrique, concluindo-se a transacção mediante uma renda annual de 20$000 réis para Maciot e seus herdeiros; em consequencia do que Antonio Gonçalves, escudeiro do mesmo principe, foi mandado com duas caravêlas para tomar posse da ilha e transportar para a Madeira o sobrinho de Bettencourt.

Peraza queixou-se ao rei de Castella, allegando que pelo contrato celebrado entre elle e Maciot não podia este dispor da ilha senão em seu favor ou dos seus herdeiros, e, na sua falta, a favor de algum subdito de el-rei de Castella; pelo que, quer a chronica, que aquelle monarcha reconhecesse os direitos de Peraza e que fossem expulsos os portuguezes.

Entretanto morreu D. Fernando Peraza, e deixou por herdeira sua filha unica D. Ignez, casada com D. Diogo Herrera.

A chronica convem mais adiante em que havendo terminado as inimisades entre Portugal e Castella, em 1455, por motivo do casamento da senhora infanta D. Joanna, filha de el-rei D. Affonso V de Portugal, com el-rei D. Henrique IV de Castella, e querendo este mostrar a sua satisfação aos embaixadores portuguezes, os condes de Atouguia e de Villa Real, que haviam acompanhado a princeza a Cordova, lhes concedêra, por carta regia de 21 de maio do referido anno, o direito de conquistarem as tres ilhas principaes, isto é, Gran-Canaria, Palma e Teneriffe.

É verdade que a chronica tambem acrescenta, que não estando Herrera ao facto d'isto, fôra entretanto tratando de se apossar da ilha da Gran-Canaria, onde construíra a torre de Gando, no sitio d'este nome; seguindo o mesmo systema com relação a Teneriffe, onde tambem erigíra uma fortificação, que todavia fôra obrigado a desamparar, por haver sido atacado com o maior vigor pelos guanchos, habitantes da ilha.

Mas os portuguezes, que não haviam até ali posto em execução o privilegio concedido por el-rei de Castella aos condes de Atouguia e de Villa Real, quizeram faze-lo a final. N'estes termos o infante D. Fernando, que adquiríra os direitos d'aquelles dois fidalgos, armou algumas caravélas e mandou-as com tropas de desembarque, sob as ordens de Diogo da Silva. Apoderou-se este logo da torre de Gando, na Gran-Canaria; mas havendo casado com D. Maria de Ayala, filha do chefe hespanhol, terminou a guerra entre portuguezes e hespanhoes, dotando Herrera a noiva n'um terço dos rendimentos de Lanzarote e Fuerteventura.

Contribuiu isto muito para que, graças á influencia de Diogo da Silva na côrte de Lisboa, se suspendesse outra expedição que o infante D. Fernando estava prestes a mandar contra as Canarias. Depois, em 21 de junho de 1481, havendo sido confirmado pelo papa Sixto IV o tratado de 21 de janeiro do mesmo anno, entre el-rei D. Affonso V de Portugal e os reis de Castella e Aragão, D. Fernando e D. Izabel, ácerca da navegação das ilhas Canarias, os castelhanos de Herrera e os portuguezes de Diogo da Silva reconciliaram-se inteiramente, virando juntos as armas contra a Gran-Canaria.

Apesar de haver o ultimo caído em uma emboscada que lhe armou o rei indigena Temesor, do reino de Galdar, mesmo assim conseguiu apoderar-se d'elle, salvando-se d'este modo por haver obtido passagem livre para bordo dos seus navios, sob ameaça de que de contrario mandaria matar o rei pagão.

Depois, prosegue a chronica, desgostoso o valoroso caudilho portuguez das crueldades que seu sogro fazia nas correrias ás ilhas do archipelago, regressou com sua esposa a Portugal, onde mereceu a honra de ser escolhido para aio de el-rei D. João II, o Principe Perfeito, o qual em 1483 o elevou á grandeza com o titulo de conde de Portalegre.

Entretanto proseguiu Herrera nas suas guerras e crueldades contra os insulanos, fazendo mil violencias até aos seus proprios.

Queixaram-se os habitantes de Lanzarote a D. Fernando e D. Izabel, reis de Castella e Aragão, que tomaram a ilha sob a sua especial protecção, revertendo para a corôa o direito de conquistar a Gran-Canaria, Palma e Teneriffe; mas sendo concedido a Herrera, em compensação, o titulo de conde de Gomera e uma somma em dinheiro.

N'isto morreu elle em 22 de junho de 1485, e foram distribuidos os seus dominios do modo seguinte entre seus filhos: D. Fernando Peraza, conde de Gomera, ficou com esta ilha e a de Ferro; D. Constança de Sarmiento (e seu marido D. Pedro Fernandez de Arias Saavedra) com a de Fuerteventura; e D. Sancho Herrera (cujos descendentes foram condes e de-

pois marquezes de Lanzarote) com esta ilha, e as ilhotas de Alegranza, Graciosa, Lobos e Santa Clara.

D. Pedro Garcia Herrera, outro filho de Herrera, ficou desherdado pelo seu mau comportamento; e D. Maria de Ayala, que dissemos casára com o capitão portuguez Diogo da Silva, recebeu a herança em dinheiro, isto é, ficou com o direito a quatro decimos dos rendimentos das ilhas de Fuerteventura, Lanzarote e suas dependencias.

Entretanto os reis de Hespanha foram seguindo nas tentativas para conquistar o resto das ilhas, sendo mandado D. João Bejon e o seu immediato D. Alonzo Jaimez de Sotomayor com uma forte expedição contra a Gran-Canaria, a qual foi submettida finalmente com os reforços do commando de D. Pedro de Vera.

Comtudo, se Hespanha obteve aquellas vantagens, não foi sem experimentar grandes difficuldades da parte da côrte de Lisboa, que interrompêra outra vez as suas relações com a de Castella em rasão das pretensões dos portuguezes sobre as Canarias.

Com effeito, armaram estes cinco caravélas, e fizeram um desembarque na costa de Agaeta, no reino de Galdar, da ilha da Gran-Canaria; mas foram mal succedidos.

Por fim acabaram estas contendas entre portuguezes e hespanhoes pela famosa bulla de 4 de maio de 1493 do papa Alexandre VI, marcando a linha divisoria para as descobertas das duas nações.

Conquistada a ilha de Palma por D. Alonzo Fernandez de Lugo, mandado expressamente por el-rei de Hespanha, passou á ilha de Teneriffe; e havendo-se aquelle imprudentemente embrenhado em um vallesinho chamado Acantejo, foi assaltado pelos dois heroes guanchos, Benchomo na frente, e Tinguaro na retaguarda. Teve logar esta batalha em 1495, sendo derrotados completamente os hespanhoes, salvando-se a custo o seu general, graças á lembrança de um soldado que se cobriu com o chapéu de plumas e a capa de D. Alonzo de Lugo, para attrahir sobre si proprio as vistas dos inimigos.

Foi tal a mortandade n'este recontro, que se ficou chamando Matanza áquelle sitio. O general Lugo voltou á Gran-Canaria a buscar mais reforços, e regressou a Teneriffe, onde reuniu setenta cavallos e mil e cem infantes. Havendo encontrado um alliado na pessoa do rei de Guimar, começou por apoderar-se do reino de Anaga, e invadiu depois o de Teguesta.

Soffreu ali porém um revés, o que o obrigou a retirar para Laguna, onde se deu uma batalha terrivel, que foi fatal para os guanchos, poisque ficou morto o bravo Tinguaro, irmão do generoso e valente Benchomo, rei de Taoro, depois de Tinguaro, por si só, diz a historia, ter morto dezenove hespanhoes com uma grande alabarda que havia tomado no combate de Matanza.

Conta-se que Lugo mandára a Benchomo a cabeça de Tinguaro, ao que o rei pagão, que sempre havia concedido a vida aos prisioneiros hespanhoes, deu por unica resposta:

—De hoje em diante tenho mais um dever a cumprir: vingar meu irmão!

Mas, declarando-se uma molestia endemica entre os infelizes guanchos, tirou Lugo partido d'isto immediatamente caindo sobre elles outra vez, e acabou com a independencia d'aquelles insulares, para o que contribuiu muito a renhidissima batalha campal que perderam n'um sitio junto de Matanza: em memoria d'este successo aquelle logar recebeu o nome de Victoria.

Benchomo e a sua familia ainda andaram errantes por algum tempo nas montanhas, mas depois de uma sequencia de pequenos combates, foram agarrados todos uns após outros e conduzidos para Santa Cruz, onde os instruiram no christianismo bem ou mal em 1497.

Depois d'isto, as ilhas que pertenciam aos successores de Herrera reverteram com o tempo para a corôa de Hespanha, de modo que hoje pertence-lhe todo o archipelago das Canarias.

Os naturaes pouco a pouco foram-se extinguindo por fórma tal, que hoje quasi que não ha nas ilhas senão descendentes das raças hespanhola e insular, alguns pretos e mulatos, bem

como individuos da metropole ali estabelecidos ou em serviço.

Tambem já não existem nem ao menos os famosos subterraneos sepulchraes de Teneriffe, onde, segundo diversos viajantes, se viam deitados sobre leitos de madeira ou tarimbas, e encostados ás paredes seguros em pé, os cadaveres gigantescos dos antigos guanchos, com os olhos (fechados), a bôca, o nariz, os cabellos, os dentes, a barba, os beiços, e emfim até as partes sexuaes n'um estado tal de boa conservação, que estas mumias nada tinham que invejar ás tão celebradas da historia antiga.

Agora, passando á descripção particular das Canarias, como nunca visitámos mais de espaço senão a ilha de Teneriffe, trataremos primeiro das outras mui resumidamente.

A Gran-Canaria, que com as ilhas de Palma e Gomera constitue o grupo do centro, é de feitio completamente redondo. Da parte de NE. forma um pequeno isthmo que a une a um ilhéu. Tem 60 leguas maritimas quadradas de superficie, e 60:000 almas.

La Luz, bahia batida do vento de E., mas abrigada do do N., e Arecife, na opposta costa, são os seus principaes portos.

Citaremos dois outros pequenos fundeadouros da ilha: a aldeia de San Nicolas e Agaeta.

Las Palmas ou cidade das Palmeiras, a mais consideravel de todo o archipelago, dista um quarto de legua do porto da Luz na costa meridional. Tem 18:000 almas entre as duas partes em que está dividida por um ribeiro, a que chamam rio de Guiniguada. Os seus edificios mais notaveis são a espaçosa e bella cathedral, o palacio da justiça *(la audiencia)* e o do bispo, que estão situados, bem como as casas dos conêgos e dos grandes proprietarios da ilha na parte mais pequena da cidade, sendo occupada a outra parte pelos commerciantes, operarios, etc. Acha-se portanto dividida a população da cidade tanto pelos usos e costumes, como pela configuração natural do terreno.

Nos arredores da cidade de las Palmas existe uma terra chamada Atalaya com 2:000 habitantes. Torna-se realmente

curioso para o viajante, quando chega á parte que se apoia na arida montanha de Santo Antonio, não suspeitando á primeira vista que os flancos do monte contenham população humana, descobrir repentinamente o espectaculo de tanto buraco ou especie de portas e janellas de casas abertas no tufo mesmo, dispostas em taboleiros, regularmente assentes umas por cima das outras, onde os habitantes se recolhem durante o dia, pondo-se a coberto dos ardores do sol sob esteiras de folhas de plantas liliaceas. Tambem não é menos admiravel ver á noite, ao longo das sombras que projecta a montanha, a immensidade de luzes que se accendem ou brilham através as janellas, que fazem recordar os olhos chammejantes dos cyclopes da fabula, produzindo no espirito do viajante uma impressão profundissima, que só se desvanece ao observar áquella hora a gente da terra a tomar o fresco, saindo por todos os lados d'aquella especie de formigueiro!

A 2 leguas de las Palmas, a primeira povoação que se encontra chama-se Telde, e é tambem a primeira em importancia, com 12:000 habitantes. As suas aprazíveis campinas são qual outro verdadeiro *oasis* ao longo d'aquellas aridas e tristes costas do mar.

Aguimez, com 2:300 almas, só tem de notavel denominar-se o bispo das Canarias *senhor* d'esta terra.

Tiraxana offerece uma particularidade singular. Ha ali uma colonia de negros livres que moram em grutas retiradas, ao lado da população branca, da qual vivem sempre em separado, não descendo á povoação nenhum preto senão lá de anno a anno. É provavel que esta colonia deva a sua origem aos negros outr'ora transportados para aquella costa, a fim de ajudarem a cultura da canna de assucar.

Terror terá 4:600 habitantes e é a residencia do bispo. É um sitio muito frequentado de romeiros ou peregrinos, tendo uma milagrosa imagem da Virgem, de muita veneração no paiz e entre os maritimos. Isto explica bem a riqueza da igreja e a magnificencia das offertas que decoram o interior dos seus muros. Ha um outro motivo que ali attrahe tambem os viajantes; são

os seus optimos banhos sulphuricos, afamados pelas suas virtudes medicinaes, e as fontes naturaes que brotam do seio dos rochedos basalticos, entre os quaes está assente a povoação.

Citaremos ainda Lovega ou San Lorenzo, logar abundante de fructas e de boas aguas; Tamisas, onde se vêem as maiores oliveiras talvez do globo; Ingenio; San Bartolomeo; San Mateo; Brigida e Valsequillo: cada uma d'estas povoações não conta menos de 2:000 almas.

O solo da Gran-Canaria é muito fertil, e regado por alguns ribeiros mui limpidos. A ilha gosa de uma temperatura moderada, e seria a mais importante do archipelago se possuisse melhor ancoradouro, e se não tivesse cento e cincoenta e tantas propriedades vinculadas em morgados, pela maior parte incultas. Produz comtudo milho, trigo, cevada, vinho, assucar muito estimado, azeite e seda.

O perfume dos bosques do monte Daremas, o murmurio das aguas e o canto dos canarios fazem lembrar tudo quanto os poetas escreveram sobre as ilhas Afortunadas.

Passemos agora a descrever a ilha de Palma, que com a de Ferro forma o grupo occidental. Terá de superficie 25 leguas maritimas quadradas, approximadamente, e 28:500 habitantes.

A sua capital tambem se chama Palma. Está assente na parte escarpada do litoral, sendo desde a sua fundação erigida em capital. Ali se encontram ainda os costumes e usos dos antigos conquistadores. O seu porto, na ponta de Bajamar, no logar onde se arquea a costa e onde os navios podem ancorar em frente da povoação n'um fundo de 33 a 44 metros, não podia deixar de tornar a ilha uma das principaes escalas do commercio da America. Por isso não tardaram os navios europeus em entrar a frequentar aquelle fundeadouro, no qual depois se estabeleceram estaleiros de construcção, que são providos de madeiras cortadas nas matas da ilha.

As casas da cidade de Palma, que conta 5:000 habitantes, estão edificadas em sucalcos nas faldas da montanha, lembrando

os usos do Oriente nos balcões ou varandas de grades das suas fachadas.

Encontra-se mais na ilha de Palma, San Andrés, porto pequeno celebrado pela sua optima agua e pelas suas fructas; Tazacorte, com mais de 2:000 habitantes e frequentado pelos navios de cabotagem do archipelago; Los Llanos, com 6:500 almas; Puerta Llana, de accesso difficil, mas com boa agua e muita fructa; Mazo, que produz vinho; Tixarafe, que dá trigo; Saucel, que repousa á sombra dos platanos e das laranjeiras; Guarafia, situada nos escarpamentos mais precipitados das Canarias; e Piedra de Buena Vista.

Esta ilha tem o solo muito elevado, montanhoso, cortado por barrancos, cheio de cavernas que encerram uma cratera em actividade. Na parte do S. o solo é bastante arido. Em geral não é fertil e sómente povoada nas costas, onde se colhem legumes, bom vinho, muito assucar, empregado pela maior parte em fazer doces das fructas de que abunda a ilha, e uma grande quantidade de amendoas. A colheita do trigo não é sufficiente para o consumo dos habitantes. Nos annos de fome o povo alimenta-se, como o de Gomera, de raizes de feto. Segundo Clavijo não se encontram ali animaes ferozes nem perdizes ou lebres; mas ha tantos coelhos que destroem os rebentos dos arbustos e arvores que crescem nas encostas das montanhas. É só na região das nuvens que se vê arvoredo, que visto de longe dá á ilha a apparencia de uma mata. Ahi se encontra uma especie de aloes; o *ilex perado*, o *laurus indica*, o *laurus nobilis* e a *myrica faya* cobrem com a sua sombra as cristas que cercam a cratera central.

A ilha Lanzarote, que com a de Fuerteventura forma o grupo de E. das Canarias, é de feitio irregular, calculando-se-lhe uma superficie de 26 leguas maritimas quadradas, e 15:600 habitantes, pouco mais ou menos.

Querem alguns auctores que o seu nome lhe provenha de *lanza rota* (lança quebrada) ou de «quebrar lanças», em memoria dos primeiros feitos que assignalaram a chegada dos europeus; outros querem que em logar d'aquella etymo-

logia pueril, a historia nos apresente outra mais segura no estabelecimento do genovez Lancelot de Lamoisel na ilha. Os indigenas chamavam *Tithe roygatra* á ilha Lanzarote.

A sua capital chamava-se Teguisé, está situada no centro, e terá 4:500 almas. É a residencia principal da antiga e orgulhosa nobreza que descende dos conquistadores.

Arecife, nova povoação rival d'aquella, faz-lhe todos os dias perder muito da sua antiga prosperidade, poisque possue um dos mais seguros fundeadouros do archipelago.

Desgraçadamente as areias que obstruem o porto não lhe permittem a entrada de navios de grande lotação, de modo que a maior parte das embarcações estrangeiras vêem-se obrigadas a lançar ferro no Puerto de Navios (Porto de Naus), fundeadouro de menor importancia. Qualquer dos dois portos, Arecife e Porto de Naus, são fechados por muitos ilhéus pequenos que os protegem dos ventos do S.

As outras povoações são: San Marcial de Rubicon, outr'ora séde do bispado das Canarias, e a que já hoje não resta senão a memoria da antiga importancia; e Haria, situada no meio de um valle, n'um verdadeiro *oasis*, com 2:000 habitantes. Citaremos igualmente outras pequenas terras, cada uma das quaes talvez não encerre mais de 1:800 almas: la Vegeta; San Bartolomeu; Tias; Tinojo; e Yaza.

Esta ilha, despojada de florestas, soffre, como o vizinho continente, séccas destruidoras; exporta algum trigo, cevada e legumes. Contam-se ali quatro vulcões em actividade; a vinha porém dá-se vigorosamente nas cinzas vulcanicas.

De todas as ilhas do archipelago era esta a mais adiantada em civilisação. Os habitantes de Lanzarote com effeito residiam em casas de pedra, emquanto que os das outras ilhas viviam geralmente em cavernas.

Seguiremos agora com a ilha de Fuerteventura, que jaz ao S. da de Lanzarote, da qual está separada apenas pelo canal de Bocayna, que quando muito terá 2 leguas na maior largura.

A parte principal de Fuerteventura alonga-se do NNE. ao

SSO. sob a fórma de um rectangulo obtuso, na direcção de O. a E.; tem 63 leguas maritimas quadradas de superficie e 12:500 habitantes.

Na epocha da sua conquista por Bettencourt era ainda conhecida dos indigenas por ilha Erbania. O nome de Fuerteventura deriva-se, segundo alguns, dos terriveis e felizes combates que os aventureiros normandos tiveram de sustentar para conseguirem apoderar-se da ilha. Mas, existindo este nome nos mappas do seculo XIV, mais acertado será talvez cingirmo-nos a conjecturar que lhe foi dado em rasão de algum naufragio ou outro successo de que os primeiros descobridores tiveram a fortuna de se salvar, aportando assim casualmente áquella ilha.

Santa Maria de Bettencuria, que tem o nome do seu fundador e que é a capital da ilha, posto seja a terra menos povoada de Fuerteventura, não tendo talvez nem 1:000 almas, é notavel por haver conservado até aos nossos dias o typo normando dos conquistadores. As casas, construidas pela maior parte de pedra de cantaria, são todas ameiadas, com janellas de abobada em arco diagonal, e os frisos e cornijas ornados de carrancas e elegantes ornatos.

Ha alguns annos que se fundou um estabelecimento maritimo no litoral do Puerto de Cabras, o qual havendo sido favorecido pelas acquisições dos negociantes e especuladores inglezes, tem tomado tal incremento que é de presumir se torne algum dia a capital de toda a ilha, podendo mesmo rivalisar com as povoações mais consideraveis do interior, tendo-se já começado a abrir ruas espaçosas ao longo do litoral, e contendo mais de 2:200 habitantes.

Os outros pontos de Fuerteventura a citar são: la Oliva, com 2:300 almas; Richeroque, onde ainda se vêem as ruinas do castello assim chamado que Bettencourt ali construiu em 1405; Pajara, aldeia a mais importante da parte meridional; Antiga, Tetir e Casillas, cada uma d'estas com 2:000 habitantes.

Esta ilha apresenta o mesmo solo da de Lanzarote, e não offerece aos habitantes quasi outra agua que não seja a de cis-

ternas; comtudo em annos favoraveis chega mesmo ás vezes a exportar trigo e cevada. Tambem ali se colhe algodão e vinho de qualidade mediocre.

Passemos á ilha de Gomera, ao largo da costa SO. de Teneriffe, de que se acha separada por um braço de mar de 13 milhas de largura.

Gomera, que apresenta a fórma de um trapezio, tem 14 leguas maritimas quadradas de superficie e 8:000 almas.

Na costa oriental encontra-se San Sebastian, sua capital, com 2:000 almas, fabricas de lanificios e de assucar. Tem uma bahia protegida dos vendavaes do N. e do NO. pelo prolongamento da ponta de San Cristoval, e dos ventos do SO. pela ponta de los Canarios. Foi ao saír d'esta bahia que Colombo se aventurou sobre o oceano em busca de um novo mundo. Partiu de San Sebastian a 7 de setembro de 1492, e trinta e quatro dias depois, a 11 de outubro, estava já descoberta a America!

Sendo um abrigadouro ou arribada importante para a navegação transatlantica, foi este porto por muito tempo o alvo de todos os ataques contra as Canarias. A sua fortificação principal consiste na Torre del Conde, que depois de desmantelada e destruida em parte durante as varias invasões, foi restaurada successivamente pelo conde D. Guillen e por el-rei D. Filippe II, que a guarneceu de grossa artilheria. Os navios podem ancorar muito proximo de terra em bom fundo, dando a sonda 44 metros á entrada da bahia, 39,6 perto do morro vizinho da fortaleza, e 26,4, 17,6 e 8,8 successivamente á medida que se approximem da praia.

As outras povoações da ilha de Gomera são: Agulo, Alajara, Hermigua, que produzem vinho e cereaes; Villa Hermosa, conhecida pelas suas sedas; e Chipul, afamada pelos seus queijos.

Gomera, aindaque muito pequena, é fertilissima, de modo que tem o necessario em si para supprir os seus proprios habitantes. As suas montanhas de granito e de schisto acham-se cobertas de bosques e entrecortadas de deliciosos valles, onde

a forma de um crescente; tem uma superfi
maritimas quadradas, e uma população de
almas.

O cinto de lava que a cerca torna-a quasi in
vando-se a costa como a pique á altura de mai
tros desde a base das suas escarpadas rochas.
natural concorreu para que os habitantes se n
sem no litoral, agrupando-se comtudo em dive
encostas maritimas mais proximas.

A sua capital chama-se Valverde, e as out
mereçam mencionar-se, aindaque de muito p
tancia, são: San Andres, Tinor, Teguaciente
Mocanal.

O seu solo vulcanico é pouco fertil. Depois
um terreno escarpado de mais de 4 kilometros
desde a borda do mar, encontram-se deleitosas c
criam seu mel innumeraveis enxames de abelha
nascentes, mas os nevoeiros frequentes e o orv
a humidade do terreno, que recebeu dos habita
rias o nome de *terra negra*. Colhem-se ali pouco
muitas fructas, e fabricam-se annualmente de 3
a 4:500$000 réis de aguardente, que obtêem d
figos. Os pastos nutrem uma grande quantidade
carne é muito saborosa, e os bosques contêem v
tos montezes

Canarias a ilha menos importante, porque é a menos fertil, alem de que os ventos contrarios que ali sopram e as fortes correntes tornam perigosa bastante a navegação para os navios que partem da ilha, pelo que os seus habitantes se acham, para assim dizer, isolados.

As ilhotas Alegranza, Graciosa e Santa Clara, bem como os dois rochedos chamados Roque del Oeste e Roque del Este, formam como um prolongamento da ilha Lanzarote.

Alegranza, já conhecida por este nome nos mappas do seculo xiv, e chamada *Joyeuse* na chronica de Bettencourt, parece corresponder ao *Aprositos* ou á *Inaccessivel* da antiguidade classica. Com effeito é alta, de rocha, arida e deserta, sendo apenas visitada pelos que n'ella pretendem apanhar a urzella.

Graciosa, separada de Lanzarote por um estreito canal a que chamam *el Rio,* tambem é arida e deserta, não servindo, graças ás chuvas do inverno, senão para pastagens de cabras que para ali são transportadas de Lanzarote.

Santa Clara, que provavelmente deveu este nome a ter sido descoberta ou reconhecida no dia d'aquella santa, é um pequeno ilhéu de rocha, funesto aos navegantes, bem como os outros dois rochedos, um vizinho e o outro mais separado, Roque del Oeste e Roque del Este.

A ilhota Lobos, assim chamada, das phocas ou lobos marinhos que ali se pescavam muito n'outras eras (fazendo-se grande commercio das suas pelles no xv seculo), é apenas um ilhéusinho redondo de cousa de uma legua de circumferencia, situado na parte oriental do canal de Bocayna, que, como dissemos, separa as ilhas Lanzarote e de Fuerteventura, á qual se acha annexa a ilhota de Lobos.

Deixámos expressamente a descripção de Teneriffe *(Tenerfis,* da chronica de Bettencourt, ou *Ilha do Inferno* dos europeus, por muito tempo), porque sendo, como referimos, a ilha das Canarias que visitámos mais de espaço e por mais de uma vez, podiamos a seu respeito ser um pouco mais minucioso do que relativamente ás outras suas irmãs.

Entremos pois no porto da cidade de Santa Cruz, situada a

E. na parte mais arida, inculta e feia da ilha, e que não tem certamente nenhuma circumstancia que desculpe o haver ali sido fundada, senão, a meu ver, o seu excellente ancoradouro entre o Morro del Paso Alto, e a foz do Barranco Hondo, defendido pela torre de San Juan, podendo este fundeadouro conter 10 ou 12 navios de guerra, protegidos por varios fortes e por um molhe solidamente construido de pedra vulcanica preta.

Como o vento era do largo, levantando um mar muito grosso, disse-nos o piloto, que era conveniente, e o costume n'aquellas occasiões, dispor as amarras das duas ancoras ESE. e ONO. em guisa de forca, sendo essencial ficarem os cabos a boiar, por motivo das muitas ancoras que ha ali sempre no fundo, que é de bom assento.

Sendo Santa Cruz a residencia e capital do governo das Canarias, tivemos o gosto de encontrar como capitão general um antigo conhecido nosso de Portugal, onde entrára em 1847, com as forças do commando em chefe do general Concha, que em virtude do *Protocolo* d'aquelle anno, entre França, Hespanha, Inglaterra e Portugal, intervieram nos negocios politicos da nossa patria.

O governador a que alludimos, era o infeliz general D. Jaime Ortega, que durante o tempo da guerra entre os hespanhoes e os marroquinos foi fuzilado em Hespanha, havendo sido mal succedido em um movimento *montemolinista* que emprehendêra, pondo-se á testa das tropas das ilhas Baleares, e desembarcando na costa de Hespanha, do que resultou serem presos os principes, cabeças d'aquelle partido, e *pretendentes* ao throno do reino vizinho, os quaes foram depois postos em liberdade pela rainha D. Izabel II.

O referido general fez-nos mil obsequios durante a nossa estada em Teneriffe, e nunca nos esqueceremos d'esta victima de continuas dissenções politicas e suas horriveis e ordinarias consequencias.

O capitão general Ortega pareceu-nos homem honrado, religioso, intelligente, bem educado, e, sobretudo, muito amante da sua familia.

Possa ella saber que o infortunio de seu bom e querido chefe não nos fez olvidar, ao escrever estas linhas, as attenções que lhe devemos, nos seus tempos mais felizes, e que sempre lhe fomos grato, como agora fazemos votos pelo bem estar d'aquelles a quem tanto amára n'este mundo!

É cousa singular que, tanto á ida como na volta, tivessemos sempre a fortuna de encontrar em Teneriffe amigos ou conhecidos nossos, nos capitães generaes das Canarias, poisque, se d'aquella vez achámos o general Ortega, depois, quando voltámos, estava ali o general D. Narciso Ameller, que conhecêramos desde que fugíra de Badajoz, passando por Elvas, atravessando o Alemtejo e seguindo para Lisboa, onde embarcou para França, para d'ali entrar na Catalunha e pôr-se á frente de um movimento politico, que com effeito teve logar, conhecido pelo nome de *centralista.*

Santa Cruz, apesar de não ser a maior cidade da ilha, é comtudo um bom porto commercial, com bellas lojas, armazens, muitas casas de negociantes e consules estrangeiros, construida muito elegantemente, com ruas largas, aceiadas e desafogadas. As suas casas fazem o mais lindo effeito, porque alem de serem muito bem edificadas com dois e tres andares, quasi todas são decoradas nas paredes exteriores de esculpturas e ornamentos de gosto gothico e de *morescos* ou pinturas da apparencia mais pittoresca.

A não ser porém o palacio do governo ou da *capitania general,* a igreja matriz, dois ou tres antigos conventos de frades, outros tantos de freiras, alguns outros (poucos) edificios publicos e as residencias das pessoas de primeira ordem, os vastissimos quartos que as casas ali têem geralmente são de ordinario quasi totalmente desguarnecidos de mobilia. Afigurava-se-nos ás vezes que estavamos no meio de uma praça muito triste, aindaque havia a compensação da frescura, cousa realmente muito apreciavel em tão abrasadores climas.

O monumento mais curioso que se vê n'esta cidade é um obelisco junto de uma fonte na praça principal. É todo de marmore branco, com a estatua da Virgem em cima, e as

de quatro antigos reis guanchos, nas quatro faces do pedestal.

Dada esta curtissima noticia da cidade de Santa Cruz, que nos esquecia dizer que tem 10:000 habitantes, antes de proseguirmos na nossa jornada até á cidade principal da ilha, a antiga Laguna, e d'ali para a cidade de Orotava, para mais facilmente subirmos ao famoso Pico de Teneriffe, diremos quaes são as outras povoações mais importantes da ilha.

Na costa O. são: Tequesta, Tequina, Matanza, Victoria, abundantes de vinho e cereaes, Tacoronte n'uma deliciosa situação, e o pequeno porto de Sozal, Realejo Alto e Realejo Bajo, que reunem uma povoação de perto de 5:000 almas, Santa Ursula, Guimar e Guia, cujas aguas não são menos famosas do que os seus vinhos; Garachico, Silos, Buena Vista, no litoral, Granadilla, que produz trigo e seda, a qual é fabricada em Icod, San Juan de la Rambla, la Fuente del Guancha, as pequenas povoações nas bahiasinhas de Abona e de Candelaria, onde existe a Senhora d'este nome, a respeito da qual se contam muitos milagres (assim como os ouvimos a respeito *del Pino Santo*, arvore gigantesca na ilha de Palma, com uma imagem da Virgem e o Menino Jesus ao collo, tudo aberto dentro do tronco, pelo que tem um grande lampião acceso, suspenso de um espigão de ferro, e ali ajoelham os devotos a fazer oração).

Do lado do O., finalmente, a 1:320 metros acima do nivel do mar, tem a ilha de Teneriffe a povoação chamada Chalna, logar mais culminante que ha habitado na ilha.

As costas de E. e SO. de Teneriffe são inteiramente inaccessiveis.

Mas já é tempo de irmos visitar a cidade da Laguna, que toma este nome de uma lagôa (*laguna*, em hespanhol) que lhe fica a O. e onde se encontram muitas aves aquaticas.

Esta cidade, situada a 3 leguas de Santa Cruz, terá 9:000 almas, e aindaque antiga, mal construida e decaída, é de clima saudavel em rasão da sua situação admiravel sobre uma pequena eminencia, d'onde, descendo, se estende por uma

bella planicie de umas 10 milhas de circumferencia, cheia de vinhas e de caniçaes, e cercada de altas montanhas, ao NO., por onde geralmente lhe vem extraordinaria frescura, que ás vezes se torna excessiva, pelo muito *cacimbo* (orvalho) que de noite cáe, começando o vento ordinariamente pela volta do meio dia e continuando pela noite adiante, embora, no mar, ao contrario, sopre do SE. na mesma occasião.

Do lado por onde a cidade se vae estendendo desde a planicie, pela tal eminencia ou collina acima, a perspectiva é mui agradavel, porque se descobrem as suas grandes casas, quaes outros tantos palacios, as cruzes e campanarios das suas duas igrejas parochiaes, e dos seus seis conventos, dois dos quaes são de freiras e quatro de frades.

As ruas da cidade, embora não sejam tão bellas como as de Santa Cruz, são todavia direitas e espaçosas, formando ao meio uma vastissima praça, cercada de alguns edificios grandes e vistosos.

Mas, apesar dos terraços das casas, e das alamedas e jardins de que quasi todas estão cercadas, mesmo assim pareceram-nos feias ou tristes, porque, posto sejam de dois ou tres andares, são geralmente de pedra tosca, e não só não têem chaminés, mas tambem os telhados, pela maior parte, se vêem cobertos de musgos e gramineas, que chegam a esconder os brasões de armas orgulhosamente esculpidos em quasi todas as portadas. Com effeito é grande ali a mania das pretensões a fidalguia, não querendo nenhum dos habitantes descender das primitivas raças das Canarias, e tomando até como injuria pôr-se isto em duvida, poisque todos se dizem pertencentes á linhagem dos conquistadores da ilha de Teneriffe, onde, na Laguna, é a residencia de uns marquezes da familia de Alonzo de Lugo, fundador da cidade.

A planicie em que esta se acha situada termina do lado de O em umas montanhas, na base das quaes ha um sitio verdadeiramente pittoresco, aonde muita gente costuma ir passear. Ali existe uma fonte de agua purissima e de frescura admiravel, que lhe é conservada pelas grandes e formosas arvores de

fructo, que com a sua sombra a protegem do sol, achando-se arruadas pela natureza até a umas lindas e verdejantes collinas vizinhas, povoadas de laranjeiras.

D'aquella fonte se viam caír as aguas da rocha, com doce murmurio, as quaes, reunidas depois em um canal e regando a planicie na extensão talvez de mais de 4 milhas, entravam n'um aqueducto de perto de ½ legua até cousa de 165 metros da cidade, onde terminava finalmente em dois reservatorios ou grandes cisternas.

Tambem da parte de E. da cidade não são menos aprazíveis aquelles sitios, porque é ali que se encontra a lagôa *(laguna)* que lhe dá o nome, sendo um espectaculo interessante assistir ás caçadas dos bellicosos falcões, maiores do que os da Barbaria, que todas as tardes ali se juntam em numero consideravel.

Conta-se a respeito d'elles um caso bem singular, e vem a ser, que um vice-rei ou governador mandára um de presente ao duque de Lerma para a Andaluzia, d'onde a ave voltou para Teneriffe; isto é, se não descansasse na sua viagem aeria, teria percorrido aquella enorme distancia de um só vôo! E não contentes com isto, os auctores d'esta historia acrescentam ainda, com toda a seriedade, que o mesmo falcão fizera este trajecto em dezeseis horas, como se verificára quando meio morto de cansaço foi apanhado na volta para Teneriffe, com as armas do duque de Lerma ao pescoço, e a hora e a data marcadas nas mesmas!

Da Laguna, olhando para o SO., começa já a descobrir-se o pico de uma montanha, que excede em altura a todas as outras que a cercam, o que n'aquella distancia faz que pareça ainda pouco consideravel, apesar de ser o famoso pico de Teneriffe ou de Teyde (Inferno), como lhe chamavam os habitantes, que tambem lhe davam o nome de Aya-Dirma.

Vendo o capitão general o desejo que tinhamos de subir áquelle alto pincaro, teve a bondade de mandar-nos acompanhar por um official, com quem partimos, bem como com um companheiro de viagem.

Dirigimo-nos para a cidade de Orotava, porto do mar ao norte da ilha.

O caminho que tomámos por um terreno excessivamente escabroso, que em algumas partes se elevava cerca de 500 metros acima do nivel do mar, mostrava toda a apparencia de haver sido fendido por tremores de terra.

A jornada é longa, e por isso gastámos quasi um dia inteiro; mas demo-nos por bem pagos do incommodo pela formosura das paizagens que tivemos occasião de admirar.

Ora se descobriam fragosos outeiros por uma parte, ora as mais brilhantes plantas tropicaes pela outra. De um lado, formosas vinhas em roda de habitações aprazíveis; de outro, profundos valles, cobertos de luxuriante vegetação e frondosos arvoredos.

Foi com rasão que os antigos deram ás Canarias o nome de *Ilhas Afortunadas*, porque em verdade são muito productivas, commerciaes e importantes, e têem uma população de não menos de 212:000 habitantes. Teneriffe porém entra n'um terço do movimento do archipelago.

Com effeito, observámos em muitos pontos a fertilidade do terreno; posto houvesse alguma falta de agua, reconhecemos a grande riqueza que deve resultar dos seus excellentes vinhos, especialmente os denominados canaria, malvasia e verdona ou viduena, aos quaes os inglezes chamam *sack*.

Parece que as vinhas que produzem o canaria foram transplantadas do Rheno para Teneriffe pelos hespanhoes no reinado de Carlos V, affirmando Herbert que só Teneriffe exporta annualmente 28:000 barris de vinho, dos quaes 15:000 a 16:000 vão para a Inglaterra.

Quanto ao malvasia ou malmsey, como o denominam os inglezes, as suas cepas foram importadas da ilha de Candia.

O verdona ou vinho verde é muito mais forte e secco do que o canaria, e como se dá na parte E. da ilha, embarcam-no em Santa Cruz, emquanto que o canaria exporta-se por Orotava.

Já que tratámos de exportação, acrescentaremos aqui que

os outros artigos que sáem da ilha são: urzella, amendoas, aguardente de qualidade muito estimada, seda em bruto, cochonilha e soda.

Os principaes generos de producção, alem dos que apontámos, são: azeite, cevada, milho e resinas, que alimentam um importante movimento de cabotagem entre as ilhas do archipelago e com a proxima costa de Africa, e finalmente trigo, cuja saída foi ultimamente prohibida.

Calculam-se as exportações em 675:000$000 réis annuaes.

Em troco as Canarias importam: de Inglaterra, aguardente, sabão, pannos, quinquilherias e fazendas de algodão; dos Estados Unidos, farinhas, couros cortidos, arroz, aduéla e tabuado; de Gibraltar e de Genova, sedas, tecidos de algodão, chapellaria, fructas seccas, massas e sabonetes: de Hamburgo, Bremen e Hollanda, queijos, manteiga, presuntos e lençaria, cordoarias e genebra; de Hespanha, aguardentes; de Catalunha, azeite, drogas, livros; de França, sabão, vélas, salmouras e papel.

O valor das importações orça por 900:000$000 réis por anno.

Este movimento commercial emprega pouco mais ou menos cento quarenta e tantos navios todos os annos, dois terços dos quaes vem de Inglaterra, e no outro terço figuram os Estados Unidos em primeiro logar, depois os navios italianos, e finalmente os hespanhoes.

A pesca tambem entretem umas trinta embarcações de vinte a cincoenta toneladas.

Antes de proseguirmos na narração do que vimos em Orotava, e do que fizemos depois, e já que a interrompemos com a noticia do commercio das Canarias, parece-nos conveniente completarmos a nossa estatistica com varias informações ácerca da industria, receita publica e administração das Canarias.

Se o commercio do archipelago não é grande, como mostrámos, apesar da riqueza natural das ilhas, tambem a sua industria local é quasi nulla.

Pensâmos que esta negligencia ou incuria provém de que

aquelles insulares, em geral, preferem deixar tudo á Providencia, dizendo tranquillamente: *Dios para todos!*

O bello sexo segue-os n'estes principios, e para melhor invocarem o Senhor, as senhoras andam sempre caminho das igrejas, de contas na mão, envolvidas na *mantilla,* e escondido o rosto modestamente pelo véu. Mas isto não obsta a que de vez em quando sejam descobertas pelos que passam as suas feições, poisque nada mais natural e innocente do que erguerem ellas, de tempo a tempo, o véu, para reconhecerem melhor o rumo que levam!

É então que se admira aquelle bello typo africano, aquelles olhos de fogo, aquella vivacidade extrema!

O que é verdade é que na conversação a mulher das Canarias junta ao espirito natural e brilhante das francezas, a sensibilidade, graça e maneiras insinuantes das hespanholas.

Fallando agora dos rendimentos publicos, diremos que se compõem dos direitos das alfandegas, que se elevam a réis 270:000$000; dos impostos municipaes que importam em 22:500$000 réis; das rendas ou fóros da igreja, que montam a 315:000$000 réis; e finalmente das contribuições voluntarias e dos tributos particulares dos *ayuntamientos* (municipalidades), tributos que variam segundo a importancia e riqueza de cada concelho, e a que dão o nome de *proprios y arbitrios.*

Estes rendimentos das camaras municipaes são, para assim dizer, o unico recurso das menos favorecidas, pelo que respeita a territorio ou commercio. Mesmo as cidades mais consideraveis não obtêem melhoramento algum de utilidade publica, como illuminação, fontes, calçadas, senão por meio de subscripções especiaes; tão pequenos são, em geral, os rendimentos das municipalidades.

Quanto á administração publica e regimen interno, as ilhas Canarias formam uma provincia ou capitania general do reino de Hespanha, sob a direcção de um governador, que tem o titulo de capitão general, e reside em Santa Cruz de Teneriffe, como referimos.

Ha uma só diocese no archipelago, cujo bispo reside na ci-

dade das Palmas. Parece que tem 88 parochias e 310 capellas. Disseram-nos que não havia menos de 40 conventos, tendo Teneriffe, só á sua parte, 24.

O poder judicial é representado por uma *audiencia* (relação), com um regente, um fiscal, um advogado fiscal e um secretario; dividindo-se em duas salas (1.ª e 2.ª), cada uma com um presidente e dois vogaes.

O territorio da audiencia das Canarias divide-se em sete comarcas de primeira instancia, cada uma com um juiz e um promotor fiscal.

As cabeças de comarca são: Guia, Las Palmas, Orotava, Puerto del Arecife, San Cristobal de la Laguna, Santa Cruz de la Palma e Santa Cruz de Teneriffe.

A instrucção publica está a cargo de um inspector de terceira classe. Ha uma escola normal elementar, um instituto ou collegio real de *segunda enseñanza* (instrucção secundaria), varias escolas de instrucção primaria, e uma escola de nautica em Santa Cruz de Teneriffe.

A administração superior civil está dividida entre dois magistrados: um governador civil de terceira classe na Laguna, e um chefe do districto de las Palmas. O governador civil tem um secretario, alem de mais pessoal da repartição. O chefe do districto de las Palmas tem menos empregados.

Debaixo das ordens d'estes chefes civis superiores estão os *alcaldes*, ou administradores de concelho.

Relativamente á saude publica, ha uma *junta provincial de sanidad*, com um presidente (o governador civil), e um vice-presidente (o alcaide da capital), quatro vogaes natos (o capitão do porto, o administrador da alfandega, o parocho da matriz e o medico de visita mais antigo), e seis vogaes electivos.

Tem tambem uma junta provincial de beneficencia, com um presidente (governador da provincia), um vice-presidente (o prelado diocesano, ou quem faz as suas vezes), e um certo numero de vogaes electivos.

A administração principal do correio é em Santa Cruz de Teneriffe.

A *aduana* (alfandega) superior, está estabelecida na mesma cidade.

Para a inspecção da agricultura ha um commissario regio, e uma junta, presidida pelo governador da provincia, com um vice-presidente e um secretario.

Quanto a trabalhos, obras publicas e minas, alem do engenheiro commissario de *montes,* ha um primeiro engenheiro, com o respectivo pessoal e operarios.

A parte militar é presidida pelo capitão general, e na sua falta pelo segundo cabo (tenente rei), que é governador de Santa Cruz de Teneriffe.

A Gran-Canaria tem um governador separado (era brigadeiro).

Lanzarote e Palma tinham tambem cada um o seu governador, que eram os commandantes dos batalhões provinciaes das respectivas ilhas.

O Puerto de la Orotava e os castellos de San Cristobal e de Paso-Alto tinham cada um o seu commandante.

Os batalhões de milicias *provinciales* foram organisados em 1770, e têem sido reorganisados varias vezes, constando hoje de mais de 7:000 homens, divididos nos seguintes batalhões ligeiros, cada um com um commandante e um sargento maior, e nas duas secções tambem abaixo mencionadas, cada uma commandada por um capitão:

Batalhões	Terras
N.º 1	Laguna.
» 2	Orotava.
» 3	Abona.
» 4	Palmas.
» 5	Guia.
» 6	Palma.
» 7	Lanzarote.
» 8	Fuerteventura.
Uma secção em	Gomera.
Outra secção em	Hierro (Ferro).

O inspector geral d'estas tropas é o capitão general e o sub-inspector é o segundo cabo.

O estado maior da capitania general compõe-se de um chefe de estado maior, alguns ajudantes de campo, ajudantes de ordens, um intendente militar de divisão e districto, um sub-intendente e um commandante do departamento de artilheria, que tem debaixo das suas ordens uma brigada fixa com um primeiro e um segundo commandante.

E pelo que respeita á parte maritima, ha um commandante e um segundo commandante do terço naval da provincia e partido das Canarias, um capitão dos portos (que é o segundo commandante do terço naval), alguns patrões móres, e um *asesor* (auditor) de provincia.

Entremos finalmente em Orotava.

Fomos hospedados por uma joven e formosa senhora hespanhola, a quem já deviamos e a seu marido muitas obrigações desde que os conhecêra em Badajoz.

Depois de havermos descansado, tratámos de saír pela cidade, tanto para arranjarmos mulas e outros preparativos para a nossa projectada ascensão ao pico de Teneriffe, como para vermos a povoação.

Orotava, depois de Santa Cruz e de Laguna, é a terra mais importante de Teneriffe, com uma população de 8:315 almas. Tem muitas casas boas, muitas lojas, bastante movimento commercial, alguns agentes consulares, e a duas milhas ao N. um suburbio, chamado *El Puerto* (o Porto), com municipalidade separada e 4:000 habitantes.

Desde o desastre da povoação de Garachico, em 1706, em resultado da erupção do vulcão, tomou aquelle ancoradouro uma grande importancia, apesar de exposto a todos os ventos e muito perigoso na estação invernosa. Os navios podem ancorar em tres pontos differentes; a saber: El Limpio, que varia de 77 a 110 metros de fundo, a 2 milhas ONO. de terra. El Limpio de las Calaveras, na mesma direcção em 39,6 a 77 metros. El Rey, entre 35,2 e 26,4 metros, a NO. Este ultimo fundeadouro é orlado de recifes.

Sendo o nosso desejo observar o nascer do sol de um dos pontos mais altos do pico, calculámos que a melhor occasião para partirmos seria pela volta das tres horas da tarde.

A nossa bella e respeitavel hospeda fez-nos a fineza de nos servir de guia n'aquella excursão, para effectuar a qual nos deu o seu conselho, e nos offereceu um magnifico farnel.

Partimos pois a cavallo nas nossas mulinhas, seguindo-nos a pé dois creados e uma mulata da casa da dama hespanhola. Um preto levava pela arreata uma outra mula com as provisões, alguma lenha, cobertores, agua, vinho, espiritos e os nossos casacões de abafar, porque todas as rasões nos faziam suppor que teriamos de experimentar frio excessivo; alem de que sabiamos que tinhamos de passar uma parte da noite em bivac, n'um sitio da montanha já muito elevado.

Apenas saímos da cidade começámos a subir immediatamente; ao principio a estrada seguia por entre bonitas casas de campo, todas cercadas de ricos vinhedos, e outras vezes, durante cousa de $^1/_2$ milha, passavamos por azinhagas orladas de muros quasi inteiramente escondidos pelas sarças variadas aqui e alem pelo immenso aloes da ilha.

Foi então que começámos a ver esvoaçar por uma parte e por outra os afamados canarios, que deram o nome áquellas ilhas, como dissemos.

Tambem vimos n'esta occasião, pela primeira vez, camellos servindo de animaes de carga.

O nobre visconde de Sá da Bandeira, sempre incansavel em meditar e realisar melhoramentos para as nossas provincias ultramarinas, querendo introduzir este systema (e o de elephantes, como se pratica na India) para o serviço das colonias, foi o primeiro que entre nós concebeu a idéa de fazer transportar alguns camellos para Angola, a fim de ali serem empregados no serviço de transportes. Meu pae, depois, quando ministro da marinha e do ultramar, empenhou-se em desenvolver tão util pensamento. Infelizmente porém, por circumstancias que não vem para aqui referir, os resultados obtidos não corresponderam á espectativa.

portação d'aquelles animaes «com o receio de
extinguisse no archipelago», segundo dizia o c
Á medida que subiamos a montanha, a riq
tação ia-se tornando gradualmente menor, até
n'uma zona povoada de esplendidos castanheiro
A nossa fatigada caravana continuou galga
mes desfiladeiros até que chegou ao Monte Ver
deve á rica vegetação de que é, ou, para melhor
fôra revestido. Soberba mata de pinheiros, alg
se haviam tornado historicos para muitos viajan
tr'ora aquelle monte; mas a violencia dos vento
tes, e mais ainda talvez o devastador espirito
do paiz, tem-n'a destruido quasi completamente
Havendo caminhado por uns terrenos ora m
ora faceis, chegámos ao pé de uma pequena cr
chamada *la Cruz de la Solera*, d'onde começ
brir o pico.
Meia milha mais adiante achámo-nos na en
montanha denominada *Caravallo*, que toma este
arvore que no mesmo sitio existia.
Dentro em pouco passámos a ultima arvore q
tra n'aquelles outeiros, e chegámos á região d
não crescem ali como no Cabo da Boa Esperança
paizes, que temos visitado, isto é, rentes do chão
elevam quaes altos e formosos arbustos...

por cada 1 ½ milha. Mesmo assim com tão tardio passo galgámos em pouco tempo uma altura perpendicular extraordinaria.

A principio ainda nos queixámos das nossas cavalgaduras; mas em breve reconhecemos que os melhores cavallos não poderiam prestar-nos os serviços que nos fizeram as nossas acostumadas, pacientes e seguras mulinhas.

Os nossos companheiros (os creados) que, como dissemos, nos seguiam a pé, apoiavam-se n'uns cajados ou varapaus de cerca de 3 metros de comprimento, que muito nos faziam lembrar os bem conhecidos *bâtons* dos guias dos Alpes.

Depois de havermos proseguido trepando por aquelles escarpados rochedos durante tres ou quatro horas, foi-se a atmosphera tornando mais e mais fria, e como a noite se approximasse, sentámo-nos sobre uns penhascos no cume de uma outra montanha a que chamam *El Pino de la Merenda,* porque n'este ponto houve outr'ora um pinheiro enorme, a cuja sombra costumavam merendar os viajantes.

Ali descansámos e tomámos uma refeição, poucos momentos antes do pôr do sol.

Appareceu-nos entretanto a lua, e festejámo-la proseguindo o nosso caminho alumiados pela sua meiga luz.

Em breve alcançámos o cume da escalvada subida para onde trepavamos, e nos achámos no limite do que se póde chamar a *planicie de pedra pomes,* espaço de terreno do monte, comparativamente menos ingreme, na base do verdadeiro pico, o qual comtudo ainda não podiamos bem distinguir. Os outeiros que tinhamos successivamente subido não eram, para assim dizer, outra cousa mais do que uma especie das obras exteriores do famoso pincaro, porque o gigantesco vulto da montanha principal encobriam-no aquellas para nós.

Começou então a desapparecer de todo a negra e aspera crusta da lava, e a patentear-se um tapete de escoria branca como a saraiva.

N'isto, tendo passado o pequeno desfiladeiro *del Portillo,* e quando cheios de enthusiasmo exclamavamos «o que não dariamos só para ver o pico?!» ouvimos a nossa formosa guia

responder-nos: «Ei-lo», e com effeito o enorme serro erguia-se magestoso aos nossos olhos deslumbrados!

Nunca nos esquecerá a sensação que experimentámos com esta vista! Se um gigante de fórma humana e tão alto como a montanha, se levantasse desde a planicie, parece-nos que a sua figura não excitaria em nós tão grande admiração!

Passado aquelle torpor da nossa surpreza, redobrámos de energia, e proseguimos na nossa ardua empreza.

As nuvens que até aqui nos haviam envolvido desappareciam agora rapidamente. Dez minutos depois íamos trotando em uma região muito diversa, tendo saído inteiramente da das nuvens, e achando-nos de facto acima d'ellas, e em uma atmosphera secca e clara. Olhando para baixo de nós viamos distinctamente as brancas massas das nuvens, estendendo-se em um leito horisontal desde a borda da planicie (de pedra pomes) e em um nivel apenas mais inferior alguns centenares de metros do trilho que seguiamos.

Não podiamos duvidar de que se entrassemos a divagar por ali abaixo, ou se descessemos ½ milha só que fôra, tornariamos a ser envolvidos pelas nuvens, e nos exporiamos como d'antes á chuva e nevoeiros; na altura a que chegáramos o ar era inteiramente secco.

Tivemos d'isto immediatamente a mais completa evidencia.

Havendo nós chegado á atmosphera limpa, e achando-nos cansados e transidos de frio, apeámo-nos por um instante, e observámos então que todo o nosso vestuario se achava humido do cacimbo ou orvalho que tinhamos apanhado momentos antes de entrarmos na planicie. Meia hora porém depois os nossos sapatos ou botas, as meias e todo o nosso fato estava tão secco e enxuto como se fôra isca!

Esta rapidissima absorpção da humidade fez-nos naturalmente experimentar um frio intensissimo, obrigando-nos a tomar alguns goles de bebidas espirituosas; mas, como caminhavamos agora a pé e depressa, promptamente tornámos a aquecer algum tanto.

Depois de havermos andado ora a pé ora a cavallo durante

5 ou 6 milhas por cima de cascalho vulcânico, cujas particulas augmentavam á medida que nos approximavamos do centro da acção, chegámos ao sitio chamado *las Faldas*, isto é, á base de uma enorme montanha, composta de milhares e milhares de pilhas de lava confusamente sobrepostas umas ás outras.

É sobre o cume d'esta escabrosa e completamente arida massa de penhascos que se ergue o grande cone de cinzas e de pedras vulcanicas, que forma o verdadeiro pico ou o mais alto pincaro de Teyde ou de Teneriffe, como vulgarmente é conhecido.

Este pedestal no meio das montanhas que se elevam a 990 metros acima do nivel do mar, terá 3:960 metros de altura!

É de presumir que a cratera do *Teyde* e mesmo as da *Caldera*, de *la Rambleta* e *del Piton* que as coróa, fossem desconhecidas no tempo em que os antigos chamavam *Afortunadas* a estas ilhas. Foi só no decurso do anno de 1393, segundo querem alguns, não sabemos com que fundamento, que as chammas e o fumo do vulcão foram pela primeira vez vistos de longe no mar por uma expedição de aventureiros biscainhos e andaluzes, que por aquelle motivo não ousaram aportar á ilha!!

Em 1444 o pico de Teyde vomitava como o Etna chammas sem interrupção.

E Colombo nos diz tambem que em 1492 achando-se á vista de Teneriffe, descobriu as montanhas a arder.

Mas as catastrophes mais terriveis que têem assollado aquelle paiz datam de 1704. Foi na noite de Natal d'esse anno que a terra começou a tremer com tal violencia, que se contaram vinte e nove oscillações ou tremores de terra antes de raiar a aurora.

Desde aquelle momento fatal até ao meado do anno de 1706, as erupções do vulcão succederam-se umas ás outras com pequenas intermittencias, e de cada vez com resultados mais terriveis e caracter mais assustador.

A 2 de fevereiro de 1705, dia da Purificação de Nossa Senhora, ao anoitecer, a erupção surprehendeu repentinamente a população que havia concorrido ás festividades religiosas proprias do dia. Ás primeiras explosões estremeceu toda a ilha, e principalmente a cidade de Orotava. Encheram-se de terror os consternados habitantes. Cada um fugia em desordem, soltando gritos de desespero. As casas foram abandonadas sem que os ladrões se animassem a ir rouba-las. Os vasos sagrados, as reliquias, os ornamentos, tudo foi levado para a praia, sendo o Santissimo Sacramento assim exposto sob a abobada do céu. Os padres absolviam o consternado povo em massa. O bispo morreu logo de susto desde o primeiro signal de tão terrivel catastrophe.

A erupção do dia 5 de maio, que foi a ultima, não trouxe menos horror e desolação a Garachico. Começou ao nascer do sol, apparecendo o pico então todo coberto de um vapor vermelho e assustador; o ar abrasava; um cheiro de enxofre suffocava os habitantes e os animaes, que se achavam uns e outros amedrontadissimos; emfim até as aguas do mar estavam cheias de vapores similhantes aos que exhalam as caldeiras. De repente uma torrente de lava incendiou a igreja principal e muitas casas da povoação. Pela volta das nove horas da noite houve nova explosão que cobriu as ruas, e se estendeu até ao litoral. Esta horrivel erupção entulhou, em parte, o porto. Rochedos inteiros calcinados ficaram enterrados sob aquella inundação de fogo, e de toda a cidade só restaram de pé algumas poucas casas desertas!

É a esta catastrophe que alludimos, quando fallando *del Puerto* (ou *del Puerto de la Paz,* como tambem lhe chamam) dissemos que Garachico havia decaido completamente como porto commercial.

Mas, tornando á narração da nossa subida ao pico, tendo chegado á extremidade da planicie de pedra pomes, obrigámos as mulas a trepar uma escabrosa ladeira que pelo menos teria 330 metros de altura até chegar ao sitio denominado *La Estancia de los Ingleses,* onde deviamos pernoitar.

La Estancia de los Ingleses, nome que lhe provém provavelmente do grande numero de viajantes d'aquella emprehendedora nação que ali tem passado a noite nas suas explorações, é um pedaço de terreno chão e escalvado, de uns 33 metros quadrados, com dois ou tres rochedos no meio, similhando uma especie de grutas naturaes, que constituem o unico abrigo n'aquella elevadissima e exposta situação. D'ahi para cima já não podem seguir cavallos nem mulas.

Preparámo-nos pois para fazer os nossos quarteis da noite. Cobrimos as mulas com muitas mantas. Accendeu-se lume e cozinhou-se a ceia, que nos pareceu soberba lá n'aquellas alturas!

Depois a nossa bella companheira e a sua mulata retiraramse para um d'aquelles nichos de pedra, e nós, os homens, repartimo-nos pelos outros.

Embrulhámo-nos bem nos nossos cobertores, e tratámos de adormecer n'aquelles singulares aposentos, cujo tecto não era outro senão o estrellado firmamento e a lua derramando sua prateada e meiga luz sobre o cimo da montanha.

O frio era immenso, conservava-se o thermometro em 22°, mas o ar estava secco e não havia vento. Comtudo sentia-se difficuldade no respirar, causada pela rarefacção da atmosphera; e sobretudo o que mais nos surprehendeu foram as muitas moscas que nos incommodaram n'um sitio tão elevado. Cremos que serão attrahidas ali pelas cabras, que, ás vezes, trepam por aquelles penhascos; e tanto assim que encontrámos uma morta.

Felizmente pouco a pouco foram-se desvanecendo estes contratempos e em breve adormecemos.

Acordámos meia hora antes de nascer o sol, justamente quando apparecia no horisonte um pequenissimo indicio da luz do dia. Levantando-nos instantaneamente silenciosos esperámos com commoção e curiosidade o apparecimento d'aquelle brilhante luminar da terra.

O espectaculo que então presenciámos foi um dos mais grandiosos da natureza! A luz, acompanhada de uma especie

de aureola desvanecida, alargou gradualmente a sua esphera. Repentinamente o largo disco do sol ergueu-se desde o mar e apresentou-se diante de nós em toda a sua inexcedivel magestade. Todos pensámos que bastava a vista d'estas scenas para nos darmos por pagos de todo o nosso trabalho em subir áquelle elevadissimo e famoso pico. Immediatamente depois do nascer do sol experimentámos agradavel calor.

A E. do pico, a 4 ou 5 milhas de distancia, vimos muitas montanhas a que chamam *Malpesses*, e mais longe, para a parte de S., a denominada *Montaña de Rejada.*

Todos estes montes parece que foram outros tantos vulcões em eras muito remotas, como o fazem crer as rochas negras e as pedras requeimadas que ali se encontram e que se assimilham ás que se acham nos arredores do pico.

Não ha nada que se possa comparar áquelle amalgama confuso de restos vulcanicos empilhados uns sobre os outros, e que poderiam, com justa rasão, chamar-se uma das maravilhas do mundo.

Depois de havermos tomado café e algum pão de ló, e deixando o preto de guarda ás mulas proseguimos na nossa tarefa.

Entre a Estancia e o cume do pico encontram-se duas montanhas muito altas, cada uma de $1/2$ milha de caminho. A primeira está semeada de seixosinhos, em que facilmente se escorrega, de modo que tivemos de trepar com pés e mãos, e de calçar uns sapatos proprios, que expressamente leváramos na mula de carga que deixáramos na Estancia, e uns cajados iguaes aos dos creados.

A segunda montanha não é outra cousa mais do que um montão de pedregulhos enormes e informes dispostos sobre a terra em confusão, mas cujo piso é mais facil.

Depois de andarmos perto de meia hora n'este terreno começámos a descobrir o *Pão de Assucar*, que até ali se nos occultava, por se interporem aquellas duas montanhas.

Depois de caminharmos sem cessar ainda duas horas mais, trepámos finalmente ao pincaro mais elevado do famoso pico.

É de fórma oval e o seu maior diametro estende-se do NNO. ao SSE., tendo talvez 277,20 metros de comprimento sobre 217,80 de largura.

N'este circuito encerra no seu cimo um lago de agua gelada e proximo a elle uma cratera, que de vez em quando arroja lava em grande abundancia.

Aquella cratera é a que chamam a *Caldera*, e que jaz para a parte do S.

Do alto do pico de Teneriffe descobrimos a Gran-Canaria a 14 leguas; a ilha de Palma a 18; a de Gomera a 7; a do Ferro a mais de 20!

Apenas o sol appareceu no horisonte, a sombra do pico pareceu cobrir não só toda a ilha de Teneriffe e a de Gomera, como tambem o mar todo, na distancia que alcançavam os olhos.

Mas, quando o sol adquiriu maior elevação, formaram-se nuvens tão rapidamente que de subito perdemos de vista o mar e mesmo a ilha de Teneriffe, excepto os cumes de uma ou outra montanha vizinha que parecia que rompiam através das nuvens.

Sendo informados que, como na *Montanha da Mesa (Table mountain* em inglez) no Cabo da Boa Esperança, quando aquella toalha ou nevoeiro se desenvolve no pico de Teyde é sempre signal de tempestade de ventaneiras; e havendo nós obtido a realisação do nosso desejo de subirmos ao seu mais alto pincaro, descemos á Estancia, montámos as nossas mulinhas, voltámos a Orotava, despedimo-nos com gratidão e saudade da nossa joven e formosa patroa, e partimos para Santa Cruz, onde embarcámos.

Dentro em pouco perdemos de vista as ilhas Canarias.

CAPITULO III

CABO VERDE (ILHAS DE BARLAVENTO)

Origem do nome de Cabo Verde — S. Vicente — O Porto Grande — A Cara — Quebradas — Calema — Agua — Epidemia — Verdadeira irmã da caridade — O governador geral Arrobas — Donativos — Desculpas — Desamortisação e bancos ruraes — A villa do Mindello — Descobrimento da ilha — Medidas do amigo das colonias — Subida a um monte — O caminho das estações — Colonisação — Commercio — Portos — Santo Antão — O porto dos Carvoeiros e a festa de S. João — Caminho — Villa da Ribeira Grande — Medidas de um bispo — O preto Simão — Episodio de dois pequenos naufragos — A Penha de França — Ponta do Sol — Du Guay Trouin — Tarrafal — Terras — Algodão — Colonisação — Liberdade aos escravos — Colonos hespanhoes — Paul — Emigrados madeirenses — Santa Luzia — A familia Dias — Ilhéus Branco e Raso — S. Nicolau — Terras — Gados — Outra vez a familia Dias — Producções e commercio — Clima — Portos — Villa da Ribeira Brava — Cortumes — Um pintor celebre — Sal — Portos — Naufragios — Dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar — Primeiro caminho de ferro portuguez — Commercio, etc. — Descoberta da ilha — Caridade de uma senhora — Boa Vista — Portos — Origem do nome Sal-rei — Baixo do Inglez — Obras publicas e movimento maritimo — Falta de canalisação de agua potavel — Transferencias da capital — Villa do Rabil — Povoações — Naufragios — O celebre navegante Cook — Commercio — Artistas — Pescaria — Sal — Povo — Arvoredo — Descobrimento da ilha — A festa da Vera Cruz — Clima — Baixo de João Leitão — Naufragios — Pesca.

Pouco tempo havia decorrido, e achavamo-nos já na altura do promontorio mais occidental que se projecta no continente de Africa entre o Senegal e Gambia em 14° 48′, denominado pelos geographos gregos *Hesperion keras (occidentale cornu)* e pelos romanos *Hesperium promontorium* ou *Arsinarium Africæ;* tomou depois o nome que ainda hoje tem de Cabo Verde, havendo-o assim chamado Diniz Fernandes, seu descobridor em 1443, pelo ver todo coberto de verdura, coroado por um grupo de enormes *baobabs* ou *imbondeiros,* arvores gigantescas que alguns naturalistas denominam *collosso do reino vegetal.* Foi o nome de Cabo Verde que recebeu o dito promontorio, o que sem duvida fez que se desse o de ilhas de Cabo Verde ao archipelago que ha n'aquelles mares, situado entre 14° 45′ e 17° 13′ lat. N., e entre 16° 16′ e 13° 36′ long. O. de Lisboa.

Estas ilhas parece que são as que os phenicios, carthaginezes e romanos chamavam Gorgonidas, situadas ao S. das Afortunadas (Canarias).

Dividem-se em dois grupos que se distinguem pela designação de ilhas de Barlavento e ilhas de Sotavento.

O grupo de Barlavento compõe-se das ilhas de S. Vicente, Santo Antão, Santa Luzia, dos ilhéus Branco e Raso e das ilhas de S. Nicolau e Boa Vista.

O grupo de Sotavento comprehende as ilhas de Maio, S. Thiago, Fogo, os ilhéus Grande e Rombo e a ilha Brava.

Como o dia em que chegámos se ostentava aprazivel e sem nuvens, gosámos de uma extensa perspectiva, e quando nos íamos approximando vimos ao longe no horisonte um pequeno ponto negro e ouvimos o vigia da gavea bradar: «Santo Antão!»

Não se enganára, pois com effeito as altas serras de rochas basalticas em columnas gigantes e perpendiculares que em dia claro se avistam a 18 leguas, mesmo da tolda estavam bem pronunciadas.

Santo Antão é uma ilha muito montuosa, elevando o Tope da Corôa, tambem chamado Pão de Assucar, o seu mais alto pico, 2:640 metros acima do nivel do mar, 1:650 a 1:980 metros os cumes da Corda e da Caldeira, assim denominada por causa da cratera de um vulcão, e 660 metros, pouco mais ou menos, os altos das outras montanhas.

Navegavamos tão perto, que viamos distinctamente as suas altas e massiças camadas de rochedos, sobrepondo-se uns aos outros desde o mar por aquella alta ilha acima, e os gados a pastar nas encostas das montanhas.

Passámos finalmente o canal que divide Santo Antão de S. Vicente. Estas duas ilhas estão separadas uma da outra pela distancia de 8 milhas. Dentro em pouco demos entrada no magnifico Porto Grande, magestoso fundeadouro da ilha de S. Vicente, situada em 16° 54′ lat. N. e 15° 56′ long. O. de Lisboa, estendendo-se por espaço de 5 leguas na direcção de E. a O. sobre 3 de largura na direcção de NS.

Esta ilha é montuosa, mas as suas montanhas são menos elevadas do que as de Santo Antão. Todavia as mais principaes terão talvez 990 metros de altura acima do nivel do mar, como por exemplo o Tope Galã, o Monte Verde, assim chamado da muita vegetação que o reveste, e a montanha da Cara ao

Lith. da Imp.ª N.al

A CARA DE WASHINGTON (S. Vicente de Cabo verde)

NNO. do Porto Grande, que banha a villa do Mindello, unica povoação que ha na ilha de S. Vicente.

Chamam a Cara áquella montanha, porque o seu cume tem a singularidade de se assimilhar a um rosto humano.

Do centro das montanhas da ilha de S. Vicente desdobra-se uma planicie de areia que se estende até á costa de NO. da ilha, onde toca no referido Porto Grande, aberto ao N. em 16° 54′ lat. N. e 15° 56′ long. O. de Lisboa.

Tem este porto quasi 1 legua de bôca e pouco mais de 1/2 legua de fundo, formando a balisa da barra um ilhéu chamado dos Passaros.

É pena que não se construa n'este ilhéu uma fortaleza, porque d'ali varejaria todo o ancoradouro, onde podem fundear á vontade mais de trezentos navios de grande lote, abrigados do vento do NE., que é o mais commum, pelas altas montanhas, que em fórma de meia lua torneiam a espaçosa bahia, e do vento do N. pelas elevadas serras de Santo Antão, que dissemos lhe fica fronteira e a curta distancia.

Comtudo o Porto Grande não é tão pacifico como talvez alguem deprehenderia do que deixâmos dito, porque apesar de tudo é sempre muito ventoso, e quando sopra do SO., d'onde é desabrigado, ha taes temporaes então dentro do ancoradouro que, como vimos, chegam as ondas a entrar pela alfandega, espedaçando-se na praia quasi todas as lanchas, como aconteceu a umas muito grandes da casa Miller & Visger, representantes da companhia *Royal Mail Steam Packet.*

Entretanto é certo que Vidal e Mudge, officiaes da marinha britannica, foram de opinião que o Porto Grande é ancoradouro tão seguro que n'elle se podem desapparelhar e reparar quaesquer navios.

O nosso cirurgião recebeu aviso logo pela manhã para ir ver o unico facultativo que residia na ilha, e que segundo nos disseram estava perigosamente enfermo, tendo sido atacado da febre amarella ou do cholera morbus, que então assolava a ilha de S. Vicente.

Como tambem ouvissemos que eram inglezes os emprega-

dos das companhias de paquetes a vapor, e observassemos que o nosso digno facultativo era mandado a terra contra todas as regras de equidade, mesmo assim quizemos acompanha-lo, prestando-nos a servir de interprete, a fim de nos entendermos com aquelles empregados sobre o fornecimento do carvão que precisava o vapor, aproveitando o ensejo que assim buscaramos para realisar o empenho principal que nos levára á Africa, que era, como já referimos, ver os paizes por onde passassemos e informar-nos bem d'elles.

Nem nos amedrontavam os riscos do mar, as febres e maus climas, poisque já com isso tudo contavamos quando para aquellas regiões haviamos saído a barra de Lisboa.

Fomos pois para terra, e aindaque o mar costuma estar ordinariamente tão socegado e transparente no porto que se vêem os seixos, a areia, as amarras e ancoras na profundidade de mais de $6^m,50$, n'esta occasião havia *calema* (ressaca) que encharcou a todos os que íamos no escaler.

A ponte de madeira em que desembarcámos, que é assente em um banco de areia e extensissima, foi construida por conta da casa Visger & Miller, representantes da poderosa companhia de navegação a que já alludimos, os quaes para este fim haviam solicitado do governo a necessaria permissão, allegando a urgente necessidade d'aquella ponte para o serviço dos vapores que lhes são consignados, e para o fornecimento dos lastros aos demais navios.

Tambem lhes foi permittido construir um caminho de ferro marginal na extensão de 400 metros, com o fim de ligar a referida ponte com o monte denominado de El-Rei ao S. da mesma ponte, para facilitar a exploração de pedra e sua conducção para o local preciso.

Obrigaram-se alem d'isto os referidos negociantes a levantar um muro do lado de uma propriedade que já ali possuiam, para encanar as aguas de uma ribeira que n'aquelle sitio corre, e que por falta de encanamento ficavam estagnadas durante quasi todo o anno.

A companhia *Royal Mail Steam Packet* teve igualmente

permissão para assentar dois guindastes a vapor da força de oito a dez cavallos, para carga e descarga das fragatas com carvão; bem como para estabelecer dois apparelhos de distillação da agua do mar, e oito tanques de ferro para supprir de agua os vapores e os operarios que trabalham na ilha.

Tambem foi concedido á mesma casa Visger & Miller um terreno aonde encontraram agua muito boa, proxima aos seus estabelecimentos, obtendo licença para a conduzirem desde o poço, por meio de um encanamento subterraneo.

D'aqui se vê pois que a continua passagem dos vapores das linhas de paquetes entre a Europa, o Brazil, o Senegal e toda a costa de Africa occidental, e a chegada de centenares de navios carregados de carvão, concorre muito para a prosperidade tanto de S. Vicente como de Santo Antão, apresentando estas duas ilhas progressiva e diariamente signaes de movimento.

Cremos comtudo que, infelizmente, a ilha de S. Vicente nunca virá a ser muito importante por motivo da falta de população, e porque nada ou quasi nada produz, e a agua, alem de não ser boa em geral, é insufficiente em quantidade para a aguada dos navios. Ora, não produzindo a ilha generos de exportação, não póde fazer commercio directo, e portanto só fará o de transito como interposto; mas, esse mesmo não póde deixar de ser insignificante, porque os navios de véla ou vão buscar carga a Cabo Verde, e n'este caso aportam directamente ás ilhas onde estão os carregadores, e que por isso tambem são os compradores dos respectivos carregamentos, ou vão á especulação, e n'este caso percorrem, como costumam, todos os portos onde ha consumidores. Restará pois para S. Vicente só o que for nos paquetes, e isso tambem pensâmos que pouco será, e menos deixará, visto representar só commercio de transito.

Dissemos que havia falta de agua na ilha de S. Vicente, e que em geral a que tem é de má qualidade. Referiremos aqui o que soubemos a este respeito e o que se tem feito para a obter.

Ha ali uma fonte chamada do *Madeiral,* situada a 2 leguas do Porto Grande, na parte inferior de uma massa de ro-

chas basalticas extremamente accidentadas; uma commissão porém nomeada para informar sobre a despeza que exigiria a canalisação d'aquella agua para a povoação e para aguada dos navios, informou, que embora esta agua fosse reforçada com a de uma outra fonte no sitio do *Madeiralzinho*, a pouca distancia da primeira, gastando-se n'esta obra 38:000$000 a 40:000$000 réis, ainda assim não chegaria para supprir as necessidades do consumo.

É verdade que no sitio chamado *Mato Inglez* ha uns olhos de agua; mas tambem é certo que são de pouca monta, bem como alguns poços que se têem aberto em diversos pontos, todos de má qualidade de agua, excepto um junto do novo quartel, d'onde por isso se abastece uma parte da povoação.

Pelo que respeita á encontrada no Lameirão e no poço aberto em setembro de 1860, no sitio denominado *Areia Branca*, a cerca de 1:600 metros da villa do Mindello, essa pouco poderá aproveitar, porque seria preciso para que se utilisasse canalisa-la convenientemente.

Como ao desembarcar nos molhassemos muito por causa da *calema*, o que se reputa perigoso na nossa Africa, porque em resultado manifestam-se muitas vezes febres e outras doenças, aconselharam-nos a que tomassemos alguma aguardente com agua, e usassemos de outros preservativos.

Grassava então na ilha com grande intensidade o horrivel flagello da febre amarella, e só com muita difficuldade obtivemos braços sufficientes para metter carvão no vapor, apesar de haver sido reforçada a guarnição militar para que os soldados podessem ajudar, porque a maior parte da gente que se empregava n'este serviço, ou tinha morrido, ou estava fugida, enferma ou occupada em administrar os urgentes soccorros aos parentes e amigos.

Informaram-nos que fôra tal a mortandade, que de 1:400 habitantes em que se calculava a população, apenas restaria n'aquella occasião a decima parte, e ainda em 1860 tinha apenas 1:141 habitantes

A apathia e o terror d'aquelle infeliz povo ainda se tornára

maior quando perdeu o seu caritativo, zeloso e intelligente facultativo Henrique Leopoldo Gomes Guibara, a cuja memoria os habitantes depois tiveram a generosa idéa de erigir um mausoléu.

É com satisfação que registâmos aqui os serviços de algumas pessoas que se distinguiram em tão calamitosas circumstancias por seus serviços desinteressados em prol da humanidade afflicta.

Citaremos com especialidade o respeitavel ancião Antonio Joaquim Martins, que apesar de ser o primeiro proprietario d'aquella terra, tendo por consequencia todos os meios e proporções para se evadir aos effeitos do flagello, preferiu antes encarar a morte, do que faltar ao cumprimento dos seus deveres como administrador do concelho, velando os doentes dia e noite, acompanhado de Seraphim dos Santos Frederico, que tambem prestou excellentes serviços; bem como o reverendo parocho Sebastião Luiz Monteiro, que não contente de acudir a differentes doentes pessoalmente, com toda a especie de soccorros, na propria residencia recebeu grande numero de enfermos, de cujo tratamento se encarregou com rara abnegação e caridade!

Tambem commemoraremos aqui os grandes serviços prestados por Catharina da Silva Evora, que como verdadeira *irmã de caridade,* levada dos impulsos de seu coração bemfazejo, e por um pensamento verdadeiramente delicado em terra tão falta de estabelecimento adequado com meios de separação para os enfermos de ambos os sexos, levou logo para sua propria casa muitas enfermas para ella mesma as tratar.

Sobretudo é digno dos maiores elogios o humano e generoso comportamento do honrado consul de Inglaterra Thomás Miller, que procurou tornar-se util, em todas as circumstancias, chegando ao ponto de se prestar a substituir o infeliz e benemerito cirurgião Guibara, cuja falta fôra tão geralmente sentida, visitando os atacados, applicando-lhes os medicamentos que a sua experiencia lhe indicava como mais proprios, e franqueando gratuitamente a sua botica particular.

Seriamos injustos se não proclamassemos aqui, bem alto, que ao governador geral, o conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas, deve tambem esta ilha, assim como toda aquella provincia, os serviços mais eminentes, prestados com a maior abnegação, e o mais verdadeiro interesse por todos e por tudo; o que por certo lhe grangeou, para sempre, o respeito e a saudade d'aquelles povos.

Para melhor comprovar o que deixâmos expendido, apresentaremos aqui uma mui resumida noticia dos obsequios e attenções que aquelle governador recebeu dos habitantes de Cabo Verde, em agradecimento das salutares providencias que tomou, em relação aos flagellos das molestias epidemicas e da fome que assolaram aquellas ilhas.

N'este proposito referiremos que o conselheiro Arrobas, tomando posse do governo da provincia, a salvou e restaurou completamente, por assim dizer, apesar de ter a lutar contra os ditos flagellos de molestias epidemicas (o cholera e as bexigas) e da fome, havendo sido poucas as chuvas de 1853, e por isso escassas as colheitas d'esse anno, sendo-o tambem as de 1854, e começando a sentir-se excessivas faltas, sobretudo nas ilhas de S. Vicente, do Sal, Boa Vista e Fogo; e postoque as circumstancias não fossem ainda assustadoras, aggravou-se todavia cada vez mais aquelle triste estado de cousas em 1855, achando-se completamente esgotados os recursos, e não havendo para consumo senão os generos da pequenissima colheita de janeiro de 1855; alem de que n'esse anno a colheita da semente da purgueira, d'onde provém, em Cabo Verde, o principal rendimento para o povo e para o estado, não chegou então á quarta parte da dos outros annos.

Assim os habitantes de Cabo Verde, animados de sentimentos de acrisolado patriotismo e philanthropia, cheios de confiança no seu benemerito governador, e querendo dar-lhe um testemunho publico de confiança e gratidão, fizeram importantissimos offerecimentos e donativos ao cofre da provincia.

O bispo da diocese, D. Patricio Xavier de Moura (1), cedeu

(1) Vide os *Boletins officiaes da provincia de Cabo Verde.*

18:000$000 réis ao estado dos rendimentos da mitra, que se lhe deviam, e que tinham de lhe ser satisfeitos por meio de prestações annuaes, como tem sido pratica fazer-se aos prelados do reino e do ultramar.

O visconde da Penna fez doação de 6:000$000 réis em numerario.

O dr. Julio José Dias, Nicolau Antonio Duarte, João Joaquim Marques, Pedro de Freitas M. de Miranda, Theofilo Antonio Vieira, Antonio Spenca, José Bento de Oliveira, Miguel Antonio de Carvalho, Antonio Rodrigues de Carvalho, Manuel Joaquim de Almeida, José Antonio Dias de Pina e José Manuel Sant'Anna, por occasião da visita d'aquelle governador geral á ilha de S. Thiago, offereceram um donativo importante de madeiras de construcção que haviam arrematado por occasião do naufragio de uma barca carregada de madeiras.

O commendador Henrique José de Oliveira cedeu igualmente 14:000$000 réis em titulos de divida publica moderna, e antepondo o bem da sua patria adoptiva ao proprio interesse particular, fez importantissimos serviços ao estado e á humanidade, prestando gratuitamente as suas lanchas e escaleres tripulados para o serviço sanitario do porto e lazareto durante todo o tempo da quarentena, havendo empregado da mesma maneira as suas lanchas e escravos para transportarem cantaria da cidade da Ribeira Grande para a da Praia, na ilha de S. Thiago, para as obras publicas; chegando o seu zêlo ao ponto de ir pessoalmente dirigir os trabalhos n'aquella cidade, não obstante o grave inconveniente que d'ahi lhe resultava para a direcção da sua importantissima casa commercial na cidade da Praia. Igualmente promptificou bois e carros para o serviço do estado nas obras do trem da dita cidade.

A casa Martins & Sousa cedeu 20:000$000 réis, sendo 14:000$000 réis em titulos de divida publica e 6:000$000 réis correspondentes ao valor do caes que a mesma familia possuia na ilha da Boa Vista, alem do rendimento do mesmo caes que desde 1850 estava por cobrar, provando assim aquella illustre familia de uma maneira generosa o seu patriotismo,

e que não degenerára o sangue do illustre conselheiro Manuel Antonio Martins, a quem tanto deve a provincia de Cabo Verde.

Egydio Antonio de Sousa, alem de 670$900 réis que cedeu em titulos de divida publica da provincia, tambem forneceu á sua custa toda a agua que se consumiu no lazareto e a bordo do patacho *Cordialidade* e da barca *Benjamin*, emquanto durou a quarentena, prestando o seu proprio vasilhame, que soffreu grossas avarias, o que tudo subiu a importantes sommas; havendo prestado igualmente, sem remuneração alguma, o seu navio e escravos para transporte de cantaria da cidade da Ribeira Grande para a da Praia, para as obras publicas, e os seus carros e respectivos bois e carreiros para as obras do referido trem.

Francisco Cardoso de Mello, cedendo 2:000$000 réis, tambem da divida publica da provincia, prestou igualmente os seus carros, bois e carreiros para as obras do mesmo trem.

José Gabriel Cordeiro fez o mesmo, montando porém a somma que cedeu a 545$266 réis.

Antonio José Nunes 1:000$000 réis.

Antonio Pereira de Borja 428$797 réis.

Gilberto da Silva Gonçalves 1:000$000 réis.

José Xavier Crato 1:293$100 réis.

Luiz Antonio Fortes 1:209$597 réis.

Tristão Dias da Silva 487$500 réis.

Os seis ultimos individuos acima referidos fizeram donativos d'aquellas sommas em titulos da divida publica da provincia.

José Delgado Freire fez donativo de um moio de milho, no valor de 96$000 réis, para soccorro dos habitantes da ilha do Fogo, e forneceu o milho necessario para o destacamento de Guiné por tão baixo preço, que equivalia quasi a um donativo.

D. Maria Freire Furtado, Manuel dos Reis Borges, Manuel Tavares Homem e Nicolau dos Reis Borges igualmente fizeram donativos de milho e farinha de pau para soccorro dos pobres na ilha de S. Nicolau e na da Boa Vista.

A respeitavel casa da Viuva & João Baptista Burnay, alem de outros donativos que fez tambem generosamente, nada quiz receber do estado pelo frete do patacho *Cordialidade*, em que fugiram para a cidade da Praia as principaes familias da ilha do Fogo, nem pelos prejuizos que soffrêra com a demora que o navio teve no porto por todo o tempo da quarentena. Mas não ha que admirar d'estes rasgos d'aquella honrada e acreditada casa commercial, poisque a provincia de Cabo Verde já lhe devia, em grande parte, o estado de desenvolvimento em que se acha e a sua principal origem de riqueza utilisada, por ser a referida casa que deu impulso ao importante commercio da exportação da semente de purgueira de Cabo Verde, e por consequencia ás vantajosas relações commerciaes que hoje existem com a metropole.

Os principaes habitantes da ilha de S. Thiago, alem de se promptificarem a transportar gratuitamente os materiaes para a construcção do palacio do governo, na cidade da Praia, offereceram tambem uma porção de milho para sementes, que de todo faltava na ilha da Boa Vista, sementes que o governo pretendia comprar, a fim de serem distribuidas aos mais necessitados; e por occasião do flagello na ilha do Fogo, cederam os seus carros gratuitamente para os trabalhos de construcção do lazareto, fazendo donativo ao estado dos materiaes que deviam empregar-se nos telhados, promptificando sem remuneração os seus escravos, mobilando algumas das casas do lazareto, e prestando muitos outros serviços importantes.

J. R. da Silva, da ilha Brava, tambem cedeu 787$675 réis em titulos de divida publica; devendo-se assim ter a bem fundada esperança de que o pouco que ainda possa dever a provincia de Cabo Verde, estará d'este modo em breve doado ao estado, mesmo porque alguns cavalheiros tomaram a si tão nobre empenho.

Promoveram-se igualmente tres subscripções: uma pelo conselheiro Arrobas, na ilha do Fogo; outra por José Medina de Vasconcellos, na cidade da Praia, ambas com applicação a soccorros para a ilha do Fogo; e a terceira pelo administra-

dor do concelho Narciso Martins, da ilha de Santo Antão, para acudir a esta ilha, e todas tres subiram a mais de 1:500$000 réis.

Realisou-se na cidade da Praia uma outra subscripção promovida por José Alexandre Pinto a favor dos habitantes da ilha da Boa Vista.

Antonio Cesar de Vasconcellos Correia Junior, então commandante civil e militar da ilha do Fogo, e que ali fez tantos serviços; o dr. José Fernandes da Silva Leão, n'aquella occasião cirurgião mór da provincia de Cabo Verde; e os officiaes Gama Lobo de Eça, Brito Capello, Vasconcellos da Silveira, Mendes Leal, Jervis de Atouguia e Julio Cesar de Vasconcellos Correia, fizeram igualmente uma subscripção que muito os honra, a favor dos pobres da ilha do Fogo.

O já fallecido benemerito commendador Honorio Pereira Barreto, que n'aquella epocha era governador da Guiné portugueza, offereceu gratuitamente todo o madeiramento para a construcção do edificio que deve servir de residencia aos governadores d'aquella colonia.

Os negociantes da Guiné portugueza tambem concorreram com um donativo de 2:500$000 réis em arroz, que forneceram aos necessitados do archipelago de Cabo Verde.

Emfim, seria longo enumerar miudamente todos os serviços e rasgos dos individuos que ficam apontados e alguns outros; e por muito que se dissesse em seu louvor, ainda se ficaria áquem do que merecem. Sirva-nos de desculpa de nos havermos assim afastado tanto do nosso principal proposito, o termos desejado commemorar aqui actos que não só honram os que os praticaram, mas dão gloria á nação portugueza, apresentando-a ao mundo como uma das mais generosas e philanthropicas, sendo de esperar que estes nobres exemplos dos cabo-verdeanos se repitam dentro em pouco em todas as nossas colonias, conhecendo os seus habitantes que tambem em si proprios, e na sua boa vontade, existe um dos principaes meios de fazer prosperar a sua patria, acudindo-lhe com os seus esforços e recursos, como podem e devem. O que se fez

em Cabo Verde no meio das epidemias e da fome, melhor se póde fazer nas outras possessões que não soffreram aquelles flagellos.

Diremos aqui, de passagem, o que nos lembra que se poderia fazer para ao menos attenuar os effeitos do flagello da fome, a que, por falta de chuvas na estação conveniente, frequentes vezes estão expostas as ilhas de Cabo Verde.

Em primeiro logar conviria, a nosso ver, prohibir a exportação dos cereaes, seguindo o exemplo do que o governo hespanhol fez a respeito das Canarias.

Quizeramos alem d'isso que se creassem bancos ruraes ou celleiros communs, ao menos um para cada grupo do archipelago, por exemplo nas ilhas de S. Thiago e de Santo Antão, que são as mais productivas.

Parecia-nos tambem que a estender-se ás nossas provincias ultramarinas a desamortisação dos bens das irmandades e confrarias, não deveria o producto ser convertido em inscripções de 3 por cento, mas entrar em um cofre, a fim de se conservarem assim os rendimentos ás mesmas confrarias para acudirem aos seus encargos, e para se dar começo aos referidos bancos ou celleiros communs.

As communidades e confrarias poderiam n'este caso ficar sendo principaes accionistas, e isto induziria muito provavelmente os principaes negociantes, lavradores e proprietarios a tomarem tambem acções.

Esta projectada instituição poderia reger-se por uma superintendencia organisada, pouco mais ou menos, como a junta do credito publico.

Julgâmos que assim poderiam os habitantes de Cabo Verde contar sempre n'aquelles estabelecimentos com um bom deposito de cereaes, que na occasião os salvasse da fome.

Desejavamos bem poder lembrar alguma cousa util para se obviar a este flagello, e temos realmente pena de não sermos economista nem financeiro; mas mais teriamos ainda se não se levassem a effeito, já não dizemos estas nossas pobres idéas, mas sim as que tão brilhantemente ouvimos expender sobre

a desamortisação ao deputado por Cabo Verde, o sr. Camara, e ás indicadas nas côrtes e officialmente pelo ex-governador geral e actual deputado o sr. Arrobas.

Dito isto sigamos outra vez com a nossa narração.

Feitos todos os necessarios arranjos para o fornecimento do carvão ao navio, fomos em companhia de um amigo e do nosso cirurgião procurar alojamento, porque seria imprudente voltarmos para bordo sem que primeiro se realisassem certas formalidades de quarentena (que depois com effeito tiveram logar).

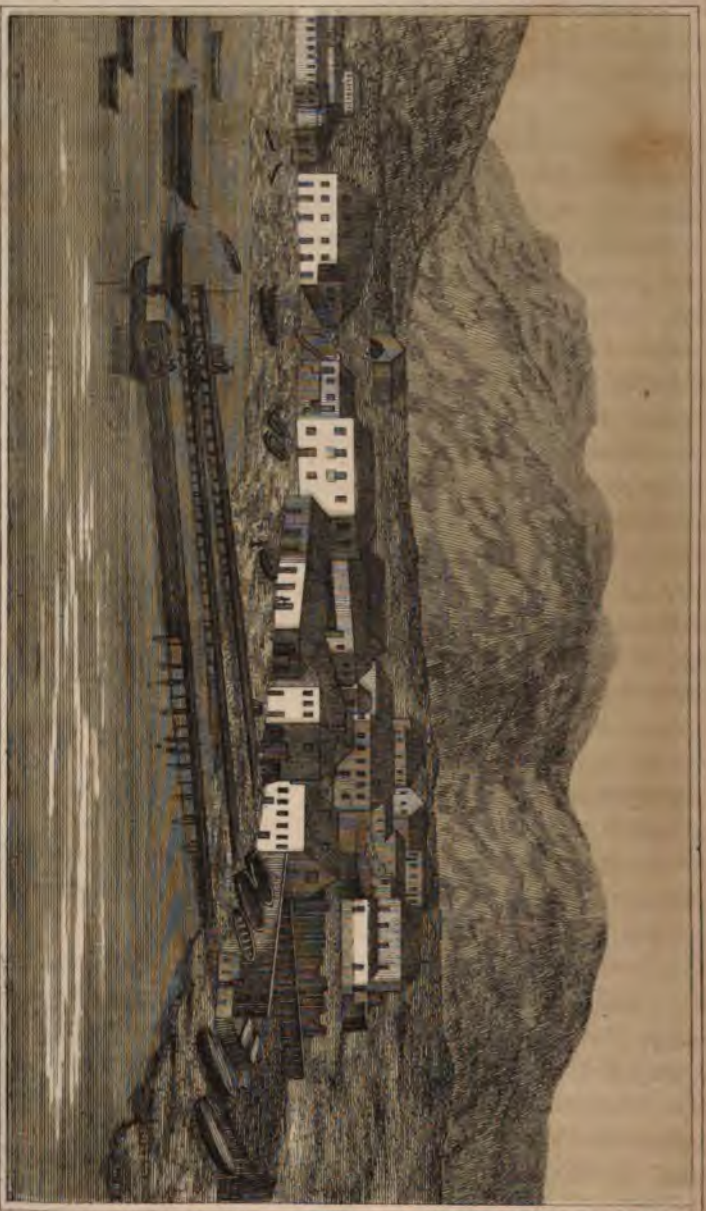
O commandante militar ou governador da ilha offereceu-nos obsequiosamente a sua casa; mas receiando que tivesse familia, ou que a sua habitação não fosse sufficiente para aquartelados addicionaes, alem dos que já tinha, demos-lhe os nossos agradecimentos pelo seu generoso offerecimento, e fomos procurar quartos n'uma hospedaria, que nos disseram ser ingleza.

A doença era geral, e por isso nos não admirou de ali mesmo acharmos enfermas algumas pessoas da familia da casa; e aindaque aquelles a quem fallámos se prestaram a arranjar-nos o melhor que as circumstancias permittiam, desistimos de lhes dar incommodo, e tivemos de continuar as nossas diligencias na determinação de tomarmos posse da primeira casa, em que entendessemos que nos podiamos accommodar soffrivelmente.

A maior parte das casas por onde passámos, estavam vasias e fechadas por terem morrido os moradores, ou se haverem retirado para alguma parte mais saudavel da ilha.

Foi tão grande a difficuldade de provisões em que nos encontrámos n'esta occasião, que nos vimos obrigados a mandar uma communicação ao navio, pedindo um fornecimento para as nossas mais immediatas necessidades, pois, segundo o que podiamos pensar, a quantidade de mantimentos a bordo seria talvez muito maior do que os que se poderiam encontrar em terra.

Como o nosso activo doutor tinha todo o tempo occupado

Lith. da Imp. Nal

MINDELO-ILHA DE S. VICENTE DE CABO VERDE

com o tratamento dos doentes, e o amigo que nos acompanhava caiu tambem doente, viemos a ficar sós finalmente.

Mas antes de proseguir na relação do que ali passámos, referiremos primeiramente os successos do descobrimento e colonisação da ilha.

A ilha de S. Vicente foi descoberta ao mesmo tempo que a de S. Nicolau, em 1465, e doada depois ao duque de Vizeu, na idéa de que trataria de a colonisar com gente das ilhas vizinhas; tal colonisação porém não se realisou, e a ilha ficou esquecida quasi até ao seculo XVIII.

Em 1781 foi mandada povoar regularmente, assim como as demais ilhas desertas do archipelago, o que todavia só se levou a effeito em 1795, quando João Carlos da Fonseca, proprietario da ilha do Fogo, obteve licença para a ir povoar com vinte casaes d'aquella ilha, sendo nomeado capitão mór.

Mas apesar das despezas feitas por aquelle capitão mór, tão superiores ás suas forças que chegou quasi á mendicidade, não obstante os esforços do governo da metropole, e sem embargo do grande empenho que n'isto poz o governador José da Silva Maldonado de Eça, não se obteve senão a agglomeração de umas poucas de choupanas, a que se deu o nome de Povoação de D. Rodrigo.

Em 1819 estavam já quasi todas por terra, e não havia talvez mais de 120 habitantes em toda a ilha, de modo que frustrou isto inteiramente o plano do governador Pussich, de para ali transferir a capital da provincia, querendo erigir uma denominada Villa Leopoldina.

O nobre visconde de Sá da Bandeira, que sempre tem mostrado o mais sincero e ardente desejo de fazer prosperar as colonias de Portugal, determinou em 1838 que se fundasse no mesmo logar uma povoação com o nome de Mindello, em memoria do desembarque do imperador com o exercito expedicionario nas praias do Mindello, em Portugal; vinte annos depois, em 29 de abril de 1858, foi esta povoação, contando já então bastantes edificios urbanos, elevada á categoria de villa.

Segundo os esclarecimentos prestados pelo administrador do concelho da villa do Mindello em 12 de novembro de 1858, havia ali já 4 ruas, 4 travessas, 2 largos e 170 habitações com 1:400 habitantes.

É para sentir comtudo que os predios levantados na villa do Mindello, na maxima parte abarracados, construidos de adobes e cobertos de telhas de pau ou de palha, não tenham as condições de segurança e de salubridade indispensaveis.

A igreja, orago de Nossa Senhora da Luz, foi edificada com o auxilio de uma subscripção; mas como não estava ainda sagrada, durante a epidemia foi convertida em hospital provisorio. Hoje acha-se porém aberta ao culto divino.

O governador geral, o conselheiro Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, e o intelligente governador geral interino Januario Correia de Almeida, tanto n'esta qualidade, como na de engenheiro civil e militar da provincia (a quem os cabo-verdeanos offereceram uma espada de honra e uma medalha de oiro commemorativa) deram o maior incremento ás obras publicas em S. Vicente e nas outras ilhas, bem como na Senegambia ou Guiné portugueza, dependencia do governo geral de Cabo Verde.

É justo dizer-se aqui que este grande impulso se deve incontestavelmente aos meios que o benemerito governador geral o conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas soube crear na provincia, e que propondo-os ao governo da metropole só vieram a ser approvados depois que se retirára de Cabo Verde, como vemos pelas peças officiaes publicadas no *Diario de Lisboa*, por ordem do governo, sendo assim os recursos e indicações para as obras tudo devido ao governador geral Arrobas, e a sua execução ao engenheiro Januario Correia de Almeida.

Com effeito grande impulso desde então se tem dado na provincia pelo que respeita a obras publicas, havendo-se decretado um imposto de 3 por cento para aquelle justo fim, e sendo dispensadas as camaras municipaes da provincia do pagamento do imposto denominado *terças dos concelhos*, cuja importancia ha sido exclusivamente applicada aos melhora-

mentos materiaes dos respectivos municipios. Tanto uma como outra medida deveram-se á iniciativa do conselheiro Arrobas, já como governador, já como deputado.

Uma das obras mais necessarias, a cuja execução se mandou proceder, foi a de um hospital adequado á população da ilha, e disposto de fórma a poder augmentar-se para conter tambem alojamento para o delegado de saude, enfermeiros, botica, etc.

Fizeram-se tambem no tempo do governador Arrobas obras no cemiterio e na estrada para o Monte Verde, onde ha algumas pequenas fazendas; e attendendo-se a que o cemiterio dos americanos dos Estados Unidos fôra inutilisado pelos mesmos motivos de salubridade publica que fizeram abandonar o antigo cemiterio portuguez, determinou-se á commissão municipal da ilha que marcasse 131 metros em quadro junto ao actual cemiterio portuguez para se fazer e murar o dos americanos dos Estados Unidos.

A fortaleza ou o Fortim de El-Rei, que 1852 não era mais do que o cume de um monte dominando a villa com a bandeira nacional arvorada em um pequeno mastro, como se houvera sido uma terra novamente descoberta ou conquistada, concluiu-se no dia 24 de junho de 1853, durante o governo do illustrado general Fortunato José Barreiros, a quem tantos serviços deve tambem a provincia de Cabo Verde.

Aquelle forte, onde agora tremula com dignidade o nosso pavilhão, é construido n'uma posição excellente, d'onde póde defender, quando for necessario, o Porto Grande e a sua approximação, e acha-se artilhado com sete bôcas de fogo; tem quartel para a respectiva guarnição, paiol e todas as mais officinas necessarias, dando accesso a esta pequena fortaleza uma bella estrada. Muitos louvores merece o intelligente major José Paulo Machado, que dirigiu com o seu costumado zêlo aquella tão importante obra.

A casa da nova alfandega, que é de certo o melhor edificio fiscal de Cabo Verde, progrediu igualmente de uma maneira rapida na sua construcção, pelo que, e por ter espaçosos armazens, se determinou que desde 1 de janeiro de 1861 em diante

ficasse considerada como alfandega de deposito das mercadorias destinadas para despacho de consumo ou de reexportação.

Estabeleceu-se tambem um posto fiscal na Matiota, o que se tornava da maior necessidade, para evitar o contrabando, medida esta que ouvimos já de ha muito havia sido reclamada pelo antigo director d'aquella alfandega Antonio Augusto de Sequeira Thedim.

Parece que, apesar dos rendimentos da ilha ainda em 1850 não excederem a 400$000 réis, já em 1861 só a receita da camara municipal foi de 2:564$964 réis; o que não admira, porque já ali ha algumas casas que commerceiam bastante, sobretudo a de João Antonio Martins, vice-consul da Belgica, Brazil, Dinamarca e Sardenha.

A exportação dos productos da ilha é de pouca consideração, aindaque em 1860 a da urzella e couros chegou a réis 8:000$000, segundo assevera o sr. Jorge José Rodrigues em um interessante artigo.

A importação n'aquelle mesmo anno foi a seguinte:

Artigos	Nações				
	Estados Unidos	França	Gran-Bretanha	Portugal	Total
Milho	-$-	-$-	1:282$000	-$-	1:282$000
Carvão de pedra	1:788$000	-$-	66:487$000	-$-	68:275$000
Fazendas	3:034$000	2:278$000	9:405$000	11:666$000	26:383$000
Ferragens	67$000	-$-	893$000	220$000	1:180$000
Madeira	5:554$000	-$-	-$-	100$000	5:654$000
Tabacos	907$000	-$-	-$-	200$000	1:107$000
Varios comestiveis	644$000	-$-	636$000	1:495$000	2:775$000
Vinhos e outras bebidas	83$000	154$000	156$000	1:686$000	2:079$000
	12:077$000	2:432$000	78:859$000	15:367$000	108:735$000

A esta importação faz face, alem da reexportação, o serviço braçal nos estabelecimentos de carvão de pedra, a venda do lastro e aguada, a pequena exportação dos artigos que mencionei e de alguns outros que passam despercebidos pela sua insignificancia.

O clima da ilha é geralmente bom.

Como tivessemos muito desejo de dar um passeio ao interior da ilha para ver as fazendas e plantações, procurámos algum meio de locomoção; mas disseram-nos que não havia carruagens nem estradas. Vimo-nos obrigados pois a contentar-nos com um transporte mais humilde: arranjaram-se burros, e tivemos o favor da companhia de um padre preto.

Assim, com um pedaço de corda por arreata, fomos ver a bahia ou porto de S. Pedro, do outro lado da ilha, ao SO.

Fica este porto a 1 ½ legua do Mindello; mas aindàque tem boa agua é pouco seguro no tempo das brisas.

Como passassemos por um monte que domina a villa, quizemos subir ao seu cume, o que effectuámos com grande difficuldade, deixando os burros em baixo. Contra a nossa espectativa porém não correspondeu a vista ao trabalho e incommodo, porque tudo o que podiamos descobrir eram alguns pequenos campos verdes aqui e acolá, que pareciam pequenos oasis dispersos sobre estereis planicies!

A unica compensação que tivemos da nossa trabalhosa subida foi a distante vista do Mindello, que da elevada posição em que nos achavamos, e com o auxilio de uma clara e limpa atmosphera, podiamos divisar, com a sua bella bahia e ao longe o largo e extenso Atlantico, cujas aguas azuladas se moviam magestosamente em ondas coroadas de branca espuma!

Preparámo-nos então para a descida, que nos pareceu ainda uma empreza mais difficultosa do que a subida. O terreno era tão molle que se afundia debaixo dos nossos pés á medida que o pisavamos; e na verdade tão ingreme era o declive e a terra tão branda que chegámos a considerar se seria preferivel deitarmo-nos ao comprido e deixar-nos rebolar por ali abaixo!

Podémos porém resistir á tentação, e com trabalho e paciencia vencemos tambem mais esta difficuldade; e tornámos a montar nos nossos burrinhos, que haviamos deixado em baixo.

Passámos então por uma estrada funda, cavada pelas chuvas que duram apenas alguns dias; e depois de andar assim alguma distancia por esta estrada, que graphicamente se póde

chamar o *caminho das estações*, desembocámos d'ella finalmente n'uma planicie onde havia alguns altos arbustos, cujas folhas se assimilham ao cedro, e uma alfazema florida com fraco perfume.

Nas quebradas das montanhas havia tambem algumas grandes arvores, que fornecem mui pouca lenha aos habitantes.

O terreno em geral é arido e esteril, tanto por ser pedregoso e areiento, como principalmente pela furia das ventanias que deixam com difficuldade crescer o mais pequeno arbusto.

As pastagens pareceram-nos inferiores, aindaque n'ellas andasse pastando algum gado vaccum, poucos burros, algumas ovelhas e bastantes cabras.

Disseram-nos que no tempo das aguas, e logoque cáem as primeiras chuvas, nasce muita herva, que é depois a palha de de que se sustentam os gados; mas parece que estes não devem exceder a 300 cabeças do vaccum, 1:000 do cabrum, 600 do lanigero e 200 do muar, cavallar e asinino, já pela escassez dos pastos, já para não destruirem as sementeiras e as fazendas existentes e as que se forem abrindo.

A ajuizar da qualidade e valor das fazendas por aquella que o bom do padre nos disse lhe pertencia, que foi a que vimos com mais vagar, e que nos afiançaram que estava em melhor arranjo do que quasi todas as outras da ilha, devemos confessar ingenuamente que não podêmos formar muito boa idéa dos conhecimentos agricolas dos habitantes.

É por este motivo, e por estarem as ilhas de Cabo Verde geralmente tão faltas de braços, como o dissemos no capitulo I, por occasião de apresentarmos algumas reflexões ácerca da emigração que tem logar da Madeira, dos Açores e de Portugal, que tornaremos a insistir na inconveniencia que ha de se expatriarem os nossos compatriotas para Demerara, para o Brazil e outros paizes estrangeiros, em gravissimo detrimento das nossas colonias e da mãe patria.

Ainda bem que o governo e os homens poderosos e influentes da nossa terra vão, por todos os modos ao seu alcance, procurando convencer o povo de que não é só no Brazil ou em

Demerara que se póde fazer fortuna, mostrando-lhe mesmo que hoje, salvas excepções, é isto uma illusão; que os naturaes d'aquelles paizes estrangeiros têem-se resolvido a entrar em concorrencia aos empregos, aos logares e trabalhos por força da necessidade e pelo exemplo; que a affluencia de emigrados das outras nações tem feito baixar as soldadas, faltando-se ás seductoras promessas dos infames engajadores; e que a differença do clima e o excesso do trabalho, aggravado pelo flagello da febre amarella, que tão a miudo afflige aquellas paragens, concorrem para que, em geral, n'ellas vão encontrar a miseria, a fome, a vergonha e até a morte.

Os nossos irmãos, que felizmente se acham bem estabelecidos no Brazil, ainda em resultado de melhores epochas em que para ali foram, bem merecem da patria pelos seus esforços em prol dos nossos compatriotas, que enganados são conduzidos aos portos do imperio, proporcionando-lhes os meios de se irem estabelecer nas provincias ultramarinas portuguezas.

Bem haja o nosso governo, que providenciou ultimamente sobre colonisação e concessão de terrenos nas nossas possessões ultramarinas.

Tambem folgâmos que se acabasse por uma vez com o systema que se seguia de levar os colonos quasi sem roupa, nem recursos alguns em navios do estado, abarrotados de passageiros, chamando-se aquelles infelizes a toda a hora quer de dia quer de noite, em todo o tempo, expostos ao sol e ao cacimbo dos tropicos, para alar cabos, vazar cinzas, tomar carvão, fazer aguada, e até dormindo ás vezes na tolda, como presenciámos!

Como não haviam todos querer ir antes para o Brazil? Era até uma injustiça, uma teima gritar-se contra esta emigração, porque se se dirigissem para as nossas colonias já mostrámos o que íam encontrar na viagem, faltando-nos acrescentar, que embora chegassem a salvamento ao seu destino, quasi sempre não encontravam melhores arranjos em terra do que no mar.

Portanto hoje que o ministerio da marinha e do ultramar regularisou estas cousas e que todos se empenham em as le-

var por diante, facilitando-se os precisos meios, mudou tudo de figura. Os colonos acham bons commodos na viagem e um optimo futuro nas nossas provincias ultramarinas.

Note-se porém que não é para a ilha de S. Vicente que lembrâmos a colonisação em grande escala, mas sim para as ilhas agricolas de Cabo Verde.

Se os poucos trabalhadores empregados na carga e descarga do carvão não se estabelecêm em S. Vicente com as suas familias e preferem andar de Santo Antão e S. Nicolau para S. Vicente, em continuas idas e voltas, apesar de ganharem talvez 400 réis por dia n'esta ultima ilha e apenas 150 ou 200 réis nas outras duas, como é que poderiamos pensar em propor a colonisação de 300 ou 400 madeirenses ou açorianos, para uma terra em que a agricultura é quasi nulla, pela muita falta de agua e porque os ventos definham quasi toda a vegetação!

A fazenda que visitámos consistia em uma porção de pobres canteiros de tabaco, pouco feijão, mui pouco milho, algumas aboboras taes como a mansa simillıante á de Portugal, a roca de côr de chumbo, muito saborosa, e a caqueta silvestre, cinzenta, de figura e tamanho de uma laranja, muito boa e saudavel, e que tambem se encontra pelos campos, bananeiras e diversas plantas dos tropicos e da Europa.

Pareceu-nos que a ilha tambem seria propria para plantação de coqueiros, e ouvimos que até já se fizera a experiencia com bons resultados.

As fazendas de cada proprietario seriam pouco mais ou menos de 10 a 12 geiras de extensão, e devemos repetir que ainda mesmo attendendo aos poucos meios de que dispõem os seus possuidores, o estado em que se achavam não lhes dá grande credito.

Algumas arvores de fructo principiavam a ser cultivadas mais geralmente. O anil e o algodão cresciam espontaneos. O sene e a glandulosa, que se diz ser antidoto contra as escrofulas, via-se em abundancia.

Finalmente cada fazenda tinha suas cabanas ou habitações para a gente n'ella empregada.

O que me parece ser da maior producção n'esta ilha é a urzella, planta que já em 1860 se exportou no valor de réis 8:000$000.

A urzella foi descoberta na ilha Brava em 1730, merecendo logo tal attenção aos hespanhoes de Teneriffe, que convidados pelas amostras no anno seguinte mandaram um navio ás ilhas de Santo Antão e de S. Vicente, onde carregaram 500 quintaes.

Ficou por isso para o estado o rendimento d'este lichen, sendo o seu primeiro arrematante em Lisboa um negociante hollandez, e o primeiro arrematante portuguez José Gomes da Silva Candeas em 1750.

N'aquelle tempo houve mesmo em Lisboa uma fabrica de um tal Louis de la Chapelle, que da urzella preparava uma certa composição tintureira.

A sua cultura não exige cuidado algum, poisque a urzella nasce espontaneamente nos rochedos mais aridos; a colheita porém é que demanda algum cuidado.

Convem apanhar só a madura, a fim de que os succos colorantes estejam no devido estado de perfeição, sendo necessario, para a sua reputação e credito mercantil, que venha limpa e bem acondicionada, secca e sem trazer terra comsigo; não se devem portanto rapar as rochas com ferro, porque d'este modo viria a nova e a tenra juntamente com a velha.

Para a exposição universal de Londres de 1862 foram remettidas amostras de urzella, sendo expositor Egydio Antonio de Sousa, e lê-se na relação dos productos mandados do archipelago de Cabo Verde, que ali o preço actual da urzella no mercado é de 6$400 a 8$000 réis o quintal, e que sendo produzida nas grandes rochas, a producção em todas as ilhas é approximadamente de 2:500 a 3:000 quintaes. Paga de direitos por saída 1 por cento para a fazenda e mais os 3 por cento para obras municipaes.

Fomos depois ver a salina, que deve considerar-se uma bella acquisição, se é verdade produzir de 120 a 150 moios de sal, como nos asseguraram, mas que nos pareceu bastante despre-

zada, o que é talvez originado pela abundancia de sal que se obtem das outras ilhas mais productoras n'este mui importante ramo de commercio do archipelago.

Comtudo entendemos que algumas vantagens se deveriam proporcionar ao seu proprietario para poder competir n'este negocio com os das outras ilhas, construindo-se mesmo um caes para o embarque de sal na parte mais proxima da dita salina ao mar, isto é, junto do Morro do Salgadeiro, em um recife que termina proximo d'aquelle monte.

Bom foi pois que pela lei de 10 de agosto de 1860 se tomassem as seguintes providencias relativamente ao sal:

Reducção a 100 réis por moio, medida provincial, do direito da exportação nas ilhas de S. Vicente e da Boa Vista.

Reducção a 200 réis nas ilhas do Sal e de Maio.

Foram isentas do direito de importação por dez annos, nas quatro referidas ilhas, as machinas necessarias para o fabrico do sal, bem como nas mesmas ilhas (excepto na de S. Vicente) os carros e materiaes necessarios para a construcção e serviço dos caminhos de ferro para transporte do sal.

Ficará d'este modo equilibrado o mercado do sal nas ilhas de Cabo Verde, sem que umas façam mal ás outras.

Todas estas medidas foram devidas á iniciativa do sr. deputado Arrobas, ex-governador geral da provincia.

Fomos ver o porto Flamengo, que fica mais para E., e posto não appareça, creio eu, marcado nos mappas, querem os habitantes da ilha que seja tão bom como o de S. Pedro.

Ao S. da ilha de S. Vicente ha mais dois portos, Palha Carga e Calheta Grande, ambos com bom fundo de areia, podendo os navios ancorar com segurança, quando o vento sopra da terra.

Na ponta de E. está o porto do Calhau e a bahia das Gatas, que só servem para lanchas e pequenas embarcações.

Na ponta do N. ha igualmente a bahia, ou para melhor dizer a enseada de Sella Mansa, que dá seguro abrigo ás embarcações pequenas.

Finalmente ha outros tres portosinhos, entre o Porto Grande e o de S. Pedro, que só prestam para embarcações miudas; a saber: *Antre Piques*, que quer dizer *Entre Picos*, aonde se encontra a melhor agua da ilha; Fateixa e Calheta de Tarafes; havendo tambem n'estes ultimos portosinhos boa agua e sofriveis desembarques.

Visitando n'outra occasião S. Vicente, e mostrando-nos desejosos de passar á ilha de Santo Antão, a segunda em grandeza e a mais septentrional do archipelago, situada em 17° 13′ lat. N. e 16° 10′ long. O. de Lisboa, com 240 milhas quadradas de superficie, disseram-nos que conviria esperar para dia de S. João, porque havia grandes festejos áquelle santo, no Porto dos Carvoeiros, onde deveriamos desembarcar.

Aproveitámos o conselho, e vimos com effeito que é uma festa verdadeiramente popular, poisque a ella concorrem não só os habitantes da referida ilha, mas tambem os da de S. Vicente.

Desembarcámos no Porto dos Carvoeiros, na base da montanha, em frente da ilha de S. Vicente, o qual está sendo actualmente muito frequentado pelos navios que ali vão carregar café.

Querendo seguir a nossa marcha para a capital de Santo Antão, foi preciso para isso subir ao cume das montanhas, d'onde depois tornámos a descer ao litoral.

Durante o transito (e em algumas digressões depois) observámos a belleza dos campos d'esta ilha, e os mais evidentes signaes da sua fertilidade. Assim fossem elles cultivados, mas infelizmente ainda havia muitos em abandono, sendo a Ribeira do Paul e a do Figueiral as que nos pareceram mais formosas, productivas e povoadas das ilhas que vimos do archipelago; offerecendo vastas plantações, e os mais ricos e viçosos cafesaes, que produzem muitos milhares de kilogrammas de café, de modo que já exporta a ilha, n'este ramo de commercio, um valor talvez de 7:000$000 réis, apesar d'esta cultura datar de pouco tempo. Prova isto que, se se continuar a desenvolver, poderá vir a dar de 600:000 a 750:000 kilogrammas, e muito mais agora que foi felizmente abolido o dizimo do café, que

nas ilhas de Cabo Verde se pagava até a promulgação da lei de 10 de setembro de 1861, tambem devida á iniciativa do sr. deputado Arrobas.

A purgueira póde vir a ser uma fonte de riqueza para os habitantes de Santo Antão, aonde podem fabricar-se facilmente mais de 200 pipas de azeite d'esta semente; sendo de esperar que se tirem optimos resultados da previdente medida, pela qual em 1860 se recommendou a plantação da purgueira, em grande escala, nas ilhas de S. Thiago, Fogo, Brava, Boa Vista, S. Nicolau e Santo Antão.

A purgueira é uma arvore silvestre, de cujo fructo (que se parece com uma noz verde) se extrahe excellente azeite, de que se servem os habitantes para luzes e sabão. Vegeta e prospera em todas as ilhas de Cabo Verde, e não exige mais trabalho que plantar uma estaca em junho, ou semear um grão em agosto, para immediatamente vegetar e crescer com pasmosa rapidez. A sua propagação seria de muita utilidade. Bastaria que os cabo-verdianos se dedicassem a esta geral plantação ou sementeira um só dia cada anno, que em poucos annos se veriam as ilhas cobertas d'esta arvore, que não só dá o azeite com o seu fructo, mas tambem, com a sua casca e madeira do tronco, fornece boa cinza para sabão e para tinta azul ferrete, e da sua raiz e sumo se extrahe uma côr amarello escura.

A purgueira é talvez o unico genero que póde felicitar as ilhas de Cabo Verde; a exportação de seu azeite convem ao commercio e prosperidade d'aquelle archipelago; favorece-lo será salvar aquella terra, sendo certo o lucro de 20$000 a 30$000 réis e mais por pipa. Se o café não produz senão junto ás ribeiras, a purgueira, pelo contrario, dá-se até nas montanhas e sem trabalho.

Tão importante está sendo o commercio da purgueira entre Cabo Verde e Portugal, que um grande numero de navios anda entretido n'esta especulação; havendo mesmo em Lisboa as bem conhecidas fabricas, no sitio de Alcantara, pertencentes á respeitavel casa da viuva Burnay.

A importancia agricola d'esta ilha exige o maior desenvolvimento de viação publica, sem o que se tornará quasi impraticavel a communicação de uns pontos para os outros, ainda mesmo dos mais principaes, poisque quasi todas as denominadas estradas são terriveis precipicios!

Por isso o governador geral interino Januario Correia de Almeida fez continuar com a maior actividade o reparo de alguns caminhos e abertura de outros novos, concluindo o concerto do caminho da capital da ilha para a Ponta do Sol, e proseguindo na feitura de novos caminhos da Ribeira do Paul para a villa da Ribeira Grande, para as terras de Santa Izabel e Porto dos Carvoeiros, para a Ribeira da Torre, e para a encosta do Taboleiro, communicando com os Carvoeiros, e diversas ribeiras ao S. e ao O. da ilha.

É incalculavel a vantagem que a abertura d'estes caminhos proporciona á ilha, porque sendo cortada por boas e ferteis ribeiras tem bastante producção; mas como já dissemos, ficavam os seus productos concentrados pela difficuldade de communicações de umas com outras povoações e com os portos de mar; paralysando-se assim o unico elemento que póde fazer florescer aquella ilha, isto é, a agricultura.

Bem hajam os habitantes, que espontaneamente se prestavam e prestam com o maior enthusiasmo a estes trabalhos, até mesmo sem exigirem remuneração. Taes são as vantagens que lhes resultam do estabelecimento de novas e boas linhas de communicação. O facto do povo de Santo Antão se offerecer gratuitamente para estes trabalhos, por meio de quadrellas, como imaginou o governador geral Marinho, é o que melhor explica como, apesar dos poucos meios votados, se poderam levar a effeito, vencendo-se as difficuldades da natureza e tantas outras que ali se dão: mas é que já se contava com o patriotismo e boa vontade de seus habitantes, e com a actividade e zêlo dignos de elogio que desenvolveu, na direcção d'aquelles trabalhos, o digno administrador do concelho Manuel Ferreira Nobre, que aliás por isso não recebeu remuneração alguma.

Depois de termos andado umas 9 milhas pelas fragosas ribanceiras á beiramar, chegámos á capital da ilha, a villa da Ribeira Grande, que toma este nome de uma das duas ribeiras assim chamadas, entre as quaes se acha situada a povoação.

Esta ribeira no tempo das cheias torna-se ameaçadora pela violencia e volume de suas aguas, havendo já causado mui frequentes desastres.

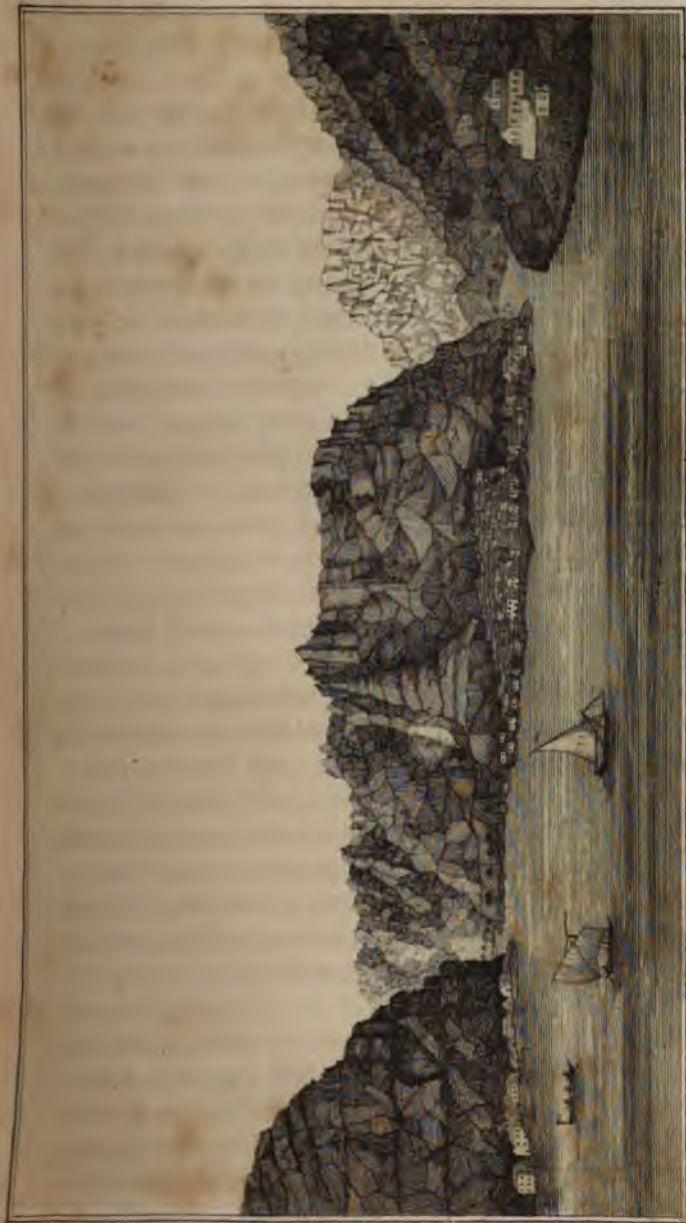
Chamava-se antigamente esta villa de *Santa Cruz*, nome que lhe provinha dos seus fundadores, os condes d'este titulo, antigos donatarios da ilha. Acha-se situada ao NE., na base de uma elevada montanha em uma fertil planicie, a 1 legua quasi do porto de mar mais proximo que fica na Ponta do Sol, o sitio mais ao N. de Santo Antão.

Esta enseada, posto seja a mais inferior da ilha, é a mais frequentada em consequencia da sua conveniente situação, pelo que ali está a alfandega, uns armazens que, nos disseram, são depositos de urzellá, e algumas poucas casas.

O caminho entre a villa da Ribeira Grande e a aldeia da Ponta do Sol (aldeia que terá 250 almas, e que depende da igreja da villa) é realmente horroroso, sendo notavel por haverem ali sido derrotados em 1711 os francezes que desembarcaram sob o commando do celebre Du Guay Trouin. Foram esmagados em um dos desfiladeiros pelos habitantes, rolando sobre elles enormes penedos desde o alto dos rochedos perpendiculares que dominam o caminho.

A villa da Ribeira Grande, apesar de ser cabeça de concelho e de ter mais de 4:000 almas (comprehendidos os dois lindos arrabaldes do Tarrafal e da Penha de França), é bastante immunda, divagando porcos, patos e gallinhas pelas ruas, as quaes são muito estreitas e guarnecidas de casas de pedra e barro em geral, aindaque algumas são rebocadas e caiadas, cobertas em parte com telhas de madeira chamadas conchas, que importam da America, ou com folhas a que dão o nome de *soca*.

Sendo tão suja e não tendo outra ventilação senão a que recebe do mar, por estar enterrada ou cercada de montanhas

Lith. da Imp.ª N.al

VISTA DA POVOAÇÃO DA RIBEIRA GRANDE NA ILHA DE SANTO ANTÃO

mui altas, não é para admirar que ali haja já não digo sezões e febres como em muitas povoações em Portugal, mas que se declare até a peste ou outro flagello e epidemia assoladora todos os annos!

Nem nos venham dizer que as ilhas de Cabo Verde são muito doentias em geral, poisque não havendo limpeza e regular policia é quasi impossivel encontrar-se salubridade seja em que terra for.

Segundo entendo deve-se muito provavelmente á falta de leis sanitarias o haver-se tornado a invasão do cholera morbus mais terrivel quando atacou o lado meridional da ilha.

Chegou isto a ponto de se ver obrigado o bispo da diocese a dar as ordens mais terminantes aos parochos de Santo Antão, para que empregassem todos os meios ao seu alcance a fim de destruirem as falsas crenças dos habitantes, induzindo-os a deixarem-se tratar pelos facultativos, cumprindo as determinações das auctoridades para que se mantivesse o aceio nas suas ruas e moradas.

O certo é que aquelle flagello, como já mais atrás referimos, custou não só a vida de muita gente, como tambem largos sacrificios de dinheiro ao governo e ao publico para soccorro dos necessitados, distinguindo-se a cidade do Porto por uma subscripção de perto de 4:000$000 réis.

A villa da Ribeira Grande tem uma igreja matriz, Nossa Senhora do Rosario e Santo Antão Abbade, cabeça da freguezia assim chamada. Este templo foi fundado pelo bispo D. fr. Pedro Jacinto Valente, na idéa de transferir para ali a sé de Cabo Verde, motivo por que adoptou o risco da cathedral velha da ilha de S. Thiago.

É tambem na villa da Ribeira Grande que deve residir, assim como na ilha de S. Nicolau, o juiz de direito da comarca de Barlavento durante uma certa temporada.

Alem do quartel da tropa de linha ali destacada de S. Thiago, onde é o quartel do batalhão de artilheria de Cabo Verde, possue a villa igualmente um presidio ou especie de fortaleza, e ha ali tambem um batalhão de infanteria de segunda linha,

bem como uma escola publica, cujo professor tem 400$000 réis de ordenado annual.

Pena é que a não ser no lyceu na ilha de S. Thiago, e á excepção de mais alguns poucos professores, os mestres de instrucção primaria em Cabo Verde em geral só ganhem 72$000 réis por anno, porque com ordenados d'estes o que se poderá esperar ou exigir dos que ensinam a mocidade?! Assim é que entendo que a falta de instrucção na provincia de Cabo Verde está sendo hoje um mal quasi tão grande, senão maior, do que o flagello da fome que ali costuma grassar, ou do que as terriveis epidemias das bexigas, da cholera morbus e da febre amarella que assolaram aquellas ilhas.

O que vimos de mais bello e agradavel na ilha de Santo Antão foi o alto do arrabalde da Penha de França, de que já fallámos, o qual tem grande numero de casas de gente branca, e que em verdade é a parte mais bonita da povoação, de que muito gostámos, em rasão tambem do bom estado de cultura dos campos adjacentes, sendo coroada pela sua bonita capella da invocação de Nossa Senhora da Penha de França.

Uma vez que fallâmos da villa da Ribeira Grande devemos dizer que ali nasceu o benemerito e generoso Simão Manuel Alves Juliano, homem livre e de côr, que já não existe, sendo das primeiras victimas em S. Vicente quando a ilha foi invadida pela cholera morbus.

É tão notavel o episodio que lhe deu celebridade que o narraremos aqui.

Em outubro de 1853 achava-se como marinheiro a bordo do vapor brazileiro *Pernambucano,* que seguia viagem para o Rio Grande do Sul. Naufragou aquelle navio a 3 leguas do cabo de Santa Martha, a 10 ou 12 braças da praia, e pereceram 42 pessoas de 100 que estavam embarcadas como passageiros e tripulantes; mas o marinheiro Simão foi dos primeiros que, salvando-se a nado, livrou 13 pessoas, indo por treze vezes successivas a bordo, expondo-se ás ondas que o ameaçavam e que devoraram tantas victimas; trazendo elle para terra aquelles infelizes naufragos. Entre outros salvou a um po-

bre cego, a duas creancinhas e ao proprio capitão do vapor. Por fim, quando estava já exhausto de forças, deitava-se na praia, esfregava-se na areia para recobra-las; e terminou assim a sua philanthropica tarefa vendo que já não appareciam mais pessoas que salvar!

Apenas os naufragos chegaram á cidade do Rio de Janeiro, a noticia do heroico procedimento do honrado marinheiro fez com que ali fosse recebido com o maior enthusiasmo pelos seus generosos e hospitaleiros habitantes, promovendo-se logo uma subscripção de 8:000$000 réis para o premiar. Os negociantes fizeram levantar-lhe o busto na praça do Commercio. O imperador do Brazil conferiu-lhe uma medalha de oiro, com a seguinte inscripção verdadeiramente religiosa: *Ama ao proximo como a ti mesmo!*

Temos sincera satisfação em poder acrescentar que tambem se fez justiça por parte do governo portuguez, attendendo-se um homem tão notavel e corajoso, que veiu augmentar a gloriosa fama dos nossos compatriotas.

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II, então regente do reino, houve por bem commemorar tão brilhantes serviços, dando igualmente ao bom preto Simão outra medalha de oiro.

Tem esta medalha de um lado a real effigie de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II, e do outro a legenda *Ao merito;* e de roda *Philanthropia, generosidade.* Por baixo da legenda central lê-se: *Instituida por Sua Magestade Fidelissima a Rainha a Senhora D. Maria II.* Em volta da superficie cylindrica que une as duas faces, tem estas palavras: *Ao subdito portuguez Simão. 7 de outubro de* 1853.

Emfim tambem a real sociedade humanitaria do Porto o honrou com a medalha de oiro de 1.ª classe, pelo seu distincto e intrepido comportamento, que deve tornar orgulhosos os caboverdianos, por haver nascido entre elles.

Santo Antão parece ser patria de grandes nadadores, poisque alem do facto que acabámos de referir do famoso preto Simão, sabemos que por occasião de uma festa de S. João, virando-se

uma lancha por ir com gente de mais do porto da Synagoga para o dos Carvoeiros, salvaram-se duas creanças de menos de oito annos de idade. E de que modo? Nadando com incrivel esforço, ajudando-se mutuamente, havendo o mais velho agarrado n'um remo e dizendo ao seu companheirinho que o segurasse bem até alcançarem terra, costeando assim ambos as rochas a pique que não offereciam apoio algum, e conseguindo sair á praia depois de duas horas de luta.

Junto da Ribeira do Tarrafal, propriedade pela maior parte da illustre familia do conselheiro Martins, ha um outro porto, que é o terceiro da ilha e se chama tambem Tarrafal, mas que só ha poucos annos tem começado a ser procurado, desde que a exportação do café tomou maior desenvolvimento, havendo o de Santo Antão obtido a reputação de ser o melhor das ilhas de Cabo Verde.

Quanto á agricultura e plantações faz realmente pena que não se tenha ali tirado partido da riqueza que se poderia obter se se aproveitasse bem a abundancia de aguas que corre das altas montanhas e que vão perder-se infructiferamente, causando muitas vezes inundações e estragos terriveis.

É tal a fertilidade do solo, e são tão favoraveis as circumstancias, que, apesar do muito desleixo, a ilha está coberta em muitas partes de bellas plantações. Consistem estas, como em quasi todas as ilhas agricolas do archipelago, de inhame, feijão buginho, bravo e branco como o da Hollanda, boujo, mais pequeno que o buginho, redondo e preto raiado de amarello, e boujalon que é como o nosso feijão frade; milho amarello e branco, aindaque este ultimo, apesar de mais geral, dá uma farinha menos gostosa; e principalmente mandioca, o pão, por assim dizer, d'aquella gente, de que ha extensissimas plantações.

Uma outra plantação que tambem gostámos de ver, foi a da canna de assucar, o *saccharum officinalis* e o *savioluteum*, chamado canna de Cayenna em Cabo Verde, introduzido ha poucos annos.

Depois que a digna familia Dias, da ilha de S. Nicolau, ali

estabeleceu a plantação e cultura da canna de sequeiro, o que lhe deu os mais felizes resultados, desenvolveu-se logo este systema em maior escala tanto n'essa ilha como na de S. Thiago e na de Santo Antão, que são as principaes, senão as unicas de Cabo Verde, onde se cultiva a canna, de modo que n'esta ultima ilha fabricam-se annualmente talvez mais de 400 pipas de aguardente, aindaque muito fraca e ordinaria (como o assucar o é tambem), a qual se consome quasi toda na propria ilha.

No relatorio a que já alludimos de 20 de novembro de 1861, do director das obras publicas da provincia, lê-se que se ali se fabricasse assucar em logar de aguardente, haveria que exportar, e não se consumiria, como se consome na ilha de Santo Antão, todo o producto da canna.

O tabaco, que é espontaneo nas ilhas de Cabo Verde, sendo o melhor o do Fogo e o de Santo Antão, só se cultiva n'esta ultima ilha em pequena quantidade. Pareceu-nos realmente bem dirigida a respectiva cultura, e, se continuar a ser animada a sua exportação pelo nosso contrato do tabaco, é de esperar que se desenvolverá por modo tal que poderá vir a ser um verdadeiro ramo de commercio e riqueza para o paiz.

Pelo que respeita ao anil, a especie *indigofera tinctoria*, com que a natureza mimoseou o archipelago de Cabo Verde, nem por isso tem chamado em Santo Antão ou nas outras ilhas a attenção que merece e que lhe prestam os habitantes das colonias estrangeiras pelos grandes interesses que tiram d'esta planta. Com effeito uma indigoaria não requer tantas miudezas como uma assucararia, nem exige grande porção de terreno para a sua lavra, alem de que não é preciso empregar senão poucos animaes. É portanto pasmoso como se tem descurado tanto este ramo em Santo Antão, a ponto que desde que os seus antigos donatarios, os condes de Santa Cruz, ali tiveram uma fabrica no sito do Paul, proximo do sitio onde hoje está a igreja, nunca mais, que saibamos, se tornou a emprehender tão importante especulação.

Aquella fabrica pertence actualmente ao estado, é de es-

perar que o governo faça aproveitar os seus tanques, que estão bastante deteriorados, e por isso e por serem pequenos de mais, precisam ser reconstruidos.

Fallaremos agora do algodão que nasce por toda a parte espontaneamente, como acontece em todo o archipelago.

É tão importante este assumpto que realmente tememos não achar palavras que exprimam bem o sentimento com que presenciámos a grande incuria que houve entre nós até ha ainda pouco tempo relativamente a este ramo de commercio.

Hoje, principalmente, torna-se ainda mais importante aproveitarmo-nos das nossas colonias para a plantação e cultura do algodão, attentas as necessidades da Inglaterra e o estado deploravel dos Estados Unidos, por motivo das guerras civis, e consequentemente das faltas que se originaram nos mercados.

Sendo pois a cultura do algodão objecto de tanta transcendencia, por qualquer lado por que for encarado, é sem duvida da maior vantagem e urgencia que o governo prosiga, como o está fazendo, em promover e animar o estabelecimento de emprezas nacionaes ou estrangeiras, que se proponham desenvolver aquella importante cultura.

Não ignorâmos que em Portugal, infelizmente, é assás difficil levantar grandes capitaes para serem applicados a especulações em larga escala; mas não succede assim no Brazil, onde, estamos certos, se o nosso governo se lembrar de procurar o auxilio dos nossos compatriotas residentes n'aquelle imperio, facilitando-lhes meios ou proporcionando-lhes condições que os movam a intentar tão importante empreza, concorrerão promptamente para aquelle importante fim, como já os vimos acudir por tantas vezes com os seus esforços, boa vontade e verdadeiro patriotismo a bem dos interesses da nação portugueza.

Os inglezes, os nossos mais antigos e fieis alliados, que tantas vezes com o seu sangue regaram os campos de batalha, a nosso lado, pelejando pela nossa independencia, pela nossa fortuna, que tanto lhes interessa como amigos, e pelo seu com-

mercio, de certo gostosamente uniriam os seus esforços aos nossos, acudindo-nos com os seus capitaes para o maior e melhor desenvolvimento d'esse vasto e importantissimo ramo, o *algodão*, muito mais depois que, pelas guerras civis nos Estados Unidos da America do Norte, como já referimos, a sua cultura e commercio tanto tem soffrido, obrigando a Inglaterra a pensar seriamente no modo de se precaver contra as tristes consequencias que lhe resultariam da falta do algodão nas suas fabricas, que são certamente a principal base da riqueza d'aquella primeira nação do mundo.

Se é reconhecida a grande falta de braços uteis, principalmente nas ilhas de Cabo Verde e de S. Thomé e Principe, podia-se tambem obviar a isto, introduzindo ali os precisos *coolies* chinas ou indios, engajando-os como trabalhadores livres por um determinado numero de annos, como estão fazendo os americanos, os dinamarquezes, os francezes, os hespanhoes, os hollandezes, e até os inglezes, desde que, pela abolição do trafico da escravatura, foi preciso pensar-se em novo meio de substituir o trabalho dos negros.

Cumpre pois cuidar d'este assumpto com seriedade, mesmo para nos livrarmos *dos ditos*, e talvez algum dia *das obras* de lord Palmerston e do parlamento britannico, onde se chegou a avançar que é indispensavel *obrigar-se* a nação portugueza a olhar seriamente pela cultura do algodão nas nossas extensas e importantes colonias africanas, protegendo-nos até, mau grado nosso e á força, com os seus capitaes, esquadras e recursos militares!

Ainda bem que o governo e todas as pessoas influentes têem tomado tanto a peito promover as especulações em algodão, publicando-se n'este intuito escriptos que muito contribuirão para o esclarecimento do povo e para se levar a effeito mais facilmente tão grande e urgente empreza.

Recorra-se especialmente aos brilhantes escriptos do nobre visconde de Sá da Bandeira, que tanto se tem esforçado em promulgar vantajosas medidas de colonisação para as nossas provincias ultramarinas.

Leia-se uma obra da maior curiosidade e interesse que ha pouco escreveu o doutor Welwitsch, sabio botanico, que tem explorado os sertões da Africa, enriquecendo os conhecimentos que possuiamos d'aquellas regiões, com as suas notaveis descobertas botanicas, mineralogicas, etc.

Vejam-se tambem os artigos do sr. deputado Antonio José de Seixas, por excellencia o defensor e procurador de Angola, que tem sido incansavel em lembrar a verdadeira necessidade de se cuidar seriamente do algodão na Africa portugueza.

Reporte-se igualmente o leitor ao que tem publicado a este respeito o sr. Cazimiro da Silva Marques, esclarecido commerciante, que ha apresentado sobre o assumpto reflexões, calculos e planos os mais bem entendidos, circumstanciados e convincentes.

Leia-se tambem a interessantissima publicação que o illustrado dr. Gomes fez apparecer em Paris, no idioma francez.

Poderiamos citar muitos outros escriptores que se têem esmerado em apontar a consideração que este transcendente ramo de cultura e commercio deve merecer aos portuguezes, pelo que respeita ás suas ferteis e vastas colonias.

Nós mesmo alguma cousa havemos publicado ácerca das nossas provincias ultramarinas, tanto em inglez como em portuguez, principalmente no *Jornal do Commercio* e na *Correspondencia de Portugal.*

Mas quanto fica referido ainda não é bastante. O que é urgente é olhar-se devéras pela cultura do algodão.

Como lembrámos o systema de colonisação china, hoje em uso por todas as nações que têem importantes dominios ultramarinos, parece-nos que não será fóra de proposito extractarmos aqui de um artigo nosso a noticia do modo por que se effectua esta emigração.

Cada colono é engajado na China por seis, oito ou dez annos, sem direito a ser restituido á sua patria á custa do engajador.

Geralmente ajustam-se por 4 patacas por mez, dando-se-lhes alem d'isso de comer e vestir; os menores e as mulheres porém regulam por 2½ patacas.

Têem direito a ser tratados nas suas doenças.

Trabalham no que se lhes manda ás mesmas horas e do mesmo modo que os outros operarios ou trabalhadores livres do paiz para onde vão engajados os colonos.

Dá-se-lhes um pedacito de terra para cultivarem nos domingos e dias santos.

Sujeitam-se a descontos e certas penalidades, se faltarem aos seus deveres.

Têem viagem, comida e fato gratuitamente para seguirem seu destino.

Recebem 13 patacas cada um adiantadas, no momento de embarcar. Estas 13 patacas são-lhes depois descontadas, em cada mez, nos seus salarios, até se realisar o embolso do adiantamento.

Só principiam a ganhar salario desde o dia em que, já chegados ao seu destino, são confiados pela companhia (sob as condições com que os engajaram na sua patria) áquelles habitantes das colonias que os desejem por creados ou trabalhadores; ficando livres todavia no fim do praso por que se engajaram.

São estas as principaes condições com que costumam engajar-se, escrevendo-se o contrato em chinez e na lingua dos engajadores, perante os consules ou agentes dos paizes interessados na colonisação, e um facultativo nomeado por aquellas auctoridades, para que declare se o colono está no caso de ser engajado.

Os consules assistem a estes actos, para verificarem e declararem se os colonos se engajaram livremente.

Os emolumentos do consul e do facultativo costumam ser ½ pataca a cada um *por cada china que embarca*. As outras condições dos contratos são de pouca importancia.

Devemos porém notar que os chinas exigem sempre não serem obrigados a pegar em armas, sob qualquer pretexto que seja. Não quererão sem necessidade andar feitos *voluntarios á força,* como acontecia aos europeus nos inhospitos climas de algumas das nossas colonias, emquanto não poz a isto

cobro o sr. Mendes Leal, actual ministro da marinha e do ultramar.

Comtudo, devemos estar seguros que alem do exemplo do trabalho e industria, que os chinas dariam aos povos negros, aquelles colonos muito bem se saberiam defender e á colonia de qualquer aggressão, oppondo-lhe uma barreira proficua e invencivel. A necessidade os obrigaria, e não haveria, repetimos, a de crear batalhões de voluntarios em effectivo serviço, em paizes onde se vae negociar e lavrar, mas não apanhar febres fazendo guardas e paradas!

Assim que chegam ao seu destino os colonos desembarcam immediatamente, sendo os doentes mandados para os hospitaes, e os que estão de saude para barracões da companhia.

Annuncia-se então que chegaram colonos, e que a companhia que os engajára por sua conta os cede por *endosso* ás pessoas da colonia (aonde chegaram os chinas) que precisarem de trabalhadores ou creados, mediante o pagamento de *tantas* patacas por cada engajado de *maior idade*, e de *tantas* pelos de *menor idade* ou pelas mulheres, podendo os interessados descontar aos seus engajados as 13 patacas que já dissemos são adiantadas na China pela companhia aos engajados no acto de se embarcarem, sob condição, exarada no contrato primitivo de engajamento, de serem descontadas mensalmente até final embolso.

Entende-se que são colonos de *maior idade* os do sexo masculino que têem mais de quatorze annos, e os do feminino que têem mais de doze.

Fazem-se os pagamentos conforme a idade declarada nos contratos de engajamento celebrados na China perante a auctoridade consular.

Repetimo-lo, a America, a Dinamarca, a França, a Hespanha, a Hollanda e a Inglaterra, apenas se celebraram tratados para a abolição do trafico da escravatura, começaram desde logo a pensar no modo de adquirirem braços para o trabalho nas suas colonias, a fim de substituirem a colonisação que até então usavam de *negros escravos*. do que resultou que aquellas

nações tomaram a deliberação de introduzir um novo systema de colonisar inteiramente differente, como é o de *engajarem* por meio de contrato emigrados de outros paizes, como *trabalhadores livres*, o que sem duvida é muito preferivel a ter á força os infelizes negros feitos escravos, vistoque estes ultimos não têem geralmente officio nem industria de qualquer especie, e são mesmo muito estupidos, preguiçosos ao ultimo ponto, debeis e pouco saudaveis em consequencia das privações, soffrimentos e medidas rigorosas, que naturalmente experimentam durante a sua longa viagem e captiveiro, o que dá motivo a que muitas vezes se tornem vingativos; emquanto que pelo contrario os colonos livres apresentam todas as vantagens que se poderiam desejar para a colonisação a mais perfeita.

Os colonos chinas *(coolies)* são em geral os preferidos para estes engajamentos. A California por si só já tem recebido mais de quarenta mil. Comboios consideraveis chegam á ilha de Cuba diariamente, e o governo de Hespanha, convencido da vantagem da introducção de braços uteis, livres e baratos para cultivarem as Antilhas, já permittiu a *livre introducção* dos chinas em Cuba. A Martinica e a Guadalupe têem recebido e continuam a receber um grande numero, em virtude do já citado contrato entre o governo francez e a casa de messieurs Malavois, Gastel, Assier & C.ª, a que pertence mr. le Forestier. Na Argelia está-se cuidando da cultura do algodão em grande escala, e não menos da introducção de milhares de *coolies* chinas. As Antilhas dinamarquezas, como que ciosas das suas vizinhas, mandaram propor a mr. le Forestier, quando nos achavamos com elle na America, um contrato igual ao que fizera Napoleão III com a acima mencionada poderosa companhia de colonisação china. Na ilha de Java e nas Indias a emigração china é tal que já começa a assustar pelo numero avultado de *coolies* que ali chegam engajados livremente. Emfim, os proprios inglezes, assim como os americanos, estão fazendo transportes em massa de emigrados da China, por tal modo que já as condições estipuladas para os engajamentos na China

se vão tornando muito mais onerosas para os engajadores do que o eram d'antes.

Quanto não ganharia o proprio Brazil, se por meio de privilegio ou sem elle o povoassem annualmente com milhares de trabalhadores voluntarios, robustos, activos, intelligentes e baratos como são os chinas. Estou certo que não ha de ficar atrás das outras nações em empreza tão interessante para aquelle imperio.

Só Portugal é que ainda não lançou mão d'este meio de povoar, cultivar e enriquecer as suas colonias!

Ainda é tempo.

Deve-se de mais a mais notar muito particularmente, quanto á colonisação por meio de *brancos e livres*, que os preços sobretudo por que os chinas vem a saír aos engajadores são muito mais rasoaveis do que, segundo temos ouvido, os negreiros exigem depois de muito risco, pelos *escravos pretos*, alem de que estes não podem entrar em comparação alguma com os *chinas engajados livremente*, nem quanto ao seu trabalho, nem quanto á boa ordem, poisque os ultimos são na verdade mais robustos, proprios para os trabalhos da agricultura ao ultimo ponto, e de uma industria tal que todos os dias admirâmos amostras das suas obras e do seu genio, que as nações as mais adiantadas têem apenas podido imitar. Alem d'isto, como já referimos, os engajados chinas contentam-se com um salario modico, e póde-se confiar d'elles toda a especie de cultura e toda a sorte de serviços ou de trabalhos.

Em vez das difficuldades que se encontravam para a colonisação nos tempos em que esta se fazia por meio de escravos transportados á força, acontece que agora tudo ajuda á colonisação livre, poisque os chins são de uma propensão a mais decidida para a emigração, devendo elles em verdade darem-se por felizes por se verem assim em estado de ganharem a sua vida com segurança sob a bandeira de nações philanthropicas que têem leis justas, em logar de se verem—pobre gente!—sempre expostos á horrivel miseria e ao mais espantoso despotismo que experimentam na China, a ponto tal que em

Shang'hai (d'onde saiu para a Martinica o navio com engajados chins, a bordo do qual fizemos a nossa viagem á America) e em quasi toda a parte da China, que se acha aberta aos estrangeiros, todos os dias se vêem as cabeças das victimas do capricho dos mandarins omnipotentes espetadas em postes e expostas ao publico; ou então os cadaveres das desgraçadas victimas da fome e da nudez, principalmente no tempo dos rigorosissimos invernos do norte da China, ou depois das suas piratarias e tremendas guerras civis, que dão sempre em resultado incendios de cidades, villas e aldeias sem conto, a destruição de povos inteiros, a devastação dos campos, a ruina da lavoura, e emfim o horroroso assassinato de milhares e milhares de homens, mulheres e creanças ao menor desejo dos seus tyrannos mandões!

Estes são os motivos que induzem necessariamente aquelles infelizes a expatriarem-se; o que ha de produzir a prosperidade dos paizes que os receberem, concorrendo ao mesmo passo, como ha de necessariamente concorrer, para o bem estar dos proprios chins, para a sua civilisação e para o augmento da fé christã.

Para evitar porém qualquer falsa accusação de que se tem já visto chinas negligentes, incapazes, fracos, etc., assim como um ou outro caso de desordem ou de revolta da parte d'estes colonos, devemos observar que isto succede em consequencia ou dos engajadores algumas vezes serem faltos de conhecimento d'esta especie de emprezas, ou por motivo de quererem ganhar exorbitantemente, faltando até ás condições dos engajamentos, esquecendo que lidam com gente *livre*, e não com *escravos* (pois os chinas são tão espertos que não se engajam sem primeiro lerem ou fazerem ler os seus contratos, que, como já dissemos, são escriptos tambem em chinez) ou, emfim por qualquer outro motivo, como muito principalmente o de tomarem os seus engajados em Macau e no sul da China, em vez de os engajarem em Shang'hai e no norte do imperio, sendo aquelle methodo um grande erro, poisque os habitantes do sul occupam-se geralmente de pirataria e de roubos, emquanto

que os do norte são, pelo contrario, muito doceis, bons e trabalhadores; assim como mais altos, robustos e espertos do que os do sul.

Resta-nos agora desvanecer os receios que alguem podesse apresentar de mortandade no transporte de engajados chinas. Com este fim juntaremos aqui um mappa extrahido do *New York Herald*, que prova qual foi o movimento regular dos que saíram para Cuba em 1861.

Nacionalidade	Numero de navios	Tonelagem	Chinas Embarcados	Chinas Desembarcados	Chinas Mortos	Percentagem
Inglezes..........	29	21:375	10:791	9:205	1:586	14
Americanos.......	13	13:545	6:744	5:929	815	12
Hollandezes.......	8	5:003	2:773	2:463	310	11
Francezes	7	6:037	3:655	3:154	501	13
Hespanhoes.......	5	2:038	1:779	1:489	290	11
Portuguezes	3	1:246	1:049	1:021	28	2
Peruvianos	3	2:484	1:314	812	502	38
Bremenses	1	560	249	236	13	5
Norueguezes......	1	470	221	179	42	19
Chilenses.........	1	250	202	155	47	23
	71	53:008	28:777	24:643	4:134	14,8

Tambem poderiamos informar cabalmente de tudo quanto é relativo a gastos, lucros, modo de transporte, vestuario, comida, tratamento, etc., porque presenciámos e estudámos a colonisação china em todas as suas phases; mas é obvio que não podemos publica-lo aqui sem permissão dos nossos amigos interessados n'estas emprezas.

Quanto ao algodoeiro que, repetimo-lo, se dá espontaneamente em Cabo Verde, com especialidade o *gossypium herbaceum*, é uma variedade, que produz o algodão amarello de que se fabricam bellas gangas como as da China, porque a

sua côr amarella por natureza, nunca se desvanece por mais que se lave.

O algodão herbaceo dá-se em toda a qualidade de terreno, mas prospera particularmente nos climas quentes; bastam-lhe seis semanas, dois mezes, quando muito, para crescer e produzir; no fim d'esse tempo chega ao maximo desenvolvimento, arranca-se e facilmente se separa o algodão do caule, a que adhere. É uma planta que de pouco se sustenta. Uma geira de terra a isto applicada daria grande beneficio. Nenhum trabalho penoso exige esta cultura e colheita; mulheres e creanças podem n'ellas empregar-se. Alem de que este algodão é de bella qualidade, e o seu consumo certissimo.

Este herbaceum é o mesmo á que chamam *buena vista* na Louisiana, nos Estados Unidos da America, que visitámos, bem como o Guatimala, o Mexico e todas as Antilhas grandes e pequenas, no intuito de estudar esta materia e observar as especulações de colonisação china, e que já dissemos desejavamos emprehender de accordo com mr. le Forestier, da importantissima e respeitabilissima companhia franceza, que por contrato com o governo imperial, está fazendo o transporte dos emigrados chinas desde Shang'hai no norte da China até a Martinica e Guadaloupe nas Antilhas francezas, onde n'aquelle proposito fomos a bordo de um navio que conduzia 450 *coolies* ou engajados chinas.

A semente do algodoeiro acha-se no meio de uma especie de borla, formada de fibras, analogas ás de sementes de varias especies de cardos muito communs na Europa. Essas fibras são compridas, finas, macias, faceis de fiar e de tecer, e desde tempos immemoriaes que d'ellas se tira partido nos dois hemispherios.

Dá-se e prospera este arbusto tambem nos terrenos menos proprios para qualquer outra cultura.

Conhece-se que o fructo está maduro quando abre pelo meio e descobre a semente envolvida nas fibras de que acima fallámos e que são o algodão propriamente dito. Faz-se de diversos modos a colheita. Na America, onde principalmente a

cultura d'este genero está organisada em larga escala, tira-se com os dedos só o algodão e deixa-se o cazulo preso no ramo; basta uma lavagem depois para lhe tirar a semente, operação que se faz por meio de machina.

A Asia oriental, o Egypto, e sobretudo ainda ha pouco os Estados Unidos da America, abasteciam a Europa d'este artigo primorosamente trabalhado em suas manufacturas.

Em consequencia da guerra civil nos Estados Unidos e do transtorno que ella trouxe ao cultivo e commercio do algodão todos pensam, repetimos, em remediar este mal, os francezes pelas suas grandes plantações na Argelia, os inglezes na Australia e nós os portuguezes nas nossas possessões africanas. Devemos reflectir que o producto annual que as manufacturas inglezas dão só no condado de Lencastre, excede o valor de 144.000:000$000 réis.

É tal a quantidade de fio que ali todos os annos se consome nas fabricas de panninho, fio obtido todo com machinas, que oitenta e um milhões de fiandeiras habeis o não poderiam fabricar só com o auxilio da roca e do fuso. Um milhão e meio de operarios se emprega n'este fabrico na Inglaterra: o fio tecido por elles em todas as fabricas de fazendas de algodão dá um comprimento igual a cincoenta e uma vezes a distancia do sol á terra, o que anda por mil setecentos a mil oitocentos milhões de leguas.

Seria longo, e está fóra do nosso alcance darmos aqui mais informações ácerca do modo de plantar e cultivar o algodão, do methodo do seu apanho, de quaes são as suas applicações, etc., etc.; mas lembraremos outra vez ao leitor, que para sua cabal informação, recorra aos escriptos do sr. visconde de Sá da Bandeira e dos doutores Welwitsch, Salis, Gomes e Wight; assim como aos artigos de Seixas, Marques, Seabrook, Hughes, etc.

Foram remettidas para a exposição universal de Londres de 1862 amostras de algodão branco e amarello com a semente, sendo o expositor o capitão dos portos do archipelago, Rodrigo de Sá Nogueira, irmão do dito sr. visconde de Sá da

Bandeira. É lastima que sendo susceptivel de grande cultura este ramo do commercio, esteja em Cabo Verde presentemente ainda tão pouco desenvolvido, como se póde deduzir do seu preço ali, porque o do algodão com a semente é de 80 réis por arratel.

Concluiremos quanto ao algodão, lembrando ás casas de commercio, que ha em Lisboa, no Porto e no Brazil, e que estão em frequentes relações com os Estados Unidos, a conveniencia de ajudarem a promover plantações de algodão nas nossas colonias, especialmente em Mossamedes, cujo clima é tão bello, e em que se têem feito experiencias tão felizes, como nos Açores, onde poderiam para esse fim aproveitar-se os terrenos baldios, e talvez até no Algarve.

Mas continuando com as plantações e producções de Santo Antão, que interrompemos com tão largas e talvez enfadonhas considerações ácerca do algodão, diremos, pelo que respeita ás vinhas, que se calcula produzirem ainda algumas pipas de mijarella, como ali chamam áquelle vinho tão fraco como o verde do Minho. Bebem-no geralmente em mosto, porque não deixam ou não sabem ainda ferver o vinho que vae ás vazilhas. Mas se por um lado têem esta desvantagem, pelo outro têem a vantagem de fazerem duas colheitas annuaes. As principaes vinhas que ali existem ainda são na ribeira das Patas.

Ha em Santo Antão muita laranja, goiaba, banana, emfim todos os fructos dos tropicos em grande variedade e profusão, havendo tambem dragoeiros e purgueira. Finalmente esta ilha é a que exporta talvez mais urzella, sendo tambem apta para a cultura do cacau, amendobi, palma christi, trigo, cochonilha, etc.

A cochonilha é um insecto muito parecido com o percevejo. A femea não tem azas, os pés são tão curtos que difficilmente anda com elles. O macho é muito mais pequeno, tem azas e umas excrescencias em fórma de cauda. A femea não põe ovos, morre, incha, fica depois ressequida e na primavera seguinte sáem-lhe os filhos vivos de dentro do corpo.

Ha muitas especies de cochonilhas, a mais notavel é a que

nasce no Mexico n'uma arvore, que ali vimos chamada nopal, *Cactus opuntia*, ou figueira da India, que dá um fructo bastante nutritivo, muito parecido com o figo, e do qual se extrahe o precioso carmim, que se contém só no corpo das cochonilhas femeas. Aindaque se achou tambem o meio de extrahi-lo da raiz de ruiva, o que se obtem da cochonilha é sempre muito superior, tanto para tinturaria comó para pintura, e a Europa emprega avultada porção, cujo preço é sempre alto.

O nopal dá-se sem cultura, e para o multiplicar basta cortar um bocado, e mette-lo na terra; deita logo raiz e não exige nenhum trabalho mais. Promptas as plantações do nopal, nada mais facil do que multiplicar indefinidamente a cochonilha.

Assim que chegam ao seu maximo desenvolvimento, põem-se em cada pé, de pequena em pequena distancia, duas ou tres cochonilhas femeas, que para esse fim se guardam da colheita precedente. Dentro em dois mezes multiplicam por tal modo, que apparecem nopaes carregados d'ellas.

A sua colheita faz-se do modo seguinte: pega-se com a mão esquerda n'uma bacia como as de barba, mas de dobrado tamanho, a qual se encosta a todas as folhas, raspando-as ao mesmo tempo ligeiramente com uma faca que não corte, e assim se apanham os insectos; mettem-se n'uma caldeira de agua a ferver, em que se deixam ficar poucos instantes, seccam-se á sombra e estão promptos.

Póde-se fazer uma abundante colheita de dois em dois mezes, excepto no tempo das aguas, porque as chuvas interrompem a espantosa multiplicação de tão util insecto.

O sr. doutor Bernardino Antonio Gomes, analysando uma porção de cochonilha, colhida ha annos na ilha de S. Nicolau por diligencias do proprietario o sr. Theophilo José Dias, achou que sendo bem creada e convenientemente secca se obteria igual senão superior á boa cochonilha da America; e que a da segunda qualidade ou menos bem preparada era mui pouco inferior em riqueza de principio corante á boa cochonilha do Mexico.

Ora como as ilhas de Cabo Verde são mui sujeitas a seccas,

a cochonilha, que aliás tem um grande valor, se dá ali tão bem e em tanta abundancia, muito seria para desejar que os habitantes se entregassem com mais desvelo a esta cultura.

A variedade de temperatura, combinada com a grande variedade do solo, torna a ilha de Santo Antão capaz de produzir todos os fructos dos tropicos e da Europa, como acontece na ilha da Madeira.

Santo Antão tem tambem muito gado de differentes especies, e aves domesticas de toda a casta, que fornece em quantidade aos navios que ali vão refrescar e á ilha de S. Vicente.

Possue tambem duas nascentes mineraes dignas de se notar; porque uma tem a propriedade de fazer cair o cabello ou pello ás pelles no momento em que n'ella se mergulham, e a outra a de tingir de preto immediatamente as pelles assim preparadas.

As serras da ilha são muito elevadas e abundam em mineraes, asseverando os entendidos que n'ellas se encontra ferro, cobre, pedra de cantaria, lipes, pomes, e até mesmo pedras preciosas.

Mas apesar da sua riqueza interna, é ainda considerada como uma das ilhas mais pobres do archipelago, tendo um muito pequeno giro commercial que não excederá acaso a 3:400$000 réis de importação e proximamente 7:000$000 réis de exportação.

Comtudo havia na ilha algumas casas de commercio e lavradores importantes, taes como Abrahão Ouzencot, Alvaro Rodrigues de Azevedo, Antonio Joaquim Martins, Antonio José Silva, Antonio Manuel Pinto, Antonio Monteiro da Silva, Antonio Ouzencot, Antonio Pedro da Costa, Clemente José Silva, Francisco José de Sousa, João José de Sousa, Manuel Barbosa da Costa, Pedro Gonçalves Teixeira, Theophilo Martinho Gomes, etc.; e as senhoras D. Maria Laurentina da Graça, D. Maria Pires, D. Antonia Ferreira Moraes, D. Gertrudes Victoria Ferreira, etc.

Santo Antão foi primeiramente colonisada por alguns escravos transportados da Guiné pelos donatarios, que não

queriam admittir europeus. A consequencia foi que os habitantes eram, em geral, pretos escravos naturaes da ilha.

Apesar d'esta restricção e alem da gente branca encontra-se agora grande numero de mulatos com cabello louro e olhos azues, descendencia dos brancos que occasionalmente ali têem tocado.

Depois que a ilha reverteu para a corôa, D. Maria I, por decreto de 1 de janeiro de 1780, declarou livres todos os escravos; mas em consequencia do estado de degradação e de barbarismo em que tinham caído, não têem sabido apreciar este beneficio. Tal é a acção deprimente e destructiva de todos os principios de moral que exerce a escravidão em todas as suas phases, principalmente quando, como n'este caso, é acompanhada por um excessivo amor das bebidas espirituosas e da aversão ao trabalho!

Quasi no principio do presente seculo principiaram os europeus a estabelecer-se na ilha, cultivando o terreno e introduzindo a civilisação, e foi por este tempo que chegou das Canarias uma colonia de hespanhoes que se estabeleceram no cume da Corda e da Caldeira, onde principiaram a cultivar trigo, cevada, centeio, etc.

Os colonos originaes têem caprichado em conservar o seu sangue europeu livre de mistura com o dos naturaes. A população da ilha calcula-se em 14:643 almas. Os homens de descendencia europea que vi são geralmente brancos e córados, e as mulheres louras e bonitas, parecendo-me o povo realmente hospitaleiro.

A povoação do Paul, cabeça da freguezia de Santo Antonio das Pombas ou do Paul com 3:678 habitantes, é uma aldeia de umas 700 a 800 almas que fica a tres leguas pouco mais ou menos da villa da Ribeira Grande, por pessimos caminhos, situada entre montanhas em um valle dos mais ferteis, especialmente de café e abundante de agua, sendo banhado por uma grande ribeira tambem, chamada ribeira do Paul. Ha ali um mestre de instrucção primaria, e tem a sua bonita igreja parochial e algumas ruas bem alinhadas, mas estreitas e pouco

limpas; lá se vêem ainda, como já referimos, os tanques da fabrica do anil que estabeleceram os condes de Santa Cruz, donatarios da ilha.

Alem d'esta aldeia e seu terreno circumvizinho, ha mais terras bem cultivadas nos logares denominados Ribeira da Graça, freguezia de S. Pedro apostolo, com 1:174 habitantes; Cocutim, freguezia do Santo Crucifixo, com 4:321; e Ribeira das Patas, freguezia de S. João Baptista, com 1:414.

Infelizmente talvez que só uma quarta parte da ilha, e sem duvida os melhores terrenos para lavoura e plantações, é que está em cultivo, achando-se completamente por arrotear os restantes, especialmente nos sitios do Mato Estreito, Campo Redondo, Urzeleiro, etc., o que é muito para sentir, porque a ilha de Santo Antão é a mais productiva em cereaes, fructas, plantas e vegetaes, abaixo da de S. Thiago, que é o verdadeiro celleiro do archipelago.

Portanto, á vista do que deixámos dito, vê-se que n'esta ilha como em todo o archipelago de Cabo Verde, segundo já referimos, é indispensavel e urgente que se trate de colonisação regular, para se cuidar seriamente do aproveitamento das terras e do maior desenvolvimento agricola. E senão, haja-se vista ás vantagens que resultaram da colonia dos hespanhoes das Canarias.

Peza-nos muito ter de dizer que não se possam continuar a sentir as boas consequencias do estabelecimento da colonia de madeirenses, que acabou ali, e que existia desde 1854, havendo naufragado em numero de 230 n'aquelles mares, e salvando-se todos em lanchas para a ilha de Santo Antão, onde, á excepção de 22 que preferiram retirar-se, foram estabelecidos pelo honrado governador o general Barreiros.

Foi pena não ter sido collocada esta colonia em terrenos mais ferteis, porque talvez então não acabasse tão promptamente. O activo e emprehendedor tenente Fontes Pereira de Mello, ainda tentou tirar partido das terras dos colonos que arrendou por 100$000 réis, mas infelizmente succumbiu á cholera em 1856, o que fez que a fazenda voltasse á praça; po-

rém tão pessima é a sua situação que ninguem houve que a quizesse arrendar!

Antes de concluirmos esta curta descripção de Santo Antão, diremos que esta ilha é notavel na historia por haver sido escolhida para servir como ponto de partida a uma das famosas linhas de demarcação, que delimitavam as possessões dos portuguezes e as dos hespanhoes, de que se originou o celebre tratado de Tordesillas, pelo papa Alexandre VI confirmado em 1493.

Voltámos ao porto dos Carvoeiros, onde despedindo-nos de Santo Antão, nos mettemos no nosso escaler, e atravessando outra vez o canal que separa esta ilha da de S. Vicente, chegámos a esta ultima, e tornámos a embarcar no nosso navio.

Chegámos ao ilhéu de Santa Luzia, distante apenas umas cinco milhas da ilha de S. Vicente, na direcção de SE. em 16° 44′ lat. N. e 15° 40′ long. O. de Lisboa, com 18 milhas quadradas.

A sua superficie é montanhosa. Não tem arvores e é falta de agua. Da parte do SE. encontra-se o porto do Caramujo, onde podem fundear os navios. Ha ali uma nascente de agua doce, e logo muito proximo as ruinas de habitações construidas outr'ora pelos pastores, que íam residir temporariamente n'esta ilha na epocha em que os gados eram a parte principal da riqueza das ilhas de Barlavento. O que é certo é que nunca se tratou de a colonisar por meio de população fixa. Nos *Ensaios estatisticos* de Lopes de Lima lê-se que, no principio d'este seculo, a familia Dias, da ilha de S. Nicolau, tinha em Santa Luzia manadas de gado cavallar e asinino, exportando-se para as Antilhas muitas mulas, pela fama de que gosava a raça; sendo para lastimar que a secca de 1831 a 1833 a destruisse quasi completamente.

Apesar d'isso o doutor Julio José Dias aforou ultimamente a ilha ao estado para ali crear gado, que desgraçadamente morreu quasi todo em 1856 e 1858.

O algodão dá-se ali perfeitamente, as suas montanhas produzem muita urzella, e as suas costas do mar são abundantissimas de peixe.

Seguindo a nossa derrota em direcção ao SE., ficando-nos a ilha de S. Nicolau do lado de O., chegámos aos pequenos ilhéus chamados Branco e Raso, que eram conhecidos pelos primeiros navegantes pelos nomes de ilha Branca e ilha Rasa.

O ilhéu Branco é uma rocha muito elevada, coberta de urzella e povoada de cagarras.

Na ponta SE. ha uma pequena praia onde desembarcam os urzelleiros, que ali encontram uma nascente de agua, pelo que ouvimos, estabeleceram tambem armações de pesca.

O ilhéu Raso é um morro elevado e quasi redondo, cujo solo parece prestar-se á cultura do algodão, da purgueira e do dragoeiro, poisque consta que João Antonio Leite, da ilha de S. Nicolau, obteve a concessão d'este ilhéu em 26 de fevereiro de 1839, com o fim de intentar aquellas plantações. E senão estou mal informado, tem n'esta ilha armações de pesca estabelecidas.

Continuando a nossa viagem, a primeira ilha que encontrámos foi a de S. Nicolau, em 16°, 33′ lat. N., e 15°, 10′ long. O. de Lisboa, com 115 milhas quadradas.

Esta ilha foi considerada sempre como uma das mais importantes do archipelago, devendo isto certamente ao espirito emprehendedor e á inclinação para o trabalho que muito distingue os seus habitantes.

Com effeito cabe a esta ilha a gloria de haver sido a primeira que em todo o archipelago teve cafesaes, sendo d'ella que foram mandadas as sementes para a de S. Thiago, d'onde depois se estendeu ás mais ilhas.

Comtudo, depois ficou menos considerada a sua cultura em S. Nicolau, porque foi preferida a da canna do assucar, de que fabricam mais de 300 pipas de aguardente, e a da vinha, fabricando tambem mais de 500 pipas de vinho.

É bastante productiva, e abaixo da ilha Brava, é das que tem maior porção de terrenos em estado de cultura, sendo soffrivel o seu desenvolvimento, excepto em umas terras desde o Monte Calvo até á ponta de E. na costa do S.; e entre o Taboleiro até á ponta das Queimadinhas; assim como nos bal-

dios do concelho, que estão reservados para pastos; mas, é realmente lastima que não sejam melhor aproveitados, porque são muito proprios, quer para a cultura geral do paiz, quer mesmo para extensas e importantes plantações de purgueira e algodão, principalmente nas encostas das montanhas.

Se se fizessem alguns esforços para abrir poços na parte da ilha onde não ha ribeiras, contribuiria isto muito para a prosperidade das pastagens que não estão em verdade no estado florescente a que podiam ali chegar.

Era convenientissimo tambem que se tentasse a cultura da luzerna, ou do fungo (semente indigena) na estação propria.

S. Nicolau produz igualmente, e sem custo, alem do que já fica referido, muito milho, feijão, mandioca, etc., calculando-se nos annos ferteis em 800 moios, ou mais ainda a sua producção n'estes artigos, de que exporta acima de 100 para as ilhas do Sal e da Boa Vista.

Tem bastante tabaco, hortaliças, muitas fructas do paiz, não poucas da Europa e até da America, havendo em S. Nicolau a bananeira de Hayti e o chá das Antilhas.

Possue tambem creação de gado de que exporta bastante, bem como pelles e couros e immensa quantidade de aves domesticas.

A já referida familia Dias, que introduziu como dito fica os gados, etc., no ilhéu de Santa Luzia, metteu tambem na de S. Nicolau uma consideravel porção de touros, vaccas, cavallos, eguas, burros hespanhoes, e uma bella casta de ovelhas merinos.

A mesma benemerita familia formou ali igualmente plantações de muitas plantas exoticas, e animou a cultura do cato da cochonilha, a que se vae dando muita attenção em S. Nicolau.

Importa a ilha de S. Nicolau tabuado, ferragens, vidros, etc.; mas tem pouco commercio.

Aindaque alguns querem que seja quasi tão insalubre como a ilha de S. Thiago, o seu clima parece que realmente não é tão doentio, á excepção principalmente da Ribeira Brava, onde, e no litoral, como geralmente em a maior parte das ilhas

do archipelago, os europeus são sujeitos ás febres intermittentes e ás dysenterias.

Provavelmente a villa da Ribeira Brava, cabeça da freguezia de Nossa Senhora do Rosario, com 5:011 almas, é tão sujeita a grandes epidemias, e ás vezes bem mortiferas, em consequencia da sua situação, que é na verdade extremamente desfavoravel, por quaesquer modo que se considere.

Talvez mesmo que esta circumstancia muito influisse para a grande mortandade que a cholera morbus ali causou em 1856, a qual, segundo um documento official de 20 de dezembro do dito anno, foi de perto de 4:000 pessoas n'uma população que entre toda a ilha se calculava em 11:000 almas, sendo de 6:372 a que lhe dá a estatistica de 1860.

Em 1860 obteve finalmente esta ilha uma botica por occasião de outra invasão epidemica. Deveu este beneficio ao governador geral Januario Correia de Almeida, que poz aquelle recurso á disposição do doutor em medicina Julio José Dias, proprietario ali, que gratuitamente se prestou a tratar dos doentes, fornecendo-lhes até dos seus haveres os remedios precisos, pelo que foi devidamente elogiado.

O giro commercial da ilha, como dissemos, não é ainda grande, postoque haja alguns negociantes acreditados e muitas pessoas abastadas, entre outras as seguintes: Antonio Rodrigues de Carvalho, João Francisco de Brito, João Joaquim Marques, Joaquim Osorio de Amorim Correia, Joaquim Seraphim de Brito Farinha, José Bento de Oliveira, dr. José Maria da Costa, dr. Julio José Dias, Nicolau Antonio Duarte, Pedro Francisco de Figueiredo, o padre Valentim; e as sr.as D. Julia Maria Leite de Pina, D. Margarida Nobre, D. Maria Joanna de Oliveira, D. Maria Rosa da Conceição, D. Thereza Bettencourt Rodrigues, etc.

Um dos motivos que mais concorre para difficultar o commercio é ter a ilha tão maus portos, que são só procurados de ordinario pelos navios que precisam provisões, ou que negoceiam com as duas ilhas vizinhas do Sal e Boa Vista, cujos habitantes são os principaes consumidores das suas producções.

Os seus principaes portos são: o do Tarrafal ao O., o da Lapa ao S., a bahia de S. Jorge, ou Porto Velho ao SE., entre o Monte Formoso, e o forte da Preguiça, como lhe chama Lopes de Lima nos seus *Ensaios estatisticos*, porque achando-se o dito forte proximo do porto da Preguiça, não está este defendido, pela preguiça que houve de o artilhar e municiar, apesar de ter paiol, quartel, etc.

O caes do porto da Preguiça, uma das melhores obras do tempo do governador Arrobas, dirigido pelo dr. Julio José Dias, que fez donativo da ferragem e cantaria, acha-se bastante estragado pelas vagas das marezias do anno de 1861, o que não admira, attendendo a que o porto da Preguiça é uma grande bahia desabrigada aonde ha horrorosos temporaes á que nada póde resistir.

Este caes, como dito fica, foi mandado construir em 1856 pelo governador Arrobas, por occasião da fome que houve n'aquella ilha. Já em 1859 uma tempestade fez grande avaria n'este caes; mas o engenheiro Januario Correia de Almeida o reparou convenientemente: era bom que quanto antes fosse novamente concertado.

A alfandega, que estava algum tanto arruinada, póde ainda servir fazendo-se pequenos concertos nos armazens.

O quartel militar estava em muito mau estado, aindaque as paredes que são de barro podiam aproveitar-se, alem de que na Praia Alta tinha o governo o vigamento preciso, não tendo a pagar senão o transporte.

Na estrada da Preguiça á povoação havia ultimamente só duas porções onde não era possivel andar um carro carregado, na subida vindo do porto para o campo da Preguiça, e na descida d'este para a Tabuga; mas no interessante relatorio do nosso amigo Antonio Ferreira Quaresma, engenheiro da provincia, que tantos serviços lhe tem feito pela sua intelligencia, zêlo e actividade, diz-se que mudada n'aquelles dois pontos a directriz, consegue-se transportar as mercadorias em carro, que hoje são transportadas por mulheres e creanças, sendo preciso até desmanchar os volumes, as barricas de farinha, etc..

... PRINCIPAL NA ILHA DE S. NICOLAU (Cabo Verde)

ustando o transporte de um peso pouco mais de uma arroba, OO réis de frete.

Citaremos agora outros portos, taes como o dos Castelhanos, do Carriçal, ou Fresh Water Bay (bahia da Aguada), como lhe hamam os inglezes, que toma aquelle nome provavelmente lo muito carriço que ali abunda; a bahia da Praia Branca, onde a uma pequena povoação abrigada pelo Monte Gordo, o mais elevado da ilha, e tendo 1:412 metros de altura.

A segunda montanha da ilha é o Morro do Frade (Pão de Assucar), e a terceira o denominado Pico do Martinho.

Em summa a ilha toda é coberta de montanhas e outeiros de varias alturas; mas a não ser os tres montes principaes acima citados, todos os mais são pouco elevados e susceptiveis de cultura, com valles ferteis e abundancia de boa agua.

A ilha de S. Nicolau, como a de Santo Antão segundo já dissemos, é residencia do juiz de direito da comarca de Barlavento, formando a de S. Nicolau um concelho dividido em duas grandes freguezias: Nossa Senhora da Lapa nas Queimadas, e Nossa Senhora do Rosario na villa da Ribeira Brava. Toma esta o nome de uma ribeira com uma corrente de tanta furia que d'ahi lhe vem chamar-se Brava.

Corta pelo meio a povoação que terá 3:000 almas, e que está situada em um estreito valle abafadiço entre duas montanhas.

As casas da villa, que serão mais de 500, geralmente construidas sem risco, nem regularidade, se exceptuarmos algumas (poucas) que ha de pedra, podem bem chamar-se cabanas.

A igreja parochial, edificada debaixo dos auspicios do bispo D. Fr. Christovão de S. Boaventura, é um bonito edificio.

Parece que a misericordia d'esta villa é o estabelecimento de piedade mais bem administrado de toda a provincia, segundo se lê nos interessantes artigos de Jorge José Rodrigues.

Ao tempo que ali passámos havia um só mestre de primeiras letras, um professor de latim e outro de theologia moral.

Finalmente ali é o quartel de um batalhão de infanteria de segunda linha.

A freguezia de Nossa Senhora da Lapa, nas Queimadas, a segunda que houve na ilha, é um grande districto rural que está situado na costa do N. da ilha, com 1:361 almas e uma escola de primeiras letras.

Alem da já referida e bonita pequena aldeia da Praia Branca na costa do NO., ha ainda na ilha muitos casaes e casas de campo construidas, aqui e acolá, junto das margens das varias ribeiras que cortam a ilha em todas as direcções.

A maior parte dos habitantes são mulatos, havendo tambem um numero consideravel de pretos e alguns centos talvez de brancos; encontram-se bons e atrevidos marinheiros nas povoações da costa do mar.

Depois das ilhas de S. Thiago e Boa Vista, S. Nicolau é das ilhas de Cabo Verde a que tem maior numero de artifices, e n'ella se fabricam pannos em grande escala.

Tambem se empregam com a maior actividade e em completo desenvolvimento no cortir de pelles, sendo o cortume mais usual obtido de um arbusto chamado Torta-olho; e usam do azeite de palma para abrandar as pelles, que depois do conveniente preparo são tintas ou coloridas; e assim preparam para negocio excellente couro da qualidade do marroquim.

Em summa a gente de S. Nicolau é da mais engenhosa do archipelago, passando aquella ilha por ter sido o berço do pintor Simplicio João Rodrigues de Brito.

A E. de S. Nicolau está a celebre ilha do Sal, assim chamada pelo muito sal que exporta, situada em 16°, 52′ lat. N., e 13°, 52′ long. O. de Lisboa, com 68 milhas quadradas.

Do lado do S. apresenta a apparencia de um grande banco de areia, e é tão baixa que mal se póde descobrir, mesmo de dia, a 5 ou 6 milhas de distancia.

Do lado do N. avista-se a 14 leguas ou mais, poisque no interior se ergue uma fileira de tres pequenos outeiros, que se estendem por 3 milhas do S. ao N., o mais alto dos quaes, o Pico Martins, está no centro a 442 metros acima do nivel do mar.

Do lado do E. tem tambem a Serra Negra, montanha oblonga não muito alta.

Possue esta ilha muitos fundeadouros pouco seguros, e ás vezes perigosos, onde os navios não podem estar sobre uma só corrente.

Os principaes são: a bahia da Palmeira ao SO. n'uma praia de areia entre a ponta do mesmo nome e o rochedo ou Morro da Cabeça de Leão, ao pé do qual habitava alguma gente; a bahia do Rabo de Junco, ao SO. entre a referida cabeça e a ponta das Tartarugas; a bahia ou portinho da Salina ao SO., ancoradouro hoje preferido pelos navios que vão buscar sal, por ficar proximo das marinhas, vistoque do dito portinho se estende um banco de areia até ao logar em que se acham formadas as caldeiras artificiaes, termo do novo caminho de ferro, e onde ultimamente se tem estabelecido uma pequena povoação.

Pouco mais adiante fica o perigoso baixo da Ponta da Fragata, assim chamado por haver ali naufragado em 1819 a fragata ingleza *Erne*.

O logar mais seguro para fundear quando sopra vento fresco da parte do SO. ou do SE., é a furna da Pedra de Lume, onde mesmo assim se precisam boas amarras de ferro, porque ha no fundo pedras agudas que limam ou cortam os cabos de linho ou de cairo.

Foi d'este porto que no principio do seculo XIX se principiou a exportar sal, que se tinha de conduzir para ali desde as caldeiras naturaes a 1 legua de distancia.

José Acursio das Neves, na sua obra intitulada *Considerações politicas e commerciaes*, descreve bem os poços ou caldeiras do sal da salina natural que deu o nome a esta ilha, dizendo a pagina 87: «Quasi no centro das ilhas ha uma caldeira, e no meio d'esta rebenta um olho de agua salgada, e esta agua espraiando-se para os lados, é a que forma naturalmente os grandes montes de sal, que desde tempo immemorial se vão ali accumulando, como os gelos dos Alpes. É uma admiravel obra da natureza qne a arte podia aperfeiçoar com pouco custo».

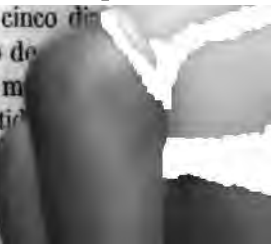
Depois d'esta descripção só podemos acrescentar que devendo-se dar a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar,

é de justiça dizer que o bemfeitor da ilha, o conselheiro M. A. Martins despendeu grossas sommas desde 1808, para levar por diante tão grande pensamento, executando grandes obras de arte, poisque furou pela raiz um monte de lado a lado, praticando um caminho subterraneo, para como atalho mais curto levar assim o sal até aos portos do S. da ilha. Tambem se lhe deve o primeiro caminho de ferro que houve em Portugal e suas colonias, o qual fez construir em 1837. Os carros que transportam o sal aos portos, são guarnecidos de vélas, aproveitando assim a impulsão do vento que sopra constantemente na direcção das salinas; á volta são puxados por burros.

Dos poços ou caldeiras naturaes e artificiaes têem exportado já annualmente os actuaes proprietarios, e fabricado pelos colonos mais de 5:000 moios annualmente.

Vê-se da relação das amostras dos productos remettidos do archipelago de Cabo Verde para a exposição universal de Londres de 1862 que a producção regular do sal das salinas do Portinho, de primeira sorte, produzido no Porto de Santa Maria, em terreno argilloso regula por 3:000 moios, medida da provincia, e o seu preço por 1$800 réis; e que o sal das salinas de segunda sorte regula por 5:000 moios da provincia, e é vendido tambem a 4$800 réis. Vê-se mais do mesmo documento que o sal da salina de Pedra de Lume tem o mesmo preço e regula por 1:000 moios.

Obtem-se o sal fazendo passar por meio de bombas, movidas pela acção do vento, a agua de vallas rasgadas em terreno para isso proprio a taboleiros de fundo argilloso, abertos no solo, que são as referidas *maretas*, onde se opera a crystallisação, que gasta de vinte a vinte e cinco di[illegible] mente conforme a temperatura e estado d[illegible] aguas. Finda esta regam-se novamente as m[illegible] se e lavando-se n'esta nova agua o sal obti[illegible] areia e outras impurezas, e amontoa-se[illegible] d'onde é conduzido ao logar dos deposi[illegible]

Todo o sal que se obtem é em ger[illegible] sendo devida a sua côr, mais ou meno[illegible]

aguas, e ao esmero que se emprega no fabrico. O processo descripto é o empregado desde que n'esta ilha se fabrica sal, sem que tenha experimentado o mais pequeno aperfeiçoamento.

Poderia obter-se dobrada producção, se não fosse a falta de braços e de chuvas regulares, e se houvesse melhor administração nos trabalhos e aperfeiçoamento no systema empregado para o fabrico.

Os expositores do sal foram os srs. Augusto Martins Pereira, Hypolito José Xavier de Almeida, José Antonio Martins, Julio Ferreira de Almeida e Pedro Maria Tito, que todos offereceram gratuitamente os productos que mandaram, auctorisando a sua venda, devendo o dinheiro ser entregue ao asylo da mendicidade e orphãos desvalidos.

O commercio augmentou muito ultimamente, e tanto assim que em 1844, quando se considerava ainda em principio, não foram menos de trinta e tres os navios que carregaram sal só para os portos do N. da Europa, estando então o negocio limitado unicamente ás duas casas commerciaes Martins, e Sousa Machado, que depois tomaram a denominação de Martins & Sousa: emquanto que hoje toca n'aquella ilha um numero consideravel de navios, e existem talvez nove ou dez firmas novas, tendo ali tambem feitorias alguns negociantes da Boa Vista.

Citaremos, entre outros, os srs. Antonio Joaquim de Oliveira, Ignacio Correia Carvalh[illegible] [illegible]quim José de Barros, José Al[illegible] P[illegible] [illegible]orfirio Antonio de [illegible] [illegible]ilhermina Mar-[illegible] [illegible], D. Leopoldina de [illegible] [illegible] parte dos rendimentos [illegible]da do sal.

[illegible]as e os Estados Unidos da [illegible]elecido um vice-consulado, [illegible]ul José Antonio Martins, [illegible] Verde, de Buenos Ayres, [illegible] Uruguay.

Aindaque a ilha seja quasi toda salitrosa, tem comtudo terrenos em muitas partes favoraveis para coqueiros, algodão, figueira brava, e outras terras apropriadas para cultura para o lado do O.; a cultura comtudo é ali insignificante, ou quasi nenhuma, posto podesse tornar-se abundante em purgueira. Não tem lenha, e importa todas as outras provisões que consome, sendo pouco abundante de agua, apesar de se haver descoberto ultimamente um poço, que a tem excellente.

Em compensação tem muito gado de todas as especies, grande abundancia de burros, sendo tambem proverbial a fecundidade das cabras.

As tartarugas, que se encontram em grande copia n'esta ilha constituem um manjar mui delicado, e que alem d'isso passa por saudavel.

Tambem nas suas costas se encontra uma quantidade immensa de peixe de varias qualidades, principalmente nas bahias da Palmeira e Rabo de Junco, onde, quando ali estivemos, só um barco com tres homens pescou em menos de duas horas talvez cincoenta arrobas de peixe, que facilmente se apanha de bordo dos navios no ancoradouro.

Nas montanhas encontram-se algumas pyrites de cobre e bastante urzella. Esta nasce espontaneamente em todas as rochas da ilha, e produz annualmente cerca de 12:000 kilogrammas, sendo o preço venal do mercado de 120 réis por kilogramma.

Alem do sal, a ilha não exporta senão alguma tartaruga de inferior qualidade, e uma grande quantidade de pelles de chibo.

Comtudo o negocio tem convidado a estabelecerem-se ali muitas familias brancas, tendo muitas casas, boas lojas, vindo logo do interior ao mercado grande abundancia de provisões, quando chegam navios á ilha do Sal, e empregando-se muita gente em conduzir aquellas provisões, parecendo todos desejosos de as vender, postoque poucos de as cultivar.

Esta ilha diz-se ter sido descoberta em 1460 por Antonio de Nolle, tambem chamado Antoniotto, ou misser Antonio,

que lhe deu o nome de ilha *Llana* ou *Chã*, em rasão das planicies que observou ao S., e que depressa foi mudado para o de ilha do Sal, pela descoberta que se fez da salina natural de Pedra de Lume (junto da pequena enseada do mesmo nome, como referimos).

Aquella salina, onde os primeiros exploradores acharam camadas de sal accumuladas, *á maneira do gelo nos Alpes* (diz um auctor), é uma lagôa, caldeira, ou bacia de seis braças de profundidade, aberta pela natureza na chapada de um monte de 39,6 metros de altura acima do nivel do mar, coalhandose em sal a agua das chuvas, que cae no centro, onde querem alguns que haja um olho de agua salgada, que tempera a das chuvas.

Ao principio não havia na ilha senão alguns escravos de habitantes da Boa Vista, que trabalhavam n'aquelle ramo de commercio, sendo só no fim do seculo XVII que se principiou a pensar em povoação regular, o que comtudo só foi levado a effeito depois de 1833, quando o citado bemfeitor da ilha do Sal, o fallecido conselheiro Martins, querendo aproveitar as salinas artificiaes do Portinho, mandou buscar casas de madeira aos Estados Unidos, e estabeleceu a actual povoação capital da ilha chamada Porto de Santa Maria, aldeia que tem hoje 894 habitantes.

O governador geral Marinho estabeleceu na ilha do Sal uma boa alfandega; transformou-se a camara de uma galera que ali dera á costa, em *capella*, com a invocação de *Nossa Senhora das Dores;* mas em 14 de abril de 1857 mandou-se construir uma igreja parochial, e o governador Arrobas creou finalmente uma administração militar, a que ficou annexada a civil, e uma commissão municipal.

Em 14 de junho de 1861 mandaram-se reparar os quarteis e guaritas, etc.

Esta povoação, comtudo, soffreu muito em maio de 1856, ficando reduzida a umas 700 almas, quando se desenvolveu na ilha o escorbuto, com tal intensidade, que foram atacadas mais de 200 pessoas, morreram oitenta e tantas, e fugiram

umas 200, sendo preciso formar-se um hospital, de cuja direcção se encarregou D. Gertrudes Ferreira Martins, que abriu tambem uma subscripção para auxiliar os necessitados.

Esta senhora mostrou assim que, embora morresse o generoso conselheiro Martins, não acabou o patriotismo e philanthropia d'aquella generosa e benemerita familia.

Apesar d'isto, o clima da ilha do Sal é considerado, com rasão, como mais saudavel do que o da de S. Nicolau, querendo alguns mesmo que seja superior ao da ilha da Boa Vista.

Esta ultima está situada 20 milhas ao S. da do Sal em 16° 10′ latitude N. e 13° 52′ longitude O. de Lisboa, e tem 140 milhas quadradas

Uma longa cadeia de montes separa as areias da parte de O. das planicies de E., diminuindo aquella cadeia consideravelmente nas extremidades de E. e O., mas não tanto na ultima como na primeira.

A maior largura de E. a O. é de 19 milhas, diminuindo tambem algum tanto para a banda do N., e ainda mais consideravelmente quasi uma terça parte da ilha da parte do S.

A sua configuração é a de um octogono, dividido em duas partes iguaes por um espinhaço elevado, que remata ao N. pelo monte de João Fernandes, e, embora seja geralmente plana para o lado de O. e arenoso o seu litoral, vae alteando gradualmente para o interior, onde se elevam tres cabeços que avistámos a mais de 10 leguas, por estar o dia muito claro.

Os portos capazes de conter navios de grande lote são: o de Sal-Rei (antigamente chamado Porto Inglez), o do Norte e o do Curralinho.

O Porto de Sal-Rei tira o seu nome do sal de uma salina a E. da povoação, a cousa de uns 400 passos, sal que foi de tão excellente qualidade, que lhe grangeou o titulo de rei: as areias que invadiram a salina a têem prejudicado muito.

Este porto tem 6 milhas de bôca e 1 ½ de concavidade. Á sua entrada está um ilhéu, sem nome, onde se acha o forte do Duque de Bragança, que foi construido e cedido ao estado pelo conselheiro Martins; mas para que o porto fique comple-

tamente defendido, seria mister haver um fortim defronte, na Praia da Chave, bem como uma bateria rasante junta do caes.

Entre o ilhéu e Sal-Rei o fundo é de 1 a 2 braças, muito pedregoso, e proprio só para botes.

Ao S. do ilhéu jaz o Baixo do Inglez, havendo um profundo e limpo canal de 1 ½ milha de largura entre ambos; ha comtudo um espaço navegavel de 1 legua de largura desde este baixo até ao Morro da Areia, que fica ao S. da bahia, dentro do porto da Varandinha.

O ancoradouro fica a E. do ilhéu, a mais de 1 legua distante do ponto dò embarque, fundeando os navios em 12 braças de agua, com bom fundo de areia. De dezembro a março não estão seguros porém os navios, por ficarem sujeitos a arrebentações a que chamam *marezias*. O unico meio de escapar é sair logo para o mar largo e não voltar emquanto duram, o que aliás não excede de dois a tres dias.

Muito ganharia a ilha se assim como tem a um ladq uma pequena enseada ou doca para abrigo de lanchas, escaleres, etc.; se assim como do lado de N. da ponta mais interior do ilhéu o emprehendedor conselheiro Martins construiu o melhor e mais bonito caes de pedra das ilhas de Cabo Verde; e finalmente se assim como o governador geral Januario Correia de Almeida tratou de levar a effeito a edificação da alfandega nova, o governo fizesse construir um molhe ou uma estrada de aterro desde a terra até ao ilhéu, com um estaleiro por detrás para concerto dos navios, pois no tempo dos ventos fortes lá tocam muitos para reparar as avarias.

É isto tanto mais necessario, que, se exceptuarmos o Porto Grande de S. Vicente, é o de Sal-Rei o melhor dos do archipelago, fundeando n'elle durante o anno talvez mais de quarenta navios nacionaes e estrangeiros, dos quaes, pelo menos, trinta serão inglezes ou americanos. Tambem ali se encontra grande numero de barcos ou catraias.

Porém é muito para lastimar a escassez de agua que se sente na povoação de Sal-Rei, que a obtem de umas *cacimbas* (poços) feitas na areia, nos sitios chamados Banco e Esgretas.

As pessoas mais abastadas mandam-na buscar á Estanxa (Estancia) e ao Baixão ou Fonte Matheus, apesar da do Baixão ter um gosto pouco agradavel, e deixar um sedimento branco ou particulas arenosas.

Muito conviria pois remediar-se seriamente este mal, muito mais havendo a 2 milhas de distancia uma bella corrente de agua na Ribeira da Boa Esperança, propriedade do respeitavel licenciado Hypolito de Almeida. Poderia formar-se uma companhia para encanar ou transportar esta agua até Sal-Rei; porque seria uma empreza esta, que não só tiraria importantes resultados d'esta especulação, mas tambem faria com que os actuaes proprietarios muito lucrassem.

Ha em Sal-Rei muitas casas de commercio com boas residencias e armazens edificados ao gosto europeu, de maneira que esta villa, hoje capital da ilha, com perto de 1:000 habitantes, poderia competir, se é que não compete já, com a capital do archipelago, a cidade da Praia na ilha de S. Thiago.

A capital da ilha da Boa Vista era antigamente na Povoação Velha, pequena aldeia a 2 leguas do porto de Sal-Rei, para o S., nas faldas de um monte, com perto de 400 habitantes, e onde os primeiros colonos se estabeleceram. Em 1810, o bispo D. fr. Silvestre de Maria Santissima mudou a igreja parochial para o Rabil, linda villa de 1:500 almas, que toma aquelle nome «Rabil» de uns passaros assim chamados pela sua comprida cauda que se encontram em quantidade n'aquelles sitios.

A villa do Rabil ficou sendo desde então a capital da ilha, até que ultimamente tornou a ser transferida para Sal-Rei, resolução que teve por motivo o facil embarque do sal, fonte da riqueza e prosperidade da ilha. Comtudo, a referida igreja parochial, de que é orago S. Roque, continuou a ficar, bem como a camara municipal, na villa do Rabil, postoque se erigisse em Sal-Rei a capella de Santa Izabel, e ali se estabelecessem as auctoridades civil e militar.

O templo no Rabil, pela sua vastidão e belleza, é proprio para cathedral da provincia, e foi edificado pelo dito bispo D. fr. Silvestre no centro da villa.

Acha-se esta assentada sobre uma eminencia defronte da barra, com algumas bonitas casas de pedra (entre as quaes avulta a da municipalidade), tendo de roda muitos jardins e cabanas ou choças (funcos) n'um circuito de 1 ½ milha.

A villa do Rabil, com as povoações chamadas Boa Ventura, Cabeçada, Moradinha, Nossa Senhora das Dores e Estancia de Baixo, compõe uma freguezia com 1:860 almas. A villa é a cabeça, como já mostrámos, e n'ella existia a unica escola publica que havia na ilha.

O Porto do Norte ou da Salina, situado ao NE. junto da aldeia, cabeça da freguezia de S. João Baptista, tambem chamada Povoação do Norte, com 787 habitantes, perto do povo denominado João Gallego, sua dependencia, é um porto perigoso por ter a entrada cheia de recifes, havendo ali naufragado muitos navios durante os nordestes, entre outros a nau ingleza *Hartwell*, em 1787, que deu o nome aos rochedos da ponta do N.

Tambem o celebre navegante Cook, na sua terceira viagem dos mares do S., teve ali o seu navio em grande risco; mas de tanto valor é reputada a carga do sal crystallisado que se obtem de umas caldeiras perto do porto, que as embarcações nas marés cheias não receiam affrontar estes riscos.

O Porto do Curralinho, ou aliás Porto Portuguez na costa do SE., tem 10 a 12 braças, ancorando os navios perto de um ilhéu junto da ponta do S.; e por ser deshabitado é pouco frequentado, a não ser pelos navios que carecem abrigar-se dos vendavaes.

Tambem devemos aqui mencionar que para o lado de E., entre os dois ultimos portos, ha outro mais pequeno proprio para barcos de pesca, o qual se chama Portinho do Ferreiro.

Exporta a ilha da Boa Vista muita carne salgada, salchichas, carne ensacada e talvez mais de 7:000 pelles de cabra; mas é de esperar que bem depressa exporte igualmente purgueira, poisque em 1844 a 1845 se semearam ali alguns moios da noz d'esta arvore, e em 1860 foi recommendada pelo governo a sua plantação.

Importa todos os objectos alimenticios, combustivel, vestuario, materiaes para construcção (negocio este exclusivo dos americanos), á excepção da cal da ilha ou da que recebe do continente.

A cal da ilha é extrahida das pedras proprias; em pequenos fornos com fogo de carqueja. O que ali se chama *carqueja* é um mato rasteiro que em nada se parece com a da Europa.

São diversos os que se occupam da industria da cal na Boa Vista, mas sem maior proveito por falta de compradores. Fabricam annualmente de 3:000 a 4:000 barricas (que regula cada uma por 9 alqueires de Lisboa), mas é comprada e vendida a granel, e não embarricada, custando 200 réis em primeira mão, e vendendo-se a 240 réis ou 300 réis posta a bordo.

Tambem ha immensa quantidade de areia fina e branca propria para fabrico de vidros, que pena é não ser exportada para o Brazil, onde falta esta materia prima applicavel a diversos usos. É artigo que se encontra na ilha ao alcance de todos que o queiram aproveitar, podendo pôr-se a bordo na rasão de 400 réis cada tonelada ingleza. Se houvesse quem desejasse estabelecer ali fabrica de vidros, acharia igualmente abundancia de combustivel e materias proprias para a extracção da potassa.

Entre as fazendas manufacturadas ha pannos e colchas de um lavor riquissimo.

A senhora D. Maria Thereza Montel mandou para a exposição de Londres de 1862 dois d'estes pannos tecidos com retroz de cores, á moda do paiz, de um gosto e excellencia admiraveis. Custaram de 10$000 réis a 12$000 réis cada um. A obra foi dirigida pela expositora, e executada por um liberto chamado Francisco do Livramento.

Possue a ilha bastantes artistas, como calafates, carpinteiros, ferreiros, etc.

O peixe tambem é uma verba importante nas provisões, e póde obter-se em abundancia em roda da ilha, particularmente uma especie de bacalhau, a que chamam, como em Angola, *mero*.

Encontram-se igualmente baleias n'aquelles mares, e houve uma epocha em que foram tão numerosas, que se estabeleceu no governo de D. Antonio de Lencastre uma companhia de pescaria, a qual mandou construir os grandes armazens chamados da *Beira*.

Finalmente ha ali grande numero de plantas marinhas de que se extrahe a *soda;* e nas praias encontra-se ás vezes algum ambar, sendo as costas cheias de muitos zoophytos, principalmente madréporas.

É considerada pois a ilha da Boa Vista como emporio das do grupo de Barlavento, e tem muito mais giro commercial do que as ilhas do Sal e Maio; possuindo diversas casas de commercio fortes e agentes das outras ilhas que vendem toda a qualidade de mercadorias, assim nacionaes como estrangeiras, importando as ultimas principalmente da Europa e dos Estados Unidos da America por meio de permutação dos productos insulares.

A maior parte do seu sal é preparado nas caldeiras artificiaes durante o tempo secco, e emprega-se na sua manufactura um grande numero de individuos de ambos os sexos. Estas caldeiras estendem-se até perto do porto de Sal-Rei, para o lado do N.; e anda um grande numero de burros empregado no transporte do sal. Tem muita saida para as salga de carnes, e aindaque não é tão branco e limpo como o que se obtem das caldeiras naturaes, considera-se sufficientemente proprio para aquelle fim, e é muito mais barato.

O sal do Porto do Norte é excellente, mas em consequencia da perigosa entrada e estado do porto, os negociantes vêem-se obrigados a vende-lo pelo mesmo preço d'aquelle que se obtem por uma qualidade inferior em outras partes da ilha.

O sal natural extrahido de varios logares, situados a E. da ilha, é propriedade commum a todos que o queiram tirar da lagôa onde se congela. Calcula-se a producção annual em 300 moios da provincia, cuja unidade corresponde a 2 1/4 toneladas inglezas, e podia valer bem 5 a 6 pesos cada moio, se os

portos d'aquelle lado da ilha não fossem tão perigosos, sendo esta a rasão por que não é explorado.

O sal commum fabricado nas maretas do porto pelo processo ordinario conhecido na Europa, calcula-se em 1:250 moios de producção annual, vendido a 4$800 réis, posto a bordo, livre de direitos e mais despezas para o comprador. Está reduzido actualmente a esta pequena porção, porque o terreno das maretas que em outros annos produzia 6:000 moios ou mais, foi invadido pelas areias que o vento agglomera e conserva n'aquelles logares.

O principal expositor do sal da ilha da Boa Vista á exposição universal de Londres de 1862 foi Martins & Lima.

A população d'esta ilha, que em 1834 se calculava em 3:300 habitantes, pouco mais ou menos, e que já em 1838 colonisou a do Sal, consta presentemente apenas de 2:647 almas, segundo a estatistica de 1860.

O povo miudo é bastante indolente, comprazendo-se no ocio, e embora as mulheres em verdade façam os trabalhos mais rudes, os homens dormem tranquillamente, fumam ou se embebedam nas tabernas, a ponto que esta ilha é, como nos asseguraram, aquella em que se consome mais aguardente e tabaco, e em que se faz maior contrabando n'estes dois ramos de commercio.

Os homens são bem apessoados e robustos, apresentando alguns d'elles dimensões gigantescas; as mulheres não são feias em geral, e ambos os sexos vestem bem e são dados a dansas e folias.

N'esta ilha havia varias pessoas ricas e importantes, como por exemplo: o consul da confederação argentina, Martins, Antonio Maria Moraes, Bernardo Filippe Montel, Francisco José Narciso Cibrão, João Baptista Ferreira Santos, Hypolito José Xavier de Almeida, João Baptista da Silva Santos, José Antonio Ferreira, José Francisco Antonio Spenser, Lourenço José Vieira, Thimoteo Silva Brito; e as senhoras D. Gertrudes Ferreira Almeida, D. Maria das Dores Almeida, D. Maria Rosa Almeida, D. Izabel Almeida Vieira, etc.

A escassez já notada de boas aguas nativas, a ruim qualidade das terras, ou areientas ou impregnadas de particulas salitrosas, e a falta de chuvas, falta que infelizmente occorre frequentes vezes, concorrem para que a agricultura esteja muito atrazada na ilha da Boa Vista, empregando-se a população, segundo referimos, quasi unicamente no fabrico do sal, ou em colher urzella e commerciar com as ilhas vizinhas.

É certo todavia que quando ha chuvas, cultivam inhame, aboboras, milho, favas, batatas, melões e melancias, as melhores do archipelago, e mesmo tambem algum algodão branco e amarello, que a ilha produz em muita abundancia, especialmente nos terrenos arenosos que a atravessam de E. a O.

Esta cultura, se fosse animada, como o tentou o brigadeiro Aniceto Antonio Ferreira, obrigando o povo a cuidar d'ella e da plantação de tarafes e murraça, podia dar os mais felizes resultados, porque não depende tanto de chuvas regulares; mas a indolencia do povo, e tambem a voracidade dos gados, tem reduzido esta industria a quasi nada na ilha da Boa Vista, exportando-se nos annos prosperos apenas 4:000 a 5:000 libras, que custando a rasão de 30 réis se vende por 40 réis.

Vemos pela relação das amostras dos productos remettidos do archipelago de Cabo Verde para a exposição universal de Londres de 1862, que o sr. Porfirio Antonio de Oliveira mandou dois sacos com algodão branco em caroço, e o sr. Lourenço José Vieira outros dois sacos com algodão amarello, tambem em caroço, tal qual se colhe dos algodoeiros que aquella gente semeia, e a natureza cria sem amanho nem cultura alguma.

Pela mesma relação vê-se que foram remettidos á referida exposição, como amostra do anil da ilha, dois sacos com anil em pães, a que no paiz se chama tinta. É ali empregado na tinturaria dos pannos do algodão com magnifico resultado, fazendo a decoada com as cinzas da purgueira. Comtudo ha pouco d'isto na ilha, mas podia haver muito se as chuvas fossem regulares. Custa ordinariamente 40 réis cada pão, e vende-se por pouco mais quando é exportado de ilha para ilha.

A urzella é tirada de logares diversos, e por consequencia de diversas apparencias. A mais miuda é apanhada á mão nas rochas accessiveis, e a outra por meio de cordas ou escadas, que se empregam para se alcançar os logares onde se não póde ir a pé. Exportam-se annualmente da Boa Vista 60:000 arrateis, custando cada um 40 e 50 réis, e vende-se por pouco mais, conforme a procura. O sr. Hortel Raymundo mandou dois saccos com amostras d'esta urzella para a exposição de Londres de 1862.

Tambem o sr. Pedro Antonio Fortes remetteu dois saccos com uma producção textil, que no paiz tem a denominação de lã de bombardeira. Usa-se nos colchões e travesseiros como a de carneiro, e tambem serve para tecer, mas só junta com o algodão, fazendo então uma excellente obra. Provém de um arbusto muito fragil que não é cultivado nem defendido, e por isso apenas se aproveitam 500 a 600 arrateis cada anno. Custa a 40 réis a libra, e vende-se pelo dobro depois de limpo; mas não se sabe ainda bem para que serve este interessante producto, que dizem ter o defeito de não aceitar as cores da tinturaria. É objecto de estudo emquanto ás suas applicações, e que póde talvez ser de consideraveis resultados.

É lastima que ultimamente hajam descurado tanto os arvoredos, a ponto que, posto já ali houvesse muitos n'outras eras, hoje quasi litteralmente não existem, o que priva de combustivel a ilha. É isto tanto mais reprehensivel que, sem lembrarmos o que fica dito relativamente á plantação das arvores, os coqueiros dão-se perfeitamente nas areias.

O muito e magnifico arvoredo que povoava, nos tempos primitivos, os seus sombrios montes, e a extrema alvura de suas areias, é de presumir que tornassem esta importante ilha de um aspecto muito agradavel para os descobridores, e porventura lhe merecessem já em 1486 o nome, que ainda actualmente conserva, de *Boa Vista*, o qual, segundo alguns auctores, lhe foi posto pelo famoso Luiz de Cadamosto, na sua segunda viagem; aindaque ha outros que lhes pareça que só seria descoberta em 1490 pelo genovez Antonio de Nolle a

3 de maio, dia da Invenção da Santa Cruz, dando-lhe aquelle navegador o nome de S. Christovão, patrono dos maritimos de Genova.

O que é certo é que nas doações antigas se encontra esta ilha em 1489, como já conhecida pelo nome de S. Christovão, e que existe na Boa Vista uma tradição que não ha nas outras ilhas; e vem a ser, que no dia da Vera Cruz (3 de maio) era, por costume antiquissimo, occasião ali de verdadeiro regosijo publico, a ponto que durante vinte e quatro horas os escravos ficavam livres, e tão *livres* que faziam até diabruras terriveis, mesmo a seus amos. Realmente parece plausivel que esta festividade esteja em relação com a sua descoberta pelos portuguezes n'esse dia.

O que não tem duvida é que em 1811, por occasião da referida festa da Vera Cruz os escravos fizeram uma conspiração para se rebellarem e libertarem dos ferros da escravidão, assassinando os seus senhores. Mas felizmente foi descoberto o seu designio a tempo de se poderem precaver tão desastrosos resultados, e de se impedir que tomassem posse do armamento e munições da milicia, como era o seu proposito.

A ilha tem um clima menos mau, sempre refrescado de brisas, e por isso não ha ali doenças endemicas, sendo raras as intermittentes, excepto nas immediações do Rabil, aindaque ás vezes se declaram as *levadias* da terra (dysenterias) e mesmo algumas ophthalmias, em rasão dos seus extensos areiaes.

A 17 milhas ao SO. da ilha da Boa Vista está o famoso baixo de João Leitão na parte central de um extenso recife de pedra e coral que corre por 3 milhas de N. a S., e quasi igual distancia de E. a O.

O mar quebra-se sobre elle com branca espuma, que se vê na distancia de 5 a 6 milhas.

São celebres estes cachopos por varios naufragios, havendo-se ali perdido uma nau da India, a *Lady Burgen*, e escapando milagrosamente, por assim dizer, o navio *Lord Merville*, quando ali passou uma esquadra ingleza.

Em tempo sereno podem ancorar os barcos facilmente, e pescam ali uma quantidade de peixe espantosa; em caso de tempestade podem refugiar-se no porto do Curralinho, que fica á vista, a 6 leguas de distancia.

Passado o grupo das ilhas de Barlavento, começámos a ver as de Sotavento, de que daremos noticia no capitulo seguinte.

CAPITULO IV

CABO VERDE (ILHAS DE SOTAVENTO)

Ilha de Maio — Seu nome antigo — Solo — Commercio — Sal — Salina grande — Maretas — Causas da diminuição da exportação do sal — Projecto da limpeza da salina, etc. — Porto Inglez — Os inglezes e os portuguezes na ilha — Descripção da povoação do Porto Inglez — Agua potavel — Porto da Preguiça — Porto da Calheta — Praia das Salinas — Restauração do commercio do sal na ilha de Maio — Exportação do sal — Agricultura, população, etc. — Ilha de S. Thiago — Sua posição e divisão — Pico da Antonia — Porto da cidade da Praia — Ilhéu de Santa Maria — As quarentenas por occasião da cholera, febre amarella, etc. nas ilhas de Cabo Verde — Antigo desembarque — Obra do novo caes — Projectos do governador Arrobas — Trabalhos do governador Correia de Almeida — O capitão dos portos da provincia Rodrigo de Sá Nogueira — Causas de insalubridade — Pantano da Praia Negra — Pantano da Varzea da Companhia — Reflexões ácerca dos colonos portuguezes — Convite para ir a terra — Visita das auctoridades á provincia — A cidade da Praia — Serviços de varios governadores — Descripção da cidade — Hospital de S. Fernando — Modo por que se levou a effeito — Os drs. Hoppfer e Salis — Considerações sobre os quadros dos facultativos no ultramar — Hospital velho demolido — Administração da santa casa da misericordia — O visconde de Sá da Bandeira — O governador Arrobas e a liberdade aos escravos em Cabo Verde — Mappas estatisticos da escravatura em Cabo Verde — Os paços do concelho da cidade da Praia — Administração da justiça — Honra ao juiz José Maria da Costa — O lyceu nacional — Estado da instrucção publica na provincia — Considerações — O moinho de vento do archipelago — Antigo fortinho Cavalleiro — O trem, ou quartel novo de artilheria — Guarnição de linha da provincia — Corpos de segunda linha — Estado maior — Secretaria — Commandantes das ilhas — Extensão e divisão da cidade — Passeio publico — Agua — Reflexões — Comidas — Vadios — Principaes habitantes da cidade — Consules — Movimento maritimo — Serviço dos portos — Ancoradouros — Alfandegas — Receita e despeza da provincia — Movimento commercial — Industria — Pannos — Opinião do auctor sobre o modo de fazer prosperar a provincia — Pesca do coral — Purgueira — Sua exportação — Urzella — Administração da fazenda publica — Bibliotheca — Museu — Transporte de colonos — Sociedade Esperança — Visita á cidade da Ribeira Grande — Seu estado antigo e presente — Pessoal e despeza da administração ecclesiastica — Algumas palavras sobre este transcendente assumpto — População do archipelago — Solo e producções — Obras publicas — Mappa dos gastos — Concelho de Santa Catharina — Achada Falcão — O governador Arrobas e o flagello da cholera — Novo desastre — O bispo de Angola D. Joaquim Moreira Reis na igreja de Nossa Senhora da Graça, na cidade da Praia — Parada — Estado da tropa — Tourada no Tarrafal — Movimento do publico — Trajos — As nhanhas — Os homens e as suas montadas — Casamento — Jogos de cartas — Dansa — Musica — Ataque — Victoria — Signal — Um côro — Vespera de dia de finados — Descoberta das ilhas de Cabo Verde e da de S. Thiago — Successos varios de prosperidade, decadencia e restauração da ilha — Ilha do Fogo — Sua origem e formação — Montanha annullar — Crateras — Lavas — Impressões — Visitas ao vulcão — Cultura — Cholera — Mais serviços do governador Arrobas — Demonstrações da camara e do sr. D. Pedro V — Serviços de facultativos — Recompensas — O dr. Fernandes Leão e a sua memoria sobre a cholera na ilha do Fogo — Nossa Senhora da Luz — Vista pittoresca — Agua — Portos da ilha — Porto Corvo — Ilhéus Grande e Rombo — Ilha Brava — Clima e producções — Hospicio de convalescença — Rasões para não ser a capital da provincia — Furna — Fajã de Agua — Porto dos Ferreiros — Porto do Ancião — Descobrimento da urzella — S. João Baptista — Caminhos — Melhoramentos — Pescadores matriculados — Habitantes — Conclusão da descripção das ilhas de Cabo Verde.

Não estariamos ainda a 14 leguas da ilha da Boa Vista, quando principiámos a descobrir o que os marinheiros nos diziam que era o chamado Monte da ilha de Maio, primeirá que topá-

mos das do grupo de Sotavento do archipelago de Cabo Verde. A ilha de Maio fica a 15° 6′ lat. N. e 14° 9′ long. O. Tem uma área de 5 leguas de comprido sobre 3 de largo, com 50 milhas quadradas de superficie, formando um só concelho e freguezia (Nossa Senhora da Luz), com 1:863 habitantes, segundo a estatistica de 1860.

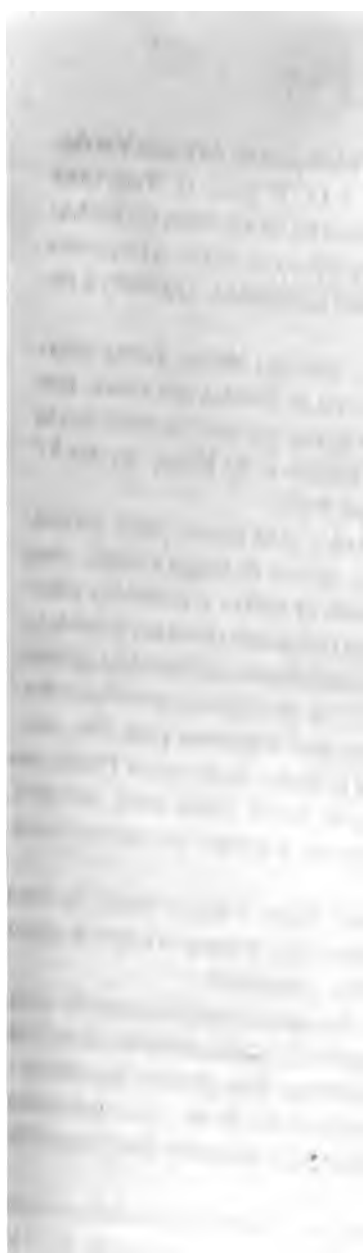
Esta ilha foi primeiro chamada Ilha das Maias, flores amarellas com que os antigos adornavam as frentes das casas, por occasião das festas do 1.° dia de maio, porque foi descoberta juntamente com as ilhas de S. Thiago e do Fogo, no dia 1.° de maio de 1460, por Antonio de Nolle.

É quasi toda plana, e o seu solo, pela maior parte esteril, deparando-se conseguintemente, apenas de longe a longe, com algum terreno amanhado. Servem as vastas e solitarias planicies, de que é formada (e a que os indigenas chamam *achadas)*, após as chuvas, que ordinariamente cáem nos mezes de agosto, setembro, outubro e novembro, de pastagens a grandes rebanhos de gado vaccum e cabrum, que vagueiam pela ilha, causando não raras vezes bastante prejuizo ao lavrador (vadio em lingua creoula), prejuizo que se torna tanto mais sensivel, quanto é, como dito fica, pequena a porção de terreno cultivado.

O principal, ou para melhor dizer, o unico ramo de commercio d'esta ilha é actualmente o sal, postoque exporta algum gado e pelles, mas em pequena quantidade.

Sendo a ilha de Maio uma das menos importantes do archipelago, quanto á producção agricola, possue todavia, como compensação offerecida pela natureza, uma grande superficie de terreno apropriado para a fabricação do sal, que aproveitado pela população constitue o principal elemento de prosperidade relativa n'aquella ilha.

O terreno salinavel é adjacente ao porto e povoação, e occupa uma superficie que póde reduzir-se a um rectangulo de 3 kilometros de comprido sobre 1 de largo.

Em uma parte d'esta superficie assenta a salina grande natural, a qual em certas epochas é alimentada pelas aguas do

PROJECTO PARA MELHORAMENTO
das
Salinas da Ilha do Maio
324m
256m
239m
168
345m
272m
330m
N.M
Comprimentos
Metros
Alturas
Principio da Povoação

mar, quando as grandes marezias destroem as dunas de areia que frequentemente se formam entre o leito da salina e o oceano.

Uma outra parte da referida superficie é occupada pelas maretas particulares, que são alimentadas por poços abertos na mesma localidade.

Antigamente foi maior a producção do sal, como geralmente se affirma, e como se verifica pelo registo da exportação na respectiva alfandega. A diminuição que hoje se nota, é devida a que as terras de alluvião, arrastadas por fortes correntes, no tempo das aguas, vão depositar-se no fundo das salinas, elevando-lhe o leito, e tornando-o menos proprio para a producção do sal.

É por isso que o principal trabalho que hoje ali convem fazer, é o da limpeza da salina e de outras obras accessorias, destinadas a augmentar consideravelmente a formação d'este producto, devendo tratar-se em seguida de empregar o mais prompto e commodo methodo para o seu transporte e embarque.

Sobre este importante assumpto deparámos no Diario de Lisboa com o projecto de lei n.º 10-G, apresentado em 1860 no parlamento pelo sr. deputado Arrobas, ex-governador da provincia, a fim de ser auctorisado o governo a levantar um emprestimo até 30:000$000 réis para as obras da limpeza e conservação da salina grande, para o estabelecimento de um caminho de ferro americano e de uma ponte para melhorar e augmentar a producção e facilitar o transporte e embarque do sal da mesma salina. A requerimento do mesmo deputado mandou o governo fazer os necessarios estudos, projectos e orçamentos para a execução de taes melhoramentos.

Por modo tão distincto se houve o sr. conselheiro Januario Correia de Almeida na execução d'estes projectos, quando engenheiro da provincia de Cabo Verde, que julgámos de interesse publico, não só apresentar a respectiva planta, como tambem referir, a este respeito, o leitor á interessante memoria que aquelle intelligente e digno funccionario publico escreveu em 30 de novembro de 1860, na qual se exige para o augmento

da superficie salinavel e maior espessura das camadas de sal produzido:

1.° A limpeza da salina;

2.° Seu resguardo pelo lado de terra;

3.° Sua defeza pelo lado do mar;

4.° Os aqueductos de alimentação.

Para o prompto transporte do sal e commodo embarque propoz:

1.° O caminho de ferro;

2.° A ponte de madeira.

No capitulo III, quando tratámos da salina de S. Vicente, mencionámos a ultima lei sobre o imposto do sal das ilhas, e sobre os direitos de introducção de machinas para os caminhos de ferro e mais pertences, medida importante devida á iniciativa do sr. deputado Arrobas.

O Porto Inglez, ao SSO. é o seu melhor porto e o mais frequentado, muito seguro na epocha das brisas, mas mau na quadra das chuvas, e em todo o tempo incommodo para desembarcar, o que se fazia quando ali passámos por meio de um guindaste e de uma cadeira que se içava.

Hoje desembarca-se commodamente n'aquella ilha em um caes ou patamar e escada, talhados na propria rocha, trabalho muito util mandado executar pelo governador Arrobas por occasião da fome de 1856, assim como tambem na mesma epocha se construiu uma especie de guindaste sobre o caes e uma ponte de madeira a bastante distancia do caes, com o que muito se facilitou o embarque do sal; de sorte que, com qualquer tempo que esteja, se podem carregar com promptidão varios navios ao mesmo tempo.

Chama-se Porto Inglez pelo facto de que até aos fins do seculo passado os inglezes haviam usurpado por tal fórma os nossos direitos á ilha e á sua salina natural, que Portugal parecia que não tinha ali poder algum, pretextando os inglezes que a ilha de Maio lhes pertencia, por haver sido dada em dote com Bombaim á infanta D. Catharina quando casára com Carlos II, rei de Inglaterra.

O que é verdade é que os nossos mais antigos e fieis alliados usaram de toda a casta de vexames contra os habitantes, espancando-os cruelmente sempre que os topavam na referida salina, na epocha da colheita do sal, de julho em diante.

Para melhor a guardarem, armavam barracas e empregavam cães de fila; lembraram-se até de construir um forte em um alto proximo da dita salina natural, chamada a salina grande, que os inglezes muito reduziram da sua extensão, que foi de ¾ de legua de comprimento: com effeito entulharam-na em 1709, mas nem por isso produziu muito menos sal, pois se encontra escripto que em 1713 saíram da ilha 110 navios grandes carregados d'aquelle genero.

Emfim, o que restava aos portuguezes era alugarem os braços para rodar o sal, conduzindo-o aos hombros ou em cavalgaduras (burros) para a praia, recebendo por isto dos inglezes 4 ou 5 *reales* de oito em pataca por dia, e isto geralmente em fazenda ou mantimento, calculado o valor sabe Deus como!

Os navios portuguezes nem sequer mesmo se animavam a frequentar muito a ilha, e apenas ousavam fundear alguma vez no porto da actual povoação denominada do Ribeirão João, para carregarem algumas pelles, que era ao que se reduzia então todo o nosso commercio n'aquella ilha. Os inglezes, pelo contrario, gosavam tranquilla e impunemente do rico genero, o sal, que Deus dera tão liberalmente aos portuguezes!

Foi só depois de 1717 que se tomaram medidas energicas para pôr termo a similhante situação, armando-se os habitantes e artilhando-se o forte Leopoldina. Foi quanto bastou para fazer entrar os estrangeiros nos seus deveres, porque logo reconheceram que tinhamos o direito de repellir a força com a força. Em 1743 já lá não íam como senhores, mas só para mercadejar em sal, pagando um tributo de saída de 300 réis em dinheiro por cada moio.

A povoação do Porto Inglez, capital da ilha, terá 1:000 habitantes, que vivem quasi todos tanto do commercio, como do transporte do sal, proveniente da salina grande natural e das salinas ou maretas artificiaes.

No Porto Inglez existe a alfandega, que era talvez a melhor das de Cabo Verde. Na vizinhança d'este edificio viam-se enormes pilhas de sal, com a apparencia de pyramides brancas, na proximidade das quaes havia uma velha e arruinada bateria, denominada o presidio, com o quartel do destacamento de artilheria de linha. Tambem havia ali um batalhão de infanteria de segunda linha, e uma escola de instrucção primaria.

A igreja parochial que dominava toda a povoação é infelizmente hoje um monte de ruinas.

As casas, que só no tempo do governador geral Chapuzet começaram a ter notavel desenvolvimento, quasi todas são construidas de pedra, cobertas de telha. Ha algumas grandes e de bonita apparencia, apesar de serem irregulares, construidas sem ordem, nem attenção a risco ou a formação de ruas.

Entretanto a situação da povoação é pittoresca vista de mar, aindaque apresenta um aspecto bem menos aprazivel depois de percorrida em terra.

A agua potavel, que se gasta n'esta povoação, obtem-se por meio de covas que se fazem na areia, distantes do mar, cerca de 16 a 20 braças; a uma ou duas de profundidade é immediatamente encontrada: estas fontes são provisorias, poisque só duram poucos dias, vindo depois a escassear a agua: apenas isto se começa a notar, entulham-se, indo-se abrir outras covas pouco distantes das abandonadas; passados dias, comtudo, já as exhaustas fontes dão agua outra vez. Esta agua é um tanto salobra.

Alem do Porto Inglez, ha um outro ancoradouro, chamado Porto Portuguez ou do Pau Secco. Fica junto da ponta do mesmo nome na costa do NE. É uma pequena bahia, pouco frequentada, apesar de ter bom fundo em 8 braças.

Ha na ilha uma outra bahia, propria para lanchas, chamada o Porto da Calheta, a 4 milhas ao S. do Porto de Pau Secco, communicando ao N. com a denominada Praia das Salinas.

É esta praia a que dissemos inundada nas aguas vivas com as fezes do mar, obstruindo-se assim e sendo preciso todos os annos proceder-se á limpeza e abertura da salina.

Causou isto n'outro tempo as maiores desordens, injustiças e desaforos, ainda mesmo apesar de se haver estabelecido depois o systema da roda, rateando-se metade entre os negociantes e metade entre o povo, sob a fiscalisação e superintendencia do inspector da salina, nomeado pelo governo e auxiliado por um procurador de cada uma das duas classes, a dos negociantes e a do povo.

Ao governador geral barão de Bastos (hoje em Angra, commandante da 10.ª divisão militar) deve-se o haver-se posto côbro a similhantes irregularidades, estabelecendo um methodo de sorteio no carregamento dos navios. Os habitantes applaudiram tanto esta providencia, que mandaram rezar um *Te Deum* em acção de graças.

Foi assim que se restaurou na ilha de Maio o commercio do sal, a ponto que já hoje, depois da grande diminuição que se havia experimentado n'este ramo (o principal da ilha), exportam-se cerca de 4:500 moios em talvez 50 a 60 navios, a maior parte dos quaes fundeiam no Porto Inglez.

Apresentaremos os seguintes mappas do sal exportado pela alfandega da ilha de Maio durante os annos de 1857, 1858 e 1859.

1857

Destino	Numero de navios	Nacionalidade	Moios	Total
Açores	1	Portuguez	–	63
Bahia	3	1 Hamburgo	85	447
		1 Sardo	165	
		1 Sueco	197	
Boa Vista	1	Francez	–	25
Brazil	5	1 Dinamarquez	155	602
		1 Hamburguez	155	
		1 Hollandez	90	
		1 Inglez	132	
		1 Portuguez	70	
Buenos Ayres	7	1 Argentino	140	1:039
		2 Belgas	271	
		4 Inglezes	628	
Cabo da Boa Esperança	1	Hamburguez	–	63
Calcuttá	1	Americano	–	160
Gambia	1	Inglez	–	60
Madeira	1	Portuguez	–	63
Montevideu	3	1 Argentino	110	430
		1 Hamburguez	119	
		1 Hanoveriano	201	
Pará	1	Francez	–	105
Rio Grande	4	Inglezes	–	344
Rio de Janeiro	14	3 Bremenses	397	1:717
		2 Dinamarquezes	148	
		1 Francez	160	
		3 Hamburguezes	336	
		1 Lubeckez	111	
		1 Norueguez	200	
		1 Portuguez	100	
		2 Suecos	265	
Rio da Prata	5	1 Americano	94	622
		4 Inglezes	528	
Santo Antão	1	Oldemburguez	–	26
Santos	5	1 Austriaco	115	623
		1 Dinamarquez	100	
		1 Portuguez	91	
		2 Suecos	317	
S. Thiago	1	Oldemburguez	–	12
Senegal	1	Francez	–	45
	56			6:446
Cabotagem para os portos da provincia				261
				6:707

1857

RECAPITULAÇÃO

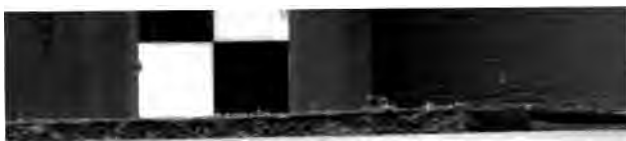
Numero de navios	Nacionalidade	Moios
2	Americanos	254
2	Argentinos	250
1	Austriaco	115
2	Belgas	271
3	Bremenses	397
4	Dinamarquezes	403
4	Francezes	335
7	Hamburguezes	758
1	Hanoveriano	201
1	Hollandez	90
14	Inglezes	1:692
1	Lubeckez	111
1	Noruеguez	200
2	Oldemburguezes	38
5	Portuguezes	387
1	Sardo	165
5	Suecos	779
56		6:446
Cabotagem		261
		6:707

1858

Destino	Numero de navios	Nacionalidade	Moios	Total
Açores	2	Portuguezes	-	107
Bahia	1	Sardo	-	80
Brazil	7	1 Brazileiro	105	972
		1 Dinamarquez	122	
		1 Inglez	157	
		1 Portuguez	78	
		1 Prussiano	220	
		1 Sardo	160	
		1 Sueco	130	
Bremen	1	Bremense	-	30
Buenos Ayres	3	1 Bremense	110	450
		1 Inglez	135	
		1 Sardo	205	
Cidade da Praia	3	1 Americano	5	111
		1 Bremense	20	
		1 Portuguez	86	
Gambia	2	1 Americano	20	80
		1 Inglez	60	
Pará	1	Portuguez	-	100
Rio de Janeiro	15	1 Americano	250	2:218
		2 Belgas	395	
		2 Brazileiros	385	
		1 Bremense	104	
		2 Dinamarquezes	184	
		1 Hamburguez	75	
		1 Hollandez	147	
		1 Portuguez	135	
		4 Suecos	543	
Rio da Prata	1	Inglez	-	24
Santos	1	Francez	-	162
Sul da America	1	Dinamarquez	-	65
	38			4:399
Cabotagem para os portos da provincia				199
				4:598

1858

RECAPITULAÇÃO

Numero de navios	Nacionalidade	Moios
3	Americanos	275
2	Belgas	395
3	Brazileiros	490
4	Bremenses	264
4	Dinamarquezes	371
1	Francez	162
1	Hamburguez	75
1	Hollandez	147
4	Inglezes	376
6	Portuguezes	506
1	Prussianos	220
3	Sardos	445
5	Suecos	673
38		4:399
	Cabotagem	199
		4:598

1859

Destino	Numero de navios	Nacionalidade	Moios	Total
Bahia	3	1 Americano	58	250
		1 Hamburguez	62	
		1 Sardo	130	
Brazil	1	Sueco	-	214
Buenos Ayres	2	Argentinos	-	263
Cidade da Praia	3	1 Americano	12	117
		1 Argentino	90	
		1 Bremense	15	
Gambia	8	7 Inglezes	432	469
		1 Oldemburguez	37	
Montevideu	3	1 Bremense	150	381
		1 Hamburguez	125	
		1 Hollandez	106	
Rio de Janeiro	3	1 Hamburguez	90	510
		1 Inglez	210	
		1 Sueco	210	
Rio da Prata	2	1 Bremense	204	344
		1 Inglez	140	
Santos	4	1 Dinamarquez	170	596
		1 Hanoveriano	123	
		1 Hollandez	136	
		1 Sueco	167	
	29			3:144
Cabotagem para os portos da provincia				158
				3:302

1859

RECAPITULAÇÃO

Numero de navios	Nacionalidade	Moios
2	Americanos	70
3	Argentinos	353
3	Bremenses	369
1	Dinamarquez	170
3	Hamburguezes	277
1	Hanoveriano	123
2	Hollandezes	242
9	Inglezes	782
1	Oldemburguez	37
1	Sardo	130
3	Suecos	591
29		3:144
	Cabotagem	158
		3:302

Já dissemos que na ilha do Maio ha muito pouca ou quasi nenhuma agricultura, e essa mesma só nas achadas.

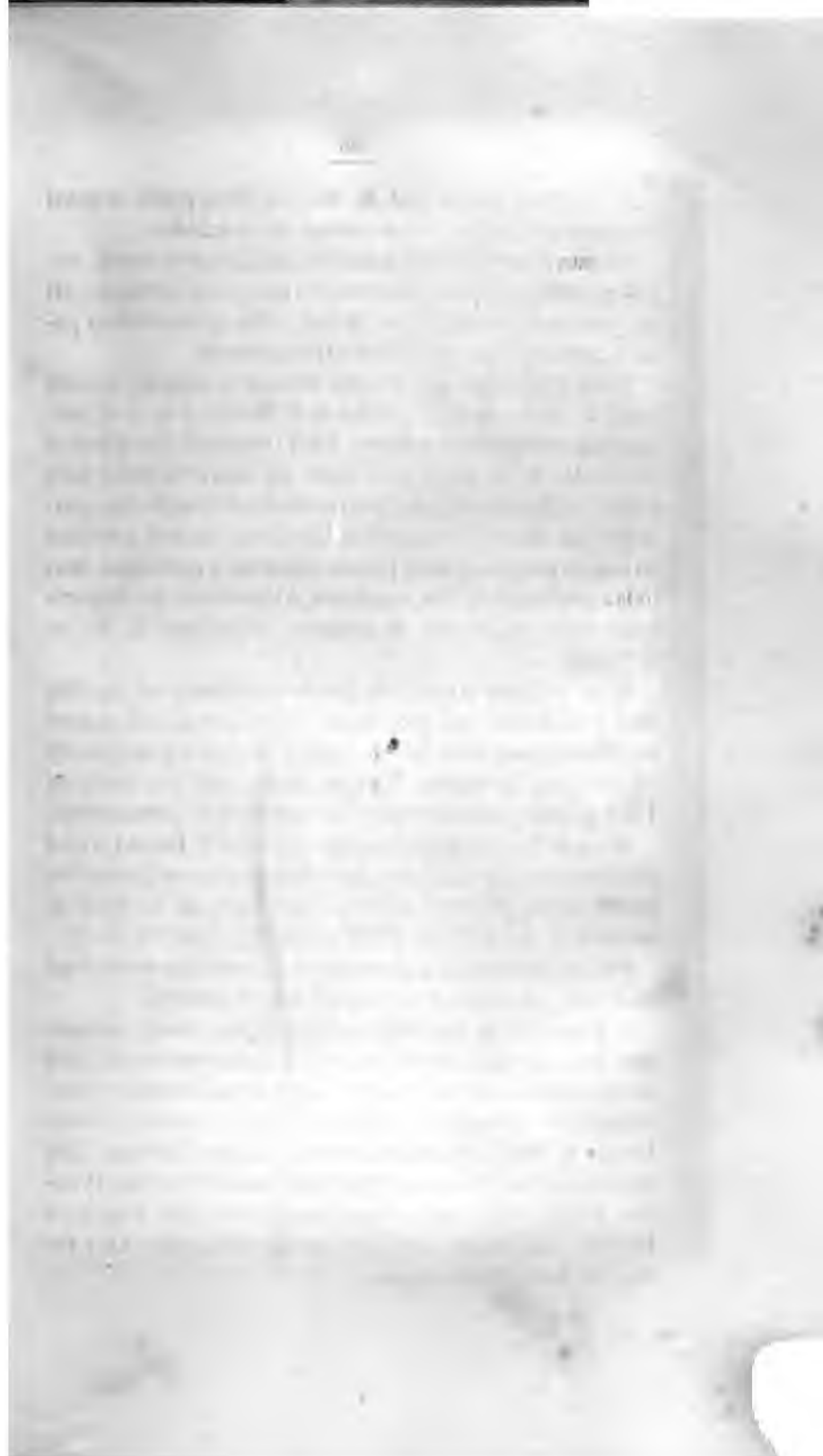
Cereaes e legumes só se semeiam e produzem no monte, vegetaes cultivam-se como uma amostra nas poucas hortas que ali ha. A canna de assucar não se dá bem, como se reconheceu pelas experiencias que se fizeram expressamente.

Estou persuadido que se a ilha de Maio é quasi tão doentia como a cidade da Praia na ilha de S. Thiago, e se se experimentam muitas sezões e febres, é tudo originado dos miasmas pestilentes de um pantano ou sapal, que está a $^1/_2$ milha para o interior, chamado Alagôa, que resulta da estagnação das aguas depois das chuvas, e é aonde os habitantes tambem semeiam no mez de janeiro algumas plantas culinarias e nutrientes; mas toda a producção da ilha, repetimos, é tão escassa que importa quasi todos os generos de primeira necessidade da ilha de S. Thiago.

Já se cultivou n'esta ilha grande quantidade de algodão, mas pelo motivo que apontámos, isto é, por só cuidarem no sal abandonaram inteiramente aquella cultura, e quasi que não ha arvoredo de especie alguma, sendo certo que ainda em 1713 existiam muitas tarafes e carrapateiros ou palma-christi.

Alem do Porto Inglez e da antiga freguezia do Penoso, a qual fica a 9 milhas para o interior, ha mais quatro outras povoações, muitos casaes dispersos entre os valles, onde não ha ribeiros, bebendo os povos só das cacimbas (poços), como referimos.

São habitadas aquellas povoações pela gente que se emprega na colheita da urzella e por alguns poucos pastores.

A população da ilha anda por 1:863 almas, sendo os naturaes muito pretos, alguns mulatos, e comparativamente mui poucos brancos, avultando entre as principaes familias os vice-consules da Austria e dos Estados Unidos, Silverio Antonio Evora; do Brazil, Dinamarca, Russia, Suecia e Noruega, Luiz Antonio Cardoso de Mello; e das cidades anseaticas, José Honorato Evora; e os negociantes e proprietarios João Rodrigues Palavra; José Maria Loff; Luiz Antonio de Araujo; Luiz Pereira de Mello; Pedro Bento.

MONTE DA GALLANÇA—S. SALVADOR—PICOS—ILHA DE S. THIAGO (Cabo Verde)

A ilha de Maio, diz Lopes de Lima, parece que não foi colonisada quando se povoaram as de S. Thiago e Fogo que, como referimos, foram descobertas no mesmo dia; mas que o capitão mór da parte do N. da ilha de S. Thiago deixou algum gado na de Maio e as primeiras plantações de algodão.

A 5 leguas ao SO. da ilha de Maio em 14° 25′ lat. N. e 14° 25′ long. O. de Lisboa, está a maior, a mais rica e commercial de todas as ilhas do archipelago de Cabo Verde, e a principal das do grupo de Sotavento: a ilha de S. Thiago, que por excellencia se chama a ilha de Cabo Verde.

Tem 18 leguas de comprimento de N. a S., 6 de largura, diminuindo gradualmente para o N. e para o S., e 360 milhas quadradas de superficie.

Forma os concelhos da Praia e de Santa Catharina. Este com as freguezias de S. Miguel, S. Salvador, Santo Amaro, S. João Baptista e Santa Catharina. Aquelle com as de Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora da Luz, S. Nicolau Tolentino, S. Lourenço dos Orgãos, S. Thiago e Santissimo Nome de Jesus, com uma população total de 40:000 e tantas almas.

Logo em distancia avistámos o soberbo Pico da Antonia, que dizem estar a 1:485 metros acima do nivel do mar, e que se ergue no centro de uma cordilheira de montanhas de basalto, argilla e lava, que corta a ilha pelo meio. Depois, á medida que nos íamos approximando, começámos a ver lindos, extensos e ferteis prados perto da cidade da Ribeira Grande, a antiga capital da ilha.

Fomos seguindo a nossa derrota, e em breve lançámos ferro no porto da antiga villa e cidade da Praia, moderna capital da ilha e da provincia.

O nosso navio ficou ao pé da bôca do fundeadouro, perto da ilha de Santa Maria, em que se começou a fazer um forte razante, que nunca se chegou a acabar. Este ilhéu tornou-se celebre nos fastos da provincia durante os ultimos annos pelas circumstancias que passâmos a referir. Em julho de 1855 desenvolveu-se na ilha do Fogo uma epidemia de cholera morbus, 160 pessoas das principaes familias d'aquella ilha fugiram

espavoridas para bordo do patacho *Cordialidade*, que estava ancorado n'aquelle porto, tanta era a mortandade e tão grande o susto que senhoras e homens vieram só com o que no corpo vestiam n'aquella occasião: chegado o navio, e com doentes a bordo, um dos quaes falleceu, mandou logo o governador geral o conselheiro Arrobas conduzir para o ilhéu de Santa Maria todo o tabuado, vigas e barrotes que havia nas obras do trem; igualmente foram para o ilhéu todos os carpinteiros que tinha a cidade da Praia, e duas companhias de segunda linha, cujas praças estando costumadas a fazer os tectos das casas no interior da ilha, que são ordinariamente de palha e caniço, eram os melhores trabalhadores para n'aquelle caso urgente fazerem os telhados das habitações para receber os fugitivos. Ao mesmo tempo eram mandados para o interior da ilha todos os carros de bois que havia no concelho para carregar caniço, junco e palha para a construcção dos telhados. O proprio governador foi dirigir aquella construcção, e em trinta horas seguidas de trabalho ficaram concluidas seis espaçosas casas de madeira com duas janellas de vidraça e uma porta cada uma, muito bem assoalhadas com pranchões americanos e as paredes de tábuas sobrepostas.

Para se não distrahirem os trabalhadores mandou o governador fazer um bom rancho e todos íam comer por turnos: tres grandes fogueiras alumiavam a obra de noite, e nem o governador nem os officiaes que o coadjuvaram nem os artifices e trabalhadores dormiram ou descansaram uma hora sequer durante as trinta em que o trabalho foi feito.

Fizeram-se tambem seis cozinhas fóra das casas, e foram mobiladas as casas com leitos, cadeiras, camas e tudo mais que era necessario para poderem pessoas d'aquella ordem residir com certa commodidade durante quarenta dias; passaram os 160 quarentenarios para este lazareto, e ali, longe do foco de infecção, que havia a bordo, e com todos os confortos e consolações que era possivel dar-lhes em taes circumstancias, reanimou-se o moral d'aquella infeliz gente, que tinha toda a lamentar a perda de muitos parentes e pessoas que lhes eram caras. Os doentes

curaram-se, e no fim dos quarenta dias todos foram recebidos pelas principaes pessoas da cidade com a philanthropia e generosidade que caracterisa o bom povo d'aquella provincia.

Os praienses estavam estupefactos pela rapidez e acerto de tantas providencias e do modo por que eram executadas; mas quando a primeira auctoridade vae e não manda, quando é a propria a passar riscos, trabalhos tão arduos como os que então se fizeram, não admira que se levassem a effeito, e que os subordinados e o povo todo se empenhassem á porfia em rivalisar com essa auctoridade, como já referimos no capitulo III.

O sr. commendador Henrique José de Oliveira offereceu tres escaleres tripulados para serviço da obra e lazareto durante os quarenta dias; o sr. Egidio Antonio de Sousa deu toda a agua precisa para a obra e para o gasto dos quarentenarios no ilhéu, donativo bastante valioso e que sobe a centos de mil réis; estes dois honrados cavalheiros, bem como o sr. José Gabriel Cordeiro, o sr. Antonio José Nunes, e o hoje fallecido tenente coronel Brito e Antonio Pereira de Borja prestaram gratuitamente os seus escravos para o trabalho de cargas e descargas, bem como os seus carros e bois para irem ao interior da ilha buscar os materiaes para construcção dos telhados, forneceram gratuitamente esses materiaes e pozeram os mesmos carros á disposição do governo para o seu transporte até o ponto de embarque.

Alem d'estes valiosos auxilios deram gratuitamente a maior parte dos objectos, incluindo louças e roupas, necessarios para mobilar e fornecer as casas do lazareto.

Emfim governados e governantes se ennobreceram n'aquella epocha na cidade da Praia, e o que então ali se fez ficará lembrado por muitos annos.

Em 1856 tornou a ser necessario o ilhéu para lazareto, por ter a cholera morbus assolado com igual violencia as ilhas de S. Vicente, S. Nicolau e Santo Antão. De S. Vicente veiu fugida a escuna *Tarrafal*, com o seu proprietario o sr. João Antonio Martins e a sua illustre familia, e houve a lamentar a morte,

a bordo, do sr. Aniceto Ferreira Martins. Dois navios fugiram tambem da ilha de S. Nicolau, trazendo a bordo o honrado dr. Julio José Dias e sua numerosa familia, e a familia e parentes do sr. José Dias de Pina. Á chegada d'estes infelizes desenvolveu-se a mesma actividade; fizeram-se por igual modo novas casas para receber os sãos, bem como os doentes, que ali se curaram, e que depois de acabada a quarentena acharam o mesmo agasalho na cidade da Praia que já tinham tido os da ilha do Fogo.

Em fins de 1857 desenvolveu-se em Lisboa a epidemia de febre amarella, e como era justamente a epocha em que os navios de Lisboa tinham de ir buscar a purgueira, assucar, café, etc., e a provincia acabava de passar por dois annos de fomes e pestes, entendeu o governador, e entendeu bem, que nem os cofres publicos nem a situação dos habitantes podiam supportar uma tal paralysação de commercio, como seria a resultante de não dar communicação aos navios que viessem da metropole. Para receber e beneficiar as cargas dos generos de importação mandou construir uma especie de alfandega de deposito com tres grandes divisões, feita de alvenaria com telhado amouriscado, com os portaes e janellas de cantaria e grades de ferro, grande pé direito e muito espaço em todas as dimensões; basta dizer que cada armazem ficou tendo cinco grandes janellas bem rasgadas. Esta obra, para que foi necessario conduzir da cidade até a agua e a areia, fez-se em sessenta dias, e parece incrivel que só custasse 7:000$000 réis ao estado! Por este modo podiam os navios carregar e descarregar em quarentena.

O commissario da esquadra americana offereceu officialmente 2:000$000 réis de renda annual por aquelles armazens para deposito de viveres e materiaes de guerra da esquadra americana, ou 7:000$000 réis pela propriedade do edificio para o mesmo fim. O governo recusou, mas concedeu que ali se fizesse o deposito, e de facto se fez, até que foi mudado para possessão estrangeira, aonde lhe facultaram gratuitamente armazens, ficando isento de direitos o mesmo deposito.

Lith. da I. N.al

CIDADE DA PRAIA — ILHA DE S. THIAGO (Cabo Verde)

Este optimo edificio é o mais proprio possivel para o estabelecimento do entreposto commercial proposto pelo sr. deputado e ex-governador Arrobas na ultima sessão do parlamento, e que já teve a approvação da camara dos senhores deputados, estando agora affecto á dos dignos pares.

A entrada do porto da cidade da Praia é formada pelas pontas da Mulher Branca ou das Bicudas e da Temerosa, levantando-se a cidade no fundo da bahia sobre a planura de um monte basaltico n'uma altitude de $28^m,28$.

É um dos melhores e mais frequentados portos do archipelago, sendo muito seguro quando reinam as bem conhecidas brizas de Cabo Verde, que sopram quasi todo o anno; mas orna-se perigoso quando os ventos rondam ao S. e SE. Chega a obrigar então os navios a fazerem-se ao largo, havendo ali sem cessar uma grande resaca na praia, pelo pouco fundo proximo á margem. É principalmente no tempo das aguas que ella mais prejudica, bem como na baixamar; tanto assim que, sem a construcção de um caes na Praia Grande ou da Alfandega, se tornava o embarque e desembarque de gente e mercadorias muito pouco seguro, por ter de se fazer ás costas de homens, com grande incommodo e grossas avarias ás vezes.

Em 1861 achava-se já guarnecida de cantaria toda a face de EN. e a do SO. do caes, até ao angulo que esta face forma com o dique *guarda-bahia*. Estavam-se começando a guarnecer estas faces com a respectiva cortina. Completára-se o guarda-bahia. Havia-se já feito a escada e embarcadouro. Construíra-se na rampa opposta á escada uma muralha de alvenaria, de 28 metros de extensão, que liga o caes com o caminho da chamada Praia Negra, de que a seu tempo fallaremos, sendo atravessado por um largo cano, a fim de dar saída para o mar ás aguas que da cidade vem juntar-se por detrás de um edificio, denominado Trem. Fizeram-se grandes córtes na rocha branda, que fica fronteira ao caes, e bem assim para abrir um caminho mui curto que dá accesso a pessoas do caes para a cidade; praticando-se uma escada de quarenta e cinco degraus com os seus competentes muros. Fez-se e continuou a alar-

gar-se a entrada principal que conduz do caes á cidade, removendo-se para esse effeito alguns milhares de metros cubicos de entulho e de rocha basaltica.

Cortando rocha e removendo terras procedeu-se tambem nos outros caminhos proximos ao caes á obra necessaria para seu aformoseamento e commodidade da viação. Esta obra de extrema necessidade e importancia para a provincia foi tambem devida á iniciativa do governador geral Arrobas, que a esse fim creou um imposto especial de 3 por cento *ad valorem* na importação e exportação, o qual tem applicação exclusiva para a construcção d'este caes, para o enxugamento dos pantanos, para as calçadas, estabelecimento de chafarizes para os habitantes e para aguada dos navios, e conclusão dos paços do concelho. Acabadas estas obras, e pagos os emprestimos que se houverem de contrahir acaba o imposto. Este governador estabeleceu que o producto do imposto e a sua administração nada tivesse com os cofres publicos nem com a junta da fazenda, e para isso foi creada uma commissão especial. E como os governadores geraes não podem crear impostos, dispoz que o dinheiro ficasse em deposito até que o governo da metropole desse a sua approvação á medida; esta approvação só teve logar em setembro de 1858, isto é, seis mezes depois de acabado o governo do conselheiro Arrobas, que teve começo em 3 de dezembro de 1854 e terminou em 28 de março de 1858.

Por ir tarde esta approvação foi que só no tempo do governo do sr. Calheiros, successor do sr. Arrobas, se começaram as obras para que aquelle creára os fundos necessarios. E ainda bem que assim foi, porque se antes se tivessem feito não estaria na provincia o sr. conselheiro Januario Correia de Almeida, distincto engenheiro, que projectou e executou taes obras com muita economia e intelligencia, merecendo que o governo de Sua Magestade o condecorasse com a commenda da Conceição pelos serviços feitos em Cabo Verde como encarregado da direcção dos trabalhos publicos n'aquella provincia.

A creação pois dos recursos, e a sua applicação exclusiva foram estabelecidas pelo sr. Arrobas, bem como a formação dos projectos e execução das obras se deve ao sr. engenheiro Correia de Almeida, pelo que é claro que é só a estes dois cavalheiros que a provincia deve o caes que hoje tem a cidade da Praia, o esgotamento do pantano da Praia Negra, o acabamento dos paços do concelho e a acquisição das aguas do Monte Agarro que foram feitas com aquelle fundo especial. Não queremos com isto negar o louvor devido á digna commissão administrativa d'aquelle cofre especial pelas boas contas que tem dado, nem aos governadores geraes os srs. conselheiros Calheiros e Franco, no tempo dos governos dos quaes as obras se têem feito pela alta e economica inspecção que lhes tem cabido na execução d'aquella medida creada pelo sr. Arrobas, nem tão pouco desejâmos negar o merecimento ao sr. major Quaresma que substituiu o sr. Correia de Almeida na direcção das obras, porque todos são dignos de louvor; e se fallâmos em especial nos srs. Arrobas e Almeida foi porque o primeiro creou os recursos e destinou as obras a que deviam ser applicados, e o segundo projectou e orçou as obras, montou a machina, fez com que ella funccionasse e que houvesse emfim melhoramentos em Cabo Verde.

A primeira pessoa que atracou ao nosso navio foi um antigo amigo o capitão dos portos da provincia, Rodrigo de Sá Nogueira, que já tivemos occasião de mencionar. Apesar do mal que eu sempre ouvíra dizer d'aquella ilha, a ponto de correrem até fabulas, como de que as vélas dos navios mudam de côr ao passar por aquelles mares, o que é verdade é que se eu devesse julgar da salubridade ou insalubridade da ilha pela apparencia d'aquelle digno official de marinha, confesso que a minha decisão não poderia deixar de ser favoravel, sobretudo ouvindo com satisfação áquelle amigo, residente ali havia muito tempo, que gosava boa saude, que era casado, que vivia satisfeito, e que portanto não queria deixar a ilha.

Este official, como já referimos, é irmão do nobre visconde de Sá da Bandeira, que, como repetidas vezes temos dito, tanto ha

feito sempre pelas nossas colonias. A verdade é que não é doentia, a não ser n'esta cidade, na da Ribeira Grande, no sitio chamado de S. Thiago na freguezia do mesmo nome, e em parte da Ribeira da Barca. Isto mesmo é sem duvida unicamente devido aos pantanos e em consequencia de certas causas efficientes, algumas das quaes se poderiam talvez extinguir, especialmente por boas medidas sanitarias ou de policia, que é o que mais falta, devendo empregar-se maior rigor quanto aos despejos, que se faziam do alto onde está situada a cidade, e que exhalam miasmas pestilentes.

Alem d'isto não deve esquecer-se que esta cidade tambem se resentia forçosamente da sua posição topographica, achando-se cercada de montes por todas as partes, com excepção do lado do mar.

Os pantanos de que a mesma cidade está cercada tambem necessariamente muito devem contribuir para que se desenvolvam as febres que tanto têem desacreditado aquella ilha apesar de, repetimo-lo, geralmente só se declararem na cidade da Praia, na da Ribeira Grande e em poucos sitios mais.

O pantano da Praia Negra, de que já fallámos, e que tinha uma superficie lodosa em alguns pontos, recebendo o influxo directo dos raios do sol; as vallas do Pacheco, em que se mistura a agua doce com a salgada; a superficie humida da Varzea da Companhia, que exhala o cheiro, *sui generis*, do gaz dos pantanos, e sobretudo as inundações que estes ás vezes experimentam pelas ondas encapelladas que vencem a altura das dunas que os separam do mar, contribuiam muito pelas suas exhalações nocivas para a malaria da cidade da Praia.

O pantano da Praia Negra era um verdadeiro fóco de miasmas, que ficando a barlavento da povoação, viciava constantemente a sua atmosphera e produzia as febres palustres que tão temivel tornavam a residencia na cidade da Praia, á qual alcunhavam até de mortifera.

Era evidente pois a urgente necessidade do seu deseccamento.

O pantano da Varzea da Companhia é sem duvida e foi sem-

pre o maior agente da insalubridade da cidade da Praia, abrangendo uma grandissima extensão de terras baixas, aonde vem ressumar as aguas das ribeiras do interior da ilha; e por isso mesmo quando não está cheio se conserva bastante humido.

Para tratar este pantano cabalmente cumpria fazer um aterro quasi geral com declive para uma linha de maior inclinação, a fim de para ali fazer convergir as aguas, e n'essa linha estabelecer vallas de esgoto convenientemente dispostas e terminando pela competente comporta para o mar.

No tempo do governo do conselheiro Arrobas abriram-se as vallas e se limparam de tempos a tempos. Era porém necessario fazer estas vallas ou canos abertos de cantaria para se poderem lavar perfeitamente.

O aterro não se fez ainda por falta do recursos, e pede algumas dezenas de contos de réis, emquanto o da Praia Negra custou só 3:000$000 réis com o seu aterro e muro de supporte, e com isto ficou completamente extincto. O sr. Correia de Almeida continuou depois a mandar fazer regularmente a limpeza d'aquellas vallas de esgoto, como era essencial que se fizesse. É pois pelo pantano da Varzea da Companhia que importa começar agora, e consta-me que no tempo do governo do sr. Arrobas o architecto Alves levantou a planta e o nivelamento d'este grande pantano e seus arredores.

Contrahia-se um emprestimo sufficiente para este fim, que é o mais importante de todos a que n'aquella ilha se póde applicar aquelle pesado imposto dos 3 por cento.

Hoje a estatistica comparada do movimento do hospital e da clinica particular mostram claramente o excellente effeito produzido por estas obras em favor da salubridade publica.

Devem ter muito em vista estes melhoramentos os nossos emigrados do Minho, dos Açores e da Madeira, que todos os annos, por ignorarem provavelmente o que ha de verdadeiro ácerca da salubridade das nossas colonias, e por não saberem os recursos que lá poderiam encontrar, vão fazer prosperar paizes estrangeiros em detrimento do nosso, expondo-se á febre amarella, e outras molestias endemicas e epidemicas,

sendo poucos os que hoje com fortuna regressam, e succumbindo quasi todos na tristeza e na miseria.

O digno official de marinha nos convidou para a sua bella casa na cidade, casa que queria pôr á nossa disposição, bem como o seu trem, visto achar-se a familia d'aquelle nosso bom amigo n'uma fazenda sua no interior, para onde teve tambem a bondade de nos convidar.

Aceitámos em parte tão delicado offerecimento e resolvemos ir para terra como foram quasi todos os passageiros, até porque soubemos que não poderiamos ter grande demora, pois, apesar de se estar á espera a cada momento do governador geral, isto não estorvaria que se fizesse promptamente a nossa aguada e que recebessemos os necessarios refrescos, poisque seguros como estavamos de que a ilha de S. Thiago é talvez o melhor ponto do archipelago para aquelle fim, haviamos desprezado as outras ilhas.

Aquella visita do governador geral tinha logar em consequencia de uma medida do governo da metropole, que estabeleceu que a residencia dos governadores geraes e do juiz de direito da comarca de Sotavento seja em S. Thiago, onde pelo menos deverão estar cinco mezes, sendo obrigados a fazer uma visita annual que não exceda 4 mezes de tempo, á provincia toda, inclusivamente á Senegambia ou Guiné portugueza, onde se não deverão demorar menos de quinze dias.

Desembarcámos na Praia Negra, sendo obrigado a saltar as rochas contra as quaes o mar se quebrava com furia, tendo então conhecido que nada ganharamos e que fizeramos mal em não saltarmos antes em terra na Praia Grande ou da Alfandega.

Depois de havermos desembarcado com grande risco e muito trabalho, encaminhámo-nos para a velha casa que servia de porto fiscal, hoje reparada de novo, e ali nos reunimos todos. Seguimos o nosso caminho atravessando a extensa praia de areia, começando então a subida do Serro Difficultoso, que é um estreito e ingreme rochedo que ali se topa.

Chegámos por fim á entrada da cidade da Praia.

Passaremos agora a dar uma resumida noticia da cidade, onde até aos fins do seculo passado não havia senão palhoças, apesar de já começar a ter uma certa importancia politica; de modo que quando em 1803 ali fez a sua entrada o governador D. Antonio Coutinho de Lencastre, não tinha ainda senão mui poucas habitações de alguma consideração.

Foi sem duvida ao activo, intelligente e digno governador João da Mata Chapuzet que ella deveu desde 1822 o augmento e movimento que hoje tem, e que a igualaram a algumas villas principaes da mãe-patria.

Os illustrados e benemeritos governadores Fontes, Chapuzet, Barreiros, Arrobas, Calheiros e Correia de Almeida a dotaram depois de edificios publicos novos e lhe fizeram bemfeitorias taes, ajudados dos seus patrioticos habitantes, que com rasão ultimamente lhe grangearam do honrado visconde de Sá da Bandeira o titulo de cidade da Praia, que hoje tem.

A achada sobre a qual se ergue a cidade é estreitada ao sopé da rocha do lado do O. pela Varzea da Companhia, assim denominada porque ali havia uma casa da antiga companhia do exclusivo da costa de Africa, e do lado do E. pela Varzea de Bom-Cae que deriva este nome de uma ribeira que ali corre sem cessar. Ambas desembocam do lado do mar nas Praias Negra e Grande, esta de areia branca e aquella de areia preta, o que origina o nome que têem.

Subindo á cidade encontram-se boas ruas largas e bem alinhadas, mas em geral com casas de pedra tosca, aindaque já ha muitos edificios particulares e do governo muito commodos e bem construidos.

Encontram-se tambem bastantes palhoças, e é desagradavel sobretudo a falta de limpeza, andando os porcos, gallinhas e até macacos por toda a parte, sendo esta desordem de policia certamente uma das principaes causas de insalubridade.

Em meio d'aquellas palhoças, casas de pedra tosca e bons edificios publicos e particulares avultam a igreja, edificio improprio para conter á missa a população de uma cidade capital de provincia: este edificio é muito antigo e no tempo em

que foi construido correspondia á povoação que então havia.

O hospital de S. Fernando pertencente á misericordia é aonde funccionam os hospitaes civil e militar.

Este edificio foi começado no tempo do governo do conselheiro João de Fontes Pereira de Mello, hoje fallecido, e começou-se com os pequenos rendimentos da misericordia e com subscripções levantadas na provincia; quando este governador acabou o seu governo ainda não estavam concluidos os alicerces.

Depois seguiu-se o conselheiro Barreiros que lhe deu bom impulso, tendo o governo de Sua Magestade concorrido tambem com um donativo de madeiras.

Quando o sr. Barreiros acabou o seu governo estavam levantadas as paredes e postos os vigamentos em cerca de uma sexta parte d'aquelle edificio. Coube porém ao sr. conselheiro Arrobas, que se seguiu ao sr. Barreiros, levar aquelle bello hospital ao estado em que hoje se acha; mas para isso gastou dos cofres publicos com aquella obra cerca de réis 11:000$000.

Foi um arrojo e talvez uma illegalidade que praticou aquelle governador, mas os habitantes d'aquella provincia ainda abençoam por isso a sua lembrança. O hospital militar funccionava em uma especie de pardieiro improprio mal ventilado; os pequenos quartos que o compunham tinham os tectos muito baixos, janellas muito pequenas e poucas e sem o espaço em nenhuma d'ellas para o fim que lhe determinavam, e finalmente estava em ruinas, chovendo em todas as casas. O perigo de desabamento era imminente.

N'esta casa, em uma especie de armazem terreo, estavam seis ou oito camas para os doentes da misericordia; os outros doentes civis eram tratados e soccorridos em suas cabanas, e os que as não tinham, bem como os degradados, curtiam as doenças estirados pelas ruas.

Este estado reclamava realmente medidas energicas e promptas, sobretudo em tempo de fomes e epidemias, e por isso o

governador Arrobas, não obstante não ter verba no orçamento nem ser aquelle um edificio do estado, encobriu a falta de direito com varios pretextos, mas o caso foi que dotou a provincia com um hospital, que sem duvida é o melhor que ha nas possessões ultramarinas, e melhor mesmo que os hospitaes de segunda ordem do reino. Quando o sr. Arrobas deixou o governo ali existiam os hospitaes militar e civil com todas as accommodações necessarias e até com certo luxo.

Tem espaçosas enfermarias de mulheres, outras de homens, com separações tambem conformes ás doenças; optimos quartos para doentes particulares, casa de botica e laboratorio, casa para dissecções anatomicas, casa do banco, secretaria, etc. A apparencia e decoração do edificio são elegantes, e fazem muito boa vista quando de bordo se olha para aquelle lado da terra. Pouco faltava para completamente se acabar aquelle edificio, e aindaque o que faltava não era necessario para o seu movimento ordinario de doentes, com tudo sentimos que o sr. Calheiros não tivesse acabado aquella obra que é a mais importante e util de todas as que tem a provincia; é verdade que no seu ultimo relatorio sobre obras publicas elle declara ao governo que sempre teve tenção de o acabar, e por isso talvez o fizesse se mais tempo se houvesse demorado n'aquelle governo.

Cumpre agora ao sr. conselheiro Franco seguir esse encargo que ficou aos governadores de Cabo Verde desde o governo do sr. Arrobas. Ao sr. dr. Francisco Frederico Hoppfer cabe a grande honra da organisação interna e do exemplar methodo de serviço d'aquelle hospital. Não póde haver mais aceio, melhor serviço nem mais exemplar regularidade e disciplina do que ali se dão.

Ouvimos tambem citar com o maior respeito o nome do dr. Sallis, physico mór da provincia, que succedeu ao sr. Hoppfer na direcção d'aquelle hospital e do serviço de saude em geral. É um chefe distincto, cheio de serviços, e tão honrado homem como bom facultativo.

Já no *Jornal do commercio* de Lisboa temos dito e agora

repetimos, que se não é facil muitas vezes remediar o estado insalubre d'alguns pontos das ilhas do archipelago, bem como da Guiné ou Senegambia portugueza, não ha duvida que muito se póde attenuar pela promptidão dos auxilios da medicina; mas os quadros dos facultativos, apesar dos augmentos successivos que se fizeram no seu pessoal, eram muito deficientes.

Nem sequer havia cirurgiões do governo em Cacheu, na Guiné, nem nas ilhas do Fogo, Maio, Santo Antão e Sal. Quanto a boticas dava-se igualmente uma falta quasi absoluta em toda a provincia, não se encontrando ao menos medicamentos sufficientes.

De mais a mais, ainda mesmo nos locaes onde se encontravam aquelles recursos, eram elles mui precarios, como aconteceu na ilha de S. Vicente (segundo narrámos), onde fallecendo infelizmente o benemerito cirurgião Guibara, ficaram os habitantes entregues unicamente aos remedios caseiros.

Muitas terras, districtos e concelhos inteiros têem estado quasi sempre, senão inteiramente privados de medicos. Uma das rasões d'este estado na verdade pouco satisfactorio em relação ao serviço clinico era a falta de incentivo para que os nossos homens da faculdade quizessem expatriar-se a bem da humanidade, arriscando-se a regiões tão longiquas e a climas pouco salubres, porquanto não achâmos que houvesse motivo algum para esperar que a sua dedicação chegasse ao ponto de se sacrificar, senão, por assim dizer, em peiores circumstancias comparativamente com a posição de outras classes, pelo menos em condições quasi iguaes.

O que não ha duvida, é que em verdade se tornava impossivel ultimamente, não diremos já convidar os facultativos das escolas do reino, da Madeira e da India a irem servir em diversos pontos do ultramar, mas, o que é mais, a conservar os poucos que havia dos insufficientes quadros das colonias nas terras onde ainda se haviam resignado a residir.

Era urgente pois a providencia de se formar um novo quadro com maior pessoal e mais amplamente remunerado para

acudir principalmente aos habitantes d'aquelles dos nossos dominios que são de climas mais insalubres.

Estava reservada esta gloria para o actual ministro da marinha e do ultramar, o sr. José da Silva Mendes Leal, que referendou o decreto de 23 de julho de 1862, com applicação tanto á provincia de Cabo Verde, como ás outras do ultramar, a respeito das quaes em certos pontos se davam iguaes circumstancias ás que deixâmos indicadas.

Segundo a tabella a que se refere o artigo 1.º do citado decreto, o novo quadro da provincia de Cabo Verde compõe-se do seguinte pessoal com os empregos, graduações e vencimentos abaixo declarados.

Empregos	Graduações	Vencimento annual em moeda forte	
		Soldos	Gratificação de residencia
1 Physico mór, medico ou cirurgião...	Tenente coronel..	566$000	600$000
1 Cirurgião mór, idem	Major..........	540$000	540$000
4 Facultativos de 1.ª classe, idem	Capitães........	288$000	480$000
6 Facultativos de 2.ª classe, idem	Tenentes	264$000	480$000
1 Primeiro pharmaceutico..........	Capitão	288$000	480$000
2 Segundos pharmaceuticos.........	Tenentes	264$000	360$000

Seja-nos porém licito dizer que embora a nova medida possa attenuar em parte as faltas que se sentiam na provincia (e nas outras colonias), todavia parece-nos que ainda não é sufficiente, principalmente no que respeita a pharmaceuticos, e lembraremos que talvez sem grande augmento de despeza, e com grande vantagem do serviço da armada, bem como dos povos do ultramar, se possa vir a ter muitos facultativos nos nossos dominios ultramarinos, sempre promptos, se se dispozerem as cousas a este respeito, por fórma tal que tire-

mos partido dos exemplos que com tão felizes resultados nos estão dando os inglezes e hollandezes, os mestres hoje em dia, no que é relativo ás colonias, como por vezes temos escripto.

Lembra-nos, quanto á saude publica, que estando nós em Africa, ali vimos a bordo da fragata almirante dos nossos alliados britannicos nada menos de treze ou quatorze cirurgiões juntos!

É o systema e o fim do seu governo ter n'aquelles mares sempre prompto um numero sufficiente de medicos, para acudir ás varias eventualidades que se dão ali a miudo, tanto a bordo dos navios de guerra do cruzeiro, como em terra nos seus estabelecimentos na costa.

Tambem sabemos que o governo dos Paizes Baixos igualmente nas suas ricas e bem administradas colonias se não poupa a despezas, no que respeita á saude publica, esse ponto primordial, a ter-se em vista: bastará olhar-se ao seu numeroso e amplamente remunerado quadro de facultativos nas Indias orientaes, com o fim de os fornecer aos corpos, praças, terras do interior, e do litoral de quaesquer das suas colonias, indistinctamente, onde o seu serviço medico seja reclamado.

Parece-nos pois que, pelo que respeita a nós os portuguezes, ainda precisâmos de muitos mais medicos nas nossas possessões, principalmente na Africa, do que os que estipula o decreto de organisação a que nos referimos, a fim de se poder acabar com tantos receituarios de *curandeiros*, como vimos ali se pratica; e para terminarmos com o unico recurso que na falta de medicos no interior e em varios outros sitios restava aquelles infelizes povos, isto é, o de tentarem curativos, talvez as mais das vezes errados, ou *á sorte*, por meio de applicação sem conhecimento, ou de informações falsas, dadas de tão longe ao medico, para que receitasse lá das cidades do litoral ou dos locaes da sua residencia.

Portanto seria grande fortuna se se podesse, segundo as circumstancias, ir augmentando gradualmente tambem o nosso quadro do corpo de saude da armada, assim como, em todo o

caso, os seus vencimentos, a fim de, como as já referidas duas nações estrangeiras que apontámos para exemplo, tentarmos ter um numero maior de cirurgiões militares embarcados em cada um dos navios de guerra nos cruzeiros, para que não só possam fazer melhor serviço de bordo, como tambem para que destaquem para onde for preciso em terra, recebendo durante o tempo que desembarcados se achassem servindo, expostos a maiores fadigas e riscos, uma boa gratificação, alem dos seus vencimentos que, repetimos, entendemos que é indispensavel melhorarem-se mais ainda, se quizermos ter bom pessoal medico na marinha e no ultramar.

No hospital militar e da misericordia da cidade da Praia deve haver sempre tambem um consideravel deposito de medicamentos para acudir com elles onde escassearem.

Attentas essas difficuldades de medicamentos e as de bons hospitaes, mais relevantes se tornam por isso os serviços que fizeram á provincia durante as ultimas duas epidemias, os doutores Silva Leão, Mayer, Mello Dias, etc.

Os restos do edificio chamado *hospital velho* foram mandados demolir ultimamente.

A administração da santa casa da misericordia da cidade da Praia não tinha irmãos nem mesa, achando-se a cargo de uma commissão presidida pelo sr. Cosme Nunes. O unico dos estabelecimentos pios d'esta ordem na provincia, que se conservava com a regularidade legal era, como dissemos no capitulo antecedente, o existente na ilha de S. Nicolau.

Tratando de estabelecimentos e instituições de philanthropia e caridade citaremos igualmente a junta protectora dos escravos e libertos.

Graças ao sr. visconde de Sá da Bandeira os escravos diminuem de dia para dia na provincia de Cabo Verde, e deve-se ao sr. conselheiro Arrobas a extincção d'elles na ilha de S. Vicente, e a alforria de muitos nas outras ilhas.

Não é só aos olhos da philosophia, como diz o sr. Jorge José Rodrigues, que se deve encarar a questão da escravidão. Todos estão concordes em considera-la contraria aos bons prin-

cipios; e se como interesse particular ha quem a tenha querido defender na provincia de Cabo Verde, mostraremos que ella é contraria á prosperidade publica.

Quando os numerosos escravos serviam meia duzia de *senhores*, a agricultura era desprezada, o poder dos particulares equilibrava por assim dizer o poder da auctoridade, e o trabalho material do pobre escravo sem cultura nem arte, longe de ennobrecer seu dono, embrutecia-o, emquanto por outro lado, o contacto do servo semeava no seio da familia do *senhor* a immoralidade e o vicio. O homem livre, cujo trabalho é muito mais productivo, não se associava ao escravisado, porque lhe repugnava nivelar-se com este, e d'aqui provém talvez a indolencia de que são accusados.

Hoje não é tanto assim. Trabalha-se mais n'aquellas ilhas em que os escravos são raros. A agricultura prospera, as artes vão tendo algum desenvolvimento: quando o facto da igualdade fizer desapparecer de todo a vergonha do trabalho, a sociedade ganhará muito.

Infelizmente ha europeus que depois de longa habitação em Africa perdem o caracter de bondade e o respeito pela liberdade, adquiridos no meio da civilisação.

As doenças, o calor excessivo, a falta de convivencia, junto á convicção de orgulhosa superioridade, perante a raça preta pouco intelligente, influem poderosamente para que se tornem aborrecidos e até barbaros.

Se o escravo respondia com a rasão, chicote; se recorria ao ferro, pena ultima. Bem estabelecido; mas que faria o *senhor* no logar do *escravo?*

Se se pretendem servidores fieis é mister educa-los como homens, não os tratar como bestas feras. Se se precisam colonos prestadios, derrame-se por elles a instrucção. São estes os meios de evitar o assassinato, o roubo, a indolencia, todos os mais vicios annexos á escravidão.

O que o preto perde pela intelligencia ganha-o pelo sentimento. Docil, paciente, affavel, bom imitador, é mais proprio para as artes do que para as sciencias.

O capital, aliás muito arriscado, que um escravo representa, a despeza que faz, as perdas que elle causa, pagarão dois servidores livres com melhores garantias de lucros e bom serviço.

A falta de braços de que os proprietarios com rasão se queixam, não é um mal que auctorise outro maior; ha epochas em que tambem similhante falta é sentida nos paizes livres, e ninguem ahi se lembrou propor sequer que seja supprida com escravos. Para isto é que são as colonisações regulares e as emigrações bem dirigidas, como mostrámos no capitulo antecedente.

Deve-se convir que a crise causada pela mudança de estado de centenares de pessoas póde paralysar por algum tempo o trabalho e a industria; mas essa crise só é devida á referida falta de colonisação. Comtudo, segundo a marcha regular das cousas, devemos ter esperança que essa crise passará, para dar logar a uma nova phase social, mais brilhante, mais rica e mais feliz.

Se o governo de Portugal sempre combateu a escravidão, ainda mesmo no tempo do absolutismo, porque será (conclue o referido sr. Rodrigues no interessante e mui noticioso artigo que citámos) que a nova lei castiga o receptador no furto, e não só poupa mas até promette indemnisações ao senhor do escravo?

Ha alguma similhança entre um e outro. O escravo é um objecto (para muita gente) roubado á sua patria, á sua familia, a si mesmo; o seu comprador negoceia portanto com um valor illegal e criminosamente adquirido. Eis o caso do receptador.

Em vista d'estas considerações, attendendo a que a existencia da escravidão, depois de todas as leis contra aquelle estado, exprime resistencia ás idéas do seculo, aos preceitos da constituição, á vontade da nação e aos desejos do governo, porque não se ha de decretar desde já a liberdade aos escravos?

Seria o unico meio de acabar com as infamias e atrocidades

a que o estado da escravidão tem dado e está dando mui frequentes vezes logar.

Ainda com relação á escravatura juntaremos aqui o seguinte mappa dos escravos libertados, em abril de 1857, a pedido do governador geral Arrobas aos habitantes das ilhas abaixo declaradas, por occasião da visita que ahi fez no mesmo anno aquella auctoridade.

Ilhas	Numero de escravos	Valor dos escravos libertados
S. Vicente	11	785$000
S. Nicolau	28	1:795$000
Boa Vista	30	1:700$000
Sal	34	2:440$000
Total	103	6:720$000

Juntaremos aqui igualmente os seguintes quadros estatisticos relativos aos escravos existentes nos concelhos da cidade da Praia e de Santa Catharina, da ilha de S. Thiago, no anno de 1856.

Quadro estatistico dos escravos existentes em 1856 no concelho da cidade da Praia indicando as suas idades e profissões

Idades	Com officio											Sem officio		Numero total por idades		
	Carpinteiros	Tanoeiros	Ferreiros	Pedreiros	Tecelões	Sapateiros	Lavradores	Pastores	Cosinheiros	Padeiros	Cosinheiras	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos	Ambos os sexos
Até 1 anno	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24	33	24	33	57
De 1 a 5 annos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	81	79	81	79	160
De 5 a 10 annos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	69	76	69	76	145
De 10 a 15 annos	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	88	81	89	81	170
De 15 a 20 annos	4	-	-	3	1	-	1	-	-	1	-	63	106	73	106	179
De 20 a 30 annos	10	1	-	6	1	1	4	-	-	-	6	161	172	184	178	362
De 30 a 40 annos	3	1	1	3	-	-	2	3	2	-	7	99	104	114	108	222
De 40 a 50 annos	2	-	-	4	1	1	2	1	-	-	10	67	44	78	54	132
De 50 a 60 annos	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	37	23	38	23	61
De 60 a 70 annos	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	6	17	6	23
Mais de 70 annos	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3	4	4	4	8
Total	21	2	1	18	3	2	10	4	2	1	23	707	725	771	748	1:519

Quadro estatistico dos escravos existentes em 1856 no concelho da cidade da Praia em referencia ao seu valor medio

Idades	Com officio		Sem officio		Total
	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos	
Até 1 anno........	-$-	-$-	240$000	330$000	570$000
De 1 a 5 annos.....	-$-	-$-	1:620$000	1:580$000	3:200$000
De 5 a 10 annos ...	-$-	-$-	3:105$000	3:420$000	6:525$000
De 10 a 15 annos ..	100$000	-$-	6:600$000	6:075$000	12:775$000
De 15 a 20 annos ..	1:340$000	-$-	6:300$000	10:600$000	18:240$000
De 20 a 30 annos ..	3:875$000	780$000	18:515$000	19:780$000	42:950$000
De 30 a 40 annos ..	2:235$000	910$000	11:385$000	11:615$000	26:145$000
De 40 a 50 annos ..	1:370$000	1:000$000	6:030$000	3:960$000	12:360$000
De 50 a 60 annos ..	90$000	-$-	2:590$000	1:610$000	4:290$000
De 60 a 70 annos ..	140$000	-$-	600$000	240$000	980$000
Mais de 70 annos..	20$000	-$-	60$000	80$000	160$000
Total.........	9:140$000	2:690$000	57:045$000	59:290$000	128:165$000

Quadro estatistico dos escravos existentes em 1856 no concelho de Santa Catharina indicando as suas idades e profissões

Idades	Com officio																	Sem officio		Total
	Masculinos												Femininos							
	Carpinteiros	Ferreiros	Pedreiros	Tecelões	Lavradores	Pastores	Cozinheiros	Padeiros	Aprendizes de carpinteiro	Alfaiates	Caldeireiros	Carpinteiros de machado	Padeiras	Fabricantes de renda	Costureiras	Cozinheiras	Engommadeiras	Masculinos	Femininos	Total
Até 1 anno	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	20	27	47
De 1 a 5 annos....	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	60	76	136
De 5 a 10 annos. ..	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	44	60	104
De 10 a 15 annos ..	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	48	58	108
De 15 a 20 annos ..	1	–	–	–	1	3	1	–	–	–	–	–	1	–	2	2	–	56	45	112
De 20 a 30 annos ..	1	1	1	3	–	1	2	1	1	1	–	–	1	1	4	2	1	69	80	170
De 30 a 40 annos ..	1	–	1	–	–	1	1	–	–	1	1	–	–	–	3	8	–	37	45	99
De 40 a 50 annos ..	1	–	–	2	–	1	1	–	–	–	–	1	1	–	–	2	1	34	22	66
De 50 a 60 annos ..	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3	–	20	12	36
De 60 a 70 annos ..	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	11	1	13
Mais de 70 annos...	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	9	–	10
Total	4	1	2	5	2	9	5	1	1	2	1	1	3	1	9	18	2	108	126	901

Quadro estatistico dos escravos existentes em 1856 no concelho de Santa Catharina em referencia ao seu valor medio

Idades	Com officio		Sem officio		Total
	Masculinos	Femininos	Masculinos	Femininos	
Até 1 anno	-$-	-$-	200$000	270$000	470$000
De 1 a 5 annos....	-$-	-$-	1:200$000	1:520$000	2:720$000
De 5 a 10 annos ...	-$-	-$-	1:980$000	2:700$000	4:680$000
De 10 a 15 annos..	150$000	-$-	3:600$000	4:350$000	8:100$000
De 15 a 20 annos ..	640$000	550$000	5:600$000	4:500$000	11:290$000
De 20 a 30 annos ..	1:655$000	1:170$000	7:935$000	9:200$000	19:960$000
De 30 a 40 annos ..	815$000	1:430$000	4:255$000	5:175$000	11:675$000
De 40 a 50 annos..	750$000	400$000	3.060$000	1:980$000	6:190$000
De 50 a 60 annos ..	70$000	240$000	1:400$000	840$000	2:550$000
De 60 a 70 annos ..	-$-	50$000	440$000	40$000	530$000
Mais de 70 annos ..	20$000	-$-	180$000	-$-	200$000
Total..........	4:100$000	3:840$000	29:850$000	30:575$000	68:365$000

Daremos finalmente tambem em relação aos escravos, o seguinte:

Mappa do preço dos escravos de ambos os sexos, com designação das differentes idades e officios, calculado pelo valor medio dos mesmos escravos na cidade da Praia, em 1 de janeiro de 1857

Designações	Idades						
	De 10 a 15 annos	De 15 a 20 annos	De 20 a 40 annos	De 40 a 50 annos	De 50 a 60 annos	De 60 a 70 annos	De 70 annos para cima
Carp.ros de machado..	-$-	-$-	115$000	90$000	70$000	40$000	20$000
Aprendizes de carp.ro	-$-	-$-	140$000	110$000	90$000	70$000	35$000
Lavradores...........	-$-	-$-	115$000	90$000	70$000	70$000	25$000
Fabricantes de assucar	-$-	-$-	130$000	100$000	90$000	70$000	20$000
Pastores............	100$000	135$000	160$000	140$000	90$000	70$000	35$500
Marinheiros..........	100$000	140$000	200$000	140$000	90$000	70$000	35$000
Calafates	100$000	120$000	120$000	100$000	90$000	70$000	35$000
Carpinteiros	100$000	140$000	160$000	140$000	90$000	70$000	35$000
Tanoeiros...........	100$000	140$000	180$000	140$000	90$000	70$000	35$000
Ferreiros	100$000	140$000	160$000	140$000	90$000	70$000	35$000
Pedreiros............	100$000	140$000	160$000	140$000	90$000	70$000	35$000
Rebocadores	100$000	140$000	160$000	140$000	90$000	70$000	35$000
Tecelões	100$000	130$000	160$000	140$000	90$000	70$000	35$000
Sapateiros	100$000	130$000	160$000	120$000	90$000	70$000	35$000
Caldeireiros.........	100$000	130$000	160$000	130$000	90$000	70$000	35$000
Padeiros............	75$000	100$000	120$000	100$000	80$000	60$000	30$000
Cozinheiros	75$000	100$000	120$000	100$000	80$000	60$000	30$008
Alfaiates............	90$000	100$000	120$000	100$000	80$000	60$000	30$000
Fabricantes de renda.	85$000	120$000	130$000	100$000	80$000	50$000	25$000
Costureiras..........	80$000	110$000	130$000	100$000	80$000	50$000	25$000
Engommadeiras	75$000	110$000	130$000	100$000	80$000	50$000	25$000
Tecedeiras	80$000	130$000	140$000	100$000	80$000	50$000	25$000
Padeiras	75$000	110$000	130$000	100$000	80$000	50$000	25$000
Cozinheiras	65$000	110$000	130$000	100$000	80$000	50$000	25$000
Sem officio..........	75$000	100$000	115$000	90$000	70$000	40$000	20$000

Continuando agora a apontar outros edificios que avultám na cidade da Praia, fallaremos dos paços do concelho, obra que se concluiu em 23 de julho de 1860. É um edificio digno de todo o elogio pela elegancia de sua construcção, boa disposição interior e decorações, que fazem hoje considerar a casa da camara da cidade da Praia como um dos edificios mais importantes das nossas colonias. Na sua espaçosa e bella sala municipal se celebravam as sessões da junta de justiça, antes de se haver determinado que se não fizessem mais juntas de justiça, vindo os processos civeis para a relação de Lisboa, e os militares para o supremo conselho de justiça militar.

A administração da justiça da provincia compõe-se de dois juizes de direito, cada um com 1:000$000 réis annuaes, e de dois delegados do procurador da corôa e fazenda, cada um com 400$000 réis.

Temos satisfação em dizer que a justiça é ali administrada por tal modo que o governo, attendendo ao que lhe representaram os habitantes, permittiu que o juiz José Maria da Costa use de uma medalha de oiro com as seguintes legendas: de um lado «Justiça e Imparcialidade», e do outro «Ao Merito»; pendendo esta condecoração de uma fita azul e branca.

Tambem o governo de Sua Magestade agraciou este benemerito juiz com a commenda da Conceição, dizendo-se no respectivo decreto que tal graça é conferida em attenção ao zêlo, intelligencia e inteireza com que tem desempenhado as funcções de juiz no ultramar; e tambem em accordãos da relação de Lisboa temos visto grandes encomios ao merito d'este honrado magistrado, que tem sido louvado repetidas vezes na *Gazeta dos Tribunaes* e em varias portarias do ministerio da marinha e ultramar. Uma informação vimos publicada na folha official de Lisboa, em que o illustrado ajudante do procurador da corôa o sr. dr. Levy, depois de fundamentar os louvores que lhe tributa, chega a asseverar que este magistrado póde ser apontado como um modelo dos bons juizes. Folgâmos de registar estes factos que honram Portugal.

No edificio da camara municipal acha-se a administração

do concelho com os seus archivos e os da municipalidade, assim como o lyceu nacional.

O governador Januario Correia de Almeida, entendendo que a falta de instrucção publica era a maior peia que se encontrava em Cabo Verde para o seu desenvolvimento em todo o sentido, porque a instrucção é sem duvida um dos mais salutares meios para o progresso e felicidade dos povos, ordenou que ficassem estabelecidas na cidade da Praia e reunidas em um mesmo edificio para este fim adequado, as cadeiras já existentes de ensino primario, latim, philosophia racional e moral, e theologia, addicionando-se as de francez, inglez, desenho, mathematica elementar e rudimentos de nautica; formando todas estas cadeiras o denominado lyceu nacional da provincia de Cabo Verde, cuja abertura se fez com grande pompa. É dirigido pelo professor mais antigo, transferindo-se para o lyceu as cadeiras que se leccionavam na cidade da Ribeira Grande.

Assim se lançaram á terra, durante o tempo d'aquelle governador, as sementes de uma nova epocha de instrucção publica; basta esta importante medida para o tornar para sempre lembrado áquelles povos; e aindaque este lyceu esteja em começo, promette produzir no futuro os melhores resultados.

Nas outras ilhas não havia geralmente senão alguns poucos professores de segunda e terceira classe, que pela maior parte talvez mal sabiam ler, pelo que se tornava indispensavel prover-se de remedio.

Estes pobres mestres apenas eram remunerados com réis 72$000 por anno! O que se poderia rasoavelmente esperar de um ensino que custava tão pouco?

E não nos digam que pelo decreto de 3 de setembro de 1851 se estabeleceu o ordenado annual de 400$000 réis para o professor de instrucção primaria da ilha de S. Antão, porque a isto responderemos que lhe impozeram o dever de ensinar a ler, escrever, contar, principios geraes de moral, exercicios, grammaticaes principios de geographia, historia sa-

grada e portugueza, desenho linear, arithmetica, noções de geometria pratica e de physica applicadas á industria e á economia domestica!

Deve-se convir pois que tudo isto em Cabo Verde por 400$000 réis, annuaes é para assim dizer, um ovo por um real; muito mais se considerarmos que ha ali talvez muita gente, que sem ter nem metade d'aquelle trabalho e responsabilidade, ganha o mesmo, o dobro e o triplo, tendo apenas idéas vagas de uma grammatica estropeada a cada passo, como com tanta graça diz o sr. Jorge José Rodrigues.

Por isso aqui tornâmos a citar o que ha vinte annos escrevia o sr. Varnhagen, isto é, que entre os flagellos que experimentava esta colonia, contando o da indigencia, a falta de instrucção publica era talvez o maior.

O orçamento de 1863-1864 da provincia de Cabo Verde apresenta o seguinte quadro para a instrucção publica, designando os respectivos vencimentos annuaes.

CONSELHO INSPECTOR	
1 Secretario—gratificação e expediente..	122$000
ESCOLA PRINCIPAL	
2 Professores, cada um	400$000
ENSINO PRIMARIO	
1 Professor de 1.ª classe	240$000
15 Professores da 2.ª classe	120$000
16 Professores da 3.ª classe, a.........	72$000
9 Mestras de meninas, a..............	72$000
Gratificação á mestra da cidade da Praia..	48$000
INSTRUCÇÃO ECCLESIASTICA	
1 Professor de latim.................	120$000
1 Professor de philosophia racional.....	400$000
1 Professor de theologia..............	400$000

Tornando a occupar-nos dos edificios principaes da cidade, citaremos o moinho de vento (talvez o unico do archipelago) que estava quasi inutilisado, e que foi mandado repa-

rar pelo governador Arrobas com o producto do imposto da terça do concelho da Praia.

Quanto a estabelecimentos militares apontaremos o antigo quartel, o paiol da polvora, a bateria da cidade, a cujo concerto procedeu o governador Arrobas para se montarem 21 peças de differentes calibres, para as quaes o mesmo governador mandou fazer os necessarios reparos.

Antigamente existia uma especie de fortinho a cavalleiro de bataria e barbete, na extremidade do morro sobre o qual a cidade está situada. Era um quadrilongo, onde havia tres canhoneiras enfiadas para a entrada do porto; mas quasi não havia espaço para manobrar as mesmas peças. Fôra um quintalito que havia muitos annos estava servindo de cemiterio de protestantes. Por detrás existem duas barracas que serviam para guardar armamento, e a distancia de cerca de 100 e tantos metros estava ainda na retaguarda uma pequena casa terrea, onde trabalhava um ferreiro, achando-se tudo em ruinas.

Todo aquelle espaço desde o forte-quintalito e a ferraria era um perfeito pantano, porque as aguas da chuva que caíam em uma parte da cidade n'elle ficavam represadas.

Este ridiculo forte foi mandado construir, se é que nos não enganâmos, pelo governador geral D. Antonio Coutinho de Lencastre, em tempos de El-Rei D. João VI, e conta-se a este respeito a seguinte anedocta:

Mandando o referido governador um official ao Rio de Janeiro a communicar que tinha ordenado a construcção de um forte, que defendia perfeitamente a povoação, e exagerando as cousas de tal modo que recebeu louvores e uma condecoração do soberano, é de tradição em Cabo Verde que o secretario do governo, depois de expedida a correspondencia, advertira ao governador que tal forte não havia, ao que o governador redarguíra, que se admirava do seu curto discernimento, porque não antevia que quando o officio chegasse ao Brazil já estaria prompto o forte que passava a mandar construir.

Com effeito assim o ordenou; porém foi tão mal imaginado, quanto inapplicavel para a menor defeza.

O governador geral Arrobas mandou arrasa-lo completamente, bem como as taes barracas e ferraria, aterrando e nivelando o terreno com o resto da villa; e todo aquelle espaço serviu para assentar o novo e grande edificio chamado Trem, contendo ferraria, serralheria, espingardaria e officina de coronheiro, armazens para arrecadação de armamento e de artilheria e outros para diversas officinas.

No tempo do mesmo governador geral concluiu-se a parte correspondente ás officinas e arrecadações, contendo tres alas do edificio, ficando collocadas as portas e janellas da frente, a qual era destinada para funccionarem as repartições publicas centraes. Custou perto de 16:000$000 réis, e ali trabalharam no tempo do sr. Arrobas varias officinas da instrucção profissional, que montou com operarios e artistas que comsigo levou de Lisboa. Por debaixo d'este edificio mandou este governador construir um cano geral de cantaria que dá saida para o mar ás aguas da chuva que d'antes se ajuntavam na villa. Estão acabando agora a frente, e vão aproveitar aquelle edificio para o quartel do batalhão de artilheria de linha, ficando o antigo quartel para as officinas e repartições.

O quartel permanente do batalhão de artilheria da provincia de Cabo Verde é na cidade da Praia, d'onde as baterias destacam por turno para as outras ilhas do archipelago e para a Senegambia portugueza, não devendo nunca estar destacadas por mais de um anno.

Segundo a ultima estatistica militar havia na provincia de Cabo Verde, quanto á 1.ª linha:

Officiaes do exercito de Portugal	10
Officiaes da provincia	17
Praças de pret	508
	535
Officiaes, praças de veteranos e reformados	15
Total	550

O quadro da força militar da provincia é o seguinte:

Designação dos corpos	Companhias	Officiaes	Praças de pret	Total
1.ª LINHA				
1 Batalhão de artilheria.........	6	26	494	520
2.ª LINHA				
1 Batalhão de artilheria em S. Thiago......................	4	16	224	240
3 Batalhões de infanteria a 6 companhias, sendo 2 em S. Thiago e 1 em S. Nicolau..............	18	66	1:002	1:068
4 Batalhões de infanteria a 4 companhias, em Santo Antão, Brava, Maio e Fogo............	16	64	896	960
1 Corpo de infanteria na Boa Vista	2	9	110	119
1 Secção de infanteria em S. Vicente......................	-	1	33	34
Total..........	46	182	2:759	2:941

O commandante geral da força é o governador geral. O seu ordenado é de 3:000$000 réis annuaes, alem da gratificação de 4$000 réis diarios, que recebe quando vae em correição á provincia. Tem dois ajudantes de ordens com o soldo das suas patentes, a gratificação de 120$000 réis cada um, 72$000 réis de forragens e 5$000 réis para cavallo.

Alem d'estes officiaes o governador geral tem para o governo e administração geral da provincia uma secretaria com os seguintes empregados:

1 Secretario geral, por anno...........	900$000
1 Primeiro official	400$000
1 Segundo official....................	360$000
2 Amanuenses de 1.ª classe, cada um ...	240$000
2 Amanuenses de 2.ª classe, cada um ...	200$000
1 Continuo........................	86$400

O commando das ilhas de S. Thiago, Maio, Boa Vista, Sal, S. Nicolau, S. Vicente, Santo Antão, Brava e Fogo estão a cargo de officiaes militares de primeira linha, os quaes recebem n'esta situação os respectivos soldos pelo corpo a que pertencem, abonando-se alem d'isto ao de S. Vicente 120$000 réis para despezas de expediente e a cada um dos outros 60$000 réis apenas.

A parte principal da cidade da Praia estende-se em roda do Pelourinho, vasto parallelogrammo, onde se faz o mercado diario, e é formada desde o pequeno largo da igreja Matriz ao S., até á grande praça ou achada da Boa Vista ao N., por algumas ruas que se ligam entre si da maneira seguinte: da Achada para o Pelourinho, pelas ruas de Lencastre, do Meio e do Cofre, onde se vêem as melhores casas á europea, muitas d'ellas nobres, e boas lojas perfeitamente suppridas de toda a sorte de mercadorias proprias do negocio e consumo da provincia. As ruas do Ouvidor e dos Quarteis, desde o Pelourinho até ao largo da Igreja formam um trapezio. Esta igreja fica a E.; ao S. o parapeito que domina a Praia Grande e a bahia; a O., no topo do caminho que sobe para a cidade desde a referida praia (que é a mesma da alfandega) o antigo quartel de artilheria de linha; e ao N. as casarias que se têem edificado no local d'onde foi transferido para o Valle da Companhia o passeio publico que o governador Lencastre havia feito.

As ultimas casas da parte O. da cidade têem vista para a Varzea ou Valle da Companhia ou das Fontes Anna e do Pacheco, em roda das quaes arranjou o governador Chapuzet um lindo passeio, que está bem povoado de palmeiras, bananeiras, coqueiros, cannas de assucar, tamarindeiros, laranjeiras, limoeiros, papayas, etc., tornando-se ainda mais bello aquelle passeio pela luxuriante vegetação dos jardins e hortas que com elle pegam, e que assim fazem destacar aquelle encantador bocado de terreno no meio do resto do valle que se apresenta inteiramente inculto.

A cidade suppria-se de agua da fonte Anna, mas como era

turva e insalubre foi preciso que um homem de energia e vontade de ferro viesse auxiliar o governo e os habitantes: fallâmos do conselheiro Martins, de que tantas vezes havemos feito honrosa menção.

Por meio de manilhas de ferro que mandou fazer em Inglaterra conduziu as aguas de Montagarro até á cidade da Praia, na distancia de 4 kilometros, recolhendo-as n'um reservatorio de marmore feito em Portugal.

Como para tirar um barril de agua n'este deposito se pagava 10 réis, por isso a parte pobre da população bebia a agua das fontes Anna e Pacheco, que alem de não ser de tão boa qualidade se resentia das immundicies que lhe deitavam. O governador Arrobas incluiu os reparos, limpeza e conservação d'estas fontes na applicação do producto do imposto dos 3 por cento a que já nos referimos; porém como se demorasse a approvação do governo da metropole, á portaria que creou o cofre dos 3 por cento, ordenou o mesmo governador que aquelles uteis reparos e melhoramentos se fizessem pelo producto da terça do concelho da Praia, sendo administrada e dirigida a obra pela camara municipal como commissão de obras publicas.

Ainda no governo do sr. Arrobas ficaram concluidas estas obras, aquellas duas fontes ou poços cobertos completamente, tendo cada um sua bomba de ferro para tirar a agua, um tanque de cantaria para lavadeiras e outro para o gado beber.

Entre estas duas fontes ha um caminho que abrange o comprimento da cidade pelo lado das fazendas da Varzea da Companhia, e sendo inferior ao plano das fazendas, resultava estar sempre no tempo das chuvas em estado de atoleiro e levantar nuvens de pó no tempo secco. O mesmo governador Arrobas mandou aterrar este caminho, que ficou com o nivel superior ao plano das fazendas, e macadamisando-o e dando-lhe conveniente alinhamento, resultou ficar uma bella rua, desapparecendo mais este foco de infecção.

Uma outra obra importante que se fez n'esta cidade no tempo do governo do conselheiro Arrobas, pelo mesmo modo do

que os reparos das fontes, foi o grande aterro do largo do Hospital Velho e a construcção de uma forte muralha para fechar o enorme boqueirão que ali havia para a rocha, o qual, offerecendo um precipicio aos viandantes, era um dos maiores focos de infecção d'aquella cidade, porque ahi despejavam os vizinhos todas as immundicies.

No tempo do governo do sr. Calheiros foi comprado por 9:000$000 réis o estabelecimento e edificios do Montagarro com o fundo dos 3 por cento, e por isso se contrahiu um emprestimo ao juro de 8 por cento ao anno.

Com quanto seja certo que o sr. conselheiro Calheiros fez grandes serviços e muitos melhoramentos á provincia de Cabo Verde, durante o tempo em que ali foi governador geral, é nossa humilde opinião que se enganou ou commetteu um erro administrativo n'aquella acquisição; e se tivesse ouvido o engenheiro da provincia ou a commissão administrativa do imposto dos 3 por cento, talvez tivesse mudado de plano, pois-que não só a agua é insufficiente para uso da cidade e aguada dos navios, estando-se vendendo pelo mesmo preço por que d'antes se vendia, mas tambem porque com este encargo o cofre fica por alguns annos privado de recursos para emprehender o esgotamento do grande pantano da Varzea da Companhia; alem de que ouvimos que por 8:000$000 réis, pagos em longos prasos, se vendeu depois a optima fazenda do Laranjo, que tem agua em grande abundancia e mais do que sufficiente para o fim proposto, ficando ainda a fazenda, que podia mui bem applicar-se a jardim de acclimação e viveiro de arvores para arborisação da provincia.

É pois para sentir, repetimo-lo, que sem augmento de quantidade de agua para a cidade se retardassem as obras de primeira necessidade pela despeza de 9:000$000 réis, alem do muito que se despendeu já com reparos no encanamento, e dos juros que se estão pagando pelo emprestimo.

O caes ficou por acabar, o pantano da Varzea por esgotar e as ruas por calçar, o que tambem era mui urgente para evitar as ophthalmias resultantes dos remoinhos de um pó fino

que ali se levanta com a violencia das brizas, e tudo isto nos parece que estava em primeiro logar e muito antes da acquisição de uma agua que já estava á disposição do publico e dos navios nas mesmas condições em que ficou depois de feita a despeza que de certo não valia.

Sendo convidados a jantar por um amigo, o consul da Belgica o sr. Lodi Peixoto, de uma familia de antigas relações da nossa, fomos obsequiados com um verdadeiro banquete.

Comtudo a cozinha é ahi em geral muito simples, consistindo o principal alimento dos habitantes em carne de chibato, em dormido ou maçarocas de milho cozidas em leite azedo, feijão, abobora, mandioca e peixe.

Tambem gostam muito do xarem ou rolão da farinha de milho, que cozem com hervas, e sobretudo das batangas, que são uns bolos chatos feitos da farinha do milho á maneira dos que se cozem na borralha, na provincia do Minho.

Fazem uma outra especie de bolos chamados *cuscus*, cozendo a farinha superior n'uma vasilha de barro, cujo fundo tem buracos, e quando a massa tem chegado a um grau de consistencia sufficiente, cortam-na em talhadas que põem ao sol a seccar em cima de panninhos e que costumam comer quando enxutos depois de guardados durante uma semana.

O povo considera o leite fresco como nocivo á saude, o que nos admira, porque sendo o seu ponto principal não trabalhar e achar, por assim dizer, comer feito, deveriam estimar approveitar-se do leite, como o fazem da banana, que se produz espontaneamente por toda a parte sem que tenham outro incommodo senão colhe-la, cortando as hastes velhas para nascerem outras novas.

Mas o que parece que preferem a tudo é a canna de assucar, de que obtêem muita cachaça que bebem quasi toda na ilha; e apesar da classe da gente de côr ser preguiçosa em extremo, não ha incentivo para os fazer mexer e trabalhar como a promessa de uma boa dóse de aguardente!

Ha mesmo um certo numero de individuos chamados vadios que vivem de apanhar a urzella e a purgueira, que levam a

vender aos portos, e é esta gente que mais se entrega ao uso de bebidas espirituosas, do que resulta o famoso batuque, e mil dissoluções e molestias.

Depois de jantar fomos com o nosso dito amigo consul fazer visitas na cidade, e tivemos o gosto de ver o sr. coronel Avila e sua familia, na sua linda e commoda casa; fomos depois cumprimentar outras. Alem das pessoas já citadas no capitulo III por occasião dos donativos no tempo do governador Arrobas, os principaes negociantes e proprietarios da cidade da Praia eram os seguintes: Antonio M. de Campos Pereira, Diogo Maria de Moraes, Francisco de Paula Brito, Henrique de Miranda Caldeira, João Baptista Paula, Joaquim Dionysio Furtado, José Fortunato Pereira da Rocha, Izidoro José de Sousa Carvalho, Manuel Pedro Queijas, M. P. Franco, Roberto Fornandes, e W. H. Morse; bem como as senhoras D. Anna Watering & Companhia, D. Luzia de Azevedo, D. Marianna Cardoso e D. Theodora Vaz; sem fallar de outras muitas pessoas que as dimensões d'este livro não permittem que citemos agora, porque não nos ficaria espaço para o mais que temos a tratar.

Como a ilha tem bastante commercio e movimento maritimo, ha por isso ali varios consulados e vice-consulados; a saber:

Belgica, consul—Henrique José de Oliveira; França, vice-consul, o mesmo; Brazil, vice-consul—Antonio Pereira de Borja; Buenos Ayres, consul—José Antonio Martins; Estados Unidos, consul—Thomás R. King.

Por uma estatistica que temos presente, o movimento maritimo de Cabo Verde foi em 1848 o seguinte:

Navios entrados	31
Toneladas	3:604
Tripulação	323
Navios saídos	39
Toneladas	4:637
Tripulação	414

O unico navio de guerra que temos noticia estacionar nas

aguas de Cabo Verde é o palhabote *Bissau*, que serve de correio entre as ilhas e a Senegambia ou Guiné portugueza; sendo o administrador geral do correio da provincia o chefe da alfandega da cidade da Praia, e administradores dos correios secundarios os chefes das outras alfandegas.

Alem da guarnição do navio de guerra acima referido, não ha outro pessoal de marinha no archipelago senão o capitão dos portos da provincia (com o seu soldo e comedorias de embarcado), e os patrões mores das ilhas abaixo declaradas, com os ordenados annuaes que lhes vão marcados.

S. Thiago	240$000
Boa Vista	192$000
Sal	120$000
Brava	a 72$000
S. Vicente	
S. Nicolau	
Santo Antão	
Fogo	
Maio	

Bem entendido que ha a ajuntar-se o custeio das embarcações e a despeza da praticagem, o que importa em 1:960$000 réis.

A respeito de ancoradouros ha tres em S. Thiago, para navios grandes: o porto da cidade da Praia, o do Tarrafal e o da cidade da Ribeira Grande, hoje frequentado só pelos lambotes. Mas ha ali outros fundeadouros proprios d'estas embarcações, taes como: Pedra Badejo, S. Thiago e S. Francisco a E.; Caniços e Ribeirão Correia ao S.; Porto da Antonia e Ribeira da Barca ao O.

Como fallámos de alfandegas, occorre-nos dizer que o edificio da da Praia é um dos melhores da ilha.

O governador Arrobas fez-lhe importantes obras. Em primeiro logar, para evitar que se avariassem, como avariavam, as fazendas pela humidade do pantano proximo, mandou

elevar uns 2,2 metros o solo, que depois foi calçado; do mesmo modo fez levantar as paredes mais 2,2 metros, substituindo-se todo o emmadeiramento e telhado, abrindo-se sufficiente numero de janellas com grades de ferro para a ventilação. Gastaram-se n'estes melhoramentos apenas 3:000$000 réis. Mandou depois construir um novo armazem contiguo a este e com o mesmo nivel para arrecadação de molhados, e todas estas obras e mais alguns reparos não chegaram a custar 5:000$000 réis ao estado!

Estes e outros excellentes resultados, que nos não cansaremos de applaudir, é força confessa-lo, alcançam-se todas as vezes que se empregam com intelligencia e probidade os meios que uma auctoridade zelosa ha sempre ao seu alcance.

Apresentaremos aqui o quadro do pessoal das alfandegas do archipelago, segundo o orçamento de 1863-1864.

ILHA DE S. THIAGO

	Vencimento annual
1 Director	360$000
1 Primeiro escrivão	240$000
1 Segundo escrivão	200$000
1 Escrivão da descarga	200$000
1 Porteiro	120$000
2 Fieis, a 90$000 réis	180$000
1 Aspirante	96$000
1 Meirinho	120$000
2 Guardas, a 60$000 réis	120$000
2 Guardas, a 48$000 réis	96$000
1 Patrão do escaler	60$000
4 Remadores, a 48$000 réis	192$000
18	1:984$000

SUPRANUMERARIOS

1 Escrivão da descarga—gratificação	200$000
1 Porteiro, idem	120$000
1 Aspirante, idem	96$000
2 Fieis de armazens, idem a 90$000 réis	180$000
1 Patrão de escaler, idem	60$000
4 Marinheiros, idem a 48$000 réis	192$000
28	2:832$000

ILHA DE S. VICENTE

		Vencimento annual
1	Director	360$000
1	Primeiro escrivão	240$000
1	Segundo escrivão	200$000
1	Escrivão da descarga	200$000
1	Meirinho	120$000
1	Aspirante	96$000
2	Guardas, a 60$000 réis	120$000
2	Guardas, a 48$000 réis	96$000
2	Patrões de escaler	120$000
8	Remadores	384$000
20		1:936$000

ILHA DO SAL

1	Director	360$000
1	Primeiro escrivão	240$000
1	Segundo escrivão	200$000
1	Meirinho	120$000
2	Guardas, a 60$000 réis	120$000
2	Guardas, a 48$000 réis	96$000
1	Patrão do escaler	60$000
4	Remadores, a 48$000 réis	192$000
13		1:388$000

ILHA DA BOA VISTA

1	Director	240$000
1	Escrivão	180$000
1	Meirinho	72$000
2	Guardas, a 48$000 réis	96$000
1	Patrão do escaler	48$000
2	Remadores, a 36$000 réis	72$000
8		708$000

ILHA DO MAIO

A mesma organisação .... 708$000

ILHA DE SANTO ANTÃO

1	Director	150$000
1	Escrivão	96$000
1	Meirinho	48$000
2	Guardas, a 36$000 réis	72$000
5		366$000

Nas ilhas de S. Nicolau, Brava e Fogo a organisação é igual á de Santo Antão, sendo por consequencia o vencimento annual dos respectivos empregados de réis....... 1:098$000

Se não fossem os emolumentos, aindaque diminutos, não sabemos como muitos d'estes empregados poderiam viver com tão mesquinhos ordenados.

A provincia de Cabo Verde, cujos rendimentos nos principios do seculo XVII andavam arrendados apenas em 14:000$000 réis, dá actualmente uma receita de mais de 100:000$000 réis.

Em prova d'isto extractaremos da orçamento das provincias ultramarinas, para o anno de 1863-1864, o seguinte:

Resumo do orçamento da receita e despeza da provincia de Cabo Verde para o anno economico de 1863-1864

RECEITA

Impostos directos	32:702$500
Impostos indirectos	70:762$000
Proprios e diversos rendimentos	1:698$000
	105:162$500

DESPEZA

Administração geral	44:731$200
» de fazenda	16:969$800
» de justiça	3:614$000
» ecclesiastica	8:930$000
» militar	52:697$628
» de marinha	3:686$150
Encargos geraes	4:533$000
Diversas despezas	11:370$000
	146:531$778
Deficit	41:369$278

Deve porém notar-se que o *deficit* real da provincia de Cabo Verde, se o ha, é muito inferior ao que representa o orçamento, porquanto n'este os quadros são computados no estado completo e em harmonia com as novas reformas, mórmente pelo que respeita ao serviço de saude publica, existindo aliás numerosas vagas, emquanto que os rendimentos foram avaliados prudentemente em uma somma inferior ainda á cobrada effectivamente nos annos anteriores.

O movimento commercial externo do archipelago regula annualmente por 112:000$000 réis na importação, que consta de tecidos de algodão, madeiras, ferragens, vinhos e bebidas espirituosas, vidros, etc., e por perto de 94:000$000 réis na exportação, que consta de sal, purgueira, couros e pelles, café, milho, feijão, algum assucar, aguardente e outros objectos em pequena quantidade.

O movimento commercial interno, entre umas e outras ilhas, póde computar-se em 260:000$000 réis annualmente, de que pertence á ilha de S. Thiago a maior parte, por ser ella a que abastece de assucar, sabão e azeite todas as outras ilhas; de mantimentos as de Maio, Boa Vista e Sal; e de aguardente tambem todas ellas, com exclusão das ilhas de S. Nicolau e Santo Antão, que a tem propria, e de S. Vicente, que se fornece de Santo Antão.

A industria dos habitantes do archipelago é com pouca differença a dos pretos da costa fronteira: consiste na fabricação de aguardente, vinho, sal, assucar, sabão e azeite de purgueira, e na tecelagem dos pannos de algodão, que têem diversas denominações conforme os lavores e a côr que predominam; alguns d'estes são entretecidos de seda e de lã, e todos feitos em pequenos teares, os mais largos dos quaes apenas podem tecer pannos de 33 centimetros de largo. É o mais a que tem chegado n'estes ultimos annos o aperfeiçoamento d'esta industria.

A senhora D. Josefa Rodrigues de Carvalho, desejando tornar conhecida na Europa a pobre, mas ainda assim interessante, industria cabo-verdeana, enviou á exposição universal de Londres, aberta e encerrada no anno de 1862, um specimen d'aquelles pannos, em fórma de chaile, no valor de réis 12$000, approximadamente.

Era um trabalho de modesta apparencia, mas acabado com bastante perfeição, e que mostra exuberantemente o que poderá ser a industria da tecelagem quando a natural habilidade dos indigenas for auxiliada com melhor direcção artistica e mais perfeitos machinismos.

Os pannos que se fabricam nas ilhas de Cabo Verde têem as denominações, preços e applicações seguintes:

Denominação	Preço em réis
PANNOS GROSSOS	
Panno bocui ou de lei (azul com o avesso branco) [1] ..	1$000
Panno de agulha (todo azul) [2]	1$600
PANNOS DE TECIDO FINO [3]	
Panno preto (todo preto)	2$000
Panno de lista fóra (branco e preto em listas)	2$000
Panno galan (azul claro e branco em listas)	2$000
Panno de bôca branca (centro azul sobre fundo branco)	2$000
PANNOS RICOS [4]	
Pannos de obra (todos entretecidos de lavor de algodão e lã de varias cores)	De 3$000 até 6$000
Pannos de retroz (entretecidos de algodão e retroz de cores)	De 4$000 até 8$000
Colchas de lavor (de algodão, de lã e de retroz)	De 6$000 até 40$000

1 Consome-se na provincia.

2 Consome-se na provincia e vão muitos para Guiné.

3 Todos os pannos d'estas quatro denominações, tendo lavores em relevo á roda, tomam o nome de pannos de bicho (bicho significa cercadura), e então duplicam ou triplicam de preço conforme o lavor. D'estes pannos consome-se a maior parte nas ilhas, e exportam-se alguns para a Guiné portugueza e franceza.

4 Usam-se no paiz e exportam-se para paizes estrangeiros.

Esta provincia, tratando-se da sua arborisação, desenvolvendo n'ella convenientemente a producção da semente de purgueira, a ponto de se poder estabelecer ali uma fabrica regular para a extracção do oleo de purgueira e para fazer sabão, que se fabrica só com o arbusto da purgueira (porque a semente dá o oleo, e as cinzas dos ramos a potassa), tratando de estender a cultura do algodão em grande escala, bem como a da cochonilha, póde tornar-se uma rica possessão pelo lado agricola, que é o seu caracter.

Convirá tambem estabelecer a liberdade do commercio tão ampla quanto possa ser, e desenvolver as industrias até certo ponto independentes das chuvas, como são a do sal e a do café. E para se conhecer que, apesar da irregularidade das chuvas ella tem recursos para a sua sustentação, bastará que se recorra aos documentos que existem no parlamento, provando um excesso de receita quando economicamente se administre. Todos sabem as epochas calamitosas de fomes e epidemias por que passou esta provincia durante os annos de 1855, 1856 e 1857, em que durou o governo do sr. conselheiro Arrobas.

N'este tempo é evidente que o commercio diminuiu e o de substancias alimenticias, que era o principal, estava isento de impostos, o que tambem importava desfalque para a receita publica.

Os pagamentos quando este governador tomou posse estavam atrazados cinco mezes, e todavia no fim dos tres annos e tres mezes do seu governo deixou-os em dia.

Deprehende-se dos referidos documentos que á saída do sr. conselheiro Arrobas do governo de Cabo Verde, ficaram réis 8:725$068 só nos cofres das recebedorias, thesouraria geral e alfandegas, alem de 12:375$521 réis no cofre especial dos 3 por cento que o mesmo governador havia creado.

Alem d'este cofre havia um outro especial para as obras publicas na ilha de S. Vicente, em que se arrecadava o imposto de 100 réis por tonelada de carvão de pedra importado na provincia, e n'esse cofre existia no fim do governo do sr. Arrobas o saldo em dinheiro de 4:246$930 réis, como se vê pelo quarto quesito de uma certidão que foi passada por ordem do governo.

Resumindo agora: vê-se que no fim do governo do sr. Arrobas existiam nos cofres publicos 25:347$519 réis em numerario, não fallando nos cofres do fundo de colonisação, de que não possuimos documento algum, mas sabemos que tinha de transferir alguns contos de réis para os cofres ordinarios por despezas por sua conta feitas por esses cofres. Alem

d'isto vê-se que o sr. Januario Correia de Almeida no fim do seu ultimo relatorio de obras publicas, referindo-se ás despezas de obras publicas por elle dirigidas, diz o seguinte: «Estas obras não seriam feitas com tanta economia, se não fosse a grande quantidade de materiaes e ferramentas, no valor de alguns contos de réis, que o sr. conselheiro Arrobas deixou em deposito, e que tinha recolhido para dar começo ás obras que projectára».

E tambem no relatorio impresso apresentado ás côrtes pelo sr. visconde de Sá da Bandeira em 20 de dezembro de 1858 se lê o seguinte, a paginas 25 *in fine:*

«Tratando de informar as côrtes do estado d'esta provincia (Cabo Verde), começarei por dizer que a falta de chuvas occasionou ali por tres successivos annos, isto é, pelos de 1854, 1855 e 1856, uma grande escassez de subsistencias, pela falta de colheitas, postoque n'umas ilhas mais do que n'outras, de modo que muito dos seus habitantes se viram em circumstancias penosas.

«Para auxiliar os necessitados foram levantadas algumas subscripções, tanto dentro como fóra do paiz, e sciente o governo do estado calamitoso d'esta provincia, fez desde logo algumas remessas de dinheiro e generos para serem applicados a soccorros publicos, e em seguida apresentou uma proposta ás côrtes, em consequencia da qual foi auctorisado por carta de lei de 24 de julho de 1856 a contrahir um emprestimo até á quantia de 50:000$000 réis, para o seu producto ser applicado ao mesmo fim. As necessidades porém dos povos d'aquelle archipelago obrigaram o governo a despender mais do que os fundos auctorisados por lei, importando a totalidade dos soccorros remettidos de Lisboa, tanto em dinheiro como em generos alimenticios, na somma de 76:693$704 réis, como vereis da nota que sobre este ponto vae junta ao presente relatorio. Alem d'esta saíram dos cofres da provincia com igual destino outras quantias consideraveis.»

Ora á vista d'isto é claro que, se em tres annos de fomes e epidemias, gastando sommas consideraveis em soccorros pu-

blicos, tiradas dos cofres ordinarios, comprando consideravel valor de ferramentas e materiaes que ficaram em deposito, fazendo tantas obras como ahi deixámos mencionadas, póde o sr. Arrobas pagar em dia aos empregados, que achára com cinco mezes de atrazo, e deixar 25:347$519 réis em cofre, alem de uma importante divida a cobrar, não se póde dizer que nos tempos ordinarios a provincia não tenha recursos para fazer frente ás suas despezas.

É verdade que com a guerra da America tem diminuido o numero de navios que íam a Cabo Verde carregar de sal, e tem sido tambem bastante sensivel a falta do commercio americano, que é o mais proprio e adequado áquella provincia, do que a receita das alfandegas se tem resentido bastante; porém logoque a guerra acabe voltarão as cousas ao seu estado normal. Convem tambem substituir o imposto dos dizimos pelos impostos territoriaes e pessoaes, existentes no reino, para evitar os vexames que soffre o contribuinte e as enormes perdas que supporta o estado com o systema das arrematações.

Quando tratámos do movimento de navios não mencionámos os faluchos hespanhoes, que desde 1858 vão á ilha de S. Thiago, especialmente á costa do S., á pesca do coral.

Estas embarcações de companhias hespanholas têem pescado 24:761 libras, no valor de 63:934$280 réis.

Os srs. conego José Maria Pinto e Egidio Antonio de Sousa mandaram á exposição de Londres sete ramos colhidos na costa d'esta ilha, a 110 e 132 metros, proximamente, de profunidade.

Desde remotos tempos que se sabia haver nas costas das ilhas d'este archipelago coral de optima qualidade, como se vê dos exemplares que existem em varios museus. Comtudo é certo que até ao anno de 1858 não constava que houvesse sido aproveitado para especulação commercial.

Inclinâmo-nos a crer que a qualidade e a abundancia do coral indemnisam bem do trabalho, riscos e gastós da sua pesca. As rasões que temos para assim pensar são que as tripulações dos referidos faluchos hespanhoes andam por 25 a 30 ho-

mens, que fazem esta pesca de sociedade, como usam os baleeiros, que se demoram alguns mezes, e que voltam nos annos seguintes.

Entretanto, ou para se eximirem ao pagamento de direitos mais avultados, ou para não animar outrem a fazer-lhes competencia n'esta industria, o que é certo é que guardam o maior segredo quanto aos interesses que fazem.

Sabe-se porém que a qualidade do coral é boa, porque no tempo do governador Calheiros o activo engenheiro da provincia, depois governador geral, Januario Correia de Almeida, assistiu em pessoa a esta pesca para informação do governo, e diz em um interessante relatorio que aquelle coral é excellente, tanto pela sua natureza compacta e bella côr vermelha, como pelas dimensões, apresentando algumas arvores 2 decimetros de altura e de 6 a 10 millimetros na parte mais grossa do tronco.

O apparelho de que usam para esta pesca compõe-se de duas fortes peças de madeiras iguaes do comprimento de 1,1 metro e de 22,6 centimetros quadrados de córte; entalham a meia madeira formando cruz bem ligada por chapas de ferro; nos quatro topos dos braços da cruz se acham cravados fortes espigões de ferro terminando em anneis de 16,5 centimetros de diametro; estes anneis formam a bôca de fortes sacos de rêde de malha miuda que a elles se acham cozidos, e que têem 27,5 centimetros de fundo; alem d'estes sacos está tambem ligado a cada topo de braço um mólho de rede mais larga de 88 centimetros a 1,1 metro de comprido.

Amarrando ao meio da cruz uma corda de 1,37 centimetro de diametro e suspendendo o apparelho, a cruz fica horisontal, e dos quatro topos descem verticalmente outros tantos mólhos de rede; então com o auxilio de um peso de 30 kilogrammas bem preso ao meio da cruz, e junto a elle, o apparelho desce ao fundo do mar.

Procuram depois uma sonda de 220 a 330 metros, e apenas aquelle apparelho toca no fundo, os remadores impellem os barcos com a prôa á terra, emquanto o mestre e alguns ou-

tros marinheiros seguram com esforço a corda do apparelho, deixando-o arrastar pelo fundo do mar, e se encontram prisão fazem andar o barco para os lados ou para ré até perceberem que se desprendeu ou arrasta de novo o apparelho, sendo assim que se pesca o coral.

Tendo a maior parte dos habitantes ricos de Cabo Verde muitos barcos seus, que nem sempre estão em serviço, bem poderiam elles, como lhes aconselhou o referido engenheiro e governador Januario Correia de Almeida, manda-los tentar aquella pesca, e observar quaes são as costas mais proprias para esta especulação, formando depois companhias e pedindo ao governo o exclusivo da referida industria.

Assimilha-se o coral a um arbusto sem folhas e lança a raiz em rocha dura; é compacto, e coberto de um involucro bastante carnúdo. É a mais preciosa substancia do mar, logo depois das perolas. Quasi sempre é encarnado, ás vezes tambem côr de rosa ou amarello; interiormente porém sempre branco.

A maior parte dos navios que demandam S. Thiago vão carregar purgueira. Esta constitue hoje o mais importante ramo de commercio da ilha, quando antigamente só servia para combustivel; mas depois do grande desenvolvimento que tem tido ultimamente as especulações d'esta planta, já se cultiva com maior cuidado em todos os sitios que se consideram adaptados a tal fim.

Em 1860 fizeram os habitantes da cidade da Praia uma representação ao governo da metropole, pedindo-lhe que fossem igualados os direitos de exportação da purgueira a fim de se facilitar e promover a concorrencia; mas outros interessados em que esta importante e justa medida não fosse levada a effeito, obtiveram um mui consideravel numero de assignaturas para que o governo não annuisse á primeira petição. Confiâmos porém que o actual ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e do ultramar, examinando as circumstancias d'este negocio, tomará a tal respeito uma resolução prompta e digna da sua reconhecida illustração.

A purgueira exportada pela alfandega da ilha de S. Thiago, no anno de 1857, consta do quadro seguinte:

Embarcações	Moios	Alqueires
Villa da Praia	205	-
Anna & Maria	104	-
Saudade	30	-
Bomfim	28	15
Jupiter	163	-
Novo Pinheiro	114	30
Flor do Vouga	95	-
Cordialidade	12	38
Mathilde & Adelaide	120	-
Sousa & Irmãos	145	-
Dois Amigos	47	-
Alvacora	70	-
Villa da Praia	180	-
Prudencia	10	-
Ribeiro 1.º	20	-
Milagre	104	-
Villa da Praia	148	47
Trovador	110	-
Dois Amigos	56	-
Rapido	60	-
Leopoldina & Amelia	103	-
Anna & Maria	110	-
Cordialidade	200	-
Cruz 5.º	335	-
Maria Emilia	143	30
Minho	168	-
Carolina	40	35
Maria Emilia	50	-
S. Thiago	13	50
Schyryd	131	-
Dito	75	-
Cruz 1.º para o estrangeiro	53	-
Trym	125	-
	3:371	5

N.B. Cumpre advertir que 1 moio de Cabo Verde anda por 3 de Portugal.

Quanto á urzella, que parece só foi descoberta na ilha Brava em 1730, essa era já conhecida e explorada nas Canarias, pelo que os agentes hespanhoes de Teneriffe, apenas viram uma amostra da de Cabo Verde, enviaram logo no anno seguinte uma embarcação ás ilhas de Santo Antão e S. Vicente, aonde carregaram 500 quintaes, dando de luvas por quintal ao capitão mór da ilha de Santo Antão só uma pataca.

Sabido isto de El-Rei D. João V, passou o rendimento d'este lichen a ser considerado propriedade do estado, que chegou mesmo a auferir 100:000$000 réis de rendimento pela respectiva arrematação.

O seu primeiro arrematante em Lisboa, em 1730, foi um negociante hollandez. Por aqui se vê que quasi todas as nossas emprezas ou especulações são sempre primeiro tentadas por estrangeiros: é um vicio de longa data, que muito tem custado a curar!

O segundo arrematante porém, em 1750, já foi um portuguez, José Gomes da Silva e Candeas.

Em 1755 deu-se de arrematação a empreza da urzella a individuos relacionados com a opulentissima companhia do Grão-Pará e Maranhão, que n'aquelles tempos tinha feitorias importantes em quasi todos os dominios portuguezes, sendo ainda hoje os melhores edificios das nossas colonias os poucos que restam dos que aquella poderosa companhia ali construiu.

Desde 1790 que o negocio da urzella ficou administrado pelo governo, mas em consequencia da exportação da urzella de Angola, e da falta de braços em Cabo Verde para a colheita, foi decaindo este commercio a ponto de se publicar em 1844 uma medida para obviar a isto, revertendo só duas partes d'aquelle lichen a favor do estado.

Finalmente foi preciso em 1852 acudir á summa decadencia em que se achava outra vez o commercio da urzella; e portanto, em consideração a que as circumstancias da colheita em Cabo Verde não permittiam que os apanhadores a podessem vender pelo preço por que a dão os que colhem este

lichen n'outras regiões com menor trabalho e sem risco de vida, publicou-se o decreto de 22 de dezembro d'aquelle anno, que determinou que a urzella que se exportasse das ilhas de Cabo Verde pagasse nas alfandegas da provincia 500 réis por quintal, saíndo para portos estrangeiros, e 200 réis para portos nacionaes.

Em 1852 foi este pesado imposto reduzido a menos de metade por diligencia do sr. deputado Arrobas.

Quando nos occupámos da receita e despeza da provincia não mencionámos qual é o pessoal da administração de fazenda e o vencimento annual dos respectivos empregados. É o seguinte:

NA JUNTA DA FAZENDA

1 Presidente (o governador geral)	-$-
4 Vogaes:	
O Juiz de direito	-$-
O delegado do procurador da corôa e fazenda	-$-
O escrivão de fazenda	800$000
O thesoureiro geral	300$000

NA CONTADORIA

1 Director (o escrivão da junta)	-$-
1 Contador	400$000
1 Primeiro escripturario	360$000
2 Segundos escripturarios, a	240$000
3 Amanuenses, a	200$000
1 Continuo	86$400

NO ALMOXARIFADO E THESOURARIA

1 Almoxarife e thesoureiro (na junta)	-$-
1 Fiel	100$000

Para o expediente da contadoria da fazenda e almoxarifado vem abonada no orçamento a verba de 210$000 réis; bem como 400$000 réis para compra de papel que tenha de sellar-se.

Alem d'aquelles empregados ha, bem entendido, como em Portugal, os competentes recebedores de concelho, que percebem as respectivas quotas, calculadas na proporção da receita realisada.

Entre outras despezas da provincia citaremos aqui duas

verbas, a que ligâmos grande importancia: uma é de 270$000 réis para bibliotheca e museu, e outra de 1:000$000 réis para transportes de colonos do reino e ilhas adjacentes.

Na noite da nossa chegada á cidade da Praia, por fatigados, deixámos de assistir a uma esplendida reunião para que foramos convidados.

N'aquelle tempo não havia ali, que o saibamos, nenhum club ou outra qualquer associação de recreio; hoje existe, segundo ouvimos, a sociedade Esperança, onde os habitantes e os viajantes podem passar algumas horas agradavelmente, quer em jogos licitos, quer na leitura de jornaes politicos e litterarios, nacionaes ou estrangeiros.

No dia seguinte de madrugada fomos visitar a antiga e decaída cidade da Ribeira Grande, situada a 3 leguas da cidade da Praia, na costa meridional da ilha, á beiramar, onde forma um mau porto á entrada de um valle estreito e bem cultivado. Provém o seu nome de uma ribeira assim chamada, e que comtudo é tão falta de agua que mal rega o terreno adjacente. Esta ribeira corre de N. ao S. entre as altas montanhas que se estendem desde a Maria Parda, onde é a nascente.

Esta povoação, que não se sabe quando foi elevada á categoria de cidade, data desde a epocha da primeira colonisação; entretinha um commercio consideravel, e ostentava orgulhosa seus numerosos edificios quando os francezes, tendo-se apoderado d'ella em 1712, lhe causaram perdas e estragos terriveis. A maior parte dos habitantes retirou-se para as montanhas, e postoque a tranquillidade se restabelecesse depois, era já tal o seu estado de decadencia em 1780, que cessou de ser a capital da provincia, sendo a séde do governo transferida para a villa, hoje cidade da Praia. Foi o ultimo e mais desastroso golpe que experimentou a cidade da Ribeira Grande.

Fazia-nos pena ver na solidão esta triste cidade, com os seus porticos, marmores e ruinas, entre as quaes se elevavam ainda a cathedral, erecta em 1532, os restos do paço epis-

ILHA DE S. THIAGO, CIDADE DA RIBEIRA GRANDE

copal, os do seminario, que construiu á sua custa o bispo D. fr. Jeronymo da Barca, e os da igreja e hospital da misericordia.

Estendia-se em roda d'estes edificios, como ainda se estende, a parte mais consideravel da cidade, na base de uma alta montanha a pique, sobre a qual se ergue a cidadella, que os hespanhoes ali construiram em 1657, a qual é flanqueada por quatro bastiões, e encerra aquartelamentos, paioes e cisterna.

D'este mesmo lado da cidade se elevava na referida epocha, no meio de um jardim delicioso, um hospicio de missionarios capuchinhos, que ainda hoje se acha soffrivelmente conservado em uma das mais pittorescas situações das ilhas de Cabo Verde. A profusão das arvores de fructo, e o agradavel murmurio da ribeira, que passa serpenteando, torna-se tão agradavel á vista e ao olfato como ao ouvido.

A architectura das casas da cidade é muito ordinaria e á maior parte das que vimos melhor lhes quadraria o nome de cubatas ou cabanas.

Foi cidade muito populosa para aquellas paragens, e tinha tal reputação de riqueza que por vezes se tornou o alvo dos ataques dos piratas, com especialidade inglezes, que no espaço de treze annos a saquearam por duas vezes, uma em 1582 e outra em 1595.

Hoje está reduzida a um insignificante logarejo, com 400 habitantes, pouco mais ou menos, tão pobres e miseraveis como a terra que habitam, coberta toda, como dissemos, de restos dos sumptuosos edificios sagrados e profanos que nos seus melhores dias lhe davam vida e brilhantismo, e que augmentam agora a desolação do viandante. O pouco que ainda é, deve-o unicamente á conservação da sé, simples mas bonito edificio, que causa ali um tal ou qual movimento, em rasão da residencia do clero respectivo.

O pessoal e a despeza da administração ecclesiastica nas ilhas de Cabo Verde, segundo o orçamento de 1863–1864, é o seguinte:

NA SÉ

1 Bispo	1:200$000
1 Deão	120$000
1 Chantre	120$000
1 Thesoureiro mór	120$000
1 Arcediago	120$000
1 Mestre-escolá	120$000
12 Conegos	100$000
4 Capellães, a	40$000
4 Meninos de côro, a	15$000
1 Cura	60$000
1 Thesoureiro menor	20$000
1 Bedel	12$000
1 Mestre de Capella	30$000
1 Organista	30$000

NAS PAROCHIAS

6 Parochos, a	100$000
11 Ditos, a	60$000
14 Ditos, a	40$000
1 Coadjutor, a	40$000
8 Coadjutores, a	36$000
11 Thesoureiros, a	20$000
22 Thesoureiros, a	10$000

Copiámos fielmente do citado orçamento de 1863–1864 estes significativos artigos, para que se possa facilmente, e, para assim dizer, de um lance de olhos, conhecer quão impropriamente se acha organisado e distribuido o pessoal da diocese de Cabo Verde. Affigura-se-nos da maior convenienccia despertar mui particularmente a attenção para assumpto de tão elevado alcance; sendo certo que sem religião não ha civilisação verdadeira e progresso seguro e duradouro.

Para sujeitar os povos não bastam fortes e poderosas esquadras, numerosos e aguerridos soldados, nem emprezas ou especulações fabris, agricolas e industriaes.

É preciso primeiro que tudo illustra-los, chamando-os á fé christã.

Os nossos maiores, que tão grande nome nos legaram, triumpharam sempre escudando as suas gloriosas armas pelo poder da cruz.

Na nossa humilde opinião podem mais meia duzia de bons padres, que comprehendam a sua evangelica missão, ensinando o povo com a doutrina e com o exemplo, do que um pessoal ecclesiastico até certo ponto tão apparatoso e tão mal remunerado.

De feito, não conviria mais que em vez de uma cathedral com tantos dignitarios, sem meios, se estabelecesse um determinado numero de curas de almas com ordenados taes, que não só podessem cuidar da educação espiritual das suas ovelhas, como da sua instrucção geral, regendo estes ecclesiasticos as differentes cadeiras de ensino elementar?

Advirta-se que com isto não queremos dizer que a igreja cabo verdeana deixe de ser presidida por um prelado de jerarchia superior, nem que se falte em cousa alguma ao seu decoro, senão que desejáramos ver desapparecer do quadro do pessoal ecclesiastico um certo numero de entidades que se nos não afiguram de utilidade alguma.

O que dizemos a este respeito em relação a Cabo Verde, applicâmo-lo, com pequenas excepções, aos nossos outros dominios, que visitámos, na Africa occidental.

Felizmente vemos que o governo começa agora a cuidar seriamente de tão transcendente assumpto, mandando educar expressamente no seminario de Santarem varios alumnos das diversas provincias ultramarinas, para depois irem prégar o evangelho; tanto assim que no orçamento de 1863-1864 encontrámos uma verba de 1:450$000 réis, para manutenção e despezas de transporte de dez seminaristas, pagos pelo cofre da provincia de Cabo Verde.

Igualmente encontrámos no mesmo orçamento uma verba de 400$000 réis para a acquisição de imagens, decorações de templos e vestes sagradas.

Como mais adiante teriamos de tratar de varios pontos da estatistica de Cabo Verde, pareceu-nos mais conveniente apresentar aqui o mappa da população do archipelago, e seu movimento, por freguezias, elaborado em presença dos mais recentes documentos officiaes.

Comarcas	Ilhas	Concelhos e freguezias	Numero de fogos	Totalidade dos habitantes	Movimento da população		
					Nascimentos	Obitos	Casamentos
Sotavento	S. Thiago	**CIDADE DA PRAIA**					
		Nossa Senhora da Graça	500	2:255	115	113	4
		Nossa Senhora da Luz...	284	1:428	40	34	2
		S. Nicolau Tolentino.....	543	2:512	81	91	4
		S. Lourenço dos Orgãos..	769	3:377	163	97	7
		S. Thiago	557	2:308	114	103	1
		Santissimo Nome de Jesus	225	829	25	38	3
		Somma.....	2:878	12:709	538	476	21
		SANTA CATHARINA					
		Santa Catharina	2:002	10:809	516	77	25
		S. Miguel	1:486	8:234	247	91	20
		S. Salvador	1:114	3:742	246	69	6
		Santo Amaro	689	4:158	131	50	17
		S. João Baptista	330	1:200	56	30	5
		Somma.....	5:621	28:143	1:196	317	73
	Maio......	**MAIO**					
		Nossa Senhora da Luz...	423	1:863	72	24	1
	Brava.....	**BRAVA**					
		S. João Baptista	842	3:706	94	82	11
		Nossa Senhora do Monte	514	2:851	46	47	7
		Somma.....	1:356	6:557	140	129	18
	Fogo......	**FOGO**					
		Nossa Sr.ª da Conceição..	701	4:284	88	46	3
		S. Lourenço............	803	5:052	143	141	10
		Nossa Senhora da Ajuda	641	4:045	118	35	6
		Santa Catharina	131	960	14	–	1
		Somma.....	2:276	14:341	363	222	20
Barlavento	S. Nicolau	**S. NICOLAU**					
		Nossa Senhora do Rosario	1:120	5:011	194	57	14
		Nossa Senhora da Lapa..	314	1:361	63	16	8
		Somma.....	1:434	6:372	257	73	22
	Santo Antão	**SANTO ANTÃO**					
		Nossa Senhora do Rosario	1:352	4:056	131	41	35
		Santo Crucifixo	1:443	4:321	92	40	32
		S. Pedro Apostolo.......	398	1:174	31	31	2
		Santo Antonio do Paul...	1:226	3:678	139	45	25
		S. João Baptista	438	1:414	60	15	3
		Somma.....	4:857	14:643	453	172	97
	S. Vicente	**S. VICENTE**					
		Nossa Senhora da Luz...	236	1:141	62	7	7
	Boa Vista..	**BOA VISTA**					
		S. João Baptista	210	787	28	9	4
		S. Roque	407	1:860	54	22	7
		Somma.....	617	2:647	82	31	11
	Sal.......	**SAL**					
		Nossa Senhora das Dores	189	894	25	12	1

Durante a nossa digressão pareceu-nos bello o paiz, e mesmo em desenvolvimento as producções agricolas.

O solo em geral é argilloso, calcareo e vulcanico, produzindo espontaneamente nas rochas o lichen-rocella ou urzella, e a estrella, que serve para tintas, e é n'ellas empregada como aquella; sendo o preço actual do mercado de 5$000 a 5$600 réis por quintal. Calcula-se só a que produz a ilha de S. Thiago em 300 quintaes por anno; mas o baixo preço nos differentes mercados faz com que o povo d'esta ilha a não aproveite, por dar em resultado um pequeno jornal.

A purgueira tambem nascia espontaneamente por toda a parte e em todos os terrenos. A sua producção, em annos regulares, é 3:500 a 4:000 moios, medida da provincia. (O alqueire da provincia é igual a tres de Lisboa.) O preço regula de 19$200 a 24$000 réis por moio da provincia. O direito de exportação para portos portuguezes é de 3$000 réis o moio, e para estrangeiros 6$000 réis.

Vimos tambem muito milho e algum café.

O preço d'este no mercado regula de 80 a 140 réis o arratel. A sua exportação é calculada em 2:000 arrobas, pagando 1 por cento para a fazenda e 3 por cento para o municipio. A cultura d'este genero, aindaque diminuta por emquanto, póde ter muito augmento, porque todos os terrenos humidos e abrigados do interior da ilha são susceptiveis de produzir excellente café.

Ha muita canna de assucar, cujo preço anda de 40 a 60 réis o arratel. A exportação para fóra da provincia regula de 800 a 1:000 quintaes, sendo a maior parte para Lisboa. Paga os mesmos 4 por cento de imposto que pesam sobre o café.

Todos os terrenos regadios produzem a canna de assucar. O seu principal expositor á exposição de Londres de 1862 foi o sr. Antonio Pereira de Borja.

A producção de aguardente de canna regula por 400 a 500 pipas, e o seu preço de 400 a 500 réis cada frasco, de 7 quartilhos de Lisboa.

Tambem encontrámos algodão branco e amarello, aindaque

pouco pela limitada cultura que d'elle fazem, podendo aliás desenvolver-se muito. O seu preço presentemente é de 80 réis por arratel com a semente.

Vimos igualmente nascido sem cultura o carrapateiro jague-jague, ou bufareira, de que se faz oleo de mamona ou de ricino; mas não tem ali valor, porque ninguem o aproveita.

A mandioca cultiva-se em abundancia, e vale de 640 a 800 réis.

O mesmo acontecia ao arroz, que em annos de abundancia custa 1$600 réis o alqueire do paiz.

Deparámos tambem com anil, tabaco, dragoeiro e a preciosa cochonilha.

Havia igualmente aboboras de varias especies, uma fructa muito parecida com a ameixa de gosto amargo, annona (fructo da India), baqueche, que dá um fructo que ali usam para adubar as comidas. Deram-no-lo a provar como prato muito delicado, quando estivemos na Ribeira Grande. Isto, e um famoso queijo cheio de bichos, que nos offereceram em Inglaterra, como mimo especialissimo, são duas cousas que nunca nos esquecem, a primeira pelo desagradavel paladar, e a segunda pela repugnancia que nos causou. São dos bons bocados a que o viajante muitas vezes está sujeito pelas terras estranhas.

Via-se igualmente por aquelles campos a batata de porco, cuja raiz tem a propriedade purgativa da jalapa; a bombardeira, cujo fructo anda pelo tamanho de um melão pequeno, e que, quando maduro, rebenta e descobre a semente, envolvida n'uma substancia sedosa a que chamam paina na India e no Brazil. Parece-nos que é uma especie de algodoeiro de Siam, do qual os habitantes fazem colchões.

Tambem encontrámos a figueira brava, arvore frondosa, que cresce rapidamente, e que fornece boa madeira para varios usos, extrahindo-se da sua raiz por distillação um liquido que serve para a cura da ictericia. O intendente é um arbusto com que topámos a miudo e que muito se parece com a cacia.

Citaremos ainda o cólo, cujas folhas se parecem com a planta

do chá, e de cuja fibra se fazem cordas; a mamoeira, chamada papaia no Brazil, que posto saiba bem ao paladar, é considerada como doentia; o torta-olho, de que fallámos quando tratámos da ilha de Santo Antão, e que serve para cortumes; e o zimbrão, cujo tronco serve para assoalhar casas.

Tendo dito o sufficiente ácerca das producções vegetaes da ilha, occupemo-nos agora dos animaes. Os bois e vaccas são pequenos e fortes. Nunca matam as vaccas, nem as mungem quando estão creando. Ha muito gado vaccum, de que exportam grande quantidade.

Tambem ha immensas cabras, apesar de matarem uma enorme quantidade todos os annos, principalmente para negocio de pelles que exportam para a America do Norte e para Portugal. As cabras são muito bonitas, de cabello curto e cores variadas.

Ha grande abundancia de porcos, de que tambem exportam muitos.

Quanto aos cavallos são da raça originariamente importada dos jalofos e mandingas do continente africano. São pequenos, de bonitas fórmas, resistem muito e trepam outeiros e precipicios com a agilidade de cabras. Geralmente andam desferrados.

Mullas e burros similhantes aos de Portugal são a unica especie de bestas que ali se emprega em carregar e descarregar os navios.

Não ha em S. Thiago animaes ferozes, nem nas outras ilhas de Cabo Verde; mas a cada passo vêem-se macacos da especie mono-callitricho a saltarem por uma parte e por outra, fazendo caretas e tregeitos risiveis.

Pelo que respeita a passaros os mais notaveis que se vêem são flamingas com as suas brilhantes pennas; Manuel Lobo, grande ave de rapina, da especie de aguia, postoque não sobe nunca tão alto no vôo como este rei dos passaros. O Manuel Lobo tem o pescoço, o ventre e azas branco e o costado preto.

Dos reptis os principaes são as formigas, em muita abundancia e de um grande tamanho. Ha tambem o cupim *(ter-*

mes-destructor), que faz um estrago terrivel nas madeiras, papel, roupas, calçado e em quasi tudo a que póde chegar.

É algum tanto parecido com o famoso e terrivel celalé, tão temido e destruidor em Angola e Benguella.

Em geral os caminhos é que se achavam infelizmente em muito mau estado; mas tudo tem mudado de face, desde o tempo do governo do sr. conselheiro Arrobas, que creou os fundos precisos e deu grande andamento á viação publica, o que depois foi desenvolvido pelo governador Calheiros, e levado a effeito, em grande escala, pelo engenheiro e depois governador da provincia Januario Correia de Almeida.

Com effeito acham-se promptos os caminhos de Fonte Lima, e do Mau Passo ao Engenho, ribeira muito fertil, bem como os de S. Domingos, dos Orgãos, dos Leitões e da Boa Entrada.

Fez-se uma estrada da cidade da Praia para a freguezia de S. Nicolau Tolentino.

Continuou-se a construcção da estrada da cidade da Praia para Santa Catharina, abrindo-se dois lanços de trabalhos em 3 leguas de extensão desde a referida cidade até S. Domingos.

Esta estrada, a mais importante da provincia, quando esteja concluida, em toda a extensão projectada, cortando a ilha de S. Thiago de norte a sul, muito efficazmente concorrerá para o desenvolvimento da agricultura, facilitando a circulação commercial, e proporcionando uma commoda viação aos seus habitantes.

Tambem no concelho de Santa Catharina se concertaram os caminhos de Jaugotó e do Aboboreiro, e se começou a estrada da Achada Falcão, para a Ribeira da Barca, abrindo-se um outro caminho, que vae dar á mina, onde se tirava alvenaria para o novo edificio do paço do concelho de Santa Catharina, cuja primeira pedra foi lançada em 18 de janeiro de 1861, pelo governador Januario Correia de Almeida. Em seguida apresentâmos tambem um quadro interessante das obras publicas effectuadas no archipelago desde janeiro de 1858 até setembro de 1861.

Lith. da Imp. Nac.

RIBEIRA DE S. DOMINGOS
(Ilha de S. Thiago - Cabo Verde)

Por quem custeadas	Designação das obras	Em quanto orçadas	Quando começadas	Quando concluidas	Despendeu-se na construcção da obra — Até dezembro de 1860	Do 1.º de janeiro a 22 de março de 1861	De 23 de março a 30 de setembro de 1861	Total
Pelo cofre dos 3 %	Caes da cidade da Praia	32.066$880	5 março 1859	-	22:095$439	1:455$757	2:144$020	25:695$216
	Montagarro, idem	1:965$088	23 fevereiro 1861	14 setembro 1861	-$-	157$885	1:707$875	1:865$760
	Poços da Fonte Anna e Pacheco	638$154	-	-	29$560	-$-	311$040	340$600
	Somma				22:124$999	1:613$642	4:162$935	27:901$576
Pelo cofre da fazenda	Trem da cidade da Praia, com destino para quartel	7:176$381	28 abril 1860	-	1:982$561	1:401$357	2:901$889	6:285$807
	Caminho da Praia para Santa Catharina	3.054$000	28 março 1859	-	2:039$620	688$300	318$190	3:046$110
	Alfandega da cidade da Praia	123$765	3 novembro 1860	31 janeiro 1861	114$645	9$120	-$-	123$765
	Ilhéu de Santa Maria do porto da Praia	176$708	23 fevereiro 1861	16 março 1862	-$-	175$315	-$-	175$315
	Reparos e augmento da bateria	743$400	22 dezembro 1860	-	16$525	128$580	133$355	278$460
	Diversas obras	-$-	-	-	19$030	1$000	497$345	217$375
	Alfandega da villa do Mindello da ilha de S. Vicente	-$-	Março 1858	-	17:659$264	1:161$220	950$004	19:770$488
	Igreja parochial, idem	-$-	Janeiro 1858	-	1:631$306	285$195	1:099$234	3:015$735
	Quartel e alojamentos militares, idem	14:600$760	13 outubro 1859	-	4:518$736	1:146$388	736$150	6:401$274
	Abertura de poços, idem	500$000	Fevereiro 1859	-	365$310	244$490	167$789	777$589
	Pessoal technico	-$-	-	-	-$-	60$000	476$400	536$400
	Caminhos na ilha de Santo Antão	1:313$285	Março 1859	-	769$490	-$-	518$135	1:287$625
	Estrada da furna para a povoação da ilha Brava	4:853$000	-	-	2:269$457	-$-	1:282$795	3:552$252
	Alfandega da ilha do Fogo	1:476$100	1 abril 1861	-	-$-	-$-	604$420	604$420
	Estrada e poço, idem	480$000	-	-	-$-	-$-	478$200	478$200
	Alfandega da ilha do Maio	356$640	Janeiro 1861	Março 1861	-$-	-$-	374$304	374$304
	Somma				31:385$944	5:300$965	10:238$210	46:925$119

N. B. Pela verba *diversas obras* despendeu-se com as estantes da secretaria do governo 1$000 réis; escada do paiol 8$900 réis; quartel general 16$940 réis; armarios da secretaria do governo 107$070 réis; cadeia civil 53$895 réis; desmancho do edificio do hospital velho 10$540 réis. Nas obras de S. Vicente vae incluido no seu total a cal que se gastou durante o 1.º e 2.º trimestres. A verba de 133$355 réis relativa á obra da bateria foi paga muito depois da suspensão da dita obra.

Mas, tornando ao concelho de Santa Catharina, creado em 1834, por occasião da extincção do da cidade da Ribeira Grande, diremos que tem pouco mais ou menos 10 leguas no seu maior comprimento desde o Pico da Antonia até á ponta do Tarrafal, e perto de 8 leguas na sua maior largura desde o porto da Calheta até á ribeira do Inferno; porém, apesar de conter 5 freguezias, com mais de 28:000 habitantes, ainda hoje não tem povoação alguma que mereça esse nome, senão na Achada Falcão, e no porto da Ribeira da Barca, na costa occidental da ilha. Comtudo possue boas terras do estado, como são as denominadas do Castello, as da Achada Thomás e Mourão, e as da Achada Bella ou da Rainha, que estão incultas. Todavia tratava-se de fazer ali uma grande plantação de purgueira.

Os ares são mui temperados e sadios, e as terras regadas de optimas aguas e fertilissimas.

Apesar do seu bom clima, não obstou isto a que em 1857 soffresse uma epidemia de bexigas, e a que fosse flagellada pela *cholera,* como vemos de um documento, onde se lê que os notaveis do concelho de Santa Catharina agradeceram ao governador Arrobas a caridade, zêlo e energia com que lhes acudiu por occasião da molestia, vendo-o com respeito e admiração á porta da choça dos pobres, e devendo-lhe sem duvida o não ter tido logar n'aquelle anno a repetição dos horrores de 1775 e 1781.

Desde as cinco horas da tarde de 10 de dezembro de 1861 até á madrugada do dia 11 soffreu aquelle concelho novo desastre, caíndo-lhe um tão forte aguaceiro, que breve se viram crescer as ribeiras de uma maneira incrivel, e na força da corrente eram conduzidos gados, de todas as especies, mortos, arvores, etc., calculando-se os estragos em mais de 15:000$000 réis, e tornando-se intransitaveis os caminhos.

Na volta para a cidade da Praia, sentimo-nos atacados da febre, talvez pela excitação da jornada, pela differença de comidas, fructas, etc., ou mesmo por todas estas causas combinadas. Pareceu-nos logo realisarem-se as aterradoras noticias que

d'aquelle paiz geralmente correm em Portugal; mas bem depressa conhecemos quanto são exageradas, porque bastou tomarmos uma pequena dóse de *quinino* para nos restabelecermos promptamente.

Achando-nos bons fomos ver a igreja de Nossa Senhora da Graça, e assistir ao officio divino. O bispo de Angola e do Congo (hoje resignatario, o sr. D. Joaquim Moreira Reis, que ía comnosco de viagem, e a quem devemos mil finezas), deu ao clero e ao povo da ilha a grande satisfação de prégar n'aquella occasião, o que foi ali considerado como um cumprimento muito apreciavel. Para lhe fazer as honras devidas assistiu tambem o batalhão de artilheria de linha, formado quasi exclusivamente de negros, cujo uniforme era uma jaqueta branca.

Depois da missa formou o corpo em parada, e agradou-nos sobremodo a sua firmeza, boa apparencia e evoluções militares. Consta-nos que o arranjo interno dos quarteis, a escripturação, administração, rancho e contabilidade estão em boa ordem, apesar d'aquelles soldados destacarem para tantos pontos.

Fomos convidados para assistir a uma tourada e festa de arraial, que havia de ter logar no Tarrafal. Foram muitos dos passageiros e officiaes do nosso navio, e informaram-nos que os officiaes e banda de musica dos cruzadores americanos haviam de assistir tambem.

Dentro em pouco era geral o movimento para o ponto da attracção; lançou-se mão de quantas especies de vehiculos se encontraram, alem de cavallos, mulas e burros. Tivemos assim opportunidade de ver muitas variedades de animaes racionaes e irracionaes da Africa. Entre os primeiros havia formosas mulheres de varias cores, todas com os seus vestidos de gala; algumas adornadas com as suas manilhas de oiro, prata e coraes, com a cabeça enfeitada com pennas curiosas, presas ao cabello; outras trajavam uma especie de camisa de algodão com mangas até aos pulsos, saias de chita e grandes lenços de algodão amarello ou encarnado, dispostos com certa elegan-

cia e com cintas ou fachas de fazenda da terra a *tiracol*, dando áquellas tafulas um certo ar militar.

As *nhanhás*, isto é, as senhoras brancas e as mulatas, vestiam ao uso europeu, postoque muito longe das modas de Paris.

Os escravos andavam descalços.

Os cavalheiros iam montados sobre altissimas sellas, com mantas ou *xabraques* muito grandes, encarnados, azues claros ou de outras cores claras e brilhantes. O pescoço dos cavallos era adornado com guisos, e a cabeça enfeitada com fitas de muitas cores alegres tambem.

Tivemos occasião de assistir a um casamento na quinta de S. Jorge, situada nos arredores da cidade da Praia.

A belleza do local, o panorama cheio de poesia que ali se apresenta á vista, a sombra de altas e frondosas arvores, que protegem os visitantes dos ardores dos raios do sol d'aquelle ardente clima, são certamente um recreio muito agradavel para aquelles que, cansados dos incommodos de uma longa viagem, alcançam finalmente o gosto de encontrar tão bonito retiro nas suas digressões pela ilha, sendo pena que não se patenteassem flores á vista, que é uma das cousas bellas que ali faltam.

O principal divertimento de muita d'aquella gente durante a manhã até á tarde é o de jogar as cartas, em que tomam um interesse tal que apontam sommas assás fortes, arriscando muitas vezes e apostando os seus escravos, que não raro acontece serem seus proprios filhos! Muitos dos habitantes chegam a ficar arruinados completamente, pelo seu desordenado amor ao jogo.

Sentámo-nos depois á mesa a um esplendido jantar, com uma quantidade immensa de pratos de doces, poisque fazem consistir a grandeza da festa no numero e diversidade de goloseimas que apresentam aos convidados. Era tal a abundancia, que me pareceu havia ali o sufficiente para o consumo a bordo do nosso navio durante todo o tempo do resto da viagem.

Concluido o jantar, e tomado o café e os licores, seguiu-se

a dansa, e entretidos os convivas com as polkas, mazurkas e outras dansas favoritas, passou-se o tempo da maneira mais agradavel.

A entrada do salão achava-se obstruida pela chusma dos escravos vestidos todos em grande gala, e as negras com as suas manilhas de oiro, etc.

Depois da dansa serviu-se o chá, de roda, com uma profusão de doçaria, pasteis, biscoutos, bolos, vinhos e refrescos, de uma variedade tal, como não esperavamos encontrar n'aquellas paragens; e todavia isto não era, como depois verificámos, senão a sombra do que acontece em Angola.

Não havia ainda muito tempo que terminára o chá, quando as mulatas e jovens negras, escravas, das familias dos noivos tiveram entrada na sala, com o fim de nos darem uma amostra da sua favorita e tão afamada dansa, o *batuque*, que foi dirigida por uma tafula e engraçada moça, que em voz alta marcava as novas e curiosas figuras que ultimamente têem sido introduzidas ou adoptadas. Os dansantes começaram por formar um meio circulo a cada extremidade da sala, ficando a directora ou marcadora no centro, depois do que juntaram-se todos, e formaram um *grand rond*, cantando e dansando em roda da moça, que continuára a ficar no centro.

Compunha-se a musica de flautas, violas, rabecas e do *tom tom* ou *batuque*, especie de tambor que dá o nome á dansa. O som d'esta orchestra é o mais desharmonioso possivel. Bem entendido, esta era a musica dos servos, porque os amos e a gente da bóa sociedade têem ali os mesmos instrumentos que se usam nas terras civilisadas.

No entanto os cavalheiros divertiam-se olhando dos corredores e dos quartos de fóra para aquella animadora e curiosa scena das mulatas e negras, ou se entretinham a fumar nos seus charutos e cachimbos na varanda.

Apenas se concluiram as dansas foi a noiva acompanhada em grande pompa á camara nupcial, onde ficou protegida por um forte destacamento de donzellas parentas e amigas; mas não tinham ellas o necessario vigor para poderem resistir ao

ataque repentino que soffreram do noivo, que, segundo o antigo costume, ainda hoje em uso entre varias familias, fez a sua entrada á força, carregando, puxando, empurrando, desviando a fraca e feminil escolta, muitas praças da qual, senão todas, almejavam por igual derrota, sendo ellas as noivas.

Depois d'isto ouviu-se um tiro de espingarda ou de pistola, e receiando que fosse signal de alarme, de fogo ou de outra cousa, corremos com alguns dos nossos companheiros a indagar o que era. Mas em vez de susto e afflicção, não encontrámos senão rostos alegres; não ouvimos senão gritos e exclamações de jubilo, com *vivas* e mais *vivas* aos noivos; e não vimos senão champagne a rôdo, e a repetição de dansas e pulos freneticos cheios de enthusiasmo!

Ficámos completamente estupefactos, e perguntando a explicação d'este enigma, respondeu-se-nos entre gargalhadas: «*Não se assuste, que isto não é mais do que o signal de que a noiva era virgem!*»

As ceremonias funebres tambem não são menos curiosas. Um dos usos mais notaveis que ainda presenciámos na Ribeira de S. Domingos, era o das *choradeiras*, ou carpideiras de profissão, que se alugavam expressamente para acompanhar os defuntos á sepultura, fazendo lamentos durante todo o caminho, e cantando mesmo seus *requiem* de tempo a tempo; ao que se chama *um chòro!* Chegando ao cemiterio deitavam muita *agua benta* á cova. Depois voltavam á casa dos anojados, onde continuavam na sua carpidura e lamentações tres vezes ao dia durante muitos dias seguidos, em cujos intervallos se passava o tempo em comer e beber á regalada!

As viuvas, vestidas de luto pesado, continuavam encerradas durante um mez chorando a sua perda. Conservavam o quarto ás escuras, e encostavam-se sobre o leito, recebendo assim entretanto as silenciosas visitas de pezames das suas amigas.

É este evidentemente um costume bem antigo entre os povos em geral, como se deprehende do que se póde ler no livro do propheta Jeremias, capitulo 9, 17.

FREGUEZIA DE S. DOMINGOS (Ilha de S. Thiago)

Em Cabo Verde havia tambem um outro costume de longa data. Alludimos á noite da vespera do dia de finados, quando as familias e amigos de pessoas fallecidas se dirigiam aos adros das igrejas, ajoelhavam ás portas que estavam fechadas, e oravam pelo repouso eterno dos seus.

Pelo que respeita á descoberta das ilhas de Cabo Verde e da de S. Thiago, são diversas as opiniões, mas preferimos deixar esta gloria a Antonio de Nolle, fundando-nos na obra do nosso sabio visconde de Santarem, intitulada *Recherches sur la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique au dela du Cap Bojador,* bem como na *Chronica da descoberta e conquista de Guiné,* escripta por Gomes Eannes de Azurara, livros a que já alludimos quando no capitulo I e II fallámos das mal entendidas e absurdas pretensões dos francezes.

Com effeito não resta hoje duvida que a ilha de S. Jacobo (hoje S. Thiago), a das Maias (agora Maio) e a de S. Filippe (depois Fogo) foram descobertas todas tres no 1.º de maio de 1460 por Antonio de Nolle, celebre navegador genovez ao serviço de Portugal; e ha boas rasões para crer que foi só dois dias depois (a 3 de maio) que, ao voltar da costa de Guiné, elle descobriu a ilha de S. Christovão (depois Boa Vista).

Successos varios teve a ilha de S. Thiago, já de grande prosperidade, já de grande decadencia, aindaque esta só se começou a sentir, quando depois da restauração de Portugal se entendeu que não devia consentir-se o commercio do archipelago aos estrangeiros, mas sim unicamente aos portuguezes que íam para Cacheu na Guiné, e davam entrada e saída na alfandega que havia na cidade da Ribeira Grande; e tambem aos inglezes, francezes e hollandezes que viessem primeiro aos portos de Portugal, o que deveriam provar por documento competente. Mas este mesmo commercio caíu logo depois nas mãos de uma companhia denominada «Cacheu, rios e commercio de Guiné», que foi estabelecida em 1676, sendo adminis-

tradores Antonio de Barros Bezerra e Manuel Pinto Valdez, e que findou seis annos depois.

Hoje, felizmente, vae a ilha prosperando de novo, como se deprehende do que temos escripto, concluindo aqui a nossa descripção de S. Thiago.

Seguimos a nossa viagem, e quando nos achavamos em 14° 52′ de latitude N. e 15° 26′ de longitude O. de Lisboa, a perto de 11 leguas da ilha de S. Thiago, avistámos o alto pico da do Fogo.

Esta ilha, diz o sr. Brito Capello, bem como todas ás outras do archipelago, é de origem plutonica, e formada de massas de basalto ejectado do interior da terra, que constituem o seu esqueleto, e de extensos depositos sobrepostos áquellas massas, e formados das diversas variedades de basalto compacto de *vake, spilite, peperina*, e todas as rochas compostas de pyroxene e leptimite, variando infinitamente em proporção e textura.

Avulta n'esta ilha, quando se observa do lado de O., um vasto annel de altas rochas que parece terminar o paiz, constituindo a sua parte mais elevada.

Estas rochas continuam a apresentar o mesmo aspecto, isto é, continua a ser fechada, e com a mesma altura a linha que as termina superiormente até o N. aonde é minima a sua altura. De E. por diante começa novamente a altear até O. em que a sua altura é maxima.

Esta montanha annular intercepta na sua base (que existe proximamente a 1:200 metros sobre o nivel do mar) um plano de talude menos rapido do que a sua encosta exterior; este plano continua mais ou menos accidentado, até ser cortado pela superficie do mar; não existe porém este plano em torno de toda a ilha; é exactamente aonde aquelle annel é mais elevado que existe inferiormente aquelle plano, termina no ponto aonde o mesmo termina, começando novamente a augmentar no logar aonde o referido annel de rochas principia a crescer; é pois constituida a ilha, inferiormente, por uma vasta superficie, e superiormente terminada por uma corôa

de elevadas rochas, a qual se acha cortada, apresentando uma vasta solução de continuidade; vê-se mais, que este annel não existe no centro da ilha, e que se acha collocado a um lado d'ella, no ponto que corresponde a E.

Este annel de rochas fecha uma vasta planicie circular e horisontal, dentro da qual se acha collocado o grande cóne, e que vulgarmente denominam pico ou vulcão da ilha do Fogo. Encontram-se igualmente dentro d'esta planicie algumas crateras adventicias, das quaes são tres as principaes: uma que se formou no cimo de uma pequena collina por occasião da erupção de 1817, outra formada na base d'esse monticulo quando teve logar a erupção de 1846, e outra tambem, com o correspondente cóne, e que se formou durante a erupção occorrida em 1852.

Alem d'este grande cóne, existem dentro da antiga cratera algumas outras formadas modernamente, das quaes fizemos menção, bem como algumas aberturas na base d'aquelle cóne por onde saíram as lavas de algumas erupções anteriores á de 1817.

Uma d'estas aberturas formou-se a meia encosta na erupção de 1785, o que fez dizer a quem observou este phenomeno que o pico se tinha aberto perpendicularmente. De feito, as lavas saíndo por aquella abertura deviam formar uma larga faxa luminosa, que faria suppor a quem isto observasse, que o pico se tinha aberto, deixando ver as materias interiores incandescentes.

Existem ainda algumas outras crateras, exteriormente á primitiva; do lado do S. existe uma que, pelas suas grandes dimensões e pela grande quantidade de lavas que lançou, indica a grande intensidade da erupção que teve logar n'aquella epocha; a planicie que constitue o fundo da primitiva cratera acha-se coberta pelas lavas lançadas pelo pico e crateras adventicias posteriores, das quaes as de 1817 lançaram lavas que correram para o NE. em um campo denominado Relva, que existe a E. da povoação dos Mosteiros.

N'este campo encontram-se os vestigios das lavas das tres

ultimas erupções, cujas lavas, apesar de serem identicas, distinguem-se comtudo pelas alterações atmosphericas que têem soffrido as mais antigas; as lavas de 1817 e as de 1846 chegaram ao mar, emquanto as de 1852 ficaram a meio caminho; as duas primeiras não gastaram o mesmo tempo para chegarem ao mar, emquanto as de 1817 levaram tres dias; as de 1846 gastaram menos de duas horas para ali chegarem, e deve notar-se que tanto as primeiras como as de 1852, que nem ali chegaram, correram por um plano bastante inclinado, porém de igual declive em todos os seus pontos; estes phenomenos explicam-se facilmente pela differença das massas e estado de fusão d'aquellas lavas.

O espectaculo que offerece o interior da grande primitiva cratera merece especial menção. Dentro de uma vastissima planicie, que não tem menos de 14 a 15 milhas de circumferencia, rodeada por uma alta muralha de rochas cortadas verticalmente, e de 1:000 metros de altura, eleva-se uma enorme pyramide conica truncada na parte superior, aonde é terminada por uma corôa de rochas negras recortadas e de apparencia singular. O aspecto d'esta especie de obelisco monstruoso isolado no meio d'aquelle vasto circo todo coberto de cinzas e areias negras deve produzir necessariamente uma sensação indefinivel *sui generis:* dir-se-ía ser o resto de enorme fogueira, que mãos gigantes ali tivessem preparado!

Deve pois naturalmente ser grande a sensação de isolamento e mesmo de aniquilamento que se experimentará observando aquelle grandioso espectaculo, senão com os olhos, pelo menos com os do espirito, passando em revista todos os phenomenos, todos os movimentos, todos os horrorosos cataclysmos que tiveram logar desde a formação da ilha até o desfecho, ou, o que é mais provavel, até este grande intervallo de acto d'aquelle extraordinario drama geologico.

Admira comtudo o esquecimento, o abandono e o desprezo em que se acha este vulcão, emquanto de todas as partes e em todos os tempos chovem as descripções dos phenomenos que a natureza, sempre fertil e variada, nos apresenta aos mi-

lhares sobre a terra, descripções, ora poeticas, ora scientificas, exageradas quasi sempre as primeiras, frias e monotonas as segundas.

O vulcão da ilha do Fogo porém é que não tinha merecido até ao relatorio do sr. Brito Capello, não dizemos já uma descripção poetica e pomposa, mas nem sequer um logar entre os pontos mais elevados do globo!... E todavia é um vulcão que medindo em altura, segundo um calculo approximado, cerca de 1:500 toezas ou 2:970 metros, é assim pouco inferior n'este ponto ao grande Etna, excedendo todavia em muito o Hecla, da Irlandia, Enxofreira, de Guadalupe, e até o famoso Vesuvio!

Emfim, para se fazer uma idéa d'este abandono ou ignorancia da existencia do vulcão do Fogo, bastará dizer-se que a visita do referido sr. Felix Antonio de Brito Capello foi a segunda que até ali se fizera ao alto do pico e interior da cratera!

Acompanharam-no n'aquella ardua empreza o segundo tenente de artilheria Julio Cesar de Vasconcellos Correia, e o tenente do corpo da ilha do Fogo, Marcellino José Avelino, moço de merecimento, e o unico de entre os habitantes da ilha que lá tem subido, pelo menos que nós o saibamos.

A primeira visita ao vulcão foi feita na occasião do levantamento da carta hydrographica do archipelago pelos officiaes da marinha britannica, Vidal e Mudge, que já citámos quando tratámos do Porto Grande da ilha de S. Vicente.

O sr. Brito Capello, alem de acrescentar muitas outras noticias e reflexões no seu interessantissimo relatorio ácerca do vulcão da ilha do Fogo, juntou um curioso esboço com referencia ao que escreveu.

O sr. dr. Jacques Nicolau de Salis mandou para a exposição de Londres de 1862 um caixote com productos vulcanicos.

A ilha do Fogo, que terá 144 milhas quadradas, é muito fertil, tudo produz bem, sem exceptuar uvas, pecegos, maçãs, hortaliças, legumes e tudo quanto dá a de S. Thiago. Tem muito enxofre, pedra pomes, sulphato de soda, sal ammoniaco

e boas pedras de filtrar. É tanto ou mais saudavel que algumas das boas terras de Portugal, e comtudo está em grande parte ainda por cultivar.

Todavia a cultura tem tido bastante desenvolvimento ultimamente na ilha, porque vimos um officio do administrador do concelho datado de 19 de fevereiro de 1860, dizendo que na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda se plantaram 25:271 pés de café.

Tambem se vê do boletim da provincia em 2 de março d'aquelle mesmo anno, que um proprietario da ilha, o sr. Jeronymo do Sacramento Monteiro, tem procurado promover a creação da cochonilha, no sitio denominado Pico Pires; os resultados já obtidos promettem ao cultivador avultados interesses, e serão indubitavelmente uma grande fonte de riqueza para a ilha.

Seria para desejar que todos os proprietàrios das ilhas de Cabo Verde seguissem seriamente este exemplo, dando-se á creação da cochonilha, que demanda pouco trabalho e pequena despeza.

Desde 1849 ou 1850 os administradores do concelho têem cuidado com affinco da plantação da purgueira, e vêem-se já alguns terrenos, d'antes baldios, cheios de purgueira.

A mancarra tambem é um artigo de agricultura e commercio novo n'estas ilhas, apesar de já ha muito tempo ser uma producção importante na Guiné, e póde julgar-se por ora no archipelago como um ensaio. Todavia promette igualmente grandes vantagens á vista das experiencias feitas na ilha do Fogo e na de S. Thiago.

A introducção da mancarra nas ilhas de Cabo Verde é um beneficio que seus habitantes têem a agradecer ao sr. João Gomes Barbosa, da ilha do Fogo, que em 1850 mandou buscar a Bissau, na Guiné, uns poucos de alqueires, que distribuiu a algumas pessoas, e semeou nas suas fazendas, recommendando a sua cultura e dando o exemplo, fazendo ver as vantagens que se poderiam obter; e apesar da repugnancia que quasi sempre encontram todas as novas culturas, conse-

guiu exportar da primeira colheita 60 alqueires para convencer os seus conterraneos de que era genero de prompta venda. Em 1853 exportou 12 moios, em 1854 talvez 50, e tem progredido até hoje n'esta proporção.

Finalmente tem-se desenvolvido tambem uma outra cultura não menos importante, a da bageri.

Pena foi que a cholera e outros flagellos, apesar do bom clima da ilha, affligissem tanto, ainda ha pouco, aquelles povos, difficultando o andamento esperançoso da sua agricultura e plantações.

Foi horrivel a mortandade causada pela cholera, grande o terror dos habitantes, e extraordinario o zêlo, a caridade e energia com que o governador geral Arrobas, os facultativos, as auctoridades e as pessoas principaes do archipelago acudiram a tão terrivel mal.

Depois de extincta a cholera, o primeiro cuidado da camara municipal foi deixar solemnemente authenticado na acta da sua sessão de 2 dezembro de 1855, um voto da mais vehemente gratidão pelos beneficios recebidos por todos os habitantes da ilha da parte do referido benemerito governador.

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, a quem foi presente a representação d'esta municipalidade, concedeu ao referido governador a faculdade de usar da medalha de oiro esmaltada de azul, que a mesma camara municipal offerecêra ao conselheiro Arrobas em testemunho de gratidão pelos serviços por elle prestados durante os flagellos da fome e da cholera-morbus que assolaram a ilha do Fogo.

Como já dissemos em outra parte o governo tambem entendeu de justiça galardoar com condecorações das ordens militares do reino os grandes serviços prestados ali pelos benemeritos facultativos Dias, Mayer e Leão, havendo este ultimo alem d'isto escripto uma memoria sobre a cholera-morbus na ilha do Fogo, que se acha publicada nos boletins do conselho ultramarino, e que muito recommendâmos aos nossos leitores, sentindo não poder aqui extracta-la por falta de espaço.

O principal porto da ilha é o de Nossa Senhora da Luz,

d'onde segue o caminho para a villa de S. Filippe, capital da ilha. Esta villa terá 1 milha de comprido sobre ½ de largura, e está vantajosamente situada na encosta de uma montanha, elevando-se gradualmente desde a borda do mar. É muito pittoresca e aprazivel a vista que d'ali se gosa; olhando para o mar descobre-se perfeitamente a ilha Brava a umas 10 leguas; olhando-se para o interior da ilha do Fogo espraia-se a vista por numerosos jardins, hortas e fazendas na mais bella e florescente condição.

Observada do mar, o aspecto da villa de S. Filippe não é de certo menos agradavel, avistando-se as suas numerosas casas de pedra, cobertas de telhas, elevando-se magestosamente em meio d'ellas as altas torres, cruzes e campanarios de algumas oito igrejas e ermidas.

É para lastimar porém a falta que ali se sente de agua de beber, que só se póde obter de grande distancia, em barris, odres, etc.

Os navios comtudo não soffrem tão grande transtorno, porque podem mandar barcos a fazer aguada na praia Ladrão e na Praia da Pena.

Nos Mosteiros ha tambem uma pequena ribeira. Em Palha Carga ha duas nascentes, mas talvez não haja mais de uma em todo o interior da ilha. Tem-se tratado de encanar a agua da praia Ladrão para a villa.

Não é só esta importante obra a que se tem ali dado impulso. Estão em andamento as obras dos paços do concelho e da estrada do porto para a villa. Têem-se feito alguns concertos no caminho da mesma villa para a fonte da praia Ladrão, reparando-se e limpando-se esta fonte.

Mandou-se construir uma alfandega nova e arranjar o forte de D. Carlota para ali ser postado um destacamento.

Os outros portos da ilha são: o Portinho, a E. da Ponta dos Mosteiros, proprio para lambotes; o Portinho das Salinas, a O. da mesma ponta; e o porto da Scilla, aberto ao O. e separado do porto da villa pela montanha sobre a qual está assente a mesma villa.

Ainda ha um outro porto, chamado do Corvo, a respeito do qual o digno e intelligente official da nossa marinha militar e capitão dos portos da provincia, Rodrigo de Sá Nogueira, que fôra encarregado de examinar em 1861 pelo governador geral, deu a seguinte informação:

«É uma pequena enseada E.½ SE. com ⅓ de milha de extensão e um fundo alcantilado de areia preta e fina, podendo-se ancorar desde 3 a 30 braças. Dizem que o porto é mui manso mesmo com os grandes léstes. Póde obter-se agua doce facilmente abrindo-se um poço; tambem não é difficil embarcar e desembarcar n'uma parte da praia, removendo-se algumas pedras; e sem grande custo se poderá formar um caes, a barlavento da enseada, enchendo-se de alvenaria um intervallo que ha entre uma pedra na agua e a terra.»

Ficando-nos a ilha do Fogo para trás vimos immediatamente a O. a ilha Brava e os seus dois ilhéus Seccos, chamados um o Ilhéu Grande e o outro o Ilhéu Rombo.

Junto a estes ilhéus ha muitos outros rochedos, mas os navios têem passagem facil por entre elles.

Todos são deshabitados e não têem agua, d'onde lhes provém o nome de Seccos. Dá-se ali porém o algodão perfeitamente. Ha sal crystallisado nos rochedos. Encontram-se tambem, dizem, agathas e ambar; mas este é immediatamente devorado pelos cardumes de passaros de todos os tamanhos que frequentam aquellas costas, e que os habitantes da Brava costumam matar para fazer azeite de luzes. Finalmente pesca-se n'aquellas aguas muito peixe.

Ao S. d'estes ilhéus jaz em 14° 51′ de latitude N. e 15° 35′ longitude O. de Lisboa, a pequena mas bonita ilha Brava, que tem 36 milhas quadradas de extensão, e que é tão cultivada, linda e saudavel que mereceu o nome de Paraizo do Archipelago, sendo escolhida, até ao tempo do conselheiro Arrobas, para residencia permanente dos governadores geraes.

Apesar da sua pequenez é tão fertil que tem chegado a exportar nos annos bons mais de 400 moios de milho, muito feijão, alguma batata e outros vegetaes.

Tem muitas aves domesticas, gado sufficiente e uma raça especial de porcos, muito procurada pelo saboroso da sua carne.

Ha todas as suspeitas de que nas montanhas da ilha existem minas metallicas, especialmente de cobre; Castilho e Pusich dão noticia de uma de salitre.

Attenta a salubridade da ilha, ordenou o governo em 20 de agosto de 1860 o estabelecimento de um hospicio de convalescença para os militares e empregados; mas não se tendo podido fazer até 30 de maio de 1857, auctorisou então o governo o aluguer de casa propria, compra de mobilia, etc.

Comtudo não podia rasoavelmente ser a capital da provincia por ser a mais distante ou a ultima das ilhas do grupo de sotavento, e porque nem portos tem que admittam mais de 12 navios, quando muito, alem de que a parte habitada da ilha fica a distancia do litoral, nem a povoação principal contém edificios proprios para a cabeça do governo geral.

A ilha Brava é muito frequentada de baleeiros, postoque não tenha senão um porto abrigado, que é a *Furna*, na ponta SE. da ilha chamada *Ponta do Jabundo*. Terá este fundeadouro 200 metros de largo e cerca de 400 de comprido, tendo algum tanto a apparencia de uma doka. A entrada fica-lhe a SE., e tem uma alfandega, armazens, e um forte que para sua defeza construiu o honrado governador geral Fontes Pereira de Mello.

Tres milhas ao N. da Furna ha um outro portinho, denominado a *Fajã de Agua*, onde não cabem talvez mais de 4 navios com amarras á popa e á proa.

Ao SO. da ilha fica o *Porto dos Ferreiros*, que offerece as mesmas circumstancias pouco mais ou menos do da Fajã de Agua; mas desemboca no dos Ferreiros um pequeno ribeiro que fertilisa o terreno que percorre.

Finalmente do lado SO. ha mais o porto do Ancião, onde podem ancorar cerca de 12 navios, que pouco o demandam pela difficuldade que encontram em fazer aguada e receber refrescos, attenta a distancia a que fica das povoações.

Foi n'esta ilha que o inglez Roberts descobriu a urzella em 1730, como já noticiámos.

A povoação principal, S. João Baptista, situada sobre o plató de um elevado monte, está separada do porto da Furna por uma distancia de 4 kilometros, que só se venciam em rampas successivas de 20 a 30 por cento e algumas vezes mais, pela estrada antiga, traçada sem o menor vestigio de arte nas alcantiladas vertentes do monte da povoação. Tornava-se portanto bem evidente a necessidade do traçado de uma nova estrada que com declives mais suaves, e com as mais condições que a arte reclama n'este genero de construcções, satisfizesse commodamente a importante circulação que frequentemente ha entre estes dois pontos. Quando ali foi de visita o activo e intelligente engenheiro da provincia Januario Correia de Almeida, projectou a estrada com suaves declives distribuidos em grandes lacetes e zigue-zagues, traçados a meia encosta do monte principal e seus contrafortes; e no mez de abril de 1860, pela occasião em que começava a fazer-se sentir n'aquella ilha a escassez de alimentos, deu começo aos trabalhos d'esta estrada, empregando um grande numero de braços por modico salario.

Em agosto de 1860 achava-se aberta e transitavel a estrada na extensão de 3 kilometros com 5 metros de largura, tendo uma grande parte já calçada e murada lateralmente; e pelo primor com que é feita e calçada, bem acabados os muros de supporte e vedação, póde considerar-se uma obra prima n'este genero, o que é devido ao cuidado, zêlo e aptidão do administrador do concelho Theophilo Joaquim Vieira, o qual se encarregou gratuitamente da direcção d'aquelle serviço.

Não é este o unico melhoramento que a ilha tem experimentado ultimamente. Tratou-se do caminho da povoação para a Fajã de Agua; preparou-se a fonte do Vinagre em S. João Baptista. Começaram-se os trabalhos para a exploração da agua potavel, havendo as mais bem fundadas esperanças de que se encontrará; e creou-se finalmente um corpo de pescadores matriculados pelo patrão-mór, assim como o gover-

nador Arrobas havia organisado, durante a fome, companhias de trabalhadores em todas as ilhas para ganharem a subsistencia no serviço das obras publicas.

Concluiremos a descripção do archipelago de Cabo Verde, dizendo que os habitantes da ilha Brava são quasi todos brancos, alguns mulatos, e que não havia ali outros pretos senão os poucos escravos.

CAPITULO V

SENEGAL

Ilha de S. Luiz — Aspecto da cidade — Boas vindas — Hospitalidade — Palacio de Bórom N'Dar — Hospital — Caserna de Orleans — Força militar — Uniformes — Systema de administração — Estatisticas — Igreja — Ruas — Habitações dos pretos — Marabutos — Moveis e ornatos — Mesquita de Bopn'dar — Outra vez os marabutos — Penas — Adulterio — Execução — Exanctoração da mulher — Festas — Mr. Duranton — Duellos — Casas dos brancos — Industria — Os griotas — Habitantes — Laptós — Captivos — As signardes — Comidas — Mulheres de empregos — Amores — Casamento — Guet N'Dark — Planos dos francezes — Seu exito — Considerações — Movimento commercial — Amostras na exposição colonial — Exportação e importação — O rio Senegal — Explorações de Mungo Park — Raças que habitam as margens — Ualô — Suas producções — Habitantes — Estabelecimentos francezes — Lago Paniéful — O monte pio de Dakar — Luxo do chefe — Cayor — Estabelecimentos francezes — Joála — Djiolof — Mérinaghen — Os Fulahs — Duas raças distinctas — Futah-Tóro — Estabelecimentos francezes — O Almamy e a cidade de Bulibany — Estabelecimento francez no Bondu — O purrah de Futah-Diállon — Estabelecimentos francezes no Kasso — Fuladugu — Mandingas — Estabelecimento francez no Bambuk — Comparações entre as guerras dos portuguezes em Cassange e as dos francezes no Senegal — Observações sobre o posto militar de Matam — A ilha de Goréo — Sua historia — Descripção da povoação — Salubridade — Aguada — Embarque de gado — Costa do continente — A sociedade em Gorée — Ainda as signardes — Animaes do Senegal — Descobrimento d'esta região — Os viscondes da Carreira e de Santarem — Fabulas de Labat e de Villaut-belle-fond — Reflexões — Gomes Eannes de Azurara — Historia portugueza do Senegal e Gorée.

Descreveremos agora a visita que fizemos á cidade de S. Luiz do Senegal chamada *Andar* pelos nativos, e capital dos estabelecimentos francezes na costa occidental de Africa.

A ilha de S. Luiz, especie de banco de areia formado pelo Senegal, que se lança no mar a 12 ou 20 kilometros de distancia, está situada em 16° de latitude N. e 18° 50′ de longitude O. de Paris, e tem 2:300 metros de comprimento, e 180 metros, termo medio, de largura, com uma superficie de 34 hectares de terrenos absolutamente improprios para quaesquer trabalhos de cultura.

Vista do mar, S. Luiz apresenta o aspecto de uma cidade da antiga Grecia, em rasão das suas numerosas varandas, terraços e balcões ornados de columnatas.

Na outra banda do rio é arido o terreno tambem; mas a 6 milhas da entrada estão as lindas aldeias de *Gandiole,* que se ostentam aprasiveis como uns oasis, no meio d'aquelle solo esteril.

Na ponta do S. da ilha, em vez das mencionadas columnatas e edificios esplendidos não vimos senão uma miseravel bateria, achando-se a maior parte de seus canhões meio soterrados na areia, um certo numero de cabanas de negros, do feitio de colmeias de abelhas, e cobertas de cannas, separadas umas das outras por paredes ennegrecidas pelo fumo!

Do lado de O. vê-se uma lingua de areia muito estreita que se prolonga pelo mar dentro e que o separa do rio. Acha-se sempre coberta de cardumes de aves aquaticas. Na parte O. do Senegal não vimos que existisse nenhum edificio dos nativos ou dos europeus.

O unico objecto notavel é o pharol com a sua torre.

Na ribanceira ou borda do rio jazia uma grande accumulação de lodo ou lama, onde uma porção de hediondas e immundas negras estavam acocoradas, n'uma quasi perfeita e repugnante nudez, fumando tranquillamente nos seus cachimbos, e olhando com a mais estulta indifferença para os navios que passavam.

Comtudo ainda até ali resta ao viajante a esperança de em breve poder observar de perto uma povoação agradavel e civilisada, pensando nas columnatas que descobriu de longe, como dissemos. Mas, ao desembarcar — que desengano! — muda a scena completamente!

Dirijamo-nos para o caes, que tem muralhas de bello tijolo.

Logo ao desembarcar soffre-se o assalto de uma caterva de negras sujas e meias nuas, dando palmas, assobiando, rindo estultamente e fazendo uma bulha incrivel, de modo que o recemchegado, em vista d'aquelles gestos, desharmonia de gritos, e posturas até indecentes, sente-se tentado a buscar refugio no bote e voltar depressa para bordo!

Mas, havendo paciencia e coragem bastante para resistir a tudo isto, o mais acertado é seguir rapidamente o seu caminho, forcejando por escapar áquelles festejos. Dizemos festejos, e com effeito o são, verificando-se ali a fabula das rãs e dos rapazes ao inverso, isto é, o que é quasi um martyrio para o viajante, é um verdadeiro prazer para aquellas negras, sendo

aquillo tudo a final de contas as boas vindas que lhes dão pela sua chegada áquellas ardentes praias.

Vencida esta primeira difficuldade, achámo-nos com animo de proseguir em o nosso empenho, animados com a esperança de encontrar em breve algum asylo. Já nos phantasiavamos perfeitamente accommodados em algum dos sumptuosos *hoteis* em que os francezes são tão afamados! Mas imagine-se qual seria o nosso desapontamento, constando-nos que é cousa que ali não ha!

Felizmente logo apparece algum habitante da ilha que nos salva d'este embaraço, com a proverbial cortezia e hospitalidade franceza. Com effeito apenas chega um navio, os habitantes notaveis correm logo ao caes, como succede nas colonias portuguezas que visitámos, e convidam para suas casas, como nos aconteceu a nós, o forasteiro da maneira a mais obrigante e irresistivel que dar-se póde.

O palacio do governador, ou do *Borom N'Dar* (isto é, o chefe do N'Dar) como lhe chamam os nativos, aindaque pela maior parte construido de madeira, tem a mais bella apparencia.

É muito grande, e com um grande numero de aposentos onde funccionam diversas repartições.

O hospital é talvez o melhor estabelecimento publico de S. Luiz. E que beneficio ineffavel não é um hospital em clima tão insalubre como aquelle, especialmente se, como ali acontecia, é edificado em situação favoravel, conservado em tanto aceio e ordem, supprido de tão boas provisões, medicamentos, e o que é muito importante, de habeis e zelosos facultativos! Tambem se os não tivesse, para que serviria possuir todas as outras commodidades e requisitos?! A melhor prova dos seus serviços medicos vemo-la no grande numero de enfermos que todos os dias salvam das garras da morte, apesar dos francezes geralmente não estarem habituados a um clima tão quente como o nosso.

As colonias francezas são de todas as que conhecemos as que têem melhores hospitaes e providencias sanitarias, como verificámos aqui, e depois tambem nas suas mortiferas Anti-

lhas, onde era realmente bello o estabelecimento civil que ali tinham; é um verdadeiro e sumptuoso palacio militar com extensos dormitorios, salões enormes, varandas magnificas, formosos jardins, abundancia de aguas, uma excellente posição, e sobretudo um aceio e ordem admiraveis. É que a França, como todas as nações illustradas que possuem colonias, entendeu que, antes de se cuidar da administração, do commercio e de quaesquer outras emprezas, era preciso curar da hygiene publica, poisque sem saude ou sem se mitigarem os soffrimentos de tão insalubres climas, não seriam as colonias mais do que uma verdadeira voragem de gente e de dinheiro! Não basta, como até ha pouco, entre nós, viver de patriotismo, dizendo com ufania: «A regeneração de Portugal está nas nossas vastas, ferteis e ricas provincias ultramarinas!!!» Antes de tudo, é preciso empregarem-se os meios convenientes. Para se colher é mister semear primeiro!

A *caserne* (quartel) de *Orleans* é novo quasi todo e muito amplo, tendo accommodações talvez para 1:200 homens. Não podemos comtudo dizer que força tinham ali os francezes para a guarnição do Senegal e suas dependencias, Gorée, etc.; ouvimos porém que só em S. Luiz havia cousa de 800 militares francezes e 250 a 300 soldados negros.

A força militar dos francezes nos seus estabelecimentos do Senegal, Gorée, etc., segundo o almanak de 1861, compõe-se de uma companhia (160 praças) de sapadores do Senegal, de uma companhia (280 praças) disciplinar de Gorée, de um batalhão (780 praças) de atiradores senegalenses, de destacamentos de artilheria e de infanteria de marinha, e de um esquadrão dos *spahis* de Argelia, alem de 3:000 voluntarios que póde fornecer S. Luiz e os outros estabelecimentos.

Os atiradores senegalenses, pelo seu uniforme, lembram logo os famosos *zuavos*, aindaque differem alguma cousa d'estes, tendo cores diversas das adoptadas por aquelles heroes da Argelia, da Criméa, da China, da Italia da Syria e da Cochinchina. Comtudo o fardamento dos do Senegal é largo, simples e pouco dispendioso. A principal differença entre

aquelles corpos consiste em que os atiradores senegalenses usam calções muito largos e de algodão azul chamado *guiné;* o turbante é de fazenda branca, a jaqueta sem mangas e o colete com ellas, ambos de côr azul celeste bordados de amarello, cinto encarnado, meias amarellas e polainas brancas. Têem uma espingarda de dois canos que arma bayoneta e correames pretos.

Como fallámos da tropa, daremos tambem noticia muito de passagem do systema de administração do Senegal.

Ha um governador geral e um conselho de administração que se compõe do governador (presidente) como chefe do serviço administrativo, do judicial, o secretario archivista, o contador geral e dois habitantes notaveis como vogaes.

O estado maior comprehende um official adjunto ao governador, os commandantes militares de *Podor* e *Bakel,* um official addido á repartição dos negocios indigenas, e um chefe do serviço de engenheria.

A administração está nas mãos de um commissario, chefe d'este serviço, com um sub-commissario contador geral *(contrôleur général),* seis ajudantes *(aides-commissaires)* e a precisa gendarmeria.

Ha um thesoureiro e recebedor geral da colonia e um verificador de primeira classe, chefe do serviço das alfandegas, com os competentes empregados e guardas.

No serviço dos portos ha um commandante superior da marinha, o capitão do porto, etc.

Quanto ao serviço medico, tem 1 segundo medico em chefe, 2 cirurgiões de primeira classe, 14 de segunda e 8 de terceira, com 1 pharmaceutico de primeira classe, 1 de segunda e 1 de terceira.

Note-se muito particularmente este numeroso pessoal de saude, n'uma colonia tão pequena comparativamente com as nossas vastas possessões portuguezas, onde, como temos mostrado, são ainda tão deficientes os quadros medicos!

Para o culto religioso ha no Senegal, alem de um vigario apostolico, os precisos curas, etc.

Relativamente ao poder judicial, ha em S. Luiz um tribunal imperial com 1 presidente, 2 conselheiros e 1 guarda mór, alem do procurador imperial de primeira instancia, que exerce perante o tribunal as funcções do ministerio publico.

Tem finalmente o Senegal tambem 1 juiz de primeira instancia.

Segundo o *Annuario do Senegal para* 1858, esta colonia franceza divide-se em dois districtos: o do *baixo rio* (S. Luiz), comprehendendo a parte onde se póde penetrar por agua em todo o tempo, e que se prolonga a uns 400 kilometros da foz; e o do *alto rio* (Bakel), comprehendendo a parte alem d'aquella e que de dezembro a julho fica abandonada a si propria por falta de communicação por agua, seccando-se o rio inteiramente excepto nos sitios que chamam os *marigots* (especie de *oasis de agua* espalhados aqui e acolá, e que depois das chuvas invadem o resto do leito, estabelecendo-se assim de novo a corrente).

Eis agora o quadro estatistico que apresenta o referido *Annuario*.

Legares					Habitantes
Districto de S. Luiz ou baixo rio		S. Luiz			12:081
		Bairros de S. Luiz	Guet-N'Dar		1:336
			N'Dar-Tuté		300
			Buet-Ville		351
	Termo de S. Luiz	Districto do Tubé	Leybar e Sor		118
			Gandon		600
			Ndiében		300
		Ngalel			300
		Os tres Dialakar			1:000
		Menguey e Guemoy			300
		Maka-Diamá			96
		Tionq			20
		M'boió			15
		N'diagô			50
		Tribu Pul ou Fulah			1:022
		Mouros de Uled-bu-Ali			1:322
		Ualô (provincia)			6:100
		Posto de	Daganá		1:538
			Merinaghen		291
			Richard Toll		362
			Lampsar		136
			Podor		916
					28:554
Districto de Bakel ou alto rio		Posto de	Bakel	2:495	3:738
			Arondu (Makhaná)	600	
			Mediná	89	
			Senudebú	534	
			Matam	20	
Tropas indigenas				250	2:442
Marinheiros e empregados indigenas				800	
Militares, marinheiros e empregados europeus				1:392	
			Total geral		34:734

Alem d'isto os francezes, no governo subalterno de Gorée e suas dependencias, têem um commandante militar superior e commandantes particulares das ilhas de Gorée, Carabane, Magdalena, Jogué, Jambarém e de Brem e dos estabelecimentos seguintes: *Grand-Bassam, Assiné. Gabão* e *Sedhiú*.

Gorée tem mais um conselho de administração composto do commandante particular da ilha de Gorée (presidente), do chefe do serviço administrativo, do magistrado de justiça, do contador colonial e do commandante da força armada.

A administração está a cargo de 1 sub-commissario, chefe do serviço administrativo, de 1 ajudante de commissario, contador colonial e de 3 adjuntos *(aides-commissaires)*.

A engenheria tem o seu chefe, e ha 1 patrão mór dos portos, 1 verificador de terceira classe, chefe do serviço das alfandegas, com os respectivos empregados e guardas.

Para a parte judicial existe 1 juiz de primeira instancia, 1 procurador imperial e 1 escrivão.

Finalmente o que é relativo á saude publica, está ao cuidado de 1 cirurgião de primeira classe, de 1 de segunda e de 1 de terceira, bem como de 1 pharmaceutico de segunda classe, pertencentes ao quadro do Senegal, d'onde destacam.

Tornando á descripção da cidade de S. Luiz, a igreja ainda que pobre estava muito aceiada, tendo muita similhança com os nossos templos da aldeia.

As ruas são muito direitas, espaçosas e com as casas bem alinhadas, mas muito cheias de poeira. Talvez tanto ou mais do que as da cidade do Cabo da Boa Esperança, que é a terra de mais pó que temos visto. Quando o vento sopra rijo, levantam-se redemoinhos de poeira em densas nuvens, elevando-se a grande altura e escurecendo quasi inteiramente a atmosphera.

A parte S. e N. da ilha é habitada na maior parte pelos pretos, cujas choças são formadas de cannas. A residencia de cada familia constitue um grupo separado de cabanas, dispostas de modo não inteiramente desagradavel, arruadas, etc. No corpo central vive o amo com suas mulheres, e dos dois lados residem os escravos designados no paiz pelo nome de *captivos*. Ha ordinariamente tambem um pateo ou terreiro, espaço grande que é geralmente occupado pelas creanças, gallinhas e porcos; e é tambem ahi que as mulheres sempre cantando monotonamente, e felizes ao menos na apparencia, cozinham e preparam o milho.

Já dissemos que cada um d'estes grupos de cabanas encerra uma só familia com os seus escravos. Acrescentaremos agora que cada chefe de familia não póde ter mais de seis legitimas mulheres. Os *marabutos* (padres) são porém exceptuados d'esta regra, podendo ter tantas esposas quantas lhes permittam os seus haveres.

Todavia, entre estes povos a primeira esposa é a ama, a principal senhora em casa, e disfructa direitos que não têem as suas companheiras. Apesar d'isto porém vivem todas em boa paz, cuidando com interesse e satisfação dos deveres domesticos. O seu maior prazer consiste em cantar e dansar ao som monotono do *tom-tom*. Todas em geral são modestas, leaes á familia ou communidade, e diz-se que guardam fidelidade aos maridos ou chefes.

As choças são de ordinario todas muito similhantes umas ás outras, havendo muito pouca differença entre a do amo e as do escravo ou servo; pelo que respeita a mobilia e aos arranjos internos, um canapé de pau, um ou dois bancos ordinarios e algumas esteiras para se sentarem ou, para melhor dizer, acocorarem, constituem toda a sua mobilia; conservam lume acceso noite e dia. Do tecto pendem muitas cabaças de diversos tamanhos e varias fórmas, que usam como de pucaros ou botijas. Vêem-se d'ahi igualmente dependuradas as suas panellas, *gris-gris* (rosarios ou feitiços), e os que são mussulmanos uns saquinhos de couro que compram aos seus sacerdotes, e que contêem versiculos do Alcorão, o que consideram como um dos remedios mais efficazes para preservar os crentes de quaesquer maleficios dos homens ou dos espiritos.

A mesquita d'estes sectarios ergue-se na ponta do N. da ilha, em *Bopn'dor* (ou cabeça de S. Luiz), e da parte de fóra da porta vêem-se ali acocorados á sexta feira, o seu dia feriado, uma porção de *marabutos* velhos ou enfermos que vivem de esmolas. Estes santos varões, n'uma algaravia similhante á dos vendilhões das ruas, estão sempre repetindo as palavras « *Allah mujá rabllanah!* » (Deus abençoará quem for esmoler á sexta feira). D'esta fórma apanham ao povo o necessario em

milho e farinha para encher a barriga durante a semana. Retiram-se então a qualquer praça proxima, para onde chamam o povo e recitam algumas orações. Nunca entram no interior da mesquita sem primeiro fazerem as suas abluções na parte exterior, poisque o propheta disse: «Deve-se estar limpo de corpo e de espirito antes de entrar no santuario!» E, se não é possivel obter agua, o Alcorão permitte em substituição o uso de areia.

Estes *marabutos* raras vezes permanecem residindo n'um certo e determinado local. Andam sempre vagueando por uma parte e outra. «Somos (dizem elles) *peregrinos* em todas as partes da terra». Mas é verdade que para não correrem perigos nas suas excursões devotas trazem sempre comsigo ampla porção de *gris-gris*, que têem todavia a complacencia de repartir com os crentes a troco de presentes e de dinheiro.

Os *marabutos* em certos sitios são quem administra justiça ao povo. Em geral as suas decisões têem um caracter inteiramente novo e digno de se notar: não são partidarios de dispendiosos estabelecimentos penaes, nem de policia tão pouco; e as sentenças que dão contra os criminosos consistem unicamente na prohibição de casar, segundo a gravidade do delicto, durante dois, quatro, oito, dez ou mesmo vinte annos. Se o crime porém é de caracter muito grave, o réu é condemnado a perpetuo celibato.

Todavia, entre outros, ha um crime considerado por aquelles povos, como merecendo pena de morte. Este crime é o adulterio. Arrasoam assim: «Se se roubar carneiro, fazenda ou outro qualquer objecto, é possivel haver restituição, mas aquelles que cortam o nó do casamento nunca mais o poderão apertar; e portanto, como o culpado não póde restituir aquillo que roubou, deve pagar o delicto com a vida; considerando-se castigo sufficiente para a adultera deixa-la viver para sua vergonha».

Se acaso tem logar uma execução por motivo de adulterio, expõem o réu ao publico, passeando-o pelas ruas, acompanhado de musica de *tom-tom*. N'estas occasiões vê-se pouca

ou nenhuma sympathia manifestada para com o padecente, poisque o povo não mostra interesse pela vida de um criminoso. A pena de morte é inflingida por meio da decapitação, sendo o executor o injuriado esposo.

No entanto a adultera amarrada a uma arvore assiste ao supplicio do seu amante. Depois da execução desprendem-na, despojam-na dos seus fatos usuaes, e vestem-na com a curta saia de chita que os escravos usam ordinariamente. Portanto fica assim para sempre exautorada da sua condição de mulher legitima e senhora em casa, passando a pertencer á ordem mais baixa das escravas ou captivas de seu marido.

O povo celebra duas festas que considera particularmente solemnes, *Gamon* e *Tabasqui*, cada uma das quaes dura oito dias. A maneira por que as celebra é algum tanto singular, aindaque simples. É por meio de lutas, que se assimilham ao que se conta dos antigos gregos nos seus jogos olympicos. Os competidores, depois de haverem primeiro untado muito bem o corpo todo, dão entrada na arena, onde travam com o seu antagonista renhida luta muscular. Logoque algum dos competidores consegue lançar por terra o seu antagonista, é immediatamente acclamado vencedor em altas vozes e conduzido em triumpho por toda a cidade de braço dado com a amante!

A proposito d'estes certames, referirei uma romantica historia que se conta de mr. Duranton, encarregado pela Inglaterra e França de explorar o interior da Africa. Diz-se que partíra de S. Luiz acompanhado de escravos e com uma grande quantidade de fazendas, e que havendo chegado a *Tombuctu* suspendêra depois a sua jornada no Kassó, n'uma tribu mui rica, onde se enamorára da filha do chefe. O pae considerando como grande honra esta alliança, annuiu com satisfação á proposta de casamento. A unica condição imposta ao apaixonado candidato foi, que como nos antigos tempos cavalleirescos, havia de entrar em luta com qualquer outro pretendente e vence-lo n'aquelle *combate amigavel*. O nosso esforçado e valente europeu annuiu a tudo immediatamente, e em breve

obteve o premio, ficando vencedor na luta. Como o seu sogro era o cabeça ou soberano d'esta rica tribu, mr. Duranton na qualidade de genro tornou-se tambem candidato ao throno, ao qual subiria se triumphasse no grande combate nacional da luta com qualquer outro pretendente. N'este segundo torneio fez tambem taes proezas, que logrou ficar vencedor, pelo que sem mais opposição foi coroado e acclamado rei. Appareceu depois por varias vezes em S. Luiz apesar da sua residencia ser muito longiqua. Estendeu os seus dominios e augmentou a sua riqueza, fazendo varias conquistas importantes sobre as tribus circumvizinhas. Por sua morte foi enterrado em um vasto sepulchro que mandára construir para si proprio, e que a certos respeitos é similhante ao do propheta em Mecca.

No centro da cidade de S. Luiz, que é muito falta de agua, as casas dos brancos e da gente abastada são muito soffriveis; os materiaes de construcção, como tijolos, cal, etc., são porém caros e de qualidade muito inferior. A pedra vem-lhe de *Galam*, a distancia de 450 milhas, e a madeira da America.

As casas têem pateos extensos contiguos, nos quaes se erguem as cabanas dos servos negros. N'estes recintos se vêem correr nuas, ou quasi inteiramente despidas ás creanças, emquanto as mulheres se occupam activamente nas suas diversas obrigações, segundo a idade e a força. No entanto os homens entregam-se á pesca, ao mercadejar pelo rio acima, á caça, ao córte de madeiras e ao cultivo de pequenos hortejos, ou em fabricarem pannos, o que fazem sentados, ou para melhor dizer acocorados na praia ou em qualquer parte fóra da porta, mas raras vezes debaixo de telha.

Pouca variedade se encontra na qualidade ou padrão d'estes pannos. Alguns são listados longitudinalmente, outros transversalmente, emquanto que muitos são pintados de varias cores em xadrez. As cores favoritas são a encarnada e a azul. Os artistas são chamados *griotas*.

A um lado do pateo levanta-se a habitação do senhor, á qual fica contiguo um jardim bem povoado de arvores e flores. D'aquelle jardim sobe-se a uma varanda d'onde se entra para

a parte da habitação que a familia occupa, cuja principal casa é um extenso salão que serve de sala de visitas e casa de jantar. As paredes são brancas, de estuque; no centro está uma mesa oblonga; tres ou quatro toscos divans de madeira cobertos de esteiras de varias cores guarnecem as paredes, onde de ordinario estão dependurados em pregos, sandalias de Marrocos, chapéus de folha de palmeira, cachimbos, espingardas e muitos outros objectos.

A população de S. Luiz compõe-se de brancos, habitantes indigenas livres, negros ou de sangue misturado, negros engajados por temporada, e os chamados captivos ou escravos negros.

Os habitantes indigenas livres são, ou gente de côr proveniente da mistura das duas raças branca e negra, ou pretos inteiramente, professando em geral a religião mussulmana, e conservando os usos e costumes da Africa. Empregam-se quasi todos no commercio e navegação do rio, e na pequena cabotagem da costa. Chamam *laptós* aos pretos, comprehendidos os *captivos*, que se empregam a bordo das embarcações, os quaes são bons e fieis marinheiros.

Não ha na colonia nenhum prejuizo de castas; quasi todos os funccionarios civis de S. Luiz e de Gorée são gente de côr; entre o clero mesmo contam-se muitos negros e mulatos.

S. Luiz, pelas suas frequentes relações com os povos independentes do interior, que todos traficavam em escravatura, achava-se n'uma situação especial e inteiramente differente da de todas as outras colonias na questão d'este trafico. Por outro lado, as culturas emprehendidas no *Walló* ou *Ualó*, sob a protecção directa do governo francez, exigiram um recrutamento de trabalhadores, entre os pretos dos paizes do interior, em consequencia dos *captivos* de S. Luiz serem julgados pouco proprios para os trabalhos agricolas, e os pretos livres apresentarem a maior repugnancia em se prestar de *aluguer* aos proprietarios dos novos estabelecimentos. Data desde então o regimen que adoptaram de Inglaterra dos *engajados por temporada*, regimen que a Gran-Bretanha estabeleceu nas suas

colonias da Africa, introduzindo os negros do interior sob condição de serem libertados immediatamente, servindo quatorze annos aquelles que não têem com que pagar o preço da sua liberdade.

A vida que passam os brancos no Senegal é monotona e sedentaria, salvo no tempo do negocio das gommas em que ha ali grande movimento.

As *signardes* (senhoras do paiz), ordinariamente de origem franceza, ingleza ou mourisca, passam o tempo recostadas nos seus divans, cercadas das suas numerosas servas, entretendo-se em conversas de amores.

Algumas d'estas *signardes* são verdadeiramente formosas, especialmente aquellas que são roubadas aos acampamentos dos mouros do norte do continente. O seu principal adorno de cabeça consiste em um lenço que arranjam á maneira de turbante, de um modo bem vistoso na verdade, e nos brincos de oiro de variados gostos. Trajam uma especie de veste da mais fina cassa que mal esconde o peito, com uma ampla aba de fazenda.

As mulheres das classes mais ordinarias do povo usam unicamente uma curta saia de panninho azul em roda dos quadris, e algumas tambem um lenço amarrado á roda da cabeça. Quando sáem com os filhos costumam geralmente prende-los ás costas, como vimos fazer ás hottentotes na Africa austral.

A todas as comidas as mulheres são obrigadas a estar de pé por detrás dos seus *senhores,* e a servi-los, pratica esta que não sabemos como se tem perpetuado em presença da proverbial polidez e cortezia dos francezes. A mesa é coberta com uma esteira muito fina, de que usam em vez de toalha, sobre a qual a esposa põe a *coberta* favorita, que é composta de cus-cus e de outros pratos muito condimentados. Comem todos do mesmo prato, com os dedos em vez de garfos, costume este que muito repugna ao viajante. Têem muito boas fructas e doces em grande variedade, assim como optimos cremes que fazem com o leite de cacau.

Ha um costume singular entre estes povos: queremos re-

ferir-nos ás chamadas *mulheres de empregos;* e para que o leitor se não perca, como nós nos perdemos, em conjecturas, diremos o que similhante denominação significa.

Eis a explicação: qualquer viuva reclama como seu esposo todo aquelle que succede no emprego que exercêra o seu defunto marido! Espera com paciencia que chegue o novo despachado, e é então que o informa que, como *mulher do seu emprego,* com seus filhos (se é que os tem) anciosamente aguardára a sua feliz chegada ou nomeação. Raras vezes ha difficuldade em se concluir satisfactoriamente tão delicado assumpto, uma vez que o successor do marido possa offerecer o dispendioso enxoval a que a *signarde* tem direito.

Se qualquer dama se enamora de um cavalheiro, manda um dos seus escravos ao que merecêra as suas attenções, a fim de lhe participar que sonhára com elle de noite, pedindolhe que diga se lhe aconteceu o mesmo, e supplicando-lhe emfim que lhe envie por especial favor um par de calças ou de seroulas para metter debaixo do travesseiro e assim certificarse melhor da verdadeira natureza do caso! Como é de suppor, seguem-se a isto os mais deliciosos sonhos, mandando a *bella* todos os dias ao amante um *boletim* das differentes circumstancias e phases por que tem passado, e termina tudo isto em recebe-lo por esposo.

Quando estes importantes preliminares têem chegado ao appetecido termo, começa a pomposa ceremonia das nupcias, reunindo-se á porta do noivo uma turba de musicos e cantores, não esquecendo o famoso *tom-tom.*

Acha-se entretanto preparada a noiva com a sua musica, composta da mesma especie de instrumentistas e coristas. Agora vereis o que é alegria e movimento em casa do noivo, emquanto anciosamente ali se espera o cortejo da sua futura. A final ouvem-se os distantes sons da musica, e immediata e simultaneamente se levanta o grito de «*ei-la que chega!*» Com effeito depressa se vê a comitiva a distancia, tornandose cada vez mais distincta e ruidosa á medida que mais e mais se approxima da feliz prisão do hymeneu. Á frente do bri-

lhante cortejo vem a musica seguida por uma longa fileira de senhoras de côr duvidosa.

A noiva é acompanhada de cada lado pela mãe e pela avó, ou na falta d'estas por outras parentas mais proximas.

A primeira cousa que faz apenas chega junto do seu *senhor* é prostrar-se a seus pés em testemunho de submissão. Depois d'este primeiro acto segue-se o banquete nupcial, durante o qual a noiva toma o seu logar, de pé, por detrás da cadeira do noivo, servindo-o com toda a humildade, dando-lhe assim uma prova evidente de completa sujeição e obediencia como a seu marido e senhor.

Começa então o baile, que é estreado pelos conjuges, confundindo as duas musicas os seus discordes sons de uma maneira horripilante. Depois entram em scena as *signardes* para apresentarem as suas prendas á noiva, consistindo de variadas especies de pannos ricos do paiz.

Em seguida retiram-se os ditosos esposos, mas os convidados continuam as dansas durante mais algum tempo.

Na manhã seguinte apparece a esposa com outro trajo: em vez da curta saia que deixa a descoberto as pernas, veste um comprido vestido arrastando pelo chão, que continua a usar successivamente por espaço de doze dias.

Acontece ás vezes que os europeus preferem donzellas escravas ás *signardes*, mas aquellas moças, pertencentes ao que se póde chamar a classe superior das escravas, apenas obtêem a liberdade, apesar de todos os protestos de amor, tratam de aproveitar a primeira opportunidade para se irem reunir aos seus primeiros amantes, de quem haviam sido separadas pela escravidão.

Na costa do continente ha pouca ou quasi nenhuma vegetação; mas a benefica Providencia attenuou de algum modo esta deficiencia, dotando a ilha com uma grande quantidade de coelhos, perdizes, pintadas, codornizes, etc. Tambem ha gazellas e passaros de linda plumagem.

A costa é muito abundante de excellente peixe, particularmente junto da aldeia denominada Guet N'Dark (curral de

S. Luiz), onde ha uma lingua estreita de terreno arenoso entre o rio Senegal e o mar; costumando muito o povo ir ali á caça e a banhos.

Foi ao activo e intelligente governador geral, o coronel de engenheria mr. de Faidherbe, que o Senegal (onde fôra primeiramente director das obras publicas) deve o grande desenvolvimento em que hoje vae estando, sendo levado a effeito o seguinte plano dos francezes:

1.º Não continuarem estes a depender dos mouros no commercio das gommas, fazendo-se actualmente quando, como e onde mais convem aos negociantes; e não, como antigamente, só em epochas e sitios determinados e por um certo systema que os mouros estabeleciam.

2.º Resgatar o trafico do rio de todo e qualquer imposto obrigado, não consentindo que os chefes indigenas das margens considerem as sommas annuaes que lhes paga o governo francez senão como um presente.

3.º Fazer reconhecer que o rio pertence á França, e que esta nação não pagará por consequencia cousa alguma, quer por commerciar, quer por fundar quaesquer estabelecimentos no Senegal.

4.º Finalmente, tornar independentes dos mouros os estados da margem esquerda do rio Senegal, não embaraçando o governo francez de modo algum as caravanas dos mouros, e sem permittir aos seus chefes que exerçam o menor acto de auctoridade sobre os povos da referida margem.

Passaremos a expor aqui em resumo os progressos que os francezes realisaram no Senegal, sob a direcção de mr. de Faidherbe.

Tomaram posse em 1854 do forte de Pódor, construiram a ponte e o caminho de Leybar que dá serventia para Cayor, reino fertil e rico: formaram a aldeia chamada Bouet, que commemora o nome de um governador tambem querido na colonia, o distincto almirante conde de Bouet de Willaumez. Ao mesmo tempo, em conformidade com o seu plano, o previdente governador supprimiu o pagamento do *costume* no

reino do Futah, que tanta disposição tinha sempre para attrahir os inimigos dos francezes, maltratando os commerciantes d'esta nação.

No anno seguinte (em 1855) teve logar a occupação de Mediná, o que deu logar a um dos mais brilhantes feitos de armas de mr. de Faidherbe; annexou ao territorio francez as povoações de Daganá e Bakel; occupou os arrabaldes de S. Luiz; conquistou Ualô, que foi declarado provincia franceza; fundou uma feitoria commercial em Pódor; e finalmente deu um passo mais no que respeita á abolição de pagamentos aos indigenas de direitos chamados *costumes*, sendo declarado aos povos Trarzás e Bracknás que os francezes não lhes pagariam mais nenhuns impostos, sob qualquer pretexto ou denominação com que os reclamassem.

Foi isto o que deu origem ás guerras que se têem seguido com aquelles povos salteadores da margem direita do rio.

Depois (em 1856) mr. de Faidherbe occupou o Tubé e o annexou ao termo de S. Luiz; desenvolveu e augmentou o estabelecimento de Bakel; creou um seminario no Taué; estabeleceu o regimen civil para os negros em S. Luiz; fundou o jornal official do Senegal, que sendo redigido em francez e arabe, leva ao longe por aquelles sertões dentro a influencia, os principios e o germen da civilisação dos francezes.

Foi installado igualmente no mesmo anno em S. Luiz um estabelecimento a vapor para o serviço de mineração, e o governo francez fez numerosas concessões de terrenos aos indigenas que procuraram segurança em torno dos postos militares dos francezes á sombra da sua respeitada bandeira.

Finalmente, mr. de Faidherbe em 1857, porfiando no pensamento de firmar o poder francez, estabeleceu á força um posto em Mátam, local mui distante pelo rio acima, entre Mediná e Bakel; ligou definitivamente S. Luiz ao Guet N'Dar por meio de uma excellente ponte; fez estabelecer um tribunal mussulmano em S. Luiz; supprimiu o pagamento *dos costumes* ao rei de Cayor e ao dos Dowichs; creou escolas de instrucção primaria; organisou um corpo de interpretes, e creou o corpo

militar de trabalhadores indigenas, de que podem resultar as maiores vantagens áquelle paiz.

Mr. de Faidherbe, entre outras escolas, abriu em S. Luiz uma muito importante denominada *dos refens,* com o fim especial de ali serem educados os filhos e successores dos reis dos povos do Senegal.

Ha pouco tempo estiveram em París tres d'estes jovens negros, chamados Maká Amady, Nafé Bakary e Koly, que despertaram n'aquella capital a mais viva curiosidade e o maior interesse e sympathia, sendo bem parecidos, trajando ao estylo turco, e tão espertos e intelligentes que admiraram os professores que os examinaram.

Se tivessemos nas nossas provincias ultramarinas muitos governadores como mr. de Faidherbe, outra seria de certo a situação d'aquella vasta porção da monarchia portugueza!

Emfim, o que é certo é que, desde o tempo do habil governador mr. de Faidherbe, o Senegal apresenta já um movimento commercial de mais de 600 navios e de perto de réis 2.000:000$000! Na exposição colonial permanente do ministerio da marinha em França vêem-se bellas amostras de oiro do Senegal, proveniente das minas de Bondu e Bambuk, que o governo francez mandou explorar, e da lavagem das areias de Faleimié. Estas amostras consistem em anneis, braceletes ou manilhas e collares, obra dos mouros e dos negros do paiz. Tambem se vêem no mesmo museu ou exposição permanente amostras de uma qualidade de café a que dão o nome de Rio Nuno. Este café tem um aroma delicadissimo, e foi descoberto no estado silvestre, no interior da Africa occidental: colhem-no na vertente das montanhas do Futah-Djallon, e o seu deposito em Gorée iguala-o nos direitos da alfandega aos cafés das possessões francezas.

Já dissemos qual é o movimento commercial do Senegal, acrescentaremos agora que aquella somma de dois mil e tantos contos de réis comprehende a exportação e importação.

Aquella consiste nas gommas as mais estimadas, sementes oleaginosas, couros, bois de lavrar, para as Antilhas, marfim,

oiro, madeiras de construcção, differentes especies de milho proprio para a distillação nas fabricas de alcool. Tambem crescem por toda a parte no Senegal o algodão, anil e tabaco, que só é aproveitado pelos indigenas. O tabaco do Senegal é excellente, e os negros têem tal paixão por elle que prefeririam ter fome a deixar de fumar.

Quanto á importação não eram admittidos navios estrangeiros, mas a colonia póde introduzir em navios francezes os numerosos productos estrangeiros proprios do commercio de permutação no interior. Entre os generos estrangeiros que ali têem maior saída, citaremos espingardas e polvora de Inglaterra e da Belgica, o ambar amarello (ou falso ambar) de Allemanha, e as *guinés* ou fazendas azues de algodão da India, que tomam aquelle nome pela sua grande saída nas costas de Guiné.

Apesar das guerras intentadas por mr. de Faidherbe, o commercio do riba-Senegal chegou n'aquelle anno (1856 a 1857) a um estado florescente, descendo desde Bakel para o porto de S. Luiz o valor de mais de 200:000$000 réis de varios artigos, em que se incluem cerca de 11:000$000 réis em oiro, sendo as remessas de fazendas para o interior muito mais consideraveis do que nos annos anteriores, poisque no de 1856 a 1857 chegaram a um valor de 180:000$000 réis, destinando-se já para as feitorias secundarias de Mediná, Senudebú e Mátam uma pequena parte.

Se os francezes pois conseguirem pôr termo ás continuadas correrias e guerras que soffrem no interior do Senegal, é de suppor que o seu commercio adquira grande desenvolvimento, poisque é certo que as gommas do Senegal são as mais estimadas nos mercados europeus.

Quanto ao commercio de Gorée e das suas dependencias, as suas importações subiam em 1857 a 90:000$000 réis, e as exportações a 54:000$000 réis, regulando o movimento da navegação por 700 navios entrados e saídos.

Antes de passarmos a tratar da ilha de Gorée e suas dependencias, occupar-nos-hemos em dar uma mui resumida noti-

cia do Senegal e dos seus outros estabelecimentos que, segundo Ritter, comprehendem uma extensão de 200 milhas em largura.

O rio Senegal é formado pela reunião dos seus tres grandes affluentes: o Kokoró (rio do Perigo), braço oriental do Senegal; o Ba-Fing (rio Negro), que os mandingas consideram como o braço principal do Senegal; e o Falemé.

O Kokoró foi o primeiro rio que Mungo-Park encontrou alem da aldeia de Worumbang, limite do paiz mandinga, do lado do montanhoso territorio de Jallonkadu. Depois o famoso viajante, dirigindo-se sempre para O. passou os dois pequenos rios Ba-Qui (rio Branco) e Ba-Uolima (rio vermelho), d'onde seguiu, passando diversos ribeiros e visitando varias aldeias em territorios cobertos de bosques, cheios de animaes ferozes, e não apresentando uma habitação sequer, em extensão talvez de 20 milhas geographicas; atravessou finalmente o Ba-Fing em uma ponte de construcção singular, e mais longe a O. deu entrada nos montuosos e pedregosos paizes de Uoradú e de Konkadú, que formam propriamente a divisão das aguas do Ba-Fing e do Falemé. Chegou primeiro á margem do Ba-Li (rio de Mel), affluente da margem esquerda do Ba-Fing, e foi só depois de nove dias de uma marcha forçada que pôde chegar ás margens do Falemé, a pouca distancia da povoação de Satadú, capital do districto assim chamado e não longe da origem d'este rio.

O territorio mandinga forma a bacia superior do Senegal, cercada de um segundo degrau ou terraço medio, por um semi-circulo de montanhas menos elevadas, que cobrem os paizes de Foladú, de Kassô, de Bambuk, de Kaadschagá, de Konkadú, de Dentiliá, de Satadú, de Bondú, de Neóla e de Tendá, prolongando-se alem das margens do Senegal e do Kokoró, sendo os seus limites ao N. e ao O. as planicies do Kaartá e do Bambará, que marcam a separação das montanhas e dos desertos de areia.

A segunda viagem de Mungo-Park deu a conhecer o paiz de Foladú, que se estende a E. do Bambuk e que até ali era

completamente desconhecido. Fez a sua entrada pelo districto de Gangáram que lhe forma a parte SO., e successivamente passou por Kandy, povoação outr'ora mui florescente, e que fôra incendiada dois annos antes da sua viagem; por Koiná, aldeia fortificada no meio de rochedos e precipicios; Fonillá nas margens do Uondû; Bulinkumbú, a 8 milhas ao NO. de cuja povoação atravessou a de Serra-Babú junto do ribeiro de Kinyacó; e dirigindo-se para NO. chegou a Keminum ou Maniakorró, a terra mais bem fortificada que o illustre viajante havia visto no interior da Africa, a pouca distancia do Kokoró que n'este sitio forma muitas cascatas. Depois voltando para E. visitou ainda Seransang, aldeia muito populosa, rodeada de uma vasta planicie, e alem do Ba-Uolimá, o principal braço do Kokoró, visitou Bangássi, terra mui bem fortificada, e quatro a cinco vezes mais consideravel do que Maniakorró; mas a partir de Bangássi até ás fronteiras dos Bambarás, não encontrou senão villas em ruinas.

A margem direita do Senegal desde S. Luiz até Bakel [1], é percorrida por tres grandes tribus de mouros nomadas do deserto, conhecidas pelos nomes de trarzás, braknás e dowichés, formada da fusão dos berbers, çanagás ou zenagás, antigos habitantes do paiz com os arabes. Todavia é certo que os trarzás e os braknás têem alguns estabelecimentos fixos em certos pontos habitaveis do Sahará, occupando *oasis* situados a consideraveis distancias das margens do Senegal, dirigindo-se em certas epochas do anno aos postos e feitorias francezas para trocarem as suas gommas por outros generos ou fazendas, taes como pannos, denominados *guinés*, armas, polvora, missangas, folhas de tabaco, etc.

A margem esquerda do rio até Bakel é exclusivamente occupada por povos de raça negra, que formam a verdadeira população do S. do Senegal ou da Senegambia, e se dividem em tres grandes familias: a raça uolof ou yolof, a que nós chamâmos jalofa, á qual devemos ligar os sérers; a raça malinké

[1] Vide *Malte Brun.*

ou mandinga, á qual se acham ligados os soninkés, e a raça pul, peul ou fulah, como mais vulgarmente é conhecida.

Os restos do grande imperio dos jalofos, que ha duzentos annos teve grande importancia sob o sceptro do famoso Bur-ba-Djiolof, formam hoje cinco reinos distinctos; a saber:

I Ualô, Wallô ou Hual, situado na embocadura do Senegal, na sua margem esquerda, estendendo-se para E. com 12:000 a 15:000 habitantes, soffrivelmente cultivado, produzindo milho, arroz, algodão, batata doce e anil, sendo porém as gommas e a madeira de ebano os principaes objectos do seu commercio.

Este paiz é em parte coberto de pantanos formados pelo rio, e tem muitas aldeias compostas de choças ou cabanas denominadas *cases* pelos francezes, parecidas com os pombaes, e pouco mais ou menos divididas e mobiladas como as que já descrevemos das proximidades de S. Luiz.

Os habitantes do Ualô são em geral bem conformados e robustos. As mulheres têem olhos pretos, grandes e bellos, bôca pequena, labios delgados, fazendo n'isto pois grande differença das outras pretas da Africa meridional. Algumas vimos realmente formosas. O costume porém que têem de besuntar com manteiga, muitas vezes rançosa, o cabello para o tornar mais macio, faz com que ao pé percam bastante na favoravel e agradavel impressão que primeiro inspiram de longe. Havendo-se tornado o Ualô provincia franceza, desde as ultimas conquistas que se fizeram no Senegal no governo de mr. de Faidherbe, foi dividida nos quatro circulos seguintes:

1.° Daganá (comprehendendo as povoações situadas entre o posto militar d'este nome e o *marigot* ou pantano de Thuey); aquelle posto está situado na margem direita do Senegal, a alguns 112 kilometros em linha recta ao NE. de S. Luiz, e a 140 kilometros pelo rio acima. Tem um quartel em recinto amuralhado com ameias e bastiões.

2.° Richard-Toll (comprehendendo as povoações entre este posto e o de Makaná); o dito posto é situado na margem esquerda do Senegal, a 90 kilometros, pouco mais ou menos em

linha recta ao NE. de S. Luiz, e cerca de 132 kilometros, seguindo as sinuosidades do rio.

3.º Merinaghen (que comprehende as povoações das bordas do lago Panieful ou N'gher), formando uma pequena aldeia de 360 almas, a cousa de 80 kilometros ao S. de Richard-Toll; está situado junto do referido lago, que terá 25 kilometros de comprido sobre 15 de largura, communicando com o Senegal pela pequena ribeira de Tauė.

4.º Finalmente Lampsar ou M'sar (comprehendendo as povoações limitrophes do interior); é um estabelecimento situado a 32 kilometros abaixo de S. Luiz, com perto de 3:200 hectares de extensão, e hoje no mais florescente estado, havendo-se emprehendido com vantagem a introducção da cultura do algodão, da pimenta, do café e da canna de assucar.

II Dakár, pequeno estado da peninsula de Cabo Verde, especie de republica presidida por um rei com um conselho, sob a suzerania da França. É o rei quem estabelece os dias de trabalho de semear e da colheita, a qual é dividida entre todos, depois de descontados os dizimos, sendo o producto arrecadado em um cofre, especie de monte pio ou celleiro commum para se acudir ás faltas que possam dar-se em rasão das fomes causadas pelas seccas ou pela praga dos gafanhotos; e para se resgatarem igualmente escravos que por desgraça cáiam em poder de senhores desalmados.

A capital d'este pequeno estado tem o mesmo nome Dakár. Foi fundada por alguns centos de negros do reino de Cayor que se queriam livrar da tyrannia do seu feroz soberano. Com effeito, depois de encarniçada luta, sustentada com o enthusiasmo que póde inspirar o amor da liberdade, aquelle punhado de valentes ficou de posse do terreno que escolhêra, e ali se fortificou por meio de uma muralha que separa o seu territorio do de Damél.

Um senado composto dos anciãos, presidido pelo chefe do estado, administra a justiça e delibera sobre os assumptos de interesse geral. O chefe commanda as forças militares, e tem de pelejar na vanguarda, sob pena de ser exautorado.

Toda a sua riqueza consiste em alguns rebanhos que os seus escravos apascentam, no diminuto subsidio que lhe é abonado pelas pessoas abastadas, e em uma duzia de palmeiras, cujo fructo vende para Gorée. O seu palacio compõe-se de meia duzia de *cubatas* cercadas de uma estacada, sendo a principal mais elevada um pouco do que as outras e sobrepujada de um ovo de abestruz! Uma campainha suspensa á entrada annuncia a presença de qualquer visita. Tambem é n'isto e no ovo de abestruz que consiste todo o luxo da sua habitação! Mas, posto o seu trajo usual não faça grande differença do dos seus subditos, nos dias de audiencia ostenta um apparato descommunal, que para elle consiste em um grande capote azul e um chapéu de pasta com que o presentearam os inglezes!

O marabuto, chefe do reino de Dakar e alliado dos francezes, visita sempre todos os navios de guerra que abordam a Gorée, e nunca deixa de pedir que lhe façam presente da carga inteira dos seis tiros de peça da salva a que tem direito, preferindo antes receber em *especie* do que em *fumo!*

III Cayor (capital Ghighis, residencia do soberano despotico intitulado o *damel)* fica ao S. do Ualô, estendendo-se a um comprimento de alguns 280 kilometros sobre a largura de 60 a 80, e comprehendendo toda a costa desde a foz do Senegal até Cabo Verde, com uma população de 100:000 almas entre os differentes estados em que se divide, taes como o de Ndiambur (que é inteiramente mussulmano), Dialakar, ultimamente desmembrado de Cayor pelos francezes, que o annexaram ao termo de S. Luiz; Tubé, pequeno territorio de poucas aldeias a 4 kilometros de S. Luiz, que foi tambem occupado pelos francezes; e Gandiole, composto de tres povoações muito proximas umas das outras, situadas na embocadura do Senegal.

IV Sin ao S. (limitrophe de outro estado chamado Baol), cujo chefe se intitula *teyn,* com uma superficie de 560 kilometros quadrados e 60:000 almas, sob o poder de um chefe intitulado *bourb* (capital Ghiakhaú), tendo entre outras povoa-

ções principaes a famosa Joála na foz do pequeno rio d'este nome, onde outr'ora os portuguezes tanto trato tiveram e em Portendik, etc. (bem como em quasi todos os portos d'aquella costa), sendo ultimamente emporio do commercio de escravos.

V Djiolof (capital Uamkroré, residencia do *Burbá* ou chefe), que tão poderoso foi antigamente, e que se acha reduzido agora á maior decadencia pela separação dos estados dos jalofos e serers, e pelas continuadas *razias* dos mouros e dos tuculores do Futah. Jaz este reino no centro quasi deserto do quadrilatero formado pelo Senegal ao N., pelo Gambia ao S., pelo Oceano ao O. e pelo Falemé a E.

O posto de Merinaghen é o estabelecimento francez mais proximo do Djiolof.

A raça Pul ou Fulah tem o cabello mais comprido, mais negro e menos encarapinhado do que os pretos, com o nariz tambem menos chato e os labios delgados. As suas feições indicam um mixto de berberes e de negros, e parece haver recebido dos arabes tanto os usos religiosos e civis, como o proprio nome que tem, que evidentemente é o mesmo que o dos fellahs ou cultivadores do Egypto.

N'estes cinco reinos que citámos ha a notar duas raças bem distinctas: em primeiro logar esta de que tratámos, e que fixada originariamente em um paiz fertil da Africa septentrional foi expulsa pelos arabes, e se estabeleceu nos territorios occupados pelos serers, poisque assustados estes á vista d'aquelles homens montados em camellos e cavallos, fugiram para o SO., onde formaram os reinos de Baol e de Sin. Continuando os mouros a perseguir os fulahs, viram-se estes obrigados a aceitar a paz, abraçando o islamismo e pagando tributos.

Foi desde então que das suas relações com os negros jalofos e serers proveiu uma raça de mulatos chamados *torodos*, e que deram o seu nome á provincia de Toro no paiz de Futah.

Assim os fulahs dividem-se em duas raças: os acobreados e os mulatos; mas estes pelas suas conquistas successivas forçaram os primeiros a seguir a vida nomada.

Os puls ou fulahs mahometanos mostram o mais profundo desprezo pelos negros da sua propria raça. Consideram-se superiores aos demais povos da Africa, e é este espirito nacional que os leva a não admittirem a escravidão. Fallam bem o arabe, e citam-se mesmo, entre elles, varios auctores cujas obras escriptas n'aquella lingua são estimadas dos proprios mouros, tendo até escolas publicas bastante notaveis. São industriosos, fabricam tecidos de padrões delicados e graciosos, e obras de marroquim e bijouterias.

As mulheres podem dizer-se bonitas, e são muito meigas em geral, sabendo tirar partido dos seus encantos para exercerem certa auctoridade sobre os maridos.

Comprehende a raça fulah cinco reinos:

I Futah-Toro ou Futah-senegalense, na margem esquerda do Senegal, desde Daganá até ao marigot de Nguerar, proximo de Dembakané, dividido em muitas tribus, todas mahometanas, com 300:000 habitantes turbulentos e guerreiros, chamados tuculores, sob o mando de um chefe eleito, intitulado *almamy*, tendo muitas povoações principaes, taes como: Aeré, Bumba, Goteré, Boké, Gedé, Kobile, Dialmath, Sedo e Canel.

Têem ali os francezes os dois estabelecimentos seguintes:

1.º O forte de Pódor, reconstruido em 1854, situado proximo de uma aldeia do mesmo nome, habitada pelos negros na ponta O. da ilha de Morfil, entre dois braços do Senegal, cerca de 300 kilometros de S. Luiz, na parte do Futah propriamente habitada pelos fulahs ou tuculores. Este forte tem por fim principal assegurar a livre navegação do rio até Bakel e alem d'este ponto.

2.º O forte de Mátam, torre quadrada com muralhas ameiadas que se prolongam até ao rio; é dependente do districto de Bakel.

II Bondú ao S. do Futah senegalense, no angulo occidental, formado pelo Senegal e o Falemé, não excedendo de E. á O. o seu maior comprimento 140 kilometros, e 100 a sua maior largura de N. a S., com uma população de mais de 100:000 habitantes, sob a auctoridade de um chefe eleito en-

tre os membros da familia real, sendo preferidos quasi sempre os irmãos do defunto.

A capital d'este reino é a famosa Bulibany, situada em uma vasta planicie na base de uma cordilheira de pequenas montanhas escalvadas, aindaque em geral todas as outras povoações estão situadas em valles formosissimos cheios de plantações de arroz, algodão e anil, regados por innumeros ribeiros, e povoados de tamarindeiros, de baobabs e de muitissimas outras arvores de fructo.

Bulibany, acervo de ruas estreitas, sujas e irregulares, com cubatas, umas redondas, outras quadradas e todas baixas, terá talvez 1:800 habitantes, a maior parte dos quaes, diz-se, que são alliados, escravos ou servidores do *almamy;* é cingida de um muro de taipa sustentado por troncos de arvores com 3 metros de altura sobre 35 a 65 centimetros de grossura, com setteiras, e flanqueado de pequenas torres de espaço a espaço.

Os palacios do *almamy* e dos principes da sua familia estão encostados aos muros da parte occidental da povoação. A mesquita é uma vasta cabana cujos muros, tambem de taipa, têem 3 metros de altura, e o tecto que sáe para fóra todo em roda cousa de 2 metros, sustentado por pilastras, forma uma galeria que serve de passeio publico.

Os francezes têem n'este reino o estabelecimento de Senudebú, na margem esquerda do Falemé, a 60 kilometros da sua confluencia com o Senegal.

III Futah-Dialon ou Futah-Djalló comprehende a região montanhosa onde tem origem o Senegal, o Gambia e o Rio Grande (este na Guiné ou Senegambia portugueza, de que nos occuparemos no capitulo seguinte).

Timbú é a capital d'este reino, situada na base de uma alta montanha, e melhor edificada do que as outras pequenas povoações africanas, aindaque a atravessam ruas estreitas, mal alinhadas e immundas. Conta 9:000 almas, notando-se entre os edificios publicos uma mesquita e tres fortes. O soberano póde pôr em pé de guerra 16:000 homens de cavallaria, sen-

do os cavallos d'ali os mais afamados de todos os da Senegambia.

A sua fórma de governo é muito singular; é uma especie de confederação republicana em que uma associação secreta, chamada *purrah*, similhante ao tribunal vehmico da idade media, é quem mantem a ordem e a justiça. Cada um dos cinco cantões em que se divide a nação tem o seu purrah respectivo, não sendo n'elles admittidos homens de menos de trinta annos de idade.

Os membros mais conspicuos e de idade superior a cincoenta annos formam o *supremo purrah*. Os mysterios da iniciação, acompanhados de provas terrivèis, celebram-se no recondito de uma floresta sagrada. O membro que commette algum crime, ou que trahe os segredos da associação, é punido de morte.

Os proprios parentes e amigos se afastam e abandonam o desgraçado ao gladio vingador. Até mesmo tribus inteiras que guerreiam entre si, em desprezo das ordens do supremo purrah, são castigadas severamente por um exercito mandado contra ellas expressamente pelas tribus fieis.

Similhante instituição faz necessariamente suppor uma intelligencia cultivada e sentimentos elevados.

IV Kassó, outr'ora estado poderoso e hoje dividido em provincias independentes umas das outras, fica ao SO. do Senegal desde Diakhatel até á confluencia do Ba-Fing e do Ba-ule; tem cerca de 160 kilometros do N. ao S. e outros tantos de E. a O. Diz-se que é muito rico em oiro, prata e cobre, e calcula-se a sua população em 150:000 almas.

Os francezes conquistaram-lhes a provincia de Mediná, creando um posto militar do mesmo nome no rio Senegal, a 60 kilometros abaixo de Bakel, de cujo districto faz parte.

V Fuladugú, capital Bangassi, uma das mais bem fortificadas d'aquellas regiões interiores, que jaz para o lado da extremidade oriental da Senegambia e ao N. da corrente superior do Senegal; é um paiz pouco conhecido, montanhoso e atravessado pelo Kokoró e pelo Ba-Ulimá.

A raça mandinga acha-se dividida em oito estados, de uma

parte dos quaes trataremos quando nos occuparmos da Guiné ou Senegambia portugueza, mas, sempre citaremos n'este capitulo o Bambuk, por dizer respeito aos francezes que por lá andam explorando ricas minas auriferas.

Este reino, cuja capital se chama Farabaná, é um dos paizes mais importantes d'aquellas regiões pelo seu commercio consideravel em oiro. Estende-se este reino entre o Senegal e o Falemé, comprehendendo os antigos reinos de Satadu e de Konkadú. Terá 80:000 almas.

É para lastimar que nós os portuguezes abandonassemos os estabelecimentos que chegámos a possuir no Bambuk.

Bem hajam os francezes que não abandonam o que lhes pertence, antes tratam de adquirir mais, e, em todo o caso, de reivindicar a honra da nação, quando, como nós em Cassange, experimentam revezes; e senão haja-se vista ao que fizeram com respeito a Mediná.

Achava-se Mediná cercada pelas numerosas tropas de Al-Hadji, e reduzida á maior extremidade e aos horrores da fome, pelo que o valente governador, a que já alludimos, tratou immediatamente de buscar os meios de salvar aquella povoação de tão desesperada posição, havendo apenas carga para dois tiros, quando muito; as avançadas dos tuculores chegavam já a 100 metros dos muros, sendo de receiar um assalto decisivo a cada instante.

Mas os francezes, subindo o Falemé em um vapor de guerra, ao mesmo tempo que uma columna marchava pelas suas margens escabrosas e rochedos, conseguiram felizmente salvar 6:000 pessoas que ali estavam encerradas, e que com rasão julgavam estar-lhes imminente a ultima hora!

Desembaraçada de Al-Hadji, e tendo recebido do Futah um grande reforço, o governador geral, não contente com o resultado da expedição, offereceu combate aos tuculores, no qual estes se portaram, segundo o costume, com uma tenacidade e valentia admiraveis, o que não obstou porém a que ficassem completamente desbaratados pelos 500 francezes da expedição de mr. de Faidherbe.

Depois, querendo este dar um golpe decisivo, resolveu proseguir na sua empreza, aproveitando-se das vantagens obtidas, reuniu reforços em Bakel, vindo a achar-se á frente de 200 homens de infanteria indigena, 70 artilheiros com 40 bestas muares, 3 obuzes e 100 voluntarios de S. Luiz. Com o auxilio d'este pequeno exercito, resolveu atacar a povoação de Som-Som, cuja fortaleza situada na base de uma cadeia de collinas tem em roda para sua defeza 18 torres em andares, que serviam de bastiões. Vencidas fadigas e difficuldades sem numero, resultantes do estado do terreno enxarcado pelas chuvas, chegaram os francezes em frente da praça a que se dispunham dar assalto, quando Malik, chefe dos sitiados, aterrado da sorte que os esperava, tentou fugir com a sua gente, caindo comtudo 400 em poder dos francezes.

D'ali seguiram as tropas a atacar Kaná, Makhu, Kartorem-Sambala, fiel alliado de Al-Hadji; mas, apenas os indigenas ouviram o troar da artilheria fugiram desordenadamente em todas as direcções.

Os francezes lançaram fogo ás duas povoações e desmantelaram aquellas *tátás* (fortalezas), voltaram a Mediná, tomaram provisões e partiram para S. Luiz, deixando as precisas guarnições.

O resultado de tão brilhante campanha foi ficar livre o Bondú e o Khassó dos bandos de Al-Hadji, que se viu obrigado a buscar segurança, fugindo para o interior do Khurubá (Bambuk).

A fundação do posto fortificado de Mátam no rio Senegal, entre Podor e Bakel, de que já demos noticia, foi realmente de muita vantagem, porque Mátam forma um novo annel da cadeia que partindo de S. Luiz, alcança Daganá, Podor, Mátam, Bakel, Senudebu, Mediná, e confina com as cataractas do Fetú por um lado, e pelo outro com as minas do Bambuk.

Havia muito tempo que o commercio francez não tinha protecção desde Podor até Bakel, de modo que a creação de um posto em Mátam, na margem esquerda do Senegal, veiu acabar com aquelle triste estado de cousas; e é de presumir que

estas recentes provas do poder dos brancos despersuadam os mouros por uma vez de perturbarem os francezes no seu commercio, porque viram que não sómente o Ualô se tornou em provincia franceza, como já dissemos, e gosa de uma perfeita tranquillidade, como tambem o Cayor, ordinariamente tão turbulento, entrou a socegar mais, augmentando cada dia de importancia as transacções, tanto em S. Luiz como na ilha de Gorée.

Passaremos agora a tratar d'esta ultima, que os indigenas chamam Bir.

A ilha de Gorée está situada em 14° 40′ de latitude N. e 19° 50′ de longitude O. do meridiano de Paris, a 2 kilometros de Cabo Verde, a 1,5 kilometro da ponta de Dakar, a 152 kilometros ao SSO. da ilha de S. Luiz do Senegal, e a cerca de 140 kilometros da foz do Gambia. É apenas um rochedo de uns 880 metros, no seu maior comprimento do NNO. ao SSE. sobre 515 metros de largura media; calculando-se a sua circumferencia em 2:250 metros e a sua superficie em 17 hectares approximadamente.

Descoberta pelos portuguezes em 1446, foi occupada em 1617 pelos hollandezes, que pelo imperdoavel descuido dos nossos antepassados foram a primeira nação que ali estabeleceu uma feitoria fortificada, o que não evitou todavia que os inglezes se assenhoreassem da ilha em 1663; mas o famoso almirante Ruyter, vencendo os inglezes, a restituiu á Hollanda. Em 1677 uma poderosa esquadra franceza commandada pelo conde d'Estrées a tomou aos Paizes Baixos, sendo pela paz de Nimegue que a sua posse ficou solemnemente garantida á França.

Foi outr'ora (desde 1785) a séde de todos os estabelecimentos francezes no Senegal, e chegou a contar 5:000 habitantes, mas desde que os inglezes se estabeleceram em Santa Maria, na foz do Gambia, Gorée foi decaíndo gradualmente de importancia, sendo hoje muito menor a sua população (talvez 3:000 almas) que pela maior parte se compõe de negros e mulatos.

Em 1804 foi occupada novamente pelos inglezes, e finalmente restituida á França em 1815.

O porto de Gorée, o melhor que os francezes possuem n'estas paragens, pela sua capacidade, posição geographica e excellente fundo, é defendido por um forte denominado de S. Francisco; têm bons estaleiros, havendo ali sempre um navio de guerra de estação.

O caes, que era de madeira e de mui difficil accesso em rasão dos lodos, servia tambem de passeio publico, como serve o jardim do governador.

A cidade de Gorée occupa perto de dois terços da ilha, e é defendida pelo forte de S. Miguel edificado ao N. sobre um rochedo. Acha-se no melhor estado de defeza, e ali se vê o tumulo de um dos governadores. É apenas uma pyramide levantada em um dos bastiões e cercada de gradaria de ferro. Os principaes edificios publicos são: o palacio do governo, um quartel para 200 praças, um bem situado hospital, aindaque não muito espaçoso, e uma igreja.

As casas, pela maior parte, são construidas de pedra e tijolo com terraços á italiana.

A ilha é esteril, não se vendo senão algumas palmeiras, que de mais a mais nem fructo dão. Comtudo, ha quem diga que o clima não é insalubre, porque as brizas do mar attenuam o calor durante quasi todo o anno, fazendo que a febre amarella afflija Gorée mui poucas vezes.

Ha falta de agua potavel na povoação, bebendo os habitantes apenas de umas nascentes que brotam de umas rochas, e que chegarão quando muito para um terço dos moradores, sendo a agua alem d'isto salobra e de má qualidade, de modo que é preciso ir busca-la a uma aguada no fundo da bahia na costa de Dakar, d'onde costumam vir barcaças grandes, tripoladas por gente do paiz, com barris, para offerecerem aguada aos navios por preço estabelecido pelo governo. Nota-se porém que as aguas que se tiram depois das chuvas tomam a bordo um cheiro nauseabundo, e occasionam ás vezes doenças, pelo que admira como não trataram de ter na colonia o

que chamaremos *barcaças-tanques* para fornecimento dos navios.

Quasi todo o commercio de cabotagem é feito por canoas construidas de um só tronco de arvore, que fazem viagens assás compridas, ás vezes de mais de cinco horas, para irem ao continente, e podem conter até dez pessoas. Causa certa admiração ao viajante quando as vê passar com um boi deitado dentro e mais dois amarrados pelas pontas, da parte de fóra da canoa, systema este que levantando-lhes a cabeça ao de cima da agua, permitte-lhes respirarem e chegarem vivos ao seu destino.

Todas as especies de animaes domesticos e ferozes das regiões africanas se encontram com grande abundancia na ilha de Gorée.

A costa é tambem extremamente piscosa. Com a canoa de um navio póde facilmente pescar-se em uma hora a quantidade de peixe necessaria para consumo da tripulação toda durante o dia.

O litoral no continente é em geral soffrivelmente cultivado, sendo os campos cobertos de enormes *baobabs,* de que já fallámos, esses gigantes vegetaes de troncos largos e curtos, de diametro enorme e formidaveis ramos, que dão o fructo chamado *pão de monos.* Ali se vêem igualmente plantações de arroz e de bellas bananeiras, mas em pequena quantidade.

Gorée é porto de abrigo e o entreposto do commercio francez na costa de Senegambia, d'onde obtem as pelles, as gommas, as pennas de abestruz, os dentes de elephante e o oiro em pó, alem da lenha e das provisões de toda a especie de que necessita. A ilha de Teneriffe fornece-a de uvas, laranjas e outras fructas. Ha pouca convivencia em Gorée, e os raros negociantes francezes que ali vivem passam tristemente os dias na ilha. O aspecto do paiz em geral tem um que quer que é que impressiona desagradavelmente o europeu; e pelo que respeita á maneira de viver, acha-se n'aquella ilha mais longe da Europa do que se estivesse em qualquer outra da Oceania!

Os principaes habitantes indigenas da ilha de Gorée são

como no Senegal, mestiços ou mulatos, sendo os homens muito feios, emquanto que as *signardes*, pelo contrario, são de ordinario formosas, mais intelligentes, mais activas e mais espertas que os homens. Quanto ao seu vestuario ainda é mais rico do que o das *signardes* do Senegal. Cingem a cabeça com um magnifico lenço da India; um *bandó* bordado de oiro cobre-lhes a testa; á cintura sobre a alva camisa atam um panno de algodão ou de lã, cujo tecido não cede em nada na finura ás mais bellas cachemiras; pende-lhes dos hombros um outro bonito panno; nos braços e nas pernas brilham-lhes manilhas de oiro, e nas orelhas brincos massiços do mesmo metal, artisticamente cinzelados. Quanto ao collar, segundo o uso das mouras, compõe-se de varias moedas de oiro que enfiam pelo meio. Estas lindas e meigas *signardes* comprazem-se tambem em ornar profusamente de ricas joias os seus escravos, sendo muito trivial vê-los com os braços e pernas carregados de manilhas, os dedos cheios de anneis, etc.

Occupando-nos agora da data em que os europeus se estabeleceram no Senegal, diremos ainda, em relação ao que expendemos nos capitulos I e II, quanto ás pretensões dos francezes, de que foram elles os primeiros que dobraram o Cabo Bojador e descobriram varios paizes ao S., que está provado por auctoridades insuspeitas, mappas e documentos irrecusaveis, que foram os portuguezes que em 1446 descobriram a foz do Senegal.

Isto mesmo se deprehende de documentos e manuscriptos ineditos descobertos em Paris, graças á patriotica solicitude do nobre visconde da Carreira, e assim como se deprehende tambem de uma carta geographica veneziana do seculo XVI, que descobriu o nosso illustre escriptor o visconde de Santarem, lendo-se junto do nome *Senegal* as palavras: « *Scop. da Denis Fernando* 1446 » ; e junto do nome de *Cabo Verde* as palavras: « *Scop. l'ano* 1446 *de Portug.* »

São pois ridiculas até as fabulas propaladas pelo padre Labat e pelo navegante Willaut-belle-fond, sustentando que uns piratas normandos do seculo XIV haviam tido aquella gloria,

e acrescentando que isto se provava pela etymologia de certas palavras da lingua dos indigenas, e até se encontrára uma inscripção aberta em pedra com a data MCCC.

Até hoje ainda não vimos trabalhos que demonstrassem a existencia de tal inscripção, nem tão pouco appareceu algum philologo que achasse nas linguas dos mandingas, dos jalofos, dos fulahs, dos cassangas ou dos felupes, sequer um remoto vestigio do idioma normando!

É que aquellas estultas fabulas foram inventadas duzentos e setenta annos depois do portuguez Gomes Eannes de Azurara, escriptor coevo, e que mereceu a confiança do immortal infante D. Henrique, ter narrado o descobrimento do *Çanagá* ou Senegal.

O modo por que a foz do Senegal foi descoberta pelos portuguezes em 1446, como dito fica, teve logar, saindo de Lagos no Algarve, uma frota de 14 caravelas bem fornecidas de armas e provisões, sob o commando do almoxarife *Lançarote*, acompanhado de Sueiro da Costa, seu sogro, de Alvaro de Freitas, Gomes Pires, Rodrigo Eannes de Travassos e o famoso Gil Eannes, que já havia quebrado o encanto do celebre Cabo Bojador. Por ordem do grande infante D. Henrique deu á véla esta frota a 10 de agosto para uma viagem de descobrimento á costa de Guiné, emquanto que ao mesmo tempo e com o mesmo fim saíram tambem de Lisboa e da Madeira mais 12 naus ou caravelas.

Entre os chefes d'estas ía Diniz Fernandes, que já annos antes avistára Cabo Verde, Nuno da Cunha, celebrado pelos seus feitos na ilha de Arguim, e Alvaro Fernandes, que subsequentemente descobriu Serra Leoa em 1447.

Notaremos aqui que nas chronicas d'esta expedição tambem nenhuma menção se faz de Cadamosto, nem de Antoniotto ou Antonio de Nolle. A rasão é bem clara: estes famosos navegadores ainda áquelle tempo não haviam chegado a Portugal, embora alguns escriptores erradamente asseverem o contrario.

Seis das mencionadas caravelas ficaram sob o commando

de Lançarote, Alvaro de Freitas, Rodrigo Eannes de Travassos, escudeiro do regente, Lourenço Dias, escudeiro do infante D. Henrique, Vicente Dias, mercador de Lagos, e Gomes Pires, cavalleiro da casa d'el-rei, o qual, segundo parece, tinha o commando superior da esquadrilha, e foi de opinião que deveriam segui-lo de conserva até chegarem á costa de Africa ou até descobrirem a entrada do *Çanagá*, que n'aquelle tempo era por elles considerada, assim como pelo citado chronista Azurara, como sendo uma das bôcas do Nilo, tão erroneos eram então os conhecimentos cosmographicos!

Pouco depois a côr e o gosto da agua mostrou que se achavam justamente no sitio onde o Senegal desemboca no mar.

Ancoraram, e Vicente Dias acompanhado de Estevão Affonso, fidalgo de Lagos, desembarcou com 6 homens na praia. Dirigiram-se a uma cubata onde captivaram um rapaz e uma rapariga, que trouxeram a Portugal, como prova authentica d'aquelle feliz descobrimento, que custou a Vicente Dias uma ferida de azagaia, durante o conflicto da captura dos dois negros, querendo-lhes acudir seu pae, que apparecêra n'aquella occasião e que conseguiu evadir-se, deixando um escudo feito de orelha de elephante, primeiro despojo d'estes animaes que appareceu em Lisboa.

Separadas as caravelas, Alvaro Fernandes, tendo passado Cabo Verde, desembarcou em uma ilha, que todas as rasões levam a crer que fosse a de Gorée, onde insculpiu em uma arvore as armas do infante D. Henrique.

CAPITULO VI

SENEGAMBIA (GUINÉ PORTUGUEZA)

Extensão do territorio — Differença na côr do mar — Baixos — Sonda — Balizas — Contraste entre a apparencia do continente e a das ilhas de Cabo Verde — Ilheu de Bandim — Tentativas infructuosas de um francez n'este ilhéu — Ilhéu do Rei — Xinas — Feitoria Nozolini — Estaleiro — Navegação do porto de Bissau — Perspectiva da praça de S. José de Bissau — Desembarque — As bajudas — Negros — Mercado — A pulseira de uma dama — Poilões — Descripção da praça — Serviços prestados por um navio de guerra francez — Importancia de Bissau — Fortificação — Necessidade de novos limites — Fonte do Rei — Cemiterio — Locaes que se deveram ter escolhido para fundar o estabelecimento — Causas de insalubridade — Hospital de Bissau — Estado da religião catholica na Guiné portugueza — O que eram os tangomãos — Estado do judicial — Noticia do systema de administração civil, militar, de fazenda, etc. — Receita e despeza — Commercio — Negreiros inglezes — Reflexões — Abolição do exclusivo do commercio do rio Curubal — Abolição do imposto do sal-balanta — Proposta para uma nova pauta — Negociantes de Bissau — Habitantes sujeitos ao dominio portuguez na Senegambia — Bissau gentia — Baloubeiro grande — Successão nas familias — Guizas — Bombolons — Casas — Palavra com os regulos — S. Belchior — Chime — Rio Curubal — Corôas de Goiajé — O macaréo — Fá — Geba — Ganjarra — Rio Grande — Beafares — Nallús — Ilha de Bolama — Contestações com os inglezes — Episodio entre um governador portuguez e um official de marinha inglez — Continuação das controversias — Estabelecimento de uma feitoria portugueza na ilha — Violencias dos inglezes — Vingança dos gentios — Cessão da ilha pelos regulos de Canhabac a Portugal — Ilha de Gallinhas — Cedencia d'ella a um portuguez pelos gentios — Empresas ruraes começadas na ilha — Reclamações dos inglezes — Risco de a perdermos como a de Bolama — Archipelago dos Bijagós — Costumes dos bijagós — Ilha de Bussis — Ilha de Jatta — Ilhotas de Cayó — Viagem para Cacheu — Descripção da praça — Ataque de Cacanda — Tratados com os regulos de Cacanda — Nagas e Bianga — Povoação de Cacheu — Aldeia de Piccau — Mata de Putama — Bote — Sam-Sam — Churo — Banhamas — Balantas — Banhuns — Poilão do Leão — Cassangas — Mandingas — Zeguichor — Violações de nossos direitos e territorios pelos estrangeiros — Aldeia dos Hereges — Bolor — Cedencia do territorio Eguel á corôa portugueza pelos regulos — Felupes — Estabelecimentos inglezes de Gambia — Insignia de mordomo mór em Portugal.

Passemos agora a descrever o governo da Guiné portuguéza (Senegambia), dependencia do governo geral da provincia de Cabo Verde.

O territorio que comprehende aquelle governo subalterno estende-se ao S. do cabo de Santa Maria de Gambia em 30° 10′ latitude N. até ao cabo da Verga em 10° 20′ da mesma latitude, prolongando-se por mais de 60 leguas de costa do mar, e outras tantas pela terra dentro: aindaque não occupâmos todo aquelle vasto terreno, achando-se os nossos estabelecimentos encravados no meio das tribus de varios regulos dos felupes, buramos ou papeis, banhuns, cassangas, mandingas, balantas, bijagós, beafares, nallús, etc.

As ilhas que formam os muitos braços dos rios da Senegam-

bia ou Guiné de Cabo Verde, são tão numerosas que talvez não seria improprio chamar-lhes um archipelago.

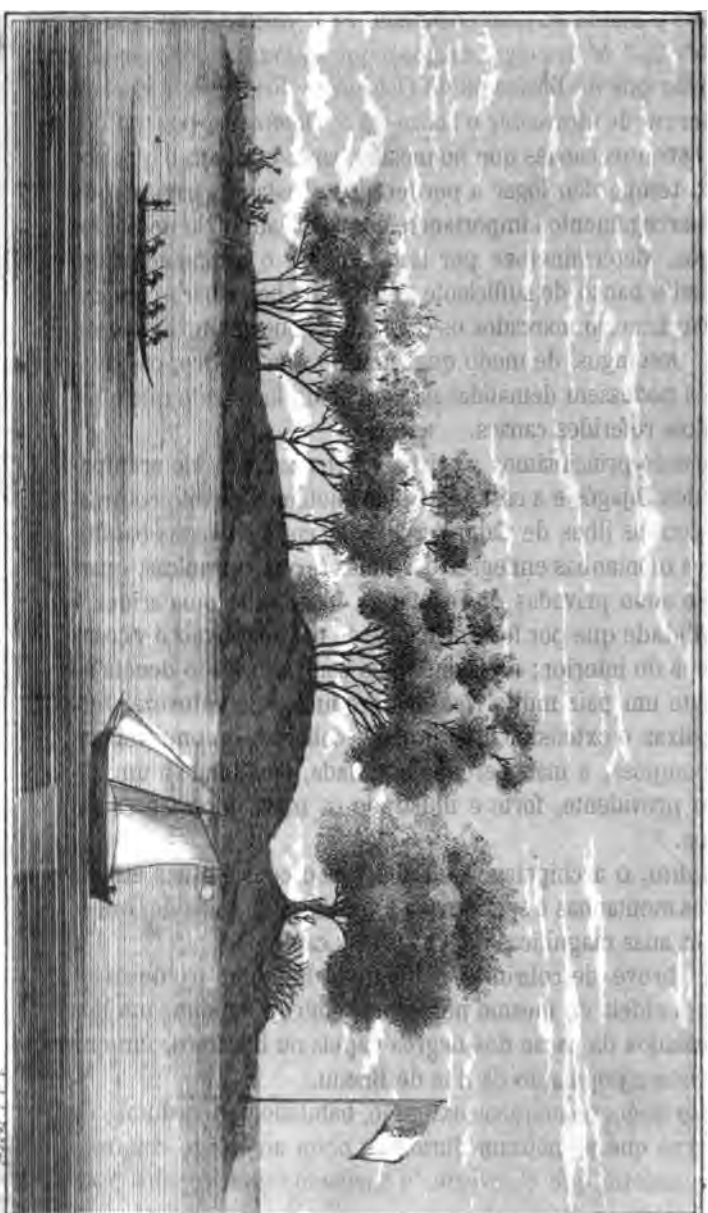
A epocha em que ali fomos era justamente a que se considera como a mais doentia, senão mortifera, reinando as terriveis carneiradas em toda a sua força; e, alem d'isto, contra o que nos disseram ser usual n'aquelle periodo, choveu quasi incessantemente emquanto nos demorámos n'aquellas paragens; de sorte que, como é obvio, não era de certo aquella a occasião mais opportuna para visitar o paiz e augmentar ou aperfeiçoar o pouco conhecimento que por informação já tinhamos da terra e dos seus povos.

Desde o Cabo Roxo começa a notar-se differença na côr das aguas, passando de um azul carregado a um verde claro ou amarello turvo, que se conserva em todo o litoral.

São estes mares junto á costa de difficil navegação pelos numerosos parceis, por diversas correntes de sensivel velocidade, pela sujeição ás marés nas entradas dos canaes e pela irregularidade dos ventos; apesar d'estas circumstancias, diz o sr. conselheiro J. C. de Almeida, no seu curiosissimo folheto *Um mez na Guiné,* ha alguns praticos tão experimentados, que tendo vento ou maré, navegam a qualquer hora da noite, e por escura que seja, e com o poderoso auxilio da sonda, marcam precisamente a posição relativa do navio em um dado momento, como aconteceu ao capitão mercante Julio Ferreira, que é de certo um dos poucos praticos a quem sem escrupulo se póde passar o diploma de optimo piloto da costa de Guiné.

O que é verdade, é que n'aquelles mares o uso da sonda é indispensavel, de sorte que apenas um navio se approxima da costa e entra na sonda, segundo a phrase da gente do mar, nomeia-se um marinheiro dos mais experientes, que em pé na borda do navio, cantando, vae dizendo: tanto de altura, e tal qualidade de fundo, a saber: salão, que indica a vertente do banco; duro salão, que denota a proximidade da sua corôa; e molle, que aponta a embocadura do canal.

Em 15 de agosto de 1857 mandou-se estabelecer uma baliza para indicar aos navegantes um baixo de pedra que existe

COSTA DE GUINÉ-ILHÉO DE BANDIM

no rio de Bissau no sitio designado *Pedr'alves;* e havendo-se reconhecido os grandes perigos a que estavam sujeitos os navegantes que de Bissau ou do Oceano se dirigissem a Cacheu por terem de atravessar o banco de *S. Domingos*, por um dos dois estreitos canaes que no mesmo banco existem, o que por muito tempo deu logar a perderem-se bastantes navios, que com carregamentos importantes demandavam o rio de S. Domingos, determinou-se por isso tambem o estabelecimento n'aquelle banco de sufficiente numero de boias para com exactidão ficarem marcados os dois canaes que conduzem ao rio de S. Domingos, de modo que, mesmo sem pratico, os navegantes podessem demandar e seguir com facilidade qualquer dos dois referidos canaes.

Quando principiámos a avistar as viçosas ilhas do archipelago dos Bijagós e a costa da Guiné, notámos quanto contrastam com as ilhas de Cabo Verde! N'estas, as massas basalticas, as montanhas ennegrecidas pelas terras vulcanicas, quasi todo o anno privadas de vegetação, mostrando uma aridez e esterilidade que por fortuna não se dá nas aprazíveis e viçosas ribeiras do interior; na Guiné, pelo contrario, tudo denota ao viajante um paiz muito rico dos productos da natureza, terras baixas e extensas, litteralmente cobertas de uma vegetação pomposa, a mais perenne e variada, facilitando a um governo previdente, forte e illustrado os mais importantes recursos.

Emfim, o archipelago de Cabo Verde com as suas altas e negras montanhas é sem duvida a antithese da costa de Guiné, com as suas magnificas e feracissimas campinas.

Em breve descobrimos o ilhéu de Bandim, fronteiro ao porto e aldeia do mesmo nome, no reino de Bandim, um dos dez estados da nação dos negros papeis ou buramos, em que se divide a população da ilha de Bissau.

Este ilhéu, de pequena extensão, habitado por cardumes de passaros que ali pousam durante a noite ao abrigo das frondosas arvores que o povoam, é chamado tambem pelos francezes *ilhéu de Bourbon*, nome que lhe poz um francez que

n'elle residiu pouco tempo, por não poder levar a effeito o plano que concebêra de fundar ali um estabelecimento, visto não haver agua potavel, o que por outro lado é grande fortuna, poisque a não ser isto os francezes de certo teriam n'este ponto levantado um forte, quando trataram de se apossar do ilhéu (como se têem apossado de outros pontos na nossa Guiné).

Tambem influiu muito sem duvida para que desistissem das suas pretensões sobre o ilhéu de Bandim as energicas reclamações que fez n'aquella epocha o governador de Guiné.

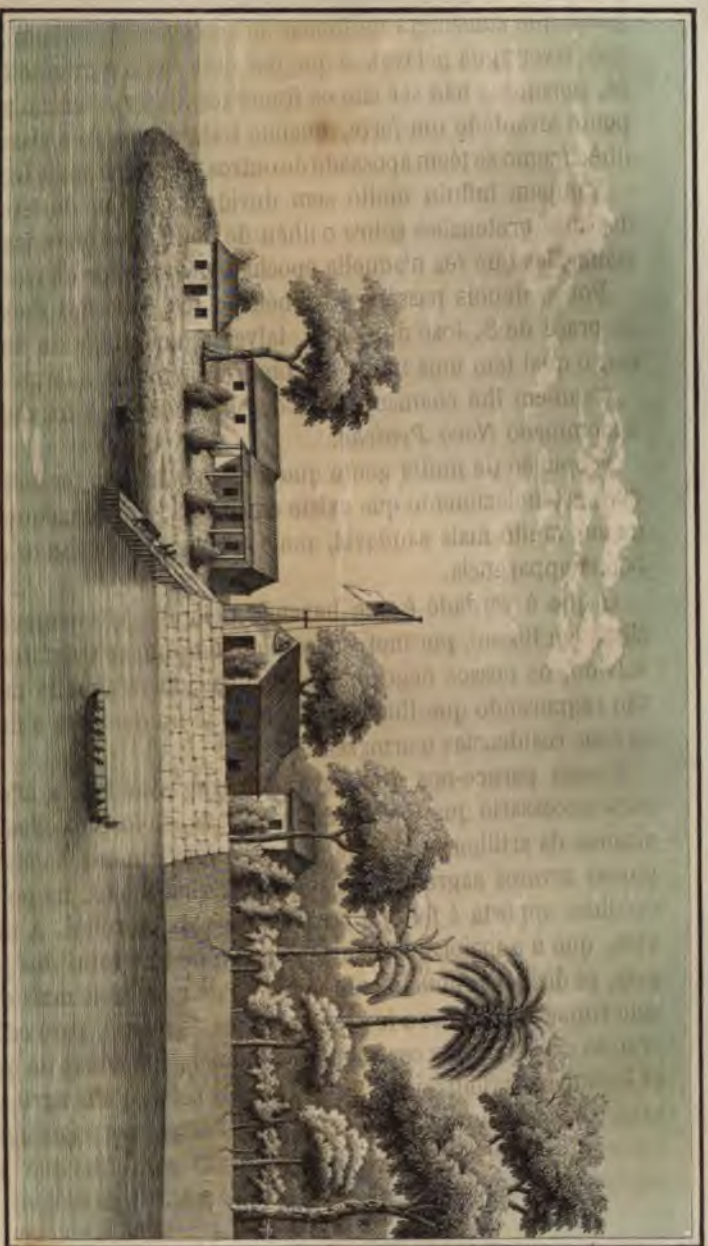
Pouco depois passámos o ilhéu do Rei, que fica defronte da praça de S. José de Bissau, talvez a uma milha de distancia, o qual tem uma milha de comprido e meia de largo.

Tambem lhe chamam ilhéu dos Feiticeiros, e foi mesmo denominado *Nova Peniche*.

É opinião de muita gente que n'elle se deveria ter collocado o estabelecimento que existe em Bissau, em consequencia de ser muito mais saudavel, pouco elevado, arborisado e de bonita apparencia.

O que é verdade é que havendo peiorado ultimamente o clima em Bissau, por motivo de epidemias que se têem desenvolvido, os nossos negociantes estabelecidos n'aquella praça vão requerendo que lhes seja permittido mudar para o ilhéu as suas residencias e armazens.

Porém parece-nos que para poderem levar isto a effeito seria necessario que o ilhéu fosse cercado de fortificações ao alcance da artilheria da fortaleza; mas infelizmente ha ali algumas arvores sagradas, achando-se a xina maior, na ponta do ilhéu opposta á feitoria creada pela casa Nozolini. A esta xina, que é a maior de quantas existem no territorio dos papeis, se dirigem annualmente milhares de negros na mais devota romaria, durante a lua cheia do mez de março, para celebrarem certos ritos e ceremonias, immolando victimas de que os baloubeiros (feiticeiros) tiram agouros sobre a sua agricultura, e sobre assumptos concernentes aos seus interesses individuaes e aos da sua nação. Tambem é na mesma ilha que celebram as ceremonias funebres dos seus reis, e que elegem o

Lith. da I. N.al

ILHEU DO REI (*Guiné portugueza*)

successor á corôa. Qualquer opposição pois que se lhes faça poderá ser mui perigosa, principalmente se de algum modo se tocar nas suas arvores sagradas.

Para prova d'isto e da veneração que têem pelas suas xinas bastará dizermos que teve logar uma guerra encarniçada com os papeis do Churo e Cacanda que durou dois annos, só porque o governador Cabral cortou uma d'aquellas arvores.

Todavia o governo adquiriu este ilhéu em 1838, graças á cedencia feita em seu favor pelo benemerito commendador e governador da Guiné portugueza, o tenente coronel Honorio Pereira Barreto, sendo uma grande perda para o paiz a morte d'este honrado e intelligente cidadão, porque alem dos serviços que prestou e podia prestar, era o unico homem talvez que conhecia profundamente aquellas regiões, estendendo a sua influencia para o interior, e na costa a grande distancia.

O sr. Nozolini aforou o mesmo ilhéu em 1847, estabelecendo n'elle a feitoria a que alludimos quando tratámos das xinas, e ouvimos que a dita feitoria é a mais importante dos estabelecimentos portuguezes na Senegambia, e de certo a mais regular e bem administrada das nossas provincias ultramarinas.

Disse-nos um seu feitor que a casa Nozolini tem cerca de 300 escravos empregados em cultivar quasi todo o ilhéu, nas officinas e no carregamento de mancarra (amendoim) para bordo, principal ramo de commercio da mesma casa. Para facilitar o embarque d'este e outros productos, ha uma boa, aindaque pequena, ponte sobre estacaria, e para se vencer mais facilmente a pequena rampa que conduz aos armazens da feitoria, assentou-se uma via ferrea.

A casa de habitação é da mais pittoresca apparencia, bem edificada e muito commoda, dando-lhe os alpendres de que se acha cercada um typo proprio d'aquellas regiões, e proporcionando-lhe igualmente agradavel frescura.

Tem vastos armazens, pateos para depositos, telheiros e officinas de carpinteiro, serralheiro e tanoeiro com o maior aceio e a melhor ordem.

A pequena distancia da feitoria os escravos levantaram numerosas cabanas, formando uma pequena aldeia.

A pouco mais ou menos de 500 metros da ponte, na mesma margem, ha os fundamentos de um grande estaleiro onde nacionaes e estrangeiros, embora ainda por um preço exorbitante, acham meios, ha já alguns annos, para reparar os seus navios.

Entre este estaleiro e a casa de habitação estende-se um excellente jardim e boa horta com grande abundancia de agua potavel.

Sigamos para Bissau. A navegação do seu porto é difficilima e até perigosa, e por isso extractaremos de um officio do governador geral Arrobas as seguintes curiosas informações a tal respeito.

«Desde 15 de outubro até 15 de março reinam geralmente em Bissau os ventos NE. e ENE., chamados os ventos terraes, e que sopram sempre de manhã; porém de tarde ha quasi sempre viração do NO., tocando muitas vezes no SO., mas voltando logo ao NO.

«N'este tempo as entradas se fazem gastando duas marés das ilhotas ao porto, no caso de ter bom pratico, porque o navio navega de noite e aproveita o NO. que sopra geralmente de tarde e dura até ás dez ou onze horas da noite, e com este vento á pôpa o navio segue contra a maré até entrar na segunda enchente para de novo começar a bordejar com o NE. ou ENE.; se porém não navega de noite por falta de bom pratico, só póde entrar bordejando, e por isso com as enchentes, tendo de fundear de noite e durante a vasante, e gasta tres marés.

«As saídas n'esta quadra, sendo de manhã, fazem-se em uma maré, gastando cinco horas, se o vento é fresco; aliás gasta-se maré e meia, ou oito horas de navegação pouco mais ou menos.

«Desde 15 de março até meiado de outubro reinam geralmente em Bissau os ventos NO., NNO. e ONO.

«N'este tempo fazem-se as entradas com vento á pôpa, e

gasta-se uma só maré desde as ilhotas ao porto, quando ha vento fresco; se porém é bonançoso despendem-se duas marés.

«Nas saídas vae o navio com vento á proa, e gastam-se tres marés, sendo bem aproveitadas desde o porto ás ilhotas.»

O vento mais dominante em Bissau é o NO., que está para este ponto como o NE. está para o archipelago de Cabo Verde.

As trovoadas começam no meiado de maio, e duram até ao fim de outubro; são imponentes e magestosas, principalmente para quem não está acostumado a presencea-las; ellas apresentam um aspecto totalmente novo para o europeu. Primeiramente forma-se uma forte agglomeração de nuvens no horisonte, e segue-se logo o fuzilar ao longe com uma constancia e frequencia incriveis; em seguida vem o tufão com tal violencia que arranca arvores frondosas, desloca as telhas dos telhados, e faz tal barulho com o bater de todas as portas e janellas, com o sacudir das arvores, e as tempestades de areia e terra que levanta, que parece realmente, a quem pela primeira vez presenceia este phenomeno, que as casas vão ser todas destruidas. Muitos navios estando bem fundeados no porto têem feito da quilha portaló. A este tufão segue-se a trovoada que parece estalar sobre a cabeça, e depois a chuva, caíndo os raios com frequencia. Até 15 de junho e no mez de outubro, isto é, no principio e fim das trovoadas, são estas mais grandiosas, porém seguidas de poucas chuvas; mas do meiado de junho até fim de setembro são as trovoadas mais fracas, porém as chuvas tão seguidas e copiosas que chegam a durar vinte dias sem um momento de interrupção.

As trovoadas não duram mais de vinte minutos. Apenas se notam os seus signaes percursores devem os navios que navegarem no canal desde o porto até ás ilhotas, ferrar todo o panno e fundear a dois ferros, aliás correm muito perigo de se perderem.

Decorridos que sejam os vinte minutos, póde recomeçar a navegação largando o panno a pouco e pouco, porque o vento vae abonançando até acalmar de todo, passando hora e meia, e depois volta á outra direcção, correndo todos os quadrantes

até recaír novamente no NO., de sorte que o navio até então tem de bracear constantemente.

Os aguaceiros costumam vir sempre do SO., e se depois da trovoada o vento volta e se conserva do SO., continuam os aguaceiros; mas se d'aquelle lado fica claro depois da trovoada, ainda mesmo que chova n'essa occasião não se seguem os aguaceiros.

Chegámos finalmente a Bissau que está situada em 10° 51′ latitude N. e 6° 25′ longitude O. de Lisboa.

A sua perspectiva é agradavel pelo arvoredo que a adorna, e pelos seus arrabaldes tapetados de verdura, de modo que o viajante, para não perder a illusão e a saude, faria talvez melhor em limitar-se a ver a terra de bordo. Nós porém, apesar de conhecermos o risco que correriamos, não desistimos de observar tudo, e por isso tratámos de ir para terra, aceitando o obsequioso convite que nos fez o opulento commendador Honorio Pereira Barreto.

Ao atracar o escaler, confessâmo-lo, experimentámos uma desagradavel impressão ao ver o grande numero de tubarões que ali nadam á superficie das aguas como á babugem, sempre vigilantes e avidos de alguma presa. O nosso commandante, sabendo que nem sempre se atraca facilmente em rasão da velocidade da corrente, recommendou-nos que tivessemos todo o cuidado em não escorregarmos ou caírmos para não servirmos de pasto aos tubarões ou a outros monstros marinhos, que não viamos, mas que tambem frequentam aquellas paragens em extraordinario numero, taes como a jamanta ou arraia grande, o mero, etc.

Chegámos a terra, ou para melhor dizer a um entulho ou monturo, alcunhado de caes, com a fortuna porém de podermos desembarcar a pé enxuto, por ser proximo ao preamar; postoque atravessassemos a custo por uma estacada de paus de cibe, guardando o necessario equilibrio nas passadas ou antes saltos que eramos obrigados a dar em umas pedras pontagudas que por entre as immundicias constituem este desembarcadouro.

Dissemos que ainda fomos afortunados em desembarcar a pé enxuto, e com effeito assim foi, porque se desembarcassemos na baixamar, como depois vimos acontecer a outros, então o caso tornava-se muito mais serio, tendo de vir para a terra ás cavalleiras, não sendo raro apanhar-se algum banho, em resultado da usual bebedice dos negros. Mas ainda aqui não fica: nem ao menos se póde dizer, eis-nos em terra, poisque é-se apeiado em lodo com os pés enterrados até aos tornozelos, tendo de mais a mais a percorrer d'esta fórma uma extensissima praia até á povoação, aspirando os venenosos miasmas que exhalam os lodos em todo aquelle comprimento.

Não admira que começando-se assim, exhausto de forças, coberto de suor, e impregnado de miasmas, quasi sempre sobrevenha a febre dentro em poucos dias, senão immediatamente.

Sem que para isto se busque remedio, como recommendar que se vá habitar Bissau?!

Sendo indispensavel attenuar o transtorno e perdas que resultavam de tão mau estado de desembarque, foi por certo grande fortuna que o negociante Antonio Joaquim Ferreira propozesse augmentar e melhorar o caes pertencente á casa de Nozolini & C.ª, que administra, com obrigação de se utilisar do mesmo caes o serviço publico; e embora isto se não podesse verificar, por considerar o governo que a economia da fazenda publica exige que o edificio da alfandega seja no largo da Mãe Julia, fronteiro á porta da praça de Bissau, o que daria em resultado a pouca vantagem do caes que propoz fazer o honrado negociante, não deixa de ser da maior vantagem para a povoação o convite que este aceitou da parte do governo, de formular antes uma outra proposta de caes ou ponte contigua á alfandega, a fim de que em meia maré possam ali chegar as embarcações e desembarcar directamente gente e mercadorias, obrigando-se a conservar este caes em bom estado, mediante as taxas que ficou auctorisado a receber por uma certa tabella.

O mesmo negociante, querendo ainda obsequiar mais o go-

vernador geral Fortunato José Barreiros, propoz tambem a construcção da casa da alfandega a começar em novembro de 1853, e recebendo apenas o importe da despeza nos direitos de armazenagem dos doze annos subsequentes á conclusão da obra.

Chegando á povoação tivemos occasião de olvidar os referidos contratempos, observando a terra e os habitantes.

O que mais attrahe as vistas são as bajudas ou donzellas, que pelo seu estado são excessivamente modestas no vestuario, que se compõe unicamente de uma especie de avental de dimensões microscopicas, avental que, como o pedacito de couro ou o buzio que os mancebos usam adiante suspenso por um barbante, nem sempre lhes occulta de todo o que a decencia manda recatar!

Por isso as damas, nossas companheiras de viagem, a cada passo baixavam a vista de pejo, quando o desagradavel cheiro do suor ou do azeite de palma com que aquelles negros untam os corpos as não obrigava a erguer a cabeça para aspirarem agua de Colonia ou outros aromas.

Se entre as bajudas se vêem algumas de fórmas bellas (assim como entre os homens, sendo especialmente os da raça bijagós muito esbeltos e robustos), em geral repugna ver tantas mulheres com peitos compridos como borrachas, que deitam por cima do hombro para trás das costas, amamentando assim os filhos que conduzem tambem ás costas embrulhados no curto panno que as mulheres casadas e os homens usam da cintura até ao joelho.

Em compensação o viajante europeu disfructa o curioso expectaculo de muitos centenares e ás vezes mesmo milhares de negros com carapinhas recortadas em diversos lavores, e os topetes adornados de muitas peças de latão, ou se estão de luto, empastados de barro, mas apresentando em todo o caso dentes alvissimos e pontagudos, que mais se tornam ainda quando tratam de casar, poisque os afiam então expressamente com um instrumento proprio.

Mas ver esta negraria ainda não é tão mau; o peior é ou-

vi-los, particularmente os devotos grumetes quando, como fazem de noite, segundo o seu costume, começam a entoar ladainhas e outros cantos.

Tambem ao entrarmos na rua principal despertou a nossa attenção o mercado diario que ali tem logar, e que é curioso ver, porque a elle concorrem regularmente 600 ou mais gentios papeis, balantas e bijagós a mercadejar com os grumetes da praça e mais habitantes.

Os vendedores estão enfileirados e acocorados ao longo da rua, quasi sempre do lado do sol, vendendo na sua frente de ordinario, arroz, fructas, gallinhas, legumes, leite, oleo, ovos, porcos e vinho de palma.

Os compradores andam rua abaixo rua acima, percorrendo o mercado, trocando os objectos de que vem munidos, que geralmente são aguardente, bandas de tecido grosseiro de algodão, barras de ferro, folhas de espada, polvora e tabaco em folha.

Ás vezes admittem tambem algum patacão, como chamam á nossa antiga e incommoda moeda de 40 réis, que aquelles negros reservam unicamente para a manufactura dos seus grosseiros artefactos.

Toda a especie de insignificancia, como, por exemplo, botões velhos de fardas, tem grande saída n'este grande mercado. Um periquito que comprámos custou-nos cinco d'estes botões, e não foi barato, pois informaram-nos de que não é raro obter uma d'aquellas aves por um unico botão.

Uma senhora (passageira) com uma pulseira de oiro francez receiámos que fizesse rebentar algum pronunciamento; tal era a avidez com que toda aquella negraria se disputava a posse de prenda tão extraordinaria!

Não é para admirar tanto enthusiasmo, quando de continuo viamos perpassar o robusto bijagó, o astuto balanta e o dissimulado papel, levantando entre si acaloradas disputas a proposito de qualquer insignificante troca!

Passemos agora a descrever a povoação. A praça de S. José de Bissau, com os seus poilões *(erio exdendron anfractorum)*,

arvores gigantescas que se erguem com magestade nos quatro baluartes, e que os abrigam com a sombra, sendo de taes dimensões que uma d'ellas tem 18 metros de perimetro na maior grossura, está situada na foz do rio Geba, e foi construida no anno de 1766, reinando el-rei D. José I.

De seu principio teve alojamento para o governador, bons quarteis para 200 homens e officiaes correspondentes, igreja da invocação de S. José, alfandega, grandes armazens, e um poço com agua potavel. Mas depois de tudo isto feito com grossos capitaes, pela necessidade que houve de conduzir de Lisboa muitos operarios e grande parte dos materiaes, bem como os vasos de guerra e tropa para sustentar a guerra contra o gentio papel e balanta, e para proteger a edificação da praça, que referem escriptores antigos custou a vida a mais de 2:000 portuguezes, chegou este estabelecimento a uma decadencia tal que ainda ha bem pouco só lhe restava um casarão construido de pedra e barro, aonde o governador e officiaes estavam pessimamente alojados e nas peiores condições hygienicas, um quartel para soldados, quasi em ruinas e em grande parte descoberto, uma mesquinha capella, algumas miseraveis barracas cobertas de palha, destinadas ás mulheres dos soldados, e um poço cheio de entulho!

Ultimamente porém, alem de se estabelecer uma nova tarifa para os soldos dos officiaes da provincia de Cabo Verde, destacados na Guiné portugueza, dando-se-lhe de augmento o equivalente á metade dos seus vencimentos, têem tido certo incremento as obras militares.

O governador geral Fortunato José Barreiros ordenou que se procedesse á reparação do forte do Pigiguiti, da tabanca e da palissada, e auctorisou a construcção de uma parede (guarda fogo) no paiol da polvora.

Sob a direcção do activo e intelligente governador de Guiné, Antonio Candido Zagallo, reconstruiu-se o quartel militar, comprehendendo alojamentos para os soldados e officiaes inferiores, arrecadação e cozinha, e começaram-se tambem as obras para a reconstrucção da casa de residencia dos gover-

Lith. da I. N.al

VISTA DE S. JOSÉ DE BISSAÚ (*Guiné portugueza*)

nadores, cujo madeiramento foi offerecido gratuitamente pelo fallecido commendador Honorio Pereira Barreto.

Em consequencia de uma allocução de outro governador de Guiné, o major Francisco Alberto de Azevedo, foi reedificado tambem o importante forte de S. Belchior (que domina a navegação do rio Geba), graças aos donativos dos leaes habitantes d'aquella colonia.

Bem necessarias eram providencias de defeza na Guiné, bem como as que se referem aos vencimentos militares; sendo para desejar que se mantenha na guarnição, que deve ao menos ser sufficiente, a mais severa disciplina, para que se não repitam os factos que se deram em julho de 1853, que tornaram indispensavel o auxilio do brigue de guerra francez *Palinure;* havendo a lamentar a morte do primeiro tenente d'este navio La Gillardaie, commandante do primeiro pelotão da força franceza que atacou os sublevados.

O governo portuguez, depois de haver mandado de Lisboa expressamente o vapor de guerra *Mindello* com a precisa força militar e as necessarias munições de bôca e de guerra, decretou uma pensão á viuva do mencionado valente e infeliz official francez, declarando as côrtes dignos da gratidão nacional os serviços prestados a Portugal na praça de Bissau pela guarnição do brigue de guerra francez já mencionado.

Felizmente Bissau não é só nas cousas militares que tem tido incremento ultimamente, porque tem crescido em industria agricola, e faz algum commercio, havendo tambem augmentado a sua povoação a ponto que de insignificante presidio, que fôra a principio subordinado a Cacheu, e de praça de guerra que depois passou a ser, acha-se actualmente elevada á categoria de villa e cabeça do governo da Guiné portugueza, por decreto de 29 de abril de 1858, referendado pelo nobre visconde de Sá da Bandeira.

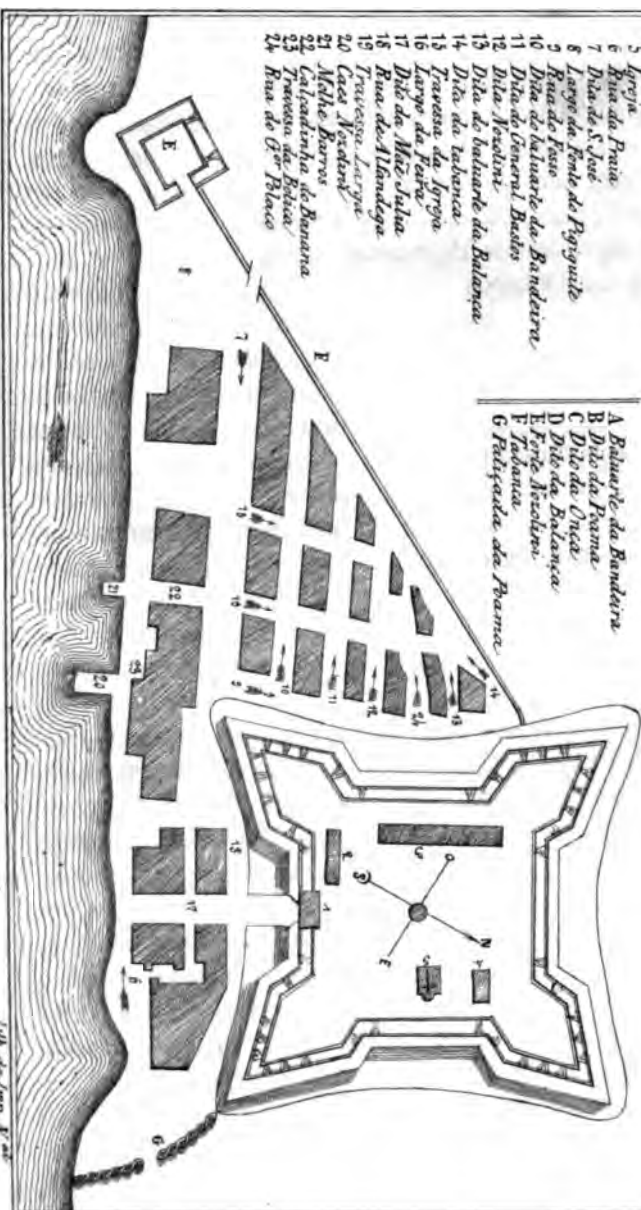
Com effeito, como muito bem diz o sr. Antonio Affonso Mendes Coutinho, e nós o repetimos, Bissau portugueza não se reduz á praça e povoação d'este nome, e apesar da importancia do seu commercio ser pouca actualmente, e não poder

tornar-se grande, mesmo com as acanhadas transacções entre os individuos da sua diminuta população, é uma villa que póde prosperar muitissimo, e que já se considera mui proveitosa pelos seus ferteis terrenos, situada, como está, nas praias da extensa ilha do mesmo nome, que, segundo alguns auctores, conta para cima de 40:000 habitantes, apenas dividida por um rio do immenso continente africano, e tendo alem d'isso varias dependencias importantes.

Para todas estas dependencias, bem como para muitos outros pontos com os quaes mediata ou immediatamente está relacionada, serve Bissau de centro, e debaixo das suas reciprocas relações, alem das que ainda é possivel entabolar de novo, é que deveremos avaliar esta nossa colonia, a pouca importancia do seu commercio e a grandeza da sua industria agricola, que tanto póde ali augmentar, achando-se já desenvolvida, em umas partes em começo, e em outras dando esperança dos mais felizes resultados, quanto maior for a protecção e a segurança que o governo de sua magestade for dando aos negociantes e colonos lá estabelecidos, e aos que de futuro escolham aquellas paragens para n'ellas ensaiarem as suas especulações.

Considerada em si, aquella praça, formada de quatro frentes abaluartadas, traçadas sobre um quadrado de 100 metros proximamente de lado, com muralhas de 10 a 12 metros de elevação sobre o fosso que a circumda, não passa de uma pequena povoação mál alinhada, com algumas casas palhoças, outras de barro, e bem poucas de solida construcção. Tem por limites nas duas extremidades de ENO. e SSO. na primeira, uma paliçada, na segunda uma tabanca, que ambas fecham a fortificação que a defende, e lhe fica superior pelo lado do N.; ao NO. serve-lhe de limite o rio de Bissau. Melhor idéa se fará d'esta praça consultando a planta que apresentâmos.

Quasi todo o terreno está já hoje occupado, e por isso o augmento que póde ter a povoação é quasi nenhum, emquanto se não alargarem os limites da sua actual area para o interior da ilha.

PLANTA DA PRAÇA DE S. JOSÉ DE BISSAU
1 Casa do Governo
2 Quartel arruinado dos officiaes
3 Dito da guarnição e hospital militar
4 Paiol
5 Igreja
6 Rua da Praia
7 Dita de S. José
8 Largo da Fonte do Pigiguite
9 Rua do Fosso
10 Dita do baluarte da Bandeira
11 Dita do General Bastos
12 Dita Nozolini
13 Dita do baluarte da Balança
14 Dita da tabanca
15 Travessa da Igreja
16 Largo da Feira
17 Dito da Mãe Julia
18 Rua de Alfandega
19 Travessa Larga
20 Caes Nozolini
21 Molhe Barros
22 Calçadinha do Banana
23 Travessa da Botica
24 Rua do G.or Polaco
A Baluarte da Bandeira
B Dito da Poama
C Dito da Onça
D Dito da Balança
E Forte Nozolini
F Tabanca
G Paliçada da Poama
Lith. da Imp. N.al

de para a nossa Bissau, de se lhe alargarem os limites quando as conveniencias publicas mais do que isso aconselham. Entretanto, porque suppomos que bem comprehenderá o alcance d'essas conveniencias, quem tiver um tal ou qual conhecimento de Bissau, e porque, por outro lado, nem tudo o que é conveniente se póde publicar, permitta-se-nos n'este logar uma reticencia, que, alem de exigida pela prudencia bem entendida, é desculpavel pela inutilidade da franqueza.

Pelo lado de defeza e hygiene está muito mal situada a praça, e havendo-se agglomerado a povoação junto ás muralhas tem presentemente desembaraçadas só duas faces que deitam para o campo do gentio.

Teria sido mais acertado quando se fundou este estabelecimento aproveitar um trato de terreno mais elevado a 2 kilometros O. de Bissau, perto da aldeia dos papeis de Bandim, poisque a praça dominaria melhor os campos adjacentes, e teria por isso uma defeza mais efficaz pelo lado de terra, podendo haver para mais segurança do porto uma bateria rasante junto á margem, que seria considerada como obra avançada da praça.

Tambem ganharia immenso pelo lado hygienico, porque este local é muito ventilado, alem de que especialmente deve attender-se a que sendo as vertentes mais inclinadas, deixa a descoberto nas praias muito menor porção de lodo.

Comtudo se se andou mal na escolha do sitio mais adequado para se fundar esta povoação, não sabemos se seria pela difficuldade de adquirir outro terreno, se pela opposição do gentio, ou se por erro finalmente da antiga companhia do Grão Pará e Maranhão, que o comprou.

Já dissemos que o clima de Bissau é mau (como geralmente o de quasi todos os estabelecimentos portuguezes na costa de Guiné). Relativamente ás causas d'essa insalubridade, parece-nos a proposito apresentar aqui as seguintes observações de um homem mui competente e conhecedor do paiz, o sr. conselheiro Januario Correia de Almeida:

1.ª Todos os nossos estabelecimentos da costa de Guiné,

pelas necessidades do seu commercio, estão situados nas margens dos rios ou no litoral, e portanto em terrenos mui baixos e pouco ventilados pelo vento NO., que é o dominante.

2.ª N'este paiz de mui pouco relevo, as vertentes para o mar e para os rios têem muito pequena inclinação, e pela differença das marés que nas aguas vivas chega a exceder 2 metros, fica na baixamar a descoberto uma grande extensão de lodo, aonde se tem accumulado enorme porção de detritos organicos que, postos em fermentação debaixo da zona torrida, exhalam miasmas putridos, que inficionando a atmosphera, vão atacar poderosamente a economia animal.

3.ª Effeitos quasi tão perniciosos como os resultantes das causas antecedentes são produzidos por alguns pantanos do interior, e principalmente pelos gazes emanados de grandes superficies de terrenos cobertos de detritos de uma vegetação prodigiosamente vigorosa, e que saturados de humidade recebida durante a noite se acham durante o dia sujeitos á acção do sol abrasador dos tropicos.

4.ª A elevada temperatura media de 30° centigrados á sombra durante o dia, e mais em algumas estações (chegando o thermometro a subir a 50° exposto ao sol do meio dia) produz uma transpiração abundante, da qual passando-se incautamente a um rapido resfriamento, se originam frequentes constipações, que são muitas vezes causas das febres e de outras doenças ali vulgares.

5.ª Finalmente, a todas as condições climatologicas que dão causa á insalubridade do paiz e contra algumas das quaes a industria humana seria impotente, vem juntar-se o desleixo e a incuria da policia ali, e dos proprios habitantes.

De facto, as immundicias de toda a especie encontram-se amontoadas nas casas, nas ruas e nas praias, e não é por certo esta uma das mais insignificantes causas morbidas.

Se o clima pois é muito doentio, mórmente no inverno (o qual começa em junho e acaba em outubro), tambem, alem dos motivos acima expostos, muito contribuirá para este deploravel estado de cousas a estagnação das aguas putridas,

produzidas pela cultura do arroz (em Portugal não tem dado melhores resultados!), que os gentios (e os habitantes em alguns presidios) fazem a vinte passos e menos de distancia do estabelecimento.

Concorre ainda para a insalubridade do paiz a má construcção das casas, que quasi na totalidade são de barro, muito humidas e pouco arejadas; e tambem não concorre menos o uso immoderado de bebidas alcoolicas.

Acresce ainda não haver ali facultativo algum nem botica regularmente sortida. Tambem não se encontra em Bissau um hospital que mereça similhante nome, pois aquillo a que dão este nome é apenas uma casa indecente, escura e humida, a que por taes circumstancias melhor cabe o epitheto de cemiterio.

Nos estabelecimentos estrangeiros vizinhos empregaram-se todos os meios possiveis para lutar contra a ruindade do clima, reconhecendo que antes de se edificarem palacios e construir fortes, quarteis, etc. convinha proporcionar meios de tratamento aos moradores, motivo por que têem hospitaes que se podem chamar sumptuosos, grande numero de facultativos e boas boticas.

Ao sr. João Marques de Barros se deve estar actualmente o hospital de Bissau em melhores condições pelo que respeita a casa, tendo este negociante realisado a offerta que fizera de um predio construido á sua custa, em continuidade do hospital militar.

Para se fazer idéa da desgraça a que chegaram os enfermos na Guiné, bastará dizer que só ha bem pouco, como melhoramento muito importante, se compraram 12 camas de ferro, para o hospital, a fim de se armarem com cortinas para evitar o flagello dos mosquitos!

Já em um dos capitulos anteriores, fallando de hospitaes e assumptos correlativos, fizemos varias considerações sobre a hygiene publica, e mostrámos como o actual ministro da marinha e do ultramar, o sr. José da Silva Mendes Leal, possuido d'estas idéas, reorganisou o serviço de saude nas provincias

ultramarinas; repetiremos aqui essas reflexões, limitando-nos a indicar qual é o quadro do pessoal e as despezas que o estado faz com o hospital de Bissau, segundo o orçamento para 1863-1864:

1 Director—o vencimento que lhe competir pela sua graduação.	
1 Pharmaceutico—idem.	
1 Amanuense, enfermeiro	180$000
1 Servente	36$000
1 Cozinheiro	36$000
Medicamentos	378$000
Viveres e combustivel	420$000
Roupas, utensilios, etc.	150$000
Expediente	10$000

Daremos agora noticia do estado da igreja em Bissau.

Foi em 1604 que os jesuitas Balthasar Barreira e seus dois companheiros Manuel de Barros e Manuel Fernandes começaram a missionar nas ilhas de Cabo Verde; o ultimo morreu logo, e o primeiro nos annos seguintes percorreu toda a costa de Guiné até Serra Leoa; mas como não fixassem residencia n'aquellas terras e lá não voltassem desde 1641, e desde 1646 aquella sé ficasse orphã por vinte e cinco annos, caiu o culto em grande abatimento, como diz Lopes de Lima, apesar de terem no anno de 1647 aportado a Cacheu, como refere Francisco de Azevedo Coelho, tres barbadinhos castelhanos, fr. Manuel de Granada, fr. José de Lisboa e o leigo fr. Miguel, o primeiro dos quaes passou logo ás ilhas de Cabo Verde, e de lá regressou á Hespanha, ficando os dois a missionar com muito fructo em Guiné até á sua morte. Depois chegaram mais dois da mesma nação, distinguindo-se um d'estes, fr. João de Peralta, por converter muita gente em Bissau, aonde morreu, sendo enterrado na capella de Nossa Senhora da Candelaria (cabeça da freguezia de Bissau) que elle mesmo fundára.

Por um contratempo feliz, o padre Antonio Vieira, o varão apostolico mais rico de saber e virtude que Portugal então possuia, indo para o Maranhão em 1652, teve de arribar por uma tempestade á ilha de S. Thiago, onde prégou aos povos,

exprobando severamente aos capitulares a sua negligencia espiritual; e segundo as suas proprias palavras, na *ponderação* 8.ª da sua defeza aos cargos que lhe fez a inquisição, diz que, *conhecendo o desamparo espiritual d'ellas* (as ilhas de Cabo Verde) *e de toda a costa de Guiné, escreveu d'ahi apertadissimamente a sua magestade, mettendo grande escrupulo ao principe, que já ficava enfermo, para que acudisse áquelles gentios e desamparados christãos.*

D'esta diligencia apostolica *resultou,* como elle mesmo acrescenta, *uma missão* de oito religiosos da provincia da Piedade (capuchos), missão que continuou a prestar importantes serviços á religião, não só no archipelago, como tambem em Cacheu, aonde fr. Paulo de Lordelo fundou o hospicio de Nossa Senhora da Piedade.

O primeiro bispo que visitou a costa de Guiné, aonde morreu em 1614, foi o setimo da diocese de Cabo Verde, D. fr. Sebastião da Ascensão.

Depois, em 1687 o bispo D. fr. Victorino do Porto foi a Bissau, aonde fundou o hospicio, do qual nem vestigios já existem, e converteu o rei Becampolocó, seu filho e muita mais gente.

D. fr. José de Santa Maria, outro bispo, fez tambem uma visita á Guiné, e D. fr. João de Faro naufragou em Cabo Roxo, onde foi captivo do feroz gentio de Jambarem, e depois de resgatado, indo emfim para Cabo Verde, morreu no mar em 1741.

Finalmente folgâmos de commemorar n'este logar a visita feita á Guiné portugueza em 1855 pelo actual rev.^{mo} bispo do Funchal e então bispo de Cabo Verde, D. Patricio Xavier de Moura, o qual, apesar da sua idade avançada e delicada saude, não duvidou arriscar assim a vida em tão inhospito e perigoso clima; e não recuando perante quaesquer considerações, com uma abnegação e energia dignas do maior elogio, organisou o serviço da repartição ecclesiastica, que n'aquellas paragens se achava em completo abandono, falto de padres e sem escripturação, de sorte que nem para os assentos de baptismos, casamentos ou obitos havia livros proprios, com gravissimo prejuizo da honra e fortuna das familias.

Chrismou este virtuoso bispo quasi todos os habitantes de Bissau, sendo o conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas o primeiro que recebeu aquelle sacramento da confirmação, louvavel exemplo este que foi seguido por todas as pessoas que o acompanhavam.

A igreja da praça, que outr'ora se via deserta, ainda mesmo nas occasiões de se celebrar o santo sacrificio da missa, passou a ser frequentada de fieis, como hoje felizmente o está sendo, e assim póde dizer-se que s. ex.ª rev.ma o sr. bispo D. Patricio Xavier de Moura marcou uma epocha na historia d'esta importante possessão portugueza; mesmo porque foi então que se tratou de habilitar padres para regerem as igrejas de Guiné, muitas das quaes desde longa data se achavam desprovidas de pastores, pela falta que havia de ecclesiasticos na provincia que estivessem no caso de occupar tão importantes logares, quaes os curas de almas, e em pontos onde a religião é sem duvida o mais poderoso instrumento de civilisação.

N'estes termos muito nos devemos alegrar do modo por que ha annos a esta parte o governo portuguez tem olhado para as cousas da igreja nas nossas colonias; e confiemos que se auferirão grandes vantagens da providencia tomada ultimamente de ordenar que da Guiné e demais possessões portuguezas venham alguns naturaes estudar no seminario de Santarem, para depois tomarem ordens e assim voltarem ao seu paiz, a fim de serem uteis áquelles povos, tão necessitados de instrucção religiosa e civil.

Honra tambem ao sr. Nicolau Monteiro de Macedo que, segundo ouvimos dizer, entregou ao governo uma igreja feita toda de novo, graças á sua devoção e liberalidade.

Geralmente fallando, os habitantes da Guiné são intrataveis e muito aferrados aos seus erros e ao feiticismo, com excepção dos felupes, que parecem mais accessiveis e menos oppostos ao christianismo. É opinião nossa todavia, que se com espirito verdadeiramente christão se porfiasse em os chamar á nossa fé, uma ampla colheita de convertidos seria o resultado para

a igreja. Com os mandingas reconhecemos comtudo que seria mais difficil isto, pois na grande maioria professam o islamismo, religião em que os instruem seus *bixurins* ou *caciques*, e sendo muito rigorosos na observancia dos jejuns e mais preceitos do Alcorão, do qual trazem sempre comsigo pequenas sentenças cozidas em saquinhos e pendurados do pescoço á maneira dos nossos amuletos ou dóminas. Chamam-lhes *gris-gris* como dissemos, quando tratámos do Senegal. Usam tambem á roda da cintura grossas contas.

Como os mandingas se consideram a si proprios mais civilisados do que quaesquer outros dos povos vizinhos, são por isso muito mais firmes nos seus erros religiosos, e consequentemente mais difficeis de attrahir ao gremio catholico. Entretanto não ha que desanimar, poisque por outro lado tem tido logar muitas conversões entre os cassangas, papeis, balantas, biafares e bijagoz que são os que actualmente compõem a christandade negra da Guiné portugueza, e que são ali conhecidos pelo nome de *grumetes*.

É tão interessante um artigo que encontrámos do sr. J. Tavares de Macedo no *Boletim do conselho ultramarino* relativamente ao que eram os *tangomãos* de Guiné, de que falla uma provisão regia de 15 de julho de 1565, extractada por Duarte Nunes de Leão na sua compilação das *Leis extravagantes*, as *Ordenações Filippinas*, outros documentos officiaes e alguns auctores, especialmente o padre Fernão Guerreiro nas suas *Relações annuaes da historia das missões dos jesuitas na Guiné*, que nos pareceu seria agradavel ao leitor darmos-lhe alguma noticia d'isto, tanto para mostrar os serviços ali feitos á religião pelo nosso clero, como para servir de nota á historia do trafico da escravatura.

Os missionarios faziam muito serviço a Deus em Guiné ajudando a descaptivar muita gente livre que mercadores portuguezes que especulavam n'este vil negocio agarravam injustamente, furtando-os e mettendo-os á força nos seus navios, ou havendo-os dos outros negros que os salteavam e escravisavam injustamente, ou emfim havendo-os igualmente dos

tangomãos, ou lançados com os negros que andavam n'aquelle trato pela terra dentro.

Estes *tangomãos* eram uma sorte de gente que, aindaque na nação eram portuguezes e na religião ou baptismo christãos, viviam porém de tal maneira, como se não fossem nem uma cousa nem outra. Muitos d'elles andavam nus, e para mais se accommodarem com os naturaes riscavam, como os gentios, o corpo todo com um ferro, ferindo-o até tirarem sangue, e fazendo n'elle muitos lavores que depois untavam com o sumo de certas hervas representando varias e muito extravagantes figuras.

D'esta maneira andavam por toda a Guiné, tratando e comprando escravos por qualquer titulo que os podiam haver, bom ou mau, e tão esquecidos de Deus e de sua salvação como se fossem os proprios gentios do paiz, passando n'esta vida vinte e trinta annos sem se confessarem nem se lembrarem de outra vida n'este mundo.

De fórma que os missionarios, vendo a perdição d'esta gente, quando acontecia os *tangomãos* virem a locaes onde havia igrejas, tratavam de os encaminhar, mostrando-lhes o mau estado em que andavam para os reduzir a melhor vida, resultando que conseguiram confessar e fazer arrepender a alguns. Tanto assim, que sendo reputados illicitos os bens adquiridos, não permittiam as nossas leis que os filhos e mais parentes herdassem senão em caso de haverem obtido o perdão dos ministros de Deus e do governo; de contrario era a sua fazenda applicada para o hospital de Todos os Santos da cidade de Lisboa.

Deprehende-se d'isto que, embora ainda no meado do seculo XVII houvesse portuguezes em Guiné entregues, sem temor de Deus e dos homens, a uma vida tão brutal, não só eram os seus bens em castigo applicados para uma obra tão pia como o tratamento da pobreza enferma; mas tambem que o governo portuguez não se esquecia de chamar os *tangomãos* quanto lhe era possivel á vida civilisada e christã, abominandose não só o esquecimento de todos os pensamentos de religião,

como os meios illicitos empregados pelos *tangomãos* para haver os escravos.

É justiça dize-lo uma vez por todas, ainda no tempo legal em que o nosso governo consentia ou de certo modo promovia a passagem de escravatura para as então nossas possessões na America, nunca nos foi indifferente o modo como os pobres negros eram reduzidos ao infeliz estado de escravos; alem de que havia facultativos e padres nos navios de transporte que não embarcavam maior numero de negros do que o lotado, com a agua e os mantimentos precisos, e emfim com um severo e bem ordenado systema.

Concluiremos, quanto ao ramo ecclesiastico na Guiné, citando as freguezias em que se divide aquelle governo:

Nossa Senhora da Candelaria (Bissau), Nossa Senhora da Natividade (Cacheu), Nossa Senhora da Luz (Zeguichor), Nossa Senhora da Graça (Farim), Nossa Senhora da Graça (Geba): cada um dos cinco parochos tem unicamente 240$000 réis annuaes, de modo que com tão diminutos vencimentos não nos parece que se possa ainda esperar grande cousa da parte d'aquelles sacerdotes, apesar de todas as reformas, melhoramentos e esforços a que já alludimos a favor da religião n'aquellas regiões.

Occupemo-nos agora do judicial.

O desembargador juiz de direito Manuel Felicissimo Louzada de Araujo de Azevedo foi o primeiro juiz letrado que desde 1812 foi a Bissau, sendo acompanhado do delegado do procurador regio da comarca, de um escrivão e de um official de diligencias; e por conseguinte viu-se aquelle auditorio em perfeito abandono, não se encontrando vestigio algum da visita dos empregados judiciaes que a haviam feito n'aquelle anno. Não havia cartorio do escrivão nem inventario dos processos. Faltava arca de orphãos, e portanto os bens d'estes e dos defuntos e ausentes, cujos inventarios até ao anno de 1844 eram feitos judicialmente, achavam-se extraviados e delapidados, existindo muito poucos processos.

N'estas circumstancias, e não sendo possivel demorar-se

aquelle juiz n'este julgado, pouco se póde investigar quanto ao preterito, segundo vemos no boletim official da provincia; mas procedeu-se aos inventarios dos autos e livros que appareceram, regulou-se o andamento dos negocios pendentes, occorrendo-se principalmente á arrecadação dos bens dos orphãos, nomeando-se depositario para a sua arca, e fazendo logo para ella entrar mais de 800$000 réis. Mandaram-se tambem sellar os autos que estavam sem sêllo, e tomaram-se as convenientes medidas para regularisar o serviço d'ali em diante e se descobrirem os autos e espolios sonegados.

No estabelecimento de Bissau, aindaque importantissimo ao commercio, são raros os pleitos judiciaes, poisque poucos são os moradores portuguezes, e com os gentios tornam-se quasi impossiveis as demandas.

Antes de passarmos adiante, daremos uma resumida noticia do regulamento para a organisação administrativa, militar e de fazenda da Guiné portugueza, estabelecido em 24 de outubro de 1861 pelo governador geral da provincia de Cabo Verde Carlos Augusto Franco.

As possessões da Guiné portugueza são consideradas um só concelho, em tudo sujeito ao governador geral da provincia de Cabo Verde. Este concelho é dividido em praças e presidios, administrado por um governador chamado da Guiné portugueza, residente em Bissau, com o soldo da sua classe e 1:600$000 réis de gratificação.

Tem um delegado administrativo ou governador seu subordinado em Cacheu, com o soldo da sua patente, 400$000 réis de gratificação e 86$400 réis para renda de casas, competindo-lhe a administração d'esta praça e suas dependencias.

Cada uma das praças, fortes, presidios e mais pontos habitados dependentes do governo tem um chefe responsavel.

Junto ao governador da Guiné ha uma commissão municipal, de que este é presidente, com quatro vogaes e quatro substitutos, todos nomeados pelo governador geral da provincia, sob proposta d'aquelle em lista triplice. Esta commissão tem uma delegação sua subordinada em Cacheu, formada

e composta do mesmo modo; tendo tanto a commissão como a delegação as attribuições que prescreve o codigo administrativo para os concelhos na parte que lhe póde ser applicavel. O escrivão do judicial accumula as funcções de escrivão da commissão municipal.

O governador da Guiné é obrigado a visitar annualmente duas vezes pelo menos a praça de Cacheu, e uma vez todos os fortes e presidios que fazem parte do seu governo subalterno.

Ha um secretario proposto pelo governador e de nomeação regia, com a gratificação de 240$000 réis, que é immediatamente responsavel pela boa ordem e regularidade da secretaria.

Em cada uma das praças de S. José de Bissau e Cacheu ha um regedor de parochia com as attribuições que lhe marca o codigo administrativo, e os chefes dos presidios e mais pontos habitados funccionam de regedores de parochia nas localidades a seu cargo.

Em cada praça ou presidio ha um chamado *juiz dos grumetes,* nomeado pelo governador da Guiné, com a gratificação annual de 48$000 réis; sendo de sua attribuição julgar as causas civeis entre os grumetes, com recurso para o governador, e bem assim cumprir as ordens que por este lhe forem dadas ou, em seu nome, pelos seus delegados, sem que comtudo estes juizes possam ser considerados magistrados administrativos.

A administração de fazenda é regida por uma delegação da junta da fazenda da provincia de Cabo Verde, denominando-se aquella delegação commissão fiscal da Guiné, a qual reside em Bissau, e tem uma delegação em Cacheu, onde ha um recebedor particular, como ha outro em Bissau.

A commissão fiscal da Guiné é presidida pelo governador, e são seus membros o recebedor particular de Bissau e o primeiro escrivão da alfandega, tendo um secretario sem voto com 72$000 réis annuaes de gratificação, de nomeação do governador da Guiné e confirmação do governador geral da provincia.

A delegação de fazenda de Cacheu é composta do governador d'esta praça, presidente; do recebedor particular, que serve de secretario, e de um segundo vogal.

Os directores das alfandegas de Bissau e Cacheu exercem cumulativamente as funcções de recebedores.

Damos em seguida a nota do pessoal das alfandegas da Guiné e respectivos vencimentos annuaes, segundo o orçamento para 1863-1864.

EM BISSAU

1 Director	480$000
1 Primeiro escrivão	240$000
1 Segundo dito	200$000
1 Meirinho	120$000
1 Sellador	80$000
2 Guardas, a	40$000
1 Patrão de escaler	43$200
4 Remadores, a	36$000

EM CACHEU

1 Director	320$000
1 Escrivão	160$000
1 Meirinho	96$000
1 Sellador	64$800
2 Guardas, a	32$400
1 Patrão de escaler	38$400
4 Remadores, a	28$800

POSTOS FISCAES

1 Fiscal em Geba	96$000
1 Dito em Curubal	96$000
1 Dito em Farim	72$000
1 Dito em Zeguichor	72$000

Para o serviço dos portos ha na Guiné:

1 Patrão mór em Bissau com	192$000
1 Dito em Cacheu	72$000

O orçamento mais moderno que obtivemos, ácerca do dis-

tricto da Guiné portugueza em particular é de 1857-1858, que apresenta:

Receita	20:043$240
Despeza	42:530$050
Deficit	22:486$810

Temos dado noticia detalhadamente das verbas da despeza com o pessoal d'este governo subalterno.

Na despeza deixámos de marcar verbas importantes que apresentâmos agora, taes como: 6:000$000 réis para obras publicas, 1:450$000 réis de extraordinarios com os gentios e regulos, 300$000 réis de comedorias e passagens a funccionarios publicos, 100$000 réis de fretes de objectos transportados, 624$000 réis com as communicações entre os diversos pontos do governo, e 500$000 réis para amortisação do *deficit* anterior.

Agora especificaremos os rendimentos que constituem a receita acima apontada, segundo o mesmo orçamento:

Saldo do anno anterior		100$000
IMPOSTOS DIRECTOS		
Direitos de mercê	429$840	
Sizas	80$000	
Sellos	220$000	
Terças dos concelhos	30$000	759$840
IMPOSTOS INDIRECTOS		
Alfandegas (arrematações)	16:800$000	
Ancoragens	650$000	
Real de agua (da carne)	172$000	17:622$000
PROPRIOS E DIVERSOS RENDIMENTOS		
Fôro do ilhéu do Rei	200$000	
Correio	27$600	
Armazenagem da polvora	160$000	
Fretes do lanchão do governo	20$000	
Vendas de medicamentos em Cacheu	18$800	
	426$400	18:481$840

Transporte.......	426$400	18:481$840
Donativos dos habitantes de Zeguichor, para pagamento da congrua liquida do vigario d'aquella freguezia..................	180$000	
Dividas cobraveis.....................	425$000	
Cobrança provavel á conta do saldo que ficou do exclusivo do Curubal..............	500$000	
Receita extraordinaria..................	30$000	1:561$400
		20:043$240

Já que tratámos especificadamente da receita e despeza de Guiné, e sendo da maior transcendencia remediar o mal terrivel, o grande *deficit* que mostrámos existir ali, e que é originado pelos estabelecimentos vizinhos dos estrangeiros, principalmente pelo porto franco e presidio que os inglezes estabeleceram na nossa ilha de Bolama, passaremos a dar noticia do estado do nosso commercio n'aquellas regiões, fazendo varias reflexões sobre tão transcendentes assumptos.

Em 27 de dezembro de 1854 reorganisou-se o pessoal das alfandegas de Guiné, e estabeleceu-se uma nova pauta, fazendo-se varias modificações, sem duvida na intenção de collocar o commercio nacional d'aquella possessão em circumstancias de concorrer com vantagem com o commercio estrangeiro dos portos e possessões vizinhas, de modo que tambem resultassem vantagens para a fazenda nacional!

O competentissimo governador que n'aquelle tempo estava á testa dos negocios da Guiné portugueza, o commendador Honorio Pereira Barreto, e os principaes negociantes do paiz, vendo que pela referida pauta não se obtinha o fim desejado, pediram immediatamente ao governador geral, o conselheiro Arrobas, sustasse a execução da mesma pauta, representando ao governo quaes as alterações que a experiencia aconselhava se fizessem, a fim de que se formasse uma nova pauta para o commercio de Guiné.

Para melhor se conhecer o estado anterior á pauta de 1854, e o resultado que dá, posta esta em vigor, juntámos o seguinte curioso mappa.

COMME[...]

I[...]

Classes segundo a importancia da procura	Designação dos objectos	Peso medio da peça			Direitos pela pauta anterior a 1854	Unidade	
		lib.	onç.	oit.	réis	Da pauta anterior a 1854	Da p[...] de 1[...]
Objectos essenciaes de primeira ordem que pela pauta de 1854 tiveram augmento nos direitos	Aguardente [1]	–	–	–	320	almude	alm[...]
	Bertangil [2]	–	76	–	15	covado	libr[...]
	Limeneas [3]	5	12	$6\frac{2}{5}$	16 largo 10 estreito	»	»
	Broche [4]	16	–	3	20	vara	»
	Cotins [5]	12	14	–	28,3	»	»
	Tabaco em folha	–	–	–	13	libra	»
	Polvora grossa	–	–	–	14	»	»
	Sal commum [6]	–	–	–	360	moio de Cabo Verde	moi[...] de Li[...]
	Pannos de Dampes	–	–	–	240	par	*ad val*[...] pa[...]
	Ferro em barra	–	–	–	180	quintal	*ad val*[...] qui[...]
	Alambre fino [7]	–	–	–	960	libra	*ad val*[...] lib[...]
	Contas de vidro	–	–	–	20	»	»
	Contas de louça	–	–	–	15	»	»
	Contas lavradas	–	–	–	24	»	»
	Missanga fina	–	–	–	25	»	»
	Missanga ordinaria	–	–	–	16	»	»
	Balas de chumbo	–	–	–	300	arroba	*ad val*[...] arr[...]
	Barretes escocezes de lã	–	–	–	145	duzia	*ad val*[...] du[...]
	Caldeiras de ferro	–	–	–	360	quintal	*ad val*[...] quin[...]
Objectos essenciaes de primeira ordem que pela pauta de 1845 tiveram diminuição nos direitos	Algodão cru [8]	7	1	5	10 largo 5 estreito	covado	lib[...]
	Algodão sarjado [9]	14	–	–	40	vara	»
	Madapolão [10]	2	5	$2\frac{2}{3}$	14 largo 7 estreito	covado	»
	Algodão de Gambia [11]	14	–	–	»	»	»
	Lenços de algodão ordinarios [12]	1	–	–	termo medio 322,5	duzia	»
	Secreton [13]	1	–	–	25	covado	»
	Tafeti [14]	1	–	–	25	»	»

[1] Até 22º é a que mais serve.
[2] Algodão tinto em peças. — As peças regulam por 24 covados.
[3] Cada peça anda por 49 covados.
[4] Algodão tinto em fio (pannos em peças). — Peças de 37 ½ varas.
[5] Algodão sarjado, cotins de cores, etc. — Cada peça 29 ⅚ varas.
[6] Pela pauta anterior a 1854 só era admittido o sal portuguez, o qual, como se mostra n'e[...] sal de Portugal a Guiné, tolerava-se a entrada do estrangeiro, que era de facto o unico a p[...]
[7] Calculado o valor medio. Ha desde n.º 1 até n.º 12. O n.º 1 custa 25$300 réis, e o n.º 1[...]
[8] Regula a peça por 33 covados.
[9] Peças de 22 varas.
[10] Algodão branco de qualquer numero de fios. — Peças de 23 covados.
[11] Idem.
[12] Algodão estampado em peça (lenços ordinarios). — Peças de 13 ¼ lenços.
[13] Algodão tinto em peça. — Cada peça com 7,58 covados.
[14] Algodão sarjado (cotins de côr, etc.) — A peça 16 covados.

...GUINÉ

...ÃO

...ireitos por unidade		Direitos *ad valorem*		Augmento pela pauta de 1854 por cento	Diminuição pela pauta de 1854 por cento	Valor dos objectos	
...pauta ...erior ...1854	Pela pauta de 1854	Pela pauta anterior a 1854	Pela pauta de 1854			A bordo	Em terra
réis						réis	
320	450	14,8	20,8	43,75	-	2,160	3$275
75	105	15,8	22,1	40	-	93	150
110,9	120	12,1	13,1	8,2	-	107,9	150
22,8	120	3,0	15,9	426	-	328	480
69,6	150	20,1	43,3	115	-	139,8	200
13	15	9,6	11,1	15,3	-	135	240
14	15	10,0	10,7	7,1	-	140	240
120	900	2,0	15	750	-	6$000	8$000
240	281,4	10,2	12	17,2	-	2$345	3$600
180	308	7,0	12	71,1	-	2$570	4$000
960	medio 2,160	5	12	125	-	18$000	19$000
20	41,8	5,8	12	106	-	340	480
15	18,48	9,7	12	23,2	-	154	240
24	216	1,3	12	800	-	1$800	2$200
25	64,8	4,6	12	159,2	-	540	680
16	54	3,3	12	237,5	-	450	560
300	345	10,4	12	15	-	2$880	3$500
145	179	9,2	12	23,4	-	1$575	2$200
360	537,6	8	12	49,3	-	4$480	6$060
38	30	8,7	6,9	-	23,6	84,6	100
91,4	45	27,3	13,4	-	50,7	146	200
103,4	60	21,7	12,6	-	41,8	82	96
63	60	17,5	16,6	-	4,7	60	86
355,8	120	26,3	6,6	-	66,2	1$223,4	1$600
187	105	25 9	14,5	-	44,4	91,4	1"0
400	150	23,3	8,7	-	62,5	106,8	155

...gava 360 réis por moio de Cabo Verde ou 120 réis por moio de Lisboa; porém não importando ..., pois que alem d'este só importava o de Cabo Verde, que é livre e pouco procurado.
...porém quasi todo o que se vende é dos n.os 1, 2 e 3, cujo valor medio é o referido (18$000 réis).

Classes segundo a importancia da procura	Designação dos objectos	Peso medio da peça			Direitos pela pauta anterior a 1854	Unidad[e]
		lib.	onç.	oit.	réis	Da pauta anterior a 1854
Objectos essenciaes de primeira ordem que pela pauta de 1854 tiveram diminuição nos direitos	Pannos de Gorée, bantanfan, bôca rica e acolchoado [1]	–	–	–	240	par
	Pannos de bôca encarnada	–	–	–	160	»
	Espingardas	–	–	–	480	uma
	Varetas de cobre	⅞	–	–	25	»
	Machetes	–	–	–	medio 52,5	um
	Espadas	–	–	–	160	uma
	Pedreneiras	–	–	–	200	mil
Ditos de 2.ª ord. que tiveram augmento	Coral fino [2]	–	–	–	320	libra
	Riscado ordinario [3]	–	–	–	20	vara
	Chapéus de palha ordinarios	–	–	–	360	duzia
Ditos de segunda ordem que tiveram diminuição nos direitos	Panno encarnado de lã	–	–	–	130	covado
	Lamego (fio de lã)	–	–	–	140	libra
	Linha de algodão branco [4]	–	–	–	100	»
	Linha de côr	–	–	–	120	»
	Algodão branco sarjado [5]	14	–	–	40	vara
	Genebra ordinaria	–	–	–	480	almude
	Licores ordinarios	–	–	–	640	»
	Facas de cabo de pau [6]	–	–	–	240	duzia
	Facas de cabo de osso	–	–	–	320	»
Ditos sem import. que tiveram dimin.ão	Vinho de Bordéus [7]	–	–	–	960	almude
	Tabaco denominado vulgarmente manoco [8]	–	–	–	25	libra
	Polvora fina [9]	–	–	–	14	»
Ditos sem importancia que pela pauta de 1854 tiveram augmento de direitos	Vinho de Champagne [10]	–	–	–	960	duzia de garrafas
	Vinho de qualquer outra qualidade [11]	–	–	–	580	almude
	Cerveja [12]	–	–	–	960	»
	Cidra [13]	–	–	–	960	duzia de garrafas
	Panninho e patentes [14]	4	8	–	medio 30	vara
	Chita ordinaria de côr [15]	3	8	–	medio 22,3	»
	Charutos [16]	–	–	–	1$200	mil

[1] Termo medio.
[2] Correspondente ao valor medio de 23$500 réis a libra.—Ha uma infinidade de numer
[3] Algodão tinto em fio.
[4] Serve para fazer pannos nas praças de Bissau e Cacheu, e por isso devia ser livre de dire
[5] Peça de 34 varas.
[6] Servem para fazer presentes ao gentio.
[7] Pouco procurado.
[8] É quasi nulla a entrada.
[9] Muito pouco.
[10] Calculado pelo valor medio de 18$500 réis por 12 garrafas.
[11] Termo medio de 5$800 réis por almude.—Vende-se pouco.
[12] Pouca venda.
[13] Quasi se não vende.
[14] Cada peça regula por 18⅙ varas.
[15] Peças de 28 covados.
[16] Pouco.—Valor medio 15$300 réis o milheiro.

… por unidade. Pela pauta de 1854	Direitos *ad valorem* Pela pauta anterior a 1854	Direitos *ad valorem* Pela pauta de 1854	Augmento pela pauta de 1854 por cento	Diminuição pela pauta de 1854 por cento	Valor dos objectos A bordo	Valor dos objectos Em terra
réis					réis	réis
126,3	22,8	12	-	47,0	1$053	1$800
86,4	22,2	12	-	46,0	720	1$200
378	15,2	12	-	23,3	3$150	4$000
21,6	13,8	12	-	13,6	180	240
27	23,3	12	-	48	225	300
86,4	22,2	12	-	46	720	1$200
135	17,7	12	-	32,5	1$125	2$000
2$880	1,3	12	784,2	-	de 9$000 a 30$000	de 12$000 a 48$000
120	22,2	33,3	50	-	112,5	200
384	11,2	12	6,6	-	3$200	6$400
72,9	21,1	12	-	46,2	607,5	960
108	15,5	12	-	22,8	900	1$100
48	25,12	12	-	52	400	640
60	24	12	-	50	500	720
90	25	23,5	-	7,1	157,3	240
450	26,6	25	-	6,2	1$800	4$000
450	28,4	20	-	29,6	2$250	3$600
54	53,3	12	-	74,5	450	800
216	17,7	12	-	32,5	1$800	3$000
450	8,8	10	12,5	-	4$500	6$000
300	11,1	13,3	20	-	225	300
90	2,0	13,3	542,8	-	675	960
1$920	5,1	1,2	-	76,5	de 10$800 a 43$200	-
450	10	7,7	-	22,4	de 4$500 para cima	7$000
360	21,3	8,0	-	62,5	4$500	6$000
360	53,3	10	-	81,2	3$600	6$000
60	14,8	7,1	-	36,0	202,3	320
120	24,7	16,6	-	32,7	90	140
1$600	7,8	6,5	-	20	de 3$600 a 27$000	de 8$000 a 38$400

…ndem outros tantos preços, porém os necessarios no commercio são os de 9$000 a 30$000 réis.

Classes segundo a importancia da procura	Designação dos objectos	Peso medio da peça			Direitos pela pauta anterior a 1854	Unida
		lib.	onç.	oit.	réis	Da pauta anterior a 1854
Artigos que tiveram augmento de direitos	Couros........................	–	–	–	200	quintal
	Gomma animal................	–	–	–	32	arroba
	Azeite de palma	–	–	–	35	almude
Artigos que tiveram diminuição de direitos	Cera limpa....................	–	–	–	195	arroba
	Cera em bruto	–	–	–	80	»
	Marfim de lei..................	–	–	–	645	»
	Marfim meão	–	–	–	430	»
	Marfim escravelho.............		–	–	260	»
	Mancarra (semente de amendobi)	–	–	–	20	alqueire provincial
	Amendoa de palmeira..........	–	–	–	20	»
	Tartaruga......................	–	–	–	112	libra
	Arroz branco limpo	–	–	–	30	arroba
	Arroz branco em casca	–	–	–	15	»
	Arroz amarello limpo...........	–	–	–	20	»
	Arroz amarello em casca........	–	–	–	10	»

Concedendo que o commercio portuguez seja nacional (o que não é na nossa opinião), é claro que o commercio estrangeiro das possessões e portos vizinhos só póde concorrer com o das nossas possessões de Guiné na venda ao gentio, porque os generos que nas praças de Cacheu e Bissau consomem os negociantes, seus caixeiros e escravos não podem soffrer essa concorrencia, por isso que os primeiros se fornecem de seus proprios armazens, e os segundos dos armazens de seus patrões ou senhores; os primeiros por conveniencia propria, e os segundos porque a isso são obrigados: e o mesmo acontece aos gentios e grumetes que trabalham nas mesmas praças, os quaes recebem suas gratificações em cartões de fórma circular, conhecidos pelo nome de *baralhos*, e que têem o valor do dinheiro unicamente para trocar a generos nas lojas do individuo que emitte o *baralho*.

Na pauta de 1854, para o bom equilibrio do commercio, deviam diminuir-se os direitos dos objectos essenciaes para o commercio dos gentios, os quaes pela antiga pauta eram de 15 por cento e mais *ad valorem*, emquanto nas possessões estrangeiras vizinhas eram de 4 por cento, e na grande quantidade de portos neutros que ha por aquellas regiões, vizinhos dos nossos estabelecimentos, não pagava nenhuns impostos o commercio estrangeiro.

Esta diminuição, que desejaramos nos objectos essenciaes para o commercio dos gentios, devia ser tanto maior, quanto maior fosse o seu consumo, poisque só assim deixaria o gentio de ir a Sêllo (ou Sedhiu ou Sejo) no Casamansa, a Gambia, ao Casino, a Rio Nuno, a Bollola, a Serra Leoa e a todos os outros pontos estrangeiros vizinhos, que até aqui põem em perigo por sua concorrencia o commercio de Bissau e Cacheu, que ainda nos resta, em rasão das suas immediatas relações com os seus vizinhos e por sua posição especial.

Na pauta de 1854, como mostrámos, os direitos da aguardente, do bertangil, do tabaco em folha, da polvora ordinaria, do sal commum, do ferro em barra, do alambre fino, das contas de vidro e de louça, da missanga, etc., que são ali

objectos de primeira necessidade e de maior consumo, foram extraordinariamente augmentados, emquanto outros, como o champagne, a cerveja, polvora fina, charutos, cidra, etc., que são de puro luxo e que, litteralmente fallando, só são consumidos por meia duzia de negociantes das duas praças, com os quaes os estrangeiros não podem concorrer sem previo pagamento de direitos, e porque aquelles se fornecem dos seus proprios armazens, foram consideravelmente diminuidos.

Para melhor mostrarmos que a pauta de 1854 affecta tanto os interesses da fazenda como os do commercio, e para maior facilidade d'este importante estudo, apresentámos o mappa do commercio de Guiné dividido em importação e exportação, subdividindo a primeira parte em commercio de objectos essenciaes de primeira e de segunda ordem, conforme a sua grande ou menor procura, e em commercio de objectos de luxo, mas que mereceram, não sabemos por que, especial menção na alludida pauta; e não tratámos de outros muitos artigos de commercio que são completamente indifferentes n'aquellas regiões.

Os objectos que apontámos como essenciaes no commercio de importação de Guiné são aquelles que os naturaes consomem em toda a costa de Africa, e que constituem o abastecimento essencial de uma feitoria ou das lojas das praças, sendo pouco sensivel, senão indifferente, para os resultados das emprezas commerciaes em Guiné, que haja outros ou não. Dos que marcámos essenciaes ha uns que os gentios consideram como objectos de primeira necessidade, e outros que, posto serem quasi sempre procurados, nem sempre são por elles comprados, ou o são só pelos vizinhos das praças mais civilisadas, d'onde nos veiu a idéa de dividir, como dito fica, estes objectos em duas ordens ou classes distinctas.

Achando-se os rendimentos das alfandegas de Guiné arrematados, não podia resultar prejuizo algum de qualquer demora que houvesse no estudo de uma pauta bem calculada para se pôr depois em execução; poisque, repetimos, a de 1854 teve uma influencia desastrosa.

Para entrar já na analyse dos resultados que esta pauta traria ao commercio da Guiné portugueza, convem definir primeiro no em que elle consiste, qual é a sua natureza e condições de existencia.

Fallaremos de Bissau, porque é o porto que conhecemos melhor, e porque se podem applicar a Cacheu as mesmas considerações.

Na praça de Bissau não ha commercio propriamente portuguez. Os negociantes portuguezes que existem nas duas praças, geralmente fallando, não são mais do que commissarios dos estrangeiros. São quasi todos individuos naturaes do archipelago de Cabo Verde que se estabelecem na Guiné, e a quem os negociantes de Gambia e Gorée fiam fazendas por um anno, para serem pagas no fim por generos de producção da Africa.

Estes negociantes estrangeiros, de que fallámos, em Gambia e Gorée tambem não são outra cousa mais do que agentes das poucas e grandes casas commerciaes francezas, inglezas, americanas e algumas belgas, que monopolisam todo o commercio da costa desde o Senegal até Serra Leoa.

Os depositos das mercadorias de todo o commercio da Africa estão em Gorée e Gambia, e d'ahi são mandados para os varios mercados do Senegal, rio de Gambia, Casamansa, Cacheu, Bissau, Bollola, rio Casino, rio Nuno e Serra Leoa.

Não queremos com isto dizer que não vão carregamentos directamente a Bissau e a todos os outros mercados, provenientes da America, Marselha, etc., mas pertencem ás mesmas casas, cujos depositos estão em Gambia e Gorée; e se alguma especulação não pertencente a estas casas tem logar na Guiné portugueza, é só por excepção, sendo a respeitavel casa Burnay, de Lisboa, a unica que nos lembra que ali commerceie.

As grandes casas commerciaes estrangeiras, que de facto têem o monopolio do commercio de Guiné, vendem fiado a quasi todos os nossos negociantes das praças de Bissau e Cacheu, os generos a bordo pelos mesmos preços por que ven-

dem aos gentios em todos os rios e pontos proximos dos nossos dominios, taes como o Senegal, a terra firme defronte de Gorée, o ponto do Séllo, no Casamansa, alguns pontos do rio Bissau, o rio de Gambia, Bollola, rio Grande, Tambali, rio Casino, ilhas e dominios dos Bijagós, rio Nuno e Serra Leoa.

Ora, de todos estes pontos só os estrangeiros têem a pagar direitos no Senegal, em Gambia e Serra Leoa; mas, como já referimos, esses direitos são insignificantes, 4 por cento *ad valorem* das facturas dos paizes productores, isto é, do custo primitivo, equivalendo talvez a 2 por cento do valor a bordo em Bissau (que é a base das nossas pautas antigas e modernas de Guiné). Em todos os outros pontos onde os mesmos estrangeiros têem as suas feitorias nada pagam, porque ou são pontos não pertencentes a alguma nação civilisada, e o seu commercio é consequentemente commum a todas, ou são portos francos.

A importação de productos de Portugal, quer seja da nossa industria, ou de reexportação das nossas alfandegas, é cousa que ali não ha, e mesmo, como já dissemos, a unica casa commercial estabelecida em Portugal que algumas especulações tem começado em Bissau (a casa Burnay), é belga, e posto importe os objectos em navios portuguezes, fa-lo directamente da America, motivo por que dizemos que commercio portuguez é cousa que lá não ha.

Se seguirmos a opinião do sr. conselheiro Arrobas no seu interessantissimo relatorio ácerca do commercio de Guiné, definiremos a situação da maior parte dos chamados negociantes de Bissau e Cacheu, e do chamado seu commercio, do modo seguinte:

Qualquer d'aquelles negociantes, saindo do archipelago de Cabo Verde, sem possuir nem um real de seu, dirigindo-se para a Guiné, começa por se hospedar em casa dos seus parentes já estabelecidos; depois, se quer tornar-se negociante recebe dos estrangeiros que commerceiam com seus parentes os generos que pretende para no anno seguinte pagar em producções do paiz. Embarca depois para o rio Geba ou para o

rio Grande, onde em uma feitoria que estabelece trata de permutar o que póde e fia o resto ao gentio, para no anno seguinte lhe pagarem em producções.

No anno seguinte, não tendo recebido tudo que lhe devem os gentios, havendo dispendido comsigo alguns valores, tendo-se-lhe avariado alguns generos, ou havendo deixado de os vender, e portanto não tendo com que pagar seus debitos, fica alcançado o chamado negociante.

N'estes termos, para cobrar suas dividas vê-se obrigado a continuar as suas transacções, mas para se poderem fazer é necessario um sortimento mais amplo e variado, de modo que o agente de Gorée ou Gambia, que todos os annos vae a Bissau no tempo proprio, lhe fia maior porção de fazenda, com obrigação de ser embolsado nos seguintes annos.

Tem então aquelle novo e pretendido negociante portuguez de comprar escravos, fazer uma casa em Bissau ou Cacheu, estabelecer uma ou mais feitorias com as competentes moradas, fazer presentes aos regulos do chão em que negoceia, mandar construir ou comprar lanchões para transporte dos generos pelos rios, sustentar o luxo de mesa, quasi forçado, dos negociantes da Africa, pagar pesados direitos, e finalmente (o que é o peior de tudo) ter de confiar as fazendas de caixeiros de má nota, a quem não póde entregar menos de 6:000$000 a 10:000$000 réis de cada vez em valor para negociarem nas feitorias.

Estes caixeiros de ordinario ficam ou dão-se por alcançados, até que com o producto dos alcances chegam a poder pôr loja sua. Outros recebem directamente dos estrangeiros outros generos que vendem por sua conta com prejuizo do patrão.

D'este modo o negociante portuguez, chegado o anno seguinte, tem consumido os valores que despendeu comsigo, e com as construcções e installação de seus estabelecimentos, com o pagamento de direitos, com avarias de generos, com transportes nos rios, com alcances e roubos de seus caixeiros, e por fim só cobra uma porção das dividas dos gentios; e se

perde algumas d'estas tem de fiar generos para ser pago no anno seguinte, ficando mesmo muitas vezes com grande parte dos generos por vender: e como começou o seu negocio sem ter capitaes seus, não póde pagar senão metade ou menos do que havia contratado com a casa estrangeira sua credora, que se vê obrigada por sua parte a fiar-lhe ainda maior porção de generos, para que elle continue suas transacções, e possa habilitar-se a pagar ao menos alguma cousa.

É assim que o nosso negociante, de alcance em alcance, chega em poucos annos a dever 100:000$000 a 200:000$000 réis, que nunca mais póde pagar integralmente, por haver estado sujeito á discrição do negociante estrangeiro, que lhe dictava a lei e o obrigára muitas vezes a tomar carregamentos completos, em que, postoque houvesse objectos vendaveis, avultavam outros que o não eram, como comidas feitas em latas, perfumarias, bijouterias, xaropes e licores finos, champagne e outras cousas, que pela maior parte só servem para presentes e consumo do proprio negociante, o que tudo contribue para o collocar em má situação.

Para o pagamento dos direitos carece ainda do numerario que não tem, o que augmenta mais o seu alcance, poisque para isto tem tambem de recorrer aos seus credores.

A falta de concorrencia das possessões estrangeiras vizinhas e a escravatura evitavam antigamente estes debitos ou alcances; mas aquelle vil trafico felizmente já hoje se não faz em ponto nenhum da Guiné portugueza, não só pela vigilancia das auctoridades e falta de proporção para essa infame especulação, mas tambem porque a agricultura prospera promette bom futuro, e o commercio licito ainda deixa alguns lucros.

Com tantos encargos, que dissemos pesarem sobre o negociante portuguez de Guiné, vejamos agora qual é a sua situação em relação aos mercados de Geba ou de quaesquer outros pontos do interior da Africa, aonde estabelece feitorias para commerciar com o gentio.

Sendo os negociantes estrangeiros que vendem por seus

agentes aos gentios os generos em todas as possessões estrangeiras nossas vizinhas, os mesmos que vendem os generos aos pretendidos negociantes (verdadeiramente commissarios) das praças de Bissau e Cacheu, e vendendo-os a estes os referidos agentes a bordo pelos mesmos preços por que os vendem aos gentios nos rios de Guiné, isto é, em todos, menos o de Geba e o de Cacheu, resulta que os nossos negociantes, para poderem vender nas suas feitorias os objectos que os estrangeiros vendem em suas possessões, têem de expo-los no mercado por um preço igual ao da compra a bordo (que, como já dissemos, é igual ao do mercado do gentio nas possessões estrangeiras vizinhas) pesando alem d'isso sobre os nossos commerciantes todas as despezas de desembarque, armazenagem, caixeiros e outras importancias consumidas para conservação do estabelecimento, direitos de importação, gastos de transportes pelos rios até ás feitorias, custeamento d'estas fazendas perdidas no gentio, alcances de caixeiros, avaria de generos, e emfim empate dos que não se vendem.

É por isso que os portuguezes, por exemplo, só podem vender ao gentio por 3$275 réis o almude da aguardente que os estrangeiros vendem nos rios vizinhos por 2$160 réis, assim como só podem vender por 150 réis o covado de bertangil que os estrangeiros vendem por 93 réis; e assim com os outros productos, como tratámos de mostrar no mappa do commercio de Guiné.

Bollola, aonde se não pagam impostos, e o commercio é commum para todas as nações, dista de Geba dia e meio ou dois dias de jornada por terra, para uma caravana, e doze horas de jornada do Curubal; o Casino dista dia e meio de Bollola, o rio Nuno tres dias, e Serra Leoa cinco dias. Séllo e Gambia distam cinco dias de jornada de Geba, e alem d'estes pontos principaes ha muitissimos rios pequenos onde os estrangeiros commerceiam, e onde os productos se vendem por preços 50 por cento menores do que em nossas possessões.

Alem d'estas circumstancias é preciso dizer-se tambem, para que ninguem se admire, que um gentio, visto não fazer

despezas de jornada, por viver durante o caminho dos productos da natureza ou do que traz comsigo, e se hospedar em qualquer cubata onde o agasalhem, anda centenares de leguas para obter objectos mais baratos.

Portanto, gentios que gastam quinze, vinte, trinta e mais dias de jornada para chegarem do interior da Africa ás nossas feitorias dos rios de Geba, do Curubal e de Cacheu, e que depois se demoram oito e muitas vezes quinze dias n'uma feitoria a regatearem os preços para obterem mais uma pequena vantagem, não é para admirar que queiram andar mais tres ou quatro dias para passarem aos estabelecimentos dos estrangeiros proximos, a fim de ganharem 50 por cento nos preços das mercadorias que ali permutem.

Ha uma outra circumstancia que concorre poderosamente para que prefiram as feitorias estrangeiras ás nossas, e vem a ser: acharem-se estas sempre mal surtidas, ao contrario d'aquellas; poisque os estrangeiros têem meios de empatar grossos capitaes por muito tempo, tendo assim o gentio a certeza de que venderá todos os seus productos e achará por bom preço aquelles de que carece, incluindo mesmo a escravatura, que é a base do commercio inglez de Gambia.

Dizemos isto, porque os gentios costumam vir cultivar de mendobi as margens do rio Gambia, para com o producto comprarem escravos, não vendendo a cera, o marfim, etc. ás caravanas de negociantes gentios que vem negociar nas feitorias sem que lhes comprem os escravos. Os inglezes têem por isso um agente mouro que recebe do negociante inglez as mercadorias, e a troco d'ellas compra tudo então á caravana, dispondo das mercadorias para o inglez e dos escravos para os gentios que têem cultivado o mendobi, o qual entregam a troco dos escravos ao disfarçado caixeiro ou agente mouro, que satisfaz ao negociante inglez com esse mesmo mendobi.

Eis-ahi pois como, provavelmente mau grado ou sem conhecimento do philanthropico governo britannico, é o commercio inglez que está sustentando o trafico da escravatura na Guiné ao pé mesmo dos seus estabelecimentos.

Acrescentaremos ainda relativamente ao commercio licito de Guiné que, se dissemos que os nossos chamados negociantes ainda tiram alguns pequenos lucros das suas especulações, é porque os vizinhos da praça de Bissau, os papeis de Anti, Bandim e Antula, os balantas que estão juntos á praça, bem como os biaffares e mandingas de Fá, Ganjarra, Geba e mais povoações que habitam as margens do rio Geba, tocam de ordinario em Geba para comprar alguma cousa aos portuguezes (porquanto crêem que as mercadorias portuguezas dão boa sorte ás outras) e consomem os productos postos á venda.

O mesmo se póde dizer com referencia á praça de Cacheu e suas dependencias.

Mas o grande e rico commercio das caravanas que vem do centro da Africa, esse passou quasi todo para os estrangeiros, e receiâmos muito que nunca mais volte ás nossas possessões da Guiné, a menos que as nossas fabricas não produzam as mercadorias pelos preços por que as produzem as francezas, inglezas, belgas e americanas, e a menos tambem que em Portugal não haja casas commerciaes tão poderosas como as estrangeiras, que fazem o commercio de Guiné, esperando pelos pagamentos cinco, seis e mais annos, e empatando por todo esse tempo aos 500:000$000 e 600:000$000 réis.

Infelizmente, alem de outras circumstancias, temos falta de paciencia, querendo de ordinario os nossos negociantes ganhar muito com pouco empate, o que é inteiramente o contrario nas especulações d'aquelles paizes, que de mais a mais são de tão mau clima.

Em 27 de novembro de 1852 Nicolau Monteiro de Macedo, negociante de Bissau, obteve um privilegio exclusivo da navegação e commercio do rio Curubal por dez annos, e 6:000$000 réis annuaes, estabelecendo-se garantias para que pessoas indevidamente, ou sem licença do concessionario, não podessem navegar n'aquelle rio, ou estabelecer-se nas suas margens ou nas ilhotas que n'elle ha para dentro das pontas de Gamparâ e de Varella.

Consistia este exclusivo em apanhar a gomma que ha na

corôa de Gamparà e no rio Curubal, começando desde as margens da sua foz até Basse na margem esquerda, e até Comboni e Chine na margem direita.

Obteve o mesmo negociante outro privilegio exclusivo da venda do sal que fosse importado em Bissau em navios nacionaes, ficando o privilegiado obrigado a compra-lo por preço nunca maior de 8$000 réis, e bem assim da venda do sal balanta, com a obrigação de vender um e outro por 240 réis aos negociantes da praça, não podendo, quer os negociantes, quer o privilegiado, vende-lo por menos de 400 réis a *sangra* aos gentios.

Seguiu-se logo a revolta do povo de Geba contra o exclusivo do commercio do sal, o que deu logar a ficar sem effeito o contrato ácerca d'este exclusivo, subsistindo unicamente em vigor o da navegação e commercio do Curubal, que começou a executar-se no 1.º de janeiro de 1853.

O rei Mamató Sanhá, senhor do Curubal, fez cessão d'aquelle ponto ao sr. Caetano José Nozolini, que cedeu espontaneamente á corôa portugueza a margem esquerda do rio, reservando para si e seus herdeiros a margem direita, como se vê no officio que aquelle negociante dirigiu ao governador geral da provincia de Cabo Verde em 12 de abril de 1844.

Este negociante conservou ali sempre casas, lavoura e negocio, e na data da creação do privilegio exclusivo da navegação e commercio d'aquelle rio, administrava sua filha D. Leopoldina Demay, como sua herdeira, todos os bens que elle tinha possuido.

Alem d'esta feitoria, havia no Curubal outra de João Monteiro de Macedo e um estabelecimento de João Canuto.

Protestaram portanto contra aquelle exclusivo não só estes interessados, como todos os principaes negociantes de Bissau.

Havendo o contrato sido reconhecido desvantajoso para os reclamantes e para o estado, alem de pouco seguro, por não ter prestado fiança o concessionario, o qual de mais a mais não pôde satisfazer os encargos a que era obrigado, e tendo este requerido finalmente a annullação do seu privilegio, foi

o referido contrato rescindido pelo governador geral Arrobas no 1.º de junho de 1855.

O mesmo governador geral aboliu tambem em 8 do mesmo mez e anno o imposto do sal balanta que se importava em Bissaú e nos pontos dependentes d'esta praça, retirando o posto fiscal que havia em S. Belchior.

Este imposto havia sido estabelecido em 26 de março de 1847 com o fim de augmentar os rendimentos de Guiné e pagar as despezas da guerra que então existia com os povos de Geba e de Fá, que haviam fechado o rio ao commercio portuguez.

Para sustentar o posto fiscal em S. Belchior despendia o estado mais de 1:000$000 réis annuaes, afóra as despezas de obras e transportes, que só em 1853 montaram a mais de 1:000$000 réis, não havendo nunca produzido o imposto á fazenda mais de 558$000 réis!

De mais a mais aquelle imposto reduzia ao mesmo tempo á miseria o povo de Geba, que estava emigrando já debaixo do peso d'este flagello.

Os habitantes de Geba, para quem este sal é um objecto de primeira necessidade, porque a troco d'elle se abastecem dos generos alimenticios, descem o rio em canoas até ao ponto de S. Belchior, onde fundeam para serem verificados os passaportes das canoas; depois descem até ao chão dos balantas que occupa a margem direita do rio desde a ilha de Bissau até umas vinte milhas; ajustam o sal e são obrigados a seguir até á praça de Bissau para tirarem o despacho pelo sal que suppunham obter, e voltam então a toma-lo no chão dos balantas (acontecendo frequentissimas vezes não acharem á venda a porção que despachavam, vindo assim a pagar ainda mais de 10 por cento) levando-o até ao ponto de S. Belchior, onde o respectivo regulamento os obrigava a descarrega-lo para ser verificado, reembarcando-o depois para ser levado finalmente para Geba, dando-se a circumstancia de que em vez de sete dias de viagem eram assim forçados a gastar quinze e mais, para satisfazerem por esta fórma absurdas

exigencias, perdendo-se até muitas canoas por causa dos maus fundeadouros de S. Belchior e de Bissau no tempo das aguas.

Portanto este imposto lesava ao mesmo tempo o miseravel povo que o pagava e o estado que o recebia, fazendo dobrada despeza, e o commercio de Geba, que quasi se acha aniquilado, dando-se alem d'isto a escandalosa excepção de que só os infelizes habitantes de Geba eram opprimidos com este flagello, por isso que o sal que era importado do Chine, e no rio Curubal, que ficam áquem de S. Belchior, nada pagava, não obstante ser levado para commercio ás feitorias dos negociantes de Bissau, emquanto que o importado em Geba o era para, pela permutação, alimentar aquelle povo.

Quando se formule uma nova pauta, é indispensavel levar-se em vista:

1.º Que não deve imaginar-se que o commercio da Guiné portugueza concorra com o dos portos estrangeiros vizinhos, porque ainda mesmo que Bissau e Cacheu fossem declarados portos francos, e se pagassem todas as despezas do orçamento do districto, nem assim se poderia conseguir, porque nos faltam por emquanto os capitaes, as fabricas e o credito necessario para fazermos ali o commercio, por assim dizer, em primeira mão.

2.º Que é necessario que os estrangeiros, a quem só tem dado vantagens o commercio da Guiné portugueza, paguem as despezas de conservação e progresso; mas que se não pretenda faze-los pagar mais do que é rasoavel, introduzindo o contrabando, e mesmo porque é o pagamento dos direitos de importação, bem como os da exportação do mendobi, o maior encargo a que estão sujeitos os negociantes da Guiné portugueza, pela difficuldade de obterem numerario.

3.º Que são os direitos de importação que se devem diminuir e não os da exportação (excepto o mendobi), porque aquelles os pagam directamente os portuguezes com extrema difficuldade, e só com grandes sacrificios, e estes pagam-nos os estrangeiros que têem grande interesse em exportar os mesmos generos.

4.º Que se deve considerar que uma possessão, que por ora é apenas um interposto de commercio, só póde servir á metropole como vantajoso mercado para a venda dos productos das suas fabricas, pelo que emquanto estas não estiverem no caso de concorrer com as estrangeiras, devem os productos nacionaes ter muito grande protecção, nunca pagando mais da decima parte dos direitos da pauta.

5.º Que se viermos a possuir outra vez inteiramente as ricas e saudaveis margens do rio Grande, a ilha das Gallinhas e as margens do rio Geba, devem preparar-se as cousas para se formar uma possessão agricola, recebendo a precisa emigração para dar o exemplo do trabalho aos negros, e crear-lhes necessidades; tanto mais que, como dissemos, pelo commercio tarde ou nunca poderá florescer emquanto pertencer a uma nação que não póde actualmente ser ali muito commercial por motivo da concorrencia estrangeira, visto as nossas fabricas não concorrerem por ora com as das outras nações. Podemos porém crear povoações agricolas que serão nossos vantajosos mercados com direitos protectores, como acontece em Angola e no archipelago de Cabo Verde. Devem ser pois livres de direitos as machinas completas e os instrumentos agricolas, e, repetimos, diminuidos os direitos da exportação do mendobi, que é o unico producto da agricultura da Guiné que dá maior trabalho, bem como o arroz branco.

6.º Que emquanto as nossas fabricas não estiverem em estado de concorrer com as estrangeiras, não poderão mesmo com o favor de 90 por cento abastecer o commercio de Guiné, e por isso não poderá Portugal mandar sempre carregamentos completos, pelo que convirá por emquanto proteger a reexportação de Portugal das mercadorias estrangeiras, para que assim haja mais vezes navios de Lisboa ou do Porto para a Guiné, a fim do commercio portuguez compor parte do carregamento com os artigos em que a industria nacional já póde concorrer com os estrangeiros, tendo o favor de 90 por cento que propozemos, promovendo-se com isto tambem maiores communicações commerciaes entre Portugal e as nações que

especulam na Guiné portugueza. Alem d'estas vantagens uma importantissima, que consiste em promover o estabelecimento em Guiné de casas succursaes fortes, de firmas respeitaveis das praças commerciaes de Portugal, creando-se estabilidade no credito da Guiné portugueza, o que facilitaria a confiança nos fiadores dos arrematantes da cobrança das alfandegas d'aquella colonia.

7.° Que convirá conservar (por emquanto) um tanto altos os direitos necessarios para que os negociantes prefiram o systema da arrematação e sublocação dos impostos de importação e exportação, que é o unico que póde dar convenientes resultados para o commercio e para a fazenda nacional, vista a facilidade que ha de fazer contrabando e a impossibilidade de o evitar em grande parte.

8.° Que se deve manter o sagrado principio da igualdade proporcional e o systema da percentagem no pagamento dos impostos, admittindo unicamente excepções que se abonem pela grande vantagem de obter um fim de tal importancia, que justifique a preterição d'este principio, como são evitar o contrabando de um objecto muito valioso e pouco volumoso, proteger o commercio nacional, dar protecção a uma industria que se quer desenvolver, promover communicações com a metropole, etc.

9.° Que as despezas de porto, que não tenham applicação especial e de reconhecida vantagem para a navegação, deverão ser abolidas para facilitar a ida dos navios á especulação, harmonisando-se assim n'isto a legislação de Guiné com a do archipelago de Cabo Verde.

10.° Que tambem muito convirá admittir o deposito com muito poucas despezas de armazenagem e reexportação, para evitar que os estrangeiros estabeleçam para o mesmo fim armazens de depositos, e façam portos francos em pontos proximos a Bissau, como os inglezes fizeram em Bolama (apesar dos nossos direitos incontestaveis a esta ilha), o que presentemente está dando a morte ao commercio licito de Guiné, o que não terá remedio se se apossarem da ilha das Gallinhas,

como já têem feito constar que o farão, e se se estabelecerem definitivamente no rio Grande e em outros pontos como estão tratando, e como os francezes o têem feito no Casamansa e em diversos outros logares.

11.º Finalmente que 10 por cento sobre a importação seria rasoavel (exceptuando as bebidas alcoolicas, que parece deverão pagar 15 por cento, por ser um vicio e não uma necessidade em um paiz tão quente, alem de que os gentios não as levam para o interior), e 2 por cento sobre a exportação com sujeição ás excepções indicadas no artigo 9.º, o que seria mais conveniente principio, pagando os objectos da industria nacional 1 por cento de entrada e 1 por cento a exportação em navio nacional, pagando os objectos estrangeiros reexportados de portos nacionaes 5 por cento unicamente.

Concluiremos agora a parte commercial de Bissau, apresentando a seguinte lista dos negociantes e proprietarios que nos consta serem ali os mais principaes:

A. Beaudouin, Adolphe Demay, Alexandre Pinto Tavares, Antonio de Araujo Duarte, Antonio Joaquim Tavares Carvalho, Antonio Lomba Senna, Barbosa & Filho, C. Martins (agente de Charles Hoffman), Caetano José Ferreira, Caetano M. Macedo, Candido Medina, Carlos Antonio Spencer, Cesar A. da Silva, Diogo Maria de Moraes, Eduardo Jackson, Estevão Antonio Tavares, F. de Macedo, Fidelis José Barbosa, Francisco J. Paiva, Gregorio Correia Pinto, Guilherme José Coutinho, Honorio Carlos de Medina, Joaquim Antonio Gomes da Silva, Joaquim Leonardo V. Cabellinho, João Justino de Medina e Vasconcellos, João Marques Barros, João Monteiro de Macedo, John M. Silver, José Antonio Alhada, José Domingos dos Santos, José Evaristo de Almeida, José dos Reis Castro, José Rodrigues de Almeida, Julio Cesar de Aguiar, Julio José Medeiros, Ludgero Candido Teixeira, Luiz Antonio Medina, Manuel Alexandre Medina, Manuel Antonio Evora, Manuel dos Reis, Marcellino Marques Barros, Nicolau Monteiro de Macedo, O. Urbain, Ollegario José de Araujo, Pedro Augusto Macedo Azevedo, Pedro Gomes Barbosa, Pedro Semedo Car-

doso, Pio Vieira, Ricardo da Luz Amaro, Sabino M. Barros, Theodoro F. de Medina, Thomás Jackson e Victor Lecerf.

As senhoras principaes de Bissau, de que temos noticia, são as seguintes:

Anna de J. Amorim, Carlota Adelaide, Catharina dos Santos, Clara Maria de Oliveira, Eufemia Rosa, Eugenia Nozolini Ferreira, Faustina Medeiros, Leopoldina Demay, Leopoldina Matos Spencer, Maria da Conceição e Maria Josefa.

Os habitantes da Guiné portugueza, sujeitos ao nosso dominio, andarão por 4:000 almas (sem fallar nos *grumetes* de Bissau estabelecidos no chão de Bandim), divididos em tres classes distinctas:

1.ª A commercial, composta de brancos, mulatos e pretos, que trajam á europea, usando geralmente os do paiz, ou os de côr, dirigir o seu negocio por intervenção de agentes do sexo feminino, que escolhem para sua companhia, tanto pelo seu conhecimento dos costumes dos povos, como pelas suas relações com estes. Por isso tambem as consideram muitos d'aquelles nossos negociantes como esposas, e diz-se até que lhes são mui fieis, não sabemos porém se como mulheres, se como tomando verdadeiro interesse nas transacções mercantis! O que é verdade é que ouvimos que alguns d'aquelles commerciantes ganharam as suas fortunas pela gerencia de suas concubinas.

2.ª Soldados e degradados, mandados de ordinario estes de Portugal e aquelles de Cabo Verde.

3.ª Grumetes ou christãos do paiz, de quem já temos fallado, e a maior parte dos quaes são muito licenciosos e de uma propensão extraordinaria para a embriaguez.

Quando tem logar uma ceremonia de casamento, ha sido preciso ás vezes ao sair da igreja levar uma escolta armada para proteger a noiva, a fim de evitar que se repita uma barbara usança d'aquelles povos, qual é a de reterem a noiva á força até que seja resgatada!

As mulheres entre aquella gente semi-selvagem ainda soffriam outros tratos não menos deshumanos depois dos seus

partos, sendo as mães separadas dos maridos durante tres annos, para que olhassem unicamente por seus filhos, poisque os maridos entretanto tratavam de obter uma outra companheira, o que lhes não era muito custoso, obrigando qualquer das suas escravas.

Se qualquer homem se quizesse subtrahir a este vergonhoso costume, passaria pelo vexame de incorrer no desagrado dos proprios parentes de sua mulher!

Tratemos agora de Bissau na parte gentilica.

Estende-se esta ilha no comprimento de 12 leguas de E. a O. com perto de 7 de N. a S., sendo formada pelo esteiro do Pico (que a divide da ilha de Bussis), braço do rio Empernal, ao O., onde está a ponta de Bium; pelo mar oceano ao S.; e pelo Empernal que a divide da terra dos balantas a E. e ao N.

Divide-se em dez reinos ou districtos, da nação dos papeis, cada um com o seu rei ou regulo respectivo; a saber: Antulla, Bandim (onde ha uma aldeia de grumetes), Bigemetá, Bium, Cumurá, Intem, Prabis, Quixete, Safi e Torre. O principal ou o mais poderoso é porém o de Intem, que de mais a mais pretende descender dos antigos reis da ilha, quando esta formava um só reino, sendo então os outros regulos meramente governadores seus subalternos; e embora o rei de Bandim, vulgarmente chamado o *rei José*, reclame ser considerado regulo principal, a pretexto de que a alta dignidade de baloubeiro grande ou feiticeiro-mór andava annexa á pessoa dos reis de Bandim, não é provavel que entre os gentios conservasse a mesma veneração, por ser certo que um d'aquelles regulos em 1604 lhe mostrou que não era nada zeloso *fetichista*, vistoque felizmente abraçou a religião catholica.

Quando declarâmos a guerra a algum d'estes reinos, ou se elles no-la declaram, armam-se todos immediatamente contra nós; mas na paz, muitos dos grumetes se empregam no serviço da praça de S. José de Bissau, e tripulam as suas embarcações, vindo ali, como dissemos já, tanto elles como os guerreiros gentios de toda a ilha, alardear sua valentia, mostrando-se aos portuguezes, e fazer o seu negocio.

Quando fallámos do mercado diario de Bissau, dissemos o que ali se vende; mas a ilha poderia offerecer mais abundantes e variados fructos, se não fôra a invencivel indolencia dos gentios seus habitantes, que de nada mais tratam do que de caçar, embriagar-se e entregar-se á licenciosidade a mais frenetica.

Sendo pois ás mulheres muito livres, tiveram estes pretos a singular idéa de não permittirem que os filhos herdem dos paes, mas sim os sobrinhos filhos das irmãs, porque, dizem elles, são do seu sangue, seja o pae quem for!

Outro costume exquisito que têem é o de *fazerem guiza*, como lá se diz; isto é, quando morre alguem sem ser velho, é o caso attribuido a sortilegio ou maleficio, e por isso se retiram, enchendo-se de lama, para a casa do defunto, onde fazem um alarido espantoso de chôro, cantando juntamente os louvores do finado.

Se porém a pessoa que morreu foi já de velha, muda tudo de figura. É caso de alegria grande. Tocam-se os *bombolons* (tambores), canta-se e dansa-se, e passam-se assim dias e dias successivos comendo e bebendo á regalada á custa da familia do finado, até que consumida toda a sua aguardente, e devoradas todas as suas provisões, levantam d'ali e vão como bons amigos consolar d'este modo alguma outra familia que precise de distracção por igual motivo.

A fórma das povoações no interior da ilha é quasi uniforme em todos os reinos, reduzindo-se ao seguinte:

São divididas em pequenos grupos de casas, com pequeno intervallo uns dos outros, cada grupo é occupado por uma familia, e cada chefe de parte de cada familia, com a sua propriamente dita, se acha estabelecido em uma casa, tendo proximo outra de igual configuração onde recolhem as vaccas (em que e nos escravos, os que os têem, fazem consistir a sua principal riqueza) por causa das sortidas que, quando podem, os dos reinos seus inimigos contra elles emprehendem, para lh'as roubar.

As casas são construidas de barro até á altura de uma bra-

ça, pouco mais ou menos, em fórma circular de pequeno diametro, fechadas por cima com uma cupula de palha, á maneira de *chapéu de sol,* sem janella para a rua, para onde apenas têem uma pequena porta, pela qual só deitado se póde caber. Dentro, e ao centro do circulo, encerram um quadrado de barro tambem, cujas paredes com as exteriores formam um corredor que conduz a uma porta interna do quadrado, a qual fica do lado opposto ao da entrada externa. Em frente d'esta acha-se no mesmo quadrado um pequeno postigo por onde os moradores se costumam defender a ferro frio, quando nas suas escaramuças se vêem precisados a recorrer a este extremo de defeza. Algumas têem ainda um pequeno repartimento que serve para os donos recolherem o arroz de sua lavra.

Havendo continuamente questões e desordens entre a gente da praça de Bissau e a das terras de Bandim, de Antim e de Antulla, bem como dos grumetes de Bandim, o governador geral Fortunato José Barreiros, acompanhado de todos os principaes habitantes de S. José de Bissau, celebrou *palavra* (audiencia) com A-Ré, rei de Antim; Anactó, rei de Bandim; Fá-fá, rei de Antulla e Simão Cabral, juiz dos grumetes de Bandim, aos 30 de setembro de 1853; declarando aquelle governador geral que esta *palavra* tinha por fim mostrar aos reis de Bandim, de Antim, de Antulla e juiz dos grumetes que tinha muita satisfação de ver reunidos estes reis amigos, e que queria que ficasse estabelecido para sempre, que tanto os habitantes da praça podiam ir livremente ao chão dos reis, como estes podiam vir á praça, sem que de parte a parte houvesse receio algum; que tambem devia ficar estabelecido que os ditos reis e juiz Simão Cabral deveriam entregar os escravos que da praça fugissem, como d'antes se fazia: disse o mesmo governador geral, que tinha toda a confiança no que os ditos reis promettessem. O rei de Bandim declarou que uma vez que esta amisade, que elle queria, fosse sincera e verdadeira, não se oppunha á entrega dos escravos fugidos; mas era preciso que fossem da praça busca-los, e assim seriam entre-

gues. O juiz dos grumetes e o rei de Bandim declararam mais, que elles julgariam firme a amisade, se fosse permittido que os grumetes tornassem para dentro da praça como d'antes estavam. Depois de varias ponderações ficou assentado que será permittido aos grumetes virem edificar casas junto da povoação, sujeitando-se elles a que as casas sigam um determinado alinhamento; que a tabanca existente só será demolida quando esteja prompta outra tabanca em volta da povoação novamente feita, e os habitantes d'esta povoação ficarão sujeitos e obedecerão ás auctoridades portuguezas, e serão regidos segundo as leis e ordens portuguezas. Ficou tambem accordado, quanto aos escravos, que as canoas que os transportassem para Serra Leoa ou outro qualquer ponto seriam apprehendidas. Sobre o juiz do povo apresentaram-se diversos pareceres, querendo uns que houvesse um só juiz, outros dois, um para os grumetes de Bandim, outro para os habitantes da povoação antiga. O governador geral disse que não podia haver mais do que um juiz na povoação, como acontece nas ilhas do archipelago de Cabo Verde. Foi esta idéa explicada, e ficou decidido que haveria um só juiz, que seria nomeado pelo povo, e approvado pelo governo, procedendo-se a nova nomeação quando se mostrar que algum não governa bem; e que estes juizes durarão por dois annos, podendo ser reeleitos: ficou tambem accordado em que no terreno destinado para o cemiterio não se edificariam casas, e quando pertença a alguem, desistiria d'elle, dando-se-lhe outro em differente ponto.

A estação da nossa chegada á costa occidental da Africa foi a em que os europeus correm mais risco, reinando então as *carneiradas* ou febres em toda a sua força, e houve tão copiosas chuvas que se tornava pouco favoravel a occasião para visitar varias localidades dignas de noticia circumstanciada.

Comtudo, informaremos o leitor a este respeito, soccorrendo-nos, como tantas vezes n'esta obra, a auctores dignos de credito, á documentos officiaes, etc., reproduzidos umas vezes na integra, outras extractados, segundo a conveniencia; e começaremos a tratar das dependencias propriamente ditas de

Bissau, antes de fallarmos de Cacheu e suas dependencias, bem como do rio Grande.

Em uma ponta ao N. da entrada do rio Geba fica o forte de S. Belchior, cujo terreno nos cederam os gentios de Gole em 4 de abril de 1848, ficando nós ali com duas *marés* ou 6 leguas de extensão sobre 3 de largura. O territorio é todo baldio, não tendo gentio, e apenas uma feitoria pertencente á casa Nozolini, que faz algum negocio com os negros do interior mais remoto, em couros, cera e *bandas brancas* (ou pannos do paiz), sendo talvez o seu movimento total por ora igual a um valor de 4:000$000 a 5:000$000 réis.

O Chime ou Chine, outro ponto ao S. de S. Belchior e distante d'este forte meia legua, foi-nos doado em 8 de abril de 1848, e está quasi nas mesmas circumstancias do que as de S. Belchior, com a differença unicamente de ter maior extensão de terreno, poucos estabelecimentos agricolas e algum gentio pobre no centro.

Nas margens do rio Curubal temos uma grande extensão de terreno proximo de Bissau, como já mostrámos quando fallámos da abolição do exclusivo do seu commercio e navegação; e por isso, visto havermos dado então bastante noticia a este respeito e do seu terreno nas margens, que são boas para arroz á beira do rio e para outras producções na parte enxuta, apenas acrescentaremos agora que este grande rio fica a E. da praça, na distancia de 125 milhas, tendo de extensão de 35 a 40 milhas do ponto do estabelecimento propriamente dito até Cocinte; começando porém no Golo e acabando em Cocinte com 75 milhas de curso entre estes dois pontos.

Seguindo de Bissau, entremos o rio de Geba, que corre ao NE., dividindo o reino de Gole dos balantas ao N., e o de Cofo dos beaffares ao S. até ás corôas de Goiajé, 10 milhas acima da sua foz.

Tomam estas corôas ou *dunas* de areia quasi de banda a banda o rio, não ficando livre para a passagem das canoas senão um caneiro muito estreito, por onde a custo cabem duas a par durante um bom espaço do rio.

Como são mui altas represam ali a maré por tres horas, o que, diz Lopes de Lima, produz nas grandes marés de conjuncção de lua o phenomeno do *macaréu*, que não deixa de ser perigoso para as embarcações que se acham n'aquelle canal ao tempo que as aguas represadas rompem com furia aquelle dique natural.

Copiaremos as proprias palavras de André Alvares de Almada descrevendo mui bem este perigo e a navegação d'este rio:

«Esta navegação é perigosa por causa da agua do *macaréu*, que é encher este rio lá em cima com tres mares sómente. Estando a maré vasia, dando tres mares fica preamar de todo [1]; e antes de virem estes mares se ouve roncar um grande espaço, e mette medo ás pessoas que nunca viram isto. E correm as embarcações grande risco, mas já os pilotos d'ellas sabem as conjuncções e as tomam de maneira que não perigam. Algumas caravellas nossas de até sessenta moios que algumas vezes lá vão, no passar, quando dá a agua do *macaréu*, usam d'esta maneira. Tem algumas sonderiças e amarras ostadas, e estão prestes com ellas, e o navio surto e a amarra na mão. Tanto que dão aquelles mares a vão largando e vão sobre elles aleiando muito depressa as amarras, e d'esta maneira passam sem perigo, porque se estivessem com a amarra abitada não deixariam de sossobrar e passar muito trabalho. São acommettidas algumas vezes as embarcações pequenas de peixes cavallos [2]. As almadias que por elle navegam são grandes, e ha muitas que levam mais de cem pessoas, vaccas e outras mercadorias.»

O rio, estreitando cada vez mais, depois d'estas corôas, dirige o seu curso para E. cortando os reinos de Anchomene e

[1] De *todo* não fica, porque ainda depois d'estes tres mares continua a encher por mais tres horas, no fim das quaes, vasa por seis horas, e seguem-se então tres horas de baixamar, durante as quaes vae successivamente crescendo o ronco que causa o impeto do mar de encontro ás corôas de areia até que chega a romper nos tres mares do *macaréu*.

[2] Cavallos marinhos.

Anchum, dos beaffares, até ao Porto das Almadias primeira terra dos mandingas, e d'ahi a 4 leguas mais ao presidio portuguez de Fá (defronte do Porto das Almadias), a 40 leguas acima de Bissau, em 12° 2' latitude N. e 4° 57' longitude O. de Lisboa na margem esquerda do rio, em terras dos beaffares que (diz o sr. Sousa Monteiro no seu interessantissimo *Diccionario geographico das provincias e possessões portuguezas*) o cederam ao governo portuguez em 1826 ou 1827, no tempo do governador de Bissau Francisco José Moacho, com a condição de ter ali sempre em bom estado uma casa com christãos ou um destacamento de soldados.

O territorio onde está situado este pequeno estabelecimento pertencia a uma preta denominada a *Fidalga de Fá*, de nação beaffare, que patrocinava muito os brancos desde que tomára amores com um morgado do engenho de S. Thiago de Cabo Verde, que passára a Bissau e d'ali a Geba, chamado José Valerio de Santa Maria, e que deu causa a que se estabelecesse ali povoação portugueza de Europa e de Cabo Verde, pelo anno de 1820, chamando a dita fidalga christãos de Bissau, para socegar o seu amante que se queria retirar com o receio de que por sua morte não houvesse quem lhe rezasse por alma.

Por morte d'elle a fidalga, querendo que não se realisasse o que o seu amante tanto receiára, e vendo que os christãos se queriam retirar, cedeu o territorio então a Portugal, como dito fica, tendo nós hoje ali um sargento com meia duzia de soldados, e sem haver forte algum!

E ha quem se admire de que os estrangeiros nos vão usurpando os nossos territorios na Senegambia ou Guiné portugueza, como a ilha de Bolama, Sello no Casamansa e no rio Grande, etc., quando não temos ou não tinhamos, na maior parte nem ao menos quem içasse a bandeira de Portugal!

Fá é hoje um mercado do interior, de algum movimento, aindaque menos importante do que o de Geba; mas é muito conveniente conservar aquelle posto, porque póde servir de ponto de apoio para qualquer medida tendente a obstar que os beaffares fechem o rio, como costumam fazer.

Chega até ao estabelecimento de Fá a maré com agua salgada, continuando ainda muito acima, mas já com agua doce. O solo é fertil e o sitio aprazivel, tendo muitas laranjeiras, limeiras, coqueiros, canna de assucar, mandioca, bananas, palmares, muitos ananazes e até cerejeiras e maceiras importadas de Portugal.

A 20 leguas acima de Fá fica, na margem direita do rio, o presidio de Geba, outra povoação portugueza, situada em 12° 5′ latitude N. e 4° 46′ longitude O. de Lisboa, em terreno mandinga, n'uma situação aprazivel, cercada de bosques de bellas arvores com optimos fructos, e proprias para construcção, o que se vê em toda a extensão das margens do rio, encontrando-se ali pois o bicilão, linda madeira para moveis, que poderemos chamar o mogno de Africa, a conta, o carvão e o carvalho, differente do europeu, a *insenceira* e outras resinosas, assim como o manconi ou teca da India.

Mas todas estas riquezas e as minas de oiro que os naturaes sustentam que existem nas immediações de Geba, estão sendo perdidas para nós, sem ao menos até hoje, que o saibamos, se haver feito nem sequer uma tentativa para ver se é certa ou não a existencia d'aquellas minas; o que é realmente triste de dizer para quem tiver coração de verdadeiro portuguez, e viu n'aquellas regiões signaes do que Portugal já foi n'outras eras!

Geba contava antigamente 2:000 christãos, alem dos habitantes gentios, e de todos os presidios do interior era o mais importante, exceptuando o de Zeguichor, que no seculo XVIII era o local mais favoravel para o commercio do interior.

Hoje, apesar de Geba não ter talvez mais de 1:200 almas, incluindo os escravos, está superior em importancia a Zeguichor, porque o estabelecimento dos francezes em Séllo, no Casamansa, lhe faz um mal terrivel.

Geba é cabeça da freguezia de Nossa Senhora da Graça, mas pelo lado religioso de pouco póde servir, porque infelizmente, apesar do povo ter reedificado uma nova igreja depois que em 1836 foi de proposito incendiada a antiga, arderam as

imagens e paramentos, destruindo-se os vasos sagrados, etc.; e de mais a mais parece que desde 1831 até agora ou até ha bem pouco, esteve sempre sem pastor; de modo que são raras as pessoas baptisadas, ou cujos matrimonios tenham sido santificados pela religião verdadeira, o que muito ha contribuido para que os habitantes acreditem nos erros da religião dos povos mandingas seus vizinhos, que é um mahometismo muito abastardado.

Por mais de uma vez n'esta obra temos chamado a attenção sobre a extraordinaria e lamentavel falta de sacerdotes instruidos e morigerados nas nossas possessões africanas; mas ainda mais sensivel, por assim dizer, se torna esta falta em Geba, até sob o ponto de vista politico; porque attenta a influencia que n'aquelles povos exercem as pompas do culto catholico, e a inclinação decidida que têem para assistir ás festividades nos templos, se se tivesse cuidado seriamente em ter ali a igreja provida de sacerdote, e se este fosse de um procedimento regular, cresceria muito o nosso poderio na mesma proporção que se augmentasse ou estendesse o numero dos convertidos. Com effeito, em logar de estarmos como ora estamos, por assim dizer, entalados entre povos indifferentes, senão inimigos, achar-nos-íamos hoje fortes, porque aquella gente, nossos irmãos pelas crenças ao principio, sê-lo-íam depois pela patria.

Assim os casamentos feitos á face da igreja passariam a substituir o triste estado de concubinagem a que quasi todos os habitantes de Geba estão reduzidos, o que tem feito que, segundo as nossas leis, os filhos fiquem desherdados, passando os bens para os outros parentes mais remotos.

Geba não tem fortificação alguma ou pallissada, nem maior guarnição do que uns dez soldados com um commandante militar; mas é um mercado soffrivel onde se vende algum oiro, marfim, couros e outros productos do paiz, que todos são permutados por sal (como já atrás dissemos), colla e mercadorias europeas que vão para ali de Bissau em grandes canoas, a ponto que esta praça pouco valeria se não fosse o movimento de Geba.

Qualquer companhia, negociante ou empreza que quizesse fazer mais alguns interesses commerciando nas margens dos rios que communicam para o interior, devia limitar-se a vender sal, colla, espingardas e polvora, que são os quatro artigos mais procurados; poisque obteria em troca os productos do paiz que pouco apparecem, bem como em Farim, e que os gentios levam actualmente de preferencia aos estabelecimentos dos estrangeiros.

Por falta de força os beaffares tornavam-se insolentissimos, roubando quando queriam as canoas de Bissau que navegavam no rio, o qual fechavam ao commercio, como temos dito por vezes, e só restabeleciam as cousas depois de bons presentes ou tributos.

Foi para ver se se obviava a este estado de cousas, mettendo os negros entre dois fogos, que se estabeleceu a 31 de dezembro de 1843 o chamado presidio de Ganjarra, legua e meia adiante de Fá, defronte de Geba na margem opposta. Infelizmente, sempre pela mesma rasão de falta de força, de pouco nos serviu esta medida, a não ser como um mercado pequeno quando o gentio permitte o negocio, porque até hoje, que o saibamos, não temos em tal ponto fortificação alguma, ou peças de artilheria, nem outra guarnição mais do que tres ou quatro soldados!

A aldeia e districto de Ganjarra já nos pertencia desde 1826 por annuencia do respectivo regulo, mas só foi em 1843, como dito fica, que o governador de Bissau, Moacho, formou o estabelecimento que ora temos.

Passando agora a fallar das dependencias de Bissau no rio Grande, sentimos deveras ter de dizer, que o grande commercio que tinham no meiado do seculo XVI os habitantes da ilha de S. Thiago de Cabo Verde com o Porto da Cruz na foz do rio, na parte do N., em Biguba, 18 milhas mais acima, na margem direita, e em Guinala, quasi que chegou a paralysar-se de todo, indo lá nos modernos tempos raras vezes os nossos navios commerciar com os beaffares e mandingas ao N., com os nallús ao S., e com os bijagós nas suas ilhas á entrada do rio.

Comtudo devemos ainda na Guiné portugueza ao sr. conselheiro Arrobas o bom serviço de haver mandado fazer em 10 de setembro de 1857 uma pequena fortificação no rio Grande, na ponta fronteira á Boa Esperança, onde tambem se erigiu uma igreja.

Em 11 de setembro de 1857 determinou mais o mesmo governador geral Arrobas que se empregassem todas as diligencias possiveis em promover alguma emigração do archipelago de Cabo Verde para o territorio do rio Grande, junto de Guinala, onde se havia felizmente estabelecido uma feitoria e colonia portugueza, que tem prosperado e vae em progressivo desenvolvimento, segundo ouvimos.

Esperâmos que com estes esforços e outros que o governo empregue tornemos a adquirir n'aquelle rio o nosso antigo poderio, oppondo-nos á influencia e violações dos estrangeiros, que tanto mal nos estão fazendo.

Os beaffares são uns negros tão ladrões como os balantas, e como elles tão devassos em costumes, acrescendo a isso serem tão vadios, como aquelles são trabalhadores. Os homens vestem umas camisas compridas que lhes dão pelos joelhos, e sobre isto cingem uns pannos que lhes chegam da cintura a meia perna; outros porém usam sómente umas pelles de cabra cortidas. As mulheres vestem como as dos papeis.

Crêem na transmigração das almas, fallam n'uma divindade a que chamam *Hiram*, e têem choças a que chamam (como os papeis) *baloubas* ou *xinas*, onde o adoram, e aos sacerdotes e sacerdotizas chamam *baloubeiros* e *baloubeiras*. É pelas mãos d'estes que offerecem ao seu idolo comidas preparadas, leite, aguardente e vinho de palma, e outras vezes uma victima, que ha de ser uma gallinha, uma cabra, ou uma vacca, havendo comtudo differença na côr da victima, que deve ser branca se for gallinha, e preta se for cabra ou vacca.

Aos baloubeiros e baloubeiras pertence presidirem a todos os actos importantes da vida social, como a declaração de guerra ou ao ajuste de paz; e são por isso mui considerados entre os gentios, pois têem para si que fallam com o Hiram.

Ha n'elles tambem grande horror aos feiticeiros, e aquelle que for accusado de ter com feitiços morto alguem, é com toda a familia obrigado a ser escravo dos parentes do defunto.

Aindaque chamam filhos aos escravos, nem por isso deixam de os vender quando precisam de algum artigo importante; e levam tão longe o supposto direito de *senhor*, que se o escravo morre atam-lhe uma corda ao braço como signal de que foi escravo: o mesmo praticam com os libertos.

Os nallùs differem bastante dos beaffares na linguagem, posto sejam vizinhos d'estes. Andam quasi inteiramente nús; trazem o nariz furado entre as ventas; fazem muitos lavores pelas pernas e pelo pescoço, e as mulheres pelo rosto. Apesar de serem gente bravia tornam-se bons e serviçaes, e hoje estão já mais costumados ao trato europeu; convem pois não perder de vista aquelle rio, em cujos territorios ha muito marfim, sendo aquelles negros grandes caçadores de elephantes.

Dependem tambem de direito do districto de Bissau as ilhas do archipelago dos bijagós, Bolama e Gallinhas.

Na primeira estabeleceram-se de facto os inglezes e declararam-na *porto franco*, fazendo um mal terrivel ao commercio portuguez da nossa Guiné, como temos dito.

É por isso, e para que possam ser aproveitados os elementos de prosperidade que a Guiné portugueza offerece, que se torna indispensavel que, primeiro que tudo, o governo portuguez proceda quanto antes a um accordo com os governos francez e inglez, sobre demarcação de territorio, porque têem ambos estes ultimos tomado posse e pretendem ter direitos a pontos que considerâmos nossos.

Só assim terminarão desagradaveis contestações e conflictos, não tendo nós nunca podido oppor á violencia e força das armas de nações tão poderosas senão protestos!

Bem haja o honrado e já fallecido (infelizmente para Portugal) governador Honorio Pereira Barreto, que ao menos castigou do modo que estava ao seu alcance a insolencia de um commandante cruzador inglez que o procurou logo no princi-

pio para lhe communicar que considerava Bolama como pertencendo a Inglaterra. De feito o nosso benemerito governador, tendo observado com o seu oculo que o official inglez se dirigia para a casa do governo de chambre e chapéu de palha, para o metter a ridiculo, veiu immediatamente em camisa e chinelos espera-lo no patamar da escada. Chegou o inglez e perguntou pelo governador. Respondeu-lhe: «Sou Honorio Pereira Barreto». Disse-lhe então o official que desculpasse vir assim vestido por motivo do calor, ao que redarguiu o governador portuguez que outro tanto dizia elle. Então o inglez pediu para fallar sobre o que ali o levava, e o commendador Honorio Pereira Barreto fez-lhe ver que isso só se podia tratar entre um *official* e um *governador*, auctorisados legalmente, e não entre dois *fulanos*, um *em chambre* outro *em camisa*, que não haviam escolhido logar mais proprio para as suas conversas do que o patamar de uma escada.

—Então volto fardado de official da marinha de guerra britannica, replicou o nosso inglez.

—E eu recebe-lo-hei em audiencia e com as honras devidas como a auctoridade portugueza, acrescentou com dignidade aquelle funccionario.

A ilha de Bolama, na embocadura do rio Grande, foi offerecida á corôa portugueza em 1607 pelo rei beaffar de Guinalá para que nos estabelecessemos alí e o defendessemos dos bijagós. Ficámos na posse pacifica da ilha até 1792, quando formando-se uma companhia em Inglaterra se estabeleceu em Bolama, sem a menor attenção a tratados, etc.

O mais celebre é que se nós não tivemos a força precisa para nos oppormos a esta violação, não a soffreram os naturaes, que se armaram e expulsaram os invasores!

Tanto assim que se lê nas *Estatisticas do imperio britannico*, por R. Montgomery Martin, publicadas em Londres em 1839, que uma associação organisada em Inglaterra em 1792 com o intuito de formar um estabelecimento na ilha de Bolama, fôra obrigada a desistir d'isto em consequencia da hostilidade que encontrára da parte dos naturaes.

Não tornando os inglezes a renovar as suas tentativas durante muitos annos, começaram os naturaes e os portuguezes a estar socegados a este respeito, mas observando o gentio, que se repetiam as aggressões ao territorio portuguez, vendo os francezes tomar posse do ilhéu dos Mosquitos no rio Casamansa, apesar do tratado de Paris que reconhece o nosso direito, foram a Bissau em 1828 e ratificou-se de novo a cessão da ilha a Portugal por parte do rei bijagó Damião de Canhabaque (que era o unico que contestava antigamente ao rei beaffar de Guinala a posse de Bolama).

Em 1830 estabeleceu-se um presidio portuguez na ilha, apesar dos energicos protestos do coronel Findlay, então governador da Gambia ingleza.

O sr. Caetano José Nozolini em 1835 edificou ali uma casa e feitoria com grandes armazens, reduzindo a cultura uma grande porção de terreno, sendo outra vez ratificado com os gentios o nosso direito á posse da ilha, para se sancionar assim no reinado da senhora D. Maria II o tratado celebrado no tempo do governo do senhor D. Miguel.

Mas em dezembro de 1838, os inglezes sempre contestando e disputando o nosso direito, praticaram ali actos de inaudita violencia contra a nação portugueza.

O governador, que então era, o tantas vezes citado Honorio Pereira Barreto, dirigiu-se immediatamente a Serra Leoa a pedir reparação das perdas e insultos que soffremos, protestando com nobreza e energia contra os factos de haverem arreado a bandeira nacional, e levado para Serra Leoa uma pequena escuna do sr. Nozolini, mettendo a bordo os escravos que acharam na ilha, e levando-os igualmente, não obstante verem que trabalhavam proveitosamente na feitoria que ali havia, como o nosso governador o demonstrou ao de Serra Leoa, por haver allegado o commandante do navio inglez que elles estavam para ser exportados como escravos.

O governador britannico, vendo que provavelmente a escuna pouco valia, fê-la restituir, mas ficou com os escravos em Serra Leoa, respondendo ás reclamações do commendador

Honorio Pereira Barreto, que havia transmittido o seu officio a este respeito ao governo da Gran-Bretanha.

O resultado, que sabemos, foi voltarem a Bolama, em abril de 1839, os inglezes sob o commando do mesmo official que fizera ali aquelles desacatos em 1838, queimando as barracas, e quebrando o armamento dos poucos soldados que lá havia!

Comtudo, apesar d'estas violencias, o activo sr. Nozolini não esmoreceu, e recomeçou com maior energia e patriotismo as suas operações agricolas, desenvolvendo a producção do café, cuidando da da mancarra, milho, arroz e inhame, aproveitando as ricas arvores de madeira de construcção que ali ha, bem como de fructo, colhendo a cera, caçando os elephantes de suas grandes florestas e apanhando as tartarugas e o ambar das suas praias.

Porém os inglezes, sem nunca desistirem das suas pretensões, voltaram á ilha em maio de 1842 e arvoraram a sua bandeira, participando-o ao governador de Bissau, que protestou contra este procedimento, bem como o governador geral da provincia de Cabo Verde. Desde então reputâmos Bolama perdida para a nação portugueza!

Vendo isto os beaffares tornaram a arrear a bandeira ingleza, içando a nossa que pediram a Bissau, e assim se foi repetindo successivamente, arvorando ora os inglezes a sua, ora nós ou os naturaes a de Portugal; até que em 15 de janeiro de 1856, graças ao benemerito governador da Guiné portugueza, o sempre lembrado commendador Honorio Pereira Barreto, se celebrou outro tratado em fórma ácerca dos nossos direitos á ilha de Bolama, assignado em primeiro logar pelo mesmo governador, e em seguida a elle pelos chefes bijagós da ilha de Canhabaque: Tissac, regulo de In-ore; Manuel, regulo de Meneque; Antonio, regulo de Ancataque; Nimacuan, regulo de Iboco; Tecuan-he, regulo de Ambroco; Antonio, regulo de Ancujugan; Obem-ae, regulo de Anchorompi; Banô, regulo de Anaure; Ecaná, regulo de Angagume e Jampude, regulo de Aumba; bem como pelo interprete e juiz dos grumetes de Bissau, André Gomes; pelo capitão do exercito de Portugal,

Ventura José; pelo dr. Hopffer, por Francisco Manuel da Cunha, e finalmente pelo alferes do exercito Eugenio Augusto Soares Luna, servindo de secretario do governo da Guiné portugueza.

As condições d'este tratado foram:

1.º Que continúa a existir entre os portuguezes e os habitantes de Canhabaque a antiga e fiel amisade que sempre houve entre elles, desde que os portuguezes fizeram estabelecimentos n'esta parte da costa.

2.º Que os regulos de Canhabaque declaram mui positiva e explicitamente, que nunca seus antecessores venderam a inglezes a ilha de Bolama ou terreno algum que pertença aos mesmos regulos; mas que concederam a certos e determinados inglezes a permissão de fazerem estabelecimentos commerciaes e agricolas sem caracter algum politico.

3.º Que os sobreditos regulos declaram mais, que nunca podia ser da sua intenção privar os portuguezes do direito que sempre tiveram de negociar em Canhabaque e suas dependencias, como se póde deduzir de um papel escripto que em poder de Antonio, um dos regulos, deixou um commandante da chalupa ingleza *Faconte*, papel que o dito regulo não comprehendeu, pois era impossivel pretender prohibir que os de Bissau, onde têem parentes, viessem a esta ilha.

4.º Que os referidos regulos declaram mais, que jamais farão tratados alguns com estrangeiros sem intervenção do governador de Bissau, e portanto que devem ser olhados nullos e de nenhum vigor os tratados que os estrangeiros por meio da força os obriguem a aceitar.

5.º Os mencionados regulos promettem dar toda a protecção a qualquer estrangeiro ou navio estrangeiro que aportar a esta [illegible] [illegible]der para se refazer de vitualhas ou aguada, ou para fazer commercio licito.

[illegible] Que promettem mais dar toda a ajuda e favor aos navios que naufragarem ao pé da ilha, mandando logo aviso ao governador de Bissau.

7.º Que no caso de haver alguma differença ou questão entre

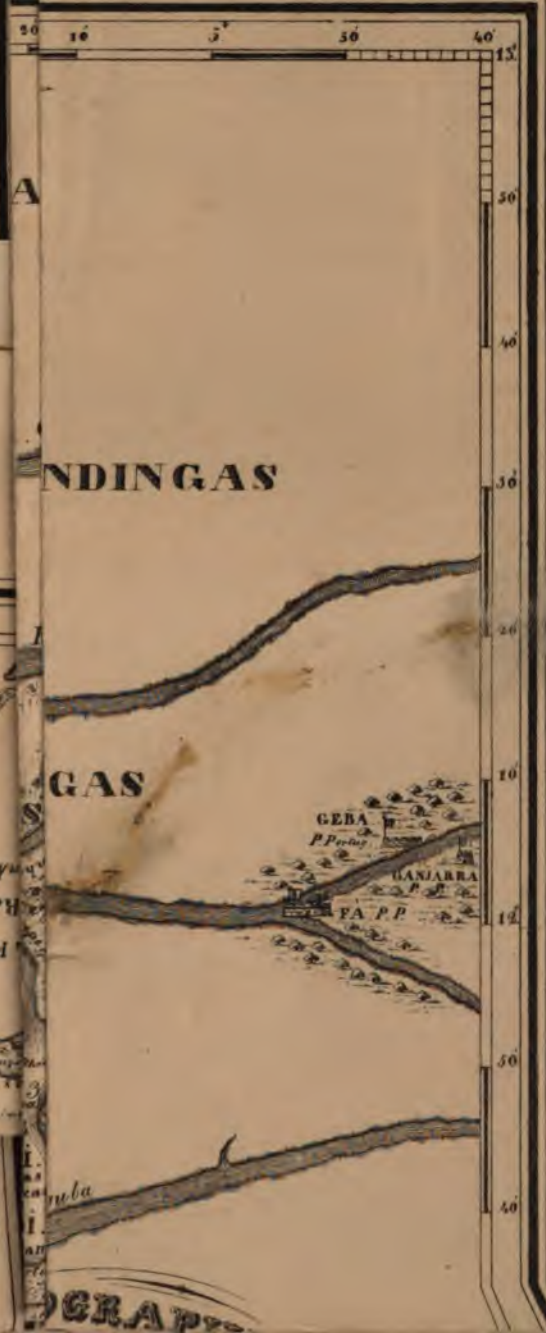
os de Canhabaque e os estrangeiros, o governador de Bissau servirá de medianeiro, e avocará a si a questão para ser por elle decidida.

8.º Os regulos concedem ao governo de Portugal o direito de içar a bandeira nacional em todos os pontos dependentes de Canhabaque, estabelecer alfandegas, etc., etc., n'uma palavra, tomar d'elles conta em nome do governo, não offendendo porém o direito de propriedade particular, conferido por elles regulos a diversos individuos, para fazerem estabelecimentos commerciaes e agricolas.

9.º Que finalmente os regulos presentes declaram que os ausentes adherem a este tratado como se com elles fosse tambem estipulado.

Em agosto ou setembro de 1858 apresentou-se porém em frente de Bolama o vapor de guerra britannico *Trident*, cujo commandante e guarnição baixou de novo as quinas portuguezas, levando para Gambia o proprio juiz ordinario e os escravos que acharam em terra, a pretexto de que, alem da ilha ser da Inglaterra, os negros eram destinados ao trafico de escravatura, apesar de que provámos que todos eram do serviço da lavoura, e que até eram registados em Bissau, sendo de mais a r[illegible]s bem sabido que já desde ha muitos annos nin-[illegible]eia em escravos para fóra da Guiné portugueza, pelo menos [illegible] 'e Bissau, pelas rasões que já apontámos, isto é, prosperar hoje muito a industria agricola, e tirarem-se alguns lucros do commercio licito, apesar dos estorvos e abusos dos estrangeiros.

Finalmente, como dissemos acima, a[illegible]ssaram-se de facto da ilha os inglezes, muraram um presidi[illegible]e declararam Bolama *porto franco*, aniquilando assim o [illegible]ercio portuguez da nossa Guiné.

A ilha de Bolama tem 8 milhas de comprido de [illegible] bre 3 ou 4 de largura de N. a S., com 24 ou 27 de circu[illegible]rencia em 11.º, 31′ latitude N. e 6º 23′ longitude O. de Lisboa, no porto e antigo presidio portuguez de Bolama (na bôca do rio de S. Domingos).

NDINGAS
GAS
GEBA
BANJARRA
Latit
OGRAP

Quanto á ilha das Gallinhas está situada a 2 milhas ao SO. da ponte de Bolama, sendo por entre as duas ilhas o canal para se entrar o rio Grande, vindo do N. Tem 5 milhas de comprido, com quasi 3 de largo e um terreno fertilissimo, coberto de arvoredos frondosos, e possuindo muita e boa agua que rebenta de uma rocha.

Esta ilha foi doada em 12 de março de 1829 pelo rei Damião de Canhabaque, senhor das Gallinhas, «*ao seu antigo camarada e amigo Joaquim Antonio de Matos*, que desde a referida data ficou sendo *o directo senhorio, em virtude da doação que o primeiro dito rei lhe fez d'ella, por si e seus successores para a disfructar por si, seus parentes, socios e amigos, fazendo d'ella o que melhor lhe convier, tanto em cultura, como em fortificação, como abaixo se declara*» nas seguintes condições que apresentâmos na sua integra:

Em nome de Deus Grande.

1.ª Desde junho de 1828 ficou pertencendo a ilha das Gallinhas, por cessão do rei Damião, a Joaquim Antonio de Matos; declaração feita ante o governador da praça de Bissau, Francisco José Moacho; juiz do povo, Domingos Lopes, e mais homens bons na occasião que se tratou com o referido rei, respeito á ilha de Bolama.

2.ª Em consequencia d'aquella doação e declaração, em julho do mesmo anno, mandou logo o novo possuidor da dita ilha das Gallinhas, Joaquim Antonio de Matos, construir uma propriedade de casas, condescendendo assim com a vontade do dito rei Damião, e tomou posse da referida ilha, para a gosar como sua da maneira acima especificada, mandando tambem gente para córtes de matos e lavra de terrenos.

3.ª O rei Damião, como doador, ficou obrigado a fazer saber a todos os demais reis de Canhabaque e das differentes ilhas do archipelago dos Bijagós, que têm dado a referida ilha a Joaquim Antonio de Matos, a fim de haver toda a boa intelligencia, e que por senhorio d'ella o devem todos reconhecer.

4.ª No caso de ataque de qualquer gentio vizinho, será obrigado (como fica desde já) o dito rei Damião a repelli-lo

com os seus soldados e vassallos, auxiliando o novo possuidor por toda a maneira a que não seja invadido, obrigando-se Joaquim Antonio de Matos a fornece-lo de bala e polvora para a defeza, no caso de desintelligencia, o que Deus não ha de permittir.

5.ª Obriga-se mais o dito rei Damião por toda a maneira a não consentir que estrangeiro algum possa em qualquer ponto da dita ilha fazer casa ou estabelecer-se, salvo se for por consentimento do novo possuidor, pois de contrario serão repellidos pelo mesmo rei por meio da força; e declara-se que são inglezes, francezes e hespanhoes os estrangeiros.

6.ª Não podendo o novo possuidor, Joaquim Antonio de Matos, possuir a dita ilha, como sua que é, sem que tenha permissão de el-rei nosso senhor, declarou que na primeira occasião que tivesse para Portugal ia pedir a sua magestade o seu regio consentimento, poisque obtendo-o seria mais uma possessão para a corôa de Portugal, que com braço regio em breve floresceria, e será de grande vantagem para os vassallos de sua magestade; assim como a pedir-lhe licença para novas acquisições de terrenos n'esta parte da costa de Africa occidental, obrigando-se o dito rei Damião a coadjuva-lo para os obter.

7.ª Sendo de costume no tempo de inverno passarem alguns gentios de outras ilhas á dita ilha para lavrarem terrenos e montear elephantes, d'ora em diante o farão com permissão do novo possuidor, e este lhe designará a terra que poderão lavrar; isto emquanto o novo senhorio não tiver meios de o fazer por si ou conjunctamente com portuguezes.

8.ª As producções serão ali vendidas com medidas e pesos como em Bissau e Balanta, e se lhes pagarão o arroz, azeite, mancarra, anil, algodão e tartaruga como se paga em Bissau, dando-se as fazendas pelo mesmo preço.

9.ª Havendo, como ha, muitos elephantes na ilha, os dentes dos que se matarem, metade ficam pertencendo ao rei Damião, e a outra metade ao novo possuidor; comtudo a parte que pertencer ao referido rei será obrigado a receber o seu

valor, segundo o costume em Bissau, sendo franca a montaria d'elles a quaesquer gentios, utilisando-se estes só das carnes, podendo até transporta-las em canoas para as suas terras.

10.ª Qualquer pessoa que suscitar desordem, maltratar, ferir, roubar, ainda mesmo por acções, se for christão será enviado ao governador de Bissau para ali ser punido conforme a lei, e sendo gentio será entregue ao seu rei para o castigar como merecer.

11.ª Estando em começo o estabelecimento da dita ilha, quer elle novo possuidor, que sem sua licença se não construa casa alguma a fim de poder mandar alinhar qualquer propriedade, fazendo-se por esta maneira povoações regulares, pendendo d'esta ordem tambem a saude.

12.ª Emquanto não houver na referida ilha das Gallinhas os recursos necessarios para a devida e diaria subsistencia, o dito rei Damião se obriga a mandar a ella semanalmente duas canoas com todo o preciso, e o novo possuidor a trocar o que levarem com generos do paiz, preço de Bissau.

13.ª O novo possuidor, depois de obter a licença de sua magestade, se obriga a mandar construir uma capella, e ter um padre zeloso no serviço de Deus e de el-rei, para n'ella celebrar missa e mais officios divinos, e espera que o rei Damião se não opponha a que qualquer gentio, sendo da sua vontade, se faça christão, porque d'isto depende o florescimento da mesma ilha.

14.ª O referido rei Damião se obriga por si, seus successores e por quem mais direito possa ter á dita ilha, ao cumprimento de todos e cada um dos artigos declarados, cumprindo-os e fazendo-os cumprir sem alteração alguma.

15.ª Não podendo o rei Damião alienar terreno algum por suas instituições, como lhe pedia o novo possuidor da ilha das Gallinhas a vendesse, serviu-se de aceitar em signal de gratidão do novo possuidor, Joaquim Antonio de Matos, o mimo que lhe fez.

Em firmeza do que, e para constar em todo o tempo, se fizeram dois documentos do mesmo teor, trocados e assigna-

dos em Bissau a 12 de março de 1829, como dissemos, com as firmas de P. B. Ducros (francez) pelo rei de Canhabaque e como testemunha, e por José de Araujo Sistella, José Correia Veiga e Delphim José dos Santos, com reconhecimento do tabellião José Francisco da Serra, em Bissau, aos 9 de março de 1830.

Apesar porém da ilha das Gallinhas haver assim sido doada pelo rei Damião de Canhabaque ao referido negociante portuguez Joaquim Antonio de Matos, que fizera ali roçar algumas matas e dera começo a uma empreza rural, que depois se tem continuado, fazendo-se outras de novo, e apesar de haver sido cedida á corôa de Portugal por aquelle negociante antes da sua morte, receiâmos que de um dia para outro a percamos tambem de facto como a de Bolama, attentas as repetidas intimações que a auctoridade ingleza estabelecida em Bolama nos está fazendo todos os dias!

Admittida esta fé dos tratados e respeito de direitos, quanto tempo nos poderemos chamar senhores, e sê-lo de facto, do que é nosso?

Não deve continuar similhante estado de cousas. É preciso, repetimos, chegarmos a um accordo franco e leal, digno de nós e das generosas grandes nações com quem temos a tratar a este respeito, ou então é indispensavel que façamos na Guiné o mesmo que o nosso verdadeiro amigo das colonias, o sr. visconde de Sá da Bandeira, fez no Ambriz e no Congo. Confiemos pois de um ministerio de que hoje faz parte s. ex.ª e o secretario d'estado da marinha e do ultramar, o sr. José da Silva Mendes Leal, que tanto interesse vemos que tem pelas nossas possessões, estudando com tão grande proveito as suas necessidades e tomando medidas successivas cada vez mais importantes.

Já que tratámos de duas das ilhas do archipelago dos Bijagós (Bolama e Gallinhas), parece-nos que o leitor não achará superfluo que lhe demos aqui, antes de passarmos a fallar de Cacheu e das suas dependencias, uma resumida noticia d'aquelle archipelago.

São doze as ilhas habitadas do archipelago Bijagós, e cada uma governada por seu chefe distincto, cuja auctoridade é mui limitada, exceptuando comtudo do rei de Canhabaque e a do de Orango.

As mais habitadas são: Formosa, Caraxa, Caravella ou Camona, Huno, Manteira (corrupção de Honra do Monteiro, nome que os nossos antigos davam á ponta de O. d'esta ilha, tambem chamada ilha dos escravos), Uracão, Cazegut ou ilha da Ponta, Canhabaque ou ilha Roxa, Agó Grande, Orango (a maior de todas), Bolama e Gallinhas.

As desertas são as seguintes:

A ilha das Arcas, a do Meio, a de João Vieira, a dos Cavallos, a do Poilão e a do Alcatrás, bem como os ilhéus dos Papagaios, os dos Porcos e outros mais, aindaque pelo que respeita aos ilhéus parece que alguns são povoados e dependentes das ilhas grandes.

Todas estas ilhas passam por ser muito mais saudaveis do que as terras do continente. São cortadas por frescas ribeiras cobertas de formoso e rico arvoredo, havendo ali muita caça e animaes de toda a sorte.

Estes negros bijagós são sem duvida os mais retintos, bem feitos e guerreiros da Guiné; são optimos marinheiros, e andam continuamente embarcados fazendo pirateria e atacando os seus vizinhos papeis (ou buramos) balantas, banhames, beaffares e nallús; de modo que é proverbial na Senegambia que os bijagós são «*inimigos de toda a gente e amigos de ninguem!*» Differem geralmente nos costumes dos povos negros do continente.

Os homens não fazem, por assim dizer, senão tres cousas: guerra, embarcações e vinho das palmeiras de que se embriagam; e emquanto fumam em perfeito ocio, são as mulheres que edificam as casas, pescam, fazem as searas e todos os mais serviços pesados proprios dos homens nas terras civilisadas.

Os homens e mulheres andam quasi nús, não trazendo mais do que umas calças feitas de folha de palmeira ou de qualquer fazenda. Untam-se com almagre e gesso, e mettem muitas

pennas de aves nas carapinhas; e pondo muitos cascaveis assim vão á guerra *«parecendo verdadeiros demonios, se é que o não são»*, diz com muita graça o nosso Almada no seu *Tratado dos rios de Guiné.*

As suas armas são azagaias espadas curtas, e espingardas com coronhas enfeitadas de pregaria de cobre amarello. Usam tambem settas feitas do osso de um peixe chamado bagre, envenenando a ponta.

As mulheres andam despidas da cintura para cima. Traziam antigamente uma especie de saias feitas das folhas da palma que davam para cima dos joelhos. Hoje já as usam de fazendas. As que têem filhos trazem-os nos braços atados em umas correias de couro crú, passadas ao pescoço com que sustentam as creanças.

Os bijagós adoram uma divindade a que chamam *Balola,* cujos sacerdotes o povo julga que têem communicação com os demonios, e têem outra crença singular que vem a ser, que se morrerem voluntariamente, embora em paizes longiquos, a sua alma vôa logo para a terra natal. Por este motivo nos antigos tempos de escravatura muitos d'estes negros suicidavam-se no captiveiro, pelo que os negreiros já a final não queriam bijagós!

Antes de concluirmos a nossa curta descripção d'este archipelago acrescentaremos, que apesar das perturbações que infelizmente se haviam dado ainda ha pouco no continente da Guiné portugueza, conseguiu-se a final assentar posse definitiva por parte da corôa de Portugal da ilha de Orango, como diz o actual ministro da marinha o sr. José da Silva Mendes Leal, no monumental relatorio que apresentou ás côrtes ácerca do ultramar. Ali lemos com satisfação, que as nossas quinas foram hasteadas na referida ilha com as solemnidades do estylo, recebendo o delegado do governo o juramento de preito e vassallagem do regulo Oranto, o legitimo chefe reconhecido de Orango, em 27 de dezembro de 1862.

Havendo nós tratado das ilhas bijagós e achando-se ao N. d'estas, proximo da de Bissau, outras ilhas, taes como a de

Lith. da I. N.al

VISTA DA PRAÇA DE CACHEU (*Guiné portugueza*)

Bussis (ao O. da de Bissau), a de Jatta (ao O. da de Bussis) e as de Cayó (ao SO. d'aquellas), daremos aqui uma resumida noticia a respeito d'estas ilhas.

A ilha de Bussis tem cerca de 8 milhas de comprimento de E. a O. e acha-se separada, como já dissemos, da ilha de Bissau pelo esteiro do Pico (como lhe chama Pimentel), e separada da de Jatta pelo rio das Ancoras, que ali desemboca no oceano. Diz-se que é onde se encontra o melhor azeite de palma de toda a Senegambia, e que abunda em arroz e cera. Na ponta da ilha ha um pequeno porto e aldeia de papeis sujeitos ao regulo do paiz.

A ilha de Jatta estende-se 21 milhas de E. a O., e tem muito gado, arroz e alguma cera.

As duas ilhotas de Cayó, que servem de marca para os navios, como balizas do canal, ficam a SO. da ilha de Jatta e d'esta separadas pelo esteiro ou rio de Catharina, tambem chamado rio de Jatta. A maior terá 1 legua de circumferencia e é a unica habitada. A outra está toda coberta de arvoredo, levantando-se ambas do oceano como viçosos ramalhetes.

Tomemos agora o rumo de Cacheu, para descrevermos esta praça e as suas dependencias, que já é tempo. Costeiemos pois o perigoso banco de S. Domingos, junto do qual se vê perfeitamente a grande rebentação, e continuemos navegando por entre os numerosos baixos que precedem o canal de Cacheu, dando a sonda por vezes 2 braças. Deixemos Bolor, ao NO., na embocadura do rio de Zeguichor, passemos o estreito rio de Cacheu, S. Domingos ou Farim, entre a ponta de Om ao N. nas terras dos banhuns e a mata de Putama ao S. nas terras dos buramos ou papeis. Gosemos a pittoresca vista de arvoredos frondosos que cobrem as margens, onde, como alinhamentos de marcos de pedras, se descobrem de espaço a espaço, enfileirados com a mais singular regularidade, cardumes de pelicanos brancos, bem como grandes garças. Fundeiemos finalmente em frente da praça, cuja perspectiva é realmente pittoresca e agradavel, vendo-se bons edificios, entre os quaes sobresáe o magnifico palacete que o fallecido

commendador Honorio Pereira Barreto fizera para sua residencia, com bonitas arcadas em ogiva e altos torreões!

Cacheu, estabelecimento fortificado na margem esquerda do rio de S. Domingos, 5 leguas distante da sua foz, em 12° 41′ latitude N. e 6° 46′ longitude O. de Lisboa, foi construido em 1588 por Manuel Lopes Cardoso, com licença do regulo do paiz, chamado *Chapala;* dois annos depois tivemos comtudo de submetter os negros em um combate terrivel, porque quizeram surprehender o estabelecimento como constou aos nossos, de vespera, por duas negras.

Para melhor darmos uma idéa d'esta inclassificavel fortificação, valer-nos-hemos em parte das palavras de um homem tão competente como é o actual governador civil de Braga, o sr. conselheiro Januario Correia de Almeida, que não só foi engenheiro da provincia de Cabo Verde, mas tambem seu governador geral.

Consiste esta fortificação em um recinto quadrilongo fechado pelo lado do gentio que fica ao S. com uma muralha de 4 a 5 metros de altura, onde se apoia um terrapleno chrismado com o nome de baluarte de S. Francisco, sobre o qual se podem dispor algumas peças á barbeta. O lado de E., que é um dos maiores e que olha tambem para o campo do gentio, é fechado com um muro de cerca elevado, junto ao qual se vêem as ruinas do antigo quartel do governo, d'onde tão necessario é fazer surgir nova edificação, a fim de que o governador de Cacheu e officiaes da guarnição possam decente e commodamente estar alojados.

Pelo lado do N. da praça duas pequenas saliencias, extremamente acanhadas, mostram as suas pretensões a baluartes, e elevadas sobre rocha dominam o rio.

A porta da entrada para este recinto é pelo lado da povoação, e d'este lado estão situados os alojamentos e paiol.

Os alojamentos são todos terreos e cobertos de palha, muito humidos, e quentes no tempo das aguas, motivo por que se dão tantas doenças nas praças destacadas, principalmente rheumatismo.

O paiol assenta do mesmo lado, e está collocado impropriamente junto á principal bateria, arrecadando muitas vezes grande quantidade de polvora, o que poderia pôr em risco o forte e grande parte da povoação, pois a sua construcção não é nada resguardada.

Nas ruinas da antiga casa do governo fizeram uma arrecadação, e ali reuniram algumas peças de bronze de pequeno calibre, montadas em pessimos e improprios reparos. Tambem existe alguma palamenta, pela maior parte em mau estado.

No forte existem 17 peças, sendo 8 de ferro e calibre 9, e 9 de bronze de calibre 6, 3 e 1, tendo apenas 8 reparos e só 1 de campanha, apesar de serem estes sem duvida os mais precisos para aquelles calibres, e para as sortidas que se fazem da praça quando ha guerra com o gentio, para o que lhes basta qualquer pretexto.

Ainda em 8 de julho de 1856 foi Cacheu atacada por gentios de Cacanda (povo e aldeia proxima de Cacheu) em consequencia de desordens que alguns d'elles haviam tido com os grumetes da praça; mas o ataque foi valentemente repellido, sob o commando do administrador do concelho, seguindo-se depois em 27 o ataque de Cacanda por uma porção de grumetes embriagados, que a final se retiraram depois de terem alguns mortos e feridos.

Aquelle ataque apenas tivera logar por alguns individuos de Cacanda contra a vontade do regulo, sendo propriamente um acto de vingança particular, que todavia poderia trazer a perda da praça e a morte de muita gente.

Era isto tanto mais desagradavel, que ainda havia pouco tempo, em 27 de setembro de 1856, que o commendador Honorio Pereira Barreto e pessoas notaveis de Cacheu haviam celebrado um tratado com os gentios de Cacanda e outro com os de Nagas, em 9 de outubro de 1856, n'aquelle, restabelecendo relações de paz e amisade, e n'este, não só facilitando as relações commerciaes, mas reservando aos portuguezes a navegação e commercio do braço do rio Farim, a que chamam Armada.

Tambem por procuração do regulo de Bianga, Dataram, gentio papel conterraneo da praça de Cacheu, celebrou o governador Honorio Pereira Barreto, em 8 de outubro de 1855, um tratado em que se lê:

«1.° O regulo de Bianga, por si e por seus successores, cede de hoje para sempre á corôa de Portugal, todo o direito e dominio que tem na margem direita da embocadura do rio ou esteiro chamado do Bassarel, não podendo em tempo algum haver por ali navegação estrangeira, ou passar estrangeiros em canoas ou qualquer embarcação, ainda mesmo de manjacos.

«2.° Esta concessão não dá direito aos portuguezes de se apossarem dos arrozaes, fazendas (quintas) e palmeiras que os particulares de Bianga possuem no ponto cedido, nem de impedirem a elles gentios de fazer o que até agora faziam no dito terreno, rio ou esteiro; devendo só entender-se que aos portuguezes cabe o senhorio politico d'aquelle territorio, rio ou esteiro.

«3.° O regulo de Bianga convida os portuguezes a estabelecerem barracas (feitorias) em seu terreno, nos pontos que melhor lhes parecer para o commercio.

«4.° O governador da Guiné aceita em nome do seu governo a concessão feita com as condições especificadas, obrigando-se pela morte do regulo a mandar fazer um caixão forrado de chita e dois pannos da primeira qualidade para o seu enterro, e a dar cincoenta arrateis de polvora e doze galões (vinte e quatro frascos) de aguardente para as exequias.

«5.° De uma e outra parte se declarou que, aindaque houvesse guerra entre os contratantes, não se julgaria nullo este tratado.

«6.° Os de Bianga declararam que devia ser olhado como nullo e de nenhum valor qualquer tratado, convenção ou contrato que por força maior se virem obrigados a fazer com estrangeiros que intentem violar o terreno cedido ou rio.»

Em 24 de outubro de 1855 foi ratificado este tratado na aldeia do regulo de Bianga por elle em pessoa, visto os seus procuradores haverem declarado em Bissau quando o cele-

Lith. da I. N.al

ALDEIA DE PICCAU PERTO DE CACHEU (*Guiné prtuguera*)

braram por procuração, como dito fica, que seu regulo não comparecia na praça por seus usos e costumes não lhe permittirem saír de sua terra, porque é crença d'aquella gente que morreria o seu chefe apenas d'ali saísse.

A povoação de Cacheu acha-se dividida em dois bairros, Villa Fria e Villa Quente. N'este, que é uma rua comprida ao longo do rio na direcção E. a O., vivem os brancos ou pessoas principaes, como ali chamam a estas de qualquer côr que sejam: n'aquelle vivem os grumetes em cubatas ou choupanas de barro cobertas de palha, que ali se acham amontoadas sem ordem nem regularidade.

Tem uma igreja e uma capella.

Os arrabaldes da praça alem de tiro de fuzil são mui pittorescos pela sua densa e vigorosa vegetação, formando matas impenetraveis, pelo que os negros têem de cortar veredas para passar por meio d'ellas.

Frequentemente n'outros pontos no caminho para Cacanda e outras aldeias interiores se vê aquelle fertil terreno coberto de um lindo tapete de flores desconhecidas na Europa, mas ai de quem se descuidar, distrahido, de olhar a seus pés, porque não são pouco frequentes as vezes que a cobra jampéte ali tem feito victimas. É bom notar que «*pessoa mordida defunto certo!*»

Pela estampa que representa a aldeia de Piccau, proxima da de Cacanda, a 2 kilometros SO. da praça de Cacheu, melhor idéa se fará d'esta especie de povoações onde os regulos fazem a sua residencia.

Ali verá o leitor o poderoso rei de Piccau passeando modestamente só e sem sequito no meio da sua capital, procurando debalde embrulhar-se magestosamente em um panno similhante a mesquinho lençol, deixando-lhe a descoberto a esticada tibia, mas tendo coroada a cabeça com um chapéu ordinario e sustentando um curto cachimbo que fumega como uma chaminé.

A O. da praça de Cacheu fica a Ponta de Calaca a 5 milhas alem do rio Bianga, de cujo regulo e tratado com os portu-

guezes já fallámos. Este rio é só navegavel para lanchas e pequeno barcos. Fica dentro dos limites do reino chamado da Mata de Putama, que se estende na ponta do S. do rio de Farim ou S. Domingos, defronte da ponta de Om, e fronteiro a Bolor ao S.

Na extremidade do reino de Mata de Putama, que nos pertence por direito de conquista, começa o territorio dos felupes do Bote.

A E. de Cacheu vêem-se os extensos campos chamados de Sam-Sam, que os habitantes se abstêem cultivar, sempre receiosos das devastações dos papeis (ou buramos) do Churo, povoação importante não mui distante da praça.

Principia o territorio dos banhamas (ou nagas) alem do reino dos papeis, e alem d'aquelles a região dos balantas confinando com os mandingas de Farim.

Os banhamas e balantas pouca differença fazem dos buramos ou papeis, sendo comtudo os primeiros ainda mais ladrões e falsarios. Uns e outros seguem quasi as mesmas praticas e ritos, tendo o mesmo regimen interno, com a differença que os regulos banhamas não cobram tributo dos gados nem recebem propinas dos casamentos e funeraes, a que têem direito os regulos papeis, rasão por que são mais ricos.

Quanto aos balantas, mais depravados ainda do que os banhamas e papeis, são mestres na arte de furtar, e tão longe levam este vicio que é mui raro que algum case emquanto se não distingue por algum roubo, poisque é só então que acha quem queira casar com elle em premio da sua façanha!

Posto não sejam mahometanos costumam ser *fanados* (circumcisados) vestindo então como os papeis, operação que se faz aos dezoito annos e mesmo já aos vinte, andando o mancebo nú, excepto nas partes pudendas, que côbre com uma folha de *sibe*, trazendo um *fancaz* (buzio) pendurado ao pescoço como distinctivo de não estar *fanado* ainda.

Não conhecem o que sejam ciumes, tanto assjm que é vulgar o marido alugar a mulher mediante a competente remuneração para elle pela sua condescendencia.

Têem uma tal ou qual industria que consiste no fabrico do sal artificial (como se deprehende do que dissemos sobre este negocio) e na fiação do algodão, de que têem muita abundancia nas suas terras.

Um braço do rio S. Domingos corre n'uma direcção S. entre os banhamas e os papeis de Baola, e approximando-se da ilha de Bussis divide-se em quatro braços; o rio de Jatta a O., o Empernal a E., o Ancora e o esteiro do Pico ao S. todos os quaes já citámos por vezes.

Na margem do N. do rio de S. Domingos, isto é, desde a ponta de Om até ao esteiro de Sarah, residem os banhuns, cuja povoação principal se chama Buguendo, e cujos costumes se assimilham aos dos cassangas (de que logo fallaremos), excepto as mulheres que são, como os dos papeis.

A sr.ª D. Rosa de Carvalho Alvarenga possuia alem do Sarah e do mesmo lado, uma extensa propriedade chamada o *Poilão do Leão,* que comprára aos banhuns e que tinha em bom estado de cultura.

Para a parte E. do esteiro de Sarah, são as terras dos cassangas, pretos assim chamados naturalmente do nome do rio Casamansa. Vestem uns pannos de algodão compridos até quasi aos joelhos, a que chamam camisas, com mangas que vão até aos cotovelos, e decotadas no alto, por onde se enfia a cabeça, ordinariamente uma branca por baixo e outra preta por cima; tambem usam de calções até aos joelhos, mas mui estreitos, as pernas núas e alparcatas de couro crú nos pés, os cabellos trançados e cobertos com uma carapuça de algodão. Têem um juramento denominado *da agua vermelha,* que só se usa quando ha duvida nas provas. Esta agua é bebida pelos pleiteantes, e o que a vomita é declarado innocente, ao passo que o culpado morre; mas como a morte é provocada por um veneno mui subtil com que unta o dedo pollegar o que administra a agua, só morre aquelle que querem, e de ordinario quem é rico, para que o rei possa tomar o que lhe pertence, pelo que se dá primeiro a beber da agua ao que ha de viver, e depois ao que tem de morrer. A agua é prepa-

rada com taes ingredientes, que provoca forçosamente o vomito ao que querem que fique innocente.

As terras dos cassangas ficam entre os rios S. Domingos e Casamansa, e estendem-se até aos territorios dos mandingas, onde finalmente em 12° 17′ latitude N. e 5° 33′ longitude O. de Lisboa, no alto do rio de S. Domingos está situado na margem esquerda o presidio portuguez de Farim, acima de Cacheu cousa de 60 leguas.

Consiste a sua defeza em uma estacada com tres baterias guarnecidas de peças de artilheria, seis das quaes estão em soffrivel estado, havendo sido montadas pelo commendador Honorio Pereira Barreto; mas a sua guarnição será de 5 ou 6 soldados, como em quasi todos os outros presidios de que temos fallado. De sorte que embora fosse um soffrivel mercado do interior, onde os negociantes de Cacheu têem feitorias, vae decaíndo muito este estabelecimento, muito mais desprezando-o o gentio depois que os francezes se estabeleceram, como temos referido, no Sello, no Casamansa, que só dista de Farim dois dias de jornada.

De Farim ha communicação para Geba, não por braço nenhum de rio, como erradamente se vê em algumas cartas, mas indo-se de Farim para Tendegu no rio Farim em canoas, viagem de 46 milhas, e de Tendegú por terra para Geba, jornada de 18 milhas.

Foi em 1641, que o capitão mór de Cacheu, Gonçalo de Gamboa, fundou em Farim o estabelecimento de Tubabo-daga, o que em linguagem mandinga quer dizer povoação de brancos.

D'aqui proveiu ser declarado aberto ao nosso commercio o rio Farim ou de S. Domingos.

Os mandingas, povos que habitam as duas margens do rio de Farim, que confinam ao NE. e S. com os beaffares, a E. com os banhuns e cassangas, a O. com os balantas e ao N. com os jalofos; e em cujas terras estão encravados os nossos estabelecimentos de Farim, Geba, Fá, e ao que parece de Ganjarra tambem (se é que este districto não está em terreno

beaffare); dividem-se em duas seitas, uns gentios idolatras, e outros mahometanos (a maior parte), mas uns e outros pouco mais ou menos com os mesmos costumes.

Os mandingas mahometanos têem os seus bixirins, cacizes ou marabutos, homens instruidos e grandes missionarios da sua errada seita, que vão prégando por todos aquelles vastissimos sertões, distribuindo nominas do alcorão, conciliando-se grande respeito pela austeridade da sua vida e superioridade do seu saber; vestem roupas compridas com capas e ferragoilos, e chapéus grandes que compram aos européus, sendo regidos pelo almami.

O reino entre os povos mandingas é hereditario, mas ha sómente tres familias que podem succeder na corôa, ao que chamam Farim-bá. Aindaque a corôa esteja em alguma das duas ultimas, nada se decide de importancia sem tomar o voto da primeira, que se denomina Farim-cunda, e as duas outras Gam-farimjon e Gam-serali.

O governo é puramente aristocratico e feudal, pois os negocios importantes resolvem-se com o voto dos mansajons do rei, o que quer dizer escravos do rei, e este executa as deliberações do conselho ou assembléa, ao mesmo tempo que não póde ceder do que pertence á corôa senão em beneficio do estado. Este divide-se em districtos ou nhanchó-bancos, que pertencem de propriedade aos fidalgos, que os governam despoticamente como os barões da idade media.

As rendas da corôa são: os escravos feitos na guerra ou furtados, ou condemnados á escravidão por homicidio ou feiticeria; o dente do elephante morto no seu districto do lado sobre que caíu; os objectos perdidos que se encontrarem no seu territorio; e as vaccas que pagam os fulahs que n'elle habitam, unica cousa de que o rei póde livremente dispor: com os outros rendimentos compra-se aguardente para regalo do rei, espingardas, pederneiras, polvora e ferro que se armazenam na tabanca do rei (Farim-bá), e que se distribuem por todos os varões do reino para defeza do mesmo, porque o estado é obrigado a dar uma a cada um por uma vez só-

mente, salvo se a estragar ou perder em guerra nacional; porém por morte do possuidor é ella propriedade de seus herdeiros.

N'estas occasiões são os nhanchós obrigados a servir na guerra com a sua gente, e como são homens valentes e costumados a pelejas, pelas que entre si travam frequentemente, costumam as batalhas ser mui sanguinolentas.

As mulheres nhanchós têem igualmente os seus districtos, que governam tão despoticamente como os homens, e gosam da liberdade de entreter muitos amantes, como os varões muitas concubinas, sem que d'isso lhes provenha desaire algum; mas o que ellas principalmente desejam (como as fidalgas da nação dos bijagós, e que procuram satisfazer quanto podem, o que nos esquecêra referir quando fallámos d'este archipelago) é ter filhos de um branco, porque têem para si, que são elles os verdadeiros fidalgos que muito melhorada deixariam a sua raça.

A descendencia masculina entre elles não transmitte a fidalguia, o que não acontece á feminina, e o que for fidalgo se entende que nada ha que possa faze-lo perder essa qualidade; comtudo o delinquente de crime a que caiba a escravidão como pena, é vendido, postoque os parentes cuidem logo em resgata-lo, sendo ás vezes os mesmos que o vendem os que tratam logo do seu resgate!

As heranças entre os mandingas mouros passam aos filhos, mas entre os mandingas idolatras segue a regra dos demais gentios, isto é, aos sobrinhos de irmã uterina; e na falta d'estes aos outros collateraes, sempre na linha feminina pela rasão que já fica dada. Assim os que são mouros não admittem casamentos entre os consanguineos sem consentimento do almami local, emquanto os gentios não oppõem a isso nenhuma difficuldade.

Os mandingas mouros, e em geral todos os negros d'esta parte da Africa que seguem aquella religião, dividem-se em differentes classes, que representam outras tantas profissões, que são hereditarias e por isso se transmittem á descendencia,

aindaque o descendente não saiba ou não possa seguir a que lhe pertence; do que resulta haver muitos sapateiros que não sabem arranjar uma alpargata nem corta-la, ou fazer outra qualquer obra pertencente a este officio, e assim nos mais acontece o mesmo.

Os mandingas são de ordinario menos corpolentos e menos pretos que os povos da beiramar (comquanto não sejam tão amulatados como os fulos ou fulahs); mas são bem feitos e ageis, alegres e hospitaleiros, e como mercadores prezam-se de cumprir fielmente os seus ajustes. São os mais civilisados, industriosos, activos e espertos de todos os povos da Africa, a qual percorrem toda, traficando desde Tombuctu até mesmo á Cafreria em viagens de mais de seis mezes. Quasi todos fallam e até escrevem arabico. Cultivam bem a terra e são industriosos. Trajam, como os jalofos, umas roupetas ou camisas de pannos de algodão, que fabricam pretos ou brancos, como querem, degoladas dos mantéus, compridas até um palmo acima do joelho, com mangas largas só até ao cotovelo, e por baixo uns calções do mesmo panno justo na perna até ao joelho: trazem as pernas núas, e nos pés umas alparcas (ou alpargatas) de couro crú; os cabellos entrançados e cobertos com um barretinho do mesmo panno, a modo de diadema, atado á barba. São bons cavalleiros, bellicosos e soffredores. Usam na guerra de espada, faca, azagaya e settas hervadas, e tambem da espingarda (sendo muitos d'elles excellentes caçadores), e cobrem-se com adargas redondas de orelha de elephante, que é impenetravel á bala[1]. Os adargueiros em acção de combate vão na dianteira e nas alas, cobrindo os frecheiros e fuzileiros que vão no centro.

As casas dos mandingas são de taipa rebocada á nossa moda com portas e janellas de grandeza rasoavel, e d'ellas ha algumas que não são de taipa, mas de um tecido de taras por dentro, e por

[1] Em geral todos os povos da Senegambia usam das mesmas armas, distinguindo-se apenas no comprimento das azagayas, feitio das guarnições das espadas, grandeza dos arcos e das settas, etc.

fóra as cobrem de palha no tempo das chuvas; todas porém são redondas, e os tectos tecem-se de taras e vimes em separado no chão quando já tem feitas as paredes, e depois de assim tecidos os levam muitos homens á cabeça, içam-nos, collocam-nos e acertam-nos sobre as paredes da casa, seguram-nos por dentro, e em vindo as aguas os cobrem de palha.

Cacheu tem ainda uma outra dependencia sua nas margens do pequeno rio Bujeto, braço S. do Casamansa, de que se separa a 40 milhas da foz. Alludimos ao presidio portuguez de Zeguichor (ou Yziguichor) em 12° 31′ latitude N., e 6° 56′ longitude O. de Lisboa, fundado em 1643 pelo referido capitão mór de Cacheu, que se havia estabelecido em S. Filippe de Sarah, d'onde saiu para se estabelecer em Zeguichor por achar este local mais salubre do que o outro. Corre este rio (a melhor via de Cacheu para Zeguichor) pelo reino de Guinguim (terras banhuns) e desemboca no mar, junto de Lala, na bahia de Bolor, onde existe outro presidio nosso de que a seu tempo trataremos.

Este presidio de Zeguichor é importante, porque communica pelo interior com o rio de Gambia, e porque nas terras sitas ao N. do Casamansa abundam as gommas, e uma especie de cocos mui oleaginosos, mas de que nunca tirámos partido por desleixo, e de que já não podemos tira-lo desde que os francezes se estabeleceram no Sello, no Casamansa (bem como os inglezes).

A defeza d'este presidio consta de uma estacada ou tabanca e tres fortins de pedra e barro, com 8 más peças de artilheria, e apenas de 8 soldados de guarnição; mas apesar d'isso Zeguichor é talvez a unica excepção honrosa da maneira por que geralmente se portam os seus moradores em relação ao gentio.

Com effeito os gentios respeitam muito o presidio, porque os notaveis e povo se armam, e vão denodadamente bater, mesmo sem soccorro algum do governo, o gentio que se atreve a fazer-lhes o mais pequeno insulto!

Honra pois ao seu patriotismo, valor e lealdade!

Se Portugal tivesse tido em conta os serviços reaes e extraordinarios feitos n'estas possessões, já de ha muito que o presidio de Zeguichor teria recebido algum titulo honorifico.

Póde dizer-se que a ordem, a tranquillidade e os serviços prestados em Zeguichor se devem ao seu commandante Alvarenga, um dos notaveis do paiz, que herdou, por assim dizer, de paes em filhos aquelle cargo com a sancção dos governadores geraes, apesar do grande abandono em que o deixaram ali por muito tempo, por diversas circumstancias. Soube aquelle valente portuguez conservar estimadas, respeitadas e temidas as quinas de Portugal, não consentindo que o gentio se arrogasse até agora o menor direito sobre o territorio do presidio.

Se os outros chefes e povos o tivessem imitado, quantas vergonhas e perdas se teriam evitado!

Porém os francezes, sem attenderem aos protestos do digno commandante de Zeguichor, que se via sem força para os rechaçar, alem de que não estavamos em guerra com aquella poderosa nação, nossa alliada, passaram o nosso presidio, e foi então (abril de 1857) que compraram terreno aos mandingas de Sello [1], onde formaram o estabelecimento d'este nome de que tantas vezes temos fallado.

O governador da Guiné portugueza officiou immediatamente ao governador francez de Gorée, queixando-se d'aquelle procedimento, e declarando mui positivamente que jamais reconheceria aquelle estabelecimento estrangeiro, que fôra feito pela força. Dirigiu-se igualmente ao governador inglez de Gambia, pedindo-lhe, confiado no tratado de 1661, um navio de guerra para ir ao Casamansa fazer valer os direitos de Portugal.

[1] Pede a verdade que se diga, que se perdemos aquelle ponto, isto é, que se ali se estabeleceram contra os tratados os estrangeiros, não foi por falta de aviso em tempo, porque o honrado e patriotico governador Honorio Pereira Barreto tomou todas as medidas que estavam ao seu alcance para o evitar, já como particular comprando um ilhéu chamado de Gonú, onde pensou que os francezes queriam fundar a feitoria, já como auctoridade (provedor de Cacheu, que então era) prevenindo desde 1836 o governador geral das intenções dos estrangeiros.

O governador do Senegal respondeu ao officio dirigido ao de Gorée, dizendo que a feitoria do Sello fôra ali collocada por ordem do governo francez, baseando-se nos tratados celebrados entre Portugal, França e Inglaterra (de que só elle tinha noticia)!!

O governador de Gambia respondeu que sem ordem expressa do governo inglez nada podia fazer.

O commendador Honorio Pereira Barreto communicou tudo ao governador geral, e este ao governo da metropole.

Vendo uma casa ingleza que os francezes conservavam a sua feitoria, estabeleceu outra, e eis como os inglezes ali se acham tambem juntamente com os francezes, guerreando o nosso commercio e atacando os nossos direitos.

Quem desejar saber melhor d'estes assumptos leia no *Diario do Governo* de 4 de agosto de 1840 os discursos que a respeito do benemerito Honorio Pereira Barreto fizeram na camara dos senadores meu pae, o general conde do Bomfim, e o illustre Rodrigo da Fonseca Magalhães!

O nosso commercio ainda poderia reanimar-se se ao menos tornassemos a poder formar estabelecimento como antigamente em Boager, porque por ali se communicaria para o interior a grande distancia, por exemplo, até á aldeia dos Herejes, no rio Bittan, que desagua no rio de Gambia a 3 milhas acima do *Forte-James,* dependencia já do governador inglez de Gambia.

A aldeia dos Herejes (ou de Jereja, como lhe chamam os inglezes) no rio dos Herejes (ou de Bittan) chamado pelos inglezes de Vintan, é composta de portuguezes descendentes dos primeiros que se estabeleceram no Gambia, e que se prezam do nome que lhe dão os proprios inglezes de *portuguezes-africanos.*

Não ha que admirar do procedimento dos francezes em Sello, porque já em 1828, sem attenção aos nossos direitos, aos tratados e ao nosso exclusivo no Casamansa, haviam tomado posse do ilhéu dos Mosquitos ou de *Ito,* na ponta N. da barra, e ali formaram um estabelecimento que não correspondeu muito, ao que parece, ás suas vistas.

Foi por motivo de já constar nas ilhas de Cabo Verde em 1827 que os francezes pretendiam occupar a entrada do Casamansa, que o conselheiro Manuel Antonio Martins, então administrador geral da urzella, informou d'isto o governo da metropole. Infelizmente, em consequencia das vicissitudes politicas, só em 1830 se tomaram algumas providencias ordenando-se que se fortificasse o ilhéu dos Mosquitos. Era já tarde. Tremolava ali a bandeira franceza a esse tempo!

Communicando esta triste noticia para Lisboa, o sr. Martins participou juntamente que lhe constava mais que aventureiros estrangeiros tratavam de içar bandeira estranha no ponto de Bolor, o que se se verificasse equivalia a perderem os portuguezes ambas as entradas do Casamansa e de S. Domingos.

Consequentemente mandou-se então fundar o presidio portuguez de Bolor, na barra do rio de S. Domingos, em 12° 10′ latitude N., e 7° longitude O. de Lisboa, na ponta do Baluarte, em terreno dos felupes.

O sr. Lopes de Lima, fundador d'este presidio, não foi feliz no local escolhido, embora se conseguisse o fim desejado, que era occuparmos de facto aquellas paragens já nossas de direito.

Com effeito, de um estabelecimento que custou alguns contos de réis inutilmente, hoje quando as embarcações se approximam e as aguas estão transparentes, vêem-se em tão poucos annos *os restos do presidio*, que constam de algumas estacas e fachinas dispersas. Em terra tambem não se encontram já vestigios alguns!

Era facil de prever este resultado, diz o mui competente engenheiro o sr. Januario Correia de Almeida, que visitou este paiz, quando se não fizessem importantes obras de defeza contra as aguas, por ser a edificação emprehendida em um terreno alagadiço e sujeito a grandes inundações que successivamente conquistam nas margens terreno para o leito do rio.

É tão pequena a altura da agua junto ás margens, que mesmo a grande distancia da praia em encalhando o escaler tem

de se continuar a derrota para a aldeia de Bolor ás costas dos marinheiros, caminhando por um fundo lodoso, em que um banho desagradavel é certo ao menor desequilibrio!

Esta aldeia é mui populosa, e mui trataveis e amigos dos portuguezes os felupes seus habitantes, que já fallam muito o creoulo das ilhas de Cabo Verde, misturando de tempo a tempo exclamações em bom portuguez, taes como: «Ai Jesus! Maria Santissima!» e outras mais, tal é o seu continuo trato comnosco.

É bastante doentia a aldeia de Bolor, porque está assente em terrenos alagadiços mui pouco arborisados, onde de mais a mais cultivam nos pantanos muito arroz que exportam.

As casas são de figura elliptica, de 8 a 10 metros no eixo maior, contendo pateo, cozinha, celleiros e casa de armas, e são muito mais regulares do que as das aldeias proximas de Bissau e de Cacheu.

Tambem os moradores são dos mais civilisados dos negros do paiz, mesmo pelo seu muito trato com os brancos, que (os que negoceiam) ali costumam ter entre aquella gente um commissario seu a que chamam *camarada*, com o qual negoceiam de preferencia, ou a quem fazem medianeiro nas suas transacções.

São bons estes *camaradas*, porque evitam aos inexperientes de fazerem cousas que se tornassem desagradaveis aos naturaes, por lhes atacar a sua religião ou os seus costumes, como caçar qualquer passaro sagrado, etc.

Mas faz pena que com tantas relações com a gente de Bolor, como ha de Cacheu e de Bissau, ainda se conservem por terra na praça da aldeia duas peças de ferro que pertenceram á bateria do *recente e destruido* presidio de Bolor.

Parece que ao menos aquelles negros as têem em mais estima do que nós, dando salvas nos seus dias fes[illegible]

Sendo tão importante para Portugal a po[illegible] do Bolor, e as boas relações com os habi[illegible] cavermo-nos contra as repetida[illegible] devemos ao commendador H[illegible]

viço, como foi o da convenção que celebrou em 18 de fevereiro de 1853 com os regulos de Bolor Jougam e Antonio Vermelho, mediante a qual os mesmos regulos cederam á corôa portugueza o territorio Eguel, na conformidade das condições seguintes:

1.° Os regulos de Bolor por si e por seus successores cedem á nação portugueza o terreno denominado «Eguel», passando todo o seu direito e dominio á mesma nação, reservando só para si o direito de poderem fazer sacrificio n'um idolo (china) que ali existe.

2.° Os regulos se obrigam a não ceder, vender ou trocar parte alguma do seu territorio com outra qualquer nação que não seja a portugueza, devendo-se olhar como nullos e irritos todos os contratos feitos contra o sentido d'este artigo. Esta declaração é feita para evitar alguma interpretação que se possa dar a qualquer contrato que possa ser arrancado pela força estrangeira.

3.° Para evitar qualquer abuso os regulos de Bolor se obrigam a impedir que sejam enviados para o interior, quer por terra, quer por mar, fazendas e individuos que não sejam de Cacheu, ou a quem o governo de Cacheu não der licença expressa.

4.° Não será tolerada a navegação estrangeira no estreito que communica com o Casamansa, o que só é permittido ás embarcações de Cacheu ou que vierem com passe do governo de Cacheu.

5.° O litoral de Bolor é considerado portuguez para todos os effeitos, porém o governo não poderá pôr embaraço ou onus algum sobre a navegação e commercio dos habitantes de Bolor e dos povos gentios com quem o mesmo Bolor tem relações commerciaes, salvo porém o caso de effectuarem desembarque de contrabando estrangeiro.

6.° Os regulos de Bolor se obrigam a defender o terreno portuguez de qualquer ataque que lhe for feito, assim como o governo se obriga a soccorrer a aldeia de Bolor quando for atacada.

7.° O governador, em nome do governo, se obriga a pagar

annualmente a pensão seguinte: seis frascos de polvora, seis barras de ferro e cinco galões de aguardente, que ha de ser dividida por ambos os regulos.

8.° Os regulos de Bolor se obrigam a prestar todo o soccorro que for requisitado pelos navios que encalharem na barra, dando canoa e gente para levar aviso a Cacheu, e tudo o mais que for necessario.

9.° O governador se obriga a pagar duas barras de ferro á canoa que levar a Cacheu a noticia de alguns naufragios, e a dar alguma gratificação ao regulo ou regulos que de boa vontade se prestarem aos soccorros exigidos, pagando tambem á gente que sob qualquer titulo fizer algum serviço para salvar o navio ou gente.

E os artigos addicionaes do teor seguinte:

1.° Fica subsistindo a obrigação do governo dar um fardamento completo de panno escarlate a cada regulo de Bolor na occasião de serem acclamados.

2.° Com a pensão estabelecida no artigo 7.° da convenção acima, fica nulla e irrita a pensão que até agora se pagava pela cessão do terreno do Baluarte.

Os felupes são de côr bem preta, ageis, robustos e bem apessoados; as suas physionomias são interessantes e as suas feições mais se assimilham ás dos europeus do que ás dos negros de nariz chato e beiços grossos que vivem ao S. do equador: são, como já dissemos, affaveis, alegres, sinceros e amigos dos brancos, a quem agasalham em suas casas com muita hospitalidade e até com submissão; mas é preciso trata-los bem e com verdade, porque de contrario, como são naturalmente desconfiados, se os offendessem tornar-se-iam iracundos, bravos e maus de aplacar. São tambem mui falladores, curiosos, amigos de imitar tudo quanto vêem fazer aos brancos, teimosos e até importunos em pedir, aindaque com pouco se satisfazem, nem se zangam ou tomam odio em caso de recusa; e finalmente são laboriosos e incansaveis na cultura dos seus grandes arrozaes, ajudando-se os vizinhos simultaneamente uns aos outros nos trabalhos agricolas.

Os *mancebos*, solteiros (e elles todos casam cedo) andam ordinariamente nús, cobrindo as partes viris com avental de panno guarnecido de botões amarellos que o enfeitam e impedem que fluctue, preso á roda da cintura com fios de contas; de outras contas e coraes, alamares e pedaços de cobre adornam o pescoço, e guarnecem os braços e pernas com manilhas de cobre e latão (caldeado e toscamente lavrado pelos seus proprios *ferreiros*, nome que elles dão a estes taes artifices). Para enfeitar a cabeça os mais pobres recortam a miudo a carapinha em lavores differentes, e a adornam com quantas peças de latão podem obter, e os mais ricos, deixando crescer o cabello, n'elle enlaçam com fio de véla cauris furados, formando um capacete solido pegado ao casco; alguns d'estes mais ricos e mais civilisados já começam tambem a usar dos calções dos mandingas.

Os homens casados só usam do cabello cortado em figuras, e sobre elle um chapéu (dos denominados de *Braga)*, ou barrete encarnado, trajam pannos azues grossos feitos no sertão dos mandingas, que envolvem á roda da cinta e lhes cáem até ao joelho, cobrindo os hombros e o peito com outros pannos brancos do mesmo tecido; usam de um só fio de contas no pescoço, uma manilha delgada em cada braço e um annel de cobre no dedo. Aquelles a quem o commercio dos brancos enriquece têem como vestido de gala, a que chamam *ronco*, longas vestiduras de chita ou zuarte guarnecidas com baeta escarlate, e chapéus debruados de escarlate.

As mulheres andam completamente nuas até á idade de sete ou oito annos, só adornadas de fios de contas que prendem nas verilhas, depois cobrem as partes sexuaes com um avental até que cheguem a *amarrar panno*, o que em toda esta costa significa *casar*. As casadas enrolam o corpo da cintura para baixo em pannos pretos finos de Cabo Verde, debruados de baeta fina ou panno escarlate e salpicados de retalhos da mesma ou de cauris cosidos em fórma de estrellas, e cobrem o seio em sendo mães com outro panno preto liso. A riqueza dos maridos distingue-se pela porção de contas que lhes adornam

o seio e pelas muitas manilhas que lhes sobrecarregam os braços, a ponto de lh'os chegar a ferir a fricção do metal no exercicio de pilar o arroz, sua principal occupação; usam tambem furar toda a cartilagem de roda da orelha, e craveja-la com contas espetadas em pinosinhos de latão.

Homens e mulheres em estando para casar vão a casa do *ferreiro* para lhes aguçar os dentes com uma talhadeira fina, porque não usam da lima, e elle faz essa operação com desembaraço e perfeição!

Comquanto entre todo o gentio da Senegambia esteja em uso a polygamia, e mudem de mulheres quantas vezes lhes apraz, todavia entre os felupes os mancebos devem pela primeira vez tomar em casamento uma donzella *(bajuda)*. Fixada a sua escolha pede a moça a seus paes, e obtido o consentimento envia á noiva um annel de cobre, e então dá parte a seus proprios paes, parentes e amigos que vae *levantar casa*, ao que todos o ajudam trabalhando de bom grado em commum na construcção da casa que elle ha de habitar, para cujo material o pae fornece os meios; feita a casa o novo proprietario envia um presente de porcos mortos e chacinados, segundo as suas posses, ao futuro sogro, o qual convoca logo os parentes, dá-lhes parte do casamento de sua filha e por elles reparte o mimo recebido.

No dia do consorcio o noivo offerece a cada uma das *chinas* do logar um pote de vinho de palma para libações, e tendo passado o dia a folgar com os parentes ao som do ruidoso *batuque*, á noite vae com elles buscar a noiva, e todos juntos caminham para o magico covil do *Jambacoz*, a quem offertam uma gallinha para que elle se digne tirar e guardar para si uma manilha delgada de ferro que tanto o noivo como a noiva devem trazer no pulso direito. Tirada esta está concluida a ceremonia, e o marido leva para a sua nova casa a esposa, que no dia seguinte póde repudiar, se quizer, e tomar outra que alguem tenha rejeitado. A noiva leva em dote um panno preto fino guarnecido a seu uso, e os enfeites de contas e manilhas que os paes d'ella lhe dão, segundo as suas possibilida-

des; e na occasião da primeira gravidez lhe dão tambem um panno preto para cobrir o seio. O mancebo recebe de seu pae o quinhão de terras e gado que lhe cabe da herança paterna.

Um *chôro* ou funeral, como lá lhe chamam, é o acto mais solemne em uma povoação d'estes gentios; logoque algum morre é uso dar-se na aldeia uma descarga funebre de tiros de espingarda, e immediatamente se lhe arma defronte da porta uma especie de eça feita de paus cruzados em altura rasoavel, sobre a qual se deposita o cadaver envolto em suas melhores alfaias, pela maior parte pannos de agulha das ilhas de Cabo Verde, que compram durante a vida sempre que podem, postoque nunca os trajem, para ter bastantes em que os embrulhem depois de mortos.

Se o defunto estava ainda na flor da idade, todo o povo da aldeia se cobre de lama, e repetem-se a miudo pela noite os tiros de espingardaria; se é mulher ou velho, ninguem se anoja, excepto os parentes proximos; no fim de vinte e quatro horas abre-se a cova no logar aonde o finado a tiver destinado em sua vida, até dentro da propria casa se o exigisse assim; mas não em terras de lavoura, o que as suas tradições lhes prohibem: estas sepulturas são abertas de um modo particular, começam por cavar um poço redondo de 10 pés de profundidade, e alguns 15 de diametro, em uma das paredes d'este rompem uma pequena mina em que o corpo possa caber em pé, forram-a de tábuas de sibe, conduz-se ali o cadaver em umas andas, e depois de descido ao poço com muita honra (dando-se a ultima descarga funebre) e entaipado no tal nicho, cuja entrada se fecha tambem com tábuas, atulha-se o poço com terra bem batida, e passa-se d'ahi a um banquete geral de carne assada em fogueiras (para o que se mata um touro), e vinho de palma, acabando quasi sempre as exequias com uma luta gymnastica entre os mancebos.

No acto do enterro, quando o corpo é levado em andas para a cova, sáe-lhe ao caminho um parente a perguntar em voz alta «*se alguem lhe deu feitiços ou lhe fez algum maleficio?*» Se na occasião da pergunta as andas recuam, a resposta é ne-

gativa, mas se correm á frente é affirmativa, e denunciam aquelle em quem tocam, o qual fica havido por feiticeiro. Estes mesmos costumes se usam tambem entre os cassangas e banhuns, mas n'estes povos é o *jambacoz* quem faz a pergunta.

Os bens do defunto repartem-se entre os filhos varões, e não os havendo passam aos sobrinhos varões filhos de irmã, excluindo sempre as mulheres, que nada podem herdar porque a sua lei as reputa inhabeis para possuir: os cargos hereditarios passam sempre ao sobrinho mais velho filho de irmã.

O signal de luto nos parentes é amarrar por certo tempo nos braços, nas pernas e no pescoço, em vez de manilhas ou contas, meadas de fio de véla ou linha crua; e por muitos dias na casa do fallecido as mulheres fazem chôro diario, algum tanto similhante ao que se usa na ilha de S. Thiago (na ribeira de S. Domingos e mais sitios interiores d'aquella ilha de Cabo Verde).

Em cada aldeia ha um rei (que melhor se póde chamar juiz do povo), o qual com o concurso dos *grandes* (os velhos da aldeia) que servem de juizes, decide todas as causas civeis, crimes, policiaes, etc., em grandes audiencias ou reuniões de todo o povo masculino, ao que chamam *palavra*, como mais atrás referimos, e ali as partes pleiteiam livremente á sombra de uma grande arvore, sendo a sentença verbal e summaria.

O unico apanagio da realeza é um pequeno campo, e os modicos presentes dos estrangeiros que ali vão fazer resgate, o qual não póde effeituar-se antes que o rei venha abrir o mercado e pôr os preços.

Para a execução das sentenças da assembléa popular ha um certo numero de homens que se denominam *soldados do rei*, cujos cargos são hereditarios de tios a sobrinhos. A sua unica paga consiste no quinhão que lhes toca nas execuções de sequestro.

O rei com seus filhos cultiva as proprias terras como qualquer outro, e os seus soldados têem o dever de cultivar para elle o campo chamado *real*.

Tambem ha dois *mandadores do rei*, que têem o mister de convocar o povo para as grandes reuniões.

Na casa do rei ou na do jambacoz existe o *balafão*, que é um grande tympano de madeira ôca, com uma fenda a um lado de 5,5 centimetros de largo e 27,5 ou 33 de comprido, sobre o qual se bate com umas vaquetas de pau, e por meio d'este instrumento não só os *mandadores do rei* communicam as ordens d'este a todos os vizinhos, como tambem, durante a noite, se passam as noticias de aldeia em aldeia (porque são proximas e ouve-se longe), e se chama toda a terra com a rapidez de um telegrapho.

O rei é sempre estranho aos casos de guerra, que por dever do seu cargo desapprova; as *palavras de guerra* são pois feitas a occultas e presididas por aquelle que deve servir de general, a quem chamam o *valentão:* todos os mancebos são guerreiros por obrigação.

Aindaque os costumes dos felupes são quasi communs aos das nações vizinhas, as leis penaes d'aquelles fazem muita differença.

Com effeito os felupes nunca fizeram escravos, nunca traficaram nos seus similhantes, ao passo que outr'ora era este o trafico principal dos povos seus vizinhos: d'aqui provém uma grande differença na moralidade penal de uns e outros. Assim, emquanto os felupes impõem ao assassino e ao feiticeiro suspeito de maleficio a pena de *sequestro nos bens, demolição de casa e degredo perpetuo da patria,* e para o furto, o ferimento simples e o adulterio applicam a *multa e compensação,* os cassangas, os banhuns e quasi todas as nações d'esta costa castigam tudo com o captiveiro, que muitas vezes abrange a familia inteira, e até os reis; conloiados com os infames jambacozes, inventam crimes de feiticeiria contra aquelles a quem querem mal, ou consultando os mortos, conforme a pratica acima referida, ou armando traça com que os façam caír de uma palmeira (o que é sufficiente para ficarem *ipso facto* havidos por feiticeiros!) ou applicando-lhes o juramento da *agua vermelha,* tocada de peçonha, com cuja bebe-

ragem fazem morrer na prova aquelles que querem: de todos estes casos resulta sempre o captiveiro de toda a familia.

Com a extincção do trafico da escravatura tem caído em desuso, pouco a pouco, todos estes horrores, e em abono da verdade já são hoje muito menos frequentes.

De tempos a tempos fazem os felupes de Bolor sua festa de circumcisão, e julgâmos que a ultima que teve logar, depois de haver estado interrompido por vinte annos este uso, foi em 1858, havendo o sr. conselheiro Januario Correia de Almeida visitado n'essa occasião o acampamento preparado para a ceremonia, a qual descreveu com muita propriedade no seu já citado folheto sobre a Guiné.

N'aquelle acampamento, que é estabelecido a 1 milha proximamente da aldeia, em uma grande planicie cercada de algumas arvores de sibe, armam duas barracas, depositando em uma todos os objectos necessarios ao apparato da ceremonia, servindo a outra para se recolherem.

O campo é vedado ás mulheres, e para lhes indicar que se devem afastar tocam continuamente o balafão, andando alem d'isto alguns homens dando signal pela parte exterior, batendo entre si dois paus que produzem um som agudo.

Para maior realce da ceremonia é costume adornarem-se os mancebos que se circumcisam (geralmente de vinte a vinte e cinco annos de idade) com varios enfeites por elles fabricados, pondo uns capacetes ou carapuças grosseiras, tecidas de palha, enfeitadas com rosetas do mesmo tecido, forradas de feijão vermelho que fixam com resinas e gommas extrahidas das suas arvores!

Nada de mais guerreiro... pelo menos que metta medo! pois quem não fugirá de nojo vendo aquellas carinhas de azeviche com estes pontagudos e ridiculos capacetes!

Tambem n'esta occasião trajam aventaes do mesmo tecido e iguaes enfeites, adornando com todo o esmero uns pequenos bastões, que enchem de toda a qualidade de objectos vistosos que alcançam.

Como resistiriam a tanto brilhantismo as bellas de Guiné

se assim os vissem! O peior é deverem os seus queridos achar-se muito frios depois de passarem por uma ceremonia como a da circumcisão, operação sem a qual não podem casar, e que se faz da maneira a mais grosseira, morrendo alguns de hemorrhagias, inflammações e gangrenas.

É só depois de curados que voltam em triumpho com musica, etc., d'aquelle acampamento para a aldeia, sendo então que as mães sabem se podem abraçar seus filhos ou se succumbiram.

Por ultimo estes negros, como quasi todos os povos d'aquella costa, vivem sepultados em profunda ignorancia, o mesmo aspecto do céu nada lhes ensina, apenas distinguem para marcar o tempo as conjuncções de lua; não possuem meio algum de figurar tradicionalmente os seus pensamentos, nem de memorar as suas epochas: não nomeiam os mezes, e mesmo o dia primeiro de cada anno que festejam é amovivel á vontade dos *grandes*, comtantoque entre no novilunio de novembro. A sua semana é de seis dias, cinco dos quaes empregam no trabalho, e o sexto (que chamam *Fiei*), em beber, dormir e lutar ou dançar ao som do batuque!

Já que tantas vezes citámos n'este capitulo estabelecimentos inglezes dependentes do seu governo de Gambia, daremos aqui a seguinte resumidissima noticia a este respeito, para melhor intelligencia de quem não estiver ao facto.

Possuem os inglezes na costa da Senegambia Bathurst, uma das mais bellas povoações d'aquellas paragens, na ilha de Santa Maria de Gambia, perto da foz do Gambia, ilha esta que terá 6 kilometros de comprimento, e perto de 1:500 habitantes, dos quaes talvez não sejam brancos mais de 60. D'ali a cerca de 180 kilometros têem uma feitoria na aldeia de Pisania, e outra na aldeia de Iunkakondo, a 28 kilometros de Pisania, bem como a da aldeia de Bintan ou Vintan, na foz do rio dos Hereges ou de Bintan.

Pertence mais ao governo da Gambia ingleza Albrédo, que a França cedeu ha pouco á Inglaterra sob condição de que esta renunciaria a ter estabelecimento seu em Portendik, o

Forte James (James-Fort), George-Town na ilha de Mac-Carthy ou de Janjanbour, que é o posto mais avançado que possuem os inglezes no interior d'aquellas regiões, a 250 kilometros da foz do rio, e a 125 acima das magnificas cachoeiras de Baracounda.

Terminaremos emfim a descripção da Guiné portugueza (Senegambia) dizendo que uma das insignias do mordomo mór em Portugal (o bastão, a que chamâmos a *negrinha),* teve origem em commemoração da descoberta e conquista d'aquella região.

Com effeito, no reinado de el-rei D. Affonso V o *Africano,* pelos annos de 1442, vindo os primeiros negros trazidos de Guiné a Portugal, por Antonio Gonçalves, creado do sr. infante D. Henrique, duque de Vizeu, e pelos annos de 1448 os primeiros dentes de elephante da costa do S. de Cabo Verde, ordenou aquelle monarcha a Alvaro de Sousa, senhor de Miranda, seu mordomo mór, que a todos os actos publicos da côrte assistisse á direita do soberano com um bastão ou bengala de marfim, tendo por castão uma cabeça de negro como para indicar o novo dominio da corôa portugueza n'aquella parte do mundo.

FIM DO TOMO I

INDICE

CAPITULO III

CABO VERDE (ILHAS DE BARLAVENTO)

CAPITULO IV

CABO VERDE (ILHAS DE SOTAVENTO)

CAPITULO V

SENEGAL

CAPITULO VI

SENEGAMBIA (GUINÉ PORTUGUEZA)